



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

**OS CURSOS *NOVA ET VETERA*
COMO EXPERIÊNCIA
DE INCULTURAÇÃO MISSIONÁRIA
NA MISSÃO DO LUCULA ZENZE – CABINDA
(1970-1974)**

Uma abordagem histórico-teológica

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Doutor em Teologia,
especialidade em Teologia Prática

por

BARNABÉ LELO TUBI



CATÓLICA
FACULDADE DE TEOLOGIA

Outubro de 2022



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

**OS CURSOS *NOVA ET VETERA*
COMO EXPERIÊNCIA
DE INCULTURAÇÃO MISSIONÁRIA
NA MISSÃO DO LUCULA ZENZE – CABINDA
(1970-1974)**

Uma abordagem histórico-teológica

Volume I

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Doutor em Teologia,
especialidade em Teologia Prática

por

BARNABÉ LELO TUBI

Sob orientação de José Manuel da Silva Valente Nunes
e coorientação de Sérgio Filipe Ribeiro Pinto



CATÓLICA
FACULDADE DE TEOLOGIA

Outubro de 2022

DEDICATÓRIA

Aos nossos queridos pais Fernando Tubi (1917-1969) e Rosalina Cula (1920-1990), que nos mostraram o caminho da Igreja e o da Escola.

Ao nosso querido irmão Marcelino Luemba Tubi (1943-2020), que desde a morte do nosso pai, a 11 de março de 1969, se tornou no nosso segundo pai e sempre nos animou no campo da investigação.

A Sua Excelência Reverendíssima, D. Eduardo André Muaca (1924-2002) e aos padres Sérgio Gabriel Macaia (1925-1992), José Maria Augusto Faustino Builo (1928-2005), Gabriel Nionje Seda (1930-2009) e José Faustino Nzau Pitra (1932-2005), que nos ampararam no caminho da vocação sacerdotal, na República do Zaire (atual República Democrática do Congo), a nossa *Babilónia* no século XX (1976-1992), como seminarista refugiado.

Ao padre Gabriel Nionje Seda, especialmente, que não foi somente o nosso formador, mas também o nosso principal iniciador, no campo da pastoral e da investigação da cultura africana, cujo tema de investigação sempre nos apaixonou.

A todos dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Começamos por agradecer a Sua Excelência Reverendíssima, D. Belmiro Cuica Chissengueti, que sempre nos autorizou as deslocações de Cabinda para Lisboa, a fim de concluir a nossa formação académica.

Agradecemos pelos conselhos do Professor Doutor José Manuel Valente da Silva Nunes e do Professor Doutor Sérgio Filipe Ribeiro Pinto, ambos autênticos *Simão de Cirene*, ajudaram-nos a vencer as dificuldades e os obstáculos, que todo o trabalho de investigação intelectual exige. Agradecemos de coração sincero toda a paciência que tiveram connosco, para levar até fim este trabalho.

Ao padre João Mónico, missionário espiritano português, bibliotecário da Comunidade dos Padres da Congregação do Espírito Santo, em Lisboa, não encontramos melhores palavras para exprimir a nossa elevada gratidão. Não somente nos dispunha com toda a prontidão os livros que pedíamos, mas até nos permitia entrar na biblioteca para procurar este ou aquele livro autorizando, que ficasse com os livros no nosso escritório todo o tempo necessário.

Muitos colegas no sacerdócio ajudaram-nos com as suas informações, os seus conselhos e suas sugestões. Agradecendo a todos e a cada um em particular pedimos o obséquio de mencionar os padres José Bassanza Fuiti Pêngado e Manuel da Silva. Ambos foram nossos anjos que souberam dar-nos força e coragem. A todos deixamos a nossa melhor expressão de agradecimento.

A todos e a todas, nomeadamente, ao Doutor Alexandre Palma, à Doutora Ana Maria Jorge, Maria Rosa Borges Pinho e Maria Fernandes da Luz, e, por fim, à Paulinas Editora, na pessoa da sua Diretora, Irmã Eliete, pela preciosa ajuda na diagramação dos conteúdos e aplicação dos exigíveis critérios editoriais à redação.

Queiram todos encontrar a expressão da nossa profunda gratidão.

ÍNDICE

DEDICATÓRIA	3
AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	33
<i>ABSTRACT</i>	35
SIGLAS E ABREVIATURAS	37
INTRODUÇÃO GERAL	39
1. Uma página da história de Cabinda	39
1.1. Cabinda – Antigo Congo Português	39
1.2. Cabinda – Província de Angola	40
1.3. Cabinda – Capital Cabinda	40
1.4. Significado do nome Cabinda.....	40
1.5. Cabinda – Capital <i>Tchiowa</i> (Sugestão).....	41
1.6. Missão Católica de Cabinda (atual Paróquia Imaculada Conceição)	41
1.7. Criação da Diocese de Cabinda	42
1.8. Particularidade geográfica e histórica de Cabinda	42
2. O percurso desta dissertação	43
2.1. Da oralidade à escrita na África.....	43
2.2. O património dos Cursos <i>Nova et Vetera</i>	44
2.3. Fontes orais e manuscritas dos Cursos <i>Nova et Vetera</i>	46
2.4. Fontes da Bíblia e do Magistério da Igreja.....	46
2.5. Divisão do trabalho.....	46

PRIMEIRA PARTE

A EVANGELIZAÇÃO DA MISSÃO DO LUCULA ZENZE PELOS PADRES ESPIRITANOS (1893-1970)

INTRODUÇÃO À PRIMEIRA PARTE	50
Capítulo 1 – Fundação da Missão do Lucula Zenze (18-6-1893)	51
Introdução	51
1.1. Primeira Evangelização de Cabinda (1766-1873).....	51

1.2. Missões Masculinas fundadas antes da Missão do Lucula Zenze (1873-1893) ..	52
1.2.1. <i>Missão de Lândana (1873)</i>	52
1.2.2. <i>Seminário de Lândana (1879)</i>	54
1.2.3. <i>Missão de Luali (fundada em 1890 e encerrada em 1922)</i>	55
1.2.4. <i>Missão de Cabinda (1891, atual Paróquia Imaculada Conceição)</i>	56
1.3. Missões Femininas, fundadas antes da Missão do Lucula Zenze (1883-1893) ..	57
1.3.1. <i>Missão de São José de Cluny de Lândana (1883)</i>	58
1.3.2. <i>Missão de São José de Cluny de Luali (1892)</i>	58
1.3.3. <i>Missão de São José de Cluny de Cabinda (1893)</i>	59
1.4. Viagens de Exploração, antes da fundação da Missão do Lucula Zenze (1891-1893)	60
1.4.1. <i>Primeira Viagem de Exploração (27 julho 1891)</i>	60
1.4.2. <i>Segunda Viagem de Exploração (novembro 1891)</i>	60
1.4.3. <i>Terceira Viagem de Exploração (12 janeiro 1892)</i>	61
1.5. Crónica da Fundação da Missão do Lucula Zenze (18-6-1893)	61
1.6. Restauro do Calvário (1927)	63
1.7. Desmembramento da zona de Nekuto-Mayombe (1934)	64
1.8. Deslocalização das aldeias, em todo o território de Cabinda (1936)	65
1.9. Dos caminhos de fila indiana às estradas de terra batida (1936)	65
1.10. Quilometragem da Missão às aldeias da jurisdição (1936)	66
1.11. Zonas Pastorais (A-B-C)	66
1.11.1. <i>Zona Pastoral A – Aldeias situadas ao redor da Missão</i>	67
– Aldeia de São Paulo	67
– Aldeia de Santo Eugénio	67
– Aldeia de Fátima	67
– Aldeia de São João	67
– Aldeia de São José	67
– Aldeia de São Miguel	67
– Aldeia de Wângulo	67
– Aldeia de Chindende	67
– Aldeia de Santa Marta (fundada depois do segundo exílio na comemoração do primeiro centenário em 1993)	67
– Aldeia de Santa Catarina (fundada depois do segundo exílio na comemoração do primeiro centenário em 1993)	67
1.11.2. <i>Zona Pastoral B – Aldeias situadas na área do interior da Missão</i>	67

– Aldeia de Cunda	67
– Aldeia de Mabiala	67
– Aldeia de Bonde Pequeno	67
– Aldeia de Bonde Grande	67
– Aldeia de Thamba	67
– Aldeia de Ntoto Wola.....	67
– Aldeia de São Pedro Cote.....	67
– Aldeia de São Paulo Zenga	67
– Aldeia de Chinsua	67
– Aldeia de Chinsua Pequena (Mbata Bwala).....	67
– Aldeia de Macanga Pequena	67
– Aldeia de Macanga Grande.....	67
– Aldeia de São José Limano	67
– Aldeia de Daniel (Centro Comercial).....	67
1.11.3. <i>Zona Pastoral C – Aldeias situadas ao longo da Estrada Principal</i> ..	68
– Aldeia de Chiobo	68
– Aldeia de Chibula Ngunga	68
– Aldeia de Cácata (Biketchi)	68
– Aldeia de Cácata (Luciecie)	68
– Aldeia de Sina Bumuno.....	68
– Aldeia de Makhama Nzila.....	68
– Aldeia de Ndungo Buba	68
– Aldeia de Njjeze	68
– Aldeia de Vúndulo	68
– Aldeia de Nyobo.....	68
– Aldeia do Tando Zinze (Fubo).....	68
– Aldeia de Chinguinguli	68
1.12. Capelas	68
1.12.1. <i>Capela de Cácata (1945)</i>	69
1.12.2. <i>Capela de Cácata (1946)</i>	69
1.12.3. <i>Capela de Chinsua (1956)</i>	69
1.13. Padroeiros	70
1.13.1. <i>Padroeiros das aldeias da Zona Pastoral A – Aldeias situadas ao redor da Missão</i>	70
– Padroeiro da aldeia de São Miguel	70

– Padroeiro da aldeia de São José	70
– Padroeiro da aldeia de São João	70
– Padroeira da aldeia de Fátima	70
– Padroeiro da aldeia de São Paulo	70
– Padroeiro da aldeia de Santo Eugénio.....	70
– Padroeira da aldeia de Santa Marta	70
– Padroeira da aldeia de Santa Catarina	70
– Padroeiro da aldeia de Wângulo.....	70
– Padroeira da aldeia de Chindende	70
1.13.2. <i>Padroeiros das aldeias da Zona Pastoral B – Aldeias na área do interior da Missão</i>	70
– Padroeira da aldeia de Cunda	70
– Padroeiro da aldeia de Mabiala	70
– Padroeira da aldeia de Chinsua	70
– Padroeiro da aldeia de Mbata Bwala.....	71
– Padroeiro da aldeia de Zenga	71
– Padroeiro da aldeia de Macanga Pequena	71
– Padroeira da aldeia de Macanga Grande	71
– Padroeiro da aldeia de Limano	71
– Padroeiro da aldeia Centro Daniel	71
1.13.3. <i>Padroeiros das aldeias da Zona Pastoral C – aldeias na área do interior da Missão</i>	71
– Padroeiro da aldeia de Chiobo	71
– Padroeiro da aldeia de Chibula Ngunga.....	71
– Padroeiro da aldeia de Cácata (Biketchi)	71
– Padroeira da aldeia de Cácata (Centro)	71
– Padroeiro da aldeia de Ndungo Buba.....	71
– Padroeira da aldeia de Sina Bumuno	71
– Padroeiro da aldeia de Mankhama Nzila.....	71
– Padroeira da aldeia de Njjeze	71
– Padroeiro da aldeia de Fubo	71
– Padroeira da aldeia de Vúndulo	71
– Padroeira da aldeia de Nyobo.....	71
– Padroeiro da aldeia de Tando Zinze.....	71
– Padroeiro da aldeia de Chinguinguili	71

1.13.4. <i>Padroeiros das aldeias mistas (Católicos e Protestantes)</i>	71
– Padroeiro da aldeia de São Pedro	71
– Padroeiro da aldeia de Ntoto Wola	71
– Padroeira da aldeia de Thamba	71
1.13.5. <i>Festas dos padroeiros nas aldeias</i>	71
1.14. Aldeias Protestantes	72
1.14.1. <i>Aldeia de Caio Congo</i>	72
1.14.2. <i>Aldeia de Bonde Pequeno</i>	72
1.14.3. <i>Aldeia de Bonde Grande</i>	72
1.15. Escolas	72
Conclusão	73
 Capítulo 2 – Padres Espiritanos Missionários na Missão do Lucula Zenze (18-6-1893)	75
Introdução	75
2.1. Padres da Congregação do Espírito Santo (1893-1970)	75
2.1.1. <i>P. Pedro Paulo Paulus (1860-1901) – francês</i>	75
2.1.2. <i>P. Eugénio Bisch (1869-1910) – francês</i>	75
2.1.3. <i>P. Leão Darnal (1862-1915) – francês</i>	76
2.1.4. <i>P. Henrique Aucopt (1868-1930) – francês</i>	76
2.1.5. <i>P. José Carrer (1870-1921) – francês</i>	76
2.1.6. <i>P. Aleixo Savary (1871-1939) – francês</i>	77
2.1.7. <i>P. José Kuentz (1880-1944) – alemão</i>	77
2.1.8. <i>P. João José Alves (1883-1926) – português</i>	77
2.1.9. <i>P. Henrique Gross (1884-1967) – francês</i>	77
2.1.10. <i>P. Lúcio Casimiro dos Anjos (1879) – português</i>	78
2.1.11. <i>P. Faustino Moreira dos Santos (1885-1955) – português</i>	78
2.1.12. <i>P. António Rodrigues Pintassilgo (1888-1959) – português</i>	78
2.1.13. <i>P. Filipe Grilo Misseno (1891-1915) – português</i>	78
2.1.14. <i>P. Arnaldo Nunes Baptista (1891-1954) – português</i>	79
2.1.15. <i>P. Juliano Noll (1895-1963) – francês</i>	79
2.1.16. <i>P. Alberto Philippi (1900-1975) – francês</i>	79
2.1.17. <i>P. Luciano José Júlio Scherring (1904-1971) – francês</i>	80
2.1.18. <i>P. Agostinho Esteves Pinheiro (1907-1966) – português</i>	80
2.1.19. <i>P. Adriano da Rocha (1907-1986) – português</i>	80
2.1.20. <i>P. Joaquim Martins (1915-2015) – português</i>	80

2.1.21. P. Bernardo Vieira Melo (1909-1960) – português	81
2.1.22. P. José Bernardo Troesch (1909-1973) – francês	81
2.1.23. P. Ildo Aníbal de Jesus e Silva (1924) – português	81
2.1.24. P. Manuel Marinho Lemos Couto (1938-1999) – português	82
2.2. Irmãos Auxiliares da Congregação do Espírito Santo (1893-1970).....	82
2.2.1. Ir. Straton Wieder (1866-1899) – francês	82
2.2.2. Ir. Martinho Wieder (1860-1897) – francês	82
2.2.3. Ir. Quinciano Collin (1865-1939) – francês	83
2.2.4. Ir. Cassius Huber (1868-1898) – francês	83
2.2.5. Ir. Manuel Gervásio Dantas (1869-1949) – português	83
2.2.6. Ir. Gregório Gomes Eusébio (1874-1930) – português	83
2.2.7. Ir. Ludwig-Albert Rottiger (1878-1946) – francês	84
2.2.8. Ir. António Pereira (1883-1949) – português	84
2.2.9. Ir. Inácio Tomás (1911-1992) – português.....	84
2.2.10. Ir. João Evangelista (1909-1974) – português	84
2.2.11. Ir. Victor da Paixão (1915-1999) – português	85
2.2.12. Ir. Acácio Moraes (1935) – português	85
2.3. Nacionalidade dos missionários espiritanos do Lucula Zenze	85
2.4. Missionários com dados biográficos incompletos.....	86
2.4.1. P. Leão Darnal (1862-1915)	86
2.4.2. P. Henrique Aucopt (1868-1930)	86
2.4.3. P. José Carrer (1870-1921)	86
2.4.4. P. Aleixo Savary (1871-1939).....	86
2.4.5. P. José Kuentz (1880-1944).....	87
2.4.6. P. Juliano Noll (1896-1963).....	87
2.4.7. P. Alberto Philippi (1900-1975).....	87
2.4.8. P. Luciano Scherring (1904-1971).....	87
Conclusão	87

Capítulo 3 – Metodologia missionária dos Padres Espiritanos, na Missão do Lucula

Zenze (1893-1970).....	88
Introdução	88
3.1. Libermann, o africano fundador dos Padres Espiritanos	88
3.2. Atividade pastoral, do século XIX ao século XX.....	91
3.3. Aldeias ao redor da Missão.....	92

3.4.	Construção da Igreja (1932)	93
3.5.	Residência Missionária (18-12-1938).....	94
3.6.	Escola e o Posto Sanitário (1947).....	94
3.7.	Visitas Pastorais dos Missionários (1893-1970)	95
3.7.1.	<i>Via Fluvial</i>	95
3.7.2.	<i>Khokho (ou Coco) – instrumento de comunicação entre os cabindenses .</i>	95
3.7.3.	<i>Visitas Pastorais: organizadas</i>	97
3.7.4.	<i>Visitas Pastorais: batalhas contra o paganismo</i>	99
3.7.5.	<i>Visitas Pastorais: batalhas contra o analfabetismo</i>	100
3.7.6.	<i>Conversões em massa</i>	101
3.8.	Visitas Pastorais do Prefeito Apostólico do Baixo Congo Português (1893-1940).	102
3.8.1.	<i>Visita do Prefeito Apostólico – 28 julho de 1893</i>	102
3.8.2.	<i>Visita do Prefeito Apostólico – 29 janeiro 1900</i>	102
3.8.3.	<i>Visita do Prefeito Apostólico – 7 fevereiro 1938</i>	102
3.8.4.	<i>Visita do Prefeito Apostólico – 19 setembro de 1938</i>	103
3.8.5.	<i>Visita do Prefeito Apostólico – 18 fevereiro de 1939</i>	103
3.8.6.	<i>Visita do Prefeito Apostólico – 15 julho de 1939</i>	103
3.8.7.	<i>Visita do Prefeito Apostólico – 7 setembro de 1939</i>	103
3.8.8.	<i>Visita do Prefeito Apostólico – 11 novembro de 1939</i>	103
3.8.9.	<i>Visita do Prefeito Apostólico – 24 dezembro de 1939</i>	103
3.8.10.	<i>Visita do Prefeito Apostólico – 22 maio de 1940</i>	104
3.8.11.	<i>Visita do Prefeito Apostólico – 9 setembro de 1940</i>	104
3.8.12.	<i>Visita do Prefeito Apostólico – 14 setembro 1940</i>	104
3.8.13.	<i>Visita do Prefeito Apostólico – 16 setembro 1940</i>	104
3.8.14.	<i>Visita do Prefeito Apostólico – 26 outubro de 1940</i>	104
3.9.	Visitas Pastorais dos Arcebispos de Luanda (1940-1970)	104
3.9.1.	<i>Anexação das Missões de Cabinda à Arquidiocese de Luanda (1940) ..</i>	104
3.9.2.	<i>Visitas Pastorais de D. Moysés Alves de Pinho (23-9-1944)</i>	105
3.9.3.	<i>Missão do Lucula Zenze à beira da fronteira</i>	105
3.9.4.	<i>Visitas Pastorais do Sr. Arcebispo ao Distrito de Cabinda (29-9-1965)</i>	106
3.9.5.	<i>Aldeias do Arciprestado de Cabinda</i>	106
3.10.	Cânticos das Boas-vindas ao Missionário	106
3.10.1.	<i>Senhor padre, anda depressa que a chuva está prestes a cair</i>	107
3.10.2.	<i>O Senhor padre chegou! Que alegria!</i>	107
3.10.3.	<i>O Senhor padre chegou atrás do embondeiro!</i>	107

3.10.4. <i>Toda aldeia encheu-se de alegria com a chegada do padre</i>	107
3.11. Cânticos das Boas-Vindas ao Arcebispo	107
3.11.1. <i>Seja Bem-Vindo, Senhor Arcebispo, às terras do Lucula</i>	108
3.11.2. <i>É chegada à nossa terra o prelado bem-amado</i>	108
3.11.3. <i>Ecce sacerdos magnus qui in diebus suis</i> (bis)... ..	108
3.12. Padroado Espiritual Português.....	109
Conclusão	110
Capítulo 4 – Seminário na Missão do Lucula Zenze (1936-1947)	111
Introdução	111
4.1. Formação do clero local.....	111
4.1.1. <i>Formação do clero local na Maximum illud (Bento XV) – 1919</i>	111
4.1.2. <i>Formação do clero local na Rerum Ecclesiae (Pio XI) – 1926</i>	111
4.2. Seminaristas de Lândana ordenados sacerdotes (1879-1936)	112
4.2.1. <i>P. Luís de Gourlet (1862-1895)</i>	113
4.2.2. <i>P. Lourenço Bunga (1875-1940)</i>	114
4.2.3. <i>P. Lourenço Mambuco (1886-1943)</i>	114
4.2.4. <i>P. João Maria Alexandre Taty (1877-1957)</i>	114
4.3. Formação no Seminário do Lucula Zenze (1936-1947)	115
4.3.1. <i>Reabertura das aulas (1938)</i>	115
4.3.2. <i>Seminário do Lucula Zenze (1939)</i>	115
4.3.3. <i>Na Missão Católica do Lucula foi festejado o 1.º de Dezembro (1943).</i>	116
4.4. Extratos do <i>Diário do Seminário do Lucula Zenze (1938-1946)</i>	118
4.4.1. <i>Regulamentos</i>	118
4.4.2. <i>Retiros dos seminaristas com sacramentos</i>	119
4.4.3. <i>Retiros dos seminaristas sem sacramentos</i>	120
4.4.4. <i>Exames escritos, Exames orais e Publicações das notas</i>	120
4.4.5. <i>Reuniões do Pessoal do Seminário</i>	121
4.5. Embrião de Seminário	122
4.6. Seminaristas do Lucula Zenze, ordenados sacerdotes (1936-1947).....	123
4.6.1. <i>D. Manuel Franklin da Costa (1921-2003)</i>	
– <i>Missão de Cabinda (I. Conceição)</i>	123
4.6.2. <i>D. Eduardo André Muaca (1924-2002)</i>	
– <i>Aldeia de São Miguel (Lucula Zenze)</i>	124

4.6.3. <i>D. José Próspero Puati (1927-2001)</i>	
– <i>Missão de Cabinda (I. Conceição)</i>	124
4.6.4. <i>D. Paulino Fernandes Madeca (1928-2008)</i>	
– <i>Missão de Cabinda (I. Conceição)</i>	124
4.6.5. <i>P. Lourenço Maria Pitra (1922-1960)</i>	
– <i>Missão de Cabinda (I. Conceição)</i>	124
4.6.6. <i>P. Sérgio Gabriel Macaia (1925-1992)</i>	
– <i>Aldeia de Chiobo (Lucula Zenze)</i>	125
4.6.7. <i>P. Gabriel Nionje-Seda (1930-2009)</i>	
– <i>Aldeia de Chindende (Lucula Zenze)</i>	125
4.6.8. <i>P. José Augusto Faustino Builo (1928-2005)</i>	
– <i>Missão de Lândana</i>	125
4.6.9. <i>P. José Faustino Nzau Pitra (1932-2005)</i>	
– <i>Missão de Cabinda (I. Conceição)</i>	125
4.6.10. <i>P. Angelino Gaspar Nanga (1932-2005)</i>	
– <i>Missão de Tomboco</i>	125
4.6.11. <i>P. Eduardo Augusto Kambwa (1934-2004)</i>	
– <i>Missão do Zaire</i>	126
4.7. <i>Obras do Seminário de Cabinda (1944)</i>	126
4.8. <i>Transferência do Seminário para a Vila da Cabinda (1947)</i>	126
4.9. <i>Diretor do Seminário de Cabinda (1947)</i>	127
Conclusão	127
Capítulo 5 – Cristãos da Missão do Lucula Zenze (1893-1970)	129
Introdução	129
5.1. <i>Frutos da Evangelização (1893-1970)</i>	129
5.1.1. <i>Antigos Seminaristas</i>	130
5.1.2. <i>Diplomados da Escola Teófilo Duarte de Cuima</i>	130
5.1.3. <i>Monitores Escolares</i>	130
5.1.4. <i>Alfaiates/Pedreiros/Carpinteiros/Mecânicos/Motoristas</i>	131
5.1.5. <i>Agentes Sanitários e Enfermeiros</i>	131
5.1.6. <i>Comerciantes</i>	132
5.1.7. <i>Catequistas</i>	132
5.1.8. <i>Monitores escolares</i>	134
Conclusão	135

Capítulo 6 – Dados estatísticos da Missão do Lucula Zenze (1893 -1970)	136
Introdução	136
6.1. Missionários (1893-1070).....	136
6.1.1. <i>Padres Espiritanos (1893-1970)</i>	136
6.1.2. <i>Irmãos Espiritanos Auxiliares (1893-1970)</i>	136
6.1.3. <i>Data de desembarque no afluente do Zenze</i>	136
6.1.4. <i>Data da Fundação</i>	136
6.1.5. <i>Situação Geográfica</i>	136
6.2. Superfície	136
6.2.1. <i>Superfície da Missão (1893-1934), desconhecida</i>	136
6.2.2. <i>Superfície da Missão (1934-1970), 750 km²</i>	136
6.3. População	137
6.3.1. <i>População da Missão, em 1893</i>	137
6.3.2. <i>População da Missão, em 1970</i>	137
6.4. Visitas Pastorais.....	137
6.4.1. <i>Visitas Pastorais dos Missionários do Lucula Zenze</i>	137
6.4.2. <i>Visitas Pastorais do Prefeito Apostólico à Missão</i>	137
6.4.3. <i>Visitas Pastorais dos Arcebispos do Luanda à Missão</i>	137
6.4.4. <i>Visitas dos Administradores do Tando Zinze</i>	137
6.5. Infraestruturas nas aldeias.....	137
6.5.1. <i>Capelas nas aldeias da Missão</i>	137
6.5.2. <i>Escolas nas aldeias da Missão</i>	137
6.6. Dados estatísticos da Missão do Lucula Zenze (abril 1897-agosto 1898).....	137
6.7. Dados estatísticos de Batismo e Casamentos (1907-1948)	137
6.8. Dados estatísticos da Missão do Lucula Zenze em 1932	138
6.9. Alunos matriculados no Seminário do Lucula Zenze (1936-1947)	139
6.10. Dados estatísticos da Missão do Lucula Zenze em 1955	139
6.11. Dados estatísticos da Missão do Lucula Zenze em 1962	139
6.12. Dados estatísticos da Missão do Lucula Zenze em 1966	139
6.13. Cristãos católicos da Missão do Lucula Zenze em 1970.....	140
6.14. Cristãos protestantes na jurisdição da Missão do Lucula Zenze em 1970	140
6.15. Sacerdotes de Cabinda da Missão de Lândana (1873-2020)	140
6.16. Sacerdotes de Cabinda da Missão de Cabinda (Im. Conceição) (1891-2020) .	141
6.17. Sacerdotes de Cabinda da Missão de Matembo/Belize (1922-2020)	141
6.18. Sacerdotes de Cabinda da Missão do Lucula Zenze (1893-2020).....	142

6.19. Irmãs de Cabinda da Missão do Lucula Zenze (1893-2020)	142
6.20. Bens Imóveis	142
6.20.1. <i>Igreja matriz</i>	142
6.20.2. <i>Residência missionária</i>	142
6.20.3. <i>Casa-refeitório dos missionários</i>	142
6.20.4. <i>Casa da cozinha dos missionários</i>	142
6.20.5. <i>Casa-armazém</i>	142
6.20.6. <i>Complexo escolar</i>	142
6.20.7. <i>Posto sanitário</i>	144
6.20.8. <i>Casa do Internato dos alunos</i>	144
6.20.9. <i>Casa do refeitório dos alunos</i>	144
6.20.10. <i>Curral do gado bovino</i>	144
6.20.11. <i>Curral do gado suíno</i>	144
6.20.12. <i>Curral do gado caprino</i>	144
6.20.13. <i>Galinheiro</i>	144
6.20.14. <i>Casa das arrumações de utensílios de trabalho</i>	144
6.20.15. <i>Garagem (pneus, peças de sobressalientes dos carros)</i>	144
6.21. Fazenda da Missão (Roça de Palmeiras)	144
6.21.1. <i>Palmeiras</i>	144
6.21.2. <i>Bananeiras</i>	144
6.21.3. <i>Abacateiros</i>	144
6.21.4. <i>Café (2 hectares)</i>	144
6.21.5. <i>Cacau (2 hectares)</i>	144
6.21.6. <i>Madeiras</i>	144
6.22. Bens Imóveis	145
6.22.1. <i>Paramentos</i>	145
6.22.2. <i>Paramentos para todas as solenidades, festas e dias ordinários</i>	145
6.22.3. <i>Castiçais, pálios, galhetas, cibórios, cálices, patenas, sanguíneos,</i> <i>alvas, cíngulos</i>	145
6.23. Sinos	145
6.23.1. <i>Sino grande</i>	145
6.23.2. <i>Duas sinetas</i>	145
6.23.3. <i>Sino médio</i>	145
6.23.4. <i>Khoko (ou Coco) – instrumento de comunicação entre os cabindenses</i>	145
6.24. Lecionários	145

6.24.1. <i>Lecionários dos Anos A,B,C</i>	145
6.24.2. <i>Lecionários para as Festas</i>	145
6.24.3. <i>Lecionários para os Anos Pares</i>	145
6.24.4. <i>Lecionários para os Anos Ímpares</i>	145
6.24.5. <i>Lecionários para as Festas dos Santos (Santoral)</i>	145
6.25. <i>Batinas</i>	145
6.25.1. <i>Batinas para os sacerdotes (pessoais)</i>	145
6.25.2. <i>Batinas para os acólitos (vários tamanhos 8)</i>	145
6.26. <i>Livros de registo</i>	146
6.27. <i>Armários</i>	146
6.27.1. <i>Armários para os paramentos</i>	146
6.27.2. <i>Armários para a roupa dos quartos</i>	146
6.27.3. <i>Armários para os talheres</i>	146
6.28. <i>Imagens</i>	146
6.28.1. <i>Imagem de Nossa Senhora das Vitórias (padroeira)</i>	146
6.28.2. <i>Imagem de São José</i>	146
6.28.3. <i>Imagem da Sagrada Família</i>	146
6.28.4. <i>Imagem do Menino Jesus de Praga</i>	146
6.29. <i>Produção</i>	146
6.29.1. <i>Máquina de extração de óleo de palma</i>	146
6.29.2. <i>Motobomba (para puxar água do poço)</i>	146
6.29.3. <i>Britadeira para coconote</i>	146
6.29.4. <i>Gerador (para iluminação à noite)</i>	146
6.30. <i>Talher</i>	147
6.30.1. <i>Fogão à petróleo</i>	147
6.30.2. <i>Geleira</i>	147
6.30.3. <i>Panelas</i>	147
6.30.4. <i>Pratos para a sopa</i>	147
6.30.5. <i>Pratos normais</i>	147
6.30.6. <i>Facas de cozinha</i>	147
6.30.7. <i>Facas de mesa</i>	147
6.30.8. <i>Pires</i>	147
6.30.9. <i>Copos para vinho e água</i>	147
6.30.10. <i>Toalhas de mesa</i>	147
6.30.11. <i>Uma mesa e oito cadeiras</i>	147

6.31. Quartos da Residência Missionária	147
6.31.1. <i>Quarto n.º 1 (cada quarto uma cama)</i>	147
6.31.2. <i>Quarto n.º 2 (cada quarto uma mesa de escritório e duas cadeiras)</i> ...	147
6.31.3. <i>Quarto n.º 3 (cada quarto uma mesa de cabeceira)</i>	147
6.31.4. <i>Quarto n.º 4 (cada quarto com duas cortinas (porta e janela)</i>	147
6.32. Roupa de cama da Residência Missionária	147
6.32.1. <i>Quarto n.º 1 (cada quarto um cobertor)</i>	147
6.32.2. <i>Quarto n.º 2 (cada quarto seis pares de lençóis)</i>	147
6.32.3. <i>Quarto n.º 3 (cada quarto duas almofadas)</i>	147
6.32.4. <i>Quarto n.º 4 (cada quarto com duas cortinas (porta e janela)</i>	147
6.33. Veículos	147
6.33.1. <i>Um Land Rover (Grande de duas portas)</i>	147
6.33.2. <i>Um Land Rover (Pequeno fechado, com três portas)</i>	147
Conclusão	148
Cronologia	148
CONCLUSÃO DA PRIMEIRA PARTE	151
1. Primeira Evangelização da Missão do Lucula Zenze (1893-1970)	151
2. Períodos da Primeira Evangelização	151
2.1. <i>1.º Período – Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português</i>	151
2.2. <i>2.º Período – Arciprestado de Cabinda na Arquidiocese de Luanda</i>	152
3. Factos Históricos da Missão do Lucula Zenze	152
3.1. <i>Lucula Zenze – Berço da Redação do Catecismo (1893-1910)</i>	153
3.2. <i>Lucula Zenze – Berço do Seminário (1936-1947)</i>	153
3.3. <i>Lucula Zenze – Berço dos Cursos Nova et Vetera (1970-1974)</i>	153
3.4. <i>Lucula Zenze – Comemoração do Centenário da Missão (1893-1993)</i>	153
3.5. <i>Lucula Zenze – Comemoração do Centenário do Fundador (1910-2010)</i>	154
3.6. <i>Lucula Zenze – Missão com maior número de sacerdotes na diocese (1893-</i> <i>-2020)</i>	154

SEGUNDA PARTE

A EVANGELIZAÇÃO DA MISSÃO DO LUCULA ZENZE PELOS PADRES DIOCESANOS, A PARTIR DOS CURSOS *NOVA ET VETERA* (1970-1974)

INTRODUÇÃO À SEGUNDA PARTE	156
<i>Capítulo 1 – Fundação dos Cursos Nova et Vetera (1-10-1970)</i>	159

Introdução	159
1.1. Dos Padres Espiritanos aos Padres Diocesanos (1970)	159
1.2. Atividade Pastoral dos Padres Diocesanos	161
1.3. Fundação dos Cursos <i>Nova et Vetera</i> (1-10-1970).....	161
1.4. Professores dos Cursos <i>Nova et Vetera</i>	163
1.4.1. <i>P. Angelino Gaspar Nanga (1932-2005) – Superior da Missão</i>	163
1.4.2. <i>P. Gabriel Nionje Seda (1930-2009) – Coadjutor</i>	164
1.4.3. <i>Francisco de Assis Peso Mbambi (1944-2020)</i> – <i>Seminarista/Estágio Pastoral</i>	164
1.4.4. <i>António Maria Ngimbi Nzati (1956-2001)</i> – <i>Seminarista/Estágio Pastoral</i>	164
1.4.5. <i>Xavier Fiti Butoto (1941) – Monitor Escolar</i>	164
1.4.6. <i>Mateus Mbumba Bazonga (1949) – Monitor Escolar</i>	165
1.4.7. <i>Pascoal Bacambana Mayimbi (1953-2001) – Monitor Escolar</i>	165
1.4.8. <i>João Baptista Mavinga (1935-2015) – Professor Diplomado do Cuima.</i>	165
1.4.9. <i>Manuel Nascimento Chiota (1934-2006) – Professor de Posto Eventual</i>	165
1.4.10. <i>Dinis Chimbuca (1941) – Monitor Escolar</i>	166
1.4.11. <i>Carlos Maria Peso (1927-2013) – Monitor Escolar</i>	166
1.4.12. <i>Eduardo Mato (1925) – Mestre Cozinheiro</i>	166
1.4.13. <i>Dona Suzana Bitebe (1933-1996) – Dona de Casa</i>	166
1.4.14. <i>Dona Catarina das Vitórias Matombe (1944-2003) – Dona de Casa</i> .	166
1.4.15. <i>Henrique Bitebe (1928-2004) – Pedreiro factotum</i>	167
1.5. Professores das Disciplinas Teóricas ou Nucleares (Secção A)	167
1.5.1. <i>P. Gabriel Nionje Seda – Secretário dos Cursos</i>	167
1.5.2. <i>Francisco de Assis Peso Mbambi – Seminarista em Estágio Pastoral</i> ...	167
1.5.3. <i>Mateus Mbumba Bazonga – Monitor Escolar</i>	167
1.6. Anotadores (Secretários <i>ad hoc</i>).....	167
1.6.1. <i>Xavier Fiti Butoto – Monitor Escolar (1.º Anotador)</i>	167
1.6.2. <i>António Maria Ngimbi Nzati – Seminarista Menor (2.º Anotador)</i>	167
1.6.3. <i>Pascoal Bacambana Mayimbi – Monitor Escolar (3.º Anotador)</i>	168
1.7. Professores das Disciplinas Práticas ou Secundárias (Secção B).....	168
1.7.1. <i>João Baptista Mavinga – Diplomado do Cuima</i>	168
1.7.2. <i>Carlos Maria Peso – Monitor Escolar, Enfermeiro, Catequista</i>	168
1.7.3. <i>Suzana Bitebe – Esposa de João Baptista Mavinga</i>	168
1.7.4. <i>Ana Maria de Oliveira – Aluna Estagiária do ISSPXII de Luanda</i>	168

1.7.5. <i>Alcina Maria Leitão – Aluna Estagiária do ISSPXII de Luanda</i>	168
1.7.6. <i>Eduardo Mato – Mestre Cozinheiro da Missão</i>	168
1.7.7. <i>Catarina Matombe – Esposa de António Assunção Muanda Bambi</i>	168
1.7.8. <i>Mestre Henrique Bitebe – Mestre Pedreiro e factotum</i>	168
1.7.9. <i>Manuel Maria Nascimento Chiota – Professor Eventual</i>	168
1.8. Membros do Instituto de Educação e Serviço Social Pio XII de Luanda.....	169
1.8.1. <i>Ir. Maria Suzana de Almeida (Conferências-Debate)</i>	169
1.8.2. <i>Ir. Maria Irene Deusdado (Conferências-Debate)</i>	169
1.8.3. <i>Ir. Maria Adelaide Montes (Conferências-Debate)</i>	169
1.9. Apelos nas missas para a frequência das raparigas nos Cursos <i>Nova et Vetera</i>	169
1.10. Acolhimento das raparigas no Conselho dos Cursos <i>Nova et Vetera</i>	169
1.11. Dormitório das raparigas nas aldeias vizinhas da Missão	170
1.12. Refeições das raparigas nas aldeias e na Missão	170
1.13. Propinas das participantes.....	171
1.14. Dois cursos por ano (setembro-dezembro e janeiro-março).....	171
1.14.1. <i>Curso de setembro a dezembro (3 meses)</i>	171
1.14.2. <i>Curso de janeiro a abril (3 meses)</i>	171
1.14.3. <i>Semana do Encerramento (no mês de junho)</i>	171
1.15. Participantes dos Cursos <i>Nova et Vetera</i> (Grupo Restrito – Raparigas)	171
1.15.1. <i>Alunas dos Cursos Nova et Vetera (1.º Grupo – Ano I) (1970-1971) ..</i>	171
1.15.2. <i>Alunas dos Cursos Nova et Vetera (2.º Grupo – Ano II) (1971-1972) ..</i>	171
1.15.3. <i>Alunas dos Cursos Nova et Vetera (3.º Grupo – Ano III) (1972-1973) ..</i>	172
1.16. Participantes dos Cursos <i>Nova et Vetera</i> (Grupo Alargado – Adultos)	173
1.17. Equipamento	173
1.18. Salas de aulas	174
1.18.1. <i>Aulas Teóricas</i>	174
1.18.2. <i>Aulas Práticas</i>	174
1.19. Horário das aulas	174
1.20. Aulas Registadas.....	175
1.21. Aulas de Fins de Semana.....	175
1.22. Orgânica dos Cursos <i>Nova et Vetera</i>	175
1.23. Secretariado	176
1.24. Princípio dos Cursos <i>Nova et Vetera</i>	176
Conclusão	177

Capítulo 2 – Disciplinas teóricas dos Cursos <i>Nova et Vetera</i>	178
Introdução	178
2.1. Método <i>Inongo-Nongo</i> (Alfabeto Fenício em símbolos africanos).....	178
2.1.1. <i>Método Inongo-Nongo (Método de Pequenos Provérbios)</i>	178
2.1.2. <i>Método Inongo-Nongo (Cada letra é símbolo de um som)</i>	179
2.2. Simbologia 1 (Alfabetização).....	190
2.3. Simbologia 2 (Algarismos).....	190
2.4. Simbologia 3 (Cultura)	193
2.5. Dinâmicas dos Cursos <i>Nova et Vetera</i>	194
2.6. Meditações sobre o Homem e os Valores	194
2.6.1. <i>O Homem da Situação 1 – O homem firme (O profeta)</i>	194
2.6.2. <i>O Homem da Situação 2 – O homem duplo (O traidor)</i>	195
2.6.3. <i>O Homem da Situação 3 – O homem volúvel (O catavento)</i>	195
2.7. Cantos de Meditação (Lugar da Música na Pedagogia)	196
2.8. Alfabetização dos adultos das aldeias ao redor da Missão	197
2.8.1. <i>Os adultos das aldeias ao redor da Missão</i>	197
2.8.2. <i>O remédio da saúde</i>	200
Conclusão	201
Capítulo 3 – Disciplinas práticas dos Cursos <i>Nova et Vetera</i>	202
Introdução	202
3.1. Culinária e Nutrição	202
3.2. Primeiros Socorros.....	204
3.3. Puericultura Teórica	205
3.4. Puericultura Prática	206
3.5. Serviço Doméstico, Higiene e Educação Sanitária.....	207
3.6. Corte, Costura e Bordados.....	208
3.7. Artes Aplicadas	209
3.8. Educação Física e Estética.....	209
Conclusão	210
Capítulo 4 – Semana do encerramento dos Cursos <i>Nova et Vetera</i>	211
Introdução	211
4.1. Estágio Prático das Alunas e Avaliação	211
4.2. Comissões das Festas do Encerramento dos Cursos.....	212
4.2.1. <i>Comissão de Liturgia e Música Sacra</i>	212

4.2.2. <i>Comissão de Saúde</i>	213
4.2.3. <i>Comissão de Protocolo e Estética</i>	213
4.2.4. <i>Comissão da Culinária</i>	214
4.3. Missa Solene do Encerramento dos Cursos.....	214
4.3.1. <i>Cânticos em Ibinda e o bater das palmas cadenciado</i>	214
4.3.2. <i>Tradução dos textos bíblicos dominicais e semanais em Ibinda</i>	215
4.3.3. <i>Celebração eucarística do Rito Romano com adaptações na cultura local..</i>	215
4.3.4. <i>Introdução dos instrumentos musicais africanos</i>	215
4.3.5. <i>Proclamação da Palavra antes das leituras (cânticos em Ibinda)</i>	215
4.3.6. <i>Oração dos fiéis/jovem/adulto/mãe/pai/catequista</i>	215
4.3.7. <i>Homilia segundo a oratória africana/ cântico e provérbio</i>	215
4.3.8. <i>Entrega dos Diplomas</i>	216
4.4. Almoço (Convívio).....	216
4.5. Lucula Zenze (Centro Turístico)	216
Conclusão	216
Capítulo 5 – Avaliação dos Cursos Nova et Vetera: Alfabetização ou Evangelização?!...	218
Introdução	218
5.1. Cursos <i>Nova et Vetera</i> , na visão do fundador (1970-1974).....	218
5.1.1. <i>Cursos de experiência sociocultural</i>	218
5.1.2. <i>Cursos de educação e de formação</i>	219
5.1.3. <i>Cursos de iniciação para descoberta dos valores</i>	219
5.1.4. <i>Cursos do espírito de atenção</i>	219
5.1.5. <i>Cursos de educação para mudança de hábitos</i>	219
5.1.6. <i>Cursos para despertar para a vida</i>	219
5.1.7. <i>Cursos de educação a partir do provérbio</i>	220
5.1.8. <i>Cursos de educação da rapariga para educar um povo</i>	220
5.1.9. <i>Cursos para educação do homem do crescimento</i>	220
5.1.10. <i>Cursos cujo objetivo é atingir o homem</i>	220
5.1.11. <i>Cursos de vivência dos valores</i>	221
5.1.12. <i>Cursos sem o tema de Deus</i>	221
5.1.13. <i>Cursos ao ar livre sem salas de aulas</i>	221
5.1.14. <i>Cursos de escola pluridimensional</i>	222
5.1.15. <i>Cursos de escola de família</i>	222
5.1.16. <i>Cursos de escola da liberdade</i>	222

5.1.17.	<i>Cursos de escola de amor</i>	223
5.1.18.	<i>Cursos de escola da cultura</i>	223
5.1.19.	<i>Cursos de escola de crescimento</i>	223
5.1.20.	<i>Cursos de escola da natureza</i>	224
5.1.21.	<i>Cursos da escola do povo</i>	224
5.1.22.	<i>Cursos do sonho de uma vida</i>	224
5.1.23.	<i>Cursos de experiência local</i>	225
5.2.	<i>Cursos Nova et Vetera, na visão da PIDE/DGS (1970-1974)</i>	225
5.2.1.	<i>Espionagem da PIDE, antes do 25 de Abril de 1974</i>	225
5.2.2.	<i>Espionagem dos agentes das Forças Armadas Portuguesas</i>	230
5.2.3.	<i>Espionagem nas celebrações do encerramento</i>	231
5.2.4.	<i>Confissão de um agente da PIDE, depois do 25 de Abril</i>	231
5.2.5.	<i>Confissão de um padre – Guia e Manual de Alfabetização em Ibinda ..</i>	232
5.3.	<i>Cursos Nova et Vetera, na visão dos missionários e visitantes (1970-1974) ...</i>	232
5.3.1.	<i>O esforço mais original de missionação</i>	233
5.3.2.	<i>O reconhecimento da pastoral dos padres da terra</i>	233
5.3.3.	<i>Uma revolução religiosa e cultural</i>	234
5.3.4.	<i>Cursos da promoção da paz</i>	234
5.3.5.	<i>Cursos da promoção do povo através da sua cultura</i>	235
5.3.6.	<i>Cursos de luta pela paz e pelo desenvolvimento</i>	235
5.4.	<i>Cursos Nova et Vetera, na visão dos cristãos do Lucula Zenze (1970-1974) .</i>	236
5.4.1.	<i>Cursos de formação de uma boa dona de casa</i>	236
5.4.2.	<i>Cursos de espírito de abertura e de atualização</i>	237
5.4.3.	<i>Cursos de revolução sociocultural</i>	237
5.4.4.	<i>Cursos de promoção social</i>	238
5.4.5.	<i>Cursos de ajuda mútua</i>	238
5.4.6.	<i>Cursos de formação de uma família digna</i>	239
5.4.7.	<i>Cursos de valorização de uma sociedade tradicional</i>	239
5.4.8.	<i>Cursos para rezar e cantar na sua língua e cultura</i>	239
5.4.9.	<i>Cursos do santuário do Lucula Zenze</i>	239
5.4.10.	<i>Cursos de valorização da música africana</i>	240
5.4.11.	<i>Cursos de revolução cultural, religiosa e social</i>	240
5.4.12.	<i>Cursos da luz dos conhecimentos</i>	240
5.4.13.	<i>Cursos do crescimento cultural do homem</i>	240
5.4.14.	<i>Cursos de promoção humana</i>	241

5.4.15. <i>Cursos da formação feminina integral</i>	241
5.4.16. <i>Cursos de apreciação dos valores tradicionais</i>	242
5.4.17. <i>Cursos de formação de famílias cristãs</i>	242
5.4.18. <i>Cursos do espírito de empreendedorismo</i>	242
5.4.19. <i>Cursos de cópias e fotocópias contra a África</i>	243
5.5. Balanço dos Cursos <i>Nova et Vetera</i> (1970-1974)	245
5.6. Diversas experiências educativas de alfabetização	245
5.6.1. <i>Tampas esculpidas com provérbios em Cabinda</i>	245
5.6.2. <i>Alfabetização em línguas nacionais, no Benim e Burkina Faso</i>	247
5.6.3. <i>Ilhas de Paz do Padre Dominique Pire, em França</i>	248
5.6.4. <i>Alfabetização dos Adultos, de Paulo Freire, no Brasil</i>	248
Conclusão	249
Capítulo 6 – Bodas de Prata dos Cursos <i>Nova et Vetera</i>	251
Introdução	251
6.1. Da colonização à descolonização em Angola (1975).....	251
6.2. Da guerra colonial (1961-1974) à guerra pós-colonial (1975-2002) em Angola.	252
6.3. Missão do Lucula Zenze, antes e depois da guerra colonial e pós-colonial	256
6.4. Comemoração do 23.º aniversário dos Cursos <i>Nova et Vetera</i> (1-10-1993)....	261
6.5. Comemoração das Bodas de Prata dos Cursos <i>Nova et Vetera</i> (10-8-1995)....	262
6.6. Encerramento do Jubileu dos Cursos <i>Nova et Vetera</i> (1-10-1995)	263
6.7. Cronologia dos Cursos <i>Nova et Vetera</i> (1970-1995).....	263
Conclusão	271
Capítulo 7 – Vida do Fundador dos Cursos <i>Nova et Vetera</i>	272
Introdução	272
7.1. Da Missão do Lucula Zenze até à Ordenação Sacerdotal em Luanda (1943-1962)	272
7.1.1. <i>Nascimento na aldeia de Chindende (17-3-1930)</i>	272
7.1.2. <i>Seminários do Lucula Zenze, Cabinda, Malanje e Luanda</i>	272
7.1.3. <i>Mestres na Formação Sacerdotal do Padre Gabriel</i>	273
7.1.4. <i>Literatura Universal Preferida pelo Padre Gabriel</i>	274
7.2. Da Ordenação Sacerdotal à Docência nos Seminários de Luanda (1962-1966)	274
7.2.1. <i>Ordenação Sacerdotal na Catedral de Luanda (1-7-1962)</i>	274
7.2.2. <i>Professor nos dois Seminários de Luanda (1962-1966)</i>	274
7.3. Da cidade de Luanda à cidade do Porto, em Portugal (1966-1970)	275
7.4. Da cidade do Porto à Missão do Lucula Zenze, em Cabinda (1970-1976)	275

7.4.1. <i>Coadjutor na Missão do Lucula Zenze (7-6-1970)</i>	275
7.4.2. <i>Fundador dos Cursos Nova et Vetera (1-10-1970)</i>	276
7.4.3. <i>Eclosão da guerra e recuo para a aldeia de Chinsua (8-11-1975)</i>	276
7.5. Da aldeia do Chinsua à prisão no Batalhão da cidade de Cabinda (1976)	277
7.6. Da prisão no Batalhão da cidade à fuga para a República do Zaire (19-3-1976)	277
7.7. Da República do Zaire ao regresso a Cabinda (1987)	278
7.7.1. <i>Reabertura da Missão do Lucula Zenze (13-1-1989)</i>	278
7.7.2. <i>Centenário da Missão do Lucula Zenze (1893-1993)</i>	279
7.7.3. <i>Morte do Padre Gabriel na cidade de Cabinda (23-7-2009)</i>	280
Conclusão	280
CONCLUSÃO DA SEGUNDA PARTE	282
1. Segunda Evangelização da Missão do Lucula Zenze (1970-1974)	282
2. Alfabetização e Evangelização nos Cursos <i>Nova et Vetera</i>	282
3. Metodologia dos Cursos <i>Nova et Vetera</i>	282
TERCEIRA PARTE	
OS CURSOS <i>NOVA ET VETERA</i> COMO EXPERIÊNCIA DA INCULTURAÇÃO DA IGREJA, NA PERSPETIVA DA RECEÇÃO DO VATICANO II, A PARTIR DA LITURGIA NA MISSÃO DO LUCULA ZENZE (1970-2020)	
INTRODUÇÃO À TERCEIRA PARTE.....	285
Capítulo 1 – A inculturação nas Teologias Africanas	287
Introdução	287
1.1. O Pentecostes no Novo Testamento	287
1.2. Os Primeiros Séculos do Cristianismo	288
1.3. Cirilo e Metódio (815-885): Apóstolos dos Povos Eslavos	293
1.3.1. <i>Introdução</i>	294
1.3.2. <i>Traços biográficos (séc. IX)</i>	294
1.3.3. <i>Arautos do Evangelho</i>	294
1.3.4. <i>Implantação da Igreja de Deus</i>	295
1.3.5. <i>Sentido católico da Igreja</i>	295
1.3.6. <i>O Evangelho e a Cultura</i>	296
1.3.7. <i>A irradiação do milénio cristão no mundo eslavo</i>	296
1.3.8. <i>Conclusão</i>	297

1.4.	A inculturação é a reinvenção do cristianismo africano	297
1.5.	A inculturação na unidade da diversidade e pluralidade de expressões culturais.	298
1.6.	O vocabulário teológico	299
1.6.1.	<i>Aggiornamento</i>	299
1.6.2.	<i>Enculturação</i>	299
1.6.3.	<i>Aculturação</i>	299
1.6.4.	<i>Cultura</i>	300
1.6.5.	<i>Adaptação</i>	300
1.6.6.	<i>Indigenização</i>	300
1.6.7.	<i>Inculturação</i>	301
1.7.	As Teologias Africanas	303
1.7.1.	<i>A Teologia da Salvação das Almas</i>	303
1.7.2.	<i>A Teologia da Implantação da Igreja</i>	305
1.7.3.	<i>A Teologia da Adaptação ou Pierre d'Attente</i>	305
1.8.	O Pluralismo Teológico em África.....	307
1.8.1.	<i>As Teologias culturalistas e teologias críticas</i>	307
1.8.2.	<i>A Teologia de Libertação e Teologia de Inculturação</i>	307
1.8.3.	<i>O Discurso Teológico Africano</i>	308
1.8.4.	<i>A Teologia da Reconstrução</i>	309
1.8.5.	<i>A Teologia de Libertação no contexto africano</i>	310
1.8.6.	<i>A inculturação é santificar através da cultura</i>	310
1.8.7.	<i>A inculturação no plano teológico e no plano pastoral</i>	311
1.8.8.	<i>A inculturação é cristianizar os costumes africanos</i>	311
1.8.9.	<i>A Teologia de Implantação e Teologia de Inculturação</i>	312
1.8.10.	<i>A Teologia de Indigenização e Teologia da Inculturação</i>	312
1.8.11.	<i>A inculturação é a prioridade das prioridades</i>	313
	Conclusão	316
	Capítulo 2 – O problema da inculturação da fé	317
	Introdução	317
2.1.	Inculturação da fé	317
2.2.	Cultura e o Evangelho	317
2.3.	Fundamentos Teológicos da Inculturação	321
2.3.1.	<i>Fundamento Cristológico</i>	321
2.3.2.	<i>Fundamento Eclesiológico</i>	322

2.3.3. <i>Inculturação e Liturgia</i>	323
Conclusão	324
Capítulo 3 – O pluralismo dos Ritos Litúrgicos	325
Introdução	325
3.1. Voz do Magistério da Igreja	325
3.2. Celebração da Eucaristia, na História da Igreja.....	326
3.2.1. <i>Da Ceia do Senhor à Eucaristia da Igreja</i>	326
3.2.2. <i>A esperança de Israel</i>	326
3.2.3. <i>A Eucaristia das igrejas judaico-cristãs</i>	326
3.2.4. <i>A Eucaristia das Igrejas do mundo greco-romano</i>	327
3.2.5. <i>A Eucaristia no tempo dos mártires</i>	327
3.2.6. <i>O manto branco das igrejas a seguir à paz</i>	327
3.2.7. <i>A Eucaristia no tempo dos Padres: a Missa</i>	327
3.2.8. <i>A Eucaristia no tempo das invasões dos bárbaros</i>	328
3.2.9. <i>A Eucaristia na época carolíngia</i>	328
3.2.10. <i>A Eucaristia na Idade Média</i>	328
3.2.11. <i>A Eucaristia no tempo da Reforma Católica</i>	328
3.2.12. <i>A Eucaristia durante a renovação litúrgica</i>	329
3.2.13. <i>A Eucaristia depois do Vaticano II</i>	329
3.3. Ritos Litúrgicos Ocidentais da Igreja Católica Latina.....	330
3.3.1. <i>Rito Ambrosiano</i>	330
3.3.2. <i>Rito Bracarense</i>	330
3.3.3. <i>Rito Galicano</i>	331
3.3.4. <i>Rito Romano</i>	331
3.3.5. <i>Rito Moçárabe</i>	331
3.3.6. <i>Rito Zaireense</i>	332
3.3.7. <i>Rito Dominicano</i>	333
3.4. Ritos Litúrgicos Orientais da Igreja Católica	333
3.4.1. <i>Rito Copta: Alexandrino</i>	333
3.4.2. <i>Rito Etíope</i>	334
3.4.3. <i>Rito Siríaco</i>	334
3.4.4. <i>Rito Siro-Occidental (Jacobita)</i>	334
3.4.5. <i>Rito Bizantino (Constantinopolitano)</i>	334
3.4.6. <i>Rito Siro-Malabar</i>	335

3.5. Aspetos litúrgicos	336
3.5.1. <i>Aspetos positivos eclesiais</i>	336
3.5.2. <i>Aspetos negativos eclesiais</i>	337
Conclusão	338
Capítulo 4 – Liturgia na Missão do Lucula Zenze, antes do Vaticano II (1893-1970)	340
Introdução	340
4.1. Celebração da Eucaristia em latim	340
4.2. Instrumento musical admitido «harmónio»	341
4.3. Cânticos religiosos (Latim, Português).....	341
4.3.1. <i>Missas (missas rezadas e missas cantadas)</i>	341
4.3.2. <i>Cânticos a vozes</i>	342
4.3.3. <i>Cânticos em latim</i>	342
4.4. Alguns cânticos religiosos em língua Ibinda, antes do Vaticano II.....	343
4.5. Festas religiosas e devoções, antes do Vaticano II	345
Conclusão	348
Capítulo 5 – Liturgia na Missão do Lucula Zenze, depois do Vaticano II (1970-1974).	349
Introdução	349
5.1. Tradução do Texto do Ordinário da Missa (<i>Msambu Misa</i>), em Ibinda	349
5.2. Liturgia na linha do Vaticano II	349
5.2.1. <i>Testemunho do missionário espiritano, francês (1971)</i>	350
5.2.2. <i>Testemunho dos missionários espiritanos, franceses e portugueses (1973)</i>	350
5.2.3. <i>Testemunho do Arcebispo de Luanda, português (1973)</i>	352
5.2.4. <i>Testemunho dos legionários da cidade de Cabinda (1974)</i>	352
5.2.5. <i>Testemunho do 1.º Delegado Apostólico de Angola, italiano (1975)</i>	352
5.3. Missionaço, antes e depois do Vaticano II	354
Conclusão	357
Capítulo 6 – A inculturaço da Liturgia como receço do Vaticano II, mediante os	
Cursos <i>Nova et Vetera</i>, na Missão do Lucula Zenze.....	358
Introdução	358
6.1. Balanço dos Cursos <i>Nova et Vetera</i> , na comemoraço do jubileu (1970-2020)	358
6.1.1. <i>Fase da fundaço e realizaço dos Cursos Nova et Vetera (1970-1975)</i>	359
6.1.2. <i>Fase da interrupço dos Cursos Nova et Vetera, devido à guerra (1975-</i>	
<i>-1981)</i>	359

6.1.3.	<i>Fase da influência litúrgica na Diocese de Boma, atual RDC (1975-1981)</i>	362
6.1.4.	<i>Fase da transição da sociedade uniétnica à pluriétnica(1975-1981).....</i>	363
6.1.5.	<i>Fase do regresso do exílio dos Refugiados Cabindenses (1981-1989) .</i>	363
6.1.6.	<i>Fase da publicação do Guia e Manual de Alfabetização (1996-2000)...</i>	364
6.1.7.	<i>Fase da formação dos alfabetizadores dos Cursos (1996-2000) ...</i>	364
6.1.8.	<i>Fase da morte dos membros dos Cursos Nova et Vetera (2000-2018) ..</i>	365
6.1.9.	<i>Fase do estudo aprofundado dos Cursos Nova et Vetera (2018-2020) ..</i>	365
6.6.10.	<i>Fase da resistência ao comunismo (1975-2020)</i>	365
6.2.	Receção do Vaticano II, na Missão do Lucula Zenze (1970-2020)	367
6.2.1.	<i>O significado de Concílio</i>	367
6.2.2.	<i>Documentos do Concílio</i>	368
6.2.3.	<i>Formação bíblica recomendada pelo Vaticano II</i>	369
6.2.4.	<i>Tradução da Palavra de Deus para a língua Ibinda</i>	371
6.3.	Compositores de cânticos religiosos na Missão do Lucula Zenze (1970-2020). ..	374
6.3.1.	<i>P. Gabriel Nionje Seda (1930-2009)</i>	375
6.3.2.	<i>Carlos Maria Peso (1927-2013)</i>	375
6.3.3.	<i>Bento Ndubo Sambo (1947-1988)</i>	376
6.3.4.	<i>P. José Luemba Chiânica (1955-2019)</i>	376
6.3.5.	<i>Faustino Kwalo (1955)</i>	376
6.3.6.	<i>Simão Chiendo Puati (1958)</i>	377
6.4.	Rumo à Inculturação da Igreja, na Missão do Lucula Zenze (1970-2020)	377
6.4.1.	<i>Integração dos valores culturais africanos no culto cristão</i>	377
6.4.2.	<i>Música, canto, dança africanos introduzidos no Rito Romano</i>	381
6.4.3.	<i>Intronização da Palavra de Deus.....</i>	381
6.4.4.	<i>Arte ao serviço de Deus</i>	382
6.4.5.	<i>Homília apoiada na cultura africana (local) e na cultura bíblica</i>	385
6.4.6.	<i>Inculturação: exageros e desvios</i>	390
6.4.7.	<i>Inculturação: caminho difícil, mas necessário</i>	393
6.4.8.	<i>Casos de inculturação na História da Igreja como o de Nova et Vetera .</i>	395
6.4.9.	<i>Inculturação e Libertação</i>	396
6.4.10.	<i>Inculturação e Formação dos leigos</i>	399
6.4.11.	<i>Inculturação e o Papel da mulher</i>	400
6.4.12.	<i>Inculturação, Religiões Tradicionais Africanas e Seitas Religiosas....</i>	402
6.5.	Contributo dos Cursos Nova et Vetera, para a inculturação da Igreja (1970-2020)	407
6.5.1.	<i>Promoção humana nos Cursos Nova et Vetera</i>	407

6.5.2. <i>Contributo dos Cursos Nova et Vetera para as novas gerações</i>	408
6.5.3. <i>Mudanças impulsionadas pelos Cursos Nova et Vetera</i>	412
6.5.4. <i>Desatualização dos Cursos Nova et Vetera</i>	414
6.5.5. <i>Cursos Nova et Vetera – Cursos da voz daqueles que não têm voz</i>	415
6.5.6. <i>Futuro e perspectivas dos Cursos Nova et Vetera</i>	417
6.6. Fundamentos teológicos duma Igreja local inculturada	422
6.6.1. <i>Uma Igreja local inculturada sob o impulso do Espírito Santo</i>	423
6.6.2. <i>Uma Igreja local inculturada em comunhão com Pedro</i>	424
6.6.3. <i>Uma Igreja local inculturada reconciliada e reconciliadora</i>	425
6.6.4. <i>Uma Igreja local inculturada, acolhedora e misericordiosa</i>	426
6.6.5. <i>Uma Igreja local inculturada e evangelizadora</i>	427
6.6.6. <i>Uma Igreja local inculturada na língua vernácula</i>	427
6.6.7. <i>Uma Igreja local inculturada, participada e participativa</i>	428
6.6.8. <i>Uma Igreja local inculturada despida do fanatismo</i>	428
6.6.9. <i>Uma Igreja local inculturada expurgada do folclore</i>	429
6.6.10. <i>Uma Igreja local inculturada comprometida na promoção humana</i> ...	431
6.6.11. <i>Uma Igreja local inculturada contra a duplicidade</i>	432
6.6.12. <i>Uma Igreja local inculturada contra o tribalismo</i>	434
6.6.13. <i>Uma Igreja local inculturada, autenticada na sua própria cultura</i>	436
Conclusão	438
CONCLUSÃO DA TERCEIRA PARTE	439
CONCLUSÃO GERAL	441
BIBLIOGRAFIA	447

RESUMO

Sua Santidade, o Papa Paulo VI, nomeou o então Cónego Eduardo André Muaca, recém-formado na Universidade Gregoriana de Roma, Bispo Auxiliar de Luanda, a 11 de março de 1970. Por ocasião da sua primeira visita pastoral à Missão do Lucula Zenze, a 7 de junho de 1970, os missionários da Congregação dos Padres do Espírito Santo acharam por bem entregar a Missão do Lucula Zenze à orientação dos padres diocesanos, na pessoa do padre Angelino Gaspar Nanga.

O padre Gabriel Nionje Seda, depois de quatro anos de tratamento nos Hospitais da cidade do Porto (Portugal), donde saiu diminuído físico nas mãos, precisando de ajuda de outrem para vestir, calçar e comer, foi nomeado Coadjutor do padre Angelino. A partir do pedido angustiante de uma jovem rapariga dos seus 20 anos de idade, marginalizada na onda da escolarização, para aprender a ler e a escrever, o padre Gabriel fundou os *Cursos de Iniciação Nova et Vetera*. Deste modo, temos duas missionações: a *primeira* dos padres espiritanos (1893-1970), *antes do Vaticano II*, e a *segunda* dos padres diocesanos (1970-1974), *depois do Vaticano II*.

Os padres espiritanos na primeira evangelização seguiram as orientações da Santa Sé através das encíclicas, nomeadamente, dos Sumos Pontífices Bento XV na *Maximum illud* (30-11-1919), Pio XI na *Rerum Ecclesiae* (28-2-1926), Pio XII na *Evangelii praecones* (2-6-1951) e Fidei donum (15-1-1957) e João XXIII na *Princeps pastorum* (28-11-1957).

Os padres diocesanos na segunda evangelização seguiram as orientações dos documentos do Vaticano II, especialmente, na Constituição Dogmática *Lumen gentium*, na Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Liturgia, na Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, sobre a Igreja no mundo atual, no Decreto *Ad gentes*, sobre a Atividade Missionária na Igreja, para mencionarmos somente estes ...

No estudo destas duas metodologias missionárias, escolhemos a problemática da investigação a partir da liturgia, o rosto mais visível da inculturação numa igreja local, tendo como ponto de referência a receção do Vaticano II na Missão do Lucula Zenze, Cabinda (Angola).

Palavras-chave: Cursos «Nova et Vetera», Inculturação, Igreja, Missionação, Cabinda, Angola, África, Vaticano II.

ABSTRACT

His Holiness, Pope Paul VI, appointed the then Canon Eduardo André Muaca, recently graduated from the Gregorian University of Rome, Auxiliary Bishop of Luanda, on 11 March 1970. On the occasion of their first pastoral visit to the Mission of Lucula Zenze on 7 June 1970, the missionaries of the Congregation of the Fathers of the Holy Spirit felt it best to deliver the Mission under the guidance of the African diocesan priests in the person of Father Angelino Gaspar Nanga.

Father Gabriel Nionje Seda, after four years of treatment in the hospitals of the city of Porto (Portugal), where he left decreased physical in his hands, needing the help of others to wear, put on and eat, was named Coadjutor of Father Angelino. From the harrowing request of a young girl in her 20s, marginalized in the wave of schooling, to learn to read and write, Father Gabriel founded the Nova et Vetera Initiation Courses. In this way, we have two missionations: the first of the European Spiritan priests (1893-1970), before the Second Vatican Council, and the second of the African diocesan priests (1970-1974), after the Second Vatican Council.

The Spiritan fathers in the first evangelization followed the guidance of the Holy See through the encyclicals, namely, of the Supreme Pontiff Benedict XV at Maximum illud (30-11-1919), Pius XI at Rerum Ecclesiae (28-2-1926), Pius XII at Evangelii praecones (2-6-1951) and Fidei donum (15-1-1957) and John XXIII at Princeps pastorum (28-11-1957).

The African diocesan fathers in the second evangelization followed the guidelines of the documents of the Second Vatican Council, especially in the Dogmatic Constitution Lumen gentium, in the Conciliar Constitution Sacrosanctum Concilium, on the Liturgy, in the Pastoral Constitution Gaudium et spes, on the Church in today's world, in the Decree Ad gentes, on Missionary Activity in the Church, to mention only these...

In the study of these two missionary methodologies, we chose the problem of research from the liturgy, the most visible face of the inculturation of a local church, having as a reference point the reception of the Second Vatican Council in the Mission of Lucula Zenze, Cabinda.

Keywords: *Nova et Vetera Initiation Courses, Inculturation, Church, Mission, Cabinda, Angola, Africa, Vatican II.*

SIGLAS E ABREVIATURAS

AA	– <i>Apostolicam actuositatem</i>
ACNUR	– Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
ADEA	– Associação para o Desenvolvimento da Educação em África
AG	– <i>Ad gentes</i>
AM	– <i>Africae munus</i>
AMA	– Associação da Mulher Angolana da FNLA
CD	– <i>Christus Dominus</i>
CALABUBE	– <i>Ca-binda, Lâ-ndana, Bu-co-Zau, Be-lize</i>
CEAST	– Conferência Episcopal de Angola e São Tomé
CEI	– Conferência Episcopal Italiana
CEV	– Comunidade Eclesial Viva
C. I. Nova...	– Cursos de Iniciação <i>Nova et Vetera</i>
CIC	– <i>Codex Iuris Canonici</i>
CL	– <i>Christifidelis laici</i>
CNBB	– Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CT	– <i>Catechesi tradendae</i>
CV	– <i>Caritas in veritatis</i>
DC	– <i>Documentation catholique</i>
DCE	– <i>Deus caritas est</i>
DV	– <i>Dei Verbum</i>
DEV	– <i>Dominum et vivificantem</i>
FAA	– Forças Armadas Angolanas
FALA	– Forças Armadas de Libertação de Angola da UNITA
FAPLA	– Forças Armadas Populares de Libertação de Angola
FLEC	– Frente de Libertação do Enclave de Cabinda
FMM	– Franciscanas Missionárias de Maria
FNLA	– Frente Nacional de Libertação de Angola
FRELIMO	– Frente de Libertação de Moçambique
GRAE	– Governo Revolucionário de Angola no Exílio
GS	– <i>Gaudium et spes</i>
EA	– <i>Ecclesia in Africa</i>
EG	– <i>Evangelii gaudium</i>
EN	– <i>Evangelii nuntiandi</i>
EP	– <i>Evangelii praecones</i>
ES	– <i>Ecclesiam suam</i>
EUA	– Estados Unidos da América
GE	– <i>Gaudete et exsultate</i>
IESS PIO X	– Instituto de Educação e Serviço Social Pio X
IM	– <i>Iustitia in mundi</i>
JMPLA	– Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola
JFNLA	– Juventude da Frente Nacional de Libertação de Angola

JURA	– Juventude Unida Revolucionária de Angola
LS	– <i>Laudato si</i>
LG	– <i>Lumen gentium</i>
LIMA	– Liga da Mulher Angolana da UNITA
MM	– <i>Mater et magistra</i>
MPLA	– Movimento Popular de Libertação de Angola
NT	– Novo Testamento
OMA	– Organização da Mulher Angolana do MPLA
ONU	– Organização das Nações Unidas
PAIGC	– Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde
PIDE	– Polícia Internacional e Defesa do Estado
PB	– <i>Pastor bonus</i>
PCF	– Partido Comunista Francês
PCI	– Partido Comunista Italiano
PCP	– Partido Comunista Português
PP	– <i>Princeps pastorum</i>
PO	– <i>Presbyterorum ordinis</i>
PSF	– Partido Socialista Francês
PSI	– Partido Socialista Italiano
PSP	– Partido Socialista Português
PT	– <i>Pacem in terris</i>
RICAO	– <i>Révue de l'Institut Catholique de l'Afrique de l'Ouest</i>
RDA	– República Democrática Alemã
RFA	– República Federal Alemã
RM	– <i>Redemptoris missio</i>
RN	– <i>Rerum novarum</i>
RP	– <i>Reconciliatio et paenitentia</i>
QP	– <i>Quas primas</i>
SA	– <i>Slavorum apostoli</i>
SIC	– Secção de Informação e Controlo
SCEAM	– Simpósio das Conferências Episcopais de África e Madagáscar
SD	– <i>Salvifici dolores</i>
SFM	– Sociedade das Filhas de Maria
TES	– Tropas Especiais
UAD	– <i>Ubi Arcano Dei</i>
UNITA	– União Nacional para a Independência Total de Angola
UR	– <i>Unitatis redintegratio</i>
URSS	– União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
UUS	– <i>Ut unum sint</i>
VAT II	– Concílio Ecuménico Vaticano II

INTRODUÇÃO GERAL

1. Uma página da História de Cabinda

Antes de abordarmos o nosso tema sobre os Cursos *Nova et Vetera* achamos oportuno fazer a leitura de uma página da história antiga e recente de Cabinda, salientando oito pontos fundamentais: 1.º, Cabinda – Antigo Congo Português (1885-1956); 2.º, Cabinda – Província de Angola (1956-1975); 3.º, Cabinda – Capital Cabinda; 4.º, Significado do nome Cabinda; 5.º, Cabinda – Capital *Tchiowa* (sugestão); 6.º, Missão Católica de Cabinda (1891); 7.º, Criação da Diocese de Cabinda (1984); e 8.º, Particularidade histórica e geográfica de Cabinda.

1.1. Cabinda – Antigo Congo Português

Cabinda, antes da chegada dos Portugueses, fazia parte integrante do *Antigo Reino do Congo*, com os seus três reinos vassalos (Macongo, Maloango e Mangoyo). O *Antigo Reino do Congo* foi dividido, na Conferência de Berlim (1884-1885), por três potências: Bélgica, França e Portugal. Uma parte foi designada *Congo Superior*, outra *Congo Médio* e ainda outra *Congo Inferior*. O Congo Superior era o *Estado Independente do Congo*, o Congo Médio era o *Congo-Brazzaville* e o Congo Inferior era o distrito de Cabinda, juntamente com os distritos de Mbanza Congo e Carmona (atual Uíje).

O Estado Independente do Congo (1885-1908) passou a chamar-se *Congo Belga* (de 15-11-1908 até 30-6-1960). Depois da proclamação da independência do Congo Belga, recebeu a designação oficial de *República Democrática do Congo* (1960-1967). O seu presidente, Mobutu (1930-1997), mudou-lhe, depois, o nome para *República do Zaire* (de outubro 1971 a 1997). Com a subida ao poder do presidente Laurent Kabila, foi retomado o nome antigo de *República Democrática do Congo*.

O Congo Médio, depois da independência, ficou a ser designado por *República do Congo-Brazzaville*. Os distritos de Cabinda, Mbanza Congo e Carmona (atual Uíge, Angola) eram, então, designados por *Congo Português*. Particularmente, o Enclave de *Cabinda* era chamado *Baixo Congo Português*.¹

¹ Cf. *Mapas n.º 1 e n.º 2*, CEAST – Arquidiocese de Luanda (pp. 9-10, Anexos); cf. *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Direção de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, direção de Carlos Moreira Azevedo, A-C (Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2000), 51; cf. Hélio A. Esteves Felgas (Major), *História do Congo Português* (Carmona: 1958), 42-48.

1.2. Cabinda – Província de Angola

Para o leitor não informado, o tríptico emprego do topónimo *Cabinda Província de Angola*, *Cabinda capital Cabinda*, *Missão Católica de Cabinda*, pode permitir uma certa confusão! No campo político, Cabinda, primeiro, era *Intendência* (1885-1956); depois, pelo diploma Legislativo n.º 2757, foi elevada à categoria de cidade, em 28 de maio de 1956; e, desde a proclamação da independência de Angola, em 11 de novembro de 1975, o então Distrito de Cabinda (1956-1975) foi promovido a *Província de Angola*.

Cabinda é um enclave, limitado a *norte* pela República do Congo-Brazzaville; a *leste* e a *sul*, pela República Democrática do Congo-Kinshasa; e, a *oeste*, é banhado pelo oceano Atlântico. Os quatro pontos extremos do Enclave de Cabinda são: *Miconje* (Extremo Norte), *Yema* (Extremo Sul), *Massabi* (Extremo Oeste) e *Lucula Zenze* (Extremo Leste).²

1.3. Cabinda – Capital Cabinda

A atual cidade de Cabinda, fundada a 28 de maio de 1956, ostenta dois nomes. O nome CABINDA, que lhe foi atribuído pelos Portugueses, e TCHIOWA, nome por que sempre foi designada pelos autóctones. Nesta conformidade escreveu um antigo missionário espiritano de Cabinda, padre Joaquim Martins:

O nome de Cabinda é mais utilizado pelos brancos, pois, os naturais, entre si, continuam a designá-la como *Tchiowa*. Os dois nomes – *Tchiowa* e *Cabinda* – sempre foram considerados por uns e outros, consoante podemos constar nos anais da história.³

1.4. Significado do nome Cabinda

Segundo a versão oral e tradicional dos cabindenses, o nome *CABINDA*, atribuído pelos Portugueses, na toponímia, teve a seguinte origem. À chegada da nau portuguesa, *Diogo Cão*, à baía de Cabinda, e logo que a tripulação se dispôs descer a terra, um dos autóctones ali presente terá chamado a atenção de um dos servos do rei, nestes termos:

Ah Mafuca Binda, wizi mona mindele!

(Ah, Mafuca Binda, vem ver homens brancos!)

Um dos tripulantes, então, ao ouvir a expressão *Mafuca Binda*... tomou-a por denominação do lugar e registou-a, pura e simplesmente, desta forma: *CABINDA*. Da sonoridade que colheu, apenas fixou a última sílaba de *Mafuca* – *CA* – e a palavra seguinte – *BINDA* – que

² Cf. *Mapa n.º 3*, Pontos Extremos do Enclave de Cabinda (*Norte*: Miconje; *Sul*: Yema; *Oeste*: Massabi; *Leste*: Lucula Zenze) (p. 11, Anexos).

³ Joaquim Martins, CSSP, *Cabindas, História, Crenças, Usos e Costumes* (Cabinda: Edição da Comissão de Turismo e da Câmara Municipal de Cabinda, 1972), 38.

ligou, completando o vocábulo. A partir dali, *CABINDA* passou a figurar e a designar a toponímia do lugar e, por extensão, do território. É esta a única explicação, colhida da tradição oral, sobre o nome *Cabinda*, que os nossos antepassados nos transmitiram de geração em geração.

Enquanto os Portugueses lhe chamavam *Cabinda*, os autóctones continuaram a designá-la pelo nome original de *Tchiowa*. Era este o nome da praça principal no coração da cidade, desde as origens; no entanto, os Portugueses chamavam-lhe *Largo Pim-Pim*. Estas são as tradições orais, que permaneceram desde as origens, transmitidas dos avós aos pais, dos pais aos filhos e dos filhos aos netos... segundo André Rodrigues Mingas Júnior (1905-1992), filho de André Rodrigues Mingas e de Amélia Baza Vontade, e que foi uma biblioteca viva da história de Cabinda. Dentre as numerosas entrevistas concedidas, tanto na *Rádio Nacional* como no *Jornal de Angola*, o tema da origem do nome do Enclave e a sua história foi assunto sempre abordado. Mencionamos apenas uma das suas últimas entrevistas ao *Jornal de Angola*, onde explicou esta história, e que foi publicada sob o título: «Cabinda é a mesma sanzala que os portugueses deixaram.»⁴

Nessa entrevista, como nas anteriores, a explicação da origem do nome foi sempre dada em conformidade com o que acabamos de referir. Nas festas da cidade, a 28 de maio, é esta também a versão que corre entre todos os mais velhos, sobre a história deste território.

1.5. *Cabinda – Capital Tchiowa (Sugestão)*

Como a cidade tem os dois nomes, um dado pelos Portugueses – ***Cabinda*** – e o outro, pelos autóctones – ***Tchiowa*** – desde as origens, esta foi a razão por que publicámos o livro *Cabinda Capital Tchiowa – Carta Aberta aos Deputados da Assembleia Nacional* ⁵, como um convite dirigido às autoridades, para que se proceda a uma mudança definitiva da designação toponímica, e, em vez de ser designada *Cabinda – Capital Cabinda*, se passe à designação: *Cabinda – Capital Tchiowa*. É esta a nossa sugestão.

Trata-se simplesmente da mesma cidade com dois nomes que podem muito bem permanecer na toponímia: *Cabinda*, designando toda a província, de norte a sul, de leste a oeste, e a capital a ser chamada *Tchiowa*. E, tal como os naturais de Lisboa se chamam *Lisboetas*, e os do Tibete, *Tibetanos*, os naturais de Tchiowa possam ser chamados *Tchiowetanos*.

1.6. *Missão Católica de Cabinda (atual Paróquia Imaculada Conceição)*

Assim como temos a Província com o nome de Cabinda e a sua capital com o nome de Cabinda, temos também a Missão Católica de Cabinda, fundada a 29 de outubro de 1891 por

⁴ In *Jornal de Angola*, Ano 16, n.º 5.299, 14 de março de 1992, 1-2.

⁵ Barnabé Lelo Tubi, *Cabinda Capital Tchiowa, Carta Aberta aos Deputados da Assembleia Nacional* (Prior Velho: Paulinas, 2018).

um missionário espiritano: «O padre Emílio Callewaert (1856-1938), missionário da Congregação do Espírito Santo, belga, chegou a Cabinda, a 6 de outubro de 1891, e fundou a Missão de Cabinda, a 29 de outubro do mesmo ano.»⁶

Por ocasião da comemoração do primeiro centenário da Missão de Cabinda, em 1991, foi promovida a *Paróquia Imaculada Conceição* que tomou por padroeira.

1.7. Criação da Diocese de Cabinda

Cabinda, em registo religioso, primeiro, foi Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português (1873-1940); a seguir, Arciprestado na Arquidiocese de Luanda (1940-1973); e, por fim, Vigararia da Arquidiocese de Luanda (1973-1984). Passados 111 anos (1873-1984), desde o início da segunda evangelização em Cabinda, com a fundação da Missão de Lândana (1873), Sua Santidade, o Papa João Paulo II, criou a Diocese de Cabinda, a 1 de outubro de 1984, que faz parte da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé e Príncipe (CEAST). D. Paulino Fernandes Madeca foi nomeado seu primeiro bispo.⁷

1.8. Particularidade geográfica e histórica de Cabinda

O interesse da nossa pesquisa é sobretudo pela oportunidade que nos oferece de mergulharmos no passado desse território emblemático que é o Enclave de Cabinda. Embora partilhe a sua cultura com os povos Bacongo do antigo Reino Congo, conforme assinalamos, *Cabinda possui uma particularidade histórica e geográfica* que deve ser sublinhada e valorizada para prevenir qualquer risco de um afogamento cultural. Cabinda é rica dos seus recursos naturais, rica das suas culturas e tradições, rica das suas populações, rica da sua história, rica do seu passado. A sua situação geográfica de Enclave confere-lhe uma identidade particular em relação aos dois Congos vizinhos e, ao mesmo tempo, uma situação desconfortável, porque engendra isolamento e dificuldades de acesso aos produtos importados, o que encarece a vida nesse território.

É nesta linha de ideias que José Maria Manuel Henriques (1925-1978), antigo seminarista, funcionário público da era colonial, nas emissões radiofónicas, iniciava sempre os seus programas na rádio com esta frase, que ficou gravada nos corações dos cabindenses: *Cabinda é um toque de distinção e orgulho! Cabinda é um povo singular em África!*

⁶ In *Chronica das Missões* (7 de outubro de 1899), 498-499; Joaquim Alves Correia, *Civilizando Angola e Congo, os Missionários do Espírito Santo, no padroado espiritual português* (Braga: s. ed., 1922), 76-77.

⁷ Constituição Apostólica *Cabinda Catholicae Prosperitas Cabindana Nomine* (2-7-1984) in AAS 76 (1984), 947-948. D. Paulino Fernandes Madeca nasceu na povoação de Chimbolo, a 28/11/1927, Missão de Cabinda (atual Paróquia Imaculada Conceição). Foi ordenado sacerdote a 20/7/1958, nomeado Bispo Auxiliar de Luanda a 22/7/1983 e 1.º Bispo de Cabinda a 2/7/1984. Resignou a 11/2/2005. Faleceu a 9/1/2008. (In *Anuário da Diocese de Cabinda* [Cabinda: Edição Cúria Diocesana, 2020], 25.)

2. O percurso desta dissertação

2.1. Da oralidade à escrita na África

A preeminência da escrita para a conservação dos feitos dos homens de outrora é especialmente uma característica das sociedades ocidentais. Diz-se que a África, de um modo geral, é um continente propenso à oralidade como veículo ou meio de transmissão do património cultural, de uma geração para outra. Ora, há um ditado latino que diz: «*verba volant scripta manent*» (as palavras voam, mas a escrita permanece).

A condição da África, acima referida, levou o escritor e etnólogo maliano Amadou Hampaté Bâ, defensor da tradição oral, especialmente da etnia *peul*, a fazer esta afirmação: «*Em África, quando morre um velho, desaparece uma biblioteca.*»⁸ Em pleno século XXI, torna-se irresponsável que a África continue a viver como se não tivesse um passado ou simplesmente porque enterra o seu passado, as suas riquezas culturais, a sua sabedoria ancestral, ao mesmo tempo que enterra os seus anciãos, confrontados com os limites da existência humana.

Pois, se os anciãos são os depositários da memória coletiva, naturalmente o seu desaparecimento significa o desmoronamento dessa memória e até o apagamento da identidade do povo. De facto, com este sistema, afirma Raul Ruiz de A. Altuna:

«Durante muito tempo se pensou que os povos sem escrita são povos sem cultura. A África negra não possui escrita, mas isto não impede que conserve um passado e que os seus conhecimentos e cultura sejam transmitidos e conhecidos.»⁹ “O meu professor T. Bokar dizia: uma coisa é a escrita e outra, o saber. A escrita é a fotografia do saber, mas não é o saber. O saber é uma luz para o homem. É a herança de tudo aquilo que os antepassados conheceram e transmitiram em germe, à maneira do baobá que em potência se encontra já na semente”.¹⁰

Não é nosso propósito levantar aqui alguma polémica tendente a desacreditar a tradição oral em benefício da tradição escrita. A nossa única preocupação é a conservação da memória coletiva do povo, as suas tradições, os seus usos e costumes, os seus valores, a sua sabedoria ou filosofia, a sua história, o seu passado. A oralidade já não pode ser considerada como um meio eficiente para a conservação do passado. Aliás, embora predominante nas sociedades ocidentais, a escrita não é um apanágio dessas sociedades.

Raul Ruiz de Asúa Altuna afirma que «a África negra conheceu alguns sistemas de escrita»¹¹, no entanto, lamenta que esses sistemas não tenham prosperado no tempo e não se tenham expandido por todo o Continente, facto que levou certos autores a negarem-lhe a possibilidade de patentear uma história, posto que a produção histórica não se faz pela oralidade,

⁸ B. Makolo Muswaswa, «Amadou Hampâté Ba: l'avocat de l'humanisme sacré integral», in *Revue Zaire-Afrique*, Mai 1993, n.º 275, 313. (Tradução própria.)

⁹ P. Raul Ruiz de A. Altuna, *Cultura Tradicional Banto* (Luanda/Maputo: Paulinas, 2006), 36-37.

¹⁰ Altuna, *Cultura Tradicional Banto*, 37.

¹¹ Altuna, *Cultura Tradicional Banto*, 37.

mas a partir de documentos escritos. Recordamos aqui também a severa crítica de Hegel sobre o assunto: «A África não é uma parte histórica do mundo... Ela não oferece nenhum interesse histórico próprio.»¹² Porém, nenhum argumento, hoje, conseguirá contradizer o facto real de que a África possui uma história milenária própria, cuja trajetória difere da dos outros povos, pois o mesmo José F. Luemba afirma que não há povo sem história, sem passado.¹³

A história é o lugar por excelência do desenrolar do sentido do «estar-no-mundo» do homem. Por isso, um povo que não tem o domínio da sua história e, portanto, não pode atribuir-lhe um sentido próprio, obriga-se a permanecer num estado de alienação profunda, isto é, de perda da sua alma e da sua identidade. No que diz respeito à África, «chegou a nossa hora», segundo a expressão do poeta martiniquense Aimé Césaire. Chegou a hora para a África de escrever a sua própria história, de apropriar-se dela e conferir-lhe um sentido e um significado que atravessam e ultrapassam o tempo imediato. A obra de Cheikh Anta Diop é precisamente uma tentativa de «re-escritura» da história africana perante «a situação colonial e os procedimentos de legitimação científica aferentes»¹⁴.

Nesta linha de ideias não podemos deixar de mencionar a *Histoire Générale de l'Afrique* (8 vols., com cerca de 800 páginas cada), onde numerosos e eminentes especialistas escreveram a história do nosso continente africano. Essa monumental obra foi prefaciada por M. Amadou-Mathar M'Bow, na altura diretor-geral da UNESCO. Numa passagem do prefácio, afirmou: «Esta *História Geral da África* destaca a unidade histórica da África e suas relações com outros continentes particularmente com as Américas e Caraíbas.»¹⁵

Na apresentação do projeto da mesma obra *Histoire Général de L 'Afrique* feito pelo Professor Bethwell A. Ogot, Presidente do Comité Científico Internacional para a redação duma história geral da África, escreveu: «A *História Geral da África* é, acima de tudo, uma história de ideias e civilizações, sociedades e instituições. Baseia-se numa grande variedade de fontes, incluindo a tradição oral e a expressão artística.»¹⁶

2.2. O património dos Cursos Nova et Vetera

Do fundo do nosso coração soou também esse apelo de transmitir, por escrito, às novas gerações e às vindouras uma memória, um testemunho, um património cultural incarnados pelos *Cursos Nova et Vetera* na Missão do Lucula Zenze-Cabinda (1970-1974). A particularidade desses Cursos é de abarcar todos os aspetos da vida: «uma riqueza espiritual para uma comunidade mais profunda com Deus, uma escola de sabedoria para uma relação consigo próprio e

¹² Citado por José Francisco Luemba, *La reproduction. L'histoire noire de l'Afrique* (Paris: Les Impliquées Editeur, 2021), 69.

¹³ Cf. José Fr. Luemba, *A profecia autorrealizável. A dimensão psicológica da crise do homem negro-africano* (Paris: Les Impliqués Editeur, 2017), 61.

¹⁴ François X. Fauvelle, *L'Afrique de Cheikh Anta Diop*, Préface d'Elikia Mbokolo (Paris: Karthala, 1996), 16.

¹⁵ Aa.Vv., *Histoire Générale de l'Afrique, I Méthodologie et préhistoire africaine*, in «Prefácio» de M. Amadou-Mathar M'Bow (Paris: UNESCO/Nouvelles Éditions Africaines, 1995), 13. (*Tradução própria*.)

¹⁶ Aa.Vv., *Histoire Générale de l'Afrique*, in «Apresentação» de Bethwell A. Ogot, 13. (*Tradução própria*.)

com outrem à luz do Evangelho, um valor didáctico-pedagógico e histórico, um espaço de elaboração de respostas às interrogações dos homens, um lugar de busca da verdade ontológica, etc.» *Nova et Vetera* (nova e antiga): uma tentativa de harmonização da cultura tradicional e a cultura moderna para se superar a dicotomia entre ambas as culturas e construir, *in fine*, homens e mulheres antropológicamente coerentes e coesos em si próprios.

Os *Cursos Nova et Vetera*, para além da dimensão formativa humana que os caracteriza são também um instrumento de evangelização no âmbito do processo designado por «inculturação», isto é, a transmissão e a vivência do Evangelho através da cultura local. Trata-se, portanto, de uma experiência de inculturação missionária enraizada numa prática pastoral e teológica com uma trama histórica. É exatamente neste sentido que a nossa abordagem toma uma orientação histórico-teológica, implicando, neste caso uma metodologia de pesquisa histórica e teológica.

A palavra história vem do grego (*historíai*) e significa «inquérito». Portanto, a história é fundamentalmente um inquérito baseado nos arquivos, embora na história contemporânea se aceite também a entrevista. A diferença é que os arquivos têm a pretensão de objetividade, no sentido de que o investigador se limita em situá-los fielmente no seu contexto de produção e segundo as intenções do autor, ao passo que as entrevistas podem ser suspeitadas de alguma influência do pesquisador. Na verdade, objetividade e subjetividade fazem parte da disciplina histórica, como destaca José Luemba¹⁷, ao citar Paul Ricoeur:

Analizando a problemática da relação entre a subjectividade e a objectividade na história, Paul Ricoeur escreve: «a objectividade da história consiste precisamente na renúncia de coincidir, de reviver, nesta ambição de elaborar sequências de factos a nível da inteligência historiana».¹⁸ [...] Quando P. Ricoeur fala de subjectividade não se deve confundir com qualquer subjectividade de alguém que tem gostos, opiniões, preferências. Trata-se, num primeiro sentido, de uma subjectividade operatória, metódica, na senda de uma epistemologia pós-kantiana¹⁹, segundo a qual tanto para os objectos da natureza como para os objectos históricos não existem factos brutos ou um passado em si que bastaria decifrar passivamente.²⁰ [...] O passado histórico só aparece a partir do momento em que é elaborado e construído pelo historiador: o documento não era documento antes de o historiador ter sonhado questioná-lo. É somente a partir do seu questionamento e da sua observação que o historiador institui os factos históricos. [...] Portanto, contra a ilusão objectivista, postula-se que toda a investigação histórica jamais é «uma reprodução exacta do passado no presente, mas sempre uma reconstrução, uma reconstituição»²¹.

Sem dúvida, faremos obra de historiador procurando conhecer os contextos de elaboração dos documentos ou arquivos disponíveis e as suas finalidades para uma análise adequada dos

¹⁷ Cf. José Fr. Luemba, *A profecia autorrealizável. A dimensão psicológica da crise do homem negro-africano* (Paris: Les Implies Editeur, 2017), 64-65.

¹⁸ P. Ricoeur, *Histoire et vérité*, 26 (este artigo é extraído de uma comunicação nas *Jornadas pedagógicas de coordenação entre o ensino da filosofia e o da história* [Sèvres, Centre International d'Études Pédagogiques], dez. 1952. (Tradução própria.)

¹⁹ A epistemologia pós-kantiana foi recuperada e atualizada pela primeira geração da Escola dos Anais.

²⁰ J. Michel, *Paul Ricoeur, une philosophie de l'agir humain* (Paris: Cerf, 2006), 164.

²¹ Michel, *Paul Ricoeur...*, 165.

seus conteúdos e fazer uma crítica tanto externa como interna. A crítica das fontes é fundamental numa abordagem histórica.

Fazer obra de historiador será também para nós, em função dos dados informativos disponíveis, escrever a história de um povo, o povo de Cabinda, através da experiência dos Cursos *Nova et vetera*. Tratar-se-á de organizar as informações recolhidas, tendo em conta a sua extensão temporal, organizar as causas lineares ou circulares, as finalidades, os argumentos, etc. Tratar-se-á também de introduzir um sentido no relato dos factos ou criar sentido explicando o processo histórico em construção e propondo uma interpretação dos factos.

2.3. Fontes orais e manuscritas dos Cursos Nova et Vetera

O protagonista da experiência dos Cursos *Nova et Vetera*, o Reverendo Padre Gabriel Nionje Seda, já não é deste mundo. No entanto, alguns dos que tomaram parte nessa experiência ainda vivem, outros, a maioria, estão na eternidade. Daí a necessidade de recorrermos também à entrevista, certamente com a desvantagem relativa a «esse tipo de situações em que a oralidade é a única forma de aceder aos dados». Concretamente, «a desvantagem das entrevistas que recorrem à memória dos sujeitos para obter dados é a dependência dos dados em relação à capacidade individual de memorização e de reprodução fiel aos factos».²² Contudo, a prudência será de rigor e somos obrigados a recorrer a essas fontes orais e algumas fontes manuscritas, que escaparam do saque, que a Missão sofreu na guerra.

2.4. Fontes da Bíblia e do Magistério da Igreja

A parte teológica da nossa investigação inspira-se nos textos oficiais da Igreja (Encíclicas, Cartas Apostólicas, Documentos pastorais diversos) e na Sagrada Escritura. O que é fundamental, nessa parte, é o processo de inculturação. Trata-se da interpretação da Palavra de Deus, segundo o génio cultural cabindense; trata-se de expressar a fé a partir de símbolos, gestos, rituais próprios do povo de Cabinda no âmbito da liturgia; trata-se de aplicar a Doutrina Social da Igreja na organização da sociedade. Em suma, a Encarnação de Jesus na realidade humana concreta torna-se a referência fundamental para uma metodologia da inculturação.

2.5. Divisão do trabalho

Perante todas estas reflexões preliminares, depois da leitura crítica e autocrítica das fontes escritas, manuscritas e orais, dividimos a nossa tese em 2 volumes (vol. I: explanação e argumento; vol. II: anexos). O primeiro volume está subdividido em três partes:

²² Dália Costa, «A recolha de dados: técnicas utilizadas», in Hugo Consciência Silvestre e Joaquim Filipe Araújo (dir.), *Metodologia para a investigação social* (Lisboa: Escolar Editora, 2012), 152.

I. *Primeira Parte* – Corresponde ao período da Evangelização da Missão do Lucula Zenze pelos Padres Espiritanos (1893-1970). Nessa primeira parte fazemos a análise da história da fundação da Missão. Debruçamo-nos sobre a Missionologia.

II. *Segunda Parte* – Corresponde à Evangelização da Missão do Lucula Zenze pelos Padres Diocesanos, a partir dos Cursos *Nova et Vetera* (1970-1974). Nessa segunda parte analisamos a atividade pastoral dos referidos cursos.

III. *Terceira Parte* – Finalmente, nesta parte, analisamos os Cursos *Nova et Vetera* como experiência da inculturação da Igreja, na perspectiva da recepção do Vaticano II, a partir da problemática da liturgia na Missão do Lucula Zenze (1970-1974), o rosto mais visível da Igreja. É aqui, onde fazemos a transição da Missionologia para a Teologia Prática.

O título (*Cursos Nova et Vetera*) pretende esclarecer de forma clara, não dando margem a qualquer dúvida. O local (*Missão do Lucula Zenze*) está definido sem nenhum equívoco. A época (1970-1974) está limitada sem nenhuma divagação. O subtítulo (*uma abordagem histórico-teológica*) confirma as duas áreas científicas da reflexão, que são em primeiro lugar a história da Missão (Missiologia ou Missionologia) e, em segundo lugar, a Teologia Prática. É aqui que abordamos teologicamente os Cursos *Nova et Vetera*, como experiência de inculturação missionária. A Missão do Lucula Zenze, local da realização dos Cursos *Nova et Vetera*, é o nosso *ponto de partida* com a *primeira evangelização* dos Padres Espiritanos, do século XIX ao século XX (1893-1970), e é também o nosso *ponto de chegada* com a *segunda evangelização* dos Padres Diocesanos, no século XX, a fim de colhermos as lições para as novas gerações, na comemoração do jubileu dos 50 anos dos Cursos *Nova et Vetera*, no século XXI (1970-2020).

PRIMEIRA PARTE

**A EVANGELIZAÇÃO DA MISSÃO DO LUCULA ZENZE
PELOS PADRES ESPIRITANOS (1893-1970)**

INTRODUÇÃO À PRIMEIRA PARTE

A Primeira Parte, dedicada ao estudo da história da evangelização da Missão do Lucula Zenze pelos Padres Espiritanos, antes do Vaticano II (1893-1970), dividimo-la em seis capítulos: *Primeiro capítulo*, a Fundação da Missão do Lucula Zenze (18-6-1893); *Segundo capítulo*, os Padres Espiritanos Missionários, na Missão do Lucula Zenze (1893-1970); *Terceiro capítulo*, a Metodologia Missionária dos Padres Espiritanos, na Missão do Lucula Zenze (1893-1970); *Quarto capítulo*, o Seminário, na Missão do Lucula Zenze (1936-1947); *Quinto capítulo*, os Cristãos da Missão do Lucula Zenze (1893-1970); *Sexto capítulo*, os Dados Estatísticos da Missão do Lucula Zenze (1893-1970).

Nestes seis capítulos propomos narrar, na medida do possível, a missionação dos Padres da Congregação do Espírito Santo, desde as origens, no século XIX, até ao século XX, com as suas luzes e sombras, a fim de colhermos os frutos desta evangelização.

CAPÍTULO 1

FUNDAÇÃO DA MISSÃO DO LUCULA ZENZE (18-6-1893)

Introdução

No primeiro capítulo sobre a fundação da Missão do Lucula Zenze começamos com o estudo dos antecedentes históricos, que são as missões masculinas e femininas, fundadas antes (1873-1893), e as viagens de exploração realizadas para a escolha do local da ereção da Missão (1891-1893). Depois desta breve reflexão, entramos no estudo da história propriamente dita da fundação. Abordamos os temas essenciais como o restauro do Calvário, o desmembramento da zona norte (Nekuto-Mayombe) e a deslocalização das aldeias, depois da construção das novas estradas de terra batida. A quilometragem ajudar-nos-á a compreender a distância entre a sede da Missão e cada uma das aldeias da jurisdição. Concluímos com a classificação das aldeias em zonas pastorais e a campanha da construção de capelas e escolas nas aldeias.

1.1. Primeira Evangelização de Cabinda (1766-1873)

Os historiadores dividem a história da Igreja de Angola em duas partes: a primeira evangelização (1491-1835) e a segunda evangelização (1865-1991). Foi deste modo que a Conferência Episcopal de Angola e São Tomé (CEAST) comemorou, solenemente, o V Centenário de Evangelização de Angola (1491-1991). Por esta ocasião, demos uma contribuição, mediante uma conferência subordinada ao tema «A história da evangelização de Angola durante cinco séculos (1491-1991) – Síntese dos principais acontecimentos.»²³

Como os historiadores sublinharam a primeira evangelização, foi nos antigos reinos de Congo, Angola e Matamba.²⁴

A primeira evangelização, em Cabinda, começou em 1766, sendo o padre húngaro Bernardino, o primeiro missionário, como podemos ler na seguinte crónica:

²³ Barnabé Lelo Tubi, «A história da evangelização de Angola durante cinco séculos (1491-1991) – Síntese dos principais acontecimentos», in *Centenário de Evangelização de Angola – Vinte e um anos depois* (Huambo, Angola: Ceretec, 2012), 49-84.

²⁴ Cf. Mukuna Mutanda Wa Mukendi, *La Méthode Missionnaire des PP. Capucins de la «Missio Antiqua» dans les Royaumes du Congo, de l'Angola e de Matamba (1645-1835)* – Thèse de Doctorat (dactilographiée), 2 vols. (Roma: 1979).

No século XVII um missionário capuchinho, o padre Bernardo da Hungria, tinha residido no Loango com um irmão coadjutor, cerca de um ano e lá morreu em 18 de Junho de 1664... A primeira missão estabeleceu-se em Quibota, depois em Lubo, no Loango, em Junho de 1766, com três missionários... A segunda missão, de Março de 1758 a Abril de 1770 estabeleceu-se em Malembe, que era o porto do reino de Cacongo... Finalmente, a terceira missão, de Março de 1773 a 31 de Dezembro de 1775, contou com 12 missionários, entre eles o padre Descouvrières, agora nomeado prefeito, a que se juntaram no ano seguinte mais seis.²⁵

Deste modo também a história da Igreja de Cabinda é dividida em duas partes: a primeira evangelização (1766-1776), composta das três missões e, depois de um período de trevas de 107 anos (1766-1873), começou a segunda evangelização, com a fundação da Missão de Lândana, em 1873.

1.2. Missões Masculinas fundadas antes da Missão do Lucula Zenze (1873-1893)

1.2.1. Missão de Lândana (1873)

Por ocasião da comemoração do Centenário da Missão de Lândana, o padre Brásio, missionário espiritano, português, escreveu:

Em 25 de Julho de 1873, depois de resolução tomada no dia 1.º de Maio, foi enfim criada a Missão de Lândana, sendo nomeado seu superior o Padre Carlos Duparquet e Prefeito o superior Geral, fazendo parte, até à nova ordem, da Vice-Província da Guiné, mas dependendo directamente da Casa-Mãe. Em 25 de Julho, o Padre Duparquet deixava Paris e, em 31, embarcava em Liverpool sobre o *Soudan*, com o Ir. Fortunato a caminho de Lândana. (...). Instalação da Missão de Lândana. Estava fundada, mas não instalada a missão. Era necessário alargá-la. O P. Duparquet chegou a bom termo com a casa «Assis» comprando-a por 3.000 francos e com a «Regis» que adquiriu por 6.000 francos, instalando-se os Padres na primeira e reservando a segunda para quando viessem as Irmãs para a educação das raparigas...²⁶

A primeira comunidade espiritana de Lândana foi formada por três membros da Congregação dos Missionários Espiritanos: padre Carlos Duparquet, padre António Carrie e Ir. Fortunato Engel.

O padre Carlos Victor Aubert Duparquet (1830-1888) nasceu em Laigle, França, diocese de Séz, no dia 31 de Outubro de 1830. Ingressou no Noviciado dos Padres do Espírito Santo. Recebeu o subdiaconado no dia 23 de Dezembro do mesmo ano, o diaconado no dia 26 de Março de 1855 e no dia 2 de Junho do mesmo ano o presbiterado. Foi admitido a fazer os seus votos na festa do Sagrado Coração de Maria no dia 26 de Agosto de 1885. Fundou a missão de Capagombe (Moçâmedes 1866), o Seminário de Santarém ou do Congo, a missão de Lândana (25 de Julho de 1873) juntamente com o Irmão Fortunato Engel, onde foi primeiro Prefeito Apostólico desde a fundação da missão até a 23 de Outubro de 1877. Faleceu no dia 24 de

²⁵ Manuel Nunes Gabriel, *Angola Cinco Séculos de Evangelização* (Braga: Literal Sociedade Editora Limitada, 1978), 150-152.

²⁶ António Brásio, Congregação do Espírito Santo, *Centenário da Missão de Lândana* (Lisboa: Gráfica Santelmo, Lda., s. ed., 1973), 5-6.

Agosto de 1888 com 58 anos de idade na festa de São Bartolomeu no Loango, Congo Brazzaville.²⁷

Por conseguinte, salientamos os dados biográficos:

O padre António Maria Hipólito Carrie (1842-1904) nasceu em Proprières, diocese de Lyon a 10 de Fevereiro de 1842. A 10 de Maio de 1866 foi admitido às ordens menores e ao subdiaconado. Iniciou o noviciado em Outubro de 1866. No dia 15 de Junho de 1867 recebeu a ordenação das mãos do Monsenhor Boutonnet recentemente ordenado bispo de Guadalupe.

Desembarcou em Luanda no dia 5 de Novembro de 1869. Depois de ter explorado Lândana e o litoral e perante as enormes dificuldades do governo português em relação com os missionários franceses. Regressou a sua terra natal, França. Repartindo novamente para a África explorando Banana e diversos pontos da costa africana.

Em 23 de outubro de 1877, o padre Duparquet, atingido gravemente pela anemia de palustre, confiou a Missão ao padre Carrie. Dirigiu a Prefeitura do Baixo Congo Português, desde 1877 até à nomeação como Vigário Apostólico de Loango, em 26 de dezembro de 1886. Monsenhor Carrie faleceu com 62 anos de idade, no Loango, em 13 de outubro de 1904.²⁸

A propósito do Irmão Fortunato descobrimos a seguinte informação biográfica:

«... O Irmão Fortunato fez a sua profissão religiosa em 1856. Foi afectado no Escolasticado de Paris. Emitiu os votos perpétuos no dia 8 de Junho de 1862. Recebeu a obediência novamente para a terra africana. Desta vez foi para a fundação da Missão de Lândana juntamente com o padre Duparquet. No dia 25 de Julho de 1873, chegaram a Lândana. Nesta missão se dedicou com todo o zelo até à sua morte.» O padre Pascoal Campana escreve: «...O bom e querido irmão Fortunato Engel partiu para o céu. É bom para ele, mas é uma pena para nós. Ele era um dos fundadores da Missão de Lândana. Foi um trabalhador infatigável... *In memoria aeterna erit justus... Moriatur anima mea morte justorum, ámen...*». Faleceu a 19 de Janeiro de 1889.²⁹

Com a fundação da Missão, a 25 de julho de 1873, Lândana passou a ser a sede da Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português, o centro de irradiação do Cristianismo, no século XIX. Foi aqui que começou a segunda evangelização. Os missionários partiram de Lândana para ir fundar as Missões de Luali, Cabinda (atual Paróquia Imaculada Conceição), Malanje, Libolo, Lucula Zenze, etc.... Os antigos alunos da Missão de Lândana

²⁷ In «Biographies», *Bulletin Général de la Congrégation du Saint Esprit*, 218 (1905), 128-134; Briault Maurice, «La reprise des Missions d'Afrique au dix-neuvième siècle», *Le Vénérable Père François Marie Paul Libermann* (1946), 464; cf. J. I. Nkulu Butombe, *La question du Zaïre et ses répercussions sur les juridictions ecclésiastiques (1865-1888)* (coll. *Recherches africaines de théologie*. Travaux de la Faculté de Théologie Catholique de Kinshasa, 8), 1982, 30-31.

²⁸ In *Bulletin Général de la Congrégation du Saint Esprit*, 218 (1905), 128-134; cf. Briault Maurice, «La reprise des Missions d'Afrique au dix-neuvième siècle», *Le Vénérable Père François Marie Paul Libermann* (1946), 464; cf. Cândido Ferreira da Costa, *Cem Anos dos Missionários Espiritanos em Angola (1866-1966)* (Nova Lisboa: s. ed., 1970), 33-56.

²⁹ In «Nécrologie», *Archives Générales, Congrégation du Saint Esprit* (1900), 179-182.

cantavam um cântico, hoje completamente esquecido das novas gerações, cuja letra era «*Lândana, a Missão mãe de todas as missões*»!

1.2.2. Seminário de Lândana (1879)

O fundador da Missão de Lândana, padre Carlos Victor Aubert Duparquet (1830-1888), desde o primeiro dia da existência da Missão, pensou logo num seminário para formação do clero africano. Os arquivos dão-nos a melhor informação acerca da fundação do seminário:

O Concílio de Trento, a Congregação da Propaganda Fide, as Constituições e Regulamentos da Congregação, as cartas do Venerável Padre, faziam uma obrigação de reunir num Seminário aqueles que têm vocação sacerdotal e isso mesmo foi o que determinou os Padres da Missão de Lândana a fundar o Seminário no começo do ano escolar de 1879, em 20 de Outubro, e separar dos outros rapazes aqueles que estavam destinados a frequentá-lo, e que para o ensino superior se seguiria o sistema adoptado em Roma e na Irlanda, por causa do pessoal muito restrito da Missão. Uma das coisas que adoptaram no Seminário de Lândana foi a leitura pública dos seminaristas, maneira fácil de os ensinar a ler, de lhes tirar o acanhamento, e de poupar em certo modo o professorado.³⁰

Sempre na leitura dos arquivos, os primeiros seis anos da existência do seminário são muito bem narrados nas crónicas, que nos oferecem informações fidedignas deste seminário, fundado no século XIX.

Em 1879 os estudantes da Missão de Lândana repartiam-se em três categorias: A *primeira* era a dos *latinistas*, que formavam o embrião do pequeno Seminário do Congo, e que não passavam de seis. Para estas vocações, recomendava-se a propósito, importa ir com prudência e sem pressas. A *segunda* categoria era de alunos catequistas ou professores, para auxiliares das escolas, e a *terceira* de pequenos da escola primária, ocupados especialmente em trabalhos agrícolas, que tanto repugnam à raça negra, a que se aplicavam durante 5 horas diárias.

Em Setembro de 1885 a principal obra da missão de Lândana era ainda a dos rapazes, divididos agora em 4 categorias. A primeira de São José, frequentava a escola primária, a de Santo Isidoro, dos que se aplicavam aos trabalhos agrícolas, que era a segunda, a terceira de noviços e postulantes-irmãos, e, finalmente, a quarta constituída pelos seminaristas.³¹

Não foi somente o padre Brásio que escreveu sobre o Seminário de Lândana. O padre Cândido Ferreira Costa, no seu livro publicado por ocasião do centenário da chegada dos Padres Espiritanos a Angola faz também referência ao seminário de Lândana:

Frequentaram o Seminário de Lândana, de 1879 a 1936, oitenta aspirantes ao sacerdócio. O primeiro foi ordenado a 17 de Dezembro de 1892 e chamava-se Luís de Gourlet, mestiço, filho de um francês que trabalhava em Lândana. Pouco durou o seu ministério, pois veio a falecer a 2 de Janeiro de 1895. Foi depois ordenado o P. Celestino Mahonde e seguiram-se-lhe mais seis.³²

³⁰ António Brásio, Congregação do Espírito Santo, *Centenário do Seminário de Cabinda* (Braga: Gráfica Santelmo Lda., s. ed., 1979), 5.

³¹ Brásio, *Centenário do Seminário de Cabinda*, 3-4.

³² Cândido Ferreira da Costa, Congregação do Espírito Santo, *Cem Anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola* (Nova Lisboa: s. ed., 1970), 75.

1.2.3. Missão de Luali (fundada em 1890 e encerrada em 1922)

Depois da Conferência de Berlim (1884-1885), os missionários espiritanos ficaram somente com duas estações missionárias: Lândana e Mpinda.³³

A Missão francesa era uma questão a estudar. Portugal começou, pouco a pouco, a pôr superiores portugueses, à frente das missões do Enclave de Cabinda. Iniciou um novo capítulo na história da evangelização de Cabinda.

Perante a nova situação político-religiosa, criada pela Conferência de Berlim, os missionários espiritanos não desanimaram. Lançaram-se para o interior da floresta a fim de erguerem mais uma nova estação missionária. O local que foi escolhido, dentro do território do *Congo-português*, é o Luali, onde fundaram a Missão, a 20 de maio de 1890.

É o distrito do Luali o maior dos distritos do Congo Inferior. Tem 180 km de norte a sul e 126 de leste a oeste. Percorri-o em todas as direcções, diz o P. Maugen, que nos transmitiu todas as informações. A parte norte é sem contestação a mais povoada. Tem pelo menos 125 aldeias algumas das quais parecem já pequenas cidades. Sobressai entre todas Nganga, residência do Chefe Kuta Ntanga, que nos confiou a educação dos seus dois filhos.³⁴

Os padres Cirilo Moulin, Leão Darnal e o Irmão Aimédée foram os missionários escolhidos para fundarem a nova estação. Era o primeiro subposto missionário de Lândana. O padre Cirilo Moulin nasceu a 18 de abril de 1864, em Saint-Jean-des-Bois, pequena comuna da Normandia. Entrou com 18 anos no Seminário da Congregação do Espírito Santo, onde fez os estudos filosóficos e teológicos. Foi nomeado para fundar a Missão do Luali. Dirigiu o trabalho do derrube de árvores, do arroteamento do terreno e das primeiras construções, em material pouco durável. Ergueu duas casas de madeira: uma residência para os missionários, outra residência-dormitório com duas salas de aulas para os alunos internos. Faleceu no dia 10 de Junho de 1948.³⁵

O padre Leão Darnal nasceu em São Paulo D'Elburgues, perto de Moissac, diocese de Montanban, no dia 5 de Março de 1862. Fez os estudos primários em Dufort e os secundários em Moissac. Desejoso de abraçar a vida religiosa e missionária foi admitido em Chevilly no dia 14 de Setembro de 1883. Foi ordenado sacerdote em 28 de Outubro de 1888. Professou em 15 de Agosto de 1889. Trabalhou nas missões da Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português nomeadamente de Luali, Lucula Zenze e longamente na missão de Lândana. Faleceu nesta missão em 27 de Novembro 1915, um ano depois do início da guerra mundial.³⁶

³³ A Missão de Mpinda está situada na margem esquerda do rio Congo (Zaire), fora do território de Cabinda, razão pela qual, em Cabinda, depois da Conferência de Berlim, só ficou a Missão de Lândana.

³⁴ In «Distrito de Luali», *Chronica Ecclesiástica e Missionária*, n.º 138 (1905), 363.

³⁵ In «Biographie», *Bulletin de la Province de France*, n.º 42 (Archives CSSP, 1948), 51-53.

³⁶ Maurice Le Mailloux, *Livre du Souvenir, Références aux Notices Nécrologiques (1915)*, n.º 53, 8 (Paris: Congrégation du Saint Esprit, Rue Lhomond, 30, s. ed., 2000).

Acerca do Ir. Amédée, que fez parte da equipa fundadora, não conseguimos obter nenhum dado biográfico. Fizemos buscas nos arquivos dos Padres do Espírito Santo, em Luanda, Lisboa e Paris. Passámos horas e horas nas bibliotecas, mas não obtivemos nenhum resultado. O bibliotecário, em Paris, procurou não nos afligir, dizendo-nos apenas que, se só temos um único nome, é quase impossível encontrar quaisquer dados biográficos, e a situação torna-se ainda mais difícil, quando esse nome nem consta da lista da necrologia dos missionários do século XIX. A última hipótese que nos resta é a de concluir de que possa ter abandonado a vida consagrada, e, então, perde-se o rasto da investigação. Com estas hipóteses, resta-nos apenas manter o registo do nome.

1.2.4. *Missão de Cabinda (1891, atual Paróquia Imaculada Conceição)*

Depois de terem cedido a Missão de Nemlau (Banana), no Estado Independente do Congo Belga, aos missionários belgas scheutistas, os missionários espiritanos vieram a fundar, em substituição, a Missão de Cabinda³⁷, na capital do Congo Português, onde as autoridades civis se queixavam de que não havia nem padres, nem igrejas.

A história da Missão de Cabinda é semelhante à história doutras missões fundadas no último quartel do século XIX. Tudo começou com a escolha do terreno, a sua compra, as primeiras construções de pau-a-pique, mais tarde substituídas pelas de material durável.

O pessoal da missão de Boma desembarcou a 5 de Outubro de 1891 do vapor *Souverain*, nas praias de Cabinda. Por sobre a areia viam-se, quaes cadáveres os restos das casas da missão de Boma, restos lançados aqui e ali sem ordem, sem *symetria* pelo imprevisto das circunstâncias. Alguns dias depois d'este desembarque o Reverendo Sr. P. Campana, Prefeito Apostólico, chegava de Lândana, para procurar um local para a nova missão e um abrigo para os materiais que jaziam na praia. Deram-se muitos passos, até que afinal, uma propriedade particular dos arredores de Cabinda correspondia satisfatoriamente aos fins que se tinham em vista.

A 28 de Outubro de 1891, cumpridas todas as formalidades, o pessoal da nova missão, ia habitar na pequena vivenda do antigo proprietário, que apenas tinha três quartos, de 4 metros cada um.

Em 2 de Janeiro de 1892 começou a construção da primeira casa. A missão, a partir d'esse momento foi sempre progredindo.³⁸

Nesta brevíssima crónica, temos o relato do início da fundação da Missão de Cabinda. O padre Emílio Callewaert, o fundador desta nova estação missionária espiritana

³⁷ Quando os missionários fundaram a Missão de Cabinda, a 29 de outubro de 1891, as atuais fronteiras ainda não estavam definidas no mapa. Somente depois de 1918 foram traçadas as fronteiras, definitivamente. É deste modo que temos Cabinda Missão, Cabinda Enclave (ontem distrito, hoje província), Cabinda capital Cabinda. A Missão, quando comemorou o primeiro centenário (1991), passou a ser chamada Paróquia Imaculada Conceição.

³⁸ In «Missão de Cabinda», *Chronica das Missões*, 7 de outubro de 1899, 498-499; Joaquim Alves Correia, *Civilizando Angola e Congo, os Missionários do Espírito Santo no padroado espiritual português* (Braga: s. ed., 1922), 76-77.

e o Irmão Cassius Troesch, formaram a primeira comunidade espiritana na Imaculada Conceição de Cabinda. O dia 29 de outubro de 1891 foi a data da celebração da primeira missa é a data da fundação.

De origem belga, o padre Emílio Callewaert nasceu em 1856. Começou a sua vida missionária no fim de 1885 com 29 anos de idade no antigo Estado Independente do Congo Belga, precisamente em Boma, no estuário do rio Congo. Ficou em Boma dois anos (1885-1887). Passou um ano em Kwamouht, estuário do rio Kassai (1886). Regressou novamente a Boma (1887-1888). Durante dois anos esteve em Nemlao-Banana, antes de chegar a Cabinda em 1890. Aqui fundou a Missão de Cabinda, Imaculada Conceição, a 8 de Dezembro de 1891. Permaneceu nesta embrionária estação missionária espiritana durante seis anos (1891-1887).³⁹

Irmão Cassius Troesch (1854-1921) nasceu em Knoersheim, Baixo Reno, no dia 1 de Agosto de 1854. Em 1881 fez o seu pedido para ingressar na Congregação dos Missionários do Espírito Santo. A 17 de Novembro de 1881 entrou em Cellule. No dia 19 de Março de 1884 fez a sua profissão religiosa. Passados dois meses em Grand Quevelly partiu para o Gabão em 27 de Maio. Em 1892, o Irmão Cassius seguiu para Cabinda o pessoal de Nemlao.

Trabalhou na Missão de Cabinda desde o início da fundação durante vinte anos como jardineiro, agricultor, cozinheiro, carpinteiro. É co-fundador da Missão de Cabinda (Imaculada Conceição). Depois foi descansar na Abadia de Nossa Senhora de Langounnet em 21 de Janeiro de 1913. Faleceu com 67 anos de idade a 21 de Novembro de 1921.⁴⁰

Com estas breves descrições das missões e dos seus respetivos fundadores está completo o mapa das missões de Cabinda, fundadas antes da Missão do Lucula Zenze: a *primeira* é a Missão de Lândana (1873); a *segunda* é o Seminário de Lândana (1879); a *terceira* é a Missão de Luali (1890); e a *quarta* é a Missão de Cabinda (1891), atual paróquia Imaculada Conceição.⁴¹

1.3. Missões Femininas fundadas, antes da Missão do Lucula Zenze (1883-1893)

A seguir às missões masculinas dos Padres Espiritanos temos as missões femininas das Irmãs de São José de Cluny. As filhas de Ana Maria Javouhey de nacionalidade francesa foram as primeiras europeias a testemunhar o carisma da mulher consagrada, nas terras do Enclave de Cabinda. Fundaram três comunidades: a *primeira*, a Comunidade de São Pedro Claver de Lândana, em 1883; a *segunda*, a Comunidade de Santa Maria do Luali, em 1892; e a *terceira*, a Comunidade de São Sebastião de Cabinda (cidade), em 1893. As três comunidades foram fundadas, quando Cabinda era Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português (1873-1940).

³⁹ In «Biographie», *Mémoire Spiritaine*, n.º 14, 2.º Semestre (2001), 151-173; in *Références aux Notices Nécrologiques, Livre du Souvenir* (Paris: Congrégation du Saint Esprit, 30, Rue Lhomond, 75005, 2000), 26 (BHG), (1938), Mai (1938).

⁴⁰ In BG, t. 30, 524; «Biographie», *Bulletin de la Congrégation*, n.º 375, Novembre (1921), 404.

⁴¹ Cf. *Mapa n.º 4* – Missões de Cabinda (p. 12, Anexos).

1.3.1. Missão de São José de Cluny de Lândana (1883)

Desde a sua chegada, as Irmãs empenharam-se com afinco na educação da rapariga. Os primeiros trabalhos são suficientemente conhecidos: a procura de um bom lugar para erguer a Missão, a terraplanagem, a construção das primeiras casas para abrigar-se do sol abrasador e das chuvas torrenciais, a mudança das primeiras instalações improvisadas para as casas de construção definitiva, o acolhimento das primeiras educandas, a catequese...

As Irmãs de São José de Cluny deram-se de corpo e alma a evangelizar a mulher africana. As crónicas missionárias contêm o relato das atividades dessas bravas mulheres que se consagraram ao Senhor para o bem dos seus irmãos. Desde o princípio, começaram a dar aulas de catecismo, educação moral e religiosa. Quando terminavam a sua formação, iam constituir uma família cristã, como podemos ler neste pequeno trecho:

20 de Janeiro de 1883. Começou com 6 raparigas compradas e duas mestiças dadas, de 3 e 10 anos. Em Dezembro de 1886, o governo português mudava a posição ocupada pelas irmãs contra uma outra mais vasta em relação às necessidades das obras. Construções em plena floresta, ajudadas pelas meninas que cortaram as árvores e os paus, terraplanaram e plantaram mandioca.

Uma jovem religiosa francesa Gervásia de Crucifixo Miguel, recém-chegada à missão foi atingida de febre perniciosa; rezava-se pela sua cura: «Deixai-me morrer, dizia ela, serei mais útil para vós no céu.» Ela sucumbiu e ficou, segundo a sua promessa, uma protectora da obra. Esta obra contava, em 1889, umas 50 raparigas, e, em 1893, eram 112 meninas.

Graças ao catecismo jornalheiro dado as nossas meninas, estas pobres pequenas criaturas apreciam a bondade da vida cristã, elas estão agarradas à missão e amam as irmãs. Muitas delas são apóstolas dos seus parentes. Desde 1891, em dois anos, temos 60 meninas baptizadas, para nós é uma grande consolação.⁴²

1.3.2. Missão de São José de Cluny de Luali (1892)

As Irmãs de São José de Cluny, depois de terem fundado a Missão de Lândana, não ficaram por ali. Procuraram estender a sua ação pastoral a outras áreas. A partir de Lândana, foram fundar, em Angola, Moçâmedes (1885), Huíla (1887), Lubango (1888) Caconda (1892) e Luali, no Enclave de Cabinda (1892). Dois anos depois de os padres terem empreendido todos os esforços para a ereção do Luali, as Irmãs de São José de Cluny não tardaram também em vir para esta seara.

Tais foram os princípios na nossa missão de Luali, que depois tem progredido constantemente. Hoje temos 123 crianças que educamos. É difícil arrancar a estas tenras almas todas as ideias supersticiosas e habituá-las a levar uma vida ordenada e de trabalho. Mas a paciência triunfa a todas as dificuldades: pouco a pouco as crianças afeiçoam-se à missão e sentem-se felizes.⁴³

⁴² In «Missão de Luali», *Chronica ecclesiastica*, março, 143 (1883), 330.

⁴³ In «Missão São José Lândana», *Chronica das Missões*, in *Portugal em África*, n.º 85, janeiro (1901), 25-30.

1.3.3. *Missão de São José de Cluny de Cabinda (1893)*

Depois de enormes esforços despendidos para a fundação da Missão de Luali, as filhas de Ana Maria Javouhey prosseguiram com a ereção das estações missionárias. No ano seguinte, foi a Comunidade de São Sebastião em Cabinda (cidade), pertinho da Missão masculina de Cabinda (Imaculada Conceição), fundada a 27 de janeiro de 1893.

A Missão Feminina de Lândana foi a primeira fundada, em 20 de janeiro de 1883, 10 anos depois da fundação da Missão masculina de São Tiago Maior de Lândana. Foram quatro as fundadoras: Irmãs Emiliana Duval, Conrado Lorée, André Marty e Heremberta Cosson. Na crónica desta Missão afirma-se que elas chegaram a Cabinda (cidade), a 27 de janeiro de 1893.

Depois de dez anos de trabalho e de privações de toda a espécie, esta missão desenvolveu-se duma maneira inesperada e muito consoladora. Bem atribuída à intercessão dos operários evangélicos que sucumbiram no serviço. A citar entre estas generosas vítimas da devoção., Irmã Margarida do Santo Espírito dos Reis, de Covilhã. Ela assistiu aos inícios da fundação, meteu-se a trabalhar com coragem e amava de todo o seu coração a sua vida de missionária. (...). Uma febre hematúrica prostrou-a inopinadamente. Todos os meios foram empregados para salvá-la da morte, mesmo na transferência a Lândana. Deus queria esta bela alma para ele, ela respondeu sorridente ao seu apelo. No seu funeral os oficiais franceses, portugueses e belgas rivalizaram a honra de a levar ao cemitério: esta «Virgem religiosa» segundo a expressão de um deles. Era já a quinta campa.⁴⁴

Como podemos constatar, as Irmãs tudo fizeram para as missões sobreviverem às tempestades da história. Nem todas as missões fundadas singraram. Uma das que não singrou foi a de Luali, fundada em 1892. As irmãs retiraram-se de Luali, definitivamente, em 1913, deixando, na refrega, a campa da Irmã Vicente que aí falecera.

Se visitarmos hoje o local onde estava situada a Missão de Luali é difícil encontrarmos vestígios das instalações, pois a casa que construíram era de material pouco durável. Tudo ficou completamente destruído. As pessoas idosas ainda se recordam do sítio onde se encontrava a casa das Irmãs.

A primeira e a terceira Missão de São José de Cluny celebraram o centenário: Lândana (1883-1983) e Cabinda-Imaculada Conceição (1893-1993). Durante os cem anos daquelas duas comunidades, que sobreviveram às tempestades da história, numerosas irmãs, europeias e africanas, testemunharam o carisma desta benemérita congregação, acolhendo crianças órfãs e pessoas necessitadas. As suas casas foram e continuam a ser hospícios do bom samaritano. São as comunidades religiosas mais antigas.

As quatro missões masculinas e o seminário, assim como as três missões femininas de São José de Cluny, são os antecedentes históricos. Depois deste panorama missionário

⁴⁴ In «Fundação da Missão», *Chronica Ecclesiastica e Missionária*, n.º 143, março (1893), 31.

a nossa atenção agora é a Missão do Lucula Zenze. A sua fundação também foi precedida de três viagens de exploração.

1.4. Viagens de Exploração, antes da fundação da Missão do Lucula Zenze (1891-1893)

A Missão de Lândana, fundada em 1873, foi o ponto de irradiação para a fundação doutras missões, em Cabinda e em Angola, consoante afirmamos. Foi desta Missão que partiram os missionários para a fundação da Missão do Lucula Zenze, vinte anos depois (1893). Porém, antes da fundação, os missionários fizeram três viagens de exploração da região, a fim de encontrarem o melhor local que reunisse as condições para a ereção duma estação missionária.

1.4.1. Primeira Viagem de Exploração (27 julho 1891)

A primeira viagem de exploração da região foi a 27 de julho de 1891, a segunda, em novembro do mesmo ano e a terceira, em janeiro do ano seguinte. O padre Pascoal Campana, Prefeito Apostólico do Baixo Congo Português, e o padre Pedro Paulo-Paulus, missionário em Lândana, acompanhados pelo seminarista Luís Barros Lutete, viajaram, pela primeira vez, de Lândana, por via fluvial, até ao Zenze, com a finalidade de escolher o local para a ereção da futura estação missionária. Percorreram de lés-a-lés toda a área.

Ao escrevermos a história das missões do século XIX devemos recordar que estamos na época da disputa do território africano pelas potências europeias. A Conferência de Berlim começa em novembro de 1884 e termina em fevereiro de 1885. Ao terminar, deixa a África repartida como um bolo. Na altura em que foi realizada a primeira viagem de exploração (27 de julho de 1891), tinham-se passado seis anos, depois da Conferência. Por esta razão, o primeiro local escolhido para a viagem, perto da povoação designada *Nzila Nzambi (Caminho de Deus)* foi abandonado, pois, tinha passado a pertencer ao Estado Independente do Congo Belga, atual República Democrática do Congo.

1.4.2. Segunda Viagem de Exploração (novembro de 1891)

Decorridos quatro meses, em novembro de 1891, o padre Pedro Paulo-Paulus, que participou na primeira viagem e o padre Paulo Frankoual, diretor do Seminário de Lândana, puseram-se novamente a caminho para mais uma viagem de estudo da região.

Na fundação das missões ainda não havia estradas. A via utilizada foi sempre a fluvial. Subiram o rio Chiloango, passaram pelo rio Lucula até à confluência do rio Zenze, seu afluente. É por esta razão que se deve chamar Missão do *Lucula Zenze* e não *Zenze do Lucula*. O Zenze é um afluente do rio Lucula. No registo, é a Missão do Lucula Zenze.

O desembarque foi na margem chamada *Londo-li-Mamanya* (*Margem da Pedrinha*), pertinho da povoação de Mambuku Balenda. Aqui, visitaram o chefe da aldeia. Percorreram novamente toda a planície onde se encontra atualmente a estação missionária. Porém, não determinaram o local da ereção.

1.4.3. Terceira Viagem de Exploração (12 janeiro 1892)

Depois da celebração da festa do Natal de 1891 e a do Novo Ano de 1892, o padre Pedro Paulo-Paulus e o padre Cirilo Moulin, fundador e superior da Missão de Luali, fizeram a terceira viagem, para se inteirarem novamente da região. Percorreram a região pela terceira vez de lés-a-lés. Apreciaram a beleza da planície. Ficaram com boas e excelentes impressões, tanto do terreno como da vegetação da região na época chuvosa. Regressados a Lândana, a capital política e religiosa da época, a saúde do padre Pascoal Campana inspirava cuidados. Teve de se ausentar para Europa a fim de se tratar. Com a ausência do confrade, o pessoal missionário ficou reduzido, e a decisão de fundar a Missão, mais uma vez, foi adiada. Somente depois da equipa estar recomposta é que foi tomada a decisão da fundação da Missão.⁴⁵

1.5. Crónica da Fundação da Missão do Lucula Zenze (18-6-1893)

Nota da Redação: Esta narrativa da fundação da Missão do Lucula, publicada em *Missões de Angola e Congo*, de julho de 1926, foi transcrita de um «velho caderno esfarapado e quase ilegível, escrito em francês e que data dos primeiros dias da Missão. Sem a possibilidade de outra escolha, transcrevemos o artigo na íntegra:

... O padre Pascoal Campana regressou da Europa. O padre Pedro Paulo-Paulus é o protagonista das três viagens de exploração. Passados 18 meses, um ano e meio, (Janeiro 1892 - Junho 1893), no dia 12 de Junho de 1893, o padre Pedro Paulo-Paulus e o irmão Straton Wieder embarcaram definitivamente para a fundação da estação missionária espiritana que erigiram sob a invocação de Nossa Senhora das Vitórias do Lucula. Foram estes os dois pioneiros da ereção da Missão. O Irmão Pothin, que os acompanhou, regressou a Lândana.

Depois de dois dias de viagem chegaram à povoação de Mambuku Balenda. Como o dia estava a declinar só tiveram tempo de limpar um lugarejo a uns 500 ou 600 metros da actual missão onde pernoveram.

Chegados ali os dias seguintes foram dias de idas e vindas e de corridas aqui e acolá procurando estrategicamente o melhor lugar. Finalmente abrigaram-se todos ao pé duma figueira-brava que se encontrava à entrada da missão. À sombra dessa figueira-brava acamparam durante quatro semanas até à fundação da missão a 18 de Junho de 1893.

⁴⁵ Cf. *Fotografia n.º 1*. Placa no local de desembarque dos missionários: «Neste local desembarcaram os missionários fundadores da Missão do Lucula Zenze (12-6-1893)» (p. 14, Anexos).

1893 – 18 Junho – Ereção da Cruz – Fundação da Missão – Nossa Senhora das Vitórias

Três dias depois da chegada fabricaram uma cruz numa grande árvore da floresta como recordação da fundação da missão. Foi à sombra dessa árvore que o padre Paulus celebra a santa Eucaristia e os missionários se reúnem para as orações de manhã e à tarde.

A crónica sobre o Calvário é o melhor testemunho que hoje temos. Transcrevemos-la para compreendermos paulatinamente o crescimento das obras da missão.

1893 – 15 Julho – Nova Residência

Depois de um trabalho árduo de quatro longas semanas abandonaram as tendas onde se abrigaram desde à chegada e cada um ocupou um quarto na nova residência.

Vencida esta primeira etapa prosseguiram com os trabalhos de capinação, aterro, nivelamento do local, derrube de árvores, transporte das árvores da floresta para a sede da missão que a pouco e pouco ia ganhando fisionomia.

1893 – 28 Julho – Primeira visita de confrades

O padre Pascal Campana, Prefeito Apostólico, depois de um mês e meio, veio visitar os confrades. Veio acompanhado com o Irmão Pothin. Foi a primeira visita. A alegria dos nossos fundadores da missão era grande.

1893 – 10 Agosto – Poço de Água

Os trabalhos prosseguiram com toda a normalidade. A visita do padre Pascoal Campana e o Irmão Pothin foi benéfica. Os remadores, que vieram com ele, ajudaram os missionários a cavar o poço. O problema da água era pertinente. A missão está erguida num monte alto e a aridez é de morte.

No dia 10 de Agosto apareceu a primeira gota de água a pouca profundidade. Houve grande ânimo na escavação do poço. E no dia 15 de Agosto Nossa Senhora de Assunção deu-lhes a grande consolação. Apareceu muita água. Deram louvores a Maria! O problema da água ficou resolvido.

1893 – 30 Agosto – Casa dos alunos

Depois de uma obra vem outra. A residência dos missionários com material pouco durável estava concluída. No dia 30 de Agosto iniciaram a construção da casa dos alunos.

1893 – 1 outubro 1893 – Segunda visita de confrades

O padre Léon Darnal, que veio, visitá-los e o padre Paulus, acompanhados de três rapazes, vão a Nzila Nzambi e encontram ainda de pé a cruz que nessa povoação haviam levantado ao chegar. Ficaram satisfeitos!

1893 – 15 Novembro – Chegada do padre Eugénio Bisch a Lucula

No dia 15 de Novembro chegava a Lucula o padre Eugénio Bisch enviado pelo padre Pascoal Campana, Prefeito Apostólico, para coadjuvar o padre Pedro Paulo-Paulus e o Irmão Straton Wieder. O padre Bisch chegou cinco meses depois da ereção da missão. (*Ver fotografia n. 2, p. 15, Anexos.*)

1893 – 25 Novembro – Forno de térmitas

O Irmão Straton Wieder concluiu finalmente o pequeno forno construído com pequenos morros de térmitas.

1894 – 6 Janeiro – Alameda das mangueiras

Os trabalhos de capinação, aterro, nivelamento, derrube de árvores, alinhamento das ruas eram quotidianos. Seis meses depois, no dia 6 de Janeiro de 1894, festa da Epifania, terminaram uma alameda directa da missão à floresta, que será a alameda das mangueiras.

1894 – 15 Agosto – Aumento dos alunos

Decorrido um ano desde a construção da casa dos alunos o número aumentou para quinze no espaço de um ano (Agosto 1893-Agosto 1894).

1894 – 24 Dezembro – Primeiros Baptismos

As atividades dos missionários consistiam mais nos trabalhos duros da construção, nem por isso descuidaram da catequese. No dia 24 de Dezembro, Vigília do Natal, sobre 20 catequizados 8 receberam o sacramento do batismo.

1894 – 29 Dezembro – Regresso da Europa do Irmão Straton Wieder

O Irmão Straton Wieder, que se tinha ausentado duma curta estadia na Europa para restaurar as forças, regressou a Lucula. Trouxe uma grande e formosíssima cruz de Cristo, em ferro fundido, oferta dos cristãos da Europa.

1895 – 1 Julho – Baptismos

Sete meses depois de terem administrado o sacramento do Baptismo aos primeiros 8 catequizados (24 de Dezembro último), no dia 1 de Julho foi a segunda vez que realizou a cerimónia do batismo a várias crianças. O cronista salientou que as crianças foram trazidas pelos próprios pais. Uma nota que manifesta a primeira adesão ao cristianismo.

1895 – 20 Junho – Irmão Hilário no Lucula

O Irmão Hilário e os alunos que vieram de Lândana ajudaram a abrir um caminho até Lucula e erigiram o Calvário.

1895 – 26 Junho – Erecção da Cruz com Santo Cristo

A cruz mede oito metros de altura, uma magnífica peça da melhor madeira da floresta. Transportada aos ombros pelos trabalhadores da floresta até à sede, foi colocada diante da missão donde domina todas as extensas planícies circunjacentes.

1896 – 3 Dezembro – Partida do P. Pedro Paulo Paulus para Europa (03-12-1896)

O padre Paulus, fundador, esteve à frente da missão desde 12 de Junho de 1893 a 3 de Dezembro de 1896, três anos e meio! No dia 3 de Dezembro partiu para Europa. A missão foi confiada à direção do padre Eugénio Bisch...⁴⁶

A crónica dos primeiros três anos da fundação é a melhor fonte escrita que encontramos, ao longo da nossa investigação pelos arquivos. Esta crónica tira-nos todas as dúvidas e esclarece-nos como decorreu a fundação desta estação missionária. É o melhor e o *maior* documento que encontramos sobre a fundação da Missão do Lucula Zenze.

1.6. Restauro do Calvário (1927)

Logo à chegada ao Lucula Zenze, com a decisão de fundar a Missão, a primeira preocupação que os missionários tiveram foi a de levantar uma grande cruz para dizer que obra iam erigir: não era uma obra humana, mas sim uma obra de Deus, Pai, Todo-

⁴⁶ Congregação do Espírito Santo, «Missão do Lucula», in *Jornal Acção Missionária*, ano 54, n.º 627, junho (1993), 4-5.

Podereso, que enviou o seu Filho Jesus Cristo para a salvação dos homens. Eles, os missionários, não passavam de simples mensageiros de Jesus Cristo!

Nas revistas missionárias, nos livros escritos sobre a Missão do Lucula Zenze e, principalmente, nas crónicas eclesiásticas, encontramos referências sobre a história deste calvário:

Quando os padres Campana e Paulus e o seminarista Luís Barros Lutete chegaram pela primeira vez à região do Lucula, a primeira coisa que fizeram foi levantar uma cruz de madeira, junto da povoação chamada Nzila Nzambi, nas margens do rio Lucula, hoje República do Zaire.»

A segunda cruz, feita do tronco duma grande árvore, foi colocada já no lugar da actual Missão, no dia 18 de Junho de 1893, junto duma grande figueira-brava, à sombra da qual o P. Paulus celebrou a Missa durante um mês.

Em 26 de Junho de 1895, a cruz é substituída por uma outra de 8 metros, na qual é colocado um Cristo de tamanho natural, trazido da Europa pelo Ir. Straton.

A 26 de Março de 1927 é restaurado o Calvário já muito danificado pelo tempo. No dia 6 de Dezembro de 1928, o calvário é erguido sobre uma sólida base de cimento, depois de um vendaval o ter derrubado e partido os braços da imagem de Cristo.⁴⁷

1.7. Desmembramento da Zona de Nekuto-Mayombe (1934)

Dia-após-dia, semana após semana, mês após mês e ano após ano, os acontecimentos de ordem política ou religiosa contribuíram para a mudança e o progresso. Foi desta maneira que, da antiga geografia, passamos para a nova.

A primeira geografia da Missão do Lucula Zenze era composta de duas grandes regiões: a *Região Norte*, que abrangia uma média de 30 aldeias da área do Nekuto (Mayombe), e a *Região Sul*, que abrangia a Zona Norte-Leste, também com numerosas aldeias. Com estas duas zonas, a Missão era extensa. Não conhecemos a sua superfície exata, a compreendida entre 1893 e 1934.

A segunda geografia é depois do desmembramento de todas as aldeias da região norte da área de Nekuto (Mayombe). Com este desmembramento, a Missão ficou muito pequena com uma superfície de 750 km², com um povoamento de 30 aldeias. É a actual geografia que conhecemos e a que temos nos nossos dias (1934-1970).

Amputada em mais de metade do seu território, a Missão de Lucula (Zenze), actualmente, não tem mais do que cerca de vinte aldeias. Em 1934, de facto, toda a região de N'Cutou (Maiombe) foi anexada à Missão de Lândana, melhor situada para o ministério deste lado, na sequência da abertura da estrada do Maiombe.⁴⁸

⁴⁷ Arquidiocese de Luanda, *Missões de Angola e Congo*, Ano VI, n.º 7, julho (1926), 153.

⁴⁸ Congrégation du Saint Esprit, «La station de Loucoula», in *Bulletin des Oeuvres*, n.º 856, Juillet-Août, (1954), 535. (Tradução própria.)

1.8. Deslocalização das aldeias, em todo o território de Cabinda (1936)

Desde a fundação da Missão, em 1893, que os missionários visitavam as aldeias através da via fluvial. Chamamos geografia africana porque é aquela que os missionários encontraram. Uma aldeia aqui, outra aldeia acolá...

O governo português empenhou-se na construção das primeiras estradas. A primeira estrada de terra batida, sem merecer o nome de estrada, entre o embrionário centro urbano em crescimento, Cabinda e Lucula Zenze, começou em 1917. Dezanove anos depois, conseguiram traçar as primeiras vias terrestres.

Depois do governo português ter traçado as primeiras estradas de terra batida, em 1936, em todo o território de Cabinda, deu ordens para todas as aldeias, que se encontravam no interior da floresta e da savana, *se deslocarem e se instalarem ao longo das novas vias terrestres*, que tecnicamente, na altura, não mereciam ainda o nome de estradas. A partir do ano da graça de 1936, temos uma *nova paisagem* pelas aldeias, *uma nova geografia*. Com esta nova geopolítica, podemos afirmar que a evangelização entrou numa nova fase na Missão do Lucula Zenze.

1.9. Dos caminhos de fila indiana às estradas de terra batida (1936)

As primeiras estradas eram simples picadas, isto é, caminhos de fila indiana. Não havia nenhuma estrada de terra batida e nem asfaltada. Para a travessia dos rios, primeiramente, eram jangadas, depois, pontes rústicas de troncos de árvores, finalmente, pontes de barras de cimento e ferro. A ponte do rio Fubo teria sido construída em 1917 e a ponte do Rio Chiloango em 1974, que antes eram pontes de simples troncos de árvores. A estrada de terra batida, que parte da cidade de Cabinda, capital, até ao Lucula Zenze, numa distância de 75 km, foi asfaltada somente em 2002.

Desde o início, eram três as personalidades que tinham um meio de transporte: o missionário, o administrador e o comerciante. O missionário ou tinha um *Jeep*, ou uma motorizada designada *Itukutuku*. O administrador tinha um *Jeep* ou uma carrinha. O comerciante é que tinha um camião, onde transportava a sua mercadoria.

Com as novas vias, os missionários passaram a visitar com maior frequência as povoações. Sensibilizaram as povoações, instaladas agora ao longo das vias principais, na campanha de construção de capelas, escolas e novas casas. Os comerciantes começaram a montar as suas lojas e cantinas. O quadro seguinte dá-nos a mínima ideia da distância duma aldeia para outra aldeia.

1.10. Quilometragem, da Missão às aldeias da jurisdição (1936)

- 1.10.1. Do afluente Zenze (fronteira com R.D. Congo) até à sede da Missão: 2 km.
- 1.10.2. Da sede da Missão à aldeia de São Miguel: pouquíssimos passos.
- 1.10.3. Da sede da Missão à aldeia de São José: pouquíssimos passos.
- 1.10.4. Da sede da Missão à aldeia de São João: pouquíssimos passos.
- 1.10.5. Da sede da Missão à aldeia de Fátima: 500 a 700 metros.
- 1.10.6. Da sede da Missão à aldeia de Santo Eugénio: 800 a 1000 metros.
- 1.10.7. Da sede da Missão ao cruzamento da aldeia de Wângulo: 4 km.
- 1.10.8. Da sede da Missão à aldeia de Chindende: 7 km.
- 1.10.9. Da sede da Missão à aldeia de Cunda: 9 km.
- 1.10.10. Da sede da Missão à aldeia de Chinsua: 25 km.
- 1.10.11. Da sede da Missão à aldeia de Chiobo: 15 km.
- 1.10.12. Da sede da Missão à aldeia de Cácata (Biketchi): 18 km.
- 1.10.13. Da sede da Missão à aldeia de Cácata (Luciece): 20 km.
- 1.10.14. Da sede da Missão à aldeia de Ndungo Buba: 23 km.
- 1.10.15. Da sede da Missão à aldeia de Mankhama Nzila: 25 km.
- 1.10.16. Da sede da Missão à aldeia de Njieze: 26 km.
- 1.10.17. Da sede da Missão à aldeia de Nyobo: 27 km.
- 1.10.18. Da sede da Missão à Administração do Tando Zinze: 28 km.
- 1.10.19. Da sede da Missão à aldeia de Tando Zinze: 30 km.
- 1.10.20. Da sede da Missão à aldeia de Chinguilingili: 32 km.
- 1.10.21. Da sede da Missão ao cruzamento da aldeia de Pove: 36 km.
- 1.10.22. Do cruzamento da aldeia de Pove à aldeia de Ntoto Wola: 31 km.
- 1.10.23. Do cruzamento da aldeia de Pove à aldeia de São Pedro Cote: 35 km.
- 1.10.24. Do cruzamento da aldeia de Pove à aldeia de São Paulo Zenga: 40 km.
- 1.10.25. Do cruzamento da aldeia de Pove à aldeia de Macanga Pequena: 40 km.
- 1.10.26. Do cruzamento da aldeia de Pove à aldeia de Macanga Grande: 43 km.
- 1.10.27. Do cruzamento da aldeia de Pove à ponte do rio Lucula: 48 km.

1.11. Zonas Pastorais (A-B-C)

As estradas traçadas em 1936, paulatinamente, ganharam visibilidade. As aldeias, transferidas dos locais onde se encontravam no interior, instalaram-se ao longo das novas estradas. Os missionários com a nova geografia dividiram a Missão do Lucula Zenze em três zonas pastorais: Zona A, Zona B e Zona C.

1.11.1 Zona Pastoral A – Aldeias situadas ao redor da Missão

- Aldeia de São Paulo
- Aldeia de Santo Eugénio
- Aldeia de Fátima
- Aldeia de São João
- Aldeia de São José
- Aldeia de São Miguel
- Aldeia de Wângulo
- Aldeia de Chindende
- Aldeia de Santa Marta (fundada depois do segundo exílio na comemoração do primeiro centenário em 1993)
- Aldeia de Santa Catarina (fundada depois do segundo exílio na comemoração do primeiro centenário em 1993).⁴⁹

1.11.2. Zona Pastoral B – Aldeias situadas na área do interior da Missão

- Aldeia do Cunda
- Aldeia de Mabiala
- Aldeia de Bonde Pequeno
- Aldeia de Bonde Grande
- Aldeia de Thamba
- Aldeia de Ntoto Wola
- Aldeia de São Pedro Cote
- Aldeia de São Paulo Zenga
- Aldeia de Chinsua
- Aldeia de Chinsua Pequena (Mbata Bwala)
- Aldeia de Macanga Pequena
- Aldeia de Macanga Grande
- Aldeia de São José Limano
- Aldeia de Daniel(Centro Comercial)

⁴⁹ As aldeias de Santa Marta e de Santa Catarina são assim designadas, por sugestão do padre Gabriel, que indicou o nome destas padroeiras, em memória das duas primeiras cristãs batizadas na Igreja da Missão do Lucula Zenze, pelos primeiros missionários fundadores. As duas aldeias foram fundadas na comemoração do primeiro centenário da Missão do Lucula Zenze (1893-1993), depois do segundo exílio. Primeiro exílio (1961-1965) e segundo exílio (1976-1989).

1.11.3. Zona Pastoral C – Aldeias situadas ao longo da Estrada Principal

- Aldeia de Chiobo
- Aldeia de Chibula Ngunga
- Aldeia de Cácata (Biketchi)
- Aldeia de Cácata (Luciecie)
- Aldeia de Sina Bumuno
- Aldeia de Makhama Nzila
- Aldeia de Ndungo Buba
- Aldeia de Njieze
- Aldeia de Vúndulo
- Aldeia de Nyobo
- Aldeia do Tando Zinze (Fubo)
- Aldeia de Chinguilingili

1.12. Capelas

Depois das populações saírem do interior da floresta ou da savana, em 1936, segundo a ordem do governo, à medida que se iam instalando ao longo das novas vias, foram construindo as suas residências. Sabemos que «*Roma e Pavia não foram construídas no mesmo dia*». Portanto, quem percorre as nossas aldeias, deve ter em mente que não foi da noite para o dia, que se construíram as capelas, que hoje vemos e visitamos nas nossas povoações. Foi um trabalho lento e paciente. Houve muita sensibilização da parte dos missionários e também compreensão da parte dos cristãos. Como as primeiras capelas das aldeias não passavam de simples alpendres e os bancos, simples troncos de árvores, apoiados nas extremidades, os missionários fizeram uma grande campanha para os cristãos construírem os seus templos para adorar o seu Deus, Criador do Céu e da Terra. A construção de capelas, nas aldeias, não foi uma obra fácil. Foi uma autêntica batalha para as primeiras gerações convertidas ao cristianismo, tendo em consideração a falta de boa vontade de muitos cristãos. Porém, perante essa falta de boa vontade, os missionários não se deixaram abater pelo desespero. Encorajaram os cristãos para a construção de novas capelas, conforme podemos ler nesta citação:

Depois de tantos trabalhos e insistências, os nossos cristãos se convenceram de que têm péssimas capelas e de que precisam de fazer outras, novas, e mais apresentáveis. Um ano e meio de sacrifícios já está coroado com adobes em quase todos os povos e com linda verba de 9.000 angolares, cotas dos cristãos para essas capelas.⁵⁰

⁵⁰ Arquidiocese de Luanda, «Capela do Povo-Cácata», in *Jornal O Apostolado*, Ano IX, n.º 439, 8 de julho (1944), 3.

A campanha para a construção de capelas em todo o território de Cabinda foi publicada no jornal, no dia 8 de julho de 1944, portanto, quatro anos depois da assinatura da *Concordata e do Acordo Missionário*. Depois desta frutuosa campanha, os missionários colheram os frutos, com a inauguração das capelas, construídas de adobes nas décadas de 1950-1960.

Fizemos imensas buscas para saber as datas em que cada capela foi benzida e inaugurada. Encontramos apenas as datas de duas (Cácata e Chinguinguili). A terceira, Chinsua, conseguimos as informações sobre a sua bênção e inauguração nas entrevistas aos cristãos dessa aldeia e das aldeias vizinhas.

1.12.1. Capela de Cácata (1945)

Está quasi concluída a capela do Povo-Cácata, que se fica devendo ao grande esforço do nosso amigo Reverendo padre Joaquim Martins, que tem feito vários estágios, no povo de Cácata.

Também vão ficar concluídas, por todo este ano, as obras da nova capela do Povo de Chinguinguili. O Senhor padre Joaquim Martins emprega todo o seu dinamismo, a sua boa vontade e o seu zelo como bom Ministro de Deus, na dilatação do reinado social de Jesus Cristo entre as populações.⁵¹

1.12.2. Capela de Cácata (1946)

A nova capela da povoação de Cácata, há pouco concluída, foi solenemente benzida por Sua Excia. Reverendíssima Senhor Arcebispo de Luanda, a quando da visita pastoral.

Além dos Reverendos Padres José Bernardo Troesch, Joaquim Martins e Herculano Lopes de Oliveira, assistiram ao acto o Exmo. Administrador de Lândana e o Sr. Chefe do Posto de Tando Zinze e enorme multidão de nativos. Os europeus da vizinha também acorreram em grande número.

As cerimónias foram abrilhantadas pela presença dos seminaristas de Lucula Zenze que executaram com muita perfeição os cânticos litúrgicos. No fim dos actos religiosos realizou-se o almoço ao ar livre em que tomaram parte todos os europeus presentes.⁵²

1.12.3. Capela de Chinsua (1956)

Não encontramos nenhuma crónica sobre a inauguração da capela do Chinsua. Porém, todos os naturais desta povoação assim como os cristãos das aldeias vizinhas (Macanga Pequena, Macanga Grande, São Pedro Coti, Mabiala, Cunda, Chindende e Wângulo) confirmaram-nos, unanimemente, que a capela do Chinsua, dedicada a Santa Terezinha do Menino Jesus, foi benzida no dia 15 de agosto de 1956. O padre Bernardo Vieira Melo (1909-1960), então Superior da Missão do Lucula Zenze, foi o missionário que se

⁵¹ Arquidiocese de Luanda, «Capela Povo-Cácata», in *Jornal O Apostolado*, Ano XI, n.º 550, 24 de agosto (1946), 3.

⁵² Arquidiocese de Luanda, «Capela Povo-Cácata» in *Jornal O Apostolado*, Ano XI, n.º 550, 24 de agosto (1946), 3.

dedicou de corpo e alma na construção deste templo. Os leigos, Fernando Tubi (1917-1969) e João Batista Bunvo Lelo (1918-1999), o primeiro pai do padre Barnabé Lelo Tubi (ordenado em 1980) e o segundo pai do padre João Maria Futi (ordenado em 1989), foram as principais colunas, que se destacaram tanto nos trabalhos da construção como no acolhimento dos missionários nas visitas pastorais.

Escrevemos sobre estas três aldeias por termos encontrado as datas de inauguração das capelas. Não somente estas aldeias. Todas as aldeias da Missão do Lucula Zenze têm capelas. Infelizmente, não encontramos as datas de inauguração de cada capela.

1.13. Padroeiros

À medida que os missionários foram fundando as catequese, visitando-as com frequência, as novas aldeias, ao longo das principais vias, iam designando o padroeiro de cada uma.

Passemos, zona por zona, na designação da cada um.

1.13.1. *Padroeiros das aldeias da Zona Pastoral A*

– Aldeias situadas ao redor da Missão

– Padroeiro da aldeia de São Miguel	São Miguel
– Padroeiro da aldeia de São José	São José
– Padroeiro da aldeia de São João	São João
– Padroeira da aldeia de Fátima	Nossa Senhora de Fátima
– Padroeiro da aldeia de São Paulo	São Paulo, Apóstolo
– Padroeiro da aldeia de Santo Eugénio	Santo Eugénio
– Padroeira da aldeia de Santa Marta	Santa Marta
– Padroeira da aldeia de Santa Catarina	Santa Catarina
– Padroeiro da aldeia de Wângulo	São Francisco Xavier
– Padroeira da aldeia de Chindende	Santa Maria

1.13.2. *Padroeiros das aldeias da Zona Pastoral B*

– Aldeias na área do interior da Missão

– Padroeira da aldeia de Cunda	Nossa Senhora das Vitórias
– Padroeiro da aldeia de Mabiala	São Luís Gonzaga
– Padroeira da aldeia de Chinsua	Sta. Teresinha do Menino Jesus

- Padroeiro da aldeia de Mbata Bwala Santo António de Lisboa
- Padroeiro da aldeia de Zenga São Paulo
- Padroeiro da aldeia de Macanga Pequena São Tiago Maior
- Padroeira da aldeia de Macanga Grande Nossa Senhora de Fátima
- Padroeiro da aldeia de Limano São José, Operário
- Padroeiro da aldeia Centro Daniel Santo António de Lisboa

1.13.3. *Padroeiros das aldeias da Zona Pastoral C*

– Aldeias ao longo da Estrada Principal

- Padroeiro da aldeia de Chiobo São Miguel Arcanjo
- Padroeiro da aldeia de Chibula Ngunga Santo António de Lisboa
- Padroeiro da aldeia de Cácata (Biketchi) Sta. Teresinha do Menino Jesus
- Padroeira da aldeia de Cácata (Centro) Nossa Senhora de Fátima
- Padroeiro da aldeia de Ndungo Buba São João Evangelista
- Padroeira da aldeia de Sina Bumuno Nossa Senhora das Vitórias
- Padroeiro da aldeia de Mankhama Nzila São Mateus
- Padroeira da aldeia de Njieze Santa Maria
- Padroeiro da aldeia de Fubo São José
- Padroeira da aldeia de Vúndulo Nossa Senhora das Vitórias
- Padroeira da aldeia de Nyobo Santa Maria da Graça
- Padroeiro da aldeia de Tando Zinze Sagrado Coração de Jesus
- Padroeiro da aldeia de Chinguinguili Cristo Rei

1.13.4. *Padroeiros das aldeias mistas (católicos e protestantes)*

- Padroeira da aldeia de Pedro Coti São Pedro e Capela Protestante
- Padroeiro da aldeia de Ntoto Wola Sto. António e Capela Protestante
- Padroeira da aldeia de Thamba Sta. Cecília e Capela Protestante

1.13.5. *Festas dos padroeiros nas aldeias*

Desde a fundação da Missão do Lucula Zenze que a festa do padroeiro de cada aldeia nunca passou despercebida. Apesar da carência total dos meios de transporte, desde o início que os missionários se esforçaram para marcar presença em cada aldeia no dia da festa do santo padroeiro, a fim de incentivar a sua devoção. Nas aldeias, estas festas sempre foram celebradas com zelo e fervor.

1.14. Aldeias protestantes

1.14.1. Aldeia de Caio Congo	Capela Protestante
1.14.2. Aldeia de Bonde Pequeno	Capela Protestante
1.14.3. Aldeia de Bonde Grande	Capela Protestante

1.15. Escolas

O ensino profissional na Missão, como a mecânica, a carpintaria, a serralharia, a agricultura e o trabalho manual, foram as atividades mais acentuadas. Todos aqueles que frequentaram as escolas da Missão aprenderam a ler e a escrever, a rezar e a cantar, a trabalhar para o seu próprio sustento, a fim de saírem da condição de mendigo para a autossustentabilidade.

O ensino nas aldeias era o prolongamento da escolarização, a partir da Missão. Aqueles que faziam a 4.^a Classe na Missão eram nomeados para ensinar nas aldeias. É nosso dever reconhecer que alguns pais acolheram com entusiasmo a mensagem de enviar os filhos para a escola. Compraram cadernos, lápis e ardósia para o filho ir à escola. Foi uma campanha considerada do mundo novo. Normalmente, enviavam somente um filho, o do sexo masculino. Os outros ficavam em casa com os pais para aprenderem os trabalhos de lavoura.

Nessa batalha não devemos esconder que houve pais que negaram, totalmente, enviar os seus filhos para a escola. Opuseram-se, claramente, ao ensino europeu para não perderam a cultura tradicional, segundo argumentavam eles. Não enviaram nenhum filho para a escola. Ficaram, completamente, à margem da civilização europeia.

Também devemos salientar que muitas mães recusaram que a filha fosse à escola apresentando a desculpa de que ninguém ficaria a cuidar do recém-nascido, enquanto ela estivesse a trabalhar na lavoura. O problema é o seguinte. Na Europa, os pais deixam os filhos na creche, mas, na nossa África de Cabinda, é a criança mais crescida, que fica a tomar conta do recém-nascido, ou do seu irmãozinho ou da sua irmãzinha de menor idade, enquanto a mãe vai trabalhar.

Mau grado a oposição de alguns pais e de algumas mães, os padres espiritanos intensificaram a batalha contra o analfabetismo nas visitas pastorais. Em 1993, participámos no Congresso Internacional de História, Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas, em Lisboa, onde apresentámos uma reflexão intitulada «A Segunda Evangelização do Congo-Angola, 125 Anos de Cristianismo (1866-1991)». Nessa reflexão, registamos o cântico no qual se reconhece o trabalho feito pelos missionários no campo do ensino. Aqui o reproduzimos:

*Yassa Mimpelo, Muna tsi Congo!
Nginu kadi wassa kazaba nkanda!
Imbila! Tu imbila!
Nginu Kadi Wassa, kazaba nkanda!*

Senão fossem os padres, na terra do Congo
Ninguém saberia ler e escrever
Cantemos! Cantemos!
Ninguém saberia ler e nem escrever!⁵³

Depois da eclosão da guerra colonial, em 1961, o governo português acordou do sono do desenvolvimento das aldeias e intensificou a rede da escolarização nas aldeias. Por esta razão, em todas as aldeias, a onda da escolarização estava no auge nas décadas de 1960-1970.

O projeto CALABUBE, do Governo Distrital, a nível de todo o Enclave de Cabinda, foi o maior programa da era colonial para o desenvolvimento de todas as aldeias de Cabinda, iniciado em 1972, e apenas foi interrompido pelo 25 de Abril de 1974, consoante podemos constatar na crónica do então governador João António Pinheiro:

A 28 de Abril de 1972, reuni com os sobas, os regedores e os chefes das povoações e apresentei-lhes o Plano, no seu livro *Desafios de uma vida*. A sigla CALABUBE integra as primeiras sílabas dos quatro concelhos do Distrito: Cabinda, Lândana, Buco-Zau e Belize. Era um **Plano Integrado** e trienal na história de Cabinda. Pretendia-se um vasto desenvolvimento sócio-económico, com actuações, entre outros, nos sectores da saúde, da educação, da agricultura, da pecuária, das comunicações, do abastecimento de água e de electricidade, do artesanato e do turismo.

O Plano prosseguiu. Habitações, escolas, hospitais, e centros de saúde, campos de futebol, infraestruturas de abastecimento de água, foram massivamente construídas, num total de cerca de 300 obras. Foram também abertas e asfaltadas 113 quilómetros de estradas que assumiram uma importância civil e militar.⁵⁴

Foi um projeto que teve a duração de apenas dois anos. Fora deste projeto não se vislumbrou mais nenhum sinal para o progresso das populações de Cabinda, em geral, e da Missão do Lucula Zenze, em particular.

Conclusão

No fim do primeiro capítulo ficamos a conhecer os antecedentes históricos da Missão do Lucula Zenze: a Missão de Lândana (1873), o Seminário de Lândana (1879), a Missão de Luali (1890), a Missão de Cabinda em 1891 (atual Paróquia Imaculada Con-

⁵³ Barnabé Lelo Tubi, «A Segunda Evangelização do Congo-Angola, 125 anos de Cristianismo (1866-1991)», in *Congresso Internacional de História*, Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas, vol. IV, Missionação: Problemática Geral e Sociedade Contemporânea, Atas (Braga: 1993), 137-140.

⁵⁴ João António Pinheiro, *Os desafios de uma vida* (Lisboa: Digital XXI, Edição Soluções Gráficas Lda., 2010), 21-22.

ceição), a Missão de São José Cluny de Lândana (1883), a Missão de São José de Cluny de Luali (1892) e a Missão de São José Cluny de Cabinda (1893).

As viagens de exploração para a escolha do local da ereção da Missão foram ao todo três: a primeira, em 27 de julho de 1891; a segunda, em novembro do mesmo ano; e, finalmente, a terceira, em 12 de janeiro de 1892. A crónica revelou a verdadeira história da fundação da Missão do Lucula Zenze, que não é outra senão essa que nós lemos nos arquivos dos Padres Espiritanos, em Paris, casa-mãe e, em Lisboa, na Casa Provincial dos Padres Espiritanos, através das crónicas, boletins e diversos artigos.

Destacamos a primeira visita do Prefeito Apostólico do Baixo Congo Português, que os missionários fundadores receberam e que ficou marcada e sublinhada na história da fundação, em 1900. Na altura, o Prefeito Apostólico, residente na Missão de Lândana, era como se fosse o prelado. Tinha autoridade de transferir os sacerdotes de uma Missão para outra, organizar o retiro dos sacerdotes, velar pela boa conduta moral dos sacerdotes e enviá-los a Europa ou para gozo de férias ou para cuidados médicos, porém, não podia ordenar um sacerdote. Só podia apresentar o candidato às ordens do diaconado e presbiterado.

O desmembramento das aldeias da zona norte, Nekuto-Mayombe, em 1934, e a deslocalização de todas as aldeias em Cabinda, em 1936, alteraram profundamente a geografia da Missão. Na altura da fundação, a Missão era extensa. Depois do desmembramento, passou a ser a mais pequena das missões de Cabinda, com 750 km² e uma média de 30 aldeias.

As três zonas pastorais (A, B, C) são o exemplo do espírito da organização. A fundação da Missão e das comunidades cristãs, nas aldeias, assim como a construção de capelas e escolas foram batalhas que os missionários travaram com fé, paciência e perseverança, entre a pobreza e o desinteresse de certos cristãos. Porém, passados quase cem anos, as obras resistiram aos ventos destruidores.

CAPÍTULO 2

PADRES ESPIRITANOS MISSIONÁRIOS NA MISSÃO DO LUCULA ZENZE (18-6-1893)

Introdução

Neste segundo capítulo dedicamo-nos ao estudo do conhecimento de todos os missionários, padres e irmãos da Congregação do Espírito Santo, que trabalharam nesta Missão, de 1893 a 1970. O objetivo do nosso estudo é a de conhecermos os países donde vieram, os seminários onde foram formados, a data em que cada um chegou à Missão, o tempo que cada um permaneceu na Missão, quando é que se retirou da Missão, a atividade pastoral desenvolvida por cada missionário, em particular, e de todos os missionários, em geral.

2.1. Padres da Congregação do Espírito Santo (1893-1970)

As crónicas eclesásticas são as nossas melhores fontes que temos para conhecer os dados biográficos dos nossos missionários e a sua atividade pastoral. As transferências nelas registadas fornecem-nos todo o dinamismo missionário. No caso dos nossos missionários do Lucula Zenze constatamos o movimento pastoral da atividade pastoral, não numa missão, mas em várias missões. Um sacerdote esteve algum tempo nesta Missão, outro esteve mais tempo noutra missão e assim por diante.

2.1.1. P. Pedro Paulo Paulus (1860-1901) – francês

O padre Pedro Paulo Paulus é o fundador da Missão do Lucula Zenze e o Irmão Straton Wieder o co-fundador. O padre Paulus, originário de Bitché, nasceu a 17 de Fevereiro de 1860. Fez os seus estudos no Colégio Eclesiástico de Lorraine. Frequentou o Seminário de Metz. Desde da morte de sua mãe ele queria ser missionário. Deste modo no dia 15 de Agosto de 1889 fez a sua profissão e recebeu a obediência para a Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português. Durante quatro anos foi primeiramente ecónomo na Missão de Lândana (Outubro 1889-Junho 1893). Com a fundação da Missão do Lucula Zenze foi nomeado primeiro superior (12 Junho 1893-3 Dezembro 1896).⁵⁵

2.1.2. P. Eugénio Bisch (1869-1910) – francês

Eugénio Bisch nasceu em Boeorsch, Baixa Alsácia, a 15 de Setembro de 1869, o último de uma família de 10 irmãos (...). Recebidas as ordens de subdiaconado,

⁵⁵ In «Biographies», *Bulletin Général de la Congrégation du Saint Esprit*, n.º 181, Mars (1901), 430-431; cf. Archives CSSP, «Biographies Spiritaines», tome IV (1909-1911), 319-331.

diaconado e presbiterado chegou a Lucula Zenze a 18 de Novembro de 1893, com 24 anos de idade, seis meses depois da construção da missão (18 Junho 1893-18 Novembro 1893). Juntamente com o padre Pedro Paulo-Paulus organizou a Missão do Lucula Zenze.

No campo da liturgia lançou as raízes para o primeiro catecismo. O padre Eugénio Bisch não se descuidou de aprender a língua vernácula. Esmerou-se no estudo da língua dos povos de Cabinda que globalmente chamamos *Ibinda* e era designada *Fiote* naquele tempo. Com a ajuda do Irmão Gregório Gomes Eusébio, conhecedor hábil da língua, redigiu o manual de orações (*Buka Nsambu*). Foi impresso com o patrocínio do seu irmão Bisch, pároco de Olternwille. Faleceu no Consultório do Dentista na extracção do dente a caminho da sua terra natal, a 20 de Maio de 1910.⁵⁶

2.1.3. P. Leão Darnal (1862-1915) – francês

O padre Leão Darnal nasceu em São Paulo D'Elburgues, perto de Moissac, diocese de Montanban, no dia 5 de Março de 1862. Fez os estudos primários em Dufort e os secundários em Moissac. Desejoso de abraçar a vida religiosa e missionária foi admitido em Chevilly no dia 14 de Setembro de 1883. Foi ordenado sacerdote em 28 de Outubro de 1888. Professou em 15 de Agosto de 1889. Trabalhou nas missões da Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português nomeadamente de Luali, Lucula Zenze e longamente na Missão de Lândana. Faleceu nesta missão em 27 de Novembro 1915, um ano depois do início da guerra mundial.⁵⁷

2.1.4. P. Henrique Aucopt (1868-1930) – francês

O padre Henrique Aucopt nasceu no dia 9 de Junho de 1868 em Commentry, sede do cantão industrial do Departamento d'Aller, situado, ao pé do Massivo Central. Entrou no Mestrado de Commentry onde começou os seus estudos secundários. Fez os estudos filosóficos no Seminário Maior e a partir do primeiro ano de teologia começou a corresponder com Monsenhor Filipe Próspero Augouard. Foi admitido em Chevilly no dia 11 de Agosto de 1888. Ingressou no Noviciado. Recebeu a ordenação sacerdotal no início do Advento. No dia 10 de Agosto de 1891 fez a consagração ao apostolado. Depois de uma breve estadia em Luanda foi transferido para a Prefeitura Apostólica do Congo Português na sua sede em Lândana. Daqui foi ajudar o padre Eugénio Bisch na instalação da Missão do Lucula Zenze. Faleceu na Huila no dia 25 de Novembro de 1930 com 62 anos de idade.⁵⁸

2.1.5. P. José Carrer (1870-1921) – francês

O padre José Carrer nasceu em Ploerdut no dia 21 de Abril de 1870. Começou os seus estudos literários em Beauvais com 14 anos. Em Outubro de 1892 ingressou no Curso de Filosofia na Abadia de Langounnet. Teve dois anos de estágio: um em Merville, outro em Beauvais. Professou no dia 2 de Janeiro de 1898. Foi ordenado sacerdote no mês de Março de 1899. Enviado para a Prefeitura do Baixo Congo Português trabalhou sucessivamente nas estações missionárias de Lândana, Luali, Lucula Zenze e, novamente de Lândana e, finalmente, Missão de Cabinda (Imaculada Conceição). Esteve mais tempo nestas duas missões e apenas um mês missão de Luali. Faleceu nesta cidade costeira africana a 8 de novembro de 1921 com 51 anos de idade.⁵⁹

⁵⁶ In «Biographies», *Bulletin Général de la Congrégation du Saint Esprit*, n.º 181, Mars (1901), 430-431; cf. Archives CSSP, *Biographies Spiritaines*, tome IV (1909-1911), 319-331.

⁵⁷ Maurice Le Mailloux, n.º 53 (1915), 8, *Livre du Souvenir, Références aux Notices Nécrologiques, Congrégation du Saint Esprit*, 30, Rue Lhomond, 75005 (Paris: 2000), 32.

⁵⁸ In «Biographies», *Bulletin Général de la Congrégation du Saint Esprit*, tome 35 (1913), 397-400; cf. Congrégation du Saint Esprit, *Livre du Souvenir, Références aux Notices Nécrologiques, Congrégation du Saint Esprit*, 30, Rue Lhomond, 75005 (Paris: 2000), 15.

⁵⁹ In «Biographies», *Bulletin Général de la Congrégation du Saint Esprit*, n.º 378, Février (1922), 519-521.

2.1.6. P. Aleixo Savary (1871-1939) – francês

Não conseguimos apurar a data de nascimento, a filiação, a nacionalidade, os seminários onde se formou. Porém, para sabermos que foi membro da Congregação dos missionários do Espírito Santo o seu nome figura na lista dos missionários do Distrito Religioso de Luanda. Trabalhou nas Missões de Lândana e de Lucula Zenze. Faleceu com 68 anos a 25 de Dezembro de 1939.⁶⁰

2.1.7. P. José Kuentz (1880-1944) – alemão

O padre José Kuentz nasceu a 9 de Janeiro de 1880 em Uffhoz-Elsass. Desde pequeno iniciou os seus estudos em França. Depois de ter concluído foi ordenado sacerdote a 18 de Outubro de 1900 com 20 anos de idade Chevilly. No ano seguinte, a 27 de Julho, fez a sua consagração ao apostolado. Em 1906 foi transferido para Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português tendo sido colocado na Missão do Lucula Zenze, onde se adaptou com facilidade. Faleceu em Liberville no dia 27 de Julho de 1944 com 64 idade.⁶¹

2.1.8. P. João José Alves (1883-1926) – português

O padre João José Alves nasceu em Vila Cova a 23 de Março de 1883. Frequentou o seminário menor de Formiga onde vestiu o hábito religioso a 19 de Março de 1900. Fez o noviciado em Chevilly tendo professado no dia 2 de Outubro de 1905. Regressou a Portugal. Foi ordenado sacerdote em 1911. Trabalhou durante 13 anos nas missões do Congo Português: em Lândana como professor do seminário e procurador, na missão de Cabinda, na missão de Luali, na missão de Belize (Mayombe) e na Missão do Lucula Zenze. Faleceu vítima da febre biliosa no dia 11 de Fevereiro de 1926 em Lândana.⁶²

2.1.9. P. Henrique Gross (1884-1967) – francês

O padre Henrique Gross nasceu em Pfaffenhoven a 23 de Outubro de 1884. Fez os estudos humanísticos em Paris e formou-se em Knechtsteden. Fez a consagração ao apostolado no dia 11 de Julho de 1917. Em 1919 foi indigitado para a Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português. Chegou a Luanda a 4 de Janeiro de 1920. Trabalhou durante sete anos em Lândana (1920-1927), sete anos no Lucula Zenze (1927-1935), durante um ano ausentou-se de licença graciosa, sete anos na Missão de Cabinda, actual Paróquia Imaculada Conceição (1935-1942) e sete anos em Luanda (1942-1949). O seu apostolado foi muito frutífero.

No Lucula Zenze incrementou a catequese na Missão e nas aldeias, restaurou a gruta de Nossa Senhora de Lurdes e o Calvário e construiu a actual igreja, inaugurada por Monsenhor Faustino Moreira dos Santos a 26 de Fevereiro de 1933. A construção da igreja de 36 metros de comprimento, 10 de largura e 6 de altura foi orientada pelo Irmão Ludwig (Alberto Rottiger). Faleceu no dia 12 de Agosto de 1967 em Blotzheim com a bela idade de 83 anos.⁶³

⁶⁰ Seminário Maior de Luanda, in *Aurora*, Revista do Seminário de Luanda, Ano XV, n.º 38, Abril-Junho (1961), Missionários do Distrito Religioso de Luanda, 70-76.

⁶¹ In «Biographies», *Bulletin Général de la Congrégation XXIX (1939-1946)*, 485; Congrégation du Saint Esprit, *Livre du Souvenir, Références Aux Notices Nécrologiques*, Congrégation du saint Esprit, 30, Rue Lhomond, 75005 (Paris: 2000), 62 (RMD).

⁶² In «Biografias», *Boletim da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo*, n.º 431, julho (1926), 716-718.

⁶³ Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé, *Boletim Eclesiástico de Angola e S. Tomé*, Ano VII, Janeiro-Dezembro (1967); «Biografias», n.ºs 139-142 (175-178), 58; Missionário da Congregação do Espírito Santo, in *Jornal Acção Missionária*, Ano 27, 335, (novembro, 1967), 2.

2.1.10. P. Lúcio Casimiro dos Anjos (1879) – português

O padre Lúcio Casimiro dos Anjos nasceu a 3 de Setembro de 1879, Sambade, Concelho de Moncorvo, diocese de Bragança (Portugal). Formou-se nos seminários da Congregação (Colégio da Formiga no Porto (1895-1901), os estudos filosóficos em Braga (1902-1904) e os estudos teológicos em Chevilly-Larue, Paris, França (1904-1907). Professou em Orly, França, em Outubro de 1902, tendo sido ordenado sacerdote a 28 de Outubro de 1906. Fez a consagração ao apostolado em 1907 e nesse ano embarcou para Angola. Trabalhou nas missões da Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português, nomeadamente, na Missão do Lucula Zenze (1907-1909), Missão de Lândana (1909-1916) e nomeado Superior da Missão do Cabinda (1917-1935). Como superior desta missão foi fazer os votos perpétuos em Lândana em 1918, sede da Prefeitura Apostólica do Baixo Congo. Regressou a Portugal e incardinou-se na diocese de Bragança em 1949.⁶⁴

2.1.11. P. Faustino Moreira dos Santos (1885-1955) – português

O padre Faustino Moreira dos Santos nasceu em São Miguel da Gândra, diocese do Porto, no dia 29 de Maio de 1885. Fez os estudos secundários, as humanidades e o curso de filosofia no Seminário da Formiga. Entrou no noviciado dos Irmãos de Sintra a 16 de Outubro de 1906. Começou o Curso de Teologia em Carnide e foi concluí-lo em Chevilly onde foi ordenado a 29 de Outubro de 1909.

No mês de Julho de 1911 partiu para Angola. Monsenhor Le Roy enviou em 1913 para a Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português onde em 1919 sucedeu ao padre José Joaquim de Magalhães. Antes de estar à frente da Prefeitura trabalhou na Missão do Lucula Zenze. O padre Faustino Moreira dos Santos esteve 22 anos (1919-1941) à frente da Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português. No dia 21 de Janeiro de foi nomeado bispo de Cabo Verde. Faleceu no dia 26 de Julho de 1955 no Hospital Egaz Moniz em Lisboa com 70 anos de idade.⁶⁵

2.1.12. P. António Rodrigues Pintassilgo (1888-1959) – português

O padre António Rodrigues Pintassilgo nasceu na Covilhã a 17 de Março de 1888. Fez a sua profissão religiosa a 29 de Setembro de 1909, em Sintra, e os votos perpétuos, em 1923, em Braga. Foi ordenado sacerdote a 1 de Abril de 1911, em São Sulpício.

Partiu a 25 de Setembro do ano da sua ordenação para as missões e foi colocado no Vicariato Apostólico do Congo Francês, no Loango. Em Outubro de 1912 foi transferido para o Vicariato Apostólico do Baixo Congo Português sendo nomeado para a Missão de Luali. Depois de 10 anos de actividade nesta missão (1912-1922) saiu desta extinta missão para a Missão do Belize (Mayombe) de que foi fundador. Colocou a missão sob a protecção do seu santo homónimo, Santo António. Faleceu a 31 de Janeiro de 1959, com 71 anos de idade.⁶⁶

2.1.13. P. Filipe Grilo Misseno (1891-1915) – português

Foram três os irmãos de sangue Misseno. O primeiro, Manuel Misseno (1891-1964), nasceu em 1891 faleceu com 73 anos de idade em 12 de Março de 1964. O

⁶⁴ Ficha Biográfica, Caixa n.º 677, Pasta 6 (1949), do Arquivo da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo, Lisboa.

⁶⁵ Missionário da Congregação dos Espiritanos, «Biografias», *Boletim da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo*, II Série, n.º 40, Janeiro-Fevereiro, (1959), 650-652; Amadeu Gonçalves Martins, *Espiritanos Egitanenses na Segunda Evangelização* (Guarda: Casa Veritas Editora, Lda., 2010), 64-65.

⁶⁶ In «Biografias», *Boletim da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo*, II Série, n.º 40, Janeiro-Fevereiro (1959), 650-652; cf. Amadeu Gonçalves, Martins *Espiritanos Egitanenses na Segunda Evangelização* (Guarda: Casa Veritas Editora, Lda., 2010), 64-65.

segundo, Filipe Grilo Misseno (1891-1915), nasceu também em 1891. Eram gémeos. Trabalhou nas Missões do Enclave de Cabinda: Lândana, Cabinda e Lucula Zenze. Faleceu em Lândana no dia 4 de Maio de 1915 com 24 anos de idade. O terceiro, Álvaro Grilo Misseno (1900-1924) nasceu em Covilhã. Frequentou o seminário da Formiga (Ermezinde). Com a revolução de 1910 os superiores da Congregação do Espírito Santo retiraram todos os candidatos de Portugal e albergaram-nos num cantinho da cidade de Zamora na Espanha. Faleceu no dia 22 de Dezembro de 1924 com 24 anos de idade. Era irmão do padre Filipe Misseno falecido no Congo Português.⁶⁷

2.1.14. P. Arnaldo Nunes Baptista (1891-1954) – português

O padre Arnaldo Nunes Baptista nasceu a 28 de Junho de 1891 na Freguesia de Ferreira, Concelho de Paços de Ferreira. Desde 1905 a 1910 frequentou o Seminário das Missões da Formiga em Ermezinde. Com o encerramento das casas religiosas em Portugal ingressou no Noviciado de Chevilly onde a 11 de Novembro de 1911 emitiu a sua profissão religiosa. Depois de ter feito os estudos filosóficos e teológicos em Chevilly foi ordenado sacerdote a 28 de Outubro de 1916 com 25 anos de idade. Fez a consagração ao apostolado a 2 de Julho do ano seguinte.

Enviado para a Prefeitura do Baixo Congo Português trabalhou sucessivamente nas Missões de Cabinda: Imaculada Conceição (1919-1922) e Lucula Zenze (1922-1925). Regressado a Europa doente e extenuado faleceu a 25 de Março de 1954 com 63 anos de idade.⁶⁸

2.1.15. P. Juliano Noll (1895-1963) – francês

O padre Juliano Noll foi ordenado de presbítero em 1924. Fez a consagração ao apostolado no ano seguinte em Chevilly. Destinado para a África foi destinado para as missões de Angola e Congo.

Trabalhou com muito zelo nas missões de Belize (Mayombe), Lândana e Lucula Zenze (1925-1950). Na Missão do Lucula Zenze exerceu as funções de superior da missão e de reitor do seminário que ali funcionou. Foi procurador das Missões do Espírito Santo em Luanda (27 de Maio de 1950 a 22 de Março de 1958).⁶⁹

2.1.16. P. Alberto Philippi (1900-1975) – francês

O padre Alberto Philippi nasceu em Lichtemberg, no dia 15 de Dezembro de 1900. Estudou em Saverne, professou em Neufgrange (1921), depois em Chevilly, onde recebeu a ordenação sacerdotal, em 1925. Foi professor em Blotzheim, durante quatro anos, e enviado para o Distrito Religioso de Luanda. Passou os quarenta e cinco últimos anos da sua vida no Enclave de Cabinda, quatro em Santo António do Zaire, catorze na Missão de Santo António do Belize (Mayombe), um em Santo António do Zaire, treze na Missão do Lucula Zenze e treze em Lândana.

Doutorado em Música Gregoriana formou uma verdadeira escola que assimilou a música gregoriana na área do Lucula Zenze. Depois do seu regresso de férias da Europa depois de 1961 veio encontrar a sua Missão do Lucula Zenze despovoada. Ajudou o povo refugiado na República Democrática do Congo a regressar às aldeias queimadas pelos soldados portugueses. Defendeu o povo das injustas acusações perante as autoridades portuguesas.⁷⁰

⁶⁷ Arquidiocese de Luanda, *Missões de Angola e Congo*, Ano V, n.º 1, janeiro de (1925), 23-24; cf. *Bulletin Général de la Congrégation du Saint Esprit*, tome 23 (1905), n.º 218, 134.

⁶⁸ In «Biografias», *Boletim da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo*, n.ºs 28 e 29, janeiro a junho de 1954, 193-197; in «Biografias», *Acção Missionária*, Ano XV, n.º 173 (1954), 6.

⁶⁹ In «Références Aux Notices Nécrologiques», *Livre du Souvenir*, Congrégation du Saint Esprit, 30 Rue Lhomond, 75005 (Paris: 2000), 82; e Cândido Ferreira da Costa, *Cem Anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola (1866-1966)* (Nova Lisboa: s. ed., 1970), 82, 83, 84, 96.

⁷⁰ In «Biographies», *Province et Mission*, n.º 21, Outubro 1975, 96; «Références Aux Notices Nécrologiques», *Livre du Souvenir*, n.º 21, Congrégation du Saint Esprit, 30, Rue Lhomond, 75005 (Paris: 2000), 87 (PM);

2.1.17. P. Luciano José Júlio Scherring (1904-1971) – francês

O padre Luciano José Júlio Scherring, filho de Nicolas Scherring e de Marguerite Steimar, nasceu em Saverne, Alsácia, no dia 17 de Janeiro de 1904. Fez os estudos secundários na Escola Apostólica de Saverne, a filosofia em Mortain e a teologia em Chevilly. Concluiu o Noviciado em Orly a 17 de Setembro de 1923. Fez os votos perpétuos na Congregação do Espírito Santo no dia 27 de Outubro de 1927. Foi ordenado de presbítero em Chevilly no dia 28 de Outubro de 1928 com 24 anos de idade. Foi professor no Seminário de Saverne no seu primeiro ano de sacerdócio. Enviado para as missões de Angola foi também professor no Seminário de Galangue em 1931 e em Maio reitor. A 24 de Fevereiro de 1935 acumulou os cargos de Reitor do Seminário e Superior da Missão de Galangue (1931-1937), procurador da Província da França (1948-1949), procurador em Benguela (1949-1959). Foi missionário na Missão do Lucula Zenze, onde trabalhou com o padre Alberto Philippi na década de 1960.⁷¹

2.1.18. P. Agostinho Esteves Pinheiro (1907-1966) – português

Primeiramente Irmão Auxiliar das Missões e depois sacerdote de Cristo para sempre, o padre Agostinho Esteves Pinheiro nasceu na Freguesia de Caria, Concelho de Belmonte, a 9 de Março de 1907.

Fez os estudos nos seminários da Congregação do Espírito. Interrompeu-os com 24 anos de idade em 1931. Foi para Portugal como Irmão Auxiliar das Missões. Regressado a Portugal concluiu os estudos. A 8 de Outubro de 1939 com 32 anos de idade foi ordenado de presbítero em Viana do Castelo. Mais tarde foi transferido para o Seminário de Malanje. Desta missão para a do Lucula Zenze. Depois da licença em 1960 foi colocado na Missão da Ilha de Cazanga. Neste centro missionário faleceu repentinamente a 27 de Dezembro de 1966.⁷²

2.1.19. P. Adriano da Rocha (1907-1986) – português

O padre Adriano da Rocha nasceu a 5 de Janeiro de 1907 em Recarei, Concelho de Paredes. Fez a profissão religiosa na Congregação do Espírito Santo em Orly, França, com 20 anos de idade. Toda a formação foi feita nos seminários da Congregação do Espírito Santo.

Enviado para as missões em 1935 trabalhou nas Missões de Santo António do Zaire, Tomboco-Ambrizete e Salazar, hoje Ndalatando. No Enclave de Cabinda foi missionário em Lândana, Cabinda (Imaculada Conceição) e Lucula Zenze. Foi um dos professores do Seminário do Lucula Zenze transferido de Lândana em 1936. Faleceu com 79 anos a 24 de Abril de 1986 na Torre d'Aguilha.⁷³

2.1.20. P. Joaquim Martins (1915-2016) – português

O padre Joaquim Martins Alves Pereira nasceu na Freguesia dos Altos Céus, Anta, Espinho, a 9 de Agosto de 1915. Era filho de Crispim Alves Pereira e de Ana de Oliveira Martins. Teve apenas um irmão, que também foi sacerdote missionário, o P. Crispim, falecido em Abril de 2006.

Cândido Ferreira da Costa, *Cem Anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola (1866-1966)* (Nova Lisboa: s. ed., 1970), 96; Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé, *Boletim Eclesiástico de Angola e S. Tomé*, Anos XXXII a XXXV, janeiro de 1972 a dezembro de 1975, Santelmo MCMLXXVIII, p. 469.

⁷¹ In «Biografias», *Boletim da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo*, II Série, 115, Março-Abril (1972), 223-228.

⁷² In «Biografias», *Boletim Eclesiástico de Angola e S. Tomé*, Ano XX (1960-1966), 240-248; Amadeu Gonçalves Martins, *Espiritanos Egitanenses na Segunda Evangelização* (Guarda: Casa Veritas, Editora Lda., 2010), 82-83.

⁷³ In «Biografias» (1986), *Boletim da Província Portuguesa do Espírito Santo*, II Série, n.º 143, Janeiro-Dezembro, 109-110.

Em 11 de Outubro de 1927, entrou no Seminário da Congregação do Espírito Santo em Godim, passando depois para o Fraião. Foi aí que fez o noviciado e professou em 8 de Setembro de 1936. Os votos perpétuos foram feitos em Viana do Castelo em 6 de Outubro de 1939. Aí estudou a Filosofia e a Teologia, mas foi ordenado de presbítero em Braga, no dia 21 de Dezembro de 1940.

Nomeado para a diocese de Luanda, foi colocado no Enclave de Cabinda, na Missão do Lucula Zenze. Por seu intermédio o Governo-Geral de Angola, construiu um posto sanitário e uma escola primária, a que deram o nome do P. Joaquim, como patrono.

Publicou em 1968 o livro «*Sabedoria Cabinda*», editado pela Junta de Investigação do Ultramar e em 1972 e «*Cabindas – Histórias, Crenças, Usos e Costumes*», editado pela Comissão de Turismo da Câmara Municipal de Cabinda.⁷⁴

2.1.21. P. Bernardo Vieira Melo (1909-1960) – português

O padre Bernardo Vieira Melo, filho de José Augusto Melo e de Maria do Carmo do Nascimento, nasceu a 8 de Fevereiro de 1909 na Freguesia de Melo, Concelho de Gouveia.

No dia 1 de Outubro de 1932 ingressou no Noviciado de Orly. Fez a profissão no dia 8 de Setembro de 1933 e iniciou o Curso de Teologia no Seminário de Viana do Castelo (1933-1936). Foi ordenado sacerdote a 5 de Outubro de 1936 no Seminário de Viana. Fez a consagração ao Apostolado no dia 11 de Julho de 1937.

Foi enviado para as missões da Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português. Chegou ao Enclave de Cabinda a 21 de Janeiro de 1938. Foi Vigário paroquial na Missão de Cabinda (fins de 1938 – 11 Abril de 1940), Superior da Missão do Lucula Zenze quando o seminário funcionava neste centro missionário espiritano (Abril 1940-Julho 1944), Superior da Missão de Cabinda (Julho de 1944-Junho de 1952), novamente na Missão do Lucula Zenze (1952-1957) e, finalmente, reitor do Seminário de Cabinda (1957-1960). Vitimado por um endema agudo faleceu no Seminário de Cabinda a 2 de Agosto de 1960 com 51 anos de idade.⁷⁵

2.1.22. P. José Bernardo Troesch (1909-1973) – francês

O padre José Bernardo Troesch nasceu em 1909 na França. Recebeu a formação eclesiástica em Saint Florent de Saverne. No dia 9 de Setembro de 1927 professou em Orly e foi ordenado sacerdote no dia 1 de Outubro de 1933.

Indigitado para as Missões de Angola e Congo trabalhou no Seminário do Lucula Zenze (1936-1947) e depois no Seminário de Cabinda transferido do Lucula Zenze. Foi também missionário nas Missões de Lândana, Belize (Mayombe), novamente Lucula Zenze, Santo António do Zaire, Ambrizete e Tomboco. Escreveu muitos artigos acerca das missões nomeadamente da Missão do Belize (Mayombe), Lucula Zenze, Lândana e sobre os usos e costumes dos povos de Cabinda no *Jornal Acção Missionária* e na *Revista Portugal em África*. Faleceu a 15 de junho de 1973. Repousa no cemitério de Wolxheim.⁷⁶

2.1.23. P. Ildo Aníbal de Jesus e Silva (1924) – português

O padre Ildo Aníbal de Jesus e Silva, filho de Adelino Augusto e Silva e de Felisbela de Jesus Ramos, nasceu a 27 de Novembro de 1924 em Cedovim, Vila Nova de Foz Côa, Distrito da Guarda, diocese de Lamego. Frequentou os seminários

⁷⁴ Congregação dos Padres Espiritanos, «Biografias», in *Jornal Acção Missionária*, Ano 75, n.º 878, abril (2016), 2.

⁷⁵ In *Boletim da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo*, II Série, n.º 50, Setembro-Outubro (1960), 1057-1060; in «Biografias», *Boletim Eclesiástico de Angola e S. Tomé*, Ano XX, janeiro a dezembro de 1960), n.ºs 111 a 114 (147 a 150), 119.

⁷⁶ Arquidiocese de Luanda, «Biografias», in *O Apostolado*, n.º 3008, 19 de abril de (1975), 2.

da Guarda-Gare, Silva, Régua, Fraião (Braga) e Viana do Castelo da Congregação do Espírito Santo. Foi ordenado Subdiácono, Diácono e presbítero em 1951. Fez a profissão religiosa a 8 de Setembro de 1947 em Silva.

Foi enviado para as terras africanas de Angola e depois para o Enclave de Cabinda. Trabalhou primeiramente na Missão de Santo António do Zaire (1952-1954) e depois nas missões do Enclave de Cabinda: Missão de Cabinda, actual Paróquia de Imaculada Conceição (1954-1955), Missão do Lucula Zenze (1955-1956), Missão de Cabinda pela segunda vez (1956-1967) e novamente na Missão do Lucula Zenze (1967-1969).⁷⁷

2.1.24. P. Manuel Marinho Lemos Couto (1938-1999) – português

O padre Manuel Marinho Lemos Couto, filho de José Torreco Rodrigues Couto e de Maria Gonçalves de Lemos, nasceu a 17 de Novembro de 1938, no lugar de Monte-Marinhas, Esposende. Entrou no Seminário das Missões do Espírito Santo em Godim, Régua, em 2 de Outubro de 1951. Fez o Noviciado na Torre d'Aguilha, em São Domingos de Rana, no ano de 1959-1960. Foi ordenado sacerdote em 15 de Agosto de 1965 em Braga.

Em 1969 foi colocado na Missão do Lucula Zenze, onde permaneceu com grande entusiasmo missionário. O padre Marinho Lemos ficou gravado na memória do povo de Lucula Zenze pela paciência que teve em introduzir a devoção da Legião de Maria que até então era desconhecida. Foi no exercício dessas funções que veio a falecer a 31 de Dezembro de 1999.⁷⁸

2.2. Irmãos Auxiliares da Congregação do Espírito Santo (1893-1970)

2.2.1. Ir. Straton Wieder (1866-1899) – francês

Alois Wieder nasceu em Oberdorf (Alta Alsácia) no dia 22 de Novembro de 1866 de pais cristãos, com os quais foi feliz de partilhar os trabalhos do campo até aos 17 anos de idade. Wieder conheceu a Congregação do Espírito Santo através do seu irmão que frequentava o Escolasticado de Chevilly em Setembro de 1884. No mês de Agosto de 1885, o irmão Straton Wieder foi enviado em Portugal ainda como noviço. Fez a sua profissão no dia 29 de Maio de 1887 em Braga sendo superior da Comunidade o padre Eigenmann.

Depois de algum tempo em Sintra e no Porto, a partir dos seus insistentes pedidos, foi enviado para a Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português no dia 8 de Novembro de 1888. Trabalhou nas missões de Lândana, Lucula Zenze e por fim Luali. É co-fundador da Missão do Lucula Zenze.⁷⁹

2.2.2. Ir. Martinho Wieder (1860-1897) – francês

Martinho Wieder nasceu em Dorbac no dia 9 de Novembro de 1860. Professou no dia 27 de Agosto 1887 com 27 anos de idade. No mês de Outubro desse ano partiu para Cunene. Foi enviado para a Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português (Lucula Zenze e Missão de Cabinda). Colocado na Missão de Cabinda, actual paróquia Imaculada Conceição, foi transferido para fundar a Missão do Libolo. Nesta missão faleceu a 30 de Junho de 1897 com 37 anos de idade.⁸⁰

⁷⁷ Ficha Biográfica n.º 181, Caixa n.º 657, Pasta 15, Ano (1946-1947), Arquivo da Congregação Portuguesa do Espírito Santo, Lisboa.

⁷⁸ Missionários do Espiritanos, «Biografias» n.º 112, março (2000), 6-7.

⁷⁹ In «Biographies» n.º 149, Juin (1899), *Bulletin Général de la Congrégation du Saint Esprit*, 103-104.

⁸⁰ In «Biographies» n.º 143, Novembre (1898), *Bulletin Général de la Congrégation du Saint Esprit*, 475-476.

2.2.3. Ir. Quinciano Collin (1865-1939) – français

O Irmão Quinciano Collin nasceu em São Martin-des-Près, diocese de Brieuç, a 30 de Janeiro de 1865. Foi admitido nesta Abadia como postulante. Nesta Abadia fez o Noviciado, emitiu os seus primeiros votos a 19 de Março de 1893 e os votos perpétuos a 11 de Janeiro de 1896.

Aprendeu o ofício de marceneiro, sacristão e organista. Colocado primeiro na Missão do Lucula Zenze foi transferido para a de Lândana, sede da Prefeitura. Nesta missão foi encarregado dos alunos aprendizes de ofícios durante 20 anos.

Sem nenhuma doença caracterizada, faleceu como uma lâmpada sem azeite na sua querida Missão de Mayumba com 74 anos de idade, dos quais 42 anos vividos nas terras africanas do Baixo Congo Português e do Vicariato de Loango a 10 de Março de 1939.⁸¹

2.2.4. Ir. Cassius Huber (1868-1898) – français

O Irmão Cassiano Huber nasceu em Ribeauville (Alsácia) no dia 30 de Julho de 1868. Recebido no Noviciado do Sagrado Coração de Maria, sob a recomendação do pároco desta vila, a 19 de Agosto de 1892, tomou o hábito religioso no dia 20 de Março de 1893. Vítima da febre typhomalariana, faleceu no dia 17 Junho de 1896 com 30 anos de idade.⁸²

2.2.5. Ir. Manuel Gervásio Dantas (1869-1949) – português

1.º Professor primário da Vila Lândana. O Irmão Manuel Gervásio Dantas nasceu em 1869 em Arcos de Valdevez. Com 20 anos de idade, depois da sua formação, chegou a Prefeitura Apostólica do Baixo Congo no dia 8 de Dezembro de 1889 juntamente com os padres Pascoal Campana, mais tarde Prefeito Apostólico, Paulo Frankoual e Manuel da Silva. Por muitos anos exerceu o magistério na escola missionária, no Seminário de Lândana que em 1936 foi transferido para Lucula Zenze. Neste seminário também foi professor. Não era unicamente professor mais também enfermeiro.

Era o decano do pessoal missionário da Arquidiocese de Luanda, contando com a data do falecimento, em 28 de Maio de 1949, 80 anos de idade e 60 de serviço nas Missões de Lândana, Cabinda e Lucula Zenze.⁸³

2.2.6. Ir. Gregório Gomes Eusébio (1874-1930) – português

O Irmão Gregório Gomes Eusébio nome de religião, Joaquim Gomes Eusébio nome da família, nasceu em Navães, cantão da Póvoa de Varzim, diocese de Braga no dia 7 de Maio de 1874. Professou no dia 30 de Setembro de 1894. Foi enviado para a Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português, Enclave de Cabinda, onde chegou a 11 de Junho do ano seguinte. Depois de se ter aclimatado em Lândana foi colocado na Missão do Lucula Zenze, onde esteve durante 24 anos (1895-1919). Quando derrubavam as árvores na construção da Missão de Santo António do Belize (Mayombe), onde tinha sido transferido, uma árvore caiu-lhe por cima e morreu no dia 4 de Novembro de 1930.⁸⁴

⁸¹ In «Biographies» n.º 4 (1939), *Bulletin de la Province de France*, 59-60; «Références Aux Notices Nécrologiques», *Livre du Souvenir*, Congrégation du Saint Esprit (2000), 29 (BPF, n.º 4, 59); e Guy Pannier, *L'Eglise de Pointe-Noire (Congo-Brazzaville)*, *Évolutions des Communautés Chrétiennes de 1947 à 1975* (Karthala: 1999), 13.

⁸² In «Biographies» n.º 139, Juillet (1898), *Bulletin de la Congrégation du Saint Esprit*, 303-304; «Références Aux Notices Nécrologiques», *Livre du Souvenir*, Congrégation du Saint Esprit (2000), 55.

⁸³ In «Biografias» no VII a XII, janeiro de (1947) a dezembro de (1952), *Boletim de Angola e São Tomé*, n.ºs 37 a 72 (73 a 109), 233-234.

⁸⁴ In «Biographies» n.º 498, Février (1932), *Bulletin Général de la Congrégation du Saint Esprit*, 542-543.

2.2.7. Ir. Ludwig Albert Rottiger (1878-1946) – francês

O Irmão Ludwig Rottiger nasceu a 10 de Novembro de 1878 em Eschlohe-Westfalen. Na sua juventude aprendeu o ofício de pedreiro. A partir de 15 de Agosto de 1899 ajudou na reconstrução da Abadia de Knechtsteden como mestre aplicado. No dia 1 de Novembro de 1901, com 23 anos de idade, fez a sua profissão religiosa. Depois participou na construção de Zabern Neuscheuern.

O Irmão Ludovico Rottiger construiu várias paróquias, escolas e igrejas, entre as quais as das missões do Lucula Zenze, Missão de Cabinda (Imaculada Conceição) e Santo António do Zaire. O Irmão Ludovico, juntamente com o padre Henrique Gross, construiu a igreja da Missão do Lucula Zenze em 1932. No início do mês de Outubro foi a Malanje fazer retiro. Regressou com febres altas da Missão dos Bângalas. Acabou por falecer a 26 de Outubro de 1946 nesta missão onde estava colocado.⁸⁵

2.2.8. Ir. António Pereira (1883-1949) – português

O Irmão António Pereira, natural de Águas Santas, Maia, nasceu em 1883. Passou toda a sua vida missionária na Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português. Foi colocado na Missão de Lândana onde chegou em 1911. Desta missão foi transferido para a Missão do Lucula Zenze. Desta foi novamente transferido para a Missão de Luali. Depois da extinção da Missão de Luali (1890-1922) foi trabalhar na recém-fundada Missão de Belize (Mayombe).

No momento que desembarcava vindo da Europa, rumo ao Enclave de Cabinda, prestes a alcançar de novo a trincheira das suas lutas apostólicas, sorridente e com pressas de retomar o trabalho, o Irmão António Pereira faleceu repentinamente a 8 de Janeiro de 1949, oito anos depois da extinção da Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português (1873-1941).⁸⁶

2.2.9. Ir. Inácio Tomás (1911-1992) – português

O Irmão Inácio, do seu nome civil José Gomes Carvalheiro, nasceu em 1911 em Castelo Branco. Professou na Congregação do Espírito Santo em 1937 com 26 anos de idade. Partiu para África e trabalhou nas missões de Angola e nas do Enclave de Cabinda. No Enclave de Cabinda trabalhou na missão fronteiriça do Lucula Zenze, onde foi professor primário. Regressado a Portugal faleceu a 25 de Dezembro de 1992 com 81 anos de idade.⁸⁷

2.2.10. Ir. João Evangelista (1909-1974) – português

Manuel José Ramos, cujo nome religioso era Irmão João Evangelista, nasceu em Rebolosa, Concelho de Sabugal, no dia 20 de Janeiro de 1909. Com 25 anos de idade entrou para Escola Profissional dos Irmãos Auxiliares de Fraião, Braga. Frequentou o Seminário de Cucujães, as oficinas do Outeiro de São Miguel, Guarda. Depois de três anos de formação espiritual professou no dia 8 de Setembro de 1937. Trabalhou na Escola Profissional de Fraião, berço da sua formação religiosa, como padeiro e encadernador. Enviado para Angola trabalhou nas missões de Cacusó (1939-1944), Libolo (1944-1946) e no Enclave de Cabinda nas missões de Cabinda

⁸⁵ In *Bulletin Général de la Congrégation du Saint Esprit*, tome 23, n.º 218 (1905), 134.

⁸⁶ Congregação dos Padres Espiritanos, «Biografias (1883-1949)», in *Jornal Acção Missionária*, Ano X, fevereiro, n.º 110 (1949), 7.

⁸⁷ Congregação dos Padres Espiritanos, «Biografias (1911-1992)», in *Jornal Acção Missionária*, Ano 50, n.º 623, fevereiro de 1993.

(1947-1953) e Lucula Zenze (1953-1959). Faleceu em Lândana, a 26 de Junho de 1947.⁸⁸

2.2.11. Ir. Victor da Paixão (1915-1999) – português

Nasceu em Codoceiro em 1915. Manuel Gonçalves Valente, Irmão Victor na congregação, fez a profissão na Congregação do Espírito Santo em 1939 e os votos perpétuos em 1945. Nesta data partiu para Angola. Trabalhou nas missões de Tomboco, Libolo e Calulo em Angola e nas missões do Enclave de Cabinda na Missão de Cabinda (Imaculada Conceição) e Lucula Zenze. Em 1975 regressou a Portugal. Passou os últimos 24 anos na Torre d'Aguilha (1975-1999). Faleceu a 20 de Fevereiro de 1999.⁸⁹

2.2.12. Ir. Acácio Moraes (1935) – português

Filho de Domingos Rodrigues Moraes e de Maria dos Santos Brás, José dos Santos Moraes, nome da família, Irmão Acácio, nome de religião, nasceu a 30 de Março de 1936 em Almofala, Concelho de Castro Daire, Diocese de Lamego. Entrou na Congregação dos Padres de Espírito Santo, para Irmão Auxiliar, em 1952. Fez a sua Profissão Religiosa a 09-9-1955, no Fraião-Braga. Foi nomeado para o Seminário do Fraião-Braga, em 1958, onde exerceu o trabalho de alfaiate, motorista, ajudante do Ecónomo local; de 1960 a 1963 é nomeado para a comunidade da Torre d'Aguilha e Viana do Castelo, para roupeiro e refeiteiro; em 1962, em Tortoreos-Espanha, presta serviço como refeiteiro. Em 1964 é nomeado para Angola, para a diocese de Luanda, para porteiro; de 1965 a 1978, colocado em Lândana, Cabinda e Lucula Zenze (1967-1978), ajudando em tudo. Volta a Luanda em 1978, para trabalhar na Procuradoria das Missões, até 2.020.⁹⁰

2.3. Nacionalidade dos Missionários Espiritanos do Lucula Zenze

Os primeiros missionários do Lucula Zenze eram da nacionalidade francesa, da Província da Alsácia, consoante podemos verificar nos lugares de nascimento e pelos nomes de origem francesa-alemã dos seus dados biográficos: padres Pedro Paulo-Paulus (1860-1901), Eugénio Bisch (1869-1910), Leão Darnal (1862-1915), Henrique Aucopt (1868-1930), José Carrer (1870-1921), Aleixo Savary (1871-1939), José Kuentz (1880-1944), Henrique Groos (1884-1967), Juliano Noll (1896-1963), Alberto Philippi (1900-1975), Luciano José Júlio Scherring (1904-1971) e José Bernardo Troesch (1909-1973).

A seguir aos padres franceses vieram os missionários de nacionalidade portuguesa: padres Lúcio Casimiro dos Anjos (1879), Faustino Moreira dos Santos (1885-1955), António Rodrigues Pintassilgo (1888-1959), Arnaldo Nunes Baptista (1891-

⁸⁸ In «Biografias» 125 e 126, agosto-dezembro, (1974), 45-46, in *Boletim da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo*; Amadeu Gonçalves Martins, *Espiritanos Egíptanienses na Segunda Evangelização* (Guarda: Casa Veritas Editora, 2010), 38.

⁸⁹ Congregação dos Padres Espiritanos, «Biografias», in *Jornal Acção Missionária*, Ano 60, n.º 690, abril (1999), 2.

⁹⁰ Ficha biográfica n.º 377, Secretaria Provincial da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo (Lisboa: 1955).

-1954), Adriano da Rocha (1907-1986), Bernardo Vieira Melo (1909-1960), Joaquim Martins (1915-2015) e Ildo Aníbal de Jesus e Silva (1924).

O mesmo constatamos com os Irmãos Auxiliares Espiritanos alsacianos: Straton Wieder (1866-1899), Martinho Wieder (1860-1897), Quinciano Collin (1865-1939), Cassius Huber (1868-1898) e Ludwig-Albert Rottiger (1878-1946) e com os Irmãos Auxiliares Espiritanos portugueses: Manuel Gervásio Dantas (1869-1949), Gregório Gomes Eusébio (1874-1930), António Pereira (1883-1949), Inácio Tomás (1911-1992), João Evangelista (1909-1974), Victor da Paixão (1915-1999) e Acácio Moraes (1935).

2.4. Missionários com dados biográficos incompletos

Nas crónicas biográficas investigadas, alguns aspetos são claros, mas outros que mostram uma certa dificuldade de compreensão, pois, nos dados biográficos de alguns missionários, o cronista limitou-se a anotar que tal missionário trabalhou nas missões da Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português (Lândana, Luali, Cabinda, Lucula Zenze e Matembo/Belize), sem indicar o dia, o mês e o ano. Aqui o problema fica mais difícil de saber o ano em que esteve na Missão do Lucula Zenze e o ano em que foi transferido para outra missão. Notificamos alguns casos:

2.4.1. P. Leão Darnal (1862-1915)

Nos dados biográficos do padre Leão Darnal (1862-1915) o cronista não mencionou a data em que ele esteve na primeira e, depois, na segunda Missão.

2.4.2. P. Henrique Aucopt (1868-1930)

A mesma lacuna constatamos na biografia do padre Henrique Aucopt (1868-1930). O cronista não mencionou a data em que esteve na Missão do Lucula Zenze.

2.4.3. P. José Carrer (1870-1921)

Na nótula biográfica do padre José Carrer (1870-1921) não temos nenhuma informação sobre o dia, o mês e o ano em que esteve em cada missão.

2.4.4. P. Aleixo Savary (1871-1939)

Acerca do padre Aleixo Savary (1871-1939) não conseguimos obter nenhum dado biográfico. Encontramos o seu nome somente na lista dos missionários do Distrito Religioso de Luanda com a notícia dos padres que trabalharam nas Missões de Lândana e de

Lucula Zenze, lista essa, publicada na Revista *Aurora*, ano XV, n.º 38, 1961. O cronista não mencionou o dia, o mês e o ano em que esteve nas Missões de Enclave de Cabinda.

2.4.5. P. José Kuentz (1880-1944)

À propósito do padre José Kuentz (1880-1944) o problema é o mesmo. O cronista não escreveu nenhuma data. Apenas mencionou o acontecimento.

2.4.6. P. Juliano Noll (1896-1963)

Acerca do padre Juliano Noll (1896-1963) só se afirma que esteve nas missões da Prefeitura, de 1925 a 1950.

2.4.7. P. Alberto Philippi (1900-1975)

O padre Alberto Philippi (1900-1975) esteve quatro anos em Santo António do Zaire, catorze anos em Santo António de Belize, treze anos na Missão do Lucula Zenze e treze anos em Lândana. Infelizmente, as datas correspondentes não foram assinaladas.

2.4.8. P. Luciano Scherring (1904-1971)

Nos dados biográficos do padre Luciano José Júlio Scherring (1904-1971) o cronista afirma somente que esteve na Missão do Lucula Zenze, em 1961.

Conclusão

Vale a pena investigar. Foi nos arquivos onde encontrámos os dados biográficos dos nossos prezados missionários. Foram ao todo 24 padres e 12 irmãos espiritanos que trabalharam na Missão do Lucula Zenze. Os primeiros missionários vieram das terras da Alsácia (França) e os sucessores, das terras de Santa Maria de Portugal. Todos foram formados na Europa, antes do Vaticano II.

Concluimos, afirmando que nenhum missionário espiritano europeu está sepultado no Cemitério da Missão do Lucula Zenze. A razão é muito simples. Quando o missionário espiritano chegava à idade de aposentação, era transferido para a Missão de Lândana, Missão-mãe, em cujo cemitério estão sepultados os missionários espiritanos e as Irmãs de São José de Cluny, falecidos em Cabinda.

Os últimos missionários espiritanos, que trabalharam na Missão do Lucula Zenze, foram: o padre Manuel Marinho Lemos Couto (1938-1999) e o Irmão Acácio Moraes (1935). O padre Marinho Lemos está na Casa do Pai, enquanto o Irmão Acácio continua a prestar valiosos serviços na Procuradoria dos Padres Espiritanos, em Luanda.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA MISSIONÁRIA DOS PADRES ESPIRITANOS NA MISSÃO DO LUCULA ZENZE (1893-1970)

Introdução

Neste terceiro capítulo procuramos fazer a leitura da metodologia missionária dos Padres Espiritanos na Missão do Lucula Zenze: a construção das infraestruturas, as viagens pastorais dos missionários pelas aldeias, as visitas pastorais dos arcebispos à Missão, os cânticos que entoavam durante as viagens pastorais e na receção aos missionários, nas aldeias, e os cânticos executados na receção aos arcebispos, na Missão.

3.1. Libermann, o africano fundador dos Padres Espiritanos

Todas as congregações religiosas, masculinas e femininas, foram fundadas por homens e mulheres com um carisma. Cada congregação, a partir da linha do seu fundador, marcou os seus discípulos numa determinada linha de ação pastoral. O padre Janeiro Medeiros, missionário espiritano português, deixou-nos notáveis dados biográficos missionários do padre Libermann:

Libermann ouviu também o mandato do Senhor. O que Santo Agostinho foi para a Inglaterra, São Martinho para a França, São Bonifácio para a Alemanha, São Francisco Xavier para as Índias e Japão, Maria da Incarnação para o Canadá e o P. Lebbe para a China, foi-o Libermann para a África.⁹¹

Nas «instruções aos missionários», o venerável Francisco Maria Paulo Libermann, o segundo fundador dos Missionários do Espírito Santo, insistiu muito sobre a santidade dos missionários, como podemos constatar nos primeiros capítulos.

A santidade é vista por ele em relação directa com a missão. «... É a vida de amor e santidade que o Filho de Deus levou na terra, para salvar e santificar as almas, e pela qual se sacrificou continuamente à glória do Pai para a salvação do mundo» (N.D. X, 505)... Logo no primeiro capítulo, artigo 3.º, Libermann declara: «Os Missionários devem, antes de mais, fazer todos os esforços para eles próprios se santificarem...» Esta preocupação pela santidade também é espelhada nas numerosas cartas que Francisco Libermann escreveu aos seus confrades «Aprendeí a ser verdadeiros homens apostólicos (...). Como verdadeiros homens de comunidade, deveis cuidar da vossa santificação e da dos vossos irmãos. Deveis ser homens interiores, homens de oração (L.S. IV, 527).⁹²

⁹¹ Janeiro Medeiros, CSSP, «Libermann e as Missões, em Portugal em África», *Revista de Cultura Missionária*, janeiro-abril (1966), 133-134, vol. XXII, 82.

⁹² Francisco Libermann, *Instruções aos Missionários* (Tadinense: s. ed., 2017), 7-8.

Foi a partir da espiritualidade de Francisco Maria Paulo Libermann, que os missionários espartanos se lançaram na evangelização, nomeadamente, na África e noutros continentes. Na carta de 19 de novembro de 1847, que o Venerável P. Libermann enviou à comunidade dos padres de Dakar e do Gabão afirmou:

Não julguem à primeira vista; não julguem pelo que viram na Europa, pelo que se habituaram a ver na Europa, despojem-se da Europa, dos seus costumes, do seu espírito; façam-se negros com os negros, e julgá-los-ão como devem ser julgados; fazei-vos negros com os negros, para os formar como eles devem ser, não à maneira da Europa, mas deixai-lhes o que é próprio deles; fazei-vos a eles como servos devem fazer-se aos seus senhores, aos costumes, ao tipo e aos hábitos dos seus senhores, e isto para os aperfeiçoar, para os santificar, para os elevar da baixez, e para fazer deles, pouco a pouco, a longo prazo, um povo de Deus. Isto é o que São Paulo chama fazer-se todas as coisas a todas as pessoas, para que ele as possa conquistar todas para Jesus Cristo.⁹³

O P. Ernesto Lecomte (1862-1908), um dos pioneiros da evangelização no Sul de Angola, deixou-nos nos seus escritos o modelo da metodologia missionária. Porém, antes de dizermos algo sobre a sua atividade pastoral, preferimos conhecer um pouco os dados biográficos deste missionário pioneiro, a fim de compreendermos o seu pensamento:

O P. Lecomte nasceu em Mortagne, a 25 de Março de 1862, diocese de Séez, na França. Fez a Profissão Religiosa a 25 de Agosto de 1884 na Congregação dos Padres do Espírito Santo. Chegou a Moçâmedes no fim do ano 1884 na Címbebé. Fundou as Missões de Caconda (10-12-1889), Bié (6/2/1892), Catoco (1888), Bailundo (1895), fundações distanciadas num vasto campo de 1.500 km que vai de Bailundo a Massaca e do Bié à Kwanyama. Faleceu a 9/9/1908. Deixou numerosas obras de entre as quais destacamos:

- *Methodo de Leitura em Português* (Caconda, 1905);
- *Elongiso linputu* – Pequeno Methodo de aprender Português para o uso dos povos Vimbundo (Districto de Banguela);
- *Elongifo Loputu* – Para o uso dos povos Quanhama;
- *Mo Vengia Kulilongença iputu* – Para o uso dos povos Ganguellas e Amboellas;
- *Katékisimu ndi mana a kuli Kalunga* – Pequeno Catecismo em ganguella;
- *Onimbu iolondaka viokoku suku* – O mesmo, em *langue mboundou*;
- *Mo atekula kalunga vantu* – Narrativas do Antigo Testamento (em ganguella);
- *Omo akala posi* – *Omolla na suku Jesu Kilisitu* – Vida de Nosso Senhor Jesus (em mboundou);
- *Cartilha da Doutrina Christã*, em embundu e portuguez.

Todas estas obras, escritas com cuidado, compostas com método formam uma biblioteca para a instrução dos catequistas e dos catecúmenos da sua missão.

Nas revistas missionárias, nos Anais da Propaganda Fide foram publicados muitos estudos e relatórios seus sobre as missões católicas em Angola.⁹⁴

⁹³ Paul Coulon, Paule Brasseur et collaborateurs, *Libermann (1802-1852), Une pensée et une mystique missionnaires* (Paris: Les Éditions du Cerf, 1988), 518. (Tradução própria.)

⁹⁴ Congrégation du Saint-Esprit et du Saint-Coeur de Marie, *Notices Biographiques 1906* (Paris: Maison-Mère, s. ed.), 423-440.

Os dados biográficos do padre E. Lecomte ajudam-nos a compreender a sua atividade pastoral. Foi um missionário que percorreu milhares de quilómetros pelo Sul de Angola. Aprendeu várias línguas vernáculas angolanas.

Escreveu métodos de aprendizagem da língua portuguesa, catecismos em Ovimbundu e em Ganguela, consoante destacamos acima. A partir dos seus dados biográficos, podemos compreender os seus escritos. Um dos escritos é o relatório que ele redigiu para a Sociedade de Geografia de Lisboa, a 22 de dezembro de 1896, sobre a organização da Missão. Foi desse relatório que retirámos alguns extratos da metodologia que os missionários puseram em prática em quase todas as missões:

Missão – Centro de catequese

A missão moderna na África não se limita a uma simples catequese dos povos. A experiência dos séculos passados demonstra que, se se podem conseguir assim resultados admiráveis, como aconteceu no Antigo Reino do Congo (...).

Missão – Instrução religiosa e foco de civilização

A missão deverá constituir não sómente um centro de instrução religiosa, mas além disso um foco de civilização, dando o exemplo e promovendo o desejo e o amor asseio, do arranjo, de um certo estar, que levam por consequência o indígena à aplicação ao trabalho agrícola e industrial, fonte única de onde poderá auferir os recursos indispensáveis, com que supra as novas e legítimas necessidades (...).

Escolha do sítio para a fundação

A escolha do sítio é um dos pontos de maior circunstância. Tomamos em consideração não sómente a salubridade, mas a qualidade e a extensão dos terrenos aráveis, a facilidade de irrigação, os recursos locais para as diversas obras, a abundância e barateza dos produtos do país, procurando até enlaçar o útil com agradável, tais como uum sítio pitoresco, um panorama desenvolvido, sem perder de vista a proximidade de um centro populoso sobre o qual se possa exercer influência.

Horta

Um dos nossos primeiros cuidados é arrotear uma horta, que em pouco tempo nos fornece todos os legumes e hortaliças da Europa; logo em seguida lava-se um campo de trigo, ao mesmo tempo que se trata da criação de galinhas, patos, gansos, coelhos, suínos, etc.

Construções: capela, escola, dormitório, armazéns, oficinas...

Uma vez segura a existência, podemos mais a sério dedicar-nos às construções; importa preparar instalações convenientes, a própria saúde o exige (...).

As casas tem que ser bastante vastas, porque, além da residência dos missionários, são precisas capela, escola, dormitórios, armazéns, oficinas e salas diversas, etc.

Mobílias

Com respeito à mobília, utensílios e material, além dos artigos caseiros, de capela, farmácia, biblioteca e escola, levamos instrumentos de carpinteiro, ferreiro, pedreiro, e ferragens convenientes para as obras.

Pessoal missionário

Vistos os diversos elementos materiais, exigidos para se instalar uma missão, digamos qual deve ser o seu pessoal dirigente; compõe-se pelo menos de dois padres e dois irmãos, acompanhados por seis jovens já educados...

Aldeias cristãs

As raparigas indígenas aproximam-se pouco a pouco... E pedem para aprender a costura e a doutrina... Os rapazes, passados três ou quatro anos na missão, regressam às famílias, continuando geralmente no cumprimento de seus deveres cristãos... Em chegando à idade de se estabelecerem, trata-se de instruir a mulher da sua escolha e de casá-los segundo os ritos da igreja católica... formando novas aldeias cristãs...»⁹⁵

O exemplo da metodologia escrito pelo padre E. Lecomte serviu-nos de guia para fazermos a leitura da metodologia que os missionários puseram em prática na Missão do Lucula Zenze.

3.2. Atividade Pastoral, do Século XIX ao Século XX

Todas as obras das missões começaram com modestas habitações de casas de material pouco durável, diríamos casas rústicas. Devemos recordar que estamos em pleno século XIX. O material de construção, que temos nos nossos dias, não existia, naquela época, nem estradas havia. Elas não passavam de simples caminhos de fila indiana consoante salientamos e as pontes eram simples troncos de árvores, que atravessavam duma margem para outra, com umas tábuas no meio... Agora podemos imaginar e compreender como eram escassos os recursos económicos.

Os missionários espiritanos trabalharam no dia a dia para evangelizar os habitantes de Lucula Zenze, pondo em prática a metodologia missionária, consoante o resumiu D. Eduardo André Muaca, na sua *Breve História da Evangelização de Angola*:

Os missionários da segunda evangelização empregaram um método diferente dos missionários da primeira evangelização. Resumia-se no seguinte:

- Catecumenato intenso e profundo;
- Colaboração dos catequistas;
- Formação de famílias cristãs;
- Criação de aldeias cristãs;
- Catequese intensa em língua indígena;
- Formação do clero diocesano nativo.

Os catecúmenos tinham uma formação que chegava a demorar de 5 a 10 anos. Para os adultos, o baptismo era inseparável do casamento. Nos internatos masculinos e femininos, não só não eram preparados os futuros casais, mas também os catequistas. Estes eram enviados para diferentes aldeias e faziam o apostolado sob a orientação do missionário. O seu trabalho era *kerigmático*, catequético e formativo. O catecumenato abrangia toda a aldeia e chegava a durar dez ou mais anos.⁹⁶

⁹⁵ P. Joaquim Alves Correia, *Civilizando Angola e Congo – Os Missionários do Espírito Santo no Padroado Espiritual Português* (Braga: s. ed., 1922), 82-87.

⁹⁶ Eduardo André Muaca, *Breve História da Evangelização de Angola* (Santarém: CEAST, Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé, Edição da Comissão Episcopal da Cultura, 2001), 104-105.

Foi com esta metodologia que os missionários instruíram o povo do Lucula Zenze na doutrina cristã, na frequência dos sacramentos e, paulatinamente, foram erguendo as infraestruturas como a residência dos padres, a casa dos alunos do internato, as primeiras capelas tanto na sede da Missão como nas aldeias...

3.3. Aldeias ao redor da Missão

Quando os missionários chegaram, não havia nenhuma aldeia nesse local, onde está situada a Missão. João Baptista Mavinga (1935-2015), natural da aldeia de Santo Eugénio, antigo aluno da Missão, informou-nos de que, no momento da fundação da Missão, as povoações estavam situadas ao longo do rio Lucula e do seu afluente Zenze. Eram povoações ribeirinhas, que viviam da agricultura, caça e pesca, nos rios e nas lagoas, que abundam nas duas margens dos referidos rios. Os missionários, depois de fundarem a Missão, deram ordens às populações para se deslocarem dos lugares, onde se encontravam, a fim de se instalarem ao redor da Missão.

À medida que os autóctones se iam estabelecendo ao redor da Missão, os padres procediam à fundação das aldeias cristãs. O padre Pedro Paulo Paulus (1860-1901), fundador, deu o nome à aldeia de São Paulo e o padre Eugénio Bisch (1869-1910), cofundador, deu o nome à aldeia de Santo Eugénio. Os dois missionários fundadores deixaram marcados, na história da Missão, estas duas aldeias com os seus próprios nomes de batismo. E os sacerdotes que vieram depois prosseguiram com as mesmas orientações. E, assim, temos todas as aldeias ao redor da Missão com os nomes de santos: aldeia de São Paulo, aldeia do Santo Eugénio, aldeia de São Miguel, aldeia de São José, aldeia de São João, aldeia de Fátima.

Enquanto todas as aldeias ao redor da Missão estão habitadas pelos autóctones de Lucula Zenze, a aldeia de Fátima, desde as origens, foi povoada pelos trabalhadores da Missão (carpinteiros, pedreiros, alfaiates, motoristas, serralheiros...), trazidos pelos missionários, com as suas esposas e seus filhos, da Missão de Lândana para a Missão do Lucula Zenze. Foram estes operários que construíram a igreja, a escola, a residência missionária... A construção da igreja, com os meios que havia naquela época, era uma gigantesca obra, que mobilizava populações inteiras no fabrico de blocos, queima dos blocos e transporte dos blocos à cabeça, desde o afluente Zenze até à Missão, numa distância de 2 km⁹⁷.

⁹⁷ Cf. *Mapa n.º 5 – Aldeias da Missão do Lucula Zenze* (p. 13, Anexos).

3.4. Construção da Igreja (1932)

Graças à leitura de várias crônicas missionárias, dos boletins eclesiais e de alguns livros sobre as missões, encontramos um belíssimo artigo sobre a construção da igreja da Missão do Lucula Zenze, intitulado «Por Terras de Maiombe». Aqui encontramos a informação sobre a construção da igreja:

Em 1929, começaram as obras. Uma equipa de vinte homens para cortar árvores e serrar a madeira, outra para fabricar tijolos, aos cem mil de cada fornada. O padre tinha de ir dum lado para outro para incitar, repreender, animar, endireitar. Quando o forno estava aceso, o padre tinha que estar presente ainda de noite, mantendo os fogueiros vigilantes à força de canecadas de café e aguardente.

Um ano depois, o material estava pronto. Era só trazê-lo para o pé da obra. Mais de 500.000 tijolos a transportar do local da cozedura, ao pé do rio Lucula, *lilondo li Mpelu*, até à Missão, local da obra de uns 800 metros.

Andavam na catequese uns trezentos garotos e garotas. Foi-lhes confiado o trabalho do transporte do tijolo. Numa hora não faziam mais que uma viagem, carregavam apenas um tijolo cada um e uma boa parte chegava ao destino partido. A este ritmo seriam precisos dois anos.

Foi então que a Providência interveio e resolveu o problema. De repente o Maiombe sentiu ânsia de se converter. De povo para povo o fogo sagrado alastra. Eram procissões de catecúmenos de *Conde Malonda*, *Buku Kangu*, *Mliti*, *Kai Poba*, *Panga Mongo*, etc, etc... a afluir para Lucula a fim de frequentar a catequese e receber o baptismo. O padre mandou construir uma imensa palhota para os abrigar. Entre as aulas de catequese iam carregando barrotes, tábuas e tijolos.

Depois disso, o trabalho andou depressa. Gastou-se pouco cimento, muito barro e imensa paciência. Em 1933 a igreja era inaugurada. Todos ficaram satisfeitos, pois a obra era de todos: o Irmão Ludwig, os cristãos, o padre Gross, todos trabalharam para a glória de Deus. Mas a verdadeira igreja de Deus é a cristandade. A estadia do padre Gross coincidiu com o grande movimento de conversão do Maiombe.⁹⁸

Todas as dúvidas desapareceram depois da leitura deste rico artigo. Ficámos a saber a data da construção da igreja, em 1932, benzida e inaugurada por Monsenhor Faustino Moreira dos Santos, Prefeito Apostólico, a 26 de fevereiro de 1933⁹⁹.

Um dos meninos internos da Missão, Eduardo André Muaca, nascido em 1924, que, na altura, tinha 8 anos (1924-1932), transportou, juntamente, com os demais meninos da catequese, jovens, homens e mulheres, os blocos, desde o rio Zenze, onde eram cozidos, até ao local da construção da Missão, numa distância de 2 km.

⁹⁸ Cf. Congregação dos Padres Espiritanos, «Por Terras do Maiombe», in *Jornal Acção Missionária*, Ano 30, 368/369, agosto-setembro (1970), 3.

⁹⁹ Cf. *Fotografia n.º 4* – Primeira Igreja da Missão do Lucula Zenze. *Fotografia n.º 5* – Igreja da Missão do Lucula Zenze (inaugurada em 1932). *Fotografia n.º 6* – Igreja da Missão do Lucula Zenze (restaurada em 2014) – Frente. *Fotografia n.º 7*, Igreja da Missão do Lucula Zenze (restaurada em 2014) – Traseira. (Ver pp. 15-18, Anexos.)

3.5. Residência Missionária (18-12-1938)¹⁰⁰

D. Moysés Alves de Pinho, além da informação que nos dá sobre a residência, completa a narração do padre José Bernardo Troesch, sobre a igreja, destacando o papel do irmão construtor e dos operários que os missionários formaram:

A casa era de madeira, espaçosa e cómoda, um pouco elevada acima do solo para fugir à humidade. Lá trabalhavam um sacerdote europeu, já com muitos anos de África, e um sacerdote africano de certa idade, mas dando ainda apreciável colaboração na assistência aos cristãos já numerosos e, geralmente, cumpridores dos deveres da sua fé. Um Irmão estava a concluir a nova igreja, ampla e bela, todo em tijolo de fabrico local. Aperfeiçoou muitos operários e aprendizes desejosos de aproveitar. Tinha dedo para ensinar e captava a simpatia e boa vontade dos operários e aprendizes.¹⁰¹

3.6. Escola e o Posto Sanitário (1947)¹⁰²

No campo do ensino, os nossos missionários, desde a fundação da Missão, que puseram em prática o mandamento de Jesus: *Ide e ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e Espírito Santo* (Mt 28,16-20). A escola foi o ponto da ligação, entre os dois mundos: o mundo europeu ocidental e o mundo negro africano. O mundo europeu com os seus meios de comunicação e a igreja com a sua doutrina da crença em Jesus Cristo. O mundo negro africano é o mundo dos usos e costumes, das tradições negro-africanas. A grande diferença é esta. O mundo europeu é a escrita e o mundo negro africano é a oralidade. Aprender a ler e a escrever tornou-se a porta da entrada no mundo ocidental europeu.

No campo da saúde, os paroquianos da Missão Paróquia de Lucula Zenze, desde a fundação da Missão que sempre recorreram aos hospitais da vizinha República Democrática do Congo. O padre Joaquim Martins (1915-2015), missionário espiritano português, expôs o caso ao governo.

Foi baseado nestes dados e nesta percentagem da população que o autor conseguiu do Sr. Governador-Geral, Agapito da Silva Carvalho, em 1947-1948, uma boa Escola e um ótimo Posto Sanitário.¹⁰³

Aqui temos a confirmação de que foi este sacerdote o construtor destas duas infra-estruturas em material definitivo, graças a ajuda do governo.

¹⁰⁰ Cf. *Fotografia n.º 9* – Residência da Missão do Lucula Zenze (1938).

¹⁰¹ Cf. Moysés Alves de Pinho, Arcebispo Resignatário de Luanda, *Memórias, Recordações duma vida que o Senhor quis longa* (Lisboa: s. ed., 1979), 177.

¹⁰² Cf. *Fotografia n.º 11* – Antigo Posto Sanitário da Missão do Lucula Zenze (1947). *Fotografia, n.º 13* – Uma das salas de aula da Escola Missionária do Lucula Zenze (1947).

¹⁰³ Cf. Joaquim Martins, *Cabindas, História, Crenças, Usos e Costumes* (Cabinda: Edição da Comissão de Turismo da Câmara Municipal de Cabinda, 1972), 102.

O Irmão Luís Mbuanji¹⁰⁴ e o antigo Irmão Carlos Maria Peso¹⁰⁵ foram as duas primeiras personalidades, na história desta Missão do Lucula Zenze, que trabalharam no campo da saúde. O Carlos Maria Peso foi o primeiro enfermeiro a fazer curativos nesse posto sanitário. Todos os domingos, percorria de bicicleta a extensão das três zonas da Missão (Zona A, Zona B e Zona C) para ir tratar dos doentes pelas aldeias. Cada domingo, uma zona. Depois de ter dado as noções de socorrismo ao jovem Alberto Maria Ngimbi (1945-2009), sobrinho do Sr. Estevão Ngimbi, catequista, cedeu-lhe a Zona B. Chegava a sair debaixo da chuva para ir socorrer uma senhora em trabalho de parto, como aconteceu na povoação de Cunda e noutras aldeias, consoante ele próprio nos confidenciou.

Quando o padre Gabriel Nionje Seda, ainda seminarista, esteve doente durante dois anos, na sua aldeia de Chindende, o Carlos Maria Peso ia, diariamente, percorrendo 7 km, aplicar-lhe injeções e dar a medicação. O padre Gabriel disse-nos que, na área de Lucula Zenze, não há ninguém que não tenha apanhado uma injeção do Carlos Maria Peso.

3.7. Visitas Pastorais dos Missionários (1893-1970)

3.7.1. *Via Fluvial*

Antes de escrevermos sobre as visitas pastorais dos missionários às aldeias é importante sabermos que, desde a fundação da Missão do Lucula Zenze, a circulação era por via fluvial. As estradas do século XIX ao século XX, consoante sublinhamos acima, eram, praticamente, inexistentes. Os missionários deslocavam-se de Lândana por via fluvial, subindo o rio Chiloango. Transitavam para o rio Lucula e desembarcavam no seu afluente Zenze. Daqui, a designação de Missão do Lucula Zenze. Dentro do território eram caminhos de fila indiana, desde 1893 a 1936. Desde 1936, o governo distrital de Cabinda investiu em fazer uma rede de estradas de terra batida.¹⁰⁶

3.7.2. *Khokho (ou Coco) – instrumento de comunicação entre os cabindenses*¹⁰⁷

A atividade pastoral dos missionários não ficou circunscrita somente à sede missionária. Os missionários visitavam regularmente as aldeias. As visitas pastorais pelas aldeias são outras lindas páginas de evangelização que devemos conhecer. Porém, antes

¹⁰⁴ Cf. Arquidiocese de Luanda, «Biografias», *Boletim Eclesiástico de Angola e São Tomé*, Ano XIX, janeiro a dezembro 1959, n.ºs 107 a 110 (143 a 146), (1960), 148.

¹⁰⁵ Carlos Maria Peso, antigo seminarista, antigo Irmão da Sagrada Família, nasceu em 1927. Foi monitor escolar, catequista e enfermeiro. Professor nos C. I. *Nova et Vetera*. Faleceu no dia 1 de maio de 2013.

¹⁰⁶ A estrada de terra batida, a partir da cidade capital Cabinda até Lucula Zenze, foi traçada em 1936 e asfaltada em 2006, quer dizer, 113 anos depois da fundação da Missão (1893-2006).

¹⁰⁷ Cf. *Fotografia n.º 18 – Khokho ou Coco* (instrumento de comunicação entre os Cabindenses).

de escrevermos sobre as visitas pastorais, vamos dar uma breve explicação sobre um instrumento designado «*Khokho*» ou simplesmente «*coco*», de que faremos numerosas referências ao escrevermos sobre as visitas pastorais pelas aldeias.

Em todas as aldeias de Cabinda existe um instrumento de comunicação chamado «*Khokho*» (assim escrito, segundo a ortografia africana), ou «*Coco*» (escrito desta forma, segundo a ortografia portuguesa). O *Khokho* é sempre tocado à chegada de um ilustre visitante. Achamos oportuno explicar como é feito, a fim de compreendermos ao mencioná-lo nas nossas crónicas. Os europeus têm o sino. O toque do sino é bem conhecido pelos europeus. Nós, em Cabinda e em vários povos africanos, temos um instrumento de comunicação, poderíamos dizer, um instrumento como o sino europeu. Cada toque do sino tem o seu significado. Tem o toque para convidar as pessoas para a missa, o toque para anunciar os finados e assim por diante... O *Khokho*, se é grande, quando é tocado, pode ser ouvido a uma distância de 10 a 20 km. O *Khokho*, talhado a partir de um grande tronco de árvore, com uma abertura estreita, cavado por dentro, foi, desde os tempos mais recuados dos nossos antepassados, o meio de comunicação, entre os povos de Cabinda. Cada maneira de tocar o *Khokho* tem a sua mensagem. O *Khokho* tocado com a referida mensagem, qualquer indivíduo, lá onde estiver fica logo informado. Este é o único meio de comunicação. Poderíamos dizer que o «*Khokho*» é um breviário sonoro de códigos de mensagens, com a respetiva simbologia e convenção.

Cada símbolo (sinal) encerra, por convenção, um valor. Só os iniciados, porém, penetram no mistério da simbologia. Desenvolver assim, por exemplo, quem não está iniciado na simbologia dos diversos toques do «*khokho*», instrumento musical, ou do «*ngonje*», outro instrumento musical cabindense, nada percebe, quando houve mensagens transmitidas por esses instrumentos.

O toque para comunicar a vinda de um sacerdote é o seguinte: *Tata Mpelo wizidi! Tata Mpelo Wizidi. Kumbusa nkondo kizidi! Kumbusa nkondo kizidi.* (Tradução: *O Senhor padre chegou. O Senhor padre chegou. Passou atrás do embondeiro. Passou atrás do embondeiro.*) Com este toque o ouvinte percebe logo que o padre chegou à aldeia.

O toque para comunicar a morte de um membro é o seguinte: *Badidi ntu! Badidi ntu! Badidi ntu!* (Tradução: *Comeram a cabeça. Comeram a cabeça. Explicação: Cortaram a cabeça! Cortaram a cabeça! O significado é que alguma pessoa faleceu*). Com este toque o ouvinte percebe, imediatamente, que alguém morreu na aldeia. Uma pessoa que esteja, tanto a 1 metro da aldeia, como a 1 km, tanto a 10 km, como a 20 km da aldeia, ao ouvir este toque, percebe, imediatamente, que na aldeia faleceu alguém.

D. Moysés Alves de Pinho, que visitou, anualmente, todas as missões e várias aldeias de Cabinda, descreveu-nos muito bem este instrumento, que nos ajuda a completar a nossa explicação:

Este «coco» encontra-se por toda a parte na zona de Cabinda e é o meio de comunicação que precedeu o telefone e o telégrafo. É muito simples e de fabrico local. O tronco de uma árvore que existe em abundância na floresta, bastante grosso e fácil de trabalhar, fornece todo o material preciso. Habilidosos especializados abrem uma fenda longitudinal e depois, com instrumentos especiais e muita paciência, vão esvaziando o seu tronco sem alargar a fenda. Fazem dois martelos com a mesma madeira e o «coco» fica pronto a funcionar. Ecoa suavemente ao perto, não incomodando, mas através da floresta silenciosa e talvez em razão das condições atmosféricas que lhe são peculiares, o som transmite-se nitidamente a grandes distâncias. Há um código convencional para as transmissões mais frequentes, de modo que qualquer pessoa elucidada facilmente se apercebe da mensagem.¹⁰⁸

A partir deste momento, já conhecemos o *Khokho* (ortografia africana), *coco* (ortografia portuguesa), que é tocado em todas as aldeias para comunicação e, como veremos mais adiante, será inúmeras vezes tocado à chegada do sacerdote à povoação.

Para termos uma ideia como eram feitas as visitas pastorais pelas aldeias, recolhemos três testemunhos de três antigos alunos da Missão, que acompanharam inúmeras vezes os missionários, nas viagens pastorais: Estêvão Ngimbi (1939-2021), Marcelino Lubemba Tubi (1943-2020) e Zeferino Lubongo Bunvo (n.1945).

3.7.3. *Visitas Pastorais: organizadas*

Começamos pelo testemunho do Estêvão Ngimbi:

... Lembro-me, perfeitamente bem, como os missionários da Missão do Lucula Zenze procediam sempre que quisessem visitar as aldeias dentro da sua área de jurisdição. Aproveitavam o talento dos alunos internos, que nomeavam catequistas nas aldeias. Para facilitar a missão organizaram a vasta área jurídica em três zonas pastorais: Zona Pastoral A, Zona Pastoral B e Zona Pastoral C.

Desde o início que as visitas pastorais pelas aldeias eram uma missão difícil e podemos acrescentar mesmo heróica. Os missionários não tinham medo da morte. Desafiavam pacaças, cobras e o próprio clima africano, que no tempo do cacimbo é *debaixo de um sol ardente* e no tempo chuvoso é *debaixo das chuvas torrenciais*. Avançavam pelas florestas e planícies cheias de animais ferozes. Não se importavam com as suas vidas nem dos efeitos do clima, de serpentes, de pacaças, dos gorilas, dos rios a atravessar a nado, das densas matas e planícies, onde viviam antropófagos, que muitas vezes assassinavam homens, mulheres, que tentavam viajar sozinhos. Deus protegeu todos os missionários, que fizeram um belo trabalho na área da Missão do Lucula Zenze.

As viagens missionárias não teriam sucesso se os missionários não tivessem formado primeiro os alunos da missão no domínio da catequese, pois, os mais distintos foram nomeados catequistas e colocados nas aldeias. Havia o *catequista chefe*, que não cessava de visitar as aldeias da sua área. E, no primeiro domingo de cada mês, ia à missão participar na santa Eucaristia. No fim da missa todos os catequistas tinham reunião com o padre superior da missão. Cada *catequista chefe* apresentava

¹⁰⁸ Cf. Pinho, *Memórias*, 179-180.

ao reverendo padre superior o relatório da situação religiosa da sua área. O padre superior por sua vez apresentava-lhes o programa que todos deveriam cumprir sobre a viagem que iria empreender ao longo do mês. Terminada a reunião cada *catequista chefe* voltava ao seu posto. No dia seguinte, viajava, a pé, de aldeia em aldeia, entregando aos catequistas residenciais o programa sobre a visita do missionário.

No dia marcado para a deslocação, o missionário, apoiado por jovens, rapazes e raparigas, decentemente, vestidos, com alguns homens bem fortes, saíam da sede missionária até à primeira povoação a visitar. Deixavam ali o missionário e regressavam cada um para a sua aldeia de origem. À chegada do missionário a aldeia havia uma grande euforia. Os homens e as mulheres, vindos das roças de palmar e das lavras de mandioca, dançavam e cantavam em honra da chegada do missionário.

O *Khokho* e o sino da capela vibravam. Os jovens cantavam as suas canções de boas vindas, uns cânticos como as janeiras em Portugal... Essa animação folclórica era para que o ilustre visitante se sentisse muito bem, seguro e feliz no novo ambiente. Depois era a dispersão de todos à excepção do catequista residencial que ficava para fazer breves informações ao missionário...

Na África «*o sol posto é noite*»! Era nessa hora que começava a oração da noite, as confissões e no fim dava as informações do programa da visita a todos os cristãos. Os mais velhos, homens e mulheres, regressavam aos lares. Porém, os mais jovens não descansavam de animar o meio ambiente cantando, dançando e jogando *Tsunsa*, uma dança típica e genuína entre os naturais de Cabinda...

No dia seguinte, missa às 7h00. Nessas visitas, normalmente, antes da celebração eucarística o missionário atendia as confissões, celebrava a Eucaristia, baptizava as crianças. Os adolescentes recebiam a Primeira Comunhão. A recepção dos sacramentos podia ser durante a missa ou depois da missa, o baptismo das crianças. Os candidatos ao sacramento da Confirmação iam para a sede missionária fazer um retiro de três meses e de igual modo os noivos para o sacramento do Matrimónio.

Durante a visita pastoral do missionário na aldeia eram poucos os homens e as mulheres, que iam às fazendas de palmar e às lavras de mandioca. Todos ficavam na aldeia à espera do dia e da hora do regresso do missionário para retomar os trabalhos quotidianos. Pois, os cristãos indigitados iam acompanhar o missionário até à aldeia seguinte. Esse exercício mantinha-se até à visita da última aldeia do programa. Somente, depois do regresso do missionário é que os homens e as mulheres retomavam os seus trabalhos nas suas respectivas fazendas.

Dada ao aperto do trabalho e às múltiplas tarefas que o missionário tinha que enfrentar, tais visitas não se realizavam em cada mês, principalmente, quando na missão, havia apenas um sacerdote. Neste caso as visitas eram raras. Mas quando estavam dois sacerdotes na missão, um ficava na sede e o outro realizava a visita pastoral. As visitas pastorais eram ou de dois em dois meses ou de três em três meses. Quando a aldeia era habitada por muita gente o missionário poderia ficar um ou mais dias. Quando era habitada por pouca gente ficava apenas um dia. O missionário conhecia todas as aldeias da sua jurisdição e houve casos em que alguns missionários conheciam os habitantes de cada aldeia, pois, em cada aldeia o padre fazia aquilo que se chama em latim o «*status animarum*». Quantos estavam casados, quantos jovens estavam para casar, quantos estavam preparados para receber os sacramentos do Baptismo, Primeira Comunhão, Confirmação, Matrimónio, qual era o número dos cristãos, o número dos pagãos... Houve missionários, que procuravam saber se havia rapazes idóneos para candidatos ao seminário. Era um trabalho cansativo, porém, que mais tarde veio a dar bons frutos: catequistas, sacerdotes, bispos e agora, depois da independência, estamos a ter muitas irmãs consagradas... A igreja, que temos hoje, é o fruto do trabalho desses missionários nas visitas pastorais por todas as aldeias. Visitavam-nas com uma certa regularidade e o trabalho de evangelização foi enriquecido através destas visitas pastorais...¹⁰⁹

¹⁰⁹ Estêvão Ngimbi (1939-2021), antigo aluno da Missão, antigo seminarista, antigo diplomado do Cuima, casado, pai de dez filhos. Um dos filhos é o padre Abel E. Liluala (formado em Direito) e uma das filhas é a Irmã Clementina Joana Mvumbi Ngimbi (Médica), na Congregação das Irmãs de São José de Cluny.

3.7.4. *Visitas Pastorais: batalhas contra o paganismo*

Prosseguimos com o testemunho do Marcelino Luemba Tubi:

... Desde o início da evangelização nas nossas aldeias circulavam com uma certa regularidade os comerciantes, os chefes do Posto e os missionários de várias nacionalidades. Os comerciantes portugueses praticavam a sua actividade na venda de produtos como o sal, peixe, arroz, feijão, açúcar, etc., e, na compra de produtos como café, cacau, óleo de palma, coconote, etc., cultivados e produzidos pelos agricultores africanos. Os chefes do Posto recenseavam a população e transmitiam as ordens do governo do Distrito. Os missionários pregavam a Palavra de Deus. O missionário, ora viajava à pé, ora viajava de motorizada. As estradas não mereciam o nome de estradas. Eram simples caminhos de fila indiana. Em todas as viagens o missionário fazia-se sempre acompanhar de dois alunos da missão. Partia da sede missionária e passava, sucessivamente, por várias aldeias. Os alunos da missão carregavam as malas, onde tinham as alfaías e os géneros alimentícios, a partir da missão até à primeira aldeia e regressavam à procedência. Os rapazes e as raparigas da primeira aldeia, onde se encontrava o missionário, carregavam as malas até à aldeia seguinte e assim, sucessivamente, até à última aldeia. Os rapazes e as raparigas pelo caminho cantavam cânticos. Um dos cânticos, mais populares, era o seguinte: (*Senhor Padre! Senhor Padre! Anda depressa porque a chuva está prestes a cair*). Os cânticos eram para animar o missionário e os companheiros de viagem a apressar o passo, ter força para andar, vencer a fadiga, atravessar rios, subir montanhas, descer vales, percorrer planícies e florestas com todos os perigos de animais ferozes. Duma aldeia para a outra, o missionário percorria todas as aldeias da nossa zona a saber: Wângulo, Chindende, Cunda, Mabilia, São Pedro Koti, Macanga Pequena, Macanga Grande, São José Limano e Chinsua.

Como aluno interno da Missão do Lucula Zenze, acompanhei o missionário nas suas viagens pastorais, tinha eu os meus 14 a 15 anos de idade. Ao anúncio da vinda do missionário, a entrada da aldeia era engalanada de ramos de palmeira, o caminho estava ornamentado com arcos e grinaldas de verdura e flores com dizeres como estes: *seja bem-vindo o nosso missionário, seja bem-vindo o mensageiro da paz, seja bem vindo o mensageiro de Deus...* A casa, onde o missionário iria hospedar-se, era também muito bem varrida e arrumada. À sua chegada tocava-se o *Khokho*, o instrumento musical africano, cujo eco ultrapassa mais de 15 quilómetros, para anunciar às aldeias vizinhas e longínquas a chegada do visitante na aldeia: (*Senhor Padre chegou! Senhor Padre chegou. Chegou atrás do embondeiro*). Os rapazes e as raparigas cantavam canções de boas vindas para receber o ilustre visitante. A presença do missionário na aldeia era uma festa especial para todos a partir dos mais novos aos mais velhos. Além dos cânticos de boas-vindas cantavam também outras cantos como este (*Quando recebemos a notícia, Senhor padre chegou, toda a aldeia está em festa. Ah Mãe! Alegremo-nos, Ah Mãe! Alegremo-nos! Aleluia, o filho foi acolher o padre*). Depois do banho da multidão em festa o missionário retirava-se. Recolhia-se na casa preparada para a sua hospedagem. Meditava. Passeava pela varanda da casa. Rezava o breviário...

Logo no primeiro contacto com a população na rústica capela o missionário comunicava o programa: missa vespertina e missa no dia seguinte, geralmente, sempre precedida de confissões. Os pais e as mães, que apresentavam as crianças para o sacramento do baptismo, antes de os baptizar, eram submetidos aos exames a fim de o missionário confirmar se sabiam ou não a doutrina cristã. Nas homilias o missionário falava em português e o catequista ou o seminarista traduzia em Ibinda, a língua de Cabinda. O missionário, ou baptizava durante a missa, ou no fim da missa. Os sacramentos da Comunhão Solene, Confirmação e o Matrimónio, normalmente, eram recebidos na sede missionária, onde prosseguiam ao ensino da doutrina cristã durante alguns meses. Quanto ao Sacramento da Confirmação, era administrado pelo prelado, quando este visitava, anualmente, a missão. O missionário poderia ficar na aldeia dois ou mais dias dependendo do número dos habitantes da aldeia. As visitas

pastorais, duma zona para a outra zona, poderiam durar quinze dias ou mesmo um mês. Depois de visitar todas as aldeias da jurisdição, o missionário regressava à sede da missão. Fazia o registo dos baptismos administrados. Dava o relatório das contas ao padre Superior da Missão e por fim escrevia a crónica da visita pastoral no diário da missão.

Foram numerosos os missionários, que passaram pela Missão do Lucula Zenze. Recordo-me dos padres Alberto Philippi (1900-1975), francês, Luciano Scherring (1904-1971), francês, Agostinho Esteves Pinheiro (1907-1966), português, Bernardo Vieira Melo (1909-1960), português, José Bernardo Troesch (1909-1973), francês, Joaquim Martins (1915-2015), português, Ildo Aníbal de Jesus (1924), português e tantos outros. Foi o padre Joaquim Martins quem me baptizou. Um dos padres, que eu acompanhei nas visitas pastorais, foi o padre Bernardo Vieira Melo. Construiu a capela da minha aldeia Chinsua, dedicada a Santa Teresinha do Menino Jesus.

Chinsua é uma aldeia indigitada para a ereção duma futura paróquia num futuro que Deus fará. Por esta razão a aldeia de Chinsua foi designada sub-posto missionário. O Arcebispo de Luanda, depois da visita pastoral a Missão do Lucula Zenze, nunca regressava a Luanda sem celebrar uma Eucaristia no subposto missionário de Chinsua. Foi neste subposto missionário que muitos jovens das aldeias vizinhas de Mabiala, São Pedro Koti, Macanga Pequena, Macanga Grande, São José Limano, São Paulo Zenga, receberam o sacramento da Confirmação das mãos dos Arcebispos de Luanda e frequentaram as primeiras duas classes da instrução primária.

Os missionários travaram uma batalha contra o paganismo, o feiticismo e, principalmente, a poligamia. As visitas pastorais dos missionários pelas aldeias foram muito benéficas, ricas páginas de história missionária das nossas aldeias, que muito contribuíram para a cristianização das terras de Cabinda. Assim como os missionários visitavam, pastoralmente, as aldeias de igual modo, os cristãos das aldeias, percorriam dezenas de quilómetros a pé, para participarem nas grandes festas litúrgicas do Natal, Ano Novo, Páscoa, Pentecostes na igreja matriz da missão»¹¹⁰

3.7.5. *Visitas Pastorais: batalhas contra o analfabetismo*

Concluimos com o testemunho de Zeferino Lubongo Bunvo:

... No início da evangelização não havia estradas e escolas nas aldeias. A chegada do missionário à aldeia era sempre bem-vinda. O missionário chegava sempre a aldeia à tardinha, por volta das 17h30 a 18h30. O povo concentrava-se junto à capela. O missionário dava bons conselhos. Recolhia-se e rezava o breviário. Depois seguia a oração da noite. No dia seguinte missa, baptismos, praticamente, era o programa seguido em todas as aldeias. Depois de visitar as várias aldeias regressava a missão com a oferta de alguns géneros alimentícios para a alimentação dos alunos internos da missão.

Os missionários, que evangelizaram as nossas aldeias, tiveram a grande iniciativa de atribuir a cada aldeia um santo padroeiro ou uma santa padroeira. Foi o Reverendo padre Bernardo Vieira Melo (1909-1960), português, que veio concluir a obra iniciada pelo padre Pedro Paulo Paulus, um dos co-fundadores da missão, designando cada aldeia o seu padroeiro.

Durante a minha estadia na Missão do Lucula Zenze, como aluno interno, pude acompanhar os trabalhos desenvolvidos pelos missionários. Praticamente, todos os missionários trabalharam pelo desenvolvimento e progresso económico desta

¹¹⁰ Marcelino Luemba Tubi (1943-2020), antigo aluno da Missão, antigo seminarista desde o Ciclo Preparatório até ao 2.º ano do Ciclo de Teologia. Casado na Igreja com Ana Chiola, funcionário público, sempre foi um leigo colaborador da atividade pastoral. Cognominaram-no «fâmulos dos padres». Foi um dos leigos conselheiros de D. Filomeno do Nascimento Vieira Dias e Presidente do Conselho Paroquial da Missão do Lucula Zenze. Desde que abandonou o seminário colaborou sempre com os missionários e nunca abandonou a Igreja.

missão. Promoveram a educação. O ensino conheceu bons momentos quando foi colocado para lá o Irmão João Evangelista Ramos (1909-1974). Este missionário sacrificou-se pelo ensino para a formação dos jovens que encontrou. Os missionários ensinaram o canto gregoriano. O grande professor do canto gregoriano foi o padre Alberto Philippi (1900-1975) alsaciano de nacionalidade francesa.

As visitas pastorais dos missionários pelas aldeias tiveram e têm a sua importância na luta contra o analfabetismo e a poligamia, em inculcar o espírito da oração, incentivar a devoção aos santos e reconhecer a partir do ensino do catecismo o Criador do Céu e da Terra. Enfim, preocuparam-se com a evolução do povo desencorajando os maus hábitos como a feitiçaria a fim de abraçarem os bons hábitos através dos conselhos evangélicos¹¹¹.

Os testemunhos dos três antigos alunos da Missão, escritos com toda a simplicidade, revelam-nos muito bem como eram realizadas as visitas pastorais. Cada antigo aluno sublinhou o aspeto que mais lhe tocou. O primeiro destacou a organização, o segundo, a luta contra o paganismo e o obscurantismo, e o terceiro, a luta contra o analfabetismo e a poligamia, etc... Um salientou a nacionalidade deste ou daquele missionário enquanto o outro indigitou o missionário que atribuiu a cada aldeia o seu padroeiro. À nossa maneira de ver, os três testemunhos, diferentes na redação, completaram-se na temática.

3.7.6. Conversões em massa

D. Eduardo André Muaca, nascido em 1924, primeiro sacerdote originário da Missão do Lucula Zenze, ordenado a 18 de janeiro de 1953, mais tarde primeiro bispo da era moderna, ordenado a 30 de maio de 1970, contou a seguinte história numa aula de catequese:

... Havia um administrador no Posto de Tando Zinze que, maltratava os negros africanos. Desde que um negro-africano apresentasse a queixa ao padre António Rodrigues Pintassilgo (1888-1959), este pegava na grande motorizada, que ele tinha e ia, imediatamente, ao Posto de Tando Zinze. Repreendia pública e severamente o referido Administrador. Quando o povo constatou estes factos, os homens e as mulheres das aldeias do Lucula Zenze foram entregar-lhe, voluntariamente, os feitiços (estatuetas para rogar pragas e amuletos para fazer mal a outrem) ao missionário e converteram-se ao cristianismo abandonando as práticas feiticistas. Quando entregavam as estatuetas ingressavam nas aulas de catequese. O padre chegou a encher malas e malas cheias dessas estatuetas. Depois, queimou-as, publicamente. D. Muaca, na altura aluno interno da missão, presenciou o facto. A fogueira durou quase uma semana. Os padres tiveram de aumentar o número dos catequistas nas aldeias. Várias famílias começaram a fazer novenas para terem um filho sacerdote. Foi deste modo que, na área do Lucula Zenze, os homens e as mulheres, os velhos e as jovens, abraçaram o cristianismo...¹¹²

¹¹¹ Zeferino Lubongo Bunvo (n. 1945), antigo aluno da Missão, atual regedor da Regedoria de Chinsua, casado pela Igreja com Maria Pemba.

¹¹² Recolha a partir dos Apontamentos Manuscritos de D. Eduardo André Muaca (1924-2002).

3.8. Visitas pastorais do Prefeito Apostólico do Baixo Congo Português (1893-1940)

A Missão do Lucula Zenze foi fundada na época da Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português (1873-1940). O Prefeito Apostólico residia na Missão de Lândana. Visitava as missões. Aqui, registamos somente as suas visitas à Missão do Lucula Zenze.

3.8.1. Visita do Prefeito Apostólico – 28 julho de 1893

O padre Pascal Campana, Prefeito Apostólico, depois de um mês e meio, veio visitar os confrades. Veio acompanhado com o Irmão Pothin. Foi a primeira visita. A alegria dos nossos fundadores da missão era grande.¹¹³

3.8.2. Visita Pastoral do Prefeito Apostólico – 29 de janeiro de 1900

O padre Pascoal Campana, Prefeito Apostólico do Baixo Congo Português, de visita à Missão do Lucula Zenze, revela-nos o crescimento espiritual da recém-fundada comunidade cristã, praticamente, no início do século XX. A sua crónica também é interessante:

Regresso da minha visita às estações de Loukoula-Nzenze e Luali, escreve P. Campana na sua carta do dia 29 de Janeiro de 1900. Na primeira destas missões tive a consolação de presidir à uma bela cerimónia de Primeira Comunhão e de conferir o Sacramento da Confirmação à uma numerosa juventude, bem preparada, muito edificante.

No dia da Epifania tive que pregar seis vezes. Nos dias seguintes, os padres da estação fizeram o mesmo. Os negro-africanos estão ávidos de aprender a Palavra de Deus, sobretudo quando se sabe transmitir...

Aqui estão alguns resultados do ministério nesta estação desde Julho de 1898 até Abril de 1900: baptismos, 107; comunhões, 360; confirmações 30.¹¹⁴

Depois destas visitas cremos nós que se seguiram outras. Como não as encontramos nas crónicas, revistas e jornais, ficaram perdidas. Porém, não ficou tudo perdido. Na leitura do Diário Manuscrito do Seminário, que funcionou na Missão do Lucula Zenze, de 1936 a 1947, encontramos as seguintes visitas. Reproduzimo-las tal e qual como foram redigidas:

3.8.3. Visita do Prefeito Apostólico – 7 fevereiro 1938

Segunda 7: Chegou de Cabinda Monsenhor Faustino Moreia dos Santos acompanhados do Senhor padre Bernardo Vieira Melo e Irmão Cosme. Veio também o senhor Alberto Rocha, irmão do senhor padre Adriano da Rocha. Depois do almoço fomos cumprimentar Monsenhor. Este deu-nos alguns conselhos e uma bênção de que agradecemos muito. Às duas horas e meia regressaram todos à excepção do Sr. Alberto Rocha, que ficou cá na Missão.¹¹⁵

¹¹³ Congregação do Espírito Santo, «Missão do Lucula», in *Jornal Acção Missionária*, Ano 54, n.º 627, junho (1993), 4-5.

¹¹⁴ Communauté de Notre Dame des Victoires à Loucoula, *Chroniques Missionnaires*, Archives générales, Congrégation du Saint Esprit, Bas Congo (1899-1900), XX^{ème}, tome septième, 523-524.

¹¹⁵ In Diário Manuscrito do Seminário na Missão do Lucula Zenze (1938-1946).

3.8.4. Visita do Prefeito Apostólico – 19 setembro de 1938

Segunda 19: Chegou às nove horas e trinta e seis acompanhado do irmão Cosme o Monsenhor Faustino Moreira dos Santos, Prefeito Apostólico do Congo Inferior. É quasi inútil dizer que houve colóquio durante o almoço. Após o almoço vestimos todo o casaco do uniforme dos domingos e desta forma fomos apresentar os nossos cumprimentos ao Monsenhor: êste deu-nos por sua vez um passeio.¹¹⁶

3.8.5. Visita do Prefeito Apostólico – 18 fevereiro de 1939

Sábado 18: (...) Chegou pelas oito horas e quarenta Monsenhor Faustino Moreira dos Santos com o Sr. Padre Daniel Araújo e Irmão Cosme. Depois do almoço fomos apresentar os nossos cumprimentos a Monsenhor que depois de ter agradecido, deu-nos mais um passeio grande durante as férias. Às duas e meia regressaram tendo ido com êles, com destino a outra Missão, o Sr. Padre Adriano da Rocha, Sub-diretor deste Seminário. Grande tristeza causou a sua partida! Alguns não podendo conter-se começaram a chorar. Isto é sinal de que amamos os nossos professores. Mas o lugar não ficou vago; substituiu-o o Sr. Padre Daniel Araújo muito novo ainda e que chegou a pouco tempo da Europa, houve colóquio ao meio dia e à noite.¹¹⁷

3.8.6. Visita do Prefeito Apostólico – 15 julho de 1939

Sábado 15: Chega pelas nove e tanto Monsenhor Moreira, Prefeito Apostólico do Baixo Congo e juntamente com ele o Sr. Padre Director que partiu para Lândana no primeiro dia deste mês a fim de passar lá o retiro. Veio também o seminarista que tinha ido tratar-se da vista.¹¹⁸

3.8.7. Visita do Prefeito Apostólico – 7 setembro de 1939

Quinta 7: (...) Às 5,30 horas chegou de Lândana Monsenhor Moreira acompanhado do Sr. Padre Baptista, Superior de Lândana e de três Irmãos. Mais para que tantos preparativos? É que no dia seguinte fêz-se uma grandiosa Festa em Honra do Ir. Gervásio para comemorar os seus cinquenta anos de vida religiosa e cinquenta anos também de África.¹¹⁹

3.8.8. Visita do Prefeito Apostólico – 11 novembro de 1939

Sábado 11: Chegou cá às quatro e meia o Monsenhor Moreira que, como sempre foi recebido alegremente por tôdos. Houve colóquio à noite e ao meio dia também.¹²⁰

3.8.9. Visita do Prefeito Apostólico – 24 dezembro de 1939

Domingo 24: (...) Às cinco e vinte chegou o Monsenhor Moreira que era esperado por nós desde sexta-feira. Acompanhou-o o Sr. Cosme, Irmão Auxiliar de Lândana. Após a ceia ouvimos lindas melodias na rádio que Monsenhor trouxe.¹²¹

¹¹⁶ In Diário Manuscrito...

¹¹⁷ In Diário Manuscrito...

¹¹⁸ In Diário Manuscrito...

¹¹⁹ In Diário Manuscrito...

¹²⁰ In Diário Manuscrito...

¹²¹ In Diário Manuscrito...

3.8.10. *Visita do Prefeito Apostólico – 22 maio de 1940*

Quarta 22: (...) Pelas nove horas chegou a esta Missão Monsenhor Moreira, acompanhado do Irmão Filipe. Depois do almoço cumprimentamos o Monsenhor que nos deu, além duma Bênção e alguns conselhos, um passeio grande. Vieram também de Lândana três rapazitos para o Seminário.¹²²

3.8.11. *Visita do Prefeito Apostólico – 9 setembro de 1940*

Sexta 9: (...) De manhã chegou a esta Missão Monsenhor Morreira acompanhado dos Srs. Padres Melo e Sr. Martinho, vindo a pouco da Europa. Depois do almoço fomos cumprimentar Monsenhor como é costume. Chuvistou bastante durante o recreio. Às duas e meia regressou Monsenhor e o Sr. Padre Melo tendo ficado cá o Sr. Martinho.¹²³

3.8.12. *Visita do Prefeito Apostólico 14 setembro 1940*

Sábado 14: Às oito e meia chegou a esta Missão Monsenhor Moreira. Veio também de Cabinda o Irmão Crisóstomo. (..) À tarde houve como de costume trabalho.¹²⁴

3.8.13. *Visita do Prefeito Apostólico – 16 setembro 1940*

Segunda 16: Regresso de Monsenhor e princípio das férias do primeiro semestre.¹²⁵

3.8.14. *Visita do Prefeito Apostólico 26 outubro de 1940*

Sábado 26: Logo de manhã chega Monsenhor Moreira, nosso Prefeito Apostólico. Deu-nos feriado, mas não fomos ao passeio. Tivemos recreio toda à tarde.¹²⁶

3.9. Visitas Pastorais dos Arcebispos de Luanda (1940-1970)

3.9.1. *Anexação das Missões de Cabinda na Arquidiocese de Luanda (1940)*

A *Bula Solleminibus Conventionibus*, assinado a 4 de setembro de 1940 pelo Papa Pio XII (1876-1958), publicado por Monsenhor Fernando Cento (1883-1973), Núncio Apostólico em Lisboa, somente no mês de janeiro do ano seguinte, alterou a geografia religiosa de Angola, como podemos verificar:

Com a *Bula Solleminibus Conventionibus*, de 4 de Setembro de 1940, Sua Santidade, o Papa Pio XII suprimiu as Prefeituras Apostólicas e as Missões Autônomas. Extinguiu a diocese de Angola e Congo e no seu lugar criou a Província Eclesiástica de Angola sendo Luanda a diocese metropolitana com duas dioceses sufragâneas: Nova Lisboa (Huambo) e Silva Porto (Kwito-Bié).

¹²² In Diário Manuscrito...

¹²³ In Diário Manuscrito...

¹²⁴ In Diário Manuscrito...

¹²⁵ In Diário Manuscrito...

¹²⁶ In Diário Manuscrito...

D. Moisés Alves de Pinho (1883-1980), antigo Bispo de Angola e Congo, foi nomeado Arcebispo de Luanda o Monsenhor Daniel Gomes Junqueira (1894-1970), Prefeito Apostólico do Cubango ou Cimbembásia Superior, Bispo de Nova Lisboa (Huambo), D. Ildefonso dos Santos Silva (1893-1958), Bispo de Silva Porto. Silva Porto é o actual Kwito-Bié e Monsenhor Faustino Moreira dos Santos (1885-1955), Prefeito Apostólico do Baixo Congo Português, Bispo de Cabo-Verde.¹²⁷

E, acerca da Prefeitura Apostólica, decidiu-se o seguinte:

A Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português, que englobava todo o território de Cabinda, foi extinta e anexada na Arquidiocese de Luanda. A Arquidiocese de Luanda compreendia, praticamente, todo o Norte de Angola com uma superfície de mais de 70.000 km², englobando os então distritos de Cabinda, Zaire, Salvador do Congo (hoje designada Mbanza Congo), Kwanza Norte, Kwanza Sul e Malanje.¹²⁸

D. Moisés Alves de Pinho (1940-1966) e D. Manuel Nunes Gabriel (1966-1975) visitavam, anualmente, as missões de Cabinda, que na altura faziam parte integrante do Arciprestado de Cabinda da Arquidiocese de Luanda. As crónicas, que conseguimos recolher sobre as visitas dos prelados, oferecem-nos uma ideia global sobre as visitas dos prelados de Luanda às missões do Enclave de Cabinda.

3.9.2. *Visitas Pastorais de D. Moisés Alves de Pinho (23-9-1944)*

D. Moisés Alves de Pinho, por ocasião duma das suas numerosas visitas a Missão de Lucula Zenze, o Secretário *ad hoc* notificou:

Chegou o Senhor Arcebispo à esta missão pelo meio da tarde realizando nesse mesmo dia as diferentes cerimónias da visita pastoral. Depois do jantar, os seminaristas recrearam os nossos visitantes com a execução de variados belos cânticos. O dia 22 e a manhã do dia 23 foram consagrados à visita de vários povos vizinhos: São Miguel, São José, São João, Santo Eugénio, Wângulo, Chindende, Cunda, Chinsua, Cácata e Macanga. A subscrição aberta nestes povos em favor dos seminários por ocasião da visita pastoral rendeu 2.134.00 escudos.¹²⁹

3.9.3. *Missão do Lucula Zenze à beira da fronteira*

D. Moisés Alves de Pinho, que visitava, anualmente, a Missão, escreveu nas suas memórias:

Foi rápida a minha visita a Lândana, dirigindo-me em seguida para a Missão do Lucula Zenze, fundada em 1893. A estrada era ainda bastante ao natural. Depois

¹²⁷ A Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português foi dirigida por cinco padres Prefeitos Apostólicos. O primeiro, foi o padre Carlos Victor Aubert Duparquet (1873-1878); o segundo, o padre P. António Maria Hipólito Carrie (1878-1886); o terceiro, o padre Pascoal Campana (1887-1901); o quarto, o padre José Joaquim de Magalhães (1903-1917); e o quinto, o padre Faustino Moreira dos Santos (1917-1940). Os primeiros três eram de nacionalidade francesa, enquanto os últimos dois, de nacionalidade portuguesa. Os padres Gustavo Jauny (1886-1887) e o padre André Espinasse (1901-1903) exerceram funções de Prefeito Apostólico *ad interim*.

¹²⁸ Manuel Nunes Gabriel, *Cinco Séculos de Cristianismo* (Braga: Edição Sociedade Literal, 1978), 360-361; Gabriel, *D. Moisés Alves de Pinho e os Bispos de Congo e Angola* (Portalegre: Livraria Editora Pax, 1980), 122-123.

¹²⁹ Arquidiocese de Luanda, «Missão do Lucula, à beira da fronteira», in *Jornal O Apostolado*, Ano IX, n.º 450 (23 de setembro de 1944), 5.

de uma chuvada o trânsito oferecia dificuldade e podia ser bastante perigoso. A *Missão fica muito perto da fronteira* com o Congo Zaire. Ouve-se, por vezes, quem lamenta não se ter escolhido um lugar mais central. Esquecem que a Missão é muito antiga e que só subindo o rio Chiloango até à confluência do rio Lucula é que se se poderia lá chegar. A região tem população bastante densa e é rica tanto em géneros alimentares como em palmar, café e madeiras.¹³⁰

3.9.4. *Visitas Pastorais do Sr. Arcebispo ao Distrito de Cabinda (29-9-1965)*

Não foi somente D. Moysés que, vindo de Luanda, visitava as missões de Cabinda. D. Manuel Nunes Gabriel, seu sucessor, também visitou inúmeras vezes a Missão do Lucula Zenze, como podemos constatar nesta crónica:

O Sr. Arcebispo Coadjutor, D. Manuel Nunes Gabriel, consagrou 10 dias de visita às Missões de Cabinda. (...) Seguiu imediatamente para a Missão do Lucula Zenze. Crismou 57 crianças. A visita de Lucula Zenze terminou no dia 4 no Chinsua, com missa e crisma de 82 crianças. A oferta de Lucula Zenze e no Chinsua foi de 1.250\$00 e os catequistas de Maiombe de 500\$00 para o seminário.¹³¹

3.9.5. *Aldeias do Arciprestado de Cabinda*

Para conclusão sobre as visitas pastorais dos prelados, D. Moysés Alves de Pinho resumiu toda a ação missionária não somente na Missão do Lucula Zenze, mas de todo o Arciprestado de Cabinda da Arquidiocese de Luanda da seguinte maneira:

A evangelização tomou grande incremento sendo numerosas as aldeias com boas capelas. Enquanto não havia estradas, a catequização fazia-se de bicicleta. Os alunos da Missão iam levar as coisas necessárias à primeira catequese. Depois, cada povoação se encarregava desse transporte até à povoação mais próxima e assim sucessivamente. Disponham-se as coisas de modo que a última catequese a visitar ficasse junto da estrada para que a carrinha da Missão lá fosse buscar tudo. A subsistência do missionário em visita pelas catequese ficava ao cuidado dos cristãos. Não haveria muita variedade, mas os cristãos timbravam em servir bem o missionário.¹³²

Mais adiante D. Moysés concluiu o seu relatório sobre as missões de Cabinda:

Com as quatro Missões e o aperfeiçoamento das vias de comunicação, estava-se a caminho duma ocupação missionária prometedora em todo o Enclave de Cabinda.¹³³

3.10. *Cânticos das Boas-vindas ao Missionário*

Durante as viagens pastorais, os meninos e as meninas entoavam cânticos. Na recepção das boas-vindas, na aldeia, também cantavam. Estes cânticos merecem a nossa atenção porque traduzem a alegria de trabalhar na seara do Senhor e, demais a mais, são

¹³⁰ Cf. Pinho, *Memórias*, 177.

¹³¹ Arquidiocese de Luanda, «Visita do Senhor Arcebispo», in *Jornal O Apostolado*, Ano XXX, n.º 2153, quarta-feira, 29 de setembro de (1965), 1-2.

¹³² Cf. Pinho, *Memórias*, 181.

¹³³ Cf. Pinho, *Memórias*, 235.

cânticos que marcaram uma época missionária. Naquele tempo, não era nada fácil andar, ora pelos caminhos tortuosos, ora pelos caminhos cheios de lama, que até a lama ficava agarrada à sola dos sapatos, ao atravessar rios e riachos com pontes de um só tronco de árvore... Nas zonas com montanhas e colinas, vales, rios e riachos, viajar naquela época, era sempre uma missão arriscada e bem cheia de peripécias... Recolhemos esses cânticos porque fazem parte da história missionária nas terras de Cabinda:

3.10.1. *Senhor padre, anda depressa que a chuva está prestes a cair*

*Mumpé! Mumpé! Ah Tata Mpelo nanguna malu mvula menomba
Tata Mpelo kebanga nkangu kebanga Tata Mpelo kebanga bana kebanga*

Padre!Padre! Senhor Padre anda depressa que a chuva está prestes a cair!
Senhor Padre cuide das ovelhas! Senhor Padre cuide dos filhos

3.10.2. *O Senhor padre chegou! Que alegria!*

*Ah Tata Mpelo wizidi! Tsaietu! Kutala bana kizidi! Tsaietu
Ah Tata Mpelo wizidi! Tsaietu! Kubonda bana kizidi! Tsaietu
Ah Tata Mpelo wizidi! Tsaietu! Kulela bana kizidi! Tsaietu*

O Senhor padre chegou! Que alegria! Veio visitar os filhos! Que alegria!
O Senhor Padre chegou! Que alegria! Veio consolar os filhos! Que alegria!
O Senhor Padre chegou! Veio abraçar os filhos!. Que alegria!

3.10.3. *O Senhor padre chegou atrás do embondeiro!*

Tata Mpelo wizidi! Tata Mpelo wizidi! Kumbusa nkondo kizidi

Senhor Padre Chegou! Senhor Padre chegou! Chegou atrás do embondeiro.

3.10.4. *Toda aldeia se encheu de alegria com a chegada do padre*

*Botuwili tsangu! Tata Mpelo wizidi!
Bwala bonso bumene nyngina
Ah Mama ndende, Ah Mama indende
Ndende Mama! Ndende Mama ah
Aleluia! Muna welenge! Aleluia*

Quando ouvimos dizer!
Senhor padre chegou!
Toda a aldeia encheu de alegria
Ndende Mama! Ndende Mama ah
Aleluia! Muna welenge! Aleluia
Menino foi ao encontro do padre.

3.11. Cânticos das Boas-vindas ao Arcebispo

Na receção do arcebispo cantavam-se vários cânticos. Porém, dois cânticos, os principais, que eram sempre entoados, quando o ilustre visitante, o senhor Arcebispo, entrava no recinto da Missão e no pátio da residência para receber as boas-vindas do povo cristão.

3.11.1. *Seja bem-vindo, Senhor Arcebispo, às terras do Lucula*

Para o arcebispo, em visita pastoral, logo que o carro esteja a entrar no recinto da Missão, canta-se:

Seja bem-vindo, Senhor Arcebispo! Nós te saudamos com alegria
Seja bem-vindo, às terras do Lucula! Nós te saudamos com alegria
Aleluia, Aleluia! Aleluia, Aleluia! Aleluia, Aleluia!

3.11.2. *É chegada à nossa terra o prelado bem-amado*

Para o arcebispo, em visita pastoral, logo que desce do carro e se dirige para a sua hospedaria, canta-se:

1. É chegada à nossa terra
O prelado bem-amado
Que o Senhor nos deu por guia.
Vamos, pois, todos unidos,
A cantar e a vibrar
Neste brado de alegria:
Viva nosso bom pastor (*bis*)
2. Cantando, batendo palmas,
rendamos pleitos de amor (*bis*)
ao guia mestre das almas.
O nosso querido pastor (*bis*)
Outro «Moisés», no nome e na virtude
Erguendo a cruz, sinal de redenção
Paternal, cura das almas
E conduz por uma terra feliz
Da promoção (*bis*)
Cantando batemos palma.¹³⁴

3.11.3. *Ecce sacerdos magnus qui in diebus sui (bis)...*

O cântico em latim «*Ecce sacerdos magnus qui in diebus sui*» era sempre cantado, quando o prelado entrava no recinto da Missão:

- Ecce sacerdos magnus
Qui in diebus suis
Placuit Deo
Et in ventus est justus
1. Laudate Dominum omnes gentes,
Laudate eum omnes populi
 2. Quoniam confirmata est super nos
Misericordia ejus
Et veritas Domini
manent in eternum
 3. Gloria Patri et Filio
Et Spiritus Sancto
 4. Sicut era in principio
Et nunc et semper et in saecula saeculorum. Amen!

¹³⁴ Recolhemos todas estas canções, oralmente, durante as nossas visitas pastorais pelas aldeias do Lucula Zenze.

3.12. Padroado Espiritual Português

Os missionários espíritanos europeus trabalharam em plena era colonial. A missão foi sob o signo do Padroado espiritual português. D. Manuel Nunes Gabriel esclareceu-nos muito bem sobre o que é o Padroado:

Chama-se padroado ao conjunto de direitos e deveres que a Santa Sé reconheceu a Portugal e à Espanha. Os principais direitos do padroeiro eram os seguintes:

- Apresentação por parte dos reis de ambos os países para os bispados e outros benefícios eclesiásticos;
- Reserva aos missionários enviados ou reconhecidos pelos monarcas de Portugal ou de Espanha da evangelização dos territórios pertencentes ao padroado;
- Iniciativa da parte dos monarcas das alterações que houvesse a fazer nos territórios do padroado, como a criação de novas dioceses, relações com Roma, instituição de cabidos, conventos, mosteiros, etc...
- Em contrapartida o real padroeiro assumia a obrigação de construir, reparar e conservar as igrejas, mosteiros, residências, episcopais de cada diocese;
- Promover a cômgrua sustentação dos clérigos e seculares que estivessem ao serviço destas igrejas;
- Da nomeação dos eclesiásticos em número suficiente para o culto e cura de almas;
- De conceder às Igrejas e outros lugares de culto as alfaías indispensáveis, etc.

D. Manuel Nunes Gabriel sublinha que «o padroado era uma espécie de concordata, embora feita parcialmente em diversas épocas, na qual as duas partes – a Santa Sé e o real padroeiro – se obrigavam mutuamente a envidar os melhores esforços para a dilatação da fé católica. Os direitos e deveres estão consignados em várias bulas e breves pontifícios, que vão desde o Papa Nicolau V (1452) e Paulo III (1534) no que se refere ao padroado português.¹³⁵

Aqui, temos a reflexão sobre o Padroado espiritual português. Portanto, o nosso catolicismo, mesmo sabendo que os primeiros missionários fundadores da Missão do Lucula Zenze foram alsacianos, tem a marca do cristianismo português. Podemos verificar nos nomes: João Maria Kwabi, Miguel Maria Cumbo, José Maria Futi, João Maria Tati, sem falarmos das numerosas Marias. Na Missão do Lucula Zenze e noutras missões de Cabinda, várias famílias têm todas as filhas com nome de Maria: Maria Teresa Tula, Maria Amélia Tula, Maria Josefina Tula, Maria Bernadete Tula, Maria do Carmo Tula... e assim por diante. Noutras palavras, é a influência da devoção mariana a Nossa Senhora de Fátima. Devemos acrescentar que não foi somente na Missão do Lucula Zenze, em particular, e, em Cabinda, em geral. O mesmo aconteceu noutras partes do continente. O catolicismo, no México, tem a marca do catolicismo espanhol; no Brasil, do catolicismo português, e, no Canadá, do catolicismo francês... O mesmo podemos dizer do catolicismo nos países de expressão francesa ou inglesa. Cada povo colonizador marcou o povo colonizado, politicamente, culturalmente e religiosamente...

¹³⁵ Manuel Nunes Gabriel, «*Angola Cinco Séculos de Cristianismo*» (Braga: Edição Literal, Sociedade Editora Limitada, 1978), 47-48.

Conclusão

Os missionários espiritanos ergueram as infraestruturas seguindo as orientações da sua metodologia espiritana. As visitas pastorais dos missionários às aldeias e dos arcebispos de Luanda à Missão do Lucula Zenze contribuíram muito para a sua evangelização. Os testemunhos dos três antigos alunos da Missão confirmam a metodologia espiritana de evangelização. Os cânticos de boas-vindas aos missionários e aos arcebispos marcaram a época da fundação das missões. O padre Eugénio Bisch foi cognominado Tata Bichi (*Pai Bichi*). O termo padre desapareceu e ficou a palavra pai. O mesmo sucedeu com o padre Henriques Groos. Também passou a ser chamado Tata Lika (*Pai Henriques*). Na história da Missão do Lucula Zenze não estiveram somente estes dois missionários... Os dois sacerdotes são os mais mencionados e conhecidos na tradição popular. Porém, consoante constatamos na investigação, os outros sacerdotes também trabalharam com zelo nesta seara. Aquele sacerdote construiu a capela, outro, a residência, o outro, a camarata dos alunos, o outro, a escola... Aquele sacerdote dedicou-se mais à catequese, o outro introduziu o escutismo, o outro impulsionou a Legião de Maria... Um ensinou o canto gregoriano, aquele outro, os cânticos religiosos, em português. Cada missionário com o seu zelo e carisma contribuiu para a evangelização da Missão do Lucula Zenze. A investigação nos arquivos revelou-nos os nomes de todos eles, «inscritos no livro da vida».

CAPÍTULO 4

SEMINÁRIO NA MISSÃO DO LUCULA ZENZE (1936-1947)

Introdução

No quarto capítulo procuramos estudar o funcionamento do seminário, fundado em Lândana, a 20 de outubro de 1879, e transferido para a Missão do Lucula Zenze, a 11 de dezembro de 1936. As fontes deste estudo são o diário do seminário, de 1938 a 1946, e as atas das reuniões de novembro de 1937 a junho de 1945, ambas manuscritas.

4.1. Formação do clero local

4.1.1. *Formação do clero local na Maximum illud (Bento XV) – 1919*

Sua Santidade o Papa Bento XV, na Encíclica *Maximum illud*, 40 anos depois da fundação do Seminário de Lândana (1879-1919), apelou para os missionários formarem um clero indígena:

21. Resta finalmente um ponto sobre o qual importa que quantos presidem aos destinos de uma Missão façam convergir de um modo especial os seus cuidados: o recrutamento e a educação de ministros sagrados entre os filhos do povo que evangelizam.

22. Esta é a maior esperança dessas novas igrejas, porque o sacerdote indígena, tendo de comum com os seus conacionais a origem, a índole, a mentalidade e as aspirações, está maravilhosamente preparado para instilar em seus corações a Fé, já que, melhor do que ninguém, conhece o modo de os persuadir. E assim sucede que ele encontra, muitas vezes, fácil entrada onde o sacerdote estrangeiro não consegue meter pé.

23. No entanto, para que o clero indígena produza frutos que dele se esperam, é de toda a necessidade formá-lo e educá-lo convenientemente. E para isto não bastam de forma alguma os rudimentos elementares que lhe permitam ser admitido ao sacerdócio. A sua formação deve ser integral e perfeitamente acabada em todas as suas partes, como costume dar-se aos sacerdotes das nações civilizadas.¹³⁶

4.1.2. *Formação do clero local, na Rerum Ecclesiae (Pio XI) – 1926*

Sete anos depois, Sua Santidade, o Papa Pio XI, na mesma linha da formação, renovava e insistia pela formação intelectual do clero nestes termos:

¹³⁶ Bento XV, Carta Apostólica *Maximum illud* (30-11-1919): AAS 11 (1919), 440-455 (n.ºs 21, 22 e 23).

E primeiro que tudo chamamos a vossa atenção para o muito que importa que os indígenas ascendam ao sacerdócio. Trabalhai nisto com todas as vossas forças. De outro modo, pensaremos que ao vosso apostolado falta alguma coisa e – o que é mais – que retardais o estabelecimento e organização da Igreja nas regiões que vos estão confiadas. Com muito gosto confessamos e reconhecemos que em alguns lugares já se começaram a tomar medidas para vir de encontro a esta necessidade. Construíram-se seminários, onde os jovens indígenas de melhores esperanças são devidamente instruídos e formados para ascenderem à dignidade sacerdotal e para ensinarem a fé cristã aos da sua raça. Todavia estamos ainda muito longe do ponto a que é necessário chegar em tal matéria.¹³⁷

4.2. Seminaristas de Lândana ordenados sacerdotes (1879-1936)

A partir destas duas citações, uma da *Maximum illud* e outra da *Rerum novarum*, os missionários espiritanos, que vieram evangelizar Cabinda, logo desde o início compreenderam que para a obra da Missão avançar e singrar era necessário a formação do *clero autóctone*. Depois da fundação da primeira Missão em Lândana, em 1873, decorridos seis anos, fundaram, nesta mesma Missão, o Seminário, a 20 de outubro de 1879, que foi transferido para a Missão do Lucula Zenze (1936-1947) e, definitivamente, transferido de novo para a vila de Cabinda, em 1947.

Regista-se e notifica-se que, de facto, os missionários espiritanos seguiram as orientações da Santa Sé, pois, os últimos anos de Pio IX e os primeiros de Leão XIII foram de um intenso apostolado em África. As terras incógnitas desapareceram do mapa com as explorações. Muitas congregações lançaram-se na evangelização da África. O Concílio de Trento (1545-1563) estava em vigor, apesar da realização do Concílio Vaticano I (1869-1870).

É neste ambiente político-religioso, tendo em consideração as orientações dos Pontífices, as diretrizes da Propaganda Fide, que o seminário começou com as seguintes reflexões:

Começamos o ano escolar com um forte impulso dado às vocações. Reuni todos os meninos e expliquei-lhes durante 3/4 de hora o verdadeiro fim da missão, que o apelo de Deus fazia a muitos dentre eles para a evangelização destes países e a obrigação e a vantagem de seguir a sua vocação. Estas reflexões tocaram-lhes muito. Mais de 30 vieram pedir-me seja para serem padres, seja para serem irmão, catequistas, etc... Dentre esses meninos todos, evidentemente, não hão-de perseverar os seus destinos. Mas estou moralmente convencido que nós teremos ao menos uma dúzia de boas vocações. O Seminário abriu com cinco estudantes em latim: Luís de Gourlet, Carlos Maconde, Luís Lutete, Carlos Kambo e Baptista Massensa. Estão separados dos outros pela classe, pelo estudo, pela maioria dos jogos recreativos e pelos exercícios de piedade não mais ou menos aqueles do pequeno escolasticado de Langonnet. Agora temos aqui uma escola primária, com um Curso Superior de Francês, um Seminário menor e uma escola os catequistas e os irmãos postulantes. Eis como organizamos as coisas para dar aulas de francês duas vezes por dia. O P.

¹³⁷ Pio XI, Carta Encíclica *Rerum Ecclesiae* (28-2-1926): AAS 18 (1926), 65-83, 33, n.º 34.

Gaetan ensina aritmética e catecismo cada manhã durante uma hora e meia aos alunos do curso superior, aos catequistas e aos postulantes irmãos. Como vós podeis constatar, sem ter a pretensão de imitar as universidades, adoptamos um pouco o plano. Deste modo o corpo docente é menos sobrecarregado e os alunos estão sempre bem dispostos seja para um como para o outro. Quanto a maneira de ensino nós procuramos tanto quanto possível evitar o método embrutecedor da França. Infelizmente não se dão ainda conta em que consiste, precisamente, o outro sistema. Se vós podeis dar pormenores nisso, vós nos ajudareis. De qualquer maneira, no fim de 8 dias, meus jovens alunos conseguiram traduzir convenientemente as primeiras páginas de Epítome.¹³⁸

Quando os missionários espíritanos celebraram o primeiro centenário da sua presença em Angola, o P. Cândido Ferreira da Costa salientou:

O fundador da Missão de Lândana, o P. Carlos Duparquet, desde o primeiro dia da existência da Missão pensou num Seminário para a formação do clero africano. Dois anos apenas, depois da fundação da Missão já dava aulas de latim a um grupo de 15 rapazes.

A 20 de Outubro de 1879 abriu o Seminário menor com quinze seminaristas e mais tarde acrescentou-lhes a sessão dos seminaristas maiores. Frequentaram o Seminário de Lândana de 1879 a 1936 oitenta aspirantes ao sacerdócio. O primeiro foi ordenado a 17 de Dezembro de 1892 e chamava-se Padre Luís de Gourlet, mestiço, filho de um francês que trabalhava em Lândana. Pouco durou o seu ministério, pois veio a falecer a 2 de Janeiro de 1895. Foi depois ordenado o P. Celestino Makonde e seguiram-se-lhe mais seis.»

Os padres de Lândana estimavam o Seminário como a menina de seus olhos. «A nossa obra predilecta, apesar de ser a mais difícil, escreve em 1902, é o Seminário indígena. Tem habitualmente quinze a vinte aspirantes ao sacerdócio.

Neste momento temos três seminaristas maiores, dos quais um recebeu este ano ordens menores, conferida por Monsenhor Carrie, outro vai passar para teologia, se Deus quiser, teremos dois filósofos no princípio do próximo ano.

Em 1905 tínhamos os mesmos sentimentos e escrevíamos de igual modo a respeito do seu seminário, a que dedicavam interesse sempre crescente: «Tanto quanto podemos, damos regularmente as aulas aos nossos seminaristas e trabalhamos para que recebam todos uma formação solidamente cristã e eclesiástica. Devemos acrescentar que eles correspondem bem aos nossos esforços e são catequistas zelosos nas aldeias que lhes estão confiadas. Muitas almas têm preparado para entrar no céu.¹³⁹

Não podemos deixar de assinalar que o Seminário em Lândana deu frutos. Foram ordenados quatro sacerdotes: Luís de Gourlet (1862-1895), Lourenço Bunga (1875-1940), Lourenço João Joaquim Clemente Mambuco (1886-1943) e João Maria Alexandre Taty (1877-1957).

4.2.1. P. Luís de Gourlet (1862-1895)

Luís de Gourlet, filho de Carlos Gourlet e de Pemba, nasceu em Lândana em 1862. O pai é francês e a mãe cabindesa, natural de Lândana. Baptizado a 25 de Dezembro de 1874 fez o ensino de base na Missão de Lândana e todo o curso

¹³⁸ Jean Delcourt, «Un Séminaire congolais au XIXe Siècle», in *Spiritvs*, n.º 8, 1961, 302-303.

¹³⁹ Cândido Ferreira da Costa, *Cem Anos de Missionários do Espírito Santo em Angola 1866-1966* (Nova Lisboa: s.ed., 1970), 75.

eclesiástico no Seminário de Lândana. Foi ordenado de presbítero no Loango por Monsenhor António Maria Hipólito Carrie juntamente com o seu colega Carlos Makonde em 1 de Dezembro de 1892. O padre Luís de Gourlet teve apenas três anos de ministério sacerdotal vividos no seminário como formador. Faleceu a 2 de Janeiro de 1895 vítima de tuberculose.¹⁴⁰

4.2.2. P. Lourenço Bunga (1875-1940)

Em 15 de Agosto, faleceu o missionário Reverendo padre Lourenço Bunga, que estava aposentado desde o ano findo, em virtude de os seus padecimentos lhe não permitirem continuar na efectividade do apostolado a que se dedicara. Faleceu na Missão do Lucula (Cabinda) onde há anos estava entrevado. Recebeu os últimos sacramentos e mostrou-se completamente resignado à vontade de Deus. Tinha 65 anos de idade.

Era natural de Mbanza-Muide, circunscrição de Nôqui, Distrito do Zaire, onde nasceu em 1875, sendo seus pais da mesma naturalidade. Entrou para a Missão de Lândana onde foi baptizado e fez todos os estudos secundários e teológicos, vindo a ordenar-se de presbítero, em 9 de Janeiro de 1909, já com 34 anos de idade, com demissionais deste Bispado. Foi-lhe conferida a Ordem de presbítero, na Missão de Lândana, pelo falecido Bispo Titular e Vigário Apostólico de Loango, Cono Francês, Monsenhor Dérouet, que da melhor vontade ali foi propositadamente para este fim.

Numa época em que tanto se preconiza a ideia do clero indígena devido às recomendações constantes do Pio XI, reiteradas pelo augusto sucessor na Encíclica sobre o apostolado missionário dirigida ao Episcopado Português, as Missões de Angola podem glorificar-se de se terem antecipado na iniciativa elevando ao sacerdócio desde há séculos muitos nativos que bem mereceram a causa da evangelização destes domínios.¹⁴¹

4.2.3. P. Lourenço Mambuco (1886-1943)

O africano, P. Lourenço Mambuco, faleceu na Missão de Cabinda, no dia 22 do mês transacto de Dezembro, vitimado por um tétano, devido à uma injeção que lhe havia sido dado dois dias antes. Teve assistência médica e ainda celebrou no dia 21, tendo ido à vila de Cabinda, de tarde. Sentindo-se muito mal foi chamado o médico que o assistiu por duas vezes. Recebeu todos os sacramentos com a maior devoção, vindo a expirar pelo meio da tarde de 22 de Dezembro de 1943.

Era natural de Seve, circunscrição de Maiombe, Distrito de Cabinda, onde nasceu no ano de 1886. Faleceu com 57 anos de idade.

Fez todos os estudos na Missão de Lândana: foi ordenado do subdiaconado e diácono em Maio de 1930, e de presbítero, naquela missão em 30 de Agosto do mesmo ano por Monsenhor Friteau, Vigário Apostólico do Loango, com dimissionais da antiga diocese de Angola e Congo. Desde então fazia parte do clero indígena de Angola, como missionário do antigo bispado e agora da arquidiocese.¹⁴²

4.2.4. P. João Maria Alexandre Taty (1877-1957)

... Nasceu em 1877 na aldeia de Nkoxi-Futu além Massabi. Entrou para o Seminário de Lândana com 9 anos apenas e aí fez todos os estudos até ao sacerdócio. Recebeu em 20 de Maio de 1919 a ordem de sub-diaconado das mãos de Monsenhor na missão de Loango. Foi ordenado diácono em 20 de Outubro de 1921 e no dia 22

¹⁴⁰ Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé, «Biografias», *Boletim Eclesiástico de Angola e S. Tomé*, Ano VI, maio-junho 1940, n.º 33, 266.

¹⁴¹ Conferência Episcopal..., *Boletim Eclesiástico*...

¹⁴² Conferência Episcopal..., *Boletim Eclesiástico*... Ano IV, janeiro-fevereiro 1944, 44.

do mesmo mês e ano recebia a ordenação sacerdotal em Leopoldville. Seria ordenado em Lândana em 1920 se Monsenhor Girod não morresse na Missão de Sesse quando se dirigia a Lândana para ordenar o então subdiácono João Maria Alexandre Bernardo Taty. Consagrou a sua vida às cristandades de Lândana até à sua morte ocorrida em 19 de Junho de 1957. Deixou impregnado em muitas almas o seu espírito missionário. Era muito conhecido entre os cristãos pelo nome de Manguda devido à sua grande estatura e força muscular...¹⁴³

4.3. Formação no Seminário do Lucula Zenze (1936-1947)

A Missão do Lucula Zenze passou por períodos áureos desde a fundação, de 1893 a 1903. Nestes primeiros dez anos podemos classificá-los como anos da ereção das infra-estruturas, anos da sementeira, donde sobressaem duas grandes figuras principais: padres Eugénio Bisch (1869-1910) e Henrique Groos (1884-1967). Ao mencionarmos estes dois nomes estamos longe de desprezarmos o sacrifício dos outros missionários que também se dedicaram na evangelização nesse tempo. Aqui, temos a crónica sobre a transferência do Seminário de Lândana para a Missão do Lucula Zenze:

O Seminário foi transferido de Lândana para Lucula em 1936, para justificar a existência da missão. Aqui ficou dez anos até que em 1947 foi transferido para Cabinda, onde ainda hoje funciona.¹⁴⁴

4.3.1. Reabertura das aulas (1938)

Para escrever sobre o seminário, fizemos muitas investigações. Fomos investigar nos arquivos, nos jornais e nas revistas missionárias. Encontrámos as seguintes informações, no Jornal *O Apostolado*, que nos informa sobre o início do ano escolar 1938:

No passado dia 25 de Abril, reabriram as aulas no Seminário Menor da Prefeitura Apostólica do Congo Português, situado nesta Missão. Começamos o novo ano lectivo com 40 alunos, esperando ainda alguns atrasados. Os professores são 4: os Reverendos padres Juliano Noll e Adriano da Rocha com os Irmãos Gervásio e Crisóstomo.¹⁴⁵

4.3.2. Seminário do Lucula Zenze (1939)

No ano seguinte escolar (1939), lemos a seguinte informação sobre o funcionamento do Seminário:

Para o Seminário de Preparatórios de Lucula Zenze, partiu nos fins de Abril, mais uma leva de meninos de Lândana: 6 educandos da Missão e 5 dos povos cristãos. Que radiosa esperança para as nossas missões! Digne-se Nosso Senhor susten-

¹⁴³ Arquidiocese de Luanda, *Missões de Cabinda e Zaire, 1873-1965: Noventa e dois anos depois* (Luanda: s. ed., 1965), 10.

¹⁴⁴ Cândido Ferreira da Costa, *Cem Anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola (1866-1966)* (Nova Lisboa: s. ed., 1970), 90.

¹⁴⁵ Arquidiocese de Luanda, «Reabertura das aulas no Seminário do Lucula», in *Jornal O Apostolado*, Ano III, n.º 137, 4 de junho de 1938, 2.

tá-los na sua sublime vocação e saibam eles cooperar com a graça e corresponder aos esforços dos seus abnegados professores.¹⁴⁶

4.3.3. Na Missão Católica do Lucula foi festejado o 1.º de Dezembro (1943)

Concluimos a série de informações publicadas no jornal *O Apostolado* com a informação sobre a comemoração do 1.º de Dezembro na época da República:

O 1.º de Dezembro foi êste ano celebrado no Seminário Menor do Lucula Zenze com uma sessão literária-musical organizada pelo Sr. José Baptista, prefeito e professor do Seminário, à qual presidiu o Director do Seminário.

Abriu a sessão o Sr. José Baptista com um discurso todo inflamado de patriotismo, sendo no fim muito aplaudido. Devido à falta de espaço não o podemos reproduzir na íntegra como era nosso desejo.

Seguiram-se-lhe vários cânticos e poesias em que, durante uma hora, podemos contemplar muitos dos factos gloriosos da nossa história e os heróis que os praticaram. Esta tão simples mas significativa, sessão tôda cheia de amor pátrio, terminou com o hino nacional.

Estou certo que muito bem terá feito a todos quantos assistiram a esta sessão comemorativa da nossa independência, porque em todos se fez certamente crescer o amor ao nosso querido Portugal.

Imaculada Conceição

A festa da nossa Padroeira foi celebrada na Missão do Lucula com grande solenidade: houve missa solene seguida de bênção do Santíssimo Sacramento e procissão à gruta de Nossa Senhora de Lourdes. Ali se encontravam presentes todos, só europeus da região, e grande massa de cristãos vindos dos diferentes povos da Missão. Muitos dêles aproximaram-se da mesa eucarística para mais santamente celebrarem a festa d'Aquela que é glória da nossa terra, a nossa Rainha e nossa Padroeira.

Aproveitando desta solenidade, 121 dos nossos cristãos vieram, dias antes, à Missão fazer um retiro preparatório para a Comunhão solene uns, para a Comunhão Particular outros. Belo exemplo este.¹⁴⁷

Todas estas informações confirmam-nos o funcionamento do Seminário na Missão do Lucula Zenze. Nós não parámos aqui, prosseguimos com as investigações. Foi grande a nossa alegria ao encontrarmos o diário e as atas das reuniões de janeiro de 1938 a dezembro de 1946, ambos manuscritos. São documentos preciosíssimos, autênticas minas de ouro, que nos oferecem a história do Seminário na Missão do Lucula Zenze.

Estamos convencidos de que ninguém, nenhum missionário espiritano e nenhum padre diocesano de diocese de Cabinda, fez referência a este documento. Nós somos os primeiros, até à data presente, a descobrir este documento que encontrámos no escritório do reitor, no meio de numerosos livros, velhos e abandonados numa prateleira.

Na leitura do diário encontrámos os diferentes regulamentos, as admissões no seminário, a abertura do ano escolar, o encerramento do ano escolar, os retiros, a bênção do Santíssimo Sacramento aos domingos, os exercícios espirituais de Via-Sacra, as missas

¹⁴⁶ Arquidiocese de Luanda, «Seminário do Lucula», in *Jornal O Apostolado*, Ano IV, n.º 187, 20 de maio de 1939, 3.

¹⁴⁷ Arquidiocese de Luanda, «Na Missão Católica do Lucula foi festejado o 1.º de dezembro», in *Jornal O Apostolado*, 1943, 4.

(umas rezadas, outras cantadas), as devoções das primeiras sextas-feiras de cada mês, dos primeiros sábados de cada mês (Santa Maria, no Sábado), dos primeiros domingos de cada mês e do dia 13 de cada mês, em honra de Nossa de Fátima... Todos os temas foram abordados.

As visitas pastorais dos missionários do Lucula Zenze às aldeias e às outras missões, as visitas dos missionários doutras missões à Missão do Lucula Zenze, as visitas dos comerciantes, do Chefe de Posto de Tando Zinze e doutras personalidades à Missão do Lucula Zenze, as visitas dos missionários do vizinho Congo Belga à Missão do Lucula Zenze, as visitas do Prefeito Apostólico de Lândana, *a autoridade superior no período da Prefeitura Apostólica (1893-1940)* à Missão do Lucula Zenze, as visitas do Arcebispo de Luanda, *a autoridade superior no período da Arquidiocese de Luanda (1940-1970)* à Missão do Lucula Zenze, todas essas visitas foram muito bem registadas assim como as visitas pastorais dos missionários, nas festas, nos domingos, nas férias, juntamente com os seminaristas, em todas as aldeias da jurisdição da Missão...

A lavagem da roupa dos seminaristas no regato de Chinfunvo (a 1 km da Missão), os diferentes passeios dos seminaristas, classificados em passeios grandes e passeios pequenos, também foram muito bem escritos como podemos constatar: passeios pequenos ao rio Lucula (2 km), passeios grandes à Vila de Cabinda (75 km), passeios grandes à Vila de Lândana (35 km), passeios grandes às aldeias da Missão do Lucula Zenze e passeios grandes às aldeias do Congo Belga (RDC) ...

A limpeza das camaratas, os divertimentos (o futebol depois do almoço e o cinema mudo depois do jantar), as informações sobre a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os feriados da República Portuguesa, as informações da República Portuguesa, as notícias de Roma (Santa Sé), os aniversários dos missionários espíritanos, as comemorações dos padroeiros (da Missão e do Seminário), os exames escritos, os exames orais, a publicação das notas, a referência sobre os amigos do alheio e os despedimentos, foram narrados muito bem pelo redator...

Os missionários no Seminário na Missão do Lucula Zenze tinham informações de Roma e de Lisboa. Tanto as notícias de Roma como as de Lisboa chegavam a este cantinho de Lucula Zenze, por intermédio da Rádio TSF (telefone sem fio) que os seminaristas escutavam nos recreios, depois do almoço e depois do jantar.

Através da leitura do diário, compreendemos melhor as atividades da vida do seminário, desde o início do ano escolar até aos exames finais, praticamente, desde o 1.º de janeiro até ao dia 31 de dezembro, pois, os seminaristas não tinham férias em casa dos pais. Passavam-nas de missão em missão, primeiro na Missão do Lucula Zenze, depois,

na Missão de Cabinda (75 km), atual Paróquia Imaculada Conceição, e, em seguida, na Missão de Lândana (35 km de Cabinda). Aqueles seminaristas que reprovavam, no fim do ano escolar, passavam, no seminário, a estudar acompanhados por um prefeito de estudos, enquanto os outros, que tinham transitado de ano, estavam nos recreios e nos passeios...

Pode-se fazer um filme – *O Seminário do Lucula Zenze no Século XX* –, a partir da leitura deste diário. Os missionários formadores, de um lado, os seminaristas formandos, doutro lado, os cristãos na sede missionária e nas aldeias, o desenrolar das atividades das aulas, as missas cantadas a vozes e celebradas com os paramentos antigos e em latim, enfim, a vida quotidiana no seminário, os passeios pelas aldeias... Tudo isso podemos ler neste lindo diário escrito com toda a naturalidade e simplicidade...

Perante toda a beleza deste diário, escrito numa linda caligrafia vamos fazer algumas referências mencionando um outro caso a fim de confirmarmos a sua leitura e testemunharmos a dedicação dos nossos missionários, no zelo pela formação do clero local.

4.4. Extratos do Diário do Seminário do Lucula Zenze

Aqui reproduzimos alguns extratos desse diário:

4.4.1. Regulamentos

Acerca dos regulamentos encontramos seis: Regulamento Ordinário, Regulamento Ordinário das Aulas, Regulamento Ordinário das Quintas-Feiras, Regulamento Ordinário do Trabalho, Regulamento das Férias de Natal e Regulamento Ordinário das Férias Grandes. Transcrevemos somente o regulamento das aulas:

ABRIL 1939

Terça, 25: Houve procissão de manhã conforme ordena a Igreja, na Festa de São Marcos.

Seguimos o regulamento das aulas, um pouco diferente do ano passado. É o seguinte:

5.25 Horas = Levantar.

5.40 Horas = Oração de Manhã, Meditação, etc.

8 Horas = Estudo para a 3.^a, 4.^a, 5.^a classes de Instrução Primária e para a 1.^a e 5.^a dos Preparatórios

8 Horas = Trabalho manual para os outros

9 = Aulas

11 = Aulas de Canto, seguido de estudo

À 1. 25 da tarde = Estudo

Às 2 da tarde = Aulas

Às 4 da tarde = Merenda, trabalho manual

Às 5 da tarde = Estudo para todos, excepto os da 1.^a classe

Às 5.40 da tarde = Banho, aula de orações, conferência, etc.
 Às 7.30 da tarde = Tempo livre quando não haver luar; se houver há recreio,
 como outros.
 À 1. 25 da tarde = Estudo
 Às 2 da tarde = Aulas
 Às 4 da tarde = Merenda, trabalho manual
 Às 5 da tarde = Estudo para todos excepto os da 1.^a classe
 Às 5.40 da tarde = Banho, aula de orações, conferência, etc.
 Às 7.30 da tarde = Tempo livre quando não haver luar; se houver há recreio,
 como outros.¹⁴⁸

4.4.2. Retiros dos seminaristas com sacramentos

A propósito dos retiros, distinguimos o retiro dos seminaristas, em geral, do retiro dos seminaristas, em particular. Os retiros, em geral, eram para aqueles que ingressavam no seminário, batizados e confirmados. Os retiros, em particular, eram para aqueles que ingressavam no seminário, sem Batismo, Primeira Comunhão, Comunhão Solene, Confirmação. Deste modo, temos o retiro dos seminaristas com sacramentos e outro, o dos seminaristas sem sacramentos, como podemos verificar nas duas citações:

O REGULAMENTO DO RETIRO

Às 7 Horas – Leitura Espiritual.
 Às 7.25 Horas – Matabicho, etc.
 Às 8 horas – Trabalho.
 Às 9.55 Horas – Fim do trabalho.
 Às 10.05 Horas – Conferência.
 Às 10.25 Horas – Primeiro Terço em comum, Tempo livre
 Às 11 Horas – Aula de Canto.
 Às 11.25 Horas – Meditação na Igreja, Exames particulares, etc.
 Às 1.25 Horas – Segundo Terço em comum, Via-Sacra, Trabalho.
 Às 4 Horas – Merenda e Banho.
 Às 5 Horas – Conferência, Tempo livre.
 Às 5.25 Horas – Terceiro Terço em comum.
 Às 5.45 Horas – Leitura Espiritual.
 Às 6.25 Horas – Meditação na Igreja, Visita, Oração da noite, etc.

Este é o regulamento ordinário do retiro anual. Hoje, porém, fizeram-se algumas modificações, a saber:

Às 10 Horas – Fim do trabalho, recreio.
 Às 10.30 Horas – Tempo livre, Primeiro Terço em comum.
 Às 11 Horas – Conferência, Tempo livre.
 Às 11.30 Horas – Meditação na igreja, etc.
 Às 1.30 Horas – Segundo Terço, Aula de Canto, Tempo Livre.
 Às 3.25 Horas – Banho.
 Às 4.10 Horas – Conferência.
 Às 4.30 Horas – Merenda.
 Às 4.45 Horas – Leitura Espiritual.
 Às 5.25 Horas – Meditação na Igreja
 Às 6 Horas – Hora Santa.¹⁴⁹

¹⁴⁸ Diário Manuscrito do Seminário na Missão do Lucula Zenze (1938-1946).

¹⁴⁹ In Diário Manuscrito...

4.4.3. Retiros dos seminaristas sem sacramentos

SETEMBRO DE 1938

Sexta 29: Os dois rapazes que fazem retiro para o Baptismo e para a Primeira Comunhão e mais um que só faz retiro para a Primeira Comunhão não foram a passeio. Eles seguem o mesmo regulamento que os outros sendo estas as modificações:

Às 7 horas menos 10 ou seja depois da Missa eles rezaram o primeiro terço na igreja. Às onze horas têm conferência; à uma hora e meia em vez da aula de canto vão à Igreja fazer Via-Sacra. Às seis menos um quarto é-lhes feito a segunda conferência e rezam depois o segundo terço, sendo o terceiro terço rezado em comum às seis e quarenta. As conferências são feitas pelo Sr. Padre Director.¹⁵⁰

4.4.4. Exames escritos, Exames orais e Publicações das notas

Sempre na linha de confirmar o que lemos no diário manuscrito, recolhemos esta citação sobre os exames. É uma referência que achamos muito interessante.

FEVEREIRO DE 1939

Sexta 3: (...) Faz Exame Escrito de Botânica o aluno do 4.º Ano dos Preparatórios. Por não se ter ainda corrigido não pode dizer nada acerca dele mas é de esperar que saia bastante bem. (...). Começou-se com a publicação das notas do mês findo.

Sábado 4: Houve Exame Escrito de Geometria Plana ao aluno do 4.º Ano dos Preparatórios. (...) Terminou hoje a publicação das notas, que vão enfraquecendo mais para alguns. Outros, porém, têm tido boas notas.

Segunda 6: Fizeram Exame Escrito de Catecismo a 3.ª e a 4.ª Classe de Instrução Primária. (...) Também houve exame escrito de Aritmética e das Histórias de Portugal e de Angola à 4.ª Classe: São satisfatórios ambos os exames. Passaram ainda exame de Leitura os da 3.ª Classe. Portanto neste dia a 4.ª Classe fez três exames e a 3.ª Classe dois.

Terça 7: Houve os seguintes Exames Escritos: de Anatomia e Zoologia e de Física ao aluno do 4.º Ano; de Anatomia também à 3.ª e 4.ª Classes; e ainda de Aritmética à 2.ª e 3.ª Classes. Em geral saíram bem (...).

Quarta 8: (...). Continuam ainda os exames e cada vez com mais actividade. Fizeram-se os seguintes exames:

4.º Ano de Preparatórios	{	Escrito: Latim, Bíblia e História Universal
	{	Orais: Bíblia Sagrada e História Universal

4.ª Classe de Instrução Primária: Só Orais: Bíblia, Botânica e História Pátria

3.ª Classe de Instrução Primária: Orais: Bíblia Sagrada e Botânica

2.ª Classe de Instrução Primária: Oral: Botânica

1.ª Classe de Instrução Primária: Escrito: Aritmética

Todos satisfazem falando deles em geral.

Quinta 9: De manhã fizeram Exame de Desenho os alunos da 4.ª Classe dos Preparatórios e de Instrução Primária; os da 3.ª Classe em vez da aula de Caligrafia tiveram Exame Oral de Anatomia. (...)

Sexta 10: (...) Vamos agora aos exames:

4.ª Classe de Preparatórios: só um oral de Botânica

¹⁵⁰ In Diário Manuscrito...

4.^a Classe de Instrução Primária {
Escritos: Catecismo e leitura
Orais: Latim, Catecismo e Literatura

3.^a Classe de Instrução Primária: Orais- Gramática e Leitura

2.^a Classe de Instrução Primária: Orais – História, Geografia e Leitura

1.^a Classe de Instrução Primária: Orais – Aritmética e Leitura

Far-se-ão ainda os Exames orais de Catecismo e de Aritmética porque todos os alunos não foram ainda interrogados.

Sábado 11: Tivemos os seguintes exames:

4.^a Classe dos Preparatórios: Oral: Geometria Plena

3.^a e 4.^a Classes de Instrução Primária: Escritos: Geométrica e Ditado

2.^a Classes de Instrução Primária: Escritos: História Pátria e Geografia

Segunda 13: Continuam ainda os exames e neste dia fizeram-se os seguintes:

4.^a Classe dos Preparatórios {
Escritos: Catecismo e Literatura
Orais: Latim, Catecismo e Literatura

4.^a Classe de Instrução Primária: Orais: Catecismo e Literatura

3.^a Classe de Instrução Primária: Escritos e Orais: História e Geografia

2.^a Classe de Instrução Primária: Orais: Gramática, Catecismo e Aritmética

1.^a Classe de Instrução Primária: Oral: Catecismo

Terça 14: Fizeram-se os seguintes exames:

4.^a Classe dos Preparatórios {
Escrito e oral, Álgebra
Orais: Anatomia e Zoologia e Física

4.^a Classe de Instrução Primária: Orais: Anatomia, Gramática e Leitura

3.^a Classe de Instrução Primária: Orais: Gramática e Leitura

2.^a Classe de Instrução Primária: Orais: História, Geografia e Leitura

1.^a Classe de Instrução Primária: Orais: Aritmética e Leitura.¹⁵¹

4.4.5. Reuniões do Pessoal do Seminário

No diário manuscrito do Seminário encontramos 36 atas da reuniões do Pessoal do Seminário (novembro 1937 a junho 1945). As atas introduzem-nos melhor no espírito da formação sacerdotal. É agradável a leitura dessas atas. Transcrevemos apenas uma (a de 8 de junho de 1945) para retermos essa ideia:

Presentes: Padre José Troesch – Director, Padre Martinho, Srs. Zeferino e Martinho. O Sr. Padre Director ... todo o pessoal a trabalhar com mais ânimo e mais ideal e mais espírito sobre natural na formação do futuro clero indígena. Temos uma grande responsabilidade: diante de Deus, que nos colocou ... do espírito sacerdotal diante das almas que esperam pelo sacerdote ... que tem de formar diante da pátria. Em cuja glória ... uns padres sábios, e santos, padres destinados a salvar almas, sem distinguir branco do preto. Invocar muitas vezes o Espírito Santo, tanto para esclarecer a nós como aos alunos.

Determinações:

1) 1.^a segunda-feira do mês, Missa com cânticos em honra do Divino Espírito.

2) Cada Prefeito terá um horário e a distribuição do material do ano, aprovado pelo director, e seguirá escrupulosamente este plano.

¹⁵¹ In Diário Manuscrito...

3) Canto: encarregado dos cantos Sr. Martinho; dos outros Sr. Zeferino. Tocarão o órgão, cada um por uma semana. No primeiro de cada um apresentarão ao Padre encarregado de Liturgia a lista dos cânticos que se vão cantar durante o mês, afim de fazer concordar os cânticos com o que o povo sabe e pode cantar cada Prefeito tem uma semana – com uma hora de órgão; fora dessa hora ninguém deve tocar. Hora deve servir sobretudo à preparação do canto Litúrgico e não só à excepção de composição musicais alheias.

4) Trabalho ... Reunião 7-V-44

5) Encarregado da roupa: Uniformes etc. concertos ... da ferramenta Sr. Martinho. Ter uma lista e conferio.

Revista de ferramenta todas as quintas-feiras às 2h.

6) Dar como exemplo na regularidade ao regulamento comparecer à hora para a vigilância durante o estudo, para a ... Nunca faltar em avisar o Padre Director.

7) Espírito: sente-se desde o fim das férias um certo espírito de indisciplina, de insubordinação, de falta de respeito.

Evidentemente um só prefeito não podia continuamente durante cinco meses, dia por dia, seguir perfeitamente os alunos como agora estão a dois podemos esperar que este espírito mau desapareceu ... O Prefeito que exerce a vigilância da semana dêle deve saber onde se encontra e o que está a fazer cada aluno. Ninguém deve chamar ou ocupar um aluno sem o Sr. Prefeito ter o conhecimento. A vigilância durante o estudo não deve ser só: trabalhos, ler ou escrever diante dos alunos, mas vigiar que cada aluno esteja no que o horário de estudo prescreve por aquele momento. Durante o trabalho aprender a conhecer os preguiçosos dos diligentes; os ... serventes dos que trabalham por consciência.

8) Notas: ..., mais imparcial. E por admirar as magníficas notas 9-8-9-9 dadas para comportamento e aplicação. Tanta perfeição parece um bocado demorado.

9) Fiote: A língua indígena pode ser falada em certos dias de festa explicitamente e por cada ocasião determinados pelo Padre Director.

10) Os prefeitos serão ... o Padre Director deu dificuldades que possam surgir e procurarão o poder informar sobre o andamento de cada aluno em particular.

11) Repartição das disciplinas:

IV e V ano Padre José Troesch – III Sr. Zeferino

III Sr. Martinho – Liturgia e Civilidade e Ginástica

Padre: Nas ausências do Sr. Martinho: civilidade – Martinho; ginástica. Definitivo.

12) Vigília para não deixar ao abandono instrumentos etc. ... necessário um concerto, reparação, ... o Padre Director.

13) Reunião – cada mês

14) Cf. Reunião de 16 de Setembro de 1941, reparação ...

15) Orações dos alunos: adoptadas as orações prescritas pelo conselho plenário.

16)... de preferência mantê-los ... durante recreio ou trabalho – mas não estudo ou escola.¹⁵²

4.5. Embrião de Seminário

D. Moysés Alves de Pinho nas suas memórias menciona algo sobre o funcionamento do Seminário na Missão do Lucula. Aqui encontramos esta referência:

Também nesta Missão, funcionava o que se poderia chamar um embrião de Seminário, onde os alunos que davam indícios de vocação eram mais assistidos e ajudados, passando depois para Luanda e Malanje. O actual Arcebispo de Luanda, D. Eduardo André Muaca, é natural desta Missão e foi na sua escola que iniciou os estudos.¹⁵³

¹⁵² In Diário Manuscrito... (1936-1947).

¹⁵³ Cf. Pinho, *Memórias*, 177.

4.6. Seminaristas do Lucula Zenze, ordenados sacerdotes (1936-1947)

Por ocasião da comemoração do *Centenário do Seminário de Cabinda*, em 1979, o padre António Brásio, missionário espiritano português, publicou um opúsculo, onde não somente escreveu a história deste seminário, como também registou os nomes de todos os seminaristas que frequentaram o seminário, desde o século XIX ao século XX, que foram o total de 787 candidatos.

A partir do número dos alunos registados, ano por ano, nesse opúsculo, ficamos a saber que, de 1879 a 1936, em Lândana, frequentaram 25 alunos; de 1936 a 1947, no Lucula Zenze, frequentaram 152 alunos; e, de 1947 a 1979, em Cabinda, frequentaram 610 alunos, totalizando 787 alunos.¹⁵⁴

Para este período a seguir a 1936, escasseiam-nos os dados ou notas sobre a vida do Seminário da Prefeitura. Mas se olharmos para a lista dos seminaristas, verificamos que muito se trabalhou no Seminário do Enclave, e que se não foi para a Igreja, o foi ao menos para o Estado. Notamos, efectivamente, que entre 1891 e 1921 se formaram empregados dos correios, amanuenses, empregados comerciais, funcionários dos governos belga e francês, em números muito significativos. Mas em 11 de Dezembro de 1936, por motivos julgados válidos, o Seminário era transferido de Lândana para a Missão do Lucula Zenze. Porém, dez anos depois, por decisão do Conselho Geral da Congregação, em 4 de Fevereiro de 1947, era estabelecido na Missão de Cabinda, em edifícios próprios, sob o patrocínio de Santa Teresa do Menino Jesus, sendo instalado em 12 do referido mês. Notamos, com grande prazer, estima e alegria, que três dos seminaristas do Seminário de Lucula Zenze ascenderam ao Episcopado, o que muito honra seus mestres e superiores. São eles D. Eduardo André Muaca, D. Manuel Franklin da Costa e D. José Próspero da Ascensão Puati.¹⁵⁵

Registamos os nomes tanto daqueles que chegaram ao sacerdócio, assim como daqueles que foram promovidos ao episcopado, depois do 25 de Abril de 1974, o acontecimento político, que muito contribuiu para a promoção de Angola à autonomia política:

4.6.1. D. Manuel Franklin da Costa (1921-2003) – Missão de Cabinda (I. Conceição)

D. Manuel Franklin da Costa foi matriculado com o número 4 no Seminário de Lândana (1933-1936). Nesse seminário fez o Ciclo Preparatório. Transitou para o Seminário do Lucula Zenze. Aqui estudou as humanidades (1936-1942). Deste seminário ingressou imediatamente no Seminário de Luanda, onde estudou a Filosofia e a Teologia. Foi ordenado sacerdote a 25 de Janeiro de 1948. Durante catorze anos, esteve no exílio por causa da autodeterminação de Cabinda. Foi uma das figuras da igreja que emergiu no pós 25 de Abril de 1974. A Santa Sé nomeou-o primeiro Bispo de Henrique de Carvalho, actual Saurimo (1975-1977), a seguir Arcebispo do Huambo, antiga Nova Lisboa (1977-1987) e por fim, Arcebispo do Lubango, antiga Sá da Bandeira (1987-1996). Faleceu no dia 17 de Julho de 2003, em Luanda e foi inumado no Lubango. Ulteriormente, foi trasladado do cemitério Municipal do Lubango para a Sé Catedral do Lubango (2021).¹⁵⁶

¹⁵⁴ Cf. António Brásio, *Centenário do Seminário de Cabinda* (Braga: 1979), 14-17.

¹⁵⁵ Brásio, *Centenário*....

¹⁵⁶ Gabriel, D. *Moisés Alves de Pinho*..., 161.

4.6.2. D. Eduardo André Muaca (1924-2002)

– Aldeia de São Miguel (Lucula Zenze)

D. Eduardo André Muaca, matriculado com o número 15 em 1936 ingressou no Seminário do Lucula Zenze. Nesse seminário fez o Ciclo Preparatório (1936-1942). Transferido para o Seminário dos Bângalas em Malanje estudou as Humanidades (1942-1946). De Malanje foi transferido para o Seminário de Luanda. Aqui fez o Ciclo de Filosofia (1946-1948). Teve um ano de provas no Seminário de Cabinda (1948-1949). Regressado do Seminário de Cabinda fez o Ciclo de Teologia (1949-1953) no Seminário de Luanda. Foi ordenado presbítero a 18 de Janeiro de 1953. A 11 de Março de 1970, foi eleito Bispo Auxiliar de Luanda e ordenado bispo a 31 de Maio na Igreja de São Paulo em Luanda e sucessivamente Bispo de Malanje (1973-1975) e Arcebispo de Luanda (1975-1985). Faleceu a 26 de Janeiro de 2002 em Luanda. Os restos mortais foram trasladados para o Cemitério da Missão do Lucula Zenze.¹⁵⁷

4.6.3. D. José Próspero Puati (1927-2001) – Missão de Cabinda (I. Conceição)

D. José d'Ascensão Próspero Puati foi matriculado com o número 20 no Seminário do Lucula Zenze em 1937. Nesse seminário concluiu a Instrução Primária (1937-1939). Prosseguiu a formação nos seminários de Malanje e de Luanda, tendo sido ordenado a 17 de Julho de 1957. Exerceu sempre a função de docente no Seminário de Luanda. Depois do 25 de Abril de 1974 a Santa Sé nomeou primeiro Vigário-geral em 1975 e dois anos depois a 3 de Fevereiro de 1977, Bispo de Luena, Moxico. Faleceu em 10 de Outubro de 2001.¹⁵⁸

4.6.4. D. Paulino F. Madeca (1928-2008) – Missão de Cabinda (I. Conceição)

D. Paulino Fernandes Madeca foi matriculado com o número 90 no Seminário do Lucula Zenze, onde ingressou a 25 de Abril de 1940. Aqui fez o Ciclo Preparatório e as Humanidades (1940-1945). Prosseguiu a formação nos seminários de Malanje e de Luanda tendo sido ordenado a 20 de Julho de 1958. Depois do 25 de Abril de 1974 foi nomeado bispo de Cabinda. A diocese de Cabinda foi criada 1 de Outubro de 1983. D. Paulino foi o primeiro bispo residencial (1984-2005). A sua sucessão não foi gerida pacificamente. Faleceu a 9 de Janeiro de 2008.¹⁵⁹

4.6.5. P. Lourenço Maria Pitra (1922-1960) – Missão de Cabinda (I. Conceição)

O padre Lourenço Maria Pitra foi matriculado com o número 85 no Seminário do Lucula Zenze em 1940. Nesse seminário fez o Ciclo Preparatório e as Humanidades (1940-1949). Prosseguiu a formação nos seminários de Malanje e de Luanda. Em Malanje fez as Humanidades (Curso liceal) e em Luanda os cursos de Filosofia e de Teologia tendo sido ordenado sacerdote a 17 de Julho de 1957. Foi um dos sacerdotes que a Polícia Internacional e Defesa do Estado (PIDE) seguiu pé ante pé antes de o assassinar porque era um discípulo de Cristo que acordou as mentes para a autodeterminação. O padre Lourenço Pitra foi morto num disfarçado acidente de viação a 7 de Abril de 1960.¹⁶⁰

¹⁵⁷ Arquidiocese de Luanda, *Missões de Cabinda e Zaire, 1873-1965, Noventa e dois anos depois* (Luanda, s/ed., 1965), 11; In *Aurora*, Revista do Seminário de Luanda, Ano XVIII, n.º 47 (1970), 17-23.

¹⁵⁸ Gabriel, D. *Moisés Alves de Pinho...*, 161.

¹⁵⁹ Arquidiocese de Luanda, *Missões de Cabinda e Zaire, (1873-1965), Noventa e dois anos depois* (Luanda: s. ed., 1965), 11.

¹⁶⁰ Arquidiocese de Luanda, *Missões...*

4.6.6. P. Sérgio Gabriel Macaia (1925-1992) – Aldeia de Chiobo (Lucula Zenze)

O P. Sérgio Gabriel Macaia fez a Instrução Primária e o Ciclo Preparatório (1936-1942) no Seminário do Lucula Zenze. Transferido para o Seminário de Malanje estudou as Humanidades (1942-1947) e o Ciclo de Filosofia no Seminário de Luanda (1947-1951). Teve um ano de provas no Seminário de Cabinda (1951-1952). Regressado ao Seminário de Luanda fez o Ciclo de Teologia (1952-1955). Foi ordenado sacerdote a 29 de Agosto de 1955. Trabalhou na diocese de Malanje (1955-1975) e na República do Zaire, actual República Democrática do Congo, como membro co-fundador do Centro Pastoral dos Padres de Cabinda (1975-1992) junto dos seus irmãos refugiados de Cabinda. Faleceu em Abidjan a 19 de Dezembro de 1992. Os restos mortais foram trasladados de Abidjan, Costa de Marfim, para o Cemitério de Lucula Zenze Cabinda, Angola.¹⁶¹

4.6.7. P. Gabriel Nionje-Seda (1930-2009) – Aldeia de Chindende (Lucula Zenze)

P. Gabriel Nionje Seda iniciou a Instrução Primária no Internato da Missão de Cabinda, actual Paróquia da Imaculada (1943-1945). Concluiu-a no Seminário do Lucula Zenze (1945-1948) onde foi matriculado com o número 128 em 1945. Fez o Ciclo Preparatório (1949-1950) e as Humanidades no Seminário de Malanje (1951-1955), o Ciclo de Filosofia (1955-1959) e o Ciclo de Teologia no Seminário de Luanda (1959-1962). Foi ordenado sacerdote a 1 de Julho de 1962. Trabalhou na Arquidiocese de Luanda (1961-1976) e na República do Zaire, actual República Democrática do Congo, onde foi membro co-fundador do Centro de Pastoral dos Padres de Cabinda (1976-1987). Regressado para a terra natal comemorou o primeiro centenário da Missão do Lucula Zenze (1893-1993). Faleceu a 23 de Julho de 2009.¹⁶²

4.6.8. P. José Augusto Faustino Builo (1928-2005) – Missão de Lândana

O padre José Maria Augusto Faustino Builo ingressou no Seminário do Lucula Zenze em 1938. Aqui fez a Instrução Primária (1939-1945). Prosseguiu a formação nos seminários de Malanje e de Luanda. No Lucula Zenze concluiu a Instrução Primária e o Ciclo Preparatório, em Malanje o Ciclo liceal (Humanidades) e em Luanda os Ciclos de Filosofia e de Teologia, tendo sido ordenado a 20 de Julho de 1958. Foi membro co-fundador do Centro Pastoral (1976-1992). Regressou novamente a Cabinda. Faleceu a 12 de Agosto de 2005.¹⁶³

4.6.9. P. José Faustino Nzau Pitra (1932-2005) – Missão de Cabinda (I. Conceição)

O padre José Faustino Nzau Pitra foi matriculado com o número 147 e ingressou no Seminário do Lucula Zenze. Prosseguiu a sua formação nos seminários de Malanje e de Luanda. No Lucula Zenze concluiu a Instrução Primária e o Ciclo Preparatório, em Malanje o Ciclo Liceal (Humanidades) e em Luanda os Ciclos de Filosofia e de Teologia. Foi ordenado sacerdote a 1 de Julho de 1962. Faleceu no dia 7 de Junho de 2005.¹⁶⁴

4.6.10. P. Angelino Gaspar Nanga (1932-2005) – Missão de Tomboco

O padre Angelino Gaspar Nanga, filho de Manzambi e de Zinga, nasceu na povoação de Bango, Missão de Tomboco (Ambrizete), a 30 de Abril de 1932.

¹⁶¹ Arquidiocese de Luanda, *Missões...*

¹⁶² Arquidiocese de Luanda, *Missões...*, 12.

¹⁶³ Arquidiocese de Luanda, *Missões...*

¹⁶⁴ Arquidiocese de Luanda, *Missões...*

Frequentou os Seminários do Lucula Zenze, onde foi matriculado com o número 184 em 1948. Deste seminário foi transferido para os seminários de Cabinda. Nesse seminário concluiu o Ciclo Preparatório. Em Malanje fez as Humanidades e em Luanda os Cursos de Filosofia e de Teologia. Foi ordenado sacerdote a 28 de Junho de 1964 em Luanda. Trabalhou primeiramente, na Missão de Cabinda, actual Paróquia de Imaculada Conceição, donde foi transferido para a Missão do Lucula Zenze, onde foi nomeado superior da Missão, por ocasião da primeira visita de D. Eduardo André Muaca em 1970. Regressou a Luanda. Faleceu a 28 de Outubro de 2005.¹⁶⁵

4.6.11. P. Eduardo Augusto Kambwa (1934-2004) – Missão do Zaire

Augusto Kambwa nasceu iniciou a Instrução Primária na Missão de Católica do Mpinda (1941-1944). Em 1944 ingressou no Seminário do Lucula Zenze. Fez o Ciclo Preparatório e Humanidades no Seminário de Malanje (1948-1958) e o Ciclo de Filosofia no Seminário de Luanda (1954-1956). Teve um ano de estágio pastoral que na época era designado «*ano de provas*». Fez o Ciclo de Teologia no Seminário de Luanda. Foi ordenado sacerdote a 9 de Julho de 1961. Perseguido pela PIDE, avisado, secretamente, por um administrador-adjunto dum plano macabro para o assassinar; fugiu para a República Democrática do Congo. Faleceu no dia 4 de Julho de 2004 em Londres. Os restos mortais foram trasladados para a sua terra natal Wonde Tady¹⁶⁶.

4.7. Obras do Seminário de Cabinda (1944)

Depois de todas estas informações passemos ao tema da transferência do Seminário da Missão do Lucula Zenze para a cidade de Cabinda (75 km), tema que os superiores hierárquicos vinham debatendo. Antes da sua transferência iniciaram com a construção das casas como podemos ler na crónica a seguir:

As obras do Seminário de Cabinda já vão em marcha, embora lentamente, graças às esmolas que as generosas almas se lembram de dar para assim ajudarem uma obra tão altamente patriótica e divina. Assim o senhor José Pereira Chaves Júnior, importante industrial de Cabinda, acaba de oferecer para as obras deste Seminário 10 metros cúbicos de madeira. Muito agradecidos reconhecemos este gesto, fazendo votos para que Deus lhe retribua em centuplicado, e que outros sigam o seu tão nobre exemplo.¹⁶⁷

4.8. Transferência do Seminário para a Vila de Cabinda (1947)

Quatro anos depois do início da construção das casas para albergar os seminaristas foi feita a transferência:

Foi no dia 12 de Fevereiro do próximo passado que precedentes da Missão do Lucula Zenze, que os albergou cerca de dez anos, chegaram a Cabinda os alunos do Seminário Menor deste Distrito.

Na tarde desse mesmo dia instalaram-se nos novos pavilhões que os aguardavam e, desde logo, com a sua chegada, tomou outro tom o ambiente local. Verdade

¹⁶⁵ Arquidiocese de Luanda, *Missões...*

¹⁶⁶ Arquidiocese de Luanda, *Missões...*

¹⁶⁷ Arquidiocese de Luanda, «Obras do Seminário de Cabinda», in *Jornal O Apostolado*, Ano IX, n.º 451, 1944, 3.

seja que, desde há dias, nele havia fixado residência, o seu novo director, a fim de se ocupar das primeiras instalações; mas só com a chegada efectiva dos seminaristas é que de facto passou ele a ser o que realmente é.

Agradável aspecto do Seminário

Consta o novo Seminário de cinco pavilhões, amplos, bem arejados, cheios de luz. Apresentam no seu conjunto um risonho aspecto, oferecem a vantagem de se encontrar a alguns passos do mar num local isolado, tranquilo e muito saudável. A Igreja e os edifícios da Missão Católica (Imaculada Conceição) local ficam-lhe a trezentos metros de distância.

O dono da Casa

Na Capela provisória, instalada na sala de aula do segundo pavilhão de fundo voltado para o mar, celebra-se no dia imediato, dedicado a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, a primeira missa, acompanhada a cânticos, e a partir desse momento fica Jesus Sacramentado no meio de nós.¹⁶⁸

4.9. Diretor do Seminário de Cabinda (1947)

A nomeação do novo reitor do seminário, por destaque, o primeiro a dirigir o Seminário na embrionária vila de Cabinda, foi tema de redacção do correspondente do jornal em Cabinda:

Já se encontra na Missão Católica o Director do novo Seminário de Cabinda, Reverendo Padre Arnaldo Nunes Baptista a fim de proceder às instalações dos alunos do Seminário Menor de Lucula, dentro de poucos dias, devem chegar a Cabinda.¹⁶⁹

Conclusão

No fim do capítulo ficamos a saber que o seminário em Cabinda teve três berços: o primeiro berço, na Missão de Lândana (1879-1936); o segundo berço, na Missão do Lucula Zenze (1936-1947); e, finalmente, o terceiro berço, na vila de Cabinda, desde 1947 até aos nossos dias.¹⁷⁰

A nossa maior alegria foi o termos encontrado o diário manuscrito que nos deu informações pormenorizadas acerca do funcionamento do seminário. Para a nossa maneira de ver não necessitamos de fazer mais comentários. No diário, nenhum aspeto político ou religioso, social ou cultural, escapou aos olhos do redator. Relatou, minuciosamente, todos os factos, dos mais aos menos importantes. Destacou o papel dos missionários espiritanos europeus, como formadores, de um lado, os africanos, como formandos, doutro lado. Não registou somente a vida no seminário com a alternativa de missas, aulas, horas de estudo e recreios. Escreveu também sobre as atividades do ministério pastoral

¹⁶⁸ Arquidiocese de Luanda, «Transferência do Seminário», in *Jornal O Apostolado*, 15 de março de 1947, 2.

¹⁶⁹ Arquidiocese de Luanda «Novo Diretor do Seminário de Cabinda», in *Jornal O Apostolado*, Ano XII, n.º 574, 8 de fevereiro de (1947), 2.

¹⁷⁰ Cf. *Mapa n.º 7*, Berços do Seminário de Cabinda: 1.º Berço: Lândana (1879-1936); 2.º Berço: Lucula Zenze (1936-1947) e 3.º Berço: Cidade de Cabinda (1947) (p. 14, Anexos).

nas aldeias, os passeios a pé ou de carro, a avaria do carro em plena viagem do ministério pastoral ou mesmo em pleno passeio. Os extratos, que são o testemunho da nossa investigação, revelaram-nos o ritmo da vida no seminário: os vários regulamentos, a abertura do ano escolar, os retiros diferenciados (*alguns retiros para os seminaristas com sacramentos e outros para os seminaristas sem sacramentos*), as missas, algumas rezadas, outras cantadas, os exames escritos e orais e, principalmente, as reuniões, espelham a vida da formação do clero. Satisfeitíssimos por encontrar tão riquíssimas informações clausuramos o capítulo com a instalação do seminário, na embrionária vila de Cabinda, no ano da graça de 1947.

CAPÍTULO 5

CRISTÃOS DA MISSÃO DO LUCULA ZENZE (1893-1970)

Introdução

O quinto capítulo é o estudo sobre os frutos da evangelização, que são os cristãos da Missão do Lucula Zenze, formados graças à ação pastoral dos padres espiritanos, durante setenta e sete anos (1893-1970). No número desses cristãos, temos a destacar, no primeiro plano: os primeiros três sacerdotes, dentre os quais o primeiro bispo de Angola dos tempos modernos (D. Eduardo André Muaca), a seguir os antigos seminaristas, que foram funcionários públicos, como professores primários, professores do posto eventual, professores diplomados do Cuima, monitores escolares e funcionários nas diversas empresas... No elenco desses cristãos, destacamos os agentes sanitários (socorristas), os enfermeiros, os pedreiros, os carpinteiros, os alfaiates, os mecânicos, os motoristas, os comerciantes, os catequistas, os antigos alunos da Missão, os agricultores, isto é, todos aqueles que exerceram as profissões liberais. As monitoras escolares não foram excluídas. Assinalámo-las para destacar as primeiras mulheres que ingressaram na função pública.

A nossa preocupação foi a de conhecermos o campo (*missão*), os agricultores (*missionários espiritanos*) e os frutos que o campo produziu (*os cristãos*). Por este motivo, na nossa investigação não nos limitamos a fazer as buscas somente nos arquivos dos Padres Espiritanos, em Luanda, Lisboa e Paris. Consequentemente, andámos de aldeia em aldeia, na recolha de testemunhos de todos aqueles que foram promovidos graças à ação evangelizadora dos missionários espiritanos, tanto no campo educativo como também no económico, cultural e social...

5.1. Frutos da Evangelização (1893-1970)

Os nossos missionários foram como os Apóstolos. Deste modo, podemos perguntar como São Paulo. *Quem é Apolo? Quem é Paulo? Apenas servidores, através dos quais fostes levados à fé; cada um deles agiu conforme os dons que o Senhor lhe concedeu. Eu plantei, Apolo regou, mas foi Deus que fez crescer (1Cor 3-7).*

Como é Deus, que sempre faz crescer a semente semeada pelos evangelizadores (Mc 4,26-29), procuremos conhecer os cristãos desta sementeira, pois uma árvore boa dá

bons frutos e uma árvore má dá maus frutos (Mt 7,15-20). Para conhecermos melhor os cristãos dessa árvore da Missão do Lucula Zenze, podemos classificá-los em diversos grupos: o grupo dos antigos seminaristas, o grupo dos diplomados da Escola Teófilo Duarte do Cuima, o grupo daqueles que frequentaram a escola de artes e ofícios, o grupo dos cristãos que aprenderam nas aldeias de origem, por fim, o grupo das antigas alunas que frequentaram a Escola Feminina de São José de Cluny, e ainda, o grupo daqueles que não frequentaram nenhuma escola...

5.1.1. *Antigos Seminaristas*

Os antigos seminaristas formam o grupo daqueles que frequentaram, primeiro, o internato da Missão, e a seguir, o seminário, tanto daqueles que chegaram ao sacerdócio como daqueles que não chegaram. É nesse grupo, que encontramos os intelectuais, como o prelado, os sacerdotes e os numerosos antigos seminaristas, que, por sua vez, ocuparam cargos de destaque na função pública (na era colonial e na era pós-colonial) como professores eventuais, professores primários, professores do Ciclo Preparatório, funcionários públicos...

5.1.2. *Diplomados da Escola Teófilo Duarte de Cuima*

Os diplomados do Cuima são os que frequentaram a Escola Teófilo Duarte de Cuima. Como havia muita carência de agentes de ensino nas aldeias, os missionários acharam por bem enviar alguns antigos seminaristas para a Escola Teófilo Duarte de Cuima, na então cidade de Nova Lisboa (atual Huambo, a 1428 km), a fim de serem formados como agentes do ensino rudimentar. Na nossa maneira de ver, são estes que formam o segundo grupo dos cristãos da Missão do Lucula Zenze, que ingressaram na função pública como diplomados do Cuima, que vem depois dos seminaristas.

5.1.3. *Monitores Escolares*

O grupo dos Monitores Escolares é dos cristãos que aprenderam a ler e a escrever, tanto na escola da Missão como nas escolas das aldeias de origem, e que só completaram a Instrução Primária. A década de 1960, depois da eclosão da guerra, foi o período áureo de Monitores Escolares. Muitos desses antigos alunos das missões e dentre eles alguns antigos seminaristas, que concluíram, somente, a 4.^a classe na Missão ou na própria aldeia natal, com exame do Estado ou ainda no seminário. Ingressaram na função pública...

5.1.4. Alfaiates/Pedreiros/Carpinteiros/Mecânicos/Motoristas

Quando os missionários foram fundar a Missão do Lucula Zenze, em 1893, vinte anos depois da Missão de Lândana, fundada em 1873, levaram consigo os alfaiates, os pedreiros, os carpinteiros, os mecânicos, os serralheiros, formados na Missão de Lândana, para a construção da igreja, residência missionária, camarata, escola, dispensário... Depois da construção dessas infraestruturas, não regressaram. Fundaram a aldeia de Fátima, onde passaram a residir. Ficou conhecida como a aldeia dos trabalhadores da Missão.

Não podemos também esquecer que, na Missão do Lucula Zenze, o padre Eugénio Bisch fundou a *Escola de Artes e Ofícios*. Esta escola funcionou entre a igreja e a residência missionária, no recinto da Missão. A *Escola de Artes e Ofícios* estava muito bem organizada com várias secções: havia a Secção de Alfabetização e a Secção propriamente dita das Artes e Ofícios.

Na Secção de Alfabetização aprendiam a ler, a escrever e a contar (soma, subtração, divisão e multiplicação). Numa palavra, aprendiam as quatro operações da Aritmética.

Na Secção de Artes e Ofícios, havia a Subsecção da Alfaiataria, a Subsecção da Carpintaria, a Subsecção da Mecânica, a Subsecção da Serralharia e, finalmente, a Subsecção dos Pedreiros.

A Secção da Alfabetização formou numerosos catequistas, que foram pelas aldeias ensinar o catecismo. Foram estes, os catequistas, colaboradores dos missionários, os principais Pregadores da Palavra de Deus, nas aldeias, totalmente mergulhadas no paganismo e no analfabetismo.

As diferentes secções de alfaiataria, carpintaria, mecânica, serralharia e a dos pedreiros, revelaram aos candidatos as artes de cozer fatos, calças, camisas, fazer mesas, cadeiras, portas, janelas, camas, [...]. Cada secção formou os seus profissionais. Foi desta escola donde saíram os nossos primeiros alfaiates, carpinteiros, mecânicos, serralheiros, pedreiros... Aqui temos todos aqueles que exerceram as profissões liberais...

5.1.5. Agentes Sanitários e Enfermeiros

O problema da saúde foi sempre um problema muito pertinente nas nossas aldeias com jovens raparigas a morrer no parto por falta de cuidados médicos, muitas pessoas a padecerem de doenças, que poderiam ser curadas se houvesse hospitais...

Como na Missão do Lucula Zenze não havia nenhuma escola de enfermagem, os missionários não se preocuparam somente com a saúde do espírito, preocuparam-se, igualmente, com a saúde do corpo, consoante afirmam os homens de Lácio – «*Mens sana in corpore sano*» (*Mente sã num corpo são*). Foi deste modo que houve uma forte

sensibilização, nas aldeias, para os jovens se formarem, para ser agentes da saúde (socorristas) e enfermeiros. Os missionários enviaram o antigo seminarista, Carlos Maria Peso (1927--2013) para a escola de enfermagem, que, na altura, era em Luanda (a 848 km) para colmatar esta lacuna, e os outros inscreveram-se na escola de enfermagem, em Malanje (a 1022 km).

5.1.6. Comerciantes

Os cristãos da Missão do Lucula Zenze, que se empenharam na luta contra a pobreza, compraram ou uma motorizada ou um carro. Outros cristãos, que compraram carros, carrinhas, automóveis, chegavam à Missão carregados de fiéis. Levavam, gratuitamente, para participar na Eucaristia e traziam também, gratuitamente, regressados da Eucaristia. Recordemos que, nesta altura, praticamente, não existiam transportes públicos.

Quantos comerciantes não ajudaram os nossos missionários! Quantos comerciantes não deram boleia aos alunos da aldeia para a cidade e vice-versa! Quantos comerciantes não acolheram, nas suas residências, peregrinos vindos do Norte e do Sul, do Leste e do Oeste. Tanto os catequistas como os comerciantes, uns e outros, colaboraram na evangelização da Missão do Lucula Zenze.

5.1.7. Catequistas

Por ocasião da ordenação sacerdotal do padre João de Brito Monteiro Mayamba (1937-2010), a 11 de julho de 1965, na Missão de Lândana, os sacerdotes de Cabinda publicaram um opúsculo intitulado *Missões de Cabinda e Zaire, 1873-1965, noventa e dois anos depois, Luanda, 1965*. Nem todos os artigos estão assinados, mas, apesar desta lacuna, o trabalho não perde o seu valor histórico. Acerca do artigo sobre os catequistas, transcrevemos a seguinte passagem:

Ninguém ignora o papel importante dos catequistas na evangelização da nossa terra. Nos primeiros tempos e ainda hoje temos de lamentar o facto, o missionário, mesmo com toda a sua vontade e zelo, não podia garantir uma presença assídua em todos os aglomerados humanos, em todas as aldeias.

Mas essa presença que o missionário não podia manter sempre junto dos seus cristãos e catecúmenos, continuava a mantê-la o catequista em que todos, na aldeia, viam e sentiam o prolongamento do próprio missionário.

Dirigia a oração da manhã e da noite e ensinava o catecismo; iniciava as crianças no segredo das letras; era também mestre do canto. Aos domingos, quando a aldeia ficava muito longe da Missão, presidia na capela do povoado ao culto da Palavra de Deus, não raras vezes com frutuoso resultados para as almas. Graças à sua acção, a chama da fé ateada pelos missionários continuava uma realidade viva, palpitante e nas aldeias.¹⁷¹

¹⁷¹ Arquidiocese de Luanda, *Missões de Cabinda e Zaire (1873-1965), Noventa e dois anos depois* (Luanda, s. ed., 1965), 16.

Com esta citação compreendemos o papel desempenhado pelos catequistas nas aldeias desde a fundação das missões. Foi graças à colaboração dos catequistas que os missionários levaram avante a atividade pastoral, a partir da sede missionária a todas as aldeias da jurisdição da Missão: o missionário na Missão e o catequista na aldeia.

Na Exortação Apostólica *Evangelium gaudium*, Sua Santidade, o Papa Francisco, retrata o papel do catequista na importância da catequese:

Voltamos a descobrir que também na catequese tem um papel fundamental o primeiro anúncio ou *querigma*, que deve ocupar da actividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial. O querigma é trinitário. É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai. Na boca do catequista, volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: «Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar.» Ao designar-se como «primeiro» este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o esperam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio principal, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, numa forma ou doutra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos. Por isso, também e «o sacerdote, como a Igreja, deve crescer na consciência da sua permanente necessidade de ser evangelizada».

Não se deve pensar que, na catequese, o *querigma* é deixado de lado em favor duma formação supostamente mais «sólida». Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio. Toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do *querigma* que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne, que nunca deixa iluminar a tarefa catequética, e permite compreender adequadamente o sentido de qualquer tema que se desenvolve na catequese. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano. A centralidade do *querigma* requer certas características do anúncio que hoje são necessárias em toda a parte: que exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa, que não se imponha à verdade mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a ouças doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas. Isto exige do evangelizador certas atitudes que ajudam a acolher melhor o anúncio: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento que não condena.¹⁷²

Ainda Sua Santidade, o Papa Francisco, na sua Carta Apostólica, sob a forma de *motu proprio*, *Antiquum ministerium*, afirmou:

Toda a história da evangelização destes dois milénios manifesta, com grande evidência, como foi eficaz a missão dos catequistas. Bispos, sacerdotes e diáconos, juntamente com muitos homens e mulheres de vida consagrada, dedicaram a sua vida à instrução catequética, para que a fé fosse um válido sustentáculo para a existência pessoal de cada ser humano. Além disso, alguns reuniram à sua volta outros irmãos e irmãs, que partilhando o mesmo carisma, constituíram Ordens religiosas totalmente dedicadas ao serviço da catequese.

Não se pode esquecer a multidão incontável de leigos e leigas que tomaram parte, directamente, na difusão do Evangelho através do ensino catequético. Homens

¹⁷² Francisco, Exortação Apostólica *Evangelium gaudium* (24-11-2013): AAS 105 (2013) 1.019-1.137, n.ºs 164 e 165.

e mulheres, animados por uma grande fé e verdadeiras testemunhas de santidade, que, em alguns casos, foram mesmo fundadores de Igrejas, chegando até a dar a sua vida. Também nos nossos dias, há muitos catequistas competentes e perseverantes que estão à frente de comunidades em diferentes regiões, realizando uma missão insubstituível na transmissão e aprofundamento da fé. A longa série de Beatos, Santos e Mártires catequistas que marcou a missão da igreja, mas também para toda a história espiritualidade cristã.¹⁷³

Com estas citações compreendemos melhor o papel desempenhado pelos catequistas ao longo da história da evangelização, não somente na Missão do Lucula Zenze, mas em todas as missões, desde as origens até aos nossos dias.

5.1.8. Monitoras Escolares

No mundo feminino temos dois grupos. O primeiro grupo é daquelas antigas alunas que frequentaram o internato das Irmãs São José de Cluny de 1893 a 1961, e o segundo grupo, de 1961 a 1970.

Depois da eclosão da guerra, em 1961, e do regresso das populações do exílio, o governo português intensificou o ensino nas aldeias como podemos ler nesta brevíssima crónica.

... As escolas rurais desta área da Missão do Lucula Zenze estão em franco progresso. Da escola de Chinsua seguiu uma dúzia de meninas para o internato das Irmãs de Cabinda.¹⁷⁴

Foram essas meninas, que tiveram o privilégio de estudar, depois da eclosão da guerra de 4 de fevereiro. Feita a 4.^a classe ingressaram na função pública.

Na narrativa de todos os cristãos não podemos menosprezar aqueles que não frequentaram nenhuma escola, porém, aprenderam de cor a doutrina cristã através do catecismo, o famoso *Catecismo do São Pio X*. Nesse grupo encontramos a maioria dos cristãos. Muitos desses cristãos, vários, são cristãos *virī probati*. Viveram segundo a doutrina cristã. Frequentaram os sacramentos. Educaram os filhos na fé cristã. Deram um exemplo de cristãos e discípulos de Jesus Cristo. *Eu digo-vos: muitos virão do Oriente e do Ocidente e sentar-se-ão à mesa no Reino do Céu juntamente com Abraão, Isaac e Jacob, enquanto os herdeiros serão lançados nas trevas exteriores onde haverá choro e ranger de dentes* (Lc 8,11-12).

¹⁷³ Francisco, Carta Apostólica em forma de *motu proprio*, *Magnum principium* (modificação do can. 838, CIC), 2017, 967; 3.

¹⁷⁴ Arquidiocese de Luanda, «Notícias das Missões», in *Jornal O Apostolado*, Ano XXVII, n.º 1.905, (1963), 3.

Conclusão

Fizemos uma leitura dessa cristandade, do século XIX ao século XX. Todos eles, conhecidos e desconhecidos, formam o Povo de Deus das aldeias da jurisdição desta Missão, erigida na planície de Tando Mbambi, à beira da fronteira com a República Democrática do Congo. Através dos mensageiros da Palavra de Deus, os missionários espirituais, Deus abençoou a cristandade do Lucula Zenze.

A partir de zero cristãos, em 1893, para chegarmos a 7.500 cristãos (católicos e protestantes), em 1970, foi um trabalho que não podemos menosprezar.

A partir de zero escolas, em 1893, para termos trinta escolas primárias, quase uma em cada aldeia, em 1970, isto é um facto que não devemos deixar de reconhecer.

A partir duma população completamente mergulhada no analfabetismo, em 1893, para termos centenas e centenas de homens e mulheres que sabem ler e escrever, em 1970, foi um sacrifício que não podemos deixar de louvar.

CAPÍTULO 6

DADOS ESTATÍSTICOS DA MISSÃO DO LUCULA ZENZE (1893-1970)

Introdução

O sexto capítulo é o da investigação e recolha dos dados estatísticos da Missão do Lucula Zenze, desde a fundação, de 1893 até 1970. Os referidos dados estatísticos são deveras importantes para constataremos o crescimento da cristandade no campo espiritual, social, educativo, religioso, cultural, económico... Para concluir, fizemos também o inventário de todo o património herdado dos Missionários Espiritanos, constituído pelos bens móveis e imóveis.

6.1. Missionários

6.1.1. Padres Espiritanos (de 1893 a 1970).....	24
6.1.2. Irmãos Espiritanos Auxiliares (de 1893 a 1970).....	12
6.1.3. Data de desembarque no afluente do Zenze.....	12-6-1893
6.1.4. Data da fundação.....	18-6-1893

6.1.5. Situação Geográfica: A Missão do Lucula Zenze está situada à 2 km da fronteira com a República Democrática do Congo, antigo Congo Belga.

6.2. Superfície

6.2.1. *Superfície da Missão (1893-1934), desconhecida*

A primeira superfície, desde a fundação, em 1893, até 1934, era limitada: a norte, por *Nekuto* (Maiombe); a sul, pela aldeia de *Siadede*; a oeste, pela aldeia de *São Pedro Koti*; e, a leste, pela sede missionária, a 2 quilómetros dos rios *Lucula* e do seu afluente *Zenze*.

6.2.2. *Superfície da Missão (1934-1970): 750 km²*

Com o desmembramento de toda a zona de *Nekuto* (Maiombe), em 1934, a Missão ficou muito pequena, limitada, a norte, pela aldeia *Daniel*; a sul, pela aldeia de *Chinguin-guili*; a oeste, pela aldeia de *São Pedro Koti*; e, a leste, pela sede missionária, a 2 quilómetros dos rios *Lucula* e *Zenze*.

6.3. População

6.3.1. População da Missão, em 1893: desconhecida.

6.3.2. População da Missão, em 1970: 7500 habitantes.

6.4. Visitas Pastorais

6.4.1. Visitas Pastorais dos Missionários do Lucula Zenze às aldeias: semanais.

6.4.2. Visitas Pastorais do Prefeito Apostólico à Missão: mensais.

6.4.3. Visitas Pastorais dos Arcebispos do Luanda à Missão do Lucula Zenze: anuais.

6.4.4. Visitas dos Administradores do Tando Zinze às aldeias: mensais.

6.5. Infraestruturas nas aldeias

6.5.1. Capelas nas aldeias da Missão 30

6.5.2. Escolas nas aldeias da Missão 27

6.6. Dados estatísticos da Missão do Lucula Zenze (abril 1897-agosto 1898)¹⁷⁵

6.6.1. Batismos 127

6.6.2. Confirmações 38

6.6.3. Primeiras Comunhões 195

6.6.4. Casamentos 3

6.6.5. Óbitos 125

6.6.6. Irmãos Postulantes 6

6.6.7. Uma aldeia cristã (habitantes) 60

6.6.8. Uma escola de catequistas, na povoação de Chindende 1

6.7. Dados estatísticos de Batismos e Casamentos (1907- 1948)

No primeiro êxodo (1961-1965), a Missão do Lucula Zenze não foi destruída, mas, no segundo êxodo (1976-1989), foi destruída e os seus registos foram queimados pelos comunistas. Porém, conseguimos consultar os duplicados, guardados no Paço Epis-

¹⁷⁵ In Congrégation du Saint Esprit, *Bulletin de la Congrégation*, n.º 142 (1932), 426-433: «Baptême, 127; Confirmations, 38; Communions, 195; Mariages, 3; Obitus, 125; Frères Postulants, 6; Un village chrétien—habitants, 60; Une école de catéchiste à Chindende, 1.»

copal de Luanda (a 848 km) salvos da fogueira, donde extraímos os seguintes dados estatísticos:

Baptismos

1907	56
1911	53
1912	32
1924	69
1925	90
1926	50
1927	108
1928	153
1929	8
1935	265
1936	270
1939	16
1940	107
1941	55
1942	168
1944	89
1945	145
1950	200
TOTAL	1934

Casamentos

1907	9
1911	53
1912	62
1913	6
1932	44
1933	65
1934	28
1935	25
1936	46
1938	13
1939	20
1940	12
1941	12
1944	31
1945	28
1947	40
1948	40
TOTAL	534

6.8. Dados estatísticos da Missão do Lucula Zenze, em 1932 ¹⁷⁶

6.8.1. Cristãos.....	2.287
6.8.2. Catecúmenos	690
6.8.3. Rapazes internos	36
6.8.4. Catequistas nas aldeias.....	28

¹⁷⁶ In Arquidiocese de Luanda, *Missões de Angola e Congo*, Ano XII, n.º 5 (1932), 149-153.

6.9. Alunos matriculados no Seminário do Lucula Zenze (1936-1947)¹⁷⁷

6.9.1. Ano Lectivo 1936.....	4
6.9.2. Ano Lectivo 1937:.....	27
6.9.3. Ano Lectivo 1938:.....	23
6.9.4. Ano Lectivo 1939:.....	16
6.9.5. Ano Lectivo 1940:.....	16
6.9.6. Ano Lectivo 1941:.....	0
6.9.7. Ano Lectivo 1942:.....	4
6.9.8. Ano Lectivo 1943:.....	10
6.9.9. Ano Lectivo 1944:.....	12
6.9.10. Ano Lectivo 1945:.....	8
6.9.11. Ano Lectivo 1946:.....	13
6.9.12. Ano Lectivo 1947:.....	20
TOTAL	153

6.10. Dados estatísticos da Missão do Lucula Zenze, em 1955¹⁷⁸

6.10.1. Superfície (km ²)	750
6.10.2. Católicos.....	2.080
6.10.3. Alunos internos depois da transferência do Seminário para Cabinda...	20
6.10.4. Pagãos	500
6.10.5. Protestantes	500
6.10.6. Aldeias	20
6.10.6. Baptismos (1951-1955).....	442
6.10.7. Casamentos	81

6.11. Dados estatísticos da Missão do Lucula Zenze, em 1962¹⁷⁹

6.11.1. População	4.220
6.11.2. Catecúmenos	282
6.11.3. Missionários	2
6.11.4. Catequistas	19
6.11.6. Professores	16
6.11.7. Alunos	287

6.12. Dados estatísticos da Missão do Lucula Zenze, em 1966¹⁸⁰

6.12.1. População Total	6.400
6.12.2. Católicos	4.516
6.12.3. Famílias Cristãs	509
6.12.4. Baptismos	261
6.12.5. Comunhões Pascais	1.500
6.12.6. Primeiras Comunhões.....	76
6.12.7. Escolas.....	5
6.12.8. Alunos	514
6.12.9. Dispensário	1
6.12.9. Curativos	10.015

¹⁷⁷ António Brásio, *Centenário do Seminário de Cabinda* (Braga: 1979), 14-17.

¹⁷⁸ In Arquidiocese de Luanda, *Missões de Angola e Congo*, n.º 5 (1932), 140-143.

¹⁷⁹ In Junta de Investigações do Ultramar, Centro de Estudos Políticos e Sociais, n.º 57, *Anuário Católico do Ultramar Português – Annuaire Catholique D’Outre-Mer Portugais* (Lisboa: s. ed., 1962), 56.

¹⁸⁰ Cf. Cândido Ferreira da Costa, *Cem Anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola (1866-1966)* (Nova Lisboa: s. ed., 1970), 91.

6.13. Cristãos católicos da Missão do Lucula Zenze, em 1970

6.13.1. População	7.500
6.13.2. Seminarista do Lucula Zenze, eleito bispo	1
6.13.3. Seminaristas do Lucula Zenze, ordenados sacerdotes	2
6.13.4. Seminaristas do Lucula Zenze (1936-1947), leigos	24
6.13.5. Seminaristas do Lucula Zenze doutras missões, eleitos bispos	3
6.13.6. Seminaristas do Lucula Zenze doutras missões, ordenados sacerdotes	5
6.13.7. Seminaristas do Lucula Zenze doutras missões, leigos	116
6.13.8. Seminaristas do Lucula Zenze no Seminário de Cabinda (1947-1970)	48
6.13.9. Diplomados do Cuima	6
6.13.10. Monitores Escolares	20
6.13.11. Antigas Alunas do Lucula Zenze (1893-1961) – Camponesas	3
6.13.12. Antigas Alunas do Lucula Zenze (1961-1970) – Monitoras Escolares	11
6.13.13. Alfaiates	7
6.13.14. Pedreiros	7
6.13.15. Carpinteiros	9
6.13.16. Mecânicos e Motoristas	3
6.13.17. Agentes Sanitários (Socorristas)	5
6.13.18. Enfermeiros	3
6.13.19. Catequistas (com dados biográficos)	21
6.13.20. Catequistas (sem dados biográficos)	41
6.13.21. Antigos Alunos das missões com dados biográficos	8
6.13.22. Comerciantes	11
6.13.23. Comerciantes (que compraram veículos)	9
6.13.24. Antigos combatentes	5
6.13.25. Funcionários na época do MPLA	3
6.13.26. Prisioneiros da época colonial	5
6.13.27. Lojas no Centro Comercial do Zenze	5
6.13.28. Lojas no Centro Comercial do Fubo	15
6.13.29. Lojas no Centro Comercial do Limano/Daniel	4
6.13.30. Clubes Desportivos	7

6.14. Cristãos protestantes na jurisdição da Missão do Lucula Zenze, em 1970

Na área da Missão do Lucula Zenze temos três aldeias, cujos habitantes são da igreja protestante (Caio Congo, Bonde Pequeno e Bonde Grande), e três aldeias, onde temos habitantes católicos e protestantes (São Pedro Coti, Ntoto Wola e Thamba). Os cristãos protestantes abraçaram a batalha contra o analfabetismo, abandonaram o paganismo e converteram-se ao Cristianismo.

6.14.1. População (cf. Estatística de 1955)	500
6.14.2. Monitores Escolares	4
6.14.3. Monitoras Escolares	2
6.14.4. Agentes Sanitários	3
6.14.5. Enfermeiros	2

6.15. Sacerdotes de Cabinda da Missão de Lândana (1873-2020)

- 6.15.1. P. Luís de Gourlet (1862)
- 6.15.2. P. Lourenço Bunga (1875)

- 6.15.3. P. João Maria Alexandre Tati (1877)
- 6.15.4. P. José Maria Augusto Faustino Builo (1927)
- 6.15.5. P. João de Brito Monteiro Mayamba (1937)
- 6.15.6. P. José Silvino Sambo Mazunga (1966)
- 6.15.7. P. João de Brito Luemba Barros (1968)
- 6.15.8. P. Manuel Fernando Nyanji Casimiro (1971)
- 6.15.9. P. Valério Gabriel Mavinga Pambo (1973)
- 6.15.10. P. João Crisóstomo Mampumbo (1975)

6.16. Sacerdotes de Cabinda da Missão de Cabinda – Imac. Conceição (1891-2020)

- 6.16.1. P. Lourenço Mambuco (1886)
- 6.16.2. D. Manuel Franklin da Costa (1921)
- 6.16.3. D. José Próspero d'Ascensão Puati (1927)
- 6.16.4. D. Paulino Fernandes Madeca (1928)
- 6.16.5. P. Lourenço Maria Pitra (1922)
- 6.16.6. P. José Faustino Nzau Pitra (1932)
- 6.16.7. D. Damião António Franklin (1950)
- 6.16.8. P. Jorge Casimiro Congo (1952)
- 6.16.9. P. Luís Casimiro (1957), Redentorista
- 6.16.10. P. Carlos Gime (1962)
- 6.16.11. P. Pedro de A. Sevo Agostinho (1963)
- 6.16.12. P. Gervásio André Púcuta (1963)
- 6.16.13. P. Raúl Lembe Tati (1963)
- 6.16.14. P. Afonso Liberal (1964)
- 6.16.15. P. António Alfredo Pucuta Moraes (1966)
- 6.16.16. P. António Afonso Rodrigues (1969)
- 6.16.17. P. Desidério Nzau da Costa (1969)
- 6.16.18. P. Leão Nsiku Puati (1968)
- 6.16.19. P. Nicolau de A. Liambo Cuebo (1974)
- 6.16.20. P. José Bassanza Fuiti Pêngado (1975)
- 6.16.21. P. Paulo Nzita João (1984)
- 6.16.22. P. Félix de Deus Buanga Liberal (1987)
- 6.16.23. P. Francisco D. Simba Luemba (1988)
- 6.16.24. P. Gabriel Mwizila (1987)
- 6.16.25. Frei António Boaventura Zovo Baza (1976)
- 6.16.26. P. Alfredo da Ressurreição Mavinga André (1980), Espiritano
- 6.16.27. P. Miguel Rafael Coelho Gime (1981), Salesiano
- 6.16.28. P. Afonso Maria Púcuta Barros (1982), Espiritano

6.17. Sacerdotes de Cabinda da Missão de Matembo/Belize (1922-2020)

- 6.17.1. P. Tomás Cumbo (1959)
- 6.17.2. P. Gabriel Nzau (1963)
- 6.17.3. P. Félix Pedro Mavambo (1964)
- 6.17.4. P. Félix Roberto Cubola (1965), religioso
- 6.17.5. P. António Mabiala (1966)
- 6.17.6. P. Celestino Roque Vemba (1967)
- 6.17.7. P. António Kimino Damião (1971), Espiritano
- 6.17.8. P. Francisco Metissali Sunda (1978)
- 6.17.9. P. Victor Fufo Macaia (1983)
- 6.17.10. P. Miguel Bumba Pambo

6.18. Sacerdotes de Cabinda da Missão do Lucula Zenze (1893-2020)

- 6.18.1. D. Eduardo André Muaca (1924)
- 6.18.2. P. Sérgio Gabriel Macaia (1925)
- 6.18.3. P. Gabriel Nionje-Seda (1930)
- 6.18.4. P. Barnabé Lelo Tubi (1950)
- 6.18.5. P. José Luemba Chiânica (1955)
- 6.18.6. P. António Maria Ngimbi Zati (1956)
- 6.18.7. P. João Ndambi Capita (1958)
- 6.18.8. P. Alexandre Chuculate Pambo (1959)
- 6.18.9. P. João Maria Futi (1961)
- 6.18.10. P. António Ndembe Ngoma (1962)
- 6.18.11. P. Desidério Mayema (1962), Owando
- 6.18.12. P. José Mombo Lelo (1963)
- 6.18.13. P. Carlos Maria Capita Mbambi (1963)
- 6.18.14. P. Francisco Nionje Capita (1964)
- 6.18.15. P. Policarpo Futi Simão (1964)
- 6.18.16. P. Abel Fernando Estêvão Liluala (1964)
- 6.18.17. P. José Francisco Luemba (1965)
- 6.18.18. P. João Gime Barros (1966)
- 6.18.19. P. Alexandre Muanda Maymona (1966)
- 6.18.20. P. João Baptista Ngimbi (1967)
- 6.18.21. P. André Justino Futi (1968)
- 6.18.22. P. Joaquim Sita Balenda (1968)
- 6.18.23. P. José Ndoki Makidi (1969), Espiritano
- 6.18.24. P. Joaquim Mbumba (1970)
- 6.18.25. P. Joaquim Sita Balenda (1970)
- 6.18.26. P. José Miguel Tombo Cadula (1970)
- 6.18.27. P. Próspero Luemba Massosso (1970)
- 6.18.28. P. José Miguel Tombo Cadula (1970)
- 6.18.29. P. Próspero Luemba Massosso (1970)
- 6.18.30. P. António Pascoal Bambi (1970), Dominicano
- 6.18.31. P. Jerónimo Panzo Lubongo (1970), Espiritano
- 6.18.32. P. Domingos Fernando Chimbembe (1979)
- 6.18.33. Frei Barnabé Chama Mbenza Ngana (1980), Capuchinho
- 6.18.34. P. Ernesto Tiago Bolila Conde (1986), Espiritano

Malgrado na Missão do Lucula Zenze não ter havido uma missão feminina para a educação da rapariga (1893-1970), depois do Vaticano II (1962-1965), algumas filhas originárias desta Missão abraçaram a vida consagrada. As primeiras vocações desabrocharam no exílio da República do Zaire (atual RDC), enquanto as outras emergiram na *Terra Prometida*, em Cabinda (Angola), no regresso do exílio.

6.19. Irmãs de Cabinda da Missão do Lucula Zenze (1893-2020)

- 6.19.1. Ir. Albertina Massiala (1962) – Aldeia de Macanga Pequena – São José de Cluny
- 6.19.2. Ir. Marcela Khesso (1963) – Aldeia de Chinguilinguili (Opus Dei)
- 6.19.3. Ir. Maria Marta Tembo (1964) – Aldeia de Chinguilinguili (diocesana)
- 6.19.4. Ir. Maria Anastásia Pemba Manuel (1967) – Aldeia de Cácata – Mercedária
- 6.19.5. Ir. Ernestina Fita Zau (1968) – Aldeia de Santo Eugénio – Mercedária
- 6.19.6. Ir. Clementina Ngimbi Mvumbi (1968) – Aldeia de Macanga São José de Cluny

- 6.19.7. Ir. Cecília Puna Virgínia Conde (1972) – Aldeia de Chinsua (diocesana)
6.19.8. Ir. Madalena Ester Muaca (1973) – Aldeia de Wangulo – Mercedária
6.19.9. Ir. Virgínia Kumbu Makidi (1974) – Aldeia de São Miguel – Predilecta
6.19.10. Ir. Álcida Paulina Lilo Nguango (1976) – Chinguinguili (FMM)
6.19.11. Ir. Maria Sona Kumbo (1977) – Aldeia de Wângulo – Mercedária.

6.20. Bens Imóveis¹⁸¹

6.20.1. **Igreja Matriz.** A primeira igreja construída em madeira, em 1910, desabou. Foi substituída por uma, de material definitivo, em 1932. Esta tem 37 metros de comprimento; 12,40 metros de largura da frente; 11,60 metros de largura de trás; 1 porta central e 2 portas laterais, à frente; 2 portas laterais (uma de cada lado); 1 porta da entrada, na sacristia; 19 janelas e 6 respiradores.

6.20.2. **Residência Missionária.** A primeira casa, para começar, construída de material pouco durável, em 1893, desabou. Foi substituída pela atual, de material definitivo, em 1938. Esta tem 34,20 metros de comprimento; 12,40 metros de largura; 4 quartos, cada quarto com seu escritório e seu quarto de banho privativo; 6 portas, 10 janelas; e o patamar, que também serve de sala de visitas. Aqui está a nota que encontramos no diário manuscrito: «Domingo 18-12-1938: O Sr. Padre Director passou a noite do dia antecedente para o presente num dos primeiros quartos da nova casa de habitação dos Missionários.»¹⁸²

6.20.3. **Casa-refeitório dos missionários.** A casa foi construída de material definitivo, em 1932. Tem 9,16 metros de comprimento e 5,26 metros de largura, 1 porta, 2 janelas e 1 dispensa.

6.20.4. **Casa da cozinha dos missionários.** A casa da cozinha dos missionários foi construída de material definitivo, em 1932. Tem 5,58 metros de comprimento e 5,22 metros de largura, 1 porta e 2 janelas.

6.20.5. **Casa-Armazém.** A casa-armazém foi construída de material definitivo, em 1932. Tem 12,60 metros de comprimento e 5,60 metros de largura, 3 portas e 1 janela.

6.20.6. **Complexo Escolar.** O Complexo Escolar foi construído em 1947, pelo padre Joaquim Martins (1915-2015). Tem 54,40 metros de comprimento, 16 metros de largura, 4 salas de aulas, 30 janelas, 2 portas, à frente do escritório do diretor, e 6 portas, à frente das salas de aulas.

¹⁸¹ Esta informação foi colhida no local, durante o trabalho de investigação, pelo próprio. Convém ter presente que o autor foi aluno interno desta Missão Lucula Zenze, nos anos de 1962-1963.

¹⁸² In Diário Manuscrito do Seminário na Missão do Lucula Zenze (1938-1946).

6.20.7. **Posto Sanitário.** O Posto Sanitário foi construído em 1947, pelo padre Joaquim Martins (1915-2015). Tem 15,50 metros de comprimento, 8,30 metros de largura, 5 metros de altura, 10 portas e 7 janelas.

6.20.8. **Casa do Internato dos Alunos.** A casa dos alunos internos foi construída de material definitivo, em 1965, e inaugurada, por ocasião do centenário da chegada dos Missionários da Congregação dos Padres do Espírito Santo a Angola (1866-1966). Tem 30,23 metros de comprimento e 6,60 metros de largura, 5 portas, 8 janelas, 8 respiradores, 4 WC e 4 quartos de banho com lavabos e 8 respiradores.

6.20.9. **Casa do Refeitório dos Alunos.** A casa do refeitório dos alunos foi construída em 1965, pelo padre José Bernardo Troesch (1900-1972), e inaugurada em 1966, por ocasião do centenário da chegada dos Missionários da Congregação do Espírito Santo a Angola. Tem 18,86 metros de comprimento e 7,15 metros de largura, 4 portas, 5 janelas e 3 respiradores.

6.20.10. **Curral do Gado Bovino**

6.20.11. **Curral do Gado Suíno**

6.20.12. **Curral do Gado Caprino**¹⁸³

6.20.13. **Galinheiro.** O galinheiro antigo era de madeira e o novo e atual foi refeito.

6.20.14. **Casa das arrumações** de utensílios de trabalho foi totalmente destruído. Foi construída uma nova casa de arrumações.

6.20.15. **Garagem** (pneus, peças de sobresselentes dos carros).

6.21. Fazenda da Missão (Roça de palmeiras)

6.21.1. **Palmeiras** (mais de 1.000)

6.21.2. **Bananeiras** (mais de 900)

6.21.3. **Abacateiros** (mais de 70)

6.21.4. **Café** (2 hectares)

6.21.5. **Cacau** (2 hectares)

6.21.6. **Madeiras** (madeiras preciosas de lima e câmbala)

¹⁸³ Desde a reabertura da Missão, a 18 de fevereiro de 1989, que os Padres Diocesanos não conseguiram mais recuperar nenhum curral, perante a pobreza instalada nas missões católicas, depois da independência de Angola, em 1975, através o marxismo-leninismo. Os vestígios dos três currais foram engolidos pelo capim que cresceu e pela vegetação da floresta que os cobriu. Os soldados, autênticos larápios, consumiram todos os bois, porcos e cabritos...

6.22. Bens Imóveis

No grupo dos bens móveis temos os paramentos, os sinos, os livros litúrgicos (lecionários, santorais, as alvas, os livros de registos de batismos, confirmações, casamentos, óbitos...). Túnica (13 novas e 20 antigas); sobrepelizes (15 de cores verde-rocha, 15 brancas vermelhas), 6 túnicas tradicionais para os leitores, 4 cibórios, 4 cálices, 4 patenas, 4 pares de galhetas; 9 sanguíneos, 9 corporais, 27 palas (19 brancas, 2 vermelhas, 6 rochas); 5 toalhas do altar, 3 toalhas de ambão, 8 castiçais e 1 cruz do altar.

6.22.1. **Paramentos**: 6 paramentos de cor branca, 4 paramentos de cor verde, 3 paramentos de cor vermelha e 3 paramentos de cor roxa.

6.22.2. **Paramentos para todas as solenidades**, festas e dias ordinários (feriais).

6.22.3. **Castiçais**, pálios, galhetas, cibórios, cálices, patenas, sanguíneos, alvas e cíngulos.

6.23. Sinos

6.23.1. 1 sino grande.

6.23.2. 2 sinetas com que se assinala a elevação da hóstia, na Consagração.

6.23.3. 1 sino médio, à frente do refeitório, para anunciar a hora da refeição.

6.23.4. *Nkhoko (coco)* – instrumento africano de comunicação.

6.24. Lecionários

6.24.1. Lecionários dos Anos A, B, C;

6.24.2. Lecionários para as Festas (1);

6.24.3. Lecionários para os Anos Pares (3);

6.24.4. Lecionários para os Anos Ímpares (3);

6.24.5. Lecionários para as Festas dos Santos – Santoral (1).

6.25. Batinas

6.25.1. Batinas para os sacerdotes (pessoais);

6.25.2. Batinas para os acólitos (vários tamanhos, 8).

6.26. Livros de registo

Acerca dos livros de registos foram agrupados em três grupos:

- 1.º Grupo – Chancelaria de Cabinda (1893-1970);
- 2.º Grupo – Campos de Refugiados (1976-1992); e
- 3.º Grupo – Cartório do Lucula Zenze (de 1989 até aos nossos dias).

O 1.º Grupo dos livros de registo faz parte dos livros de registo salvos do saque e destruição da Missão, em 1975, que se encontravam na Chancelaria da Arquidiocese de Luanda (1893-1970) e que foram transferidos para a Chancelaria de Cabinda, depois da criação da diocese.

O 2.º Grupo dos livros de registo faz parte dos livros de batizados, nos campos de refugiados de Nlundu Matende, Kimbianga, Mfuiki e Tseke Zole, na República do Congo (1976-1992). Estes livros estão na Chancelaria de Cabinda.

O 3.º grupo dos livros faz parte dos livros de depois do exílio, desde 1989, data da reabertura da Missão, até aos nossos dias. Estes estão no Cartório da Missão do Lucula Zenze.

6.27. Armários

- 6.27.1. 2 Armários para os paramentos;
- 6.27.2. 1 Armário para a roupa dos quartos;
- 6.27.3. 1 Armário para os talheres.

6.28. Imagens

- 6.28.1. 1 imagem de Nossa Senhora das Vitórias (padroeira);
- 6.28.2. 1 imagem de São José;
- 6.28.3. 1 imagem da Sagrada Família;
- 6.28.4. 1 imagem do Menino Jesus de Praga.

6.29. Produção

- 6.29.1. 1 Máquina de extração de óleo de palma;
- 6.29.2. 1 Motobomba (para puxar água do poço);
- 6.29.3. 1 Britadeira para coconote;
- 6.29.4. 1 Gerador (para iluminação à noite).

6.30. Talher

- 6.30.1. Fogão à petróleo;
- 6.30.2. Geleira;
- 6.30.3. Panelas;
- 6.30.4. Pratos para a sopa;
- 6.30.5. Pratos normais;
- 6.30.6. Facas de cozinha;
- 6.30.7. Facas de mesa;
- 6.30.8. Pires;
- 6.30.9. Copos para vinho e água;
- 6.30.10. Toalhas de mesa;
- 6.30.11. 1 mesa e 8 cadeiras.

6.31. Quartos da Residência Missionária

- 6.31.1. Quarto n.º 1 (cada quarto, 1 cama);
- 6.31.2. Quarto n.º 2 (cada quarto, 1 mesa de escritório e 2 cadeiras);
- 6.31.3. Quarto n.º 3 (cada quarto, 1 mesa de cabeceira);
- 6.31.4. Quarto n.º 4 (cada quarto, com 2 cortinas, 1 porta e 1 janela).

6.32. Roupa de cama da Residência Missionária

- 6.32.1. Quarto n.º 1 (cada quarto, 1 cobertor);
- 6.32.2. Quarto n.º 2 (cada quarto, 6 pares de lençóis);
- 6.32.3. Quarto n.º 3 (cada quarto, 2 almofadas);
- 6.32.4. Quarto n.º 4 (cada quarto, 2 cortinas, porta e janela).

6.33. Veículos

- 6.33.1. 1 *Land Rover* (grande de 2 portas);
- 6.33.2. 1 *Land Rover* (pequeno, fechado, com 3 portas).

Conclusão

Os discípulos de Jesus Cristo da Congregação dos Padres do Espírito Santo ergueram as infraestruturas da Missão do Lucula Zenze. Todos os dados estatísticos confirmam o sacrifício feito pelos missionários em erguer uma obra em pleno descampado, começando a partir do zero. A principal palavra de conclusão é o reconhecimento por esta obra erguida numa savana. Os dados falam por si. Os bens imóveis lá estão erguidos, resistindo aos ventos da história, enquanto os bens móveis foram saqueados, destruídos e vandalizados na guerra pós-colonial. Porém, como as obras de Deus não desaparecem na história do povo cristão, desde o dia 13 de janeiro de 1989, data da reabertura da Missão, que a reconstrução é o tema permanente.

Cronologia

1893 – 12 junho	– Viagem para fundação da Missão.
1893 – 18 junho	– Ereção da Cruz – Fundação da Missão – N. ^a Sr. ^a das Vitórias.
1893 – 15 julho	– Nova Residência.
1893 – 28 julho	– Primeira visita de confrades.
1893 – 10 agosto	– Poço de Água.
1893 – 30 agosto	– Casa dos alunos.
1893 – 1 outubro	– Segunda visita de confrades.
1893 – 15 novembro	– Chegada do P. Eugénio Bisch a Lucula Zenze.
1893 – 25 novembro	– Forno de térmitas.
1894 – 6 janeiro	– Alameda das mangueiras.
1894 – 15 agosto	– Aumento dos alunos.
1894 – 24 dezembro	– Primeiros batismos.
1894 – 29 dezembro	– Regresso da Europa do Irmão Straton Wieder.
1895 – 1 julho	– Batismos.
1895 – 20 junho	– Irmão Hilário no Lucula Zenze.
1895 – 26 junho	– Ereção da cruz com Santo Cristo.
1896 – 3 dezembro	– Partida do P. Pedro Paulo Paulus para Europa.
1902 a 1908	– Os missionários não encontraram palavras para traduzirem o seu desgosto ao verem as suas aldeias despovoadas por causa da doença do sono <i>Terra despovoada</i> . As aldeias encontram-se em estado lastimável. Uma parte da população

- fugiu para o Congo Belga e passada a epidemia regressou, segundo nos testemunharam os mais velhos.
- 1910 – 20 maio – O P. Eugénio Bisch faleceu no Consultório do Dentista na extração de um dente, a caminho da sua terra natal.
- 1912 – Limitação da Fronteira de Cabinda com o Congo Francês (Brazzaville) e o Congo Belga (Leopoldville).
- 1917 – 30 maio – A estrada da cidade de Cabinda – Lucula Zenze só começou a ser explorada em 1916, sendo percorrida pela primeira vez, em toda a extensão, nesta data.
- 1932 – O Irmão Ludovico, juntamente, com o padre Henrique Gross, construíram a igreja da Missão do Lucula Zenze.
- 1933 – 26 fevereiro – A nova igreja do Lucula Zenze foi inaugurada por D. Faustino Moreira dos Santos.
- 1934 – Neste ano, toda a área do Nekuto foi desmembrada da Missão do Lucula Zenze e anexada à Missão de Lândana, e as aldeias, a partir da aldeia de Caio Caliado até à povoação de Siadede foram anexadas à Missão de Cabinda, atual Paróquia da Imaculada Conceição. Portanto, até 1934, o território da Missão do Lucula Zenze estendia-se até Nekuto e integrava as aldeias de Caio Caliado e Siadede.
- 1936 – Deslocalização das aldeias por ordem do governo colonial, para todas as aldeias saírem dos locais onde se encontravam, a fim de ficarem ao longo da nova estrada.
- 1936 – 11 dezembro – Transferência do Seminário, de Lândana para Lucula Zenze.
- 1940 – Criação da Arquidiocese de Luanda, com duas sufragâneas (Nova Lisboa, hoje Huambo) e Silva Porto (hoje, Kwito Bié) e a supressão das Prefeituras do Baixo Congo Português e das Missões Autónomas.
- 1943 – 8 junho – Cinquentenário da Missão do Lucula Zenze.
- 1947 – 2 fevereiro – Transferência do Seminário da Missão do Lucula Zenze para os arredores da embrionária vila de Cabinda, pertinho da Missão de Cabinda (atual Paróquia Imaculada Conceição).

- 1953 – 18 janeiro – Ordenação do P. Eduardo André Muaca, primeiro padre de Lucula Zenze.
- 1955 – 29 agosto – Ordenação do P. Sérgio Gabriel Macaia, segundo padre de Lucula Zenze.
- 1961 – 12 abril – A UPA/FNLA iniciou a luta armada com o ataque de Makhama Nzila.
- 1962 – 1 julho – Ordenação do P. Gabriel Nionje Seda, terceiro padre de Lucula Zenze.
- 1965 – 11 novembro – Regresso oficial dos refugiados da República Democrática do Congo. O regresso marcou o fim da guerra nesta área do Lucula Zenze.
- 1970 – 11 março – Sua Santidade, o Papa Paulo VI, nomeou o cónego Eduardo André Muaca, Bispo Auxiliar de Luanda.
- 1970 – 7 junho – A Missão do Lucula Zenze, que até hoje esteve sob a orientação dos Padres do Espírito Santo, é entregue aos padres diocesanos, na pessoa do Reverendo P. Angelino Gaspar Nanga.

CONCLUSÃO DA PRIMEIRA PARTE

1. Primeira Evangelização na Missão do Lucula Zenze (1893-1970)

No fim da nossa reflexão sobre a história da Missão do Lucula Zenze (1893-1970) destacamos a primeira fase de evangelização. É a época de ouro dos primeiros missionários: a fase de pregar, batizar, fundar a igreja... Não podemos deixar de sublinhar que a missionação que estava sob o signo do Padroado Espiritual Português. Portanto, a missionação é portuguesa, vincada na portugalidade do Estado Novo (do Minho a Timor).

2. Períodos da Primeira Evangelização

Podemos dividir a primeira evangelização (1893-1970) em dois períodos: o primeiro, período da Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português (1893-1940) e o segundo, período do Arciprestado de Cabinda na Arquidiocese de Luanda (1940-1970).

2.1. Período da Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português

A Missão do Lucula Zenze foi fundada no período da Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português. O Prefeito Apostólico era o Superior. Residia na Missão de Lândana. Supervisionava todas as missões do Enclave de Cabinda. Transferia os sacerdotes de uma missão para a outra. Organizava os retiros para os sacerdotes. Visitava as missões, regularmente. Numa palavra, desempenhava a função de prelado. Porém, como Prefeito Apostólico, não podia ordenar um sacerdote, porque não era prelado.

Nesse primeiro período da fundação, destacamos a ereção das infraestruturas como a primeira residência missionária, a capela, a casa dos alunos, a escola, todas obras construídas de material pouco durável. Os acontecimentos de maior destaque foram o desmembramento da área do Nekuto-Mayombe da Missão do Lucula Zenze com a consequente anexação na Missão de Lândana, em 1934, a deslocalização das aldeias em todo o Enclave de Cabinda, em 1936, e a transferência do Seminário de Lândana para Lucula Zenze, em 1936. Portanto, os primeiros 47 anos de evangelização da Missão do Lucula Zenze foram anos de grandes sacrifícios e muitas privações. As deslocações eram mais por via fluvial do que por via terrestre. As estradas quase inexistentes. Foi o período primitivo em que os missionários aprenderam a língua e traduziram o catecismo e o livro de oração em língua vernácula.

2.2. *Período-Arciprestado de Cabinda na Arquidiocese de Luanda*

O segundo período começou com a extinção da Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português e a anexação das missões de Cabinda à Arquidiocese de Luanda. O Arcebispo Metropolitano de Luanda passou a ser a autoridade superior, que visitava as missões de Cabinda, anualmente. A transferência do seminário da Missão do Lucula Zenze para a vila de Cabinda, em 1947; a eclosão da guerra colonial, em 1961, na povoação de Mankhama Nzila (a 2km do Posto Administrativo de Tando Zinze); a fuga do povo para a República Democrática do Congo, o regresso oficial do povo refugiado do exílio da República Democrática do Congo para Cabinda, em 1965, sob a liderança do Alexandre Tati (1923-1975); o início da circulação dos *Autocarros Garcia*, em 1969, entre Lucula Zenze e a cidade de Cabinda, são os acontecimentos de maior destaque nesse período.

Depois do regresso do exílio, o povo do Lucula Zenze retomou o ritmo normal das suas atividades. As pessoas prosseguiram com os seus trabalhos, no dia a dia. Os comerciantes africanos compraram bicicletas, motorizadas, rádios portáteis, gravadores e alguns agricultores chegaram a comprar carros. As aldeias tinham lojas e cantinas muito bem fornecidas. Lucula Zenze estava a avançar no caminho do progresso. A campanha da escolarização chegou a atingir todas as aldeias da jurisdição da Missão.

Todos os missionários deram o melhor de si mesmos para a formação da cristandade do Lucula Zenze. Os frutos dessa evangelização ali estão registados na história: três sacerdotes, numerosos antigos seminaristas, diplomados do Cuima, monitores e monitoras escolares, alfaiates, pedreiros, mecânicos, motoristas, carpinteiros, serralheiros, agentes sanitários (socorristas), enfermeiros, catequistas, comerciantes, antigos alunos internos da Missão, agricultores (alfabetizados e não alfabetizados).

Por ser das mais pequenas em superfície, somente 750 Km² e com pouca densidade populacional (7.500 habitantes) distribuídos por trinta aldeias, a Missão do Lucula Zenze foi das mais assistidas espiritualmente. Durante os onze anos (1936-1947) que o seminário funcionou nesta Missão, dedicada a Nossa Senhora das Vitórias, os missionários espiritanos não abandonaram a pastoral nas aldeias.

3. *Factos Históricos da Missão do Lucula Zenze (1893-2020)*

Na história da Missão do Lucula Zenze destacamos, como factos mais importantes: a redação do *Catecismo*, publicado em 1910; o seminário, nesta estação missionária (1936-1947); a realização dos Cursos *Nova et Vetera* (1970-1974); a comemoração do primeiro centenário de evangelização (1893-1993); a comemoração do primeiro centenário

rio da morte do fundador da Missão do Lucula Zenze (1910-2010); e, por fim, a Missão com maior número de sacerdotes na diocese (1893-2020).

3.1. *Lucula Zenze – Berço da Redação do Catecismo (1893-1910)*

Lucula Zenze foi berço da redação do *Catecismo Fiote-Português* e do livrinho de orações *Buka Nsambu*, publicados, em 1910. O padre Eugénio Bisch (1869-1910) e o Irmão Gregório Eusébio (1874-1930), missionários espiritanos, o primeiro francês e o segundo português, foram os autores destas duas obras primordiais na história do cristianismo em Cabinda. As duas obras foram redigidas nesta Missão do Lucula Zenze. O *patamar da residência Missionária do Lucula Zenze* foi o espaço onde o padre Eugénio Bisch reunia com os autóctones e escreveu o *Catecismo Bilingue Fiote - Português* e o livro de orações *Buku Nsambu*. Aquele patamar era espaço de profunda inspiração. Foram estes os dois livros que, praticamente, formaram as gerações da cristandade de Cabinda.

3.2. *Lucula Zenze – Berço do Seminário (1936-1947)*

Lucula Zenze foi o segundo berço do Seminário, fundado em Lândana em 1879, e transferido para esta estação missionária, onde funcionou durante 11 anos (1936-1947). D. Manuel Franklin da Costa (1921-2003), seminarista, transferido do Seminário de Lândana para Lucula Zenze, em 1936, veio com o Ciclo Preparatório concluído. Fez o Curso Liceal (3.º, 4.º e 5.º ano) aqui no Lucula Zenze. D. Eduardo André Muaca (1924-2002), D. José Próspero Puati (1927-2001) e D. Paulino Fernandes Madeca (1927-2009) iniciaram a formação eclesial nesse Seminário do Lucula Zenze.

3.3. *Lucula Zenze – Berço dos Cursos Nova et Vetera (1970-1974)*

Lucula Zenze foi o berço dos Cursos *Nova et Vetera*, fundados pelo padre Gabriel Nionje Seda (1930-2009), a 1 de outubro de 1970, em plena época colonial, que funcionaram durante quatro anos (1970-1974).

3.4. *Lucula Zenze – Comemoração do Centenário da Missão (1893-1993)*

A comemoração do centenário da fundação da Missão, em 1993, foi em plena época pós-colonial, mergulhada na doutrina do comunismo e no clima bélico. Os militares da Frente de Libertação do Enclave de Cabinda (FLEC) lutavam contra os militares do MPLA, partido do Estado. Aqueles eram chamados «os Rebeldes» e estes «os Governamentais». Os dois digladiavam-se. Porém, confirmamos a coragem dos cristãos, que de posto em posto de controlo, viajaram vindos de Luanda, cidade de Cabinda, Maiombe, Lândana e de todas as aldeias da jurisdição para a festa do centenário. Em plena guerra

pós-colonial na data da comemoração do centenário da Missão o povo marcou presença. Rezou. Cantou. Agradeceu a Deus pela fundação da Missão. Até foi composto um cântico em homenagem aos missionários.

3.5. *Lucula Zenze – Comemoração do Centenário do Fundador (1910-2010)*

Lucula Zenze comemorou o centenário da morte do fundador da Missão. O pároco e os paroquianos da Missão do Lucula Zenze comemoraram o primeiro centenário da morte do fundador da Missão, padre Eugénio Bisch, a 20 de maio de 2010. Por esta ocasião, publicámos uma sùmula biogràfica.¹⁸⁴

3.6. *Lucula Zenze – Missão com maior número de sacerdotes na diocese (1893-2020)*

Devido à assistência espiritual permanente nas aldeias, devemos destacar que a Missão do Lucula Zenze é a missão, na atual diocese de Cabinda, com maior número de sacerdotes, como podemos verificar nos seguintes dados estatísticos:

- A Missão de Lândana, a primeira Missão em todo o território de Cabinda, desde a sua fundação, em 1873, até ao ano de 2020, deu 10 sacerdotes.
- A Missão de Cabinda, atual Paróquia Imaculada Conceição, desde a sua fundação, em 1891, até ao ano de 2020, deu 28 sacerdotes dos quais quatro bispos: D. Manuel Franklin da Costa (1921-2003), D. José Próspero Puati (1927-2001), D. Paulino Fernandes Madeca (1928-2008) e D. Damião António Franklin (1950-2014).
- A Missão do Lucula Zenze, desde a sua fundação, em 1893, até ao ano 2020, deu 34 sacerdotes dentre os quais um bispo, D. Eduardo André Muaca (1924-2002), vinte e nove sacerdotes diocesanos e cinco sacerdotes religiosos, totalizando trinta e quatro sacerdotes. Dentre os religiosos, temos um dominicano, três espiritanos e um capuchinho.
- A Missão de Matembo (Belize), desde a sua fundação, em 1922, até ao ano de 2020, deu à igreja 13 sacerdotes.

Os dados estatísticos não necessitam de mais comentários. É a prova evidente de que, enquanto noutras missões os cristãos tinham a visita pastoral do missionário, mensalmente, e noutras, trimestralmente, porque eram muito extensas, na Missão do Lucula Zenze, praticamente, desde que o Seminário foi instalado, passou a ter a visita do missionário, semanalmente, sempre acompanhado de alguns seminaristas, que faziam as traduções das homilias.

¹⁸⁴ Cf. Barnabé Lelo Tubi, *P. Eugénio Bisch, Apóstolo de Lucula Zenze* (Prior Velho: Paulinas, 2010).

SEGUNDA PARTE

**A EVANGELIZAÇÃO DA MISSÃO DO LUCULA ZENZE
PELOS PADRES DIOCESANOS,
A PARTIR DOS CURSOS *NOVA ET VETERA* (1970-1974)**

INTRODUÇÃO À SEGUNDA PARTE

Nesta reflexão sobre a evangelização da Missão do Lucula Zenze pelos padres diocesanos, depois do Vaticano II, dedicamo-nos ao estudo da atividade pastoral dos Cursos *Nova et Vetera* (1970-1974), por quatro razões fundamentais:

1.º – Nós somos os únicos, que temos os manuscritos dos Cursos *Nova et Vetera*, que pretendemos traduzir nos moldes da cientificidade atual.

2.º – Nós não conhecemos ninguém que tivesse tratado este tema com profundidade requerida, em que nós nos empenhámos, humildemente, de alma e coração, desde a fundação dos Cursos *Nova et Vetera*, em 1970, até aos nossos dias, à comemoração do jubileu em 2020.

3.º – Nós somos os primeiros a abordar o tema dos Cursos *Nova et Vetera* com profundidade e exigência da investigação histórico-teológica a fim de trazer à luz os valores neles impregnados.

4.º – Com esta reflexão, projetamos na comemoração do jubileu das Bodas de Ouro dos Cursos *Nova et Vetera* (1970-2020), pois, um provérbio da cultura de Cabinda afirma: «*cibika nkulu cibola, buna vasasiala wandi ko*» (Tradução: *O património de um antepassado só pode deteriorar-se (deixar estragar-se ou deixar apodrecer) senão houver um fiel herdeiro da sua família.*) Portanto, é um imperativo de consciência dedicarmos-nos ao estudo dos Cursos *Nova et Vetera*, pois, é um grave erro deixarmos um tema tão rico, abandonado na poeira do esquecimento.

5.º – A partir destas afirmações, não nos restam dúvidas de que o tema sobre os Cursos *Nova et Vetera* é um estudo, totalmente, original. Como toda a tese de doutoramento tem de trazer algo de novo, aqui, nós, apresentamos a novidade do estudo dos Cursos *Nova et Vetera*, na linha da inculturação. Portanto, os Cursos *Nova et Vetera*, realizados na Missão do Lucula Zenze, de 1970 a 1974, são a originalidade na nossa dissertação.

6.º – As fontes, que temos sobre os Cursos *Nova et Vetera*, são manuscritas e orais. As fontes manuscritas são os apontamentos feitos pelos anotadores do padre Gabriel, durante a realização dos Cursos. As fontes orais são as entrevistas e os testemunhos, que nós recolhemos junto dos colaboradores do padre Gabriel, dos participantes dos Cursos *Nova et Vetera*, dos missionários, arcebispos, bispos, sacerdotes e do povo em geral.

7.º – Os documentos publicados sobre os Cursos *Nova et Vetera* são unicamente três artigos: 1.º, Aspectos da Visita a Missão do Lucula «*Nova et Vetera*» de 14-7-1970; 2.º, Evangelizar os Pobres (dezembro 1973); 3.º, Três Anos de Vida (dezembro 1973);

4.º, a entrevista do padre Gabriel ao *Jornal de Angola* (29-9-1996), as três conferências proferidas no Auditório do Centro das Conferências de Simulambuco: *primeira*, a tese «África para os Africanos» poderá aplicar-se audaciosamente à Igreja Africana? Ensaio duma resposta (20/1/1988); a *segunda*, «Alfabetização e Africanidade» (1-10-1996); e, a *terceira*, «Um Espaço para o Método *Inongo Nongo*» (24-6-1998). As respetivas conferências nunca foram publicadas, mas encontram-se, agora, disponíveis nesta tese!

8.º – Em primeiro lugar, reunimos os manuscritos. Em segundo lugar, organizamo-los criteriosamente. No fim deste penoso trabalho, fizemos uma leitura temática e cronológica da lecionação dos cursos. A partir dessa leitura, dividimos o nosso tema em sete capítulos: *primeiro capítulo*, a Fundação dos Cursos *Nova et Vetera*, em 1970; *segundo capítulo*, as Disciplinas Teóricas dos Cursos *Nova et Vetera*; *terceiro capítulo*, as Disciplinas Práticas dos Cursos *Nova et Vetera*; *quarto capítulo*, a Semana do Encerramento dos Cursos *Nova et Vetera*; *quinto capítulo*, a Avaliação dos Cursos *Nova et Vetera* – alfabetização ou evangelização?»; *sexto capítulo*, as Bodas de Prata dos Cursos *Nova et Vetera* (1970-2020); e *sétimo capítulo*, a Vida do Fundador dos Cursos *Nova et Vetera*.

CAPÍTULO 1

FUNDAÇÃO DOS CURSOS *NOVA ET VETERA* (1-10-1970)

Introdução

O primeiro capítulo desta Segunda Parte é a investigação para conhecermos como foram fundados os cursos, a data da fundação, a história da fundação, o elenco dos professores, o elenco das disciplinas, a carga horária, as aulas teóricas, as aulas práticas, numa palavra a orgânica dos Cursos *Nova et Vetera*.

1.1. Dos Padres Espiritanos aos Padres Diocesanos (1970)

No campo político *Cabinda*, no ano da graça de 1970, era um *Distrito* de Angola. Angola era uma província de Portugal, como a Guiné-Bissau, Cabo-Verde, São Tomé e Príncipe e Moçambique.

No campo religioso, *Cabinda*, no ano da graça de 1970, era um *Arciprestado* da Arquidiocese de Luanda, com quatro missões masculinas, duas missões femininas de São José de Cluny, uma paróquia no centro urbano e um seminário menor.

O primeiro arcebispo da Arquidiocese de Luanda foi D. Moisés Alves de Pinho (1940-1966) e, o segundo, D. Manuel Nunes Gabriel (1966-1975). À frente do Arciprestado de Cabinda estava, primeiro, um sacerdote arcipreste e, a partir da comemoração do primeiro centenário da Missão de Lândana, em 1973, um Vigário-Geral na pessoa do P. José Rocha Ferreira, espiritano português.

É no pano de fundo do clima político do Estado Novo, em Portugal (do Minho a Timor), com a repercussão da guerra nas suas Províncias Ultramarinas, com alta ou baixa intensidade, segundo as localidades, que Sua Santidade, o Papa Paulo VI, a 11 de março de 1970, nomeou Bispo Auxiliar de Luanda, o então Cónego Eduardo André Muaca, passando para a história *como primeiro bispo angolano dos tempos modernos, no século XX*. O primeiro bispo negro foi D. Henrique Nkinu Mvemba, no século XV, filho do rei D. Afonso. A ordenação episcopal de D. Muaca foi a 31 de maio de 1970, na Igreja de São Paulo, em Luanda.

Por ocasião da sua primeira visita pastoral à Missão do Lucula Zenze, sua missão de naturalidade, onde foi batizado e onde iniciou os estudos eclesiásticos, os Padres

Espiritanos acharam por bem entregá-la à orientação dos padres diocesanos. A notícia foi difundida em diversos jornais e revistas: a *primeira*, no Jornal *O Apostolado* da Arquidiocese de Luanda; a *segunda*, na *Aurora*, Revista do Seminário de Luanda; a *terceira*, no livro do padre Cândido Ferreira da Costa, *Cem Anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola (1866-1966)*; e a *quarta*, no Jornal *Acção Missionária*, publicação da Congregação dos Padres do Espírito Santo, em Lisboa, onde a notícia veio mais desenvolvida. A primeira é a seguinte:

7 Junho 1970: na presença do Bispo Auxiliar, foi entregue ao clero africano a Missão do Lucula Zenze (distrito de Cabinda), até então aos cuidados dos Padres do Espírito Santo, que a fundaram em 1893.¹⁸⁵

A segunda foi na *Aurora*, Revista do Seminário de Luanda, de que D. Eduardo André Muaca é um dos cofundadores. A notícia foi registada nestes termos:

Já prestes a terminar o almoço, o Reverendo padre José da Rocha Ferreira, fazendo uso da palavra disse: a Missão do Lucula Zenze, que até hoje esteve sob a orientação dos Padres do Espírito Santo, é entregue aos padres diocesanos, na pessoa do Reverendo P. Angelino Gaspar Nanga e o padre Gabriel Nionje Seda que foi nomeado seu Coadjutor.¹⁸⁶

A terceira foi registada pelo padre Cândido Ferreira da Costa que assinalou o evento no livro que escreveu por ocasião dos cem anos dos Padres Espiritanos em Angola:

A 7 de Junho de 1970 foi a Missão de Lucula (Zenze) entregue ao Clero Diocesano nativo. Têm os Missionários do Espírito Santo muito prazer em confiar a sacerdotes por eles formados uma missão que dirigiram durante 77 anos e onde alguns se sacrificaram totalmente por Deus e pelas almas dos seus irmãos africanos.¹⁸⁷

A quarta foi narrada pelo padre José Rocha Ferreira, missionário espiritano português, na altura Vigário-Geral:

A igreja atinge a sua maturidade quando possui os meios para viver por si própria, podendo ser dirigida pelo clero autóctone. Foi essa uma das primeiras preocupações dos Missionários do Espírito Santo ao pisarem o solo africano.

A Missão de Lucula deu a igreja três sacerdotes autóctones, um dos quais acaba de ser elevado a dignidade Episcopal – D. Eduardo André Muaca – Primeiro Bispo preto dos tempos modernos.

Render da guarda

Cerca de cinquenta missionários, espíritanos, seculares e da congregação de São Pedro Claver, irmanados no mesmo ideal, deixaram na Missão de Lucula o melhor das suas vidas, numa generosa e total entrega a Deus e ao próximo. Mas chegou a hora de render da guarda.

¹⁸⁵ In Arquidiocese de Luanda, «Panorâmica da Província Eclesiástica de Angola – Efemérides», in Jornal *O Apostolado*, Ano XXXVI, n.º 2.670, 1970, XXXV, 62.

¹⁸⁶ Francisco Mpezu, «O Novo Bispo objeto duma calorosa recepção entre os cabindenses. A primeira Missa no Lucula Zenze», in *Aurora*, Revista do Seminário de Luanda, XVIII, 1970, n.º 47, 45.

¹⁸⁷ Ferreira da Costa, dos Missionários do Espírito Santo, *Cem Anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola (1866-1966)*, depósito na Rua Santo Amaro à Estrela (Nova Lisboa: s. ed.), 91.

No dia 7 de Junho de 1970, na presença do Sr. D. Eduardo André Muaca, Bispo Auxiliar de Luanda, do Superior dos Missionários do Espírito Santo, padre José da Rocha Ferreira, do padre Troesch e do Irmão Acácio Morais, a Missão Católica de Nossa Senhora das Vitórias do Lucula foi confiada ao clero diocesano, sendo seu primeiro Superior o padre Angelino Gaspar Nanga.¹⁸⁸

Os dois sacerdotes diocesanos, que receberam a missão, foram o padre Angelino Gaspar Nanga (1932-2005) e o padre Gabriel Nionje Seda (1930-2009). A partir do surgimento da deficiência nas mãos do padre Gabriel, Sua Excelência Reverendíssima, D. Eduardo André Muaca, ordenou três Ministros Extraordinários da Eucaristia, os primeiros três, na história da Missão do Lucula Zenze: João Batista Mavinga¹⁸⁹, Paulo Maria Mbachi¹⁹⁰ e Sebastião Mbambi¹⁹¹, a fim de distribuírem a comunhão.

1.2. Atividade Pastoral dos Padres Diocesanos

Desde a data da entrega da Missão que os dois sacerdotes diocesanos se entregaram, de corpo e alma, à evangelização dos seus irmãos de sangue. A *primeira nota* a assinalar é que as homilias eram feitas em português e em *Ibinda* (língua do grupo linguístico *Kikongo*), a língua dos cabindenses. A *segunda nota* é a do início das traduções dos textos bíblicos dominicais para a língua *Ibinda*. A *terceira nota* é a de que, quando um sacerdote ia às aldeias para a pastoral, o outro ficava na Missão. Na festa do padroeiro ou da padroeira desta ou daquela aldeia, os dois missionários faziam a pastoral em conjunto.

1.3. Fundação dos Cursos *Nova et Vetera* (1-10-1970)

No histórico ano de 1970 respirava-se um novo clima cheio de esperança, com a política da escolarização em massa levada a cabo pelo governo colonial do Estado Novo, em Cabinda, em geral, e na Missão do Lucula Zenze, em particular. A preocupação dos pais em matricular os filhos na escola transformou-se num novo desafio. A presença de numerosos meninos e meninas, vestidos de batas brancas, com os cadernos e lápis nas mãos, a cantar o Hino Nacional – *Heróis do Mar Nobre Povo* –, antes das aulas, anunciava

¹⁸⁸ Congregação dos Padres do Espírito Santo, «Por terras de Maiombe», in *Jornal Acção Missionária*, Ano XXX, n.º 370, 1970, 2-8.

¹⁸⁹ João Batista Mavinga, nascido a 8 de setembro de 1935, antigo aluno da Missão, antigo seminarista, batizado, casado, professor, foi ordenado Ministro Extraordinário da Eucaristia.

¹⁹⁰ Paulo Maria Mbachi, nascido a 26 de dezembro de 1921, antigo aluno da Missão, batizado, casado, catequista, foi ordenado Ministro Extraordinário da Eucaristia.

¹⁹¹ Sebastião Mbambi, nascido em 1934, antigo aluno da Missão, trabalhador na Missão, batizado, casado, foi ordenado Ministro Extraordinário da Eucaristia.

um novo mundo, diferente daquele em que estavam habituados a viver. As viagens da aldeia à cidade e vice-versa traziam uma nova aurora. Não restavam mais dúvidas de que o futuro estava fixado na educação. É no quotidiano desse ano de 1970, num dia sem nada digno de registo, *1 de outubro*, que na Missão do Lucula Zenze, dentre os numerosos paroquianos, vai aparecer uma rapariga chamada Maria do Carmo Buya¹⁹².

A Maria do Carmo Buya, após a missa matinal, ao constatar a cena diária de numerosos rapazes e raparigas a irem para as salas de aula, vai interpelar o padre Gabriel sobre a onda da escolarização e o ensino das raparigas marginalizadas, devido à idade avançada. Na sua ânsia de aprender, fez o pedido ao padre Gabriel para ela também poder ir aprender a ler e a escrever. A história é contada pelo próprio padre Gabriel.

A Maria do Carmo Buya, natural da aldeia de Santo Eugénio, nos arredores da missão, uma rapariga dos seus 19 a 20 anos, perdera a oportunidade de frequentar a escola. Quando foi levada para a República do Zaire, actual República Democrática do Congo, era ainda pequena. Só às outras crianças foram franqueadas as portas da escola. No regresso do exílio ela já era adulta. E o facto angustiava-a. Assistia ao crescimento dos bafejados pela sorte. E ela arriscava-se a parar na sua vida porque depois os outros partiam para a cidade e quando voltavam para as férias tinham já o cheiro da cidade, sabiam a cidade.

A Mpelo! Wisi kutubalila liambo ko? (Sr. Padre! Não pensas fazer alguma coisa para nós?)

A Mpelo, befu ivitu longa ti tsienga! (Sr. Padre! Nós também queremos aprender!)

Eu estava no meu gabinete. Não sei certamente, mas notara em mim um discurso de existência que podia e devia salvar. Fiquei a olhar para ela e ela para mim, olhos nos olhos.¹⁹³

O padre Gabriel, todo condoído pelo veemente pedido daquela jovem sedenta de aprender e que a civilização ocidental marginalizou, entrou imediatamente no quarto e tirou os únicos 50 escudos (cinquenta escudos) que tinha, segundo nos confidenciou num dentre os numerosos diálogos que tivemos. Mandou comprar 1 kg de arroz, 1 kg de feijão, 1 kg de batatas, algumas cebolas e alguns ingredientes. Chamou o mestre cozinheiro Eduardo Mato, a fim de que lhe ensinasse a ela e às suas colegas de infortúnio como preparar um prato à europeia. No dia seguinte, repetiu a lição. As despesas e o número de alunas foram aumentando, de dia para dia, com os pequenos donativos de pessoas de boa vontade, assim como as modestas ofertas das próprias alunas. Das lições da *culinária e puericultura* foram ampliando o campo da instrução. Acrescentaram as disciplinas de *higiene e civilidade, dos primeiros socorros*, e, principalmente, as de *alfabetização* com um corpo docente de uma dona de casa, um mestre cozinheiro, um operário da Missão, um

¹⁹² Filha de Rafael Buya e de Francisca Chissita, Maria do Carmo Buya, nascida a 25/5/1951, na aldeia de Santo Eugénio, uma das aldeias dos arredores da Missão. Esteve no primeiro exílio, de 1961 a 1965, e no segundo exílio, de 1976 a 1989, na República Democrática do Congo. Faleceu a 6 de julho de 2021.

¹⁹³ In Apontamentos Manuscritos dos Anotadores dos Cursos *Nova et Vetera*.

mestre de Artes e Ofícios, um Monitor Escolar e o próprio padre Gabriel. Enfim, uma educação, que visava em pouco tempo, formá-las como boas donas de casa, visto que, na sua maioria, eram raparigas dos 18 aos 20 anos.

Foi a partir da angústia desta rapariga que o padre Gabriel pensou em ensinar algo às raparigas não escolarizadas, que não podiam mais estudar, normalmente, nas escolas com os outros, por serem de idade avançada. O padre Gabriel, muito preocupado, dia e noite, foi sempre pensando, como dar uma educação mais eficiente a fim de preparar a rapariga adulta, para a vida matrimonial, na encruzilha da civilização europeia em Cabinda.

O número das raparigas com sede de apreender a ler e a escrever aumentava. Como assíduo leitor da Bíblia, o padre Gabriel deparou-se no texto de São Mateus, capítulo 13,52: «*Todo o escriba instruído no reino dos céus é semelhante ao pai de família, que tira do seu tesouro coisas novas (nova) e velhas (vetera).*»

A partir da leitura deste texto, começou a designar a experiência por «*Nova et Vetera*». Aprender *coisas novas* e saber apreciar as *coisas velhas*. Aprender o que é da nossa cultura e aprender o que há de bom da cultura doutros povos. Destas reflexões quotidianas, o padre Gabriel procurou colaboradores. Tudo o que se fazia mandava anotar. Foi assim que, paulatinamente, foi nomeando este professor para lecionar aquela disciplina e aqueloutro professor para aqueloutra disciplina.

1.4. Professores dos Cursos *Nova et Vetera*

Os Professores do Posto, os Professores Diplomados do Cuima e os Monitores Escolares, que davam aulas nos Cursos *Nova et Vetera*, o padre Gabriel designou-os «*Orientadores-Coordenadores*». Todos eles estavam enquadrados na função pública. Por esta razão, as aulas dos Cursos *Nova et Vetera* eram aos sábados, domingos e segundas-feiras, a fim de não haver colisão com o horário das aulas, na escola do governo. Para o registo da história dos Cursos *Nova et Vetera* recolhemos o elenco dos professores com os respetivos dados biográficos:

1.4.1. P. Angelino Gaspar Nanga (1932-2005) – Superior da Missão

Angelino Gaspar Nanga, nascido no dia 30 de abril de 1932, em Tomboco (Ambri-zete), fez a formação nos seminários de Cabinda, Malanje e Luanda. Tendo sido ordenado sacerdote, em 28 de junho de 1964, na Catedral de Luanda, foi nomeado Pároco da Missão do Lucula Zenze, a 7 de junho de 1970.

1.4.2. P. Gabriel Nionje Seda (1930-2009) – Coadjutor

Gabriel Nionje Seda, nascido na aldeia de Chindende, a 17 de março de 1930, frequentou os seminários de Lucula Zenze, Cabinda, Malanje e Luanda. Foi ordenado sacerdote, em 1 de julho de 1962, e nomeado Coadjutor, a 7 de junho de 1970.

1.4.3. Francisco de Assis Peso Mbambi (1944-2020)

– Seminarista/Estágio Pastoral

Francisco de Assis Peso Mbambi nasceu na povoação de Macanga Grande, a 18 de novembro de 1944, filho de João Maria Mbambi e Madalena Conde Peso. O pai era catequista e a mãe doméstica. Antigo aluno da Missão, fez a Pré-Primária (1954-1957), a 4.^a Classe e a Admissão, no Seminário de Cabinda (1957-1959); o Ciclo Preparatório (1959-1961) e as Humanidades (1961-1964), no Seminário de Malanje; os Cursos de Filosofia e de Teologia (1964-1972), no Seminário de Luanda. Foi o Presidente da Comissão dos Seminaristas Filósofos e Teólogos, encarregados de traduzirem o texto *Ordinário da Missa*, do latim para a língua vernácula *Ibinda*.

1.4.4. António Maria Ngimbi Nzati (1956-2001) – Seminarista/Estágio Pastoral

António Maria Ngimbi Nzati, filho de Miguel Nzati e de Beatriz Ndubo Conde, nasceu no dia 9 de abril de 1956, na povoação de Macanga Grande. Iniciou a Instrução Primária, na Escola Missionária de Chinsua. Frequentou os seminários de Cabinda e de Luanda. Concluiu a Instrução Primária e, em Luanda, o 5.º Ano dos Liceus, depois de um ano de estágio. O padre Gabriel nomeou-o 2.º Anotador nos Cursos de iniciação *Nova et Vetera* (1970-1971).

1.4.5. Xavier Fiti Butoto (1941) – Monitor Escolar

Filho de Lourenço Maria Butoto e de Maria Josefina Chimbuca, Xavier Fiti Butoto nasceu a 19 de julho de 1941, na aldeia de São João do Lucula Zenze. Órfão de pai, por livre vontade, matriculou-se na Escola da Missão Católica do Lucula Zenze, em 1956, como aluno externo. No ano seguinte, a pedido do seu primeiro professor, Carlos Maria Peso, foi aceite como aluno interno. Fez a 4.^a Classe e, mais tarde, o 2.º Ano do Ciclo Preparatório, tendo sido nomeado Professor do Posto da Missão do Lucula Zenze. O padre Gabriel nomeou-o 1.º Anotador dos Cursos *Nova et Vetera*.

1.4.6. Mateus Mbumba Bazonga (1949) – Monitor Escolar

Mateus Mbumba Bazonga, filho de Manuel Bazonga e de Maria Justina Mato, nasceu em 1949, na povoação de Santo Eugénio do Lucula Zenze. Estudou a 1.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a classe, na Escola da Missão Católica do Lucula Zenze (1956-1960), que não concluiu, devido à eclosão da guerra, em 1961. Regressado do exílio, concluiu o Ensino Primário que tinha interrompido em Cabinda, devido à guerra (1966-1968), na expressão portuguesa. Concorreu como Monitor Escolar e trabalhou no Posto Escolar de Kissungu, Belize, (1968-1971) e na Escola Missionária do Lucula Zenze (1971-1973).

1.4.7. Pascoal Bacâmbana Mayimbi (1953-2001) – Monitor Escolar

Pascoal Bacâmbana Mayimbi nasceu na povoação de Santo Eugénio, a 30 de março de 1953. Iniciou a Instrução Primária na escola da sua Missão, que veio concluir no Seminário de Cabinda. Abandonou o seminário de sua livre vontade. Desempenhou um papel de relevo como colaborador dos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera* (1970-1973). Era Monitor Escolar. O padre Gabriel nomeou-o 3.º Anotador dos Cursos *Nova et Vetera* (1970-1973).

1.4.8. João Batista Mavinga (1935-2015) – Professor Diplomado do Cuima

Filho de Teófilo Mavinga e de Sofia Ndunji, João Batista Mavinga nasceu na aldeia de Santo Eugénio, a 8 de setembro de 1935. Fez a Iniciação, a 1.^a e a 2.^a classe, na Missão do Lucula Zenze (1947-1950), a 4.^a classe e a Admissão aos Liceus, no Seminário de Cabinda, e o 1.º Ano no Seminário de Malanje (1951). Casou com a dona Suzana Batista Bitebe, filha de José Francisco Bitebe e de Maria Alfonsina Mayunda na igreja da Missão, a 7 de junho de 1956. Frequentou a Escola de Formação de Professores de Posto contratado no Cuima, Nova Lisboa (Huambo), de 1957 a 1960. Regressado do Cuima lecionou durante treze anos, na escola da Missão do Lucula Zenze (1960-1973).

1.4.9. Manuel Nascimento Chiota (1934-2006) – Professor de Posto Eventual

Manuel Maria Nascimento Chiota, filho de José Chiota e de Eulália Josefina Basica, nasceu a 16 de setembro de 1934, na povoação de Cacata. Ingressou na Missão Católica de Lucula Zenze. Fez o ensino de base, chamado na época Instrução Primária, no Seminário do Lucula Zenze. Frequentou o Seminário de Cabinda e o de Malanje, tendo concluído o 3.º ano dos Liceus (1953-1956). Na função pública, era professor do Posto Eventual.

1.4.10. Dinis Chimbuca (1941) – Monitor Escolar

Filho de Joaquim Capita e de Maria Joaquim Zembo, Dinis Chimbuca nasceu em 17 de dezembro de 1941. Fez toda a formação da Instrução Primária, na Missão Católica do Lucula Zenze, onde concluiu a 4.^a classe. Cumpriu o serviço militar obrigatório, no então Distrito de Cabinda (1963-1964). Dinis Chimbuca fez parte do elenco dos primeiros monitores escolares da era colonial. Xavier Fiti e Dinis Chimbuca foram as principais colunas do padre Gabriel Nionje Seda, nos Cursos *Nova et Vetera*. Os dois eram os leitores na Eucaristia e os proclamadores dos princípios de *Nova et Vetera* (1970-1973).

1.4.11. Carlos Maria Peso (1927-2013) – Monitor Escolar

Carlos Maria Peso, filho de Francisco Maria Peso e Salomé Kambizi, nasceu no dia 6 de outubro de 1927, na povoação de Santo Eugénio. Ingressou no Seminário do Lucula Zenze, em 1938. Fez a 4.^a classe. Foi admitido como noviço dos Irmãos da Sagrada Família, Pia Associação Religiosa, fundada por D. Moisés Alves de Pinho, em 1946. Deixou a vida religiosa e abraçou a vida matrimonial. Como Monitor Escolar, o padre Joaquim Martins (1915-2015) enviou-o para frequentar o Curso de Enfermagem em Luanda. Recebeu o Diploma de Enfermeiro. Exerceu as três profissões, simultaneamente, de catequista, monitor escolar e enfermeiro. Foi um dos professores nos Cursos *Nova et Vetera* e músico. Compôs muitos cânticos religiosos em Ibinda, e, dentre todos, o mais solene, foi o *De Profundis (Vakatika liyenga, em língua Ibinda)*.

1.4.12. Eduardo Mato (1925) – Mestre Cozinheiro

Mestre Eduardo Mato, antigo aluno da Missão, formou-se na Escola da Missão com os padres europeus, na preparação dos pratos europeus e africanos, como mestre cozinheiro. Nasceu na aldeia de Santo Eugénio, *probabiliter*, 1925.

1.4.13. Dona Suzana Bitebe (1933-1996) – Dona de Casa

Dona Suzana Bitebe, filha de José Francisco Bitebe e de Maria Alfonsina Mayunda, nasceu a 23 de abril de 1933, casou na igreja com João Batista Mavinga, a 7 de junho de 1956. Dona Suzana Bitebe foi formada em Culinária e Nutrição, pela Escola das Irmãs de São José de Cluny, na cidade de Cabinda. Faleceu a 26 de fevereiro de 1996.

1.4.14. Dona Catarina das Vitórias Matombe (1944-2003) – Dona de Casa

Dona Catarina das Vitórias Matombe nasceu na povoação de Santo Eugénio a 7 de janeiro de 1944. Casou pela igreja com António Assunção Matombe, antigo seminarista,

em 1965. Formou-se na Escola das Irmãs de São José de Cluny de Cabinda. Faleceu a 26 de março de 2003.

1.4.15. *Henrique Bitebe (1928-2004) – Pedreiro factotum*

Mestre Henrique Bitebe, antigo aluno da Missão, formou-se na Missão do Lucula Zenze como *factotum*, como aprendiz de carpintaria e de trabalhos manuais.

1.5. Professores das Disciplinas Teóricas ou Nucleares (Secção A)

1.5.1. *P. Gabriel Nionje Seda – Secretário dos Cursos*

Simbologia 1 (Alfabetização);

Simbologia 3 (Cultura);

Meditações sobre o Homem e os Valores.

1.5.2. *Francisco de Assis Peso Mbambi – Seminarista em Estágio Pastoral*

Simbologia 3 (Alfabetização).

1.5.3. *Mateus Mbumba Bazonga – Monitor Escolar*

Simbologia 2 (Algarismos).

1.6. Anotadores (Secretários *ad hoc*)

1.6.1. *Xavier Fiti Butoto – Monitor Escolar (1.º Anotador)*

Simbologia 1 (Alfabetização);

Simbologia 3 (Cultura);

1.º Anotador – Exercia a função de secretário do padre Gabriel. Escrevia e anotava tudo o que o padre Gabriel dizia nas aulas. Era, por outras palavras, o substituto do padre Gabriel. Dava as aulas. Ajudava a criar a boa organização do grupo, o bom funcionamento do curso.

1.6.2. *António Maria Ngimbi Nzati – Seminarista Menor (2.º Anotador)*

Simbologia 1 (Alfabetização);

Simbologia 3 (Cultura);

2.º Anotador – Anotava tudo aquilo que o padre Gabriel dizia nas aulas.

1.6.3. Pascoal Bacambana Mayimbi – Monitor Escolar (3.º Anotador)

Simbologia 2 (Algarismos);

3.º Anotador – Apontava no seu caderno tudo o que se referia aos dinheiros.

1.7. Professores das Disciplinas Práticas ou Secundárias (Secção B)

1.7.1. João Baptista Mavinga – Diplomado do Cuima

Primeiros Socorros.

1.7.2. Carlos Maria Peso – Monitor Escolar, Enfermeiro, Catequista

Puericultura Teórica.

1.7.3. Suzana Bitebe – Esposa de João Batista Mavinga

Puericultura Prática.

1.7.4. Ana Maria de Oliveira – Aluna Estagiária do ISS Pio XII de Luanda

Puericultura-Bordados.

1.7.5. Alcina Maria Leitão – Aluna Estagiária do ISS Pio XII de Luanda

Culinária e Nutrição.

1.7.6. Eduardo Mato – Mestre Cozinheiro da Missão

Culinária e Nutrição.

1.7.7. Catarina Matombe – Esposa de António Assunção Muanda Bambi

Serviço Doméstico-Higiene.

Educação Sanitária.

1.7.8. Mestre Henrique Bitebe – Mestre Pedreiro e Factotum

Artes Aplicadas.

1.7.9. Manuel Maria Nascimento Chiota – Professor Eventual

Estética.

1.8. Membros do Instituto de Educação e Serviço Social Pio XII de Luanda

As três Irmãs religiosas da Sociedade das Filhas de Maria lecionavam no Instituto de Serviço Social Pio XII, em Luanda. Da cidade capital de Angola, Luanda deslocaram-se para a Missão do Lucula Zenze, a fim de acompanhar a experiência dos Cursos *Nova et Vetera*:

1.8.1. Ir. Maria Suzana de Almeida (Conferências-Debate);

1.8.2. Ir. Maria Irene Deusdado (Conferências-Debate);

1.8.3. Ir. Maria Adelaide Montes (Conferências-Debate).

1.9. Apelos, nas Missas, para a frequência das raparigas nos Cursos *Nova et Vetera*

Como na Missão do Lucula Zenze não havia Missão Feminina para a educação da rapariga, os padres, nas Missas, faziam apelos para as meninas não escolarizadas virem aprender a ler e a escrever nos Cursos *Nova et Vetera*. A partir destes comunicados, algumas ficaram sensibilizadas e inscreveram-se nos cursos.

Devemos esclarecer que, logo desde o início, as raparigas que foram admitidas para frequentar os Cursos *Nova et Vetera* não eram raparigas delinquentes, raparigas drogadas, raparigas que tivessem reprovado várias vezes na mesma classe, raparigas com atraso mental ou ainda raparigas com uma ou outra deficiência. As raparigas, que foram admitidas nos Cursos *Nova et Vetera*, eram raparigas normais, como todas as outras raparigas. O único problema é que tinham ultrapassado a idade legal para serem matriculadas.

1.10. Acolhimento das raparigas no Conselho dos Cursos *Nova et Vetera*

As raparigas, que, voluntariamente, se inscreviam para frequentar os Cursos *Nova et Vetera*, vindas das aldeias distantes da sede missionária, eram distribuídas por casas de famílias das aldeias, ao redor da Missão, pela razão acima apontada, por não haver uma missão feminina. Quando as meninas chegavam à Missão eram acolhidas pelo Conselho dos Cursos *Nova et Vetera*. Explicavam-lhes, então, o que é que iriam aprender: a ler, a escrever, a aperfeiçoarem a culinária africana e aprenderem a culinária europeia... Numa palavra, iriam ter uma formação cultural integral, para seguirem e acompanharem os novos tempos, que estavam a surgir com a onda avassaladora da escolarização...

Nos manuscritos dos Cursos *Nova et Vetera* não encontramos os dados sobre o acolhimento, a receção e a apresentação das meninas, no primeiro ano dos Cursos *Nova et Vetera* (1970-1971), e nenhum livro de registo das alunas matriculadas. Porém, encontra-

mos algumas notas, no segundo ano dos Cursos *Nova et Vetera* (1971-1972), que passamos a transcrever:

16 – OUTUBRO DE 1972 – SEMANA DE APRESENTAÇÃO

Às 8h00 do dia 14 de Outubro de 1972 apareceram as meninas: Paulina Chiamambo, Adelina Nzanga e Teresa Isungu. Todas da aldeia do Cunda; e Ana Lubota, Bernardina Mbenza Sambo, do Chiobo para a apresentação.

Foram recebidas pelos membros do Secretariado Padre Gabriel Nionje Seda e Xavier Fiti Butoto, que passearam com elas, apresentando-lhes o Secretariado Provisório e o local da futura sede, os serviços já feitos na Praça dos C. I. *Nova et Vetera*. Assistiram a preparação do almoço feita pelo Orientador Coordenador Mestre Eduardo.

Domingo

Após o pequeno-almoço, as candidatas assistiram a preparação do almoço e tomaram parte ao almoço-convívio desse dia com o Orientador Coordenador Gabriel Nionje Seda que lhes falou do homem e da alimentação (Introdução ao ritual da comunhão da mesa), Padre Angelino Gaspar Nanga, Eusébio Maria Zau e Xavier Fiti Butoto).

Depois do almoço às 16h00 os Orientadores Coordenadores todos reuniram-se no Secretariado Provisório para discutir o programa dos Cursos e a Admissão das Candidatas. Foram admitidas as quatro candidatas do Cunda e as duas do Chiobo. As do Chindende não compareceram; evocaram o problema do dinheiro.

Terminada a reunião os Cursos ofereceram um lanche aos Orientadores Coordenadores e às candidatas que depois foram despedidas para só virem começar a actividade no próximo Sábado. O anotador Xavier Fiti Butoto.¹⁹⁴

1.11. Dormitório das raparigas, nas aldeias ao redor da Missão

O dormitório das raparigas era nas casas das aldeias de Santo Eugénio, São João, Fátima, São Miguel, São José, aldeias situadas ao redor da Missão... A residência de preferência era nas aldeias, onde estavam outras educandas, para assim ficarem juntas.

1.12. Refeições das raparigas, nas aldeias ao redor da Missão

Durante a semana, as raparigas passavam as refeições sozinhas. Aos domingos e festas, passavam as refeições juntamente, com os padres e as irmãs, na Missão, num dos refeitórios reservado para elas. Nos domingos, dias de festas e outras ocasiões, como recepção de visitas de destaque (membros do governo distrital, personalidades que visitavam a Missão), as refeições eram com os padres, as três Irmãs do Instituto de Serviço de Educação Social Pio XII de Luanda, que acompanhavam a experiência educacional, as estagiárias vindas de Luanda, a fim de aprenderem a acolher uma visita e a servir à mesa. A finalidade era aprender a saber acolher uma visita em casa...

¹⁹⁴ In Apontamentos Manuscritos dos Anotadores dos Cursos *Nova et Vetera*.

1.13. Propinas das Participantes

As meninas não pagavam propinas porque eram oriundas de famílias modestas. Porém, vinham com as suas ofertas – banana, feijão, mandioca e outros géneros alimentícios – que traziam de suas famílias das suas aldeias de origem.

1.14. Dois cursos por ano (setembro-dezembro e janeiro-março)

O Curso tinha a duração de três meses. Durante um ano, havia dois cursos. O *Primeiro Curso* começava em setembro e terminava em dezembro e o *Segundo Curso* começava em janeiro e terminava em março.

1.14.1. Curso de setembro a dezembro (3 meses)

15 de setembro a 15 de outubro;
15 de outubro a 15 de novembro;
15 de novembro a 15 de dezembro.

1.14.2. Curso de janeiro a abril (3 meses)

15 de janeiro a 15 de fevereiro;
15 de fevereiro a 15 de março;
15 de março a 15 de abril.

1.14.3. Semana do Encerramento (no mês de junho)

Os Cursos eram encerrados no mês de junho para coincidir com os exames no fim do ano escolar.

1.15. Participantes dos Cursos *Nova et Vetera* (Grupo Restrito – Raparigas)

Os arquivos foram destruídos. Andámos de aldeia em aldeia. Recolhemos os nomes de todas as raparigas que frequentaram os Cursos *Nova et Vetera*, nos três anos (1970-1973).

1.15.1. Participantes dos Cursos *Nova et Vetera* – 1.º Grupo – Ano I (1970-1971) – Nomes e aldeias

01 – Ana Kambo (Wângulo);
02 – Amélia Matombe (Santo Eugénio);
03 – Clara Futi (Santo Eugénio);

- 04 – Carolina Bueya (Santo Eugénio);
- 05 – Imaculada Siala (Santo Eugénio);
- 06 – Isabel Mvumbi (Wângulo);
- 07 – Joana Fila (São Miguel);
- 08 – Joana Mbenza (Santo Eugénio);
- 09 – Maria Teresa Khumba (Santo Eugénio);
- 10 – Maria Nzânguila Mato (Santo Eugénio);
- 11 – Maria do Carmo Buya (Santo Eugénio);
- 12 – Maria Nyombe (Macanga-Grande);
- 13 – Mónica Mbanji (Chindende);
- 14 – Paulina Nzuzi (Chindende).

1.15.2. *Participantes dos Cursos Nova et Vetera – 2.º Grupo – Ano II (1971-1972) – Nomes e aldeias*

- 01 – Alfonsina Biâmina (Ndungo Buba);
- 02 – Albertina Mombo (Chiobo);
- 03 – Albertina Nkudi (Chiobo);
- 04 – Angelina Mbenza (Chiobo);
- 05 – Bernardete Nzuzi Tchikubi (Chindende);
- 06 – Carolina Futi Butoto (Wângulo);
- 07 – Cecília Mambo Manuel (Ndungo Buba);
- 08 – Isabel Fátima Casoche (Chiobo);
- 09 – Josefina Tchimambo (Wângulo);
- 10 – Maria de Lourdes Nzuzi Macambo (Macanga-Grande);
- 11 – Suzana Buconzo Malonda (Chindende);
- 12 – Pascoalina Muaca (Chiobo);
- 13 – Teresa Lumingo (Chiobo);
- 14 – Vitória Capita (Chiobo).

1.15.3. *Participantes dos Cursos Nova et Vetera – 3.º Grupo – Ano III (1972-1973) – Nomes e aldeias*

- 01 – Adelina Nzanga Kwata (Cunda);
- 02 – Afonsina Ntoto (Cácata);
- 03 – Amélia Ngombe (São João [Mlimba]);
- 04 – Ana Mvula (São João [Mlimba]);

- 05 – Bernadete Bititi Buca (Chindende);
- 06 – Cecília Muntu (São João [Mlimba]);
- 07 – Clotilde Mvumbi (São Miguel [Tchikongolo]);
- 08 – Esperança Tchikulo (Cunda);
- 09 – Maria Josefina (Chiobo);
- 10 – Maria Yala (Wângulo);
- 11 – Pascoalina Nzuzi (São João [Mlimba]);
- 12 – Paulina Pascoal Mambuco (Cunda);
- 13 – Teresa Sungo (Cunda);
- 14 – Verónica Mvemba (Cácata).

1.16. Participantes dos Cursos *Nova et Vetera* (Grupo Alargado – Adultos)

Os homens e as mulheres das aldeias em redor da Missão, que frequentaram com grande entusiasmo as aulas dos Cursos *Nova et Vetera*, no nosso serão (*Kimoko Kietu*) foram numerosos. O programa compreendia dias onde aprendiam também a ler e a escrever e dias em que aprendiam sobre a medicina tradicional. O grupo era composto de homens, mulheres e adultos, que, durante o dia, andavam na lavoura, e, à noite, participavam nos Cursos *Nova et Vetera*. Foi o grupo alargado de que não conseguimos obter o número, por falta de estatísticas.

1.17. Equipamento

- 10 Máquinas de costura
- 1 Máquina de bordar/tricotar
- 20 Tesouras grandes
- 20 Tesouras médias
- 10 Tesouras pequenas
- 10 Ferros de engomar (elétricos)
- 6 Chaves de fenda
- 1 Bidão de óleo lubrificante
- 10 Dedais
- 10 Fitas métricas
- 10 Rolo de fios para costura (todas as cores)
- 20 Agulhas de máquinas
- 20 Agulhas da mão

- 11 «Boitiers»
- 11 «Canettes»
 - 1 Rolo de tecidos para arranque de projeto
 - 1 Máquina para gelados
 - 1 Máquina para *Yogourt*

1.18. Salas de aulas

Aulas ao ar livre
 Debaixo das sombras
 Giz – um pau
 Quadro – o chão

1.18.1. *Aulas Teóricas*

As aulas teóricas eram dadas debaixo das árvores, ao ar livre, nas instalações da Missão. Aqui, o padre Gabriel imitava Platão que dava as aulas, passeando pelos jardins de Atenas.

1.18.2. *Aulas Práticas*

As aulas práticas eram dadas nas casas das famílias de nível médio (Monitores Escolares e Professores do Ensino Primário) das aldeias ao redor da Missão e também no Refeitório e na Cozinha da sede missionária.

1.19. Horário das aulas

Sábado

09H00 – Meditações sobre o Homem e os Valores
 10H30 – Serviço Doméstico (Secção Economia Doméstica)
 15H00 – Nutrição
 16H00 – Introdução à Estética
 17H00 – Puericultura Prática

Domingo

07H30 – Primeiros Socorros
 11H00 – Culinária
 15H00 – Puericultura Teórica
 17H00 – Serviço Doméstico (Secção Economia Doméstica)

Segunda-Feira

06H30 – Agricultura e Pecuária
 08h30 – Simbologia 1 ou Simbologia 2 ou Simbologia 3

1.20. Aulas Registadas

34 Dias de aulas durante os três meses

14 Aulas cada fim da semana (Sábados, Domingos e Segundas-Feiras)

34 x 14 aulas – Total: 476 aulas durante todo o curso.

1.21. Aulas de Fins de Semana

O padre Gabriel deu uma entrevista ao *Jornal de Angola*, a 29 de setembro de 1996.

Nessa entrevista ele explicava:

Os Cursos *Nova et Vetera* funcionavam à maneira de «*Weekend*», portanto, aos *fins-de-semana*. Os participantes iam para o centro de experiência, que era a própria Missão do Lucula Zenze, à tardinha de *sexta-feira* e aos *sábados* é que era o *primeiro dia* das actividades, que englobavam o *domingo com liturgia* e outras actividades dominicais. Na 2.^a *feira de manhã*, havia a outra parte das actividades e à *tarde voltavam para as suas aldeias*, porque também insistia na necessidade de as pessoas não esquecerem o factor trabalho.¹⁹⁵

1.22. Orgânica dos Cursos *Nova et Vetera*

Os Cursos *Nova et Vetera* funcionaram com os seguintes órgãos:

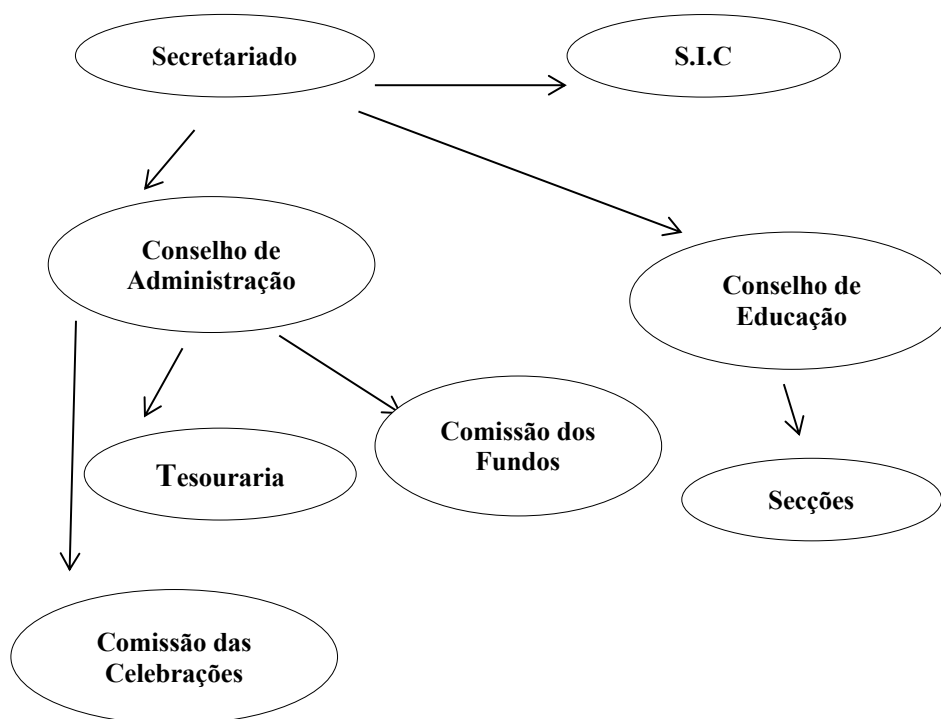
- Direção do Centro
- Secretariado
- Conselho dos Cursos
- Secção dos Anotadores
- Secção de Economia
- Secção de Educação
- Secção de Controle Informação e Propaganda
- Curso de Educação
- Cursos de Formação Técnica
- Cursos de Educação Permanente
- Ciclo de Conferência – *Semen est verbum*
- Comissão de Hospitalidade
- Comissão das Celebrações
- Serviços Técnicos:
 - Secção de Artes Aplicadas
 - Medicina Natural.

¹⁹⁵ «Confissão de um padre – *Guia e Manual de Alfabetização* em língua *Ibinda*, segundo o Método *Inongo Nongo*», in *Jornal de Angola*, Vida & Cultura, Suplemento Semanal de Artes, Letras e Ideias, Ano 21, n.º 6.900, 1996, 10-12. A entrevista, na íntegra, registamo-la no volume dos Anexos (Anexo 5).

A Secção de Educação serviu-se do Método *Inongo-Nongo* em toda a sua amplitude para a alfabetização e Escola dos Adultos.

Simbologia, Música e Palavra: Ciências de Comunicação e Interpretação (CCI).

DESCRIÇÃO ORGÂNICA DO SERVIÇO DOS CURSOS *NOVA ET VETERA*:



1.23. Secretariado

Sempre na leitura dos manuscritos, encontramos textos que nos ajudaram a compreender como estava organizado o Secretariado dos Cursos *Nova et Vetera*.

O seguinte texto fornece-nos melhores explicações:

Os Cursos *Nova et Vetera* têm um secretário, coadjuvado por um sub-secretário.

A secção de informação e controle está à responsabilidade dos anotadores.

O Conselho de educação a responsabilidade do secretariado coadjuvado pelo secretário e que funciona com os orientadores/coordenadores e anotadores.

O secretariado tendo em conta as deficiências dos seus orientadores coordenadores em virtude de nunca terem sido iniciados, tecnicamente, na secção, que lhes foram incumbidas numa formação básica para seus orientadores coordenadores, necessidade essa que foi aprovada pelo Instituto de Educação e Serviço Social Pio XII, Luanda, na pessoa da sua directora, a quando da sua visita à realidade onde funcionava os Cursos *Nova et Vetera*. Para que esse apoio se tornasse possível foi necessário enviar duas administradoras sociais.¹⁹⁶

¹⁹⁶ In Apontamentos Manuscritos dos Anotadores dos Cursos *Nova et Vetera*.

1.24. Princípio dos Cursos *Nova et Vetera*

O princípio adotado nos Cursos *Nova et Vetera* era o seguinte: «*Ao fazermos aprendemos. O ato favorece o pensamento, porque todo o ato é Descoberta, Conhecimento, Criação!*» (Khoi Tu)¹⁹⁷.

Conclusão

A investigação sobre a fundação dos Cursos *Nova et Vetera* foi belíssima e maravilhosa. Conhecemos agora a história da fundação, a data da fundação, os professores, as disciplinas teóricas e as disciplinas práticas. Os apelos nas Missas para as raparigas frequentarem os Cursos *Nova et Vetera*, o acolhimento das raparigas no Conselho dos Cursos *Nova et Vetera*, o dormitório das raparigas nas aldeias vizinhas da Missão, as refeições das raparigas, as propinas, os dois cursos por ano (setembro-dezembro e janeiro-março), a duração dos cursos, o horário das aulas, enfim, toda a orgânica dos cursos foi muito bem esclarecida sem deixar nenhuma dúvida.

¹⁹⁷ «O Sr. Khoi Tu tem mais de 20 anos de experiência em consultoria de liderança e estratégia, tendo aconselhado organizações líderes mundiais sobre como desenvolver seus melhores desempenhos. O Sr. Khoi Tu atuou como Diretor Executivo de uma firma de consultoria onde ajudou organizações a florescer melhorando o desempenho de talentos em todos os níveis. Antes disso, o Sr. Khoi Tu cofundou uma empresa de consultoria em liderança e estratégia, ocupou o cargo de Gerente de Contas Globais como Monitor e codirigiu a prática de Estratégia Europeia na Razorfish. O Sr. Khoi Tu também passou sete anos na *Shell*, trabalhando em *marketing*, estratégia, RH e como consultor regional para a Ásia-Pacífico, no Comitê de Diretores Administrativos. O Sr. Khoi Tu é membro do Conselho do Jamie Oliver Group, onde aconselha e lidera Estratégia e Desenvolvimento de Negócios, é Life Fellow da RSA e Embaixador da Cruz Vermelha Britânica – para a qual ele doa todos os rendimentos de seu livro “*best-seller*”, *Superequipes*. Ele foi apresentado e contribuído como especialista em liderança e trabalho em equipe na *CNN*, *Bloomberg*, *Management Today*, *Business Life*, *BBC* e *Financial Times*.» (Informação recolhida na Internet, na *Wikipedia*, em 2-2-2021.)

CAPÍTULO 2

DISCIPLINAS TEÓRICAS DOS CURSOS *NOVA ET VETERA*

Introdução

O segundo capítulo da Segunda Parte é o estudo das *Disciplinas Teóricas* ou nucleares, a partir das quais as alunas aprendiam a ler e a escrever, segundo os símbolos da cultura negro africana de Cabinda: *primeira disciplina* – o Método *Inongo Nongo* (o termo *Inongo Nongo* significa Pequenos Provérbios); *segunda disciplina* – a Simbologia 1 (Alfabetização); *terceira disciplina* – a Simbologia 2 (Algarismos); *quarta disciplina* – a Simbologia 3 (Cultura); *quinta disciplina* – as Meditações sobre o Homem e os Valores; *sexta disciplina* – os Cantos de Meditação (o lugar da música na pedagogia).

2.1. Método *Inongo-Nongo* (Alfabeto Fenício em símbolos africanos)

Nongo, significa *provérbio*. Quando se acrescenta ou quando se diz *Inongo-Nongo* é para dizer *pequeno provérbio*. O provérbio é para inculcar o desejo de saber cada vez mais e melhor, a restituição da autoconfiança e a capacidade de cada um caminhar sozinho, utilizando aquilo que o seu meio ambiente lhe oferece.

Acerca da importância do provérbio no ensino tradicional da cultura negro-africana, D. Jean Adalbert Nyeme Tese (1944-2010), bispo de Tsumbe, República Democrática do Congo, fez um estudo bíblico sobre o provérbio, donde respigamos a seguinte passagem:

Nascidos da longa e comprovada observação dos fenómenos da natureza e da vida social, os provérbios transmitem muita sabedoria. Por meio deles os sábios ensinam a arte de pensar bem, de discernir o verdadeiro do falso e sobretudo de agir com sabedoria, prerrogativa dos justos, em contraste com as aspirações tolas e a conduta desonesta dos ímpios.¹⁹⁸

Conhecida a importância da sabedoria proverbial, tanto na Bíblia como na nossa cultura negro-africana, sem excluir as culturas doutros povos, interrogamo-nos sobre a circunstância que terá levado o padre Gabriel a descobrir o Método *Inongo-Nongo*, que é o método do ensino através do provérbio? Esta, aliás, foi a pergunta que um dos alunos lhe fez. Em resposta, o padre Gabriel narrou a história que ele próprio registou nos manuscritos dos Cursos *Nova et Vetera*:

¹⁹⁸ Nyeme Tese, «L'Aspect Moral dans l'Enseignement des Proverbes X,1–XXII, 16 et XXV, 1–XXIX, 27», in *Revue Africaine de Théologie*, Faculté de Théologie Catholique de Kinshasa, n.º 2, Octobre 1977, 185. (Tradução própria.)

Tudo começou na minha aldeia natal, quando eu era seminarista, em estágio por razões da saúde. Um grupo de companheiros da minha geração veio visitar-me com uma preocupação de aprender a ler e a escrever.

Gabriel, tu poderias ensinar-nos a ler e a escrever!

A partir daquele momento tive uma intuição: os meus amigos de infância sabiam ler e interpretar a natureza, evidentemente, cada um à sua maneira. Se pudéssemos a partir da leitura e da interpretação da natureza para uma iniciação à leitura e à interpretação e à tradução da escritura dada em letras, que não seria outra coisa senão os sinais convencionais, os sinais dos símbolos? Daqui nasceu a ideia de procurar na natureza das coisas e dos objectos que poderiam evocar tal ou tal letra do alfabeto. Foi assim que o «o» me apareceu com a configuração do *arco*, que em língua Ibinda se chama *cingongolo*.

Da observação e do estudo dos fenómenos da natureza nas suas múltiplas formas de revelação, passei a estudar e a analisar, profundamente, os dados da cultura local cabindense. Foi a partir deste estudo que nasceu o Método *Inongo Nongo*, o método de ensinar através de pequenos provérbios.....

O método tem o mérito de interpelar o artista, o escritor, o homem da ciência, enfim, cada um de nós é produto do seu meio ambiente e da sua época. Na natureza como na cultura não existem seres e actos isolados. A observação atenta é um princípio fundamental da descoberta e da criatividade.

A eficácia do Método *Inongo Nongo* na sua dimensão negro africana é indiscutível na medida em que o método pode-se adaptar e se aplicar em qualquer contexto sócio-linguístico e cultural africano porque encontra um fundamento no seu simbolismo cultural africano.¹⁹⁹

2.1.1. Método Inongo-Nongo – Método de Pequenos Provérbios

Sabemos agora, que *Nongo* significa *provérbio*. Portanto, sabemos que o *Método Inongo-Nongo*, significa, *Método de Pequenos Provérbios* ou pequenos ditados populares, para transmissão de conceitos. Portanto, o Método de Alfabetização *Inongo Nongo* é uma autêntica *cartilha de alfabetização*, baseada no *provérbio*. A partir do provérbio, transmite-se, facilmente e melhor, o ensinamento a um negro africano de Cabinda.

2.1.2. Método Inongo-Nongo (Cada letra é símbolo de um som)

1. Afinal, segundo o *Método Inongo-Nongo* na alfabetização, tudo começou com o círculo o segmento de reta.
2. No Método *Inongo-nongo*, cada letra é *símbolo de um som*.
3. O Método *Inongo-Nongo* divide os sons em dois grandes grupos: *sons femininos*, que são as *vogais*, e os *masculinos*, que são as *consoantes*. De facto, ninguém pronuncia uma consoante sem recorrer a uma vogal.
4. O Método *Inongo-Nongo*, para descobrir e identificar os símbolos, recorre sempre à natureza, à cultura.

¹⁹⁹ In Apontamentos Manuscritos dos Anotadores dos Cursos *Nova et Vetera*.

5. O Método *Inongo-Nongo* prima pela eficácia no resultado e pela economia do tempo.
6. O Método *Inongo-Nongo* não dá tudo, mas introduz para tudo.
7. O Método *Inongo-Nongo* nasce da cultura e da natureza e emboca na cultura e na natureza.
8. O Método *Inongo-Nongo*, método sócio-cultural de espaço aberto e bem assente na pedagogia de escola aberta africana.
9. O Método *Inongo-Nongo* abre espaço para o triplo espírito de observação, que passando pelo espírito de imitação emboca no espírito de criação. Crescimento humano, harmonioso e integral, fundamentado num desenvolvimento integrado certo, onde em tudo, no seu tocar, o homem encontra a resposta precisa.
10. Por isso, o Método *Inongo-Nongo* é pontapé de saída certo, para um verdadeiro desenvolvimento.
11. Vamos ver, num abrir e fechar de olhos, a descoberta dos primeiros (5) cinco símbolos femininos:

a e i o u

a – Um animal agachado, com a *cauda*; damos ao símbolo o nome (a ncila 1/ ncila, *cauda*).

e – iveso / pedaço / *parte*

i – nciyento ai ifunda va ntu / *Mulher com embrulho na cabeça*

o – cingongolo / *arco*

u – bulu / *buraco*

Observemos com toda a atenção o alfabeto fenício, segundo o Método de *Inongo Nongo*, letra por letra, a partir dos dados da nossa cultura africana de Cabinda:

Vogais:

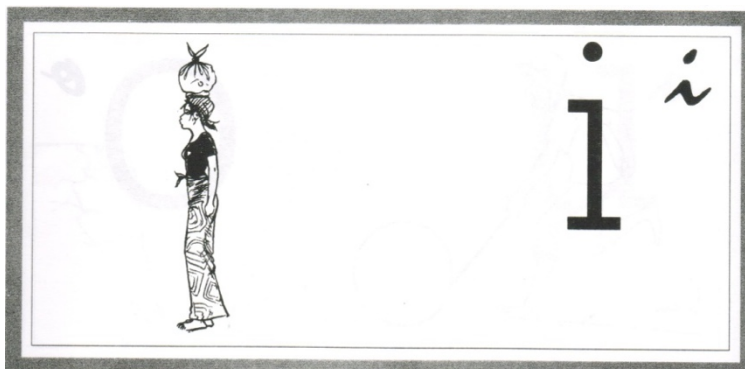
a – M'cila / *Cauda*: Tema de meditação: Homem e animal: grande diferença:
razão



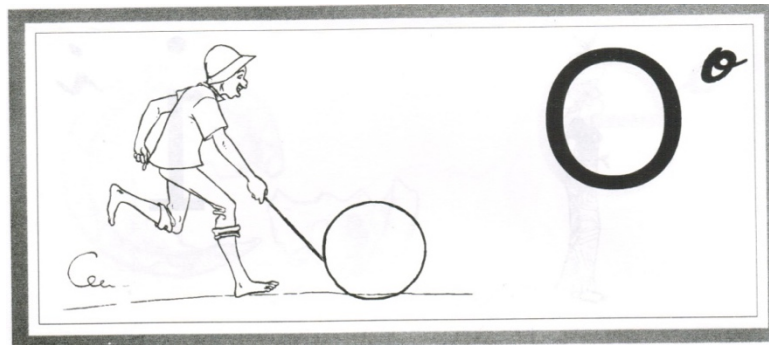
e – Iveso / *Pedaço, Parte*: Tema de meditação: a dinâmica do binómio: todo – parte



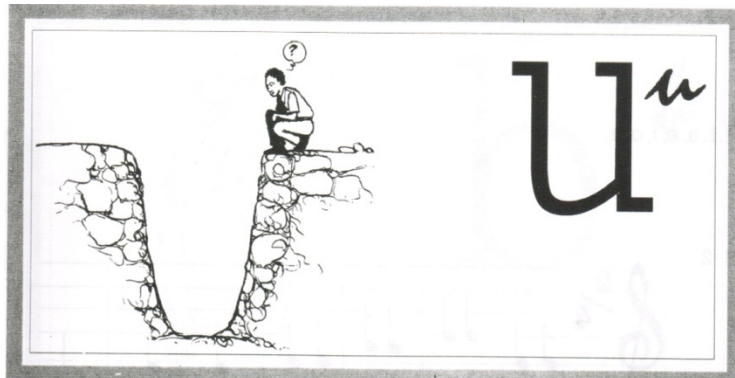
i – Ncyento ai ifunda va m'tu / *Mulher com embrulho na cabeça*: Tema de meditação: crescimento humano



O – Cingongolo /Arco: Tema de meditação: a descoberta da roda e o progresso humano



U – Bulu /Buraco: Tema de meditação: vazio e plenitude



Consoantes:

b – Bwemba/ Gravidez: Tema de meditação: maternidade humana



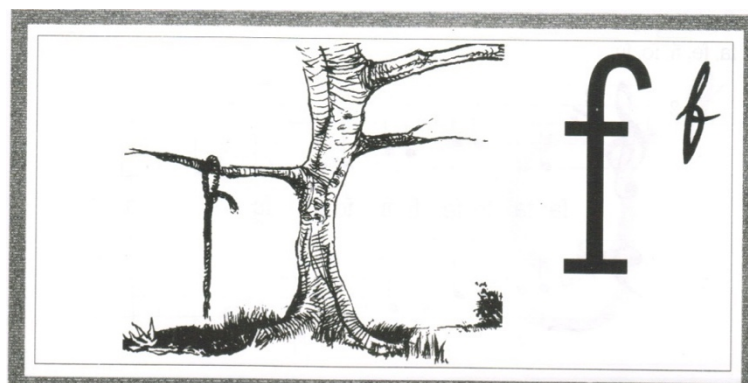
c – *Ngonda Mona/* Lua nova: Tema de meditação: luz e trevas



d – *M'cyento i Muana kumbusa/* mulher com filho às costas: Tema de meditação: maternidade responsável.



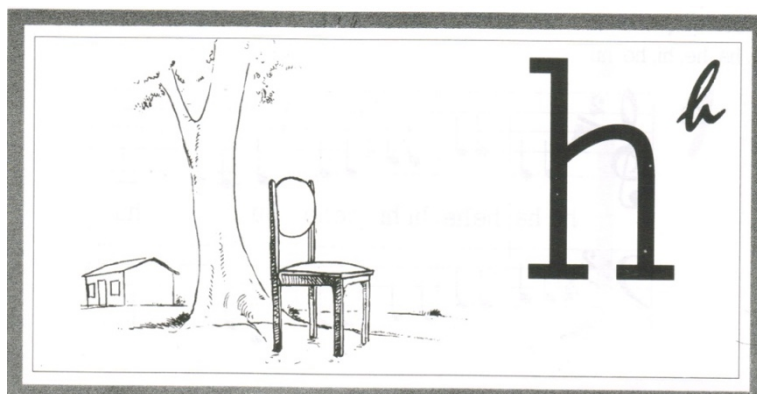
f – *Iko ci m'singa /*Feixe de corda: Tema de meditação: a força da unidade



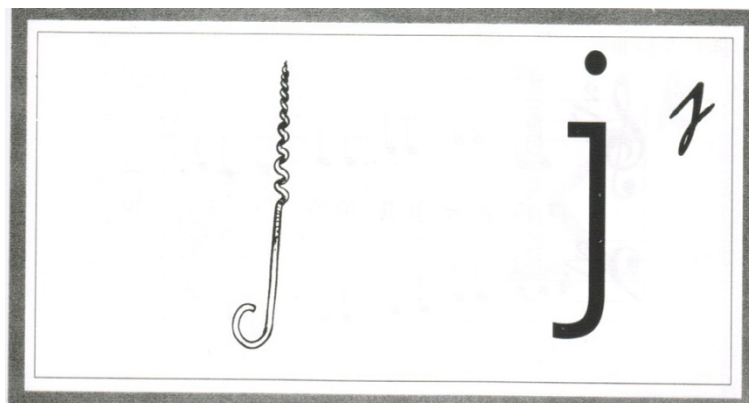
g – *Makonha m 'lenje*/ Louva Deus: Tema de meditação: espírito de paz, espírito de piedade



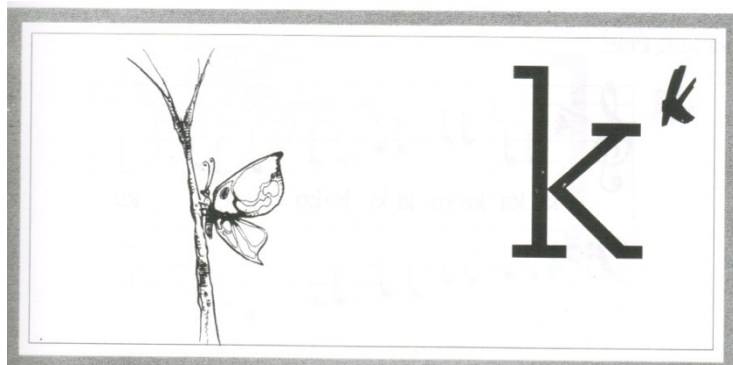
h – *Kadela* /Cadeira: Tema de meditação: repouso e trabalho



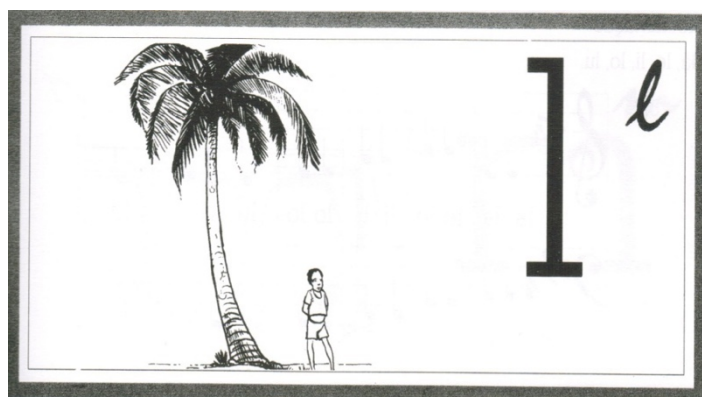
j – *M'tobo* /Perfurador: Tema de meditação: a complementaridade dos valores



k – *Cimpepele*/Borboleta: Tema de meditação: a verdade e a busca



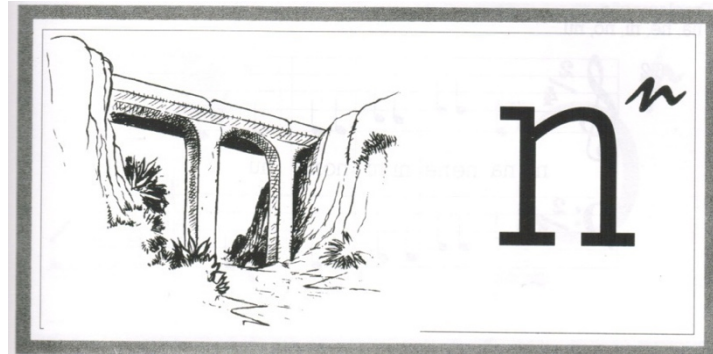
l – *M'kwati* /Palmeira alta: Tema de meditação: verdadeiro crescimento humano, crescimento com os outros



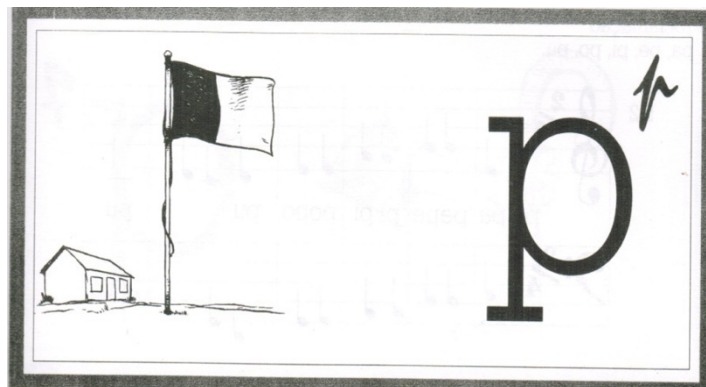
m – *Makunji matatu* /Três suportes: Tema de meditação: o valor ponte



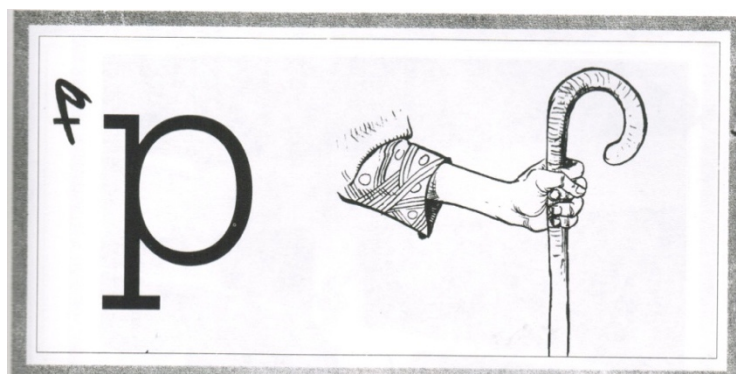
n – *Makunji mwali* /dois suportes: Tema de meditação: o valor ponte (revisão)



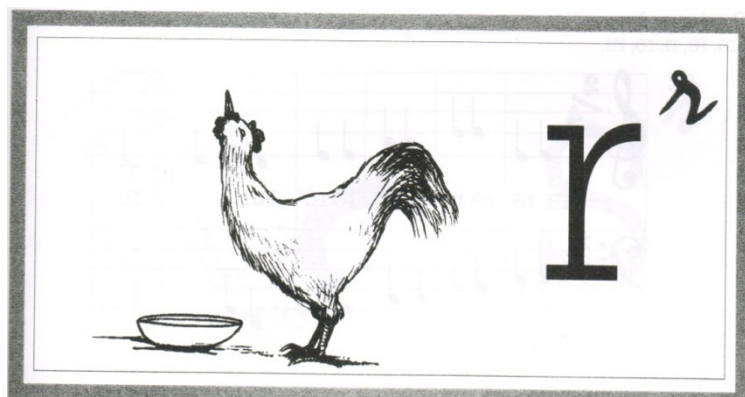
p – *Ilimbu/Bandeira*: Tema de meditação: mistério do símbolo



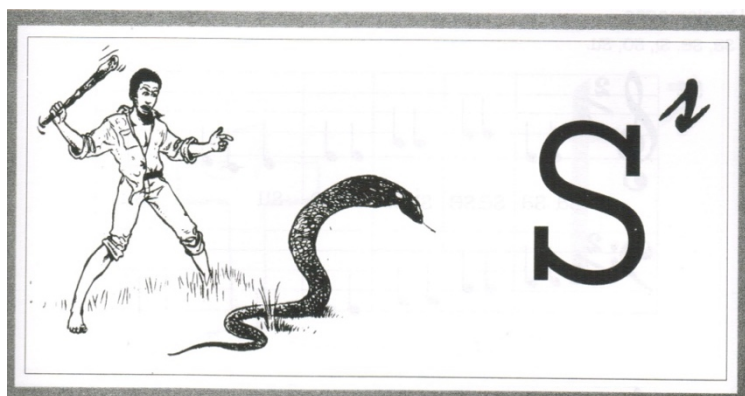
q – *M'kawa/Bengala*: Tema de meditação: subdesenvolvimento e interdependência



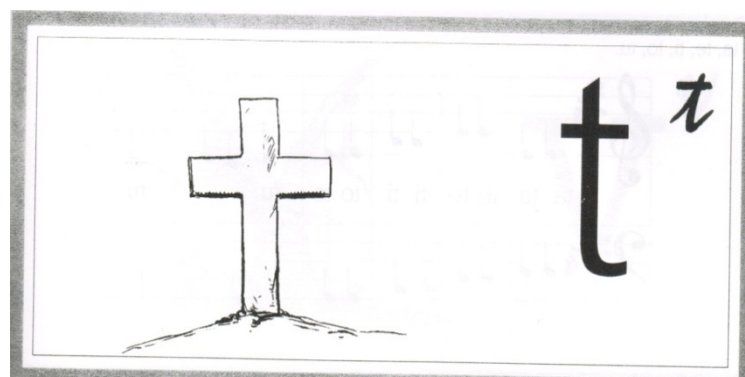
r – *Susu winua mazi* / Galinha a beber água: Tema de meditação: valor e trabalho



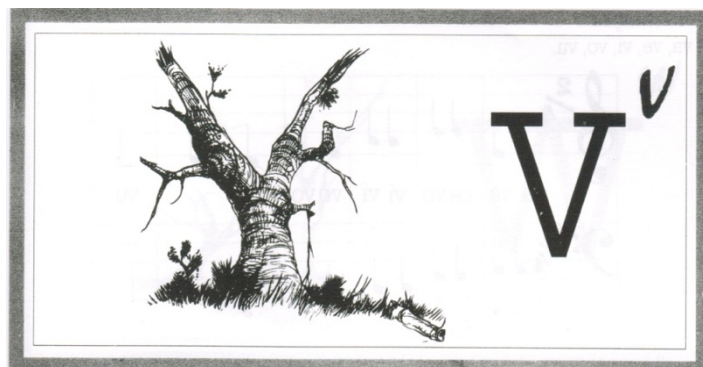
s – *Nyoka* /Serpente: Tema de meditação: a vida é luta



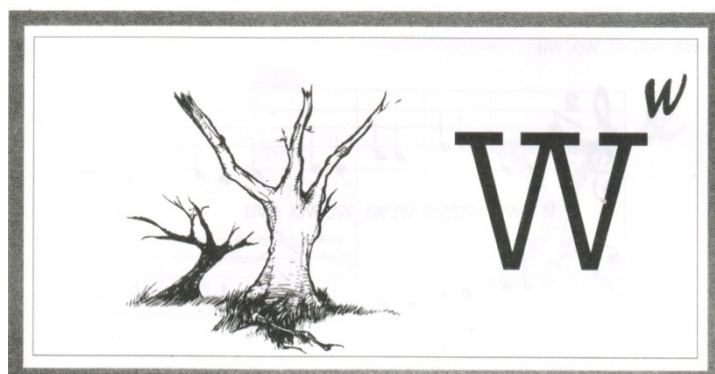
t – *Kulusu*/ Cruz: Tema de meditação: o deserto e a libertação



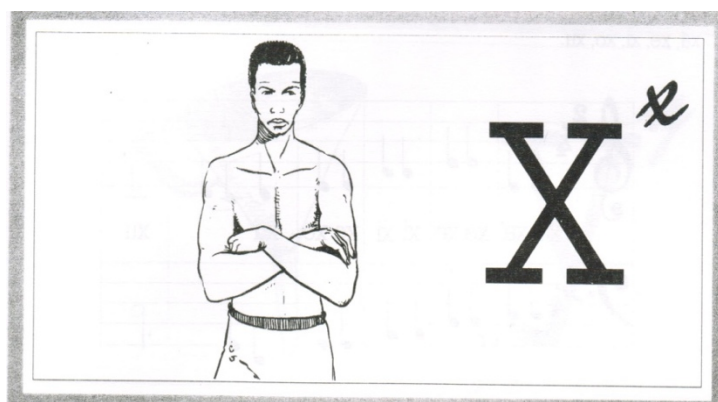
v – *Vaku li m'ti* /Esgalho: Tema de meditação: o espírito de abertura e disponibilidade



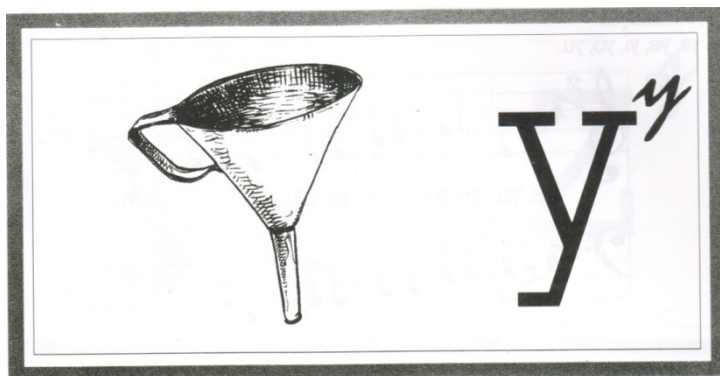
w – *Mavaku mwali* /Esgalho duplo: Tema de meditação: o espírito de acolhimento



x – *Nkondibila* /Braços cruzados: Tema de meditação: limitações humanas e saída



y – *M'lengo* /Funil: Tema de meditação: espírito de acolhimento e generosidade



z – *Lusyemo lu nzazi*/Relâmpago: Tema de meditação: espírito de atenção e abertura aos sinais dos tempos



Para facilitar a fixação das letras, para o adulto, os Cursos de Iniciação *Nova et Vetera* criaram o Método de Alfabetização *Inongo Nongo*, que consiste em identificar cada letra ou comparar cada letra a um valor já conhecido pelo alfabetizando.

Exemplos:

A letra *b* – Por causa da sua saliência à direita é comparada com o valor *bwemba* (mulher grávida) ou simplesmente (gravidez). Ao desenhar a *mulher grávida*, escreve a letra *b*.

A letra *c* – *ngonda mona* – lua nova. O alfabetizando vê como é a lua nova e, ao desenhar a lua nova, escreve a letra *c*.

A letra *d* – *Ncyento i Muana kumbusa* – mulher com criança às costas. O alfabetizando observa a criança nas costas da mãe e, ao desenhar a criança nas costas da mãe, escreve imediatamente a letra *d*. Etc...

Quais são as vantagens?

Cada letra é desenhada com um objeto da sua própria cultura. O alfabetizador vai procurar um provérbio sobre a educação do filho. Como são muitos, ele escolhe um. Por exemplo, *Muana ulenvuka na ulya cimbote*. (Tradução: *o filho obediente é que tem o melhor prato*.) Para o menino, devem-se-lhe inculcar as virtudes de simplicidade, obediência, prudência, paciência. Pois, ao menino obediente é que se dá o melhor prêmio, melhor prato, melhor prenda.

2.2. Simbologia 1 (Alfabetização)

A *simbologia* é uma ciência original, que se destina a ensinar os alunos, em poucas semanas, a ler, contar e apreciar os valores e os conceitos. A cada letra ou algarismo, é atribuído um símbolo tirado da vida concreta, de forma que o símbolo escolhido lembra a forma e a letra, além de ser também a letra inicial do mesmo símbolo. Por este processo os alunos, no fim de três meses, lêem, escrevem e fazem contas. Temos a *simbologia 1 (alfabetização)*, a *simbologia 2 (algarismos)* e, finalmente, a *simbologia 3 (Cultura)*.

Até este momento a ordem das simbologias fora sempre como edifício de dois andares, em que o 1.º andar fazia quase um todo com o rés-do-chão. Assim concebidas as coisas, a simbologia 2 ou simbologia da precisão e da medida existia mais em função da simbologia 1, simbologia dos signos, dos sinais, da linguagem, simbologia da comunicação e simbologia das coisas.

Mas vendo bem as coisas a simbologia 2 tinha tanta funcionalidade para a simbologia 1 como para a simbologia 3 na medida que para uma como para outra, ela era a coroação.

Sendo assim nada impedira ou impede que a simbologia 2 ocupe ou passe a ocupar o seu lugar de método, de avaliação e que por ordem das coisas, a actual simbologia 3 passe para o lugar da simbologia 2 de que tomava a classificação mais conservando o seu conteúdo inicial e a simbologia 2, simbologia de precisão e da medida.

Em resumo:

- *Simbologia 1* continuará a ser simbologia da linguagem e, portanto, da comunicação. Aqui é o estudo do alfabeto fenício letra por letra.
- *Simbologia 2* passará a ser a simbologia da cultura e dos valores. Aqui é o estudo dos algarismos desde zero até aos milhares, milhões...: 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10..., 20..., 30...
- *Simbologia 3* estará para uma e para outra dando-lhe a eficácia e a economia de precisão e de medida. Aqui é o estudo do símbolo africano de cada letra a partir da cultura africana de Cabinda.²⁰⁰

2.3. Simbologia 2 (Algarismos)

Assim como a Simbologia 1 (alfabetização) é dos valores das letras, a Simbologia 2 (Matemática) é dos valores em algarismos. Começava pela contagem dos objetos (pedras ou paus, etc...). Conforme dissemos acima, *o quadro* era o chão, ao ar livre, e o giz uma

²⁰⁰ In Apontamentos Manuscritos...

vareta ou dedo. Aritmética: saber contar os números com as quatro operações (soma, subtração, divisão e multiplicação). Contar a numeração árabe e não romana. Contar como os nossos antepassados contavam os números. Traços cavados, traços cavados nas árvores, traços cavados no chão, traços escritos na parede, traços escritos nas paredes, traços cavados nas tábuas... A partir dos traços, passávamos para os algarismos. Quando fossem dois traços indicávamos escrever o algarismo dois. Tanto na Simbologia 1 como na Simbologia 2 os elementos de base eram a roda ou o círculo e o pau ou a vara...

0 – *Cingongolo* – janta – arco abandonado

1 – Um traço vertical (I) representado pelo algarismo 1, dois traços (II) representados pelo algarismo 2, três traços (III) representados pelo algarismo 3, assim sucessivamente...

2 – *M'cyentu ubwongama* – mulher ajoelhada

3 – *M'bueno zibulika* – óculos partidos

4 – *Kundu cibangumuka* – cadeira virada de pernas para o ar

5 – *Cingundu civesuka* – metade de cabaca

6 – *Khole* – Caracol

7 – *Itali* – Machado

8 – *Bingongolo biole binamasana* – Dois arcos unidos

9 – *M'kawa Bispo, Mkawa Fumu Nganga* – Bengala

Esta representação numérica é uma conceção da contagem dos objetos, utilizada pelos nossos antepassados na contagem de cabeças de gado ou de quaisquer valores que registavam por escrito nas cavernas, nas pedras...

A Simbologia 2 é o problema da qualidade, põe o problema da quantidade e surge o cálculo: juntar, tirar e dividir. Multiplicar é já uma noção mais avançada. Iniciação à matemática.

A demonstração ficou à volta dos números de 1 a 99.

1. Escrita dos números: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9.

2. Noção do número 10 e sua representação:

Contagem e técnica de escrita dos números até 999, pela aplicação do método das colunas.

A Simbologia 2

Espírito de precisão = «*ilunji tshi luelu*»;

Homem da precisão = «*mungu luelu*».

– Noção da comensurável. A relação existente entre qualidade e quantidade.

– Simbologia ou os símbolos dos números, vias espírito de precisão.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

Leitura dos algarismos:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

Explicação da formação do dez (10):

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Quer dizer que o 10 (dez) tem dentro de si os outros algarismos compreendidos entre ele (1 e 0). E ainda, todos os algarismos, representados em pauzinhos, reúnem-se formando um único número.

2.4. Simbologia 3 (Cultura)

Acerca da Simbologia 3, que é a cultura, preferimos ler aquilo que o padre Gabriel explicava desta disciplina e que lemos nos manuscritos:

Nova et Vetera é um órgão que tem no fundo o homem e os valores. A sua fundação foi inspirada a partir do Evangelho segundo São Mateus, capítulo 13, 52. *Todo o escriba instruído na Reino dos Céus é semelhante ao pai de família, que tira do seu tesouro coisas novas (nova) e velhas (vetera).*

O homem de *Nova et Vetera* deve ser um elemento de constante busca ou procura de valores. É como a borboleta. A borboleta é um insecto que não está parado. Passa de flor em flor. O homem de busca é também como a borboleta. Procura aqui e procura acolá. Foi a partir desta ideia que o próprio fundador dos Cursos *Nova et Vetera* cognominado da alcunha de *Cipepele Cibapeuple*, o que significa., *borboleta do povo*, que buscou no povo. A busca que fez, fê-la para o bem do povo. Os C. I. *Nova et Vetera* adoptam para o homem da busca, homem, que quer descobrir, o homem que quer saber, o homem que ainda não sabe ler nem escrever...

Ele usa por isso o princípio: «*Wonsoko muntu, muntu*» (tradução: *Toda a pessoa é um valor*). Como o projecto de Deus – *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança* (Gn 1,26-28) – tem de ser capaz de criar também projectos para o seu bem-estar e para o bem-estar dos outros. Portanto, deve trabalhar.

Se durante a criação do universo, Deus foi apreciando a sua obra (Gn 1,31). e viu que tudo era bom, então o homem não tem o direito de desprezar o outro homem, que Deus criou com toda a perfeição. Além disso, o homem deve procurar descobrir os outros valores, que o rodeiam cultivando assim o espírito do trabalho.

Os nossos pais no jardim do Éden, por terem entrado em conflito com o criador, perderam todos os valores, todos os bens que estavam ao seu alcance. Para

tornarem a recuperar os valores Deus obrigou-os a trabalhar, pois, é com o trabalho que conseguimos todos os valores, que contribuem para o nosso bem-estar.

A principal meta ou objectivo da fundação dos Cursos de Iniciação Nova et Vetera é a formação integral do homem. Um homem, responsável e competente, qualidades, que encontramos no próprio Deus, que nos criou e nunca nos abandonou. (Aqui está a primeira pergunta do Catecismo. Quem nos criou? Na língua *Ibinda* de Cabinda, a pergunta foi formulada da maneira seguinte:

– *Quem nos criou?* – Pergunta: *Nani utuvanga i utu beluka?*

– *Deus é que nos criou!* – Resposta: *Nzambi utuvanga i utubelika!*

O homem com responsabilidade e competência é aquele que segue os princípios da *Nova et Vetera* que dizem, como o seguinte princípio: «*Uzaba ubuta, uzaba ulonga.*» (Tradução: *Saber nascer, saber educar*). Um bom pai deve ser um bom educador.

Nova et Vetera não dá tudo, mas introduz a reflexão para tudo.

É o que se pode verificar nas meditações. Um tema profundamente meditado, pode levar à descoberta de muitos outros temas e subtemas.

Exemplo a letra *b* – *buemba* (*mulher grávida*) –, além da definição mais apropriada pelo que é conhecido, pode apresentar-nos uma outra como esta: *Buemba* (*mulher grávida*) é o primeiro aposento ou habitação do ser humano em que este é um inquilino que não tem possibilidade de pagar renda, mas pelo contrário é sustentado pela própria dona de casa que é a mulher (mãe).

A sua comunicação só é feita entre ele e a dona de casa em linguagem gestual, isto é, não-verbal, durante 9 ou 10 meses de permanência no aposento (ventre da mãe).

Abandona o aposento sem se preocupar com a arrumação da casa que o albergou, deixando tudo a cargo da própria dona de casa. Cá fora, onde a dívida vai aumentando, pois, carece de possibilidades, a comunicação passa a ser gestual e sonora com a sua nova sociedade, que são os seus progenitores.²⁰¹

2.5. Dinâmicas dos Cursos *Nova et Vetera*

A mesmíssima coisa acerca das dinâmicas dos Cursos *Nova et Vetera*, o melhor que podemos para compreendê-las está na leitura destes manuscritos:

A *primeira dinâmica* nos Cursos *Nova et Vetera* era estimular o gosto e a necessidade de permanente de aprender a ler, a escrever e a apreciar os valores humanos, os valores cristãos, os valores das culturas europeias, os valores das culturas africanas...

A *segunda dinâmica* era a de saber apreciar os valores, aceitá-los, vivê-los e transmiti-los no dia-a-dia da nossa vivência.

A *terceira dinâmica* era a dinâmica da oratória africana: o provérbio e o canto. «*Aristóteles afirma: queres conhecer a política de um povo. Oiça o que ele canta.*» A música foi sempre o grande veículo da transmissão daquilo que todo e qualquer povo sente e vive no campo cultural, social, político, religioso, económico...

O europeu tem o jornal, a revista, o livro, enfim, a biblioteca... A cultura do negro africano ainda está mais expresso nos provérbios, nas adivinhas, nos contos, nas fábulas... O europeu tem o argumento cartesiano. Eu penso logo existo. O negro africano eu falo, logo existo. Ao inteligente negro africano cita-se-lhe o provérbio. Ao ignorante negro africano explica-se-lhe, pormenorizadamente, o significado do provérbio «*Ivulu ci matu, ivulu ci matu. Ivulu cikuwa. Ivulu cikuwa. Tika wisi kuila ko mulu kunga wi yoba.*» (Tradução: *Burro de ouvido é burro de ouvido. Se não percebes a partir do provérbio, és burro.*)²⁰²

²⁰¹ In Apontamentos Manuscritos...

²⁰² In Apontamentos Manuscritos...

Na homilia, para atingir a alma do negro africano, deve-se usar estes dois argumentos: o provérbio e o canto. Se estás a pregar sobre o tema da educação, procura o provérbio sobre a educação. Se estás a pregar sobre o tema do matrimónio, procura o provérbio sobre o matrimónio. Se estás a pregar sobre o tema da morte, procura o provérbio sobre a morte. E, assim por diante...

2.6. Meditações sobre o Homem e os Valores

Nas suas meditações, o homem dos Cursos *Nova et Vetera* descobriu no homem três situações: o homem da situação 1 é o homem firme (*o profeta*), o homem da situação 2 é o homem duplo (*o traidor*) e o homem da situação 3 é o homem volúvel (*o catavento*).

2.6.1. O Homem da Situação 1 – O homem firme (O profeta)

O homem da situação 1 é uma coluna (quer dizer *profeta*). O homem que é firme em todas as situações. O profeta, que aceita a morte pela defesa da verdade, que não se deixa levar, facilmente, por qualquer agitação.

Exemplo – Nas questões da Igreja, se é católico, dificilmente, muda de religião. É um elemento que honra, com uma fé firme, os seus compromissos na vida cristã, religiosa, conjugal, maternal, paternal, filial. É o chamado *Nkhazi*; tradução: *o Tio*. Aqui, o significado do tio é o chefe de família íntegro na linha matrilinear, *o herói*. É o homem da palavra «Sim! Sim! Não! Não!» É o homem de «antes quebrar, que torcer».

Quais são as suas vantagens? Ser escravo da sua palavra; ser vitorioso.

Quais são os seus dotes? Fé, coragem, prudência, espírito de sacrifício e paciência.

O Homem da Situação 1, homem firme, em língua *Ibinda* é chamado *Likunji*. O homem «*likunji*», que é um homem perfeito. Sabe que é um valor, assim como as outras coisas, e sabe aceitar esse valor. Investiga e tudo sai de si. Utiliza a sua cabeça como «*isosolo tshi mambu*»; (tradução: *peneira*). Quando recebe uma notícia, por exemplo, o que faz primeiro é «*sosa*», isto é, *peneirar*, verificar se essa notícia é verdadeira ou é falsa. E, se for boa, aproveita-a; se não for, rejeita-a. Sendo ele «*likunji*», que quer dizer, coluna firme da sombra de uma casa, sabe que os outros «*makunji*» (plural de *likunji*), fazem falta, assim como ele próprio. Respeita o valor dos outros, do seu semelhante. Assim como cada pessoa tem uma coisa de que mais gosta, entre todas as outras; assim também considera o seu próximo. Sabe que, portanto, os outros fazem falta na sociedade. Sabe enfrentar as consequências que vêm contra ele. Esta é de todas as situações vistas, a melhor. Devemos procurar sê-lo. Ser homem da firmeza, homem que honra a sua palavra.

2.6.2. O Homem da Situação 2 – O homem duplo (O traidor)

O homem da Situação 2 é o homem duplo (*camaleão*). O camaleão está na linha do homem fingido. É um autêntico espião. O homem da situação 2, homem duplo, é um homem de conluio. Ele está a conversar contigo, ele está a rir contigo. Tu pensas que ele é teu amigo, mas, afinal, é um autêntico traidor. Vem com bajulação. Em francês diz-se que é *flatteur*. Acabam de conceber bem o programa e é o homem da situação 2, que vai vender o programa ao inimigo. Portanto, é um autêntico traidor. É um homem que joga com um pau de dois bicos. Incita aqui e incita ali. Fica no meio, observando o jogo. Tem vantagem, quando é somente para conquistar a simpatia ou a aceitação do grupo. É o homem que conquista pela política de aproximação. Tem desvantagem, quando é para a traição do grupo.

O homem da Situação 2, homem duplo (camaleão) em *Ibinda* é designado *Lungueniya*, quer dizer, camaleão. O homem «*lungueniya*» é como camaleão, muda de cor conforme o meio em que se encontra. Foge a todas as consequências. Situa-se nos outros mais fortes. Apesar de investigar não aceita o seu valor.

2.6.3. O Homem da Situação 3 – O homem volúvel (O catavento)

O homem da situação 3 é o homem volúvel (*catavento*). O homem, que está na linha sem firmeza, o homem sem nenhuma posição, sem decisão. Lá, onde sopra o vento, é lá aonde vai. Agarra-se a todos os ventos e a todas as orientações sem nenhuma convicção. Deixa-se levar em todas as posições. O homem da situação 3 é o homem que não tem palavra própria e nem segue uma direção única. Ora diz sim, ora diz não. Nos caminhos da savana, temos pequenos caminhos, em que, quando o homem passa o capim, que está a cobrir o caminho volta-se para o lado de quem passou. E, de regresso, quando o homem torna a passar por ali, toma outra vez a posição do homem. O homem da situação 3 não tem uma posição própria, não tem cor própria... O homem da situação 3, homem volúvel, capim, em *Ibinda*, é chamado *lilundu*.

O homem, durante a sua vida, faz subir a sua personalidade aumentando assim o seu valor na sociedade. Devemos ter sempre presente e viver o exemplo de Zaqueu. Há muitos homens, que não merecem ser chamados homens, porque não aceitam os seus valores de homens e também porque não mostram qualidades de homens. Assim, temos o homem «*lilundu*» (capim), que está sempre no mesmo lugar. Não investiga. Todos passam por ele tornando-o objeto de brincadeira. Julga suficiente o que sabe. Não aceita o seu valor. Dá-se um exemplo em que se vê o que é o homem *lilundu* (capim): põe-se uma menina no meio da roda das outras. Cada menina da roda passa por ela empurrando-

-a. Nota-se, pelo exemplo, a vida triste do homem *lilundu* (capim); autêntico-objeto da sociedade.

2.7. Cantos de Meditação (Lugar da Música na Pedagogia)

Não somos nós unicamente que o reconhecemos. São numerosas as pessoas que reconheceram e reconhecem as qualidades do padre Gabriel, primeiro como *investigador da cultura africana* e, depois, como *músico*. O fruto da sua investigação na cultura africana está no seu método de alfabetização, através dos símbolos da cultura africana de Cabinda. A sua preocupação era investigar na cultura africana de Cabinda para encontrar aquilo que é belo, útil e verdadeiro para introduzir no cristianismo e excluir aquilo que é folclórico e banal.

O padre Gabriel compreendeu, que uma das melhores maneiras de transmitir o seu ensinamento, a sua mensagem dos Cursos *Nova et Vetera*, era o canto. Pelo canto, ele sabia que transmitia a sua ideia. Por esta razão, compôs cantos de meditação, que eram cantados com a leitura de pensamentos. Os pensamentos foram tirados da leitura da cultura africana de Cabinda e da leitura da Palavra de Deus, na Sagrada Escritura. De salientar que, no fim de cada aula, o padre entoava sempre o cântico para melhor inculcar a sua ideia. Um dos cânticos que era o seguinte:

Kioso salu sadidi kiau epi wala fitulu

Qualquer trabalho que fizeres é deste trabalho que serás pago

Kioso salu kinluta pasi kiau epi kinluta kinya

Qualquer trabalho que for mais difícil é o trabalho mais considerado

Kioso salu sadidi kudi Yave kinfumina

Qualquer trabalho que é feito é trabalho que vem de Deus Javé

Yave utuyekudila nsi mudiambu diku isukula

Deus Javé entregou-nos a terra para a dominarmos (desenvolvermos)

Kioso salu kieta salu nsi Mamuene kambuongisa

Qualquer trabalho que é feito está a melhorar a terra de Deus

Diau musala luta sai mangolo muingi nsi isukuka

Sê forte no trabalho para que a terra seja melhorada

Musalu kio sadidi nsi inbuongisa ayi ngeio epi

No trabalho que fizeres, estás a melhorar a terra e a ti próprio

Minkinza mietu mio musalu tuela mitabila

Todas as nossas necessidades e no trabalho que havemos de adquiri-los

Kimba moyo, ka wela sala kioso salu unkananga
Sê forte, que trabalharás qualquer trabalho que sonhares

Sala salu kintanguka nge mavaku utanguka
Faça o trabalho que é considerado que tu também serás considerado.

Nas aulas de alfabetização, nas Eucaristias, durante a meditação, entoava sempre este canto que ele considerou como hino do trabalho. Com este cântico ele inculcava, na mente dos cristãos, o amor ao trabalho para não vivermos do assistencialismo.

PENSAMENTOS ACLAMADOS NOS CANTOS DE MEDITAÇÃO

Leitor: 1. Tu que estás agarrado aos valores antigos e segues os valores novos, deixa de perguntar: *O que é Nova et Vetera?* Pois, tu próprio és *Nova et Vetera*.

Refrão: Há valores antigos, há valores novos. Qualquer valor é um valor de ensinamento na vida! *Nova!* Todos respondem: *Et Vetera!*

Leitor: 2. Se não tens olhos, saibas escutar. Aquele que tem olhos desde que esteja à tua frente, tu que só tens ouvidos, segue-o. Buracos, pedregulhos, encruzilhadas, não serão mais teus.

Refrão: Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. *Nova!* Todos respondem: *Et Vetera!*

Leitor: 3. A palavra é como a semente. A semente, que possa valer, é aquela que, é semeada. A palavra, quando é pronunciada, ensina uma mensagem. A semente é um bem. O ensino é uma mensagem.

Refrão: Há valores antigos, há valores novos. Porém, qualquer valor é um valor de ensinamento na vida. *Nova!* Todos respondem: *Et Vetera!*²⁰³

2.8. Alfabetização dos Adultos das aldeias ao redor da Missão

2.8.1. Os adultos das aldeias ao redor da Missão

Como todos nós sabemos, nas nossas aldeias não há jornal, luz elétrica, televisão, cinema, teatro... Na era colonial algumas dezenas de pessoas tinham um posto de rádio para ouvir música e as notícias. Os Cursos *Nova et Vetera*, oficialmente, para raparigas não escolarizadas, era aos sábados, domingos e segundas-feiras. Porém, os adultos, homens e mulheres, principalmente, os mais velhos das aldeias cristãs ao redor da Missão numa média de mais de três centenas de pessoas, que, durante o dia, estavam ocupados na lavoura, à tardinha depois do jantar, vinham ao patamar da Missão, às terças, quartas

²⁰³ Os pensamentos aclamados no canto de meditação são ao todo 46. Aqui reproduzimos somente 3. A totalidade de todos os pensamentos de meditação estão no volume dos Anexos (Anexo 3).

e quintas-feiras à noite, para aprender a ler e a escrever no nosso serão (*Kimoko Kietu*). Nessas aulas do nosso serão (*Kimoko Kietu*) aprendiam também a ler e a escrever.

Podemos mencionar um exemplo: um senhor, chamado José Puati Mavungo da aldeia de São João com os seus 75 anos participou nos Cursos *Nova et Vetera*. Aprendeu a ler e a escrever com a ajuda do Método *Inongo Nongo*. Em doze horas conseguiu aprender a ler e a escrever o seu nome. A Missão transformou-se numa autêntica universidade do povo. Com a luz do gerador da Missão foram numerosos os cristãos das aldeias vizinhas da Missão que participaram nos Cursos *Nova et Vetera*. Como eram aulas ao ar livre não nos é possível calcular o número dos participantes. Porém, segundo testemunhos, quase todos os mais velhos e mais velhas ganharam o gosto de aprender a ler e a escrever mau grado a avançada idade de alguns. Senão vejamos alguns casos.

Um dia depois da aula o mais velho José Puati Mavungo foi à sua mata (fazenda de café, cacau e palmeiras) onde serravam madeira. Escreveu o seu nome na madeira serrada como sinal de pertença: Zozé, Zozé, Zozé... Na aldeia o nome José foi alterado para Zozé.

Quando o seu filho Eduardo Mavungo chegou, perguntou?

– Pai! Estas tábuas são tuas?

O pai respondeu garbosamente!

– Filho, não sabes já ler? Fui eu que escrevi o meu nome! Este ano é um ano de maravilhas! Quem não sabe ler e escrever é burrice dele!

Os alunos da Missão, ao chegarem à sua fazenda, perguntavam:

– Avô, quem escreveu nas tábuas serradas!?... Ele respondia, orgulhosamente:

– Viram! Eu próprio escrevi o meu nome como aprendi a escrever nos Cursos *Nova et Vetera*.

O velho era corajoso. Não faltava a nenhuma aula. A partir do exemplo do velho José Puati Mavungo, muitos mais velhos como Kubimba, Jerónimo Puati, Teófilo Meia, Luis André Chikanzama, Flaviano Biluelo Capita, Francisco Luemba (irmão mais velho do Senhor Flaviano Biluelo, residentes nas aldeias vizinhas da Missão... numa palavra, todos os mais velhos da área da Missão do Lucula Zenze, acima dos 75 anos, ingressavam na escola dos Cursos *Nova et Vetera*.

De manhã eram os mais novos, os mais jovens. E, à tardinha, eram os adultos, os mais velhos e os anciãos. A aula tinha o nome de *Nosso Serão (Kimoko Kietu)*. A Missão tinha o gerador e as aldeias vizinhas beneficiavam. Isso significa que os Cursos *Nova et Vetera* ofereceu oportunidade cultural a todos.

O padre João Ndambi Capita (nascido em 1958), na altura, aluno interno da Missão, participou nessas aulas. Deste modo, os Cursos *Nova et Vetera* foram também uma escola abrangente para jovens, adultos, homens, mulheres.

Além deste caso, temos outro que encontramos nos cadernos de registo dos Cursos *Nova et Vetera* com a caligrafia do padre Gabriel Nionje Seda:

O homem da simbologia 3 é o homem da afirmação e da criatividade. Começa por um verdadeiro acto de fé em si próprio no seu valor, valor absoluto e dinâmico no meio dos outros absolutos e dinâmicos. E continua na espantosa força que é o desejo. E é desejando que se cria. E criar é sempre com criação pela participação. Vive significando o tempo. É o homem da idade da consciência crítica.

Os Cursos de Iniciação *Nova et Vetera* cresceram e impuseram-se como uma realidade nova aqui e neste momento. Funcionavam com um esforço participativo de educação do povo para um outro desenvolvimento. Neles, os participantes são iniciados numa série de valores da existência. A *alfabetização dos adultos* pelo método que já se convencionou chamar-se simbolista tem sido a coisa mais apaixonante. Para compreender o valor do método, estamos a alfabetizar duas velhas de cerca de 70 anos. O resultado está a ser excitante, apaixonante mesmo. Já temos adultos a começar a ler, a escrever e a contar.

A ciência-arte de ler, escrever e contar, não é um dom ou graça. Não passa de simples iniciação como qualquer outra iniciação. Por isso, nada mais é do que uma oportunidade, uma ocasião. Razão tinha a septuagenária mamã Delfina Betikila, de Santo Eugénio do Lucula Zenze que, em plena sessão de alfabetização segundo o novo método, depois de codificar e decodificar as escritas do seu nome DELFINA, exclamou exultante:

– *Afinal, saber ler não é arte mágica, não é feitiço, é uma questão de sorte e de chance.*

A essa ciência-arte de descobrir, ler, interpretar, traduzir símbolos e criar outros tivemos a ousadia de dar o nome de simbologia (tratado de símbolos).

A simbologia tal como a concebe nos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera* é um saber descobrir, ler, interpretar, traduzir, valores e seus símbolos que constituem o tecido do quotidiano que é a vida das pessoas, das coisas e dos acontecimentos.

Descobrir o sentido das coisas ou dar sentido às coisas foi uma das tarefas que me absorveram mais tempo no decorrer da experiência dos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera* (1970-1974) no Lucula Zenze. Depois de aturada observação, que foi despertado em mim crescente admiração por tudo quanto me rodeava, detive-me na Natureza como mistério em contínua revelação e apareceu-me ter encontrado a chave para desvendar o que sempre está por descobrir em cada coisa, em cada ser humano, em cada acontecimento.

Descobrir o sentido das coisas ou dar sentido às coisas. Cheguei à conclusão de que nada existe que não tivesse sentido. Mais ainda: de que tudo tinha mais que um sentido. A questão era de observação, de atenção, de observação com atenção, de intuição e revelação para a criatividade.

Tanto na Natureza como na Cultura, não há seres ou actos isolados, desligados. Num e noutro campo, a interacção é o primeiro fenómeno que me despertou a atenção. Por isso, considerei sempre fundamental o princípio de observação atenta para qualquer descoberta ou criatividade.

Para concluir afirmo, que o objectivo fundamental das meditações é aumentar ou enriquecer a cultura geral do educando. Com este método totalmente mergulhado nos valores da sua própria cultura de Cabinda muitos aprenderam a ler e a escrever. Não foi somente a mamã *Delfina Bidoko* mas também a *Cecília Chimambo*, duas idosas, ambas septuagenárias, passados seis cursos, conseguiram aprender a ler e a escrever, correctamente. Sentiram-se tão felizes ao escreverem os seus próprios nomes e nomes doutras pessoas e disseram:

– *Ler e escrever não é nenhum mistério! O ler e escrever está ao alcance de todos aqueles que desejam aprender!*²⁰⁴

Esta crónica com a data de 3 de fevereiro de 1972 confirma-nos que, nos Cursos *Nova et Vetera*, não aprendiam somente as raparigas. Os jovens, os adultos e os próprios mais velhos (anciãos e as anciãs) aprenderam no serão africano (*Kimoko Kietu*).

2.8.2. O remédio da saúde

Para o homem crescer precisa da saúde. Os Cursos *Nova et Vetera* não se empenharam somente na alfabetização. Por esta razão, o padre Gabriel distinguia: uma semana eram as aulas de alfabetização e, noutra semana, eram as aulas sobre a saúde, em Ibinda *Mbuku buvinya*. Na semana das aulas sobre a saúde, o padre Gabriel convidava todos os mais velhos que conheciam a *Medicina Tradicional* para transmitirem os conhecimentos que tinham às novas gerações. Aquele mais velho, que conhecia a Medicina Tradicional, mostrava a folha, a raiz ou a casca da árvore. Indicava a doença ou a enfermidade que podia curar e como preparar e aplicar o produto. Um exemplo, dizia:

– Olhai para esta folha. Ela cresce à beira do rio. Esta folha mais esta outra folha ambas lavadas e esmagadas, o produto esfregado no local ou no membro inflamado doído, dá um efeito positivo de cura. Aplica-se três vezes por dia: de manhã, ao meio-dia e à noite, durante três dias seguidos.

Depois, a referida folha era colada numa página de um caderno com toda a explicação acima dada e o nome completo do homem que tinha a tal medicina.

Muitos mais velhos participavam atentamente nestas lições. Aqueles mais velhos que sabiam a Medicina Tradicional ensinavam. Aqueles, que não sabiam, aprendiam. Tanto mais que um estudante de nome Rafael Mabiala Seda, nascido em 1952, na altura *doctorandus*, numa Universidade dos Estados Unidos da América, que tinha vindo visitar a família, em 1972, participou e presenciou, com todo o espírito de atenção e observação, uma dessas aulas. No fim da aula exclamou e comentou:

– O homem descobriu!... O homem encontrou..., referindo-se ao padre Gabriel Nionje Seda.

As aulas de alfabetização e as aulas sobre a saúde foram seguidas por todos os cristãos, habitantes das aldeias ao redor da Missão. Todos participavam nessas aulas com muita curiosidade e principalmente com o veemente desejo se aprenderem.

²⁰⁴ In Apontamentos Manuscritos...

Conclusão

O segundo capítulo da Segunda Parte é o coração dos Cursos *Nova et Vetera*. Foi a partir destas disciplinas, que acabamos de escrever, que as participantes aprenderam a ler e a escrever. No fim, salientamos que não foram somente as meninas, as alfabetizadas. Os adultos também foram contemplados, a partir dos casos concretos que registamos ao longo da nossa investigação.

CAPÍTULO 3

DISCIPLINAS PRÁTICAS DOS CURSOS *NOVA ET VETERA*

Introdução

O terceiro capítulo da Segunda Parte é o estudo das *Disciplinas Práticas* ou Secundárias para a formação de uma boa dona de casa: *primeira disciplina*, a Culinária e Nutrição; *segunda disciplina*, a Agricultura e Pecuária; *terceira disciplina*, a Puericultura e os Primeiros Socorros; *quarta disciplina*, o Serviço Doméstico, Higiene e Educação Sanitária; *quinta disciplina*, a Economia Doméstica; *sexta disciplina*, a Puericultura, Corte e Costura e Bordados; *sétima disciplina*, as Artes Plásticas; e *oitava disciplina*, a Educação Física e Estética.

3.1. Culinária e Nutrição

As aulas da Culinária e Nutrição eram dadas pelo mestre cozinheiro da Missão, Eduardo Mato. À medida que fomos lendo os manuscritos tomámos nota das lições, uma por uma, e enumerámo-las todas desde a primeira até à última.

1.^a Aula

Preparação de bifes. Acompanhamento: batatas fritas.
Comparação de prato frio de carne com o molho de maionese.²⁰⁵

2.^a Aula

Preparação de peixe grelhado.
Acompanhamento: batatas coradas.²⁰⁶

3.^a Aula

Peixe com molho de escabeche.
Acompanhamento: Arroz branco.²⁰⁷

4.^a Aula

Preparação de guisado de carne com batatas.
Preparação de bifes.²⁰⁸

²⁰⁵ In Apontamentos Manuscritos...

²⁰⁶ In Apontamentos Manuscritos...

²⁰⁷ In Apontamentos Manuscritos...

²⁰⁸ In Apontamentos Manuscritos...

5.^a Aula

Preparação de guisado de bacalhau com batatas.²⁰⁹

6.^a Aula

Dos alimentos e seu valor nutritivo.

Preparação de pastéis de peixe (bacalhau) e arroz temperado.²¹⁰

7.^a Aula

Preparação de carne (galinha) estufada com batatas coradas.²¹¹

8.^a Aula

Preparação de guisado de carne e de ovos estrelados.

Noções gerais sobre as vitaminas. Caldeirada de peixe.²¹²

9.^a Aula

Preparação de caldeirada de cabrito de sopa de feijão com hortaliça.²¹³

10.^a Aula

Preparação de pastéis de bacalhau e arroz temperado.²¹⁴

11.^a Aula

Preparação de muamba de feijão e de guisado de peixe.²¹⁵

12.^a Aula

Preparação de cozido à portuguesa e de carne de galinha.²¹⁶

13.^a Aula

Preparação de:

1. Caldeirada de cabrito;
2. Peixe grelhado acompanhado: arroz temperado;
3. Carne assada acompanhado: batatas estufadas;
4. Salada de ananás com vinho de Porto e açúcar.²¹⁷

14.^a Aula

Preparação de caldeirada de cabrito e de carne estufada com batatas coradas.²¹⁸

²⁰⁹ In Apontamentos Manuscritos...

²¹⁰ In Apontamentos Manuscritos...

²¹¹ In Apontamentos Manuscritos...

²¹² In Apontamentos Manuscritos...

²¹³ In Apontamentos Manuscritos...

²¹⁴ In Apontamentos Manuscritos...

²¹⁵ In Apontamentos Manuscritos...

²¹⁶ In Apontamentos Manuscritos...

²¹⁷ In Apontamentos Manuscritos...

²¹⁸ In Apontamentos Manuscritos...

3.2. Primeiros Socorros

As aulas dos Primeiros Socorros eram dadas por João Baptista Mavinga, professor diplomado do Cuima. O processo de enumeração foi o mesmo que seguimos, consoante o fizemos no que respeita às aulas da Culinária de Nutrição:

1.^a Aula

Não pude mandar fixar os nomes das feridas quanto ao instrumento que as causou. Falei das complicações que podem vir da ferida – hemorragias, fractura e infecções. Falei dos primeiros socorros – exposição do local ferido, limpeza com água oxigenada ou água fervida. Falei também da ferida com pus.²¹⁹

2.^a Aula

A lição de hoje foi sobre as feridas e mordeduras da lição anterior (as fracturas) entrei no assunto da lição corrente.

Só uma diferença entre uma e outra história. Enquanto uma se processa na inconsciência da natureza, a outra, só se torna humana quando, inteiramente, assumida, vivida.²²⁰

3.^a Aula

A minha aula teve início às 7h30, hora habitual da aula aos domingos. Ela foi sobre as fracturas: definição; o nome das extremidades; a linha da quebra – troço de fractura, as suas causas – directa e indirecta, arrancamento e espontânea.²²¹

4.^a Aula

A lição foi sobre os envenenamentos. Dei-lhes a definição, que é a alteração do estado de saúde. Falei-lhes dos produtores de veneno-folhas de algumas plantas, cogumelo e substâncias químicas. Disse como deve agir o socorrista. Expliquei a maneira como deve proceder para impedir a acção do veneno, provocar vômitos, ou beber água com sal ou sabão.²²²

5.^a Aula

Esta lição foi apenas um complemento de lição anterior. Foi sobre as hemorragias e os primeiros socorros a prestar.

Tratamento geral e local – doente deitado, a cabeça mais baixa, desaperto da roupa, aquecimento do doente e dar estimulante (café quente).²²³

6.^a Aula

O assunto importante tratado nessa aula foi sobre as hemorragias e sua origem. Falei-lhes das hemorragias internas e suas subdivisões e, das extremas e também das suas subdivisões. Dei uma noção sobre os sintomas das hemorragias.

É ainda à luz do texto evangélico de Lucas (Lc 19,1-10) que concluímos que a validade da busca para um real nascimento depende da capacidade e validade do diálogo.²²⁴

²¹⁹ In Apontamentos Manuscritos...

²²⁰ In Apontamentos Manuscritos...

²²¹ In Apontamentos Manuscritos...

²²² In Apontamentos Manuscritos...

²²³ In Apontamentos Manuscritos...

²²⁴ In Apontamentos Manuscritos...

7.^a Aula

A minha aula teve início às 7.30 minutos, terminando às 8 horas. Ela foi sobre os primeiros socorros. Depois da introdução entrei, seriamente, na lição. Expliquei às raparigas o significado e a definição das palavras «primeiros socorros», altura em que são prestados e a circunstância.

Falei das qualidades do individuo que presta os primeiros socorros: uma boa constituição física que permita ajudar o próximo; sangue frio na altura, ser simpático; ser bom observador e também ter bom tacto para tratar doente. Para verificação fiz interrogatório acerca do que ouviram.²²⁵

3.3. Puericultura Teórica

As aulas desta disciplina eram dadas por Carlos Maria Peso, monitor escolar, enfermeiro, catequista, compositor de vários cânticos religiosos e tesoureiro dos Cursos *Nova et Vetera*. Seguimos a mesma metodologia de enumeração:

1.^a Aula

Na aula de Puericultura Teórica ensinei às meninas sobre os cuidados que se devem prestar uma criança quando nasce. Primeiramente ver se a criança chora: *a seguir fazer* o corte de umbigo; *mede-se o palmo*. Depois da barriga da criança dá-se um nó, deixa-se uma pequena distância, faz-se outro nó, no meio dos dois nós, corta-se o cordão umbilical. Por fim faz-se o c.d. até amarrar a ferida. Expliquei-as os cuidados necessários a prestar na criança. Para evitar conjuntivite na criança deitar-se em cada olho uma gota de colírio de argirol, ou em falta, uma gota de limão em cada olho. Terminando assim a minha aula.²²⁶

2.^a Aula

Às 3 horas de tarde dei às meninas a minha segunda aula: sobre Puericultura Teórica, de definição sua necessidade no casamento.

Puericultura – É o estudo que se faz sobre assistência que se deve dar à mulher grávida desde do primeiro sinal de gravidez – Evitando assim que o bebé ou a mãe apanhe doença durante o tempo de gravidez, e depois do nascimento da criança.

Igualmente expliquei-as a necessidade da Puericultura no casamento.²²⁷

3.^a Aula

Na minha terceira aula ensinei as meninas sobre os principais sinais da gravidez. Nós observamos que uma mulher está grávida,

1.º Quando lhe desaparece a menstruação.

2.º Fraquezas e tonturas da cabeça.

3.º Escolha das comidas.

4.º Vómitos. Falei-lhes também sobre o desenvolvimento de feto, formação do feto.²²⁸

4.^a Aula

Conforme tem sido, a minha aula começou às 3 horas teve a terminação às 4 horas da tarde. Na minha quarta aula falei às maneiras sobre abortos. Aborto – É

²²⁵ In Apontamentos Manuscritos...

²²⁶ In Apontamentos Manuscritos...

²²⁷ In Apontamentos Manuscritos...

²²⁸ In Apontamentos Manuscritos...

saída da placenta e do feto para o exterior acompanhado da hemorragia. Há dois tipos de abortos: Aborto natural e aborto provocado. Aborto natural saída do feto sem o acompanhamento. Aborto provocado, saída de feto e a placenta consentido. Expliquei também às meninas o porque tem havido os abortos naturais e as suas causas.²²⁹

5.^a Aula

Eram 3 horas da tarde quando dei a quinta aula. Falei às maneiras como se prepara o material quando a criança está prestes a nascer.

- 1.º Limpeza da casa onde se encontra;
- 2.º Esterilização do material para o corte do umbigo;
- 3.º A criança não deve ser colocada ou deitada em qualquer sítio; deve-se deitar a criança só no berço, ou num cesto bem feito, posto cobertor ou lençol. Expliquei-as o que é o berço.²³⁰

6.^a Aula

Eram 3 horas de tarde quando dei a minha sexta aula, falei às meninas sobre o parto prematuro e as suas causas. Parto prematuro é saída do feto antes de atingir o desenvolvimento, saída para nascer em parto normal, ou seja, antes de ter atingidos os nove meses e depois de ter passado os cinco meses. O porque aparecem os partos prematuros: viagens longas acidentadas, trabalhos pesados, chegadas de boas ou más notícias. Traz tristeza porque perde-se uma criança que os pais contavam para alegrar o seu lar.²³¹

7.^a Aula

Eram 3 horas da tarde quando dei a minha sétima aula, ensinei as meninas sobre o parto natural ou de termo. *Parto natural* é aquele que se verifica depois de nove meses de gravidez, e por tanto logo que o bebé atingir todo o seu desenvolvimento, está pronto para nascer. O parto natural tem 3 fases:

- 1.º Roturar do saco onviótico.
- 2.º Dilatação de 4 dedos.
- 3.º Expulsão de feto e membranas. Na rotura do saco onviótico, rompe-se e dá saída ao líquido, que se chama águas. Na dilatação o colo uterino deve largar-se 4 dedos para dar a passagem ao bebé, na saída do bebé seguem a placenta e as membranas.²³²

8.^a Aula

Expliquei às meninas a missão do homem na terra. O casamento é a união do homem e da mulher. No casamento a mulher deve reconhecer que na casa o superior é o marido. Terá de obedecer com paciência às leis do marido. O marido pela sua vez terá de mandar a mulher com amor e carinho. E, finalmente, o marido e a mulher deverão ensinar os seus filhos o caminho de Deus, mostrando aos seus filhos os bons exemplos. O fim do homem na terra, é multiplicar-se; conduzir os seus filhos no caminho de Deus.²³³

3.4. Puericultura Prática

As aulas de Puericultura Prática eram dadas por Suzana Bitebe, esposa de João Batista Mavinga, professor diplomado do Cuima. A tática foi a mesma da enumeração:

²²⁹ In Apontamentos Manuscritos...

²³⁰ In Apontamentos Manuscritos...

²³¹ In Apontamentos Manuscritos...

²³² In Apontamentos Manuscritos...

²³³ In Apontamentos Manuscritos...

1.^a Aula

Graus de valores: assim, não sobrevive o homem sem a satisfação duma necessidade conatural (comer, beber, respirar, etc.) enquanto só passa mal quando não satisfaz a necessidade, por exemplo de ter casa (necessidade quase conatural).

Há necessidade que já a própria natureza satisfaz sem o concurso crescente do homem, (respirar), etc. Há outra que a natureza ajuda a satisfazer com o concurso do homem (comer, beber, etc.) e há ainda outras ainda que mais conta o esforço do homem do que a ajuda da natureza para a sua satisfação (transporte rápido, etc.).²³⁴

2.^a Aula

Com a presença das 7 participantes, realizou-se o encontro de Puericultura Prática, subordinada aos problemas de consulta médica a quando da gravidez, sobretudo se se nota algo de anormal no estado da futura mãe. Insistiu-se no asseio externo e interno da consulente.²³⁵

3.^a Aula

A sessão abriu à hora habitual. 17 Horas em ponto. Presentes todas as participantes. Tema de demonstração: o modo de vestir o bebé (diferença no vestir do menino e da menina). O banho do bebé nunca pode ser numa lagoa ou poço de água parada. Demonstração prática do banho e do vestir do bebé em casa de Josefina Mbumba da aldeia de Santo Eugénio. A senhora tem um bebé de 1 mês e 8 dias. A Orientadora Coordenadora aproveitou a ocasião para dar uma lição de puericultura à mãe.²³⁶

4.^a Aula

Higiene e tratamento do seio.

Tratamento do recém-nascido: limpeza dos olhos.

O arranjo da cama do bebé.²³⁷

5.^a Aula

Preparação do nascimento do bebé: Enxoval.

Banho ao bebé de Josefina Mbumba (8 dias de idade).²³⁸

3.5. Serviço Doméstico, Higiene e Educação Sanitária

As aulas de Serviço Doméstico, Higiene e Educação Sanitária eram dadas por Catarina Matombe, esposa de António Assunção Bambi Muanda, monitor Escolar. O processo foi o mesmo da enumeração:

Higiene e Educação Sanitária

Ainda sobre as hemorragias falei de Equimose, que é uma hemorragia superficial hematoma que é acumulação de sangue no local da pancada.

²³⁴ In Apontamentos Manuscritos...

²³⁵ In Apontamentos Manuscritos...

²³⁶ In Apontamentos Manuscritos...

²³⁷ In Apontamentos Manuscritos...

²³⁸ In Apontamentos Manuscritos...

Hemoptise que é a hemorragia vinda dos pulmões. O tratamento aplicar nas hemorragias só será explicado na próxima aula. Para terminar com a aula, fiz uma revisão da lição anterior.²³⁹

Serviço Doméstico

Como governar o orçamento.

Economia Doméstica

1.º Encontro: De que trata a economia doméstica.

2.º Encontro: Os ganhos da família.

Economia doméstica

1. Economia. Definição.

2. Economia Doméstica. Definição.

Economia: consciência de boa administração dos valores. É ao serviço dela que está o espírito de precisão que a simbologia se esforça por despertar nos homens e em cada homem.

3. A economia toma a qualidade de «doméstica», quando se volta para os valores da casa. Esperteza de angariar dinheiro, ou esperteza de obter dinheiro, deves trabalhar e segurar qualquer coisa de valor na casa?²⁴⁰

O que ajuda a economia da casa

1. Horta e pomar.

2. Aproveitamentos.

3. De retalhos.

4. De lençóis velhos.

5. De restos de refeições.

6. De restos de sabão.

Da conservação dos valores

1. Do tratamento do vestuário.

2. Da unidade dos móveis, louças e outros utensílios.

Do aproveitamento

De retalhos.

De lençóis velhos.

De restos de refeições.

De restos de sabão.

3.6. Corte e Costura e Bordados

As aulas de Corte e Costura e Bordados eram dadas por Cristina Panzo, esposa do Sebastião Mbambi, ministro extraordinário da Eucaristia.

²³⁹ In Apontamentos Manuscritos...

²⁴⁰ In Apontamentos Manuscritos...

Lição de bordado: «Crochete».

Observação – Além desta aula foram dadas mais aulas cujos conteúdos não encontramos nos vários cadernos de registo de pontos.²⁴¹

3.7. Artes Aplicadas

As aulas das Artes Aplicadas eram dadas pelo Mestre Henrique Bitebe, Mestre pedreiro, *factotum*, antigo aluno da Missão. As suas aulas consistiam na reparação de portas, janelas, mobílias, torneiras, colocação de fechaduras, enfim, tudo aquilo que numa casa necessita de reparo ou de concerto para apresentar sempre um belo aspecto aos visitantes.²⁴²

3.8. Educação Física e Estética

As aulas de Educação Física eram dadas por Xavier Fiti Butoto (1.º Anotador)

1.ª Aula

Breve comentário sobre exercício de movimento rápido: correr, saltar, cair etc. O homem, na fase de crescimento, deve fazer os exercícios físicos para fortalecer os músculos, deve-se aprumar estando de pé, endireitar-se quando se sentar na cadeira, porque a elasticidade do corpo, quer andando, quer sentando-se ou de pé, implica elasticidade de espírito, que é o que todos devem possuir. Seguem-se exercícios da posição de sentido e de pequena flexão do tronco com as mãos aos quadris. Fim às 8 horas.²⁴³

2.ª Aula

Breve revisão da lição anterior. O porquê da Educação Física ser um valor. – Execução do movimento de grande flexão de tronco – 4 tempos. A lição só foi assistida pelas três meninas participantes que assistiram a da semana anterior. Às 8h terminou a aula.²⁴⁴

3.ª Aula

- 1.º Revisão do exercício anterior.
- 2.º Corrida e marcha, para exercitar os músculos de todas as partes do corpo, com o fim de fazer circular o sangue em cada uma delas e aumentar assim a força.²⁴⁵

4.ª Aula

Exercícios feitos:

- 1.ª Respiração profunda para a melhor fortaleza dos pulmões.
- 2.ª Flexões do corpo para o funcionamento regular dos intestinos.

Nota bem: Estes movimentos acompanharam uma prévia explicação antes da sua execução.²⁴⁶

²⁴¹ In Apontamentos Manuscritos...

²⁴² In Apontamentos Manuscritos...

²⁴³ In Apontamentos Manuscritos...

²⁴⁴ In Apontamentos Manuscritos...

²⁴⁵ In Apontamentos Manuscritos...

²⁴⁶ In Apontamentos Manuscritos...

Observação – Foram dadas mais aulas que não encontramos nos cadernos de registo de pontos, segundo nos confidenciou o próprio Xavier Fiti Butoto.

Conclusão

Nas disciplinas teóricas, as alunas aprenderam a ler, a escrever, a contar, a apreciar e a investigar os valores da nossa cultura e da cultura doutros povos. Nas disciplinas práticas, as alunas aprenderam os conhecimentos necessários para serem umas boas futuras donas de casa a fim de levarem uma vida conjugal digna e dignificada. É nas disciplinas práticas, onde os Cursos *Nova et Vetera* davam a bagagem dos conhecimentos indispensáveis duma futura mãe.

CAPÍTULO 4

SEMANA DO ENCERRAMENTO DOS CURSOS *NOVA ET VETERA*

Introdução

O quarto capítulo é sobre a explicação como era o encerramento dos C. I. *Nova et Vetera*. Todas as atividades educativas dos Cursos *Nova et Vetera* terminavam na Semana das Celebrações do Encerramento. A Semana do Encerramento era o momento do *fevert opus*, na preparação da liturgia, no ensaio de cânticos religiosos, na explicação do significado da cor dos paramentos, na preparação dos socorristas e enfermeiros para qualquer acidente, na tradução dos textos bíblicos, nos preparativos das cerimónias, desde a proclamação de entrada até à saída, tendo em consideração o destaque nas cerimónias como a proclamação da Palavra de Deus, a homilia até ao culminar da entrega do Diploma...

4.1. Estágio Prático das Alunas e Avaliação

Os Cursos *Nova et Vetera* não terminavam com a última aula. Para as raparigas, que participavam no primeiro curso, de 15 de setembro a 15 de dezembro, e, no segundo curso, de 15 de janeiro a 15 de abril, o encerramento era, precisamente, no mês de junho, tal e qual como o ano escolar começava em setembro e terminava no mês de junho do ano seguinte com os exames.

As raparigas participantes, no fim do curso, tinham um estágio prático, onde cada uma demonstrava os conhecimentos adquiridos. Cada participante (aluna) estagiava durante uma semana na sede da Missão. Era nessa altura que era feita a avaliação.

Na avaliação ninguém ficava reprovada, visto que era *uma promoção*, um incentivo para sempre aprender mais. As alunas eram avaliadas, encorajadas a pôr em prática o que tinham aprendido, tanto nas disciplinas teóricas como nas disciplinas práticas.

O fim do curso não era o fim de aprendizagem. Na vida, todo o ser humano é sempre chamado a aprender. É no aprender, constantemente, é que está o crescimento. Nós, os humanos, depois de crescermos em altura paramos de crescer. Alguns são mais baixos e outros mais altos. Aquele tem 1,20m de altura e o outro pode ter mais ou menos... Porém, ou continuamos a crescer nos conhecimentos ou deixamos de crescer nos conhecimentos, quando paramos de aprender. Na aprendizagem, continua a vida transforma-se numa escola permanente.

4.2. Comissões das Festas do Encerramento dos Cursos

O padre Gabriel era um sacerdote com um forte espírito de organização. Antes de ele fazer algo pensava, lia nos livros e fazia o plano. Para melhor mobilizar os fiéis formava comissões *ad hoc*. Era deste modo que, para o encerramento dos cursos, organizava quatro comissões: Comissão de Liturgia e Música Sacra, Comissão de Saúde, Comissão de Protocolo e Estética e Comissão da Culinária.

4.2.1. Comissão de Liturgia e Música Sacra

A Comissão de Liturgia e Música Sacra era a primeira a ser organizada, orientada e preparada com todo o esmero, porque era o centro de toda a atividade festiva. Nesta comissão, a grande preocupação era ensinar o povo a rezar e a cantar na sua própria língua, com os seus próprios instrumentos musicais, seguindo com rigor as orientações da Igreja segundo o Rito Romano, com as inovações aprovadas pela autoridade eclesiástica, sempre *ad sperimentum*. Punha em destaque a oração, o canto, o silêncio e as cerimónias. Consoante lemos na *Sacrosanctum Concilium*:

Os que servem ao altar, os leitores, comentadores e elementos do grupo coral exercem também um verdadeiro ministério litúrgico. Exerçam, pois, o seu munus com piedade autêntica e do modo que convém a tão grande ministério e que o povo de Deus tem o direito de exigir.

É, pois, necessário imbuí-los de espírito litúrgico, cada um a seu modo, e formá-los para executarem perfeita e ordenadamente a parte que lhes compete. (SC, 29.)

Aos acólitos e aos catequistas, o padre Gabriel explicava o significado das cores litúrgicas dizendo que, ao longo do ano litúrgico, os paramentos usados mudam de cor e cada cor tem o seu significado próprio e a sua mensagem.

O paramento *cor de ouro* significa a glória, divindade e esplendor. O paramento cor de ouro pode ser substituído pelo paramento branco para solenizar a celebração.

O paramento de *cor branco* indica pureza e santidade. É usado no Natal, Páscoa, Festas de Jesus, Nossa Senhora, Santos e na administração dos sacramentos do Batismo, Ordem e Matrimónio.

O paramento de *cor verde* indica esperança e é usado no Tempo Comum, seja aos domingos seja nos dias de semana.

O paramento de *cor roxa* significa penitência, conversão e morte. Este paramento é usado no Tempo do Advento, Quaresma, na celebração do sacramento da Penitência e das Exéquias.

O paramento de *cor vermelha* significa o triunfo, paixão de Jesus, Espírito Santo e martírio. É usado no Domingo de Ramos, Pentecostes, Sexta-Feira Santa, nas festas dos Mártires, Apóstolos e celebração do Sacramento da Confirmação.

Com a agenda litúrgica explicava que o ano litúrgico começa com o I Domingo do Advento e termina no Domingo de Cristo Rei, que é o XXXIV Domingo do Tempo Comum. Temos três anos litúrgicos: A, B e C. Durante os três anos, a partir do Ano A, passando pelo Ano B até ao Ano C, a liturgia completa a leitura de todos os livros da Bíblia, desde o Génesis até ao Apocalipse. Praticamente, em cada ano litúrgico lemos um evangelista.

Na linha da pedagogia africana, mencionava o provérbio «*Se o adobe não aceitar o seu lugar na parede em construção está sujeito a ser... Todos sabem qual é a conclusão... Ser rejeitado.*» Na liturgia, cada um devia aceitar o seu lugar: um acólito é um acólito, um diácono é um diácono, um sacerdote é um sacerdote, um prelado é um prelado. Cada um, aceitando o seu lugar e a sua função, na cerimónia litúrgica, nós temos uma liturgia excelente.

4.2.2. Comissão de Saúde

Os membros da Comissão de Saúde, composta de socorristas e enfermeiros, eram preparados para estarem atentos para qualquer acidente. Por exemplo, se houver alguém que venha a desmaiar, alguém que seja atropelado, ou alguém que venha a ter qualquer indisposição, durante a celebração eucarística, que necessite de socorro... Os membros desta comissão estavam preparados, a fim de dar pronto socorro em qualquer eventualidade.

4.2.3. Comissão de Protocolo e Estética

Os membros desta comissão tinham a responsabilidade de embelezar o recinto da Missão. A Missão deveria estar completamente bem asseada, ornamentada com arcos de ramos de palmeiras e flores. Os visitantes, europeus, africanos ou mestiços, autoridades governamentais, militares, policiais, homens e mulheres das cidades e das aldeias, deviam admirar a beleza da Missão em festa.

Todos os visitantes, autoridades e não autoridades, eram recebidos com todas as honras sem nenhuma distinção de raça, cor e língua. Os membros da Comissão de Protocolo e Estética estavam formados, educados e encarregados para acolher todos os visitantes, com respeito e delicadeza, boas-maneiras, que recomendam as regras de boa educação.

O padre Gabriel, na Semana das Celebrações do Encerramento, mandava colar nas paredes, nas árvores, nos lugares de destaque, frases bíblicas: «Amai-vos uns aos outros» (Jo 17,17); «O Reino de Deus é como um tesouro escondido no campo» (Mt 13,44-46); «Deus é amor» (1Jo 4,7-8); «O obreiro é digno do seu salário» (1Tm 5,18); «Alegres na esperança, pacientes na tribulação e perseverantes na oração» (Rm 12,12); «O amor de Deus consiste em guardar os seus mandamentos» (1Jo 5,3). Não somente frases bíblicas, mas também outras, como estas: «O Valor do Trabalho, Responsabilidade e Competência! Todo o homem é um valor!»...

4.2.4. Comissão da Culinária

Os mestres da cozinha davam o melhor de si mesmos, a fim de prepararem bem todos os alimentos, tanto da gastronomia europeia como da gastronomia africana. A logística era rigorosamente reforçada, a fim de se saber, através dos convites, quantos hóspedes, quantos convidados, etc... Estas quatro comissões procuravam preparar detalhadamente como eram feitos todos os preparativos, desde o princípio até à realização do ato final.

4.3. Missa Solene do Encerramento dos Cursos

A semana das celebrações anuais dos Cursos *Nova et Vetera* era preparada com todas as diligências. O padre Gabriel coordenava todas as comissões para todos os membros se esforçarem por executar, da melhor maneira, as tarefas de que estavam incumbidos. A Missa do encerramento era o ponto máximo dos Cursos de *Nova et Vetera*:

- 1.º – Era a preparação do uniforme dos cursitas;
- 2.º – Os textos bíblicos eram selecionados conforme a linha do pensamento;
- 3.º – Tudo o que se cantava era alusivo ao tema fundamental do ano...

4.3.1. Cânticos em Ibinda e o bater das palmas cadenciado

Os cânticos da Missa eram muito bem ensaiados. Todos os cânticos deviam ser muito bem executados: cântico de entrada (procissão), cântico do introito, cântico, enquanto o sacerdote está a incensar o altar... O comentador anunciava a primeira leitura citando-a e anunciava a segunda leitura... No fim da segunda leitura, era cantado o *aleluia*. Depois, era a proclamação do Santo Evangelho...

4.3.2. Tradução dos Textos bíblicos dominicais e semanais, em Ibinda

Os textos bíblicos dominicais eram traduzidos sob a orientação de um sacerdote, que conhecia muito bem a língua *Ibinda*: a I Leitura, o Salmo Responsorial, a II Leitura, o Evangelho... Todas as traduções eram corrigidas e recorrigidas pelo sacerdote.

4.3.3. Celebração eucarística do rito romano, com adaptações da cultura local

O rito que era seguido era o rito romano. Todos os gestos, *verbi gratia*, as mãos ajoelhadas, batendo três vezes as palmas, antes do ofertório, este como outros gestos, foram primeiramente submetidos ao Ordinário do lugar, que deu autorização *ad sperimentum*.

4.3.4. Introdução dos instrumentos musicais africanos

Acerca dos instrumentos musicais como *ngonje*, *tam-tam*, sonogo, batuque, soca-lho, também o Ordinário do lugar autorizou sempre *ad sperimentum*.

4.3.5. Proclamação da Palavra, antes das leituras (cânticos em Ibinda)

Os cânticos do ofertório eram também muito bem escolhidos. Recordamos que, nesta altura, cantavam-se os cânticos, em português e em *Ibinda*. Eram alternados. A procissão da entrada e a do ofertório, foi sempre executada com respeito pelo sagrado e não uma dança mundana, exótica, excitante... Foi nessa Missa do encerramento dos Cursos que se iniciou a oferta dos produtos da terra (banana, ginguba, milho, feijão, batata...).

4.3.6. Oração dos Fiéis/jovem/adulto/mãe/pai/catequista

A Oração dos Fiéis, escrita nos missais e livros litúrgicos, era lida pelo sacerdote celebrante. Este convidava um/a jovem, um pai, uma mãe, a fazer a oração, espontaneamente. O sacerdote-presidente da Eucaristia introduzia e concluía.

4.3.7. Homilia, segundo a oratória africana / cântico e provérbio

A homilia que, dantes era feita em português, e, depois, traduzida pelo catequista ou seminarista, passou a ser feita segundo a oratória africana, com cânticos e, principalmente, apoiada pelos provérbios da cultura africana. Para um povo, que ainda não entrou na escrita, o provérbio é um dos argumentos mais fortes para apoiar e convencer o povo mergulhado na oralidade.

4.3.8. Entrega dos Diplomas

Numa palavra, a semana das celebrações era a semana do «*fervet opus*». Todos eram mobilizados, a partir dos acólitos, leitores, sacristães, catequistas e cristãos em geral, para viverem o encerramento dos Cursos com fé e alegria. Era nesta Missa do encerramento que as raparigas, que tinham frequentado os Cursos *Nova et Vetera*, recebiam os Diplomas.

O encerramento solene dos Cursos era o momento áureo, o cume da montanha, a altura de receber o diploma, o momento do ingresso na vida adulta, por esta razão, era revestido de toda a solenidade em todos os aspetos.

Não conseguiremos escrever tudo a partir da limpeza da Missão, passando pelos ensaios de cânticos, preparação das cerimónias, tradução dos textos bíblicos dominicais, enfeite de arcos de palmeira, no recinto da Missão, até à celebração eucarística nos seus detalhes. Praticamente, aqui, estamos a assinalar o imenso trabalho que era feito para a festa do encerramento dos Cursos.

4.4. Almoço (Convívio)

Depois da Eucaristia, os membros convidados participavam no almoço-convívio. Durante o almoço, eram declamadas poesias. No fim do dia, os alunos da Missão tinham sessões recreativas de carácter educativo. O encerramento anual dos Cursos *Nova et Vetera* inaugurou a época do cristianismo africano, vivido na Missão do Lucula Zenze.

4.5. Lucula Zenze (Centro Turístico)

Os Cursos *Nova et Vetera* transformaram a Missão do Lucula Zenze num centro turístico. Eram muitas as pessoas que vinham da capital do Distrito, na altura, a cidade de Cabinda (75 km), da vila de Lândana (105 km) e de muitas outras localidades como Dinje, Chinga, Malembo, sem excluir os habitantes das várias aldeias da jurisdição da Missão.

Conclusão

Nesse quarto capítulo o tema fundamental era a preparação para a festa do Encerramento dos Cursos, tanto da parte das alunas assim como da parte do povo em geral. É nesse capítulo onde constatamos «*finis coronat opus*» (o fim coroa a obra), o remate de um trabalho deve condizer em perfeição com o seu começo (Ovídio, *Heróidas*, 2,85). O tema é a formação da rapariga marginalizada. Por esta razão, destaca-se logo no fim das

aulas práticas, o estágio, que é seguido dos preparativos em várias comissões, a fim de coroar a obra com êxito. Na linha da conclusão, o quarto capítulo refere-se, unicamente, aos preparativos que eram feitos com toda a dedicação e zelo pastoral, a fim de tornar a festa do encerramento mais solene e mais significativa, tanto para as participantes como para os visitantes e para o povo em geral, e, por esta razão, se formavam várias comissões.

CAPÍTULO 5

AVALIAÇÃO DOS CURSOS *NOVA ET VETERA*: ALFABETIZAÇÃO OU EVANGELIZAÇÃO?

Introdução

O quinto capítulo da Segunda Parte contém esta grande interrogação. Depois de termos percorrido o caminho de investigação, desde a fundação dos Cursos *Nova et Vetera*, em 1970, passando pela descrição pormenorizada das disciplinas teóricas, disciplinas práticas e semana do encerramento dos Cursos, ficamos com uma grande inquietação ou melhor com uma interrogação: os Cursos *Nova et Vetera* foram somente cursos de alfabetização, ou também cursos de evangelização? Numa reflexão crítica e autocrítica, reformulamos a interrogação noutros termos: os Cursos *Nova et Vetera* foram um sucesso ou um fracasso?... É somente na investigação, onde poderemos encontrar as respostas para estas pertinentes questões.

5.1. Cursos *Nova et Vetera*, na visão do fundador (1970-1974)

Na nossa investigação encontrámos numerosas definições sobre os Cursos *Nova et Vetera*. As referidas definições são todas da autoria do próprio fundador dos Cursos. Procuremos refleti-las, uma por uma, para compreendermos bem o profundo significado dado pelo mentor dos Cursos, a fim de sabermos se estes foram somente de alfabetização.

5.1.1. *Cursos de experiência sócio-cultural*

Os C. I. *Nova et Vetera* são o fruto duma *experiência sócio-cultural* lançada pelo Reverendo Padre Gabriel, Coadjutor da Missão Católica do Lucula Zenze, incentivada pelo seu Superior Pároco Angelino Gaspar Nanga e por Suas Excelências Reverendíssimas D. Manuel Nunes Gabriel, Arcebispo de Luanda e D. Eduardo André Muaca, Bispo Auxiliar de Luanda, no ano da graça de 1970.

Uma experiência única no génio, que tinha por eixo a *dignidade humana* como ponto de partida e de chegada cuja consciência que visasse o homem e o seu destino.

Os C. I. *Nova et Vetera* assumiram a delicada missão de *despertar o homem* nos valores adormecidos em cada homem pela inocuação do espírito de responsabilidade e competência e capacidade assumida para o próprio crescimento e da comunidade.

O culto da consciência de quem somos, de quem somos ainda capazes de ser. (Jo 3,1-2) de quem seremos a partir das nossas raízes humanas e divinas para uma consciência unificada.²⁴⁷

²⁴⁷ In Apontamentos Manuscritos...

5.1.2. *Cursos de educação e de formação*

Os C. I. *Nova et Vetera* são um *processo de educação e de formação* para o desenvolvimento comunitário de base apostado no homem e só no homem na multi-forme relação consigo mesmo, com os outros, com a natureza e, finalmente, com Deus. Iniciei a experiência na Missão Católica do Lucula Zenze com um punhado de homens e mulheres que também acreditavam na possibilidade e capacidade de se fazer algo de importante e bonito na linha da humanização da terra, da vida e do próprio homem.²⁴⁸

5.1.3. *Cursos de iniciação para descoberta dos valores*

Os C. I. *Nova et Vetera* são cursos para a escola e descoberta, crítica e assunção, permanentes dos valores de crescimento do homem para uma vida plena à luz daquilo de Cristo em (Mt 13,51) e de São Paulo quando fala de crescimento até à idade adulta de Cristo e do homem novo.²⁴⁹

5.1.4. *Cursos do espírito de atenção*

- Espírito de atenção.
- Espírito de acolhimento.
- Espírito de dinamia, desenvoltura
- É preciso observar;
- É preciso observar com atenção;
- É preciso admirar para fazer e criar.²⁵⁰

5.1.5. *Cursos de educação para mudança de hábitos*

Os C. I. *Nova et Vetera* surgiram para dar resposta a uma inquietante pergunta de ontem e que ainda é de hoje: *como educar um povo para a mudança de hábitos e de comportamentos?* Como mudar as mentalidades que no fundo são promoções desses hábitos e devem ser mudados para um desenvolvimento integrado, abrangente, harmonioso, equilibrado, humano, que não parece conseguido?

A resposta feliz encontramos-na nos C. I. *Nova et Vetera*, pelo seu culto de valores, do homem do crescimento, do homem do esforço e do diálogo das culturas, que não só fomenta, mas também contribui para o nascimento da civilização do universal que embocará na civilização da verdade e do amor.²⁵¹

5.1.6. *Cursos para despertar para a vida*

Os C. I. *Nova et Vetera* despertam para a vida plena pela vivência dos valores de crescimento do esforço. O grito do Paulo de Tarso é o grito dos Cursos ante a demissão quase generalizada da consciência dos valores de crescimento da dignidade humana do tempo que se vive e da consciência dos valores e da dignidade (Rm 13,11-11).²⁵²

²⁴⁸ In Apontamentos Manuscritos...

²⁴⁹ In Apontamentos Manuscritos...

²⁵⁰ In Apontamentos Manuscritos...

²⁵¹ In Apontamentos Manuscritos...

²⁵² In Apontamentos Manuscritos...

5.1.7. *Cursos de educação a partir do provérbio*

Educar para intuir, para unificar. Essa foi e continua a ser a minha preocupação. O *nongo* (ou o *cingana em Ibinda*), em português *provérbio*, explode à maneira de bomba atômica. O trabalho das participantes e do *Orientador Coordenador* é recolher e *orientar* do sistema solar o que terá acontecido há bilhões de anos para os astros acontece hoje para as palavras e conceitos *bingana, inongo nongo e inonguna*, em *Ibinda* (provérbios, ditados populares em português).²⁵³

5.1.8. *Cursos de educação da rapariga para educar um povo*

A educação é a base de desenvolvimento. A educação, sobretudo das raparigas e mulheres, melhora o bem-estar da casa, da família, da comunidade e da nação. Tinha razão, quem afirmou: «*educando-se um homem, educa-se um indivíduo, educando-se uma mulher, educa-se um povo.*»²⁵⁴

5.1.9. *Cursos para a educação do homem e do crescimento*

Homem do espaço, homem do crescimento

Nos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera* os sectores prioritários são os seguintes:

- Higiene e saúde;
- Alimentação;
- Agricultura;
- Evangelizar os pobres;
- Tema dos missionários da fundação.

Baptizar os pobres, nos tempos de Eugénio Bisch, e *evangelizar os pobres*, nos tempos dos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera*. Não há verdadeiro anúncio da palavra, verdadeira evangelização, sem o compromisso da pessoa humana, sintetizava o padre Gabriel (...).²⁵⁵

5.1.10. *Cursos cujo objetivo é atingir o homem*

Tentativa de o integrar tendo em conta o passado, o presente e o futuro. Fazer do homem um elo do passado e futuro no presente. Daí a verdade da expressão *Nova et Vetera*: valores novos e velhos. Para o valor absoluto relativo que é o homem. Na tentativa de o afirmar é posto o homem perante uma tríplice pergunta: donde vieste? Onde estás e o que fazes neste mundo? Para onde tendes?

Nos C. I. *Nova et Vetera* faz-se o esforço para chamar a atenção dos participantes para o valor homem e para o conjunto dos valores que agem no valor. Homem, valores de ordem física, moral e espiritual.

O homem é avisado do que é e do que ainda pode ser. O homem cresce adquirindo mais valores. Aquisição pelo trabalho igual esforço. O homem parte à busca de valores. Encontrados são por ele criticados e assimilados na medida em que são verdadeiros valores.

O homem do crescimento pode ser encarado sob dois aspectos, os aspectos económico e social. O homem da saúde é o que põe mais problemas, no fundo, de todos os problemas tratados nas disciplinas dos C. I. *Nova et Vetera*.

Sem saúde o homem não cria, porque está incapacitado de partir pela atenção e disponibilidade.

O homem económico como tal é o homem da simbologia 2 (espírito de precisão).

²⁵³ In Apontamentos Manuscritos...

²⁵⁴ In Apontamentos Manuscritos...

²⁵⁵ In Apontamentos Manuscritos...

O homem social como tal é o homem da simbologia 1 (simbologia do espírito de diálogo e participação).

O homem prepara-se para a atenção, para a disponibilidade, para o serviço. E entra no mundo dos outros. Ora, isso só é possível por meio do diálogo. Há um mundo de vias de diálogo: gesto, olhar, ternura, rancor, etc. E a pessoa a atingir chega a compreensão. Diálogo: discussão de dois mundos em choque. Linguagem, música e até símbolos.²⁵⁶

5.1.11. Cursos de vivência dos valores

De 1970 à 1974 funcionou na missão Católica do Lucula, diocese e província de Cabinda, Angola uma experiência de auto desenvolvimento comunitário de base voltado para o homem ponto de partida e ponto de chegada num desenvolvimento que se quer autêntico, escreveu o padre Gabriel. Durante os quatro anos não só cresceu, mas floresceu e deu frutos que 30 anos depois não obstante o destino trágico.

Não obstante o curto espaço de tempo de funcionamento deixou marcos indeléveis nos homens e mulheres, que nela se envolveram, devendo afirmar-se com justiça, que abriu novos horizontes aos horizontes antigos para não pouca gente, ávida de ser mais. As convulsões históricas e sociais, que surgiram, então, estigmatizadas pela violência, puseram termo a uma experiência que muito prometia pelos passos seguros que estava a dar. Mas porque, os cursos vinham envolvidos de ideias e as ideias, quando autênticas não morrem com anos volvidos, os Cursos *Nova et Vetera* não são uma nostalgia, mas uma vivência que tem acompanhado as gerações, que os viveram outros tempos apesar da força moral espiritual e física.²⁵⁷

5.1.12. Cursos sem o tema de Deus

Os C. I. *Nova et Vetera* foram um desafio do culto do homem para Deus. Padre Gabriel, falas tanto do homem que dá a gente a vontade de perguntar:

Onde pôes Deus?

Interpelação de Maria Irene Ferreira Deusdado da Sociedade das Filhas do Coração de Maria, no Lucula Zenze.

Está aí em toda a parte, respondeu prontamente. E quando participou no desenrolar da 12.^a semana – Tema de Meditação sobre as razões ou a razão da esperança feita em voz alta na introdução da 12.^a semana do 4.^o curso (2.^o curso do Ano 2 (1971-1972) – exclamou espontaneamente:

*Agora compreendo, padre! Respondeu Maria Irene Deusdado.*²⁵⁸

5.1.13. Cursos ao ar livre sem salas de aulas

A meditação sobre o tema «Do Homem e dos Valores» decorreu na Sala 3, no Cartório da Missão. À propósito das salas, quase todas eram abertas, quer dizer, ar livre: *sombra da copiosa castanheira* da Índia no Pátio Eugénio Bisch, *cruzamento do caminho* de Fátima e São Luís na Horta, à frente da escola da Missão, *na baixa de São José*, precisamente no terreno do *cafezeiro do Mestre Henrique Bitebe* das Artes Aplicadas sob a *sombra espaçada das goiabeiras*. Ainda, estou a ver as participantes, umas no chão, outras em cima das árvores. Eu a andar de um lado para o outro. A Maria Irene com o pequeno gravador na mão a tentar apanhar as palavras soltas ao vento em *Ibinda*, cuja tradução depois pedia.²⁵⁹

²⁵⁶ In Apontamentos Manuscritos...

²⁵⁷ In Apontamentos Manuscritos...

²⁵⁸ In Apontamentos Manuscritos...

²⁵⁹ In Apontamentos Manuscritos...

5.1.14. *Cursos de escola pluridimensional*

Os C. I. *Nova et Vetera* foram uma verdadeira escola pluridimensional (escola do povo, escola da família, escola da liberdade, escola de amor, escola da cultura, escola de crescimento, escola da saúde, escola de natureza...).

A primeira coisa é que os C. I. *Nova et Vetera* punham o homem no centro de todas as preocupações. Conduzia este mesmo homem à descoberta de um mundo aberto, onde a encruzilhada de relações valorizava o homem, a terra e a cultura. (*Muntu, Nsi ai luzabu luandi*. Tradução: Pessoa, Terra e sua Sabedoria.)

Muntu (quer dizer Pessoa).

Muntu kazitusu ntu. Daqui o termo bantu. *Ba ntu, bangu ntu, baantu*. O homem para valer deve pensar. A cabeça é a peneira. Nesta linha de ideias temos o provérbio. *Ntu isosolo ci mambu* (A cabeça é a peneira de tudo – problemas, pensamentos, pesos...).

Nsi (quer dizer: Terra).

Visiko muntu wibutukanga ai ntoto. (Tradução: Não há alguém que nasce com a terra), que vem ao mundo trazendo consigo a terra. Então aqui está a reflexão. Faça algo para que os vindouros possam vir encontrar na terra aquilo que tu fizeste. Tal e qual como tu encontraste algo de bom.

Luzabu (quer dizer: Sabedoria).

Nje kambu luzabu, zimbisi cibi muntu. (Tradução: Sem a sabedoria não há verdadeira dignidade humana.) Sem a cultura do saber o homem torna-se um ignorante de si próprio, dos seus valores, dos seus direitos e dos seus deveres... Aqui visa a formação de um indivíduo, duma pessoa na sua generalidade.²⁶⁰

5.1.15. *Cursos de escola de família*

Uma das grandes preocupações dos Cursos *Nova et Vetera* era a de formar a mulher para ser uma futura esposa, futura mãe educadora de seus filhos, uma mãe, que sabe arrumar a sua casa, não somente com os conhecimentos da tradição mas também com os conhecimentos modernos (pôr a mesa, arrumar a casa, fazer a cama, pôr cada objecto da casa no seu próprio lugar). Há o armário da loiça, o armário da roupa... Na pobreza procura-se fazer o melhor...

Ulongo, ou Ulonguka kasukamanga ko. (Tradução: Aquele que aprendeu não conhece privações), quer dizer, aquele que aprendeu, estudou, procura sempre enfrentar os desafios da vida e não conhece privações. Luta para enfrentar e resolver os seus problemas.²⁶¹

5.1.16. *Cursos de escola da liberdade*

Os C. I. *Nova et Vetera* formavam o homem para a responsabilidade, princípio e fundamento insubstituível da liberdade. *Ulongo kasutakananga ko*. (Tradução: O homem que aprendeu é um homem que não conhece privação.) Dentro deste pensamento afirma *Bakana nkangu wikulanga nkangu, vanji muntu muna nkangu wikulanga nkangu*. (Tradução: Não é o grupo, que liberta o grupo, mas um homem no grupo, que liberta o grupo.) Temos numerosos casos na história como o caso de Moisés, Noé, Mahatma Gandhi, Sekou Touré... os líderes sociais. Significa, que o grupo necessita de guia, quanto maior for a formação do guia, maior é a possibilidade de libertação do grupo.

Para uma verdadeira liberdade, os C. I. *Nova et Vetera* evocavam a verdade. *Cielika ciacinkulanga*. (Tradução: A verdade é que liberta.) *Nje kambu cielika dedi kwandi muntu upamba*. (Tradução: Aquele que não luta pela verdade falta-lhe a coragem na luta.)

²⁶⁰ In Apontamentos Manuscritos...

²⁶¹ In Apontamentos Manuscritos...

Nova et Vetera é como uma escola da liberdade. Não há liberdade sem verdade. Como chegar a esta liberdade. Não há liberdade sem responsabilidade. Se és livre, deves ser responsável. A verdade liberta. A verdade desmitifica os medos perante os fenómenos da natureza. Por exemplo: quando estamos diante de um embondeiro, pensamos logo que ali estão vidas humanas, vidas sobrenaturais, ... Quando estamos diante de um rio potente pensamos na existência de sereias, espíritos das sereias (*bakissi ba nsi*)... Quando vemos um remoinho, pensamos logo que um espírito está a passar (*nkisi*)... O medo desaparece com o conhecimento. Quando é uma pessoa sozinha o medo é maior. Quando estão duas pessoas o medo diminui e até desaparece. Aqui a verdade liberta. Os C. *Nova et Vetera* transmitem a verdade para a liberdade, transmitem a liberdade para a responsabilidade, transmitem a responsabilidade para a maturidade. *Muntu kayonzuka ntu.* (Tradução: *Para a pessoa crescer deve ter cabeça, deve pensar, deve reflectir...*) *Ba kusukila, lalama, buila cisafi.* (Tradução: *Tu que estás a ficar afogado agarra no ramo, no objecto que te lançam para te salvars do afogamento*), agarra o ramo que te lançarem para não fiques afogado. Tu que estás a aprender nos C. I. *Nova et Vetera* deves crescer na liberdade e para a liberdade.²⁶²

5.1.17. Cursos de escola de amor

Os C. I. *Nova et Vetera* foram uma escola de amor. *Luzolo. Luzolo, ukulu ntu.* (Tradução: *O amor é o mais velho na cabeça.*) *Nkulu ntu* é o que caracteriza o mais velho. A relação entre o amor e a razão... A escola de *Nova et Vetera* é uma escola de amor. Qualquer ensinamento, que não conduz o homem para o amor não edifica porque: *Luzolo nandi wibutanga, Luzolo nandi wikonzulanga.* (Tradução: *Porque o amor é que nasce, o amor é que faz crescer.*) Sem o amor não há vida, sem o amor não há crescimento, sem o amor não há comunhão com Deus. Aqui compôs o canto *Luzolo, Luzolo, Luzolo ilimbu ci bana ba Nzambi.* (Tradução: *O amor, o amor, o amor é sinal dos filhos.*) *Nje kambu luzolo buna zimbisi nzila li Ilu.* (Tradução: *Se não tiveres amor acabas de perder o caminho do paraíso.*)²⁶³

5.1.18. Cursos de escola da cultura

Os C. I. *Nova et Vetera* tinham como um dos objectivos suscitar um encontro cultural. *Nje mona liambu li mbote mulikanda lingana, longuka liau.* (Tradução: *Se constatares algo de bom noutra família, imita-o, aprende-o.*) Aqui é onde valoriza a própria expressão *nova et vetera*. Significa que deves ter um espírito de atenção para descobrir as coisas boas da própria tradição e valorizá-las. Espírito de discernimento, deves ajudar a peneirar os valores das outras culturas, para permitir a abertura do espírito: *Lucula Zenze espaço aberto para uma cultura aberta.* Aqui aprende-se a valorizar o que é nosso e a valorizar o que é dos outros. O princípio de discernimento para essa valorização do que é nosso e do que é dos outros é o bem. *Bikhulu bitu ai bimona bingana.* (Tradução: *As nossas tradições antigas e as novidades que nos vêm das outras culturas.*) Quem deve peneirar é a cabeça. Espírito crítico e de discernimento.²⁶⁴

5.1.19. Cursos de escola de crescimento

Tudo o que *Nova et Vetera* tinha como objectivo era o crescimento do homem na cultura. O homem não pára de crescer. *Ti unangukizi ko, bika udukula mazi.* (Tradução: *Se ainda não tomaste a decisão de partir, não deves entornar a água.*) *Moti ufuili ko, bivundu bimannga ko.* (Tradução: *Se ainda não morreste, não paras de*

²⁶² In Apontamentos Manuscritos...

²⁶³ In Apontamentos Manuscritos...

²⁶⁴ In Apontamentos Manuscritos...

caminhar.) Enquanto estivermos a existir, devemos lutar pelo crescimento humano, cultural, espiritual e integral.

O homem deve crescer. Mesmo casado, mesmo de idade avançada, deve sempre aspirar para o plano superior, deve crescer no campo da educação, da política, da saúde... Em todos os aspectos, pois, estamos no mundo cuja técnica e tecnologia surpreende-nos com as suas invenções e descobertas.²⁶⁵

5.1.20. *Cursos de escola da natureza*

Os C. I. *Nova et Vetera* através do seu Método *Inongo Nongo* ensinaram a ler e a escrever a indivíduos que não sabiam patavina de escrita em 24 horas. O verdadeiro quadro de aprendizagem de *Nova et Vetera* era a natureza. Observar atentamente a natureza, as árvores de diversos tamanhos, os animais, os répteis, as aves... Vê aquele buraco. Olhar para a natureza. Olha para aquela cadeira.²⁶⁶

5.1.21. *Cursos da escola do povo*

Os C. I. *Nova et Vetera* foram uma autêntica universidade. A universidade é uma escola aberta. Aprende-se no velório fúnebre (*lueno*), no campo, na reunião, no *Mwanza*. Como se aprende toda a vida, na universidade do povo aprende-se também em todos os lugares.

Como toda a vida é uma aprendizagem a universidade do povo funciona em todos os lugares. Está-se nessa universidade no velório fúnebre (*lueno*), no *Mwanza*, no *sielo*, nas sessões solenes do tribunal, nos jogos, nas recitações, nas fabulações das noites do luar de Cabinda. É uma escola permanente no campo, no refeitório, na capela. Uma escola permanente cujo diploma é delineado com a experiência da vida.²⁶⁷

5.1.22. *Cursos do sonho de uma vida*

Os C. I. *Nova et Vetera* formavam uma família. Cada um na sua qualidade ensinava o outro e funcionava com o seu título. O orientador-coordenador assistia à introdução. Todo o indivíduo devia estar preparado para comer qualquer comida. Muitos começaram a tomar leite. Cada rapariga tinha que ter uma cabra para tirar leite e assim evitar a sua compra. A Teresa Lumingo da aldeia do Chiobo foi a rapariga mais inteligente que apareceu nos C. I. *Nova et Vetera*.

Mesmo no conselho dos cursos as opiniões eram discutidas, deixando as pessoas darem as suas ideias. Houve um caso que sucedeu. Sugeriu-se que se comprasse uma bicicleta. O conselho dos cursos opôs-se. O padre Gabriel aceitou com todo o agrado a opinião do grupo. Um regente agrícola, cabo-verdiano, admirou imenso. E é neste ambiente de democracia que o padre Gabriel trabalha. Eu consigo produzir, reafirmou, num grupo, num ambiente de cultura, de religiosidade para completar algo da existência, porque tive sempre o desejo de avançar mais na vida. Sonhei sempre ser algo. E nos C. I. *Nova et Vetera* sempre disse:

– *Vamos ajudar o homem a ser homem. Mesmo se não escrevêssemos, aquilo que fizemos, ficou marcado nas pessoas.*

– *Gabriel não escreve, dizem.*

– Para mim escrever não diz nada porque são muito poucos que beneficiam. Não escrevo porque prefiro ficar no coração do povo e não dos livros. Mas, para mim o Evangelho tem de ser transmitido no coração do povo e não dos livros.

Os cursos nasceram num condicionalismo humano e natural bem definidos. Impuseram-se a si próprios um programa: os signos. Os dois grandes momentos

²⁶⁵ In Apontamentos Manuscritos...

²⁶⁶ In Apontamentos Manuscritos...

²⁶⁷ In Apontamentos Manuscritos...

foram a Celebração do Palavra para um culto à palavra e a Celebração da Eucaristia para o Culto da unidade e dos valores da convergência do ano. Os cursos foram uma revolução não violenta, mas violenta também devido aos processos utilizados. A produção antes de sair devemos ser exigentes para com ela.²⁶⁸

5.1.23. *Cursos de experiência local*

Os C. I. *Nova et Vetera* são uma experiência local de educação, formação e cultura, para um autodesenvolvimento comunitário de base assumido, voltada para o homem e para quanto o dignifica, visto o mesmo homem na perspectiva de síntese histórica do passado e do futuro no tempo presente. Uma página aberta para uma cultura aberta prepara «o *homo festivus*» cultivando «o *homo faber*». Têm como dado adquirido o «Guia de Alfabetização em língua *Ibinda* segundo o Método de Alfabetização *Inongo Nongo*», testado pelo Grupo de Pesquisa e Aplicação dos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera* e pelo Instituto Nacional de Livro e Disco (INALD), Luanda, Angola, Maio 1996.²⁶⁹

5.2. *Cursos Nova et Vetera, na visão da PIDE/DGS (1970-1974)*

Depois de termos recolhido todas estas definições feitas pelo próprio padre Gabriel, fundador dos C. I. *Nova et Vetera*, vamos agora constatar qual foi a reação da autoridade política, que na altura era a Polícia Internacional e Defesa do Estado (PIDE). Na primavera marcelista (1970), a PIDE mudou a designação para Direção-Geral da Segurança (DGS).

5.2.1. *Espionagem da PIDE, antes do 25 de Abril de 1974*

Para compreendermos a espionagem da Polícia Internacional e Defesa do Estado (PIDE) sobre os Cursos *Nova et Vetera*, é importante dizermos uma breve palavra sobre essa política internacional. No panorama internacional estavam os Estados Unidos da América (EUA), filocapitalista, de um lado, e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), filocomunista, do outro lado. Era o mundo bipolar. De um lado estavam os capitalistas e do outro lado os comunistas, em plena guerra fria, simbolizada pela chamada «cortina de ferro» com o Muro de Berlim, erguido em 1961. A Alemanha, depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), em 1961, foi dividida, ficando, de um lado, a República Federal da Alemanha (RFA), capitalista, conhecida por *Alemanha Ocidental*, aliada aos Estados Unidos da América, e, do outro lado, a República Democrática Alemã (RDA), conhecida por *Alemanha Oriental*, socialista, aliada à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Neste mundo bipolar da cortina de ferro, caracterizado pelo capitalismo, comunismo e socialismo era o período áureo dos partidos comunistas e socialistas.

²⁶⁸ In Apontamentos Manuscritos...

²⁶⁹ In Apontamentos Manuscritos...

Nas décadas de 1960 e 1970, os partidos comunistas e socialistas europeus estavam no período áureo. Na Itália, havia o Partido Comunista Italiano (PCI) e o Partido Socialista Italiano (PSI); na França, o Partido Comunista Francês (PCF) e o Partido Socialista Francês (PSF); em Portugal, o Partido Comunista Português (PCP) e o Partido Socialista Português (PSP). Durante o Estado Novo (1926-1974), estes dois partidos portugueses estavam na clandestinidade e os seus presidentes, no estrangeiro. Entraram somente na arena política em Portugal, depois da queda do Estado Novo, em 25 de abril de 1974.

Os partidos da linha capitalista eram considerados de extrema-direita, enquanto os da linha socialista, de extrema-esquerda. Praticamente, em todos os países europeus, havia um Partido Comunista e um Partido Socialista. É esta a paisagem no plano internacional, com uma forte repercussão na África, desde a proclamação das independências, em 1960. Os presidentes africanos ou eram da linha comunista ou da linha capitalista.

O Estado Novo, em Portugal, considerava a Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Angola e Moçambique como províncias ultramarinas. O governo de Lisboa é que nomeava o governador para cada Província ultramarina e os governadores para cada Distrito. A Polícia Internacional e Defesa do Estado (PIDE), designada Direção-Geral de Segurança (DGS), impunha a ordem e a tranquilidade. A Rádio de Cabinda, no Distrito de Cabinda, e a Emissora Nacional, em Luanda, transmitiam as notícias em português e nas diversas línguas de Angola (*Kikongo, Kimbundu, Umbundu, Ngangela, Tchokwe, Kwanyama*). A Propaganda Política – «do Minho a Timor» – estava no período áureo e os seus agentes circulavam por toda a parte. Toda a prudência era pouca!

O outro lado da medalha não estava totalmente apagado. Os movimentos de libertação – o PAIGC, na Guiné-Bissau; o MPLA, em Angola; e a FRELIMO, em Moçambique – estavam com as armas na mão, lutando pela autodeterminação. Em Cabinda, particularmente, os agentes da PIDE sabiam que muitos cabindenses escutavam a Emissora de Brazzaville, onde o MPLA emitia o programa *Angola Combatente*. Foi neste pano de fundo político que o padre Gabriel implementou os Cursos *Nova et Vetera*, em 1970.

Os dois sacerdotes autóctones – padre Angelino e padre Gabriel –, transformaram a Missão num centro de irradiação da cultura negro-africana. Desde que os Cursos *Nova et Vetera* começaram a ter eco na cidade de Cabinda e Luanda, os agentes da Polícia Internacional e Defesa do Estado (PIDE) redobram a vigilância.

Na Semana do Encerramento dos Cursos, muitos agentes da PIDE estavam infiltrados junto da população. Os agentes da PIDE vinham, nomeadamente, do Posto Administrativo de Tando Zinze, da cidade de Cabinda e, principalmente, da cidade de Luanda.

Espionavam a obra, pois sentiam o perigo do desvio da sua ideologia do luso-tropicalismo que sustentava o colonialismo português.

Um agente da PIDE/DGS foi espiar os Cursos *Nova et Vetera*, numa das aldeias dos arredores da Missão. Perguntou a um habitante da aldeia de Santo Eugénio que se chamava Damião Peso²⁷⁰:

– O que é que o padre está a fazer nos Cursos *Nova et Vetera*? – perguntou o agente da PIDE?

O Senhor Damião Peso respondeu, espontaneamente, sem pestanejar e nem duvidar:

– O padre diz o que está na Bíblia.

O agente da PIDE/DGS não soube mais prosseguir com mais uma outra pergunta. Derrotado, psicologicamente, regressou à precedência.

Um outro agente fez a seguinte pergunta a uma outra pessoa da aldeia de São José, nos arredores da Missão:

– O padre fala da independência, nos Cursos *Nova et Vetera*?

O homem da aldeia de São José sem esperar meio segundo, respondeu imediatamente:

– O padre afirma, muitas vezes, que todos nós devemos saber apreciar os valores antigos e os valores novos. Não ficarmos somente nos antigos e não ficarmos somente nos novos.

O agente da PIDE/DGS não conseguiu mais prosseguir com a interrogação.

Um dia, como qualquer outro dia, normal, sem nada de extraordinário, o padre Gabriel recebe a cordial visita de duas pessoas no patamar da Missão, que é a sala de visitas da residência missionária. Um deles toma a palavra e diz ao padre Gabriel:

– Senhor padre! Nós precisamos duma certidão de batismo do nosso filho que vai casar.

O padre Gabriel com toda a gentileza e delicadeza convidou-os para o Cartório. No Cartório, o padre Gabriel pediu os dados da pessoa. Os senhores deram os dados. O padre perguntou:

– Qual é a aldeia onde nasceu essa pessoa?

Eles responderam: – Aldeia de Chinguinguili.

²⁷⁰ Damião Peso, filho de Francisco Peso e de Salomé Cambizi, nasceu a 3/12/1935, na povoação de Santo Eugénio. Contraiu o sacramento do Matrimónio com Maria Buanga Paca, filha de Barnabé Paca e de Catarina Tsanya, nascida a 14 de agosto de 1942, na povoação de Wângulo, e batizada a 31/10/1942 (Registo de Batismo n.º 150). Damião faleceu a 29/12/2001, com 76 anos de idade (1935-2001).

O padre Gabriel, a partir dos dados apresentados, meteu-se a procurar nos livros de Batismo de Chinguinguli. Passados entre 10 e 20 minutos, não conseguia encontrar, a partir do nome, o registo do Batismo. Depois, o padre Gabriel disse aos dois, que esta pessoa, a partir dos dados apresentados, não está no registo nesta Missão. Aqui não encontramos nada. Em todos os livros, procurámos os dados de Batismo, a partir da aldeia. Vocês disseram que é na aldeia de Chinguinguli e nos livros de Batismo, Confirmação e Primeiras Comunhões de Chinguinguli, não está nem o nome da pessoa e nem os nomes dos pais aqui apresentados.

Um dos senhores toma a palavra e diz ao padre Gabriel:

– Senhor padre! Nós não viemos procurar uma certidão de Batismo. Queremos saber o que é que o senhor padre está a fazer nos ditos C. I. *Nova et Vetera*? São cursos para a independência de Angola ou não? Responde-nos claramente?

A partir desta pergunta, o padre Gabriel compreendeu, imediatamente, que estava perante dois agentes da PIDE/DGS, disfarçados de cristãos que queriam uma certidão para o filho que vai casar. Não mudou de semblante. Não ficou irritado. Não ficou assustado com as perguntas feitas.

1.º – O padre Gabriel disse-lhes com clareza que as palavras *Nova et Vetera* estão na Bíblia. Citou Mateus, capítulo 13,52 e explicou o significado.

2.º – O padre Gabriel citou a Encíclica do Papa Paulo VI, *Populorum progressio*, onde Sua Santidade, o Papa Paulo VI fala claramente do progresso dos povos em todo o mundo e onde afirma que o novo nome da paz é o progresso.

O desenvolvimento dos povos, especialmente daqueles que se esforçam por afastar a fome, a miséria, as doenças endémicas, a ignorância, que procuram uma participação mais ampla nos frutos da civilização, uma valorização mais activa das suas qualidades humanas; que se orientam com decisão para o seu pleno desenvolvimento, é seguido com atenção pela Igreja. Depois do segundo Concílio Ecuménico do Vaticano, uma renovada consciencialização das exigências da mensagem evangélica traz à Igreja a obrigação de se pôr ao serviço dos homens para os ajudar a aprofundarem todas as dimensões de tão grave problema e para convencer da urgência de uma acção solidária neste virar da história da humanidade. (*Populorum progressio*, 1.)

Procurou mencionar também o seguinte:

Ser libertos da miséria, encontrar com mais segurança a subsistência, a saúde,, um emprego estável; ter maior participação nas responsabilidades, excluindo qualquer opressão e situações que ofendam a sua dignidade de homens, ter maior instrução; numa palavra, realizar, conhecer e possuir mais, para ser mais; tal é a aspiração dos homens de hoje, quando um grande número de entre eles estão condenados a viver em condições que tornam ilusório este legítimo desejo. (*Populorum progressio*, 6.)²⁷¹

²⁷¹ Paulo VI, *Populorum progressio*, AAS 59 (1967), 257-300, 26/03/1967, 1, 6.

3.º – O padre Gabriel, como leitor dos documentos, não mencionou documento do Concílio Vaticano II. Mencionou outros como o documento *Ad gentes*, onde todos os obreiros da paz devem trabalhar para a promoção dos fiéis no mundo inteiro.

Os dois agentes da PIDE/DGS não satisfeitos com as respostas do padre, fazem-lhe diretamente a pergunta com um tom, um tanto quanto provocatório e arrogante:

– O que é que tu dizes sobre a independência de Angola?

O padre Gabriel com a santa calma e serenidade, disse-lhes: «os meus amigos podem ir à Rádio de Cabinda, à Emissora Nacional, em Luanda, e marquem um dia com data e hora para o debate acerca da *independência de Angola*. Convidam todos os filhos desta Província de Angola: bispos, padres, professores, regedores, chefes tradicionais e demais personalidades desta terra e representantes do povo, distrito por distrito. E fazem o debate para todos saberem o que é que o povo de Angola diz sobre a independência de Angola. O problema não depende de uma simples pessoa, de um simples cidadão. O problema é de todo o povo de Angola.

Depois desta explicação, o agente da PIDE voltou a carga:

– Nós não sairemos do Cartório, enquanto o senhor padre não nos der a sua opinião sobre a independência de Angola.

O padre Gabriel, sempre sereno, sem manifestar nenhum aborrecimento e nem nervosismo, perante o interrogatório, que estava a durar muito tempo, respondeu calmamente:

– Organizem um *referendum* para todos os portugueses (brancos, pretos e mestiços) se pronunciarem publicamente. É desta maneira que um governo faz para ouvir a opinião do povo sobre um determinado assunto como este.

O padre Gabriel além desses argumentos, apoiados primeiro nos documentos pontifícios e na história política dos povos, recorreu, na sabedoria popular dos povos de Cabinda, mencionando-lhes o provérbio, que reza nestes termos: *Munu vana mpampa itutu*. (Tradução: *Uma voz perante uma multidão é nula*.) A opinião de uma só pessoa no assunto que diz respeito a todo o povo é nula. Para o problema de um povo ser resolvido é necessária a opinião, o pronunciamento de todos os membros do povo.

As perguntas choviam para ver se o padre caíria na armadilha. Porém, não conseguiam dele uma resposta sobre a independência de Angola. O padre no meio do diálogo convidou-os para no domingo seguinte participarem na Eucaristia, a fim de verem com os próprios olhos e ouvirem com os próprios ouvidos aquilo que nós pregamos na igreja e não aquilo que é deturpado por terceiros. Tudo o que nós pregamos na igreja começamos

na Bíblia, mencionamos os documentos da Igreja e terminamos destacando os valores da nossa cultura tradicional não, cegamente, mas passando no crivo da crítica para aceitar o que é positivo e rejeitar o que é negativo. O padre ainda acrescentou que não há nenhum povo sem cultura. Os documentos do Vaticano II, incentivam-nos a analisar o que há de bom e de útil na cultura de cada povo. Todos os povos têm as suas culturas. O povo português, espanhol, italiano, francês... embora sejam todos povos europeus, cada um tem os seus usos e costumes. Nas culturas, há aspetos positivos e negativos. Nós pregamos para eliminar o negativo e promover o positivo, que existe em cada cultura, a fim de aceitar a Boa-Nova, que nos traz Cristo nos Santos Evangelhos.

O diálogo, que tinha começado por volta das 9h30 só terminou por volta das 13h30. Os dois agentes que interrogavam, um de cada vez, não conseguiam os seus objetivos. Continuaram, teimosamente. Depois de cansados de interrogar o padre, compreenderam, que não adiantava nada continuar a interrogá-lo. Acabaram por desistir saindo aborrecidos do Cartório da Missão por não terem atingido os seus objetivos.

5.2.2. Espionagem dos Agentes das Forças Armadas Portuguesas

Na Missão do Lucula Zenze, aos domingos, havia sempre duas missas: uma às 6h30, que era missa do povo simples, o povo do campo, o povo da agricultura e outra às 9h30, que era a missa dos intelectuais (Monitores Escolares, Professores do Posto, Professores Primários, Funcionários públicos, alunos e alunas...), alguns vindos das aldeias distanciadas e daqueles que vinham da cidade (75 km). A primeira, participada mais pelos homens e mulheres das aldeias dos arredores da Missão, era em *Ibinda*. Os padres e os colaboradores traduziam os textos bíblicos. A segunda, participada pelos intelectuais, era celebrada em português. Nessa Eucaristia, os soldados, como não tinham um capelão no Destacamento Militar, iam participar nesta missa, não por devoção, mas sim para espiar as homilias dos sacerdotes

Os dois sacerdotes, os padres Angelino e Gabriel, que bem conheciam as intenções desses militares comunistas, pregavam em português de Portugal com toda a clareza, sem nenhum complexo de superioridade e nem de inferioridade. Nas homilias não citavam somente a Bíblia, citavam inúmeras vezes os documentos do Vaticano II como *Ad gentes*, *Populorum progressio*...

Nas festas das celebrações dos Cursos *Nova et Vetera* os militares portugueses não faltavam. Marcavam sempre a sua presença. Numa das festas houve um militar que chegou a pedir secretamente o texto da homilia do padre Gabriel. O padre Gabriel, conhecedor, não só lhe ofereceu o texto da homilia, cheio de citações dos documentos do Vatica-

no II como o convidou a participar nas aulas de alfabetização, segundo o Método *Inongo*, *Nongo* (método a partir dos pequenos provérbios)...

5.2.3. Espionagem nas celebrações do encerramento

À Missa solene do Encerramento dos Cursos *Nova et Vetera* vinham personalidades de Cabinda (75 km), Lândana (105 km) e Luanda (848 km) e de várias outras localidades do então Distrito de Cabinda. Dentre os cristãos eram numerosos aqueles que vinham para rezar e ouvir os cantos bem executados, em língua *Ibinda*. Porém, os comerciantes, que também exerciam as funções de informadores da Polícia Internacional e Defesa do Estado (PIDE), assim como os próprios agentes, estavam infiltrados no meio dos peregrinos, a fim de registarem qualquer dito contra sua Majestade. Não se pode negar e afirmar que, na Semana das Celebrações eram numerosos os agentes da segurança do Estado. Os agentes da PIDE deslocavam-se de Luanda para expiar a obra dos Cursos *Nova et Vetera*, visto que, para eles, os agentes que estavam na cidade não davam conta do recado sobre o que se fazia nos Cursos *Nova et Vetera*. Vinham, viam e regressavam sem nenhum argumento para protesto de acusação contra os padres como subversivos, revolucionários, agentes contra o governo. Muitos deles constatavam que era uma obra eminentemente cristã, humana e baseada na filosofia dos valores humanos.

A PIDE não sabia nem como condenar o padre Gabriel como subversivo e nem como encerrar os Cursos *Nova et Vetera*. Ficou num dilema, pois, o fundador usou todas as armas da sua inteligência, e a PIDE não sabia como destruí-las para o condenar. Era um sacerdote em comunhão com o seu bispo, um sacerdote que lia e comentava a Bíblia e os documentos do Vaticano II. Diga-se, em abono da verdade, que o padre Gabriel era um sacerdote amado, estimado e considerado pelo povo. Como condenar o padre e como condenar a obra, que era uma evangelização a partir da base, a partir da cultura?!...

5.2.4. Confissão de um agente da PIDE, depois do 25 de Abril

Nos apontamentos dos Cursos *Nova et Vetera* encontramos a seguinte história escrita pelo punho do padre Gabriel:

Deixai-me contar aqui uma história vivida. Acabara de se dar o 25 de Abril. Num dia do mês de Maio está connosco na sala-convívio dos Cursos *Nova et Vetera* o Administrador do Posto de Tando Zinze, que, aliás, frequentava o lugar inúmeras vezes. Num tom de desabafo tem essa confiança. Ainda bem que veio o 25 de Abril. A Polícia Internacional e Defesa do Estado (PIDE) tinha isto como alvo e só não fechou porque eu me opus mas fiquei encarregado de acompanhar de perto todas as actividades. O que pensa o padre fazer agora?

Sem pestanejar respondi-lhe sem rebuliço. Vamos continuar o nosso objectivo que é de educar o homem. Penso eu, continuei, a revolução não veio acabar com o papel da educação do homem. Lucula Zenze, Gabriel Nionje Seda, 1989.²⁷²

O diálogo entre o Administrador Diogo do Posto Administrativo de Tando e o padre Gabriel, na sede da Casa dos Cursos *Nova et Vetera*, na Missão do Lucula Zenze, depois do 25 de Abril, que encontramos nos arquivos manuscritos, é o maior argumento que confirma que, de facto, a PIDE/DGS se preocupava em seguir, pé-ante-pé, os Cursos *Nova et Vetera*. O padre Gabriel registou a história por escrito, na altura da reabertura da Missão, em 1989. Com esta história compreendemos melhor a espionagem da obra pela PIDE/DGS.

5.2.5. Confissão de um padre – Guia e Manual de Alfabetização em Ibinda

Por ocasião da publicação do *Guia* e do *Manual de Alfabetização segundo o Método de Alfabetização Inongo Nongo*, a 29 de setembro de 1996, o padre Gabriel Seda deu uma entrevista ao *Jornal de Angola*. Dessa entrevista, reproduzimos apenas a resposta que ele deu ao jornalista, acerca da atitude das autoridades político-administrativas (PIDE/DGS), na era colonial, a propósito dos Cursos *Nova et Vetera*.

P – ... E da parte das autoridades administrativas, também não houve problemas?

*Pe. Gabriel Nionje Seda – A PIDE andava atrás dos Cursos Nova et Vetera e houve uma altura em que se estava para fechar essa experiência, porque a PIDE desconfiava que era uma experiência reivindicativa.*²⁷³

Certamente que houve outros casos, que nós não chegámos a conhecer e que talvez não tenham sido registados. Porém, os casos que aqui temos, alguns oralmente, outros lidos nos arquivos dos Cursos *Nova et Vetera*, confirmam-nos, que a PIDE ficou incomodada, ideologicamente, com a realização desses Cursos. Os factos aqui estão confirmados. Os agentes espionavam a obra.

5.3. Cursos *Nova et Vetera*, na visão dos missionários e visitantes (1970-1974)

Ao longo da nossa investigação conseguimos obter também alguns comentários. Não são comentários duma pessoa, mas sim de várias personalidades a partir de arcebispos, bispos, missionários e visitantes. São comentários, que nos levam a concluir que, de

²⁷² In Apontamentos Manuscritos...

²⁷³ Gabriel Nionje Seda, «A Confissão dum padre – Guia e Manual de Alfabetização, segundo o Método Inongo», in *Jornal de Angola*, Vida & Cultura, Suplemento Semanal de Artes, Letras e Ideias, 21, n.º 6.900, 1996, 10-12. **Toda a entrevista registamo-la, na íntegra, no volume de Anexos (Anexo 5).**

facto, os Cursos *Nova et Vetera* não sensibilizaram somente a alma do povo do Lucula Zenze, mas também a de todo o povo de Cabinda e até daquelas pessoas, que vieram doutras partes de Angola, inclusive da cidade de Luanda.

Os diversos comentários definem muito bem aquilo que foram os Cursos *Nova et Vetera*. Se foram somente de alfabetização, a resposta está nos comentários. Se foram somente de evangelização, também encontramos a resposta nos comentários. Se foram as duas faces, alfabetização e evangelização, os comentários esclarecem melhor a resposta. Recolhemos os diversos comentários no caderno manuscrito intitulado *Departamento de Informação e Arquivo – Visitantes (Opiniões e Sugestões)*. Debrucemo-nos, comentário por comentário, a fim de compreendermos a visão dos missionários e visitantes.

5.3.1. O esforço mais original de missionação

D. Eduardo André Muaca, primeiramente, Bispo Auxiliar de Luanda (1970-1973), depois, Bispo de Malanje (1973-1975), e, mais tarde, Arcebispo de Luanda (1975-1985), convidado pelo padre Gabriel, veio da cidade de Malanje (1.157 km) presidir às cerimónias do Encerramento dos Cursos *Nova et Vetera* do Ano 2 (1971-1972). No arquivo deixou o seguinte comentário:

Depois da revolução espiritual e social operada pelos primeiros missionários, os Cursos *Nova et Vetera* representam o esforço mais original e mais positivo da actividade missionária no Lucula Zenze. Apesar de um ou outro caso isolado de pessoas, que ainda não acertaram o passo, toda a comunidade do Lucula Zenze sofre o embate de uma transformação gradual e positivo no campo da fé, da religiosidade, higiene preventiva e alimentar. A mortalidade infantil, um dos maiores flagelos do Lucula Zenze, está a diminuir, a dieta das populações tornou-se mais rica e variada. Como filho do Lucula Zenze, dou graças a Deus e bendigo a hora em que o Senhor Padre Gabriel, também do Lucula Zenze, teve a ideia de criar os Cursos de Iniciação *Nova et Vetera*.²⁷⁴

5.3.2. O reconhecimento da pastoral dos padres da terra

O padre José Bernardo Troesch (1909-1972), francês, missionário espiritano, em Angola, antigo professor do Seminário do Lucula Zenze (1936-1947), antigo superior da Missão do Lucula Zenze, emocionado, daquilo que viu e ouviu na cerimónia do encerramento dos cursos escreveu:

Só fizemos bem entregar a Missão do Lucula Zenze aos padres da terra, exclamou muito emocionado o padre José B. Troesch. A evangelização agora está nas mãos dos africanos.²⁷⁵

²⁷⁴ In Apontamentos Manuscritos dos Anotadores dos C. I. *Nova et Vetera*, Departamento de Informação e Arquivo – Visitantes (Opiniões e Sugestões), D. E. André Muaca, Bispo de Malanje, Lucula, 30/12/1972.

²⁷⁵ In Apontamentos Manuscritos dos Anotadores dos C. I. *Nova et Vetera* – Departamento de Informação e Arquivo – Visitantes (Opiniões e Sugestões), Ano 2 (1971-1972). Espírito de Serviço e Partilha.

5.3.3. *Uma revolução religiosa e cultural*

O padre Paulino Fernandes Madeca (1958-1973), mais tarde D. Paulino (1983-2005), durante a realização dos Cursos, era Superior da Missão do Matembo, Belize (200 km). Veio participar nas celebrações do Encerramento do Ano 3 (1972-1973), cujo signo era «Responsabilidade e Competência». No fim da cerimónia, disse ao padre Gabriel:

– Padre Gabriel! Nós só baptizámos. Tu, com os Cursos de Iniciação *Nova et Vetera*, fizeste uma revolução cultural em Cabinda, no campo da evangelização.²⁷⁶

5.3.4. *Cursos da promoção da paz*

Flávio Alves Ereio Delgado, Agente Agrícola, nasceu em Cabo-Verde (Ilha de Santiago), em 16 de agosto de 1942. Fez o estudo primário e liceal (5.º Ano) na sua terra natal. Ingressou na Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra (Portugal), em 1960, tendo acabado os estudos em junho de 1963. Trabalhou na Junta Provincial de Povoamento (Duque de Bragança e Viana, Luanda). Sendo atualmente Técnico de Formulação e Encarregado da Fábrica de Rações da Cuca-Protetor, em Luanda. Convidado pelo padre Gabriel, orientou os trabalhos de instalação do Campo Experimental de Agricultura e Pecuária dos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera*, Centro de Lucula Zenze, Cabinda, de 5 a 10 de dezembro de 1973, vindo da cidade de Luanda. E é, atualmente, Técnico e Orientador-Coordenador Extraordinário da Secção da Agricultura e Pecuária dos Cursos *Nova et Vetera*. Realizou várias viagens de Luanda a Lucula Zenze. No registo dos Cursos *Nova et Vetera*, encontramos este testemunho do seu punho:

É uma experiência de iniciação cultural integral de um povo em que se aproveita o que existe de bom na sua cultura ancestral (*Vetera*) e se lhe adiciona o que lhe poderá interessar das culturas mais evoluídas (*Nova*).

Quanto a mim o rumo está certo, mas torna-se necessário conquistar maior apoio, principalmente, monetário.

Como adepto das «*Iles de Paix do Padre Pire*», tentarei, dentro do que me é possível, pois agora também sou adepto do Padre Gabriel – *o padre certo no lugar certo* – contribuir para que o Lucula Zenze seja a primeira *Ilha da Paz* erguida nesta imensa Angola. No capítulo das sugestões, estou-me a lembrar da possibilidade de no caso do «*Campo Experimental*» resultar se solicitar um empréstimo de 50 contos, pagáveis em cinco anos, à Divisão de Pequenas Iniciativas da Junta Provincial de Povoamento. Com estes 50 contos poder-se-á comprar um carro hidráulico para a rega do pomar e da horta, limpeza de pocilga e águas para porcos, galinhas e cabras, adquirir algumas alfaias, etc...

Também me estou a lembrar da necessidade de um **Posto Médico**. Julgo ser de tentar que o governo faça o edifício e coloque aqui um enfermeiro. Poder-se-á jogar com interesse político de tal obra.

²⁷⁶ In Apontamentos Manuscritos dos Anotadores dos C. I. *Nova et Vetera*, Departamento de Informação e Arquivo – Visitantes (Opiniões e Sugestões), Ano 3 (1972-1973). Espírito de Serviço e Partilha.

Como há uma ordem religiosa feminina que se vai instalar em Lândana e na cidade de Cabinda, penso ser de tentar que uma irmã enfermeira-parteira se desloque ao Lucula, de 15 em 15 dias. No campo agrícola as sugestões são as que estão em execução, isto é, um campo experimental e caso resulte uma cooperativa com 5 aldeias dos arredores.

Uma palavra (para) os «*Meninos Cantores do Padre Gabriel*» que me surpreenderam imenso com as suas actuações. Os seus cânticos têm um ritmo muito actual e há um excelente aproveitamento de instrumentos musicais indígenas.²⁷⁷

5.3.5. Cursos da promoção do povo através da sua cultura

As Irmãs da Sociedade das Filhas do Coração de Maria (portuguesas), Suzana Gaspar César de Almeida, Maria Irene Sousa Dias Ferreira Deusdado e Maria Adelaide Castro Montes, dirigiam e lecionavam no Instituto de Educação e Serviço Social Pio XII, em Luanda. Deslocaram-se de Luanda para Lucula Zenze, acompanhadas de duas estagiárias, Maria Alcina Martins Leitão e Ana Maria de Oliveira. Apreciaram a obra. Orientaram o estágio das duas alunas sob o patrocínio do Instituto de Educação e Serviço Social Pio XII (IESSPIO XII) com a colaboração do padre Gabriel Nionje Seda, sendo orientadora do estágio a Irmã Maria Adelaide Castro Montes, formada em Psicologia e Ciências Sociais. As referidas alunas fizeram um relatório de estágio rural do qual transcrevemos as seguintes passagens:

O africano de hoje que vive numa insegurança de aculturação tem necessidade de ser capaz de aproveitar do tesouro africano todas as riquezas neles existentes. Não ficando apenas virado para o passado, mas descobrindo novos valores a integrar nos antigos. Assim os cursos ajudam a tornar «novas» todas as coisas «velhas». O plano dos cursos corresponde às necessidades reais e sentidas pela população, partindo do profundo conhecimento do já referido Padre, não só porque pertence à região, portanto em posse de elementos válidos (língua, hábitos, costumes, necessidades) como é seu desejo elevar o nível dos povos daquela região (Lucula-Zenze) ...

... Os objectivos dos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera* são: atingir o homem todo, numa tentativa de integrá-lo, tendo em conta o seu passado, presente e futuro. Fazendo um esforço por chamar a atenção do homem para o conjunto de valores, sendo primeiramente ele próprio o primeiro valor, e para os outros valores que vêm a agir nesse primeiro valor o indivíduo que se compromete e tem desejado de saber cada vez mais por isso é admitido nos cursos. Na população africana o tio resolve todos os problemas. O curso responsabiliza cada pessoa para ser tio de si mesmo. O homem descobre que tem necessidade e então trabalha para satisfazer essas mesmas necessidades.²⁷⁸

5.3.6. Cursos de luta pela paz e pelo desenvolvimento

A Irmã Maria Suzana César Gaspar de Almeida nasceu no dia 21 de fevereiro de 1934. Ingressou na Sociedade das Filhas de Maria. Foi a primeira diretora do Instituto e

²⁷⁷ In Apontamentos Manuscritos dos Anotadores dos C. I. *Nova et Vetera*, Departamento de Informação e Arquivo – Visitantes (Opiniões e Sugestões), Ano 3 (1972-1973).

²⁷⁸ In Relatório de Estágio Rural, realizado na Missão do Lucula Zenze, Cabinda, de 11 de abril a 26 de junho de 1972, de Maria Alcina Martins Leitão e Ana Maria de Oliveira, Curso de Educadores Sociais – 2.º Ano do Instituto de Educação e Serviço Social Pio XII, pp. 4-6. (*Texto datilografado.*)

Serviço Social Pio XII, em Luanda. Deslocou-se ao Lucula Zenze para acompanhar a experiência dos Cursos *Nova et Vetera*, juntamente com outras duas Irmãs da sua Sociedade, Maria Irene Deusdado e Maria Adelaide Monte. A nosso pedido, a Irmã Maria Suzana escreveu o seguinte testemunho:

Agora que o tempo começa a urgir a obra parece-me difícil. É que eu não estive propriamente na fundação ou na acção imediata. Fui acompanhando através do apoio às alunas de Pio XII, essas sim, em trabalho de campo, e a colaboração com os responsáveis de quem tenha a certeza, *mas muito mais recebi do que transmiti*.

... O acontecimento hoje é mesmo *Nova et Vetera*. Regressada a Portugal como a tantos sucedeu nesses tempos de forma inesperada e um tanto tumultuosa, nada trouxe de nada, nomeadamente materiais, notas, apontamentos, fotografias... de *Nova et Vetera* ou outros.

É pois à memória e ao coração que recorro com uma primeira impressão de estar a reviver o Lucula Zenze, a doçura da terra e das gentes, o perfume, os sons, as águas do rio, a sensação de grandeza e a abundância, do tudo e do nada, o sentimento tão especial, para mim vinda de horizontes mas tão tocada por aqueles, de ser acolhida como uma «*uma de nós, naquele momento e naquele pedaço da terra africana*».

E revejo – ponto de partida que era também o de toda a formação do *Instituto de Educação e Serviço Social Pio XII* – o princípio de que a pobreza não aceite como fatalidade ou virtude lá onde ela é fruto de injustiça e a opressão e o grande respeito da dignidade da pessoa humana, aliado *ao querer trabalhar no seu desenvolvimento pleno, pode ser o motor de arranque de obras como Nova et Vetera*. À medida que o tempo passa e a experiência, à medida que mais leio e medito o Evangelho e vejo o que foram a vida e a morte de Nosso Senhor Jesus, mais me confirmo nesta ideia de uma relação quase constante entre pobreza, injustiça e opressão.

*Julgo que tudo isto está na raiz de Nova et Vetera que tentou e foi realizando ao seu modo a proposta de Paulo VI – o desenvolvimento de todos os homens e do homem todo. Que entendeu e viveu que «nenhum homem é tão pobre que não tenha nada para dar, nem tão rico que não tenha nada para receber».*²⁷⁹

5.4. Cursos *Nova et Vetera*, na visão dos cristãos do Lucula Zenze (1970-1974)

Depois de termos recolhidos todos os comentários que encontramos no arquivo fizemos numerosas entrevistas aos professores, monitores escolares, catequistas, colaboradores e admiradores do padre Gabriel a fim de conhecermos a opinião e a visão dos autóctones sobre os Cursos *Nova et Vetera*. Alguns deram-nos textos manuscritos e outros explicaram, oralmente, e nós redigimos o referido comentário. Aqui temos unicamente a voz dos autóctones da Missão do Lucula Zenze.

5.4.1. Cursos de formação de uma boa dona de casa

Nova et Vetera é uma surpresa que Deus dos céus manifestou na área da Missão Católica do Lucula Zenze, através do Reverendo Senhor Padre Gabriel Nionje

²⁷⁹ Carta manuscrita da Irmã Maria Suzana ao padre Barnabé Lelo Tubi, 15 de maio de 2000. A Irmã Maria Suzana nasceu a 12 de fevereiro de 1934 e faleceu a 12 de março de 2010, em Lisboa. Foi, a nosso pedido, que nos facultou o comentário que registamos nesta reflexão.

Seda, que tinha o cognome de *Tchipepele Tchibapepele (borboleta do povo)*. Toda a candidata que frequentou os C. I. *Nova et Vetera*, o seu fim era estudar até chegar ao cume de ser boa dona de casa. O curso percorria no espaço de 3 meses. Na realidade as meninas de 14 a 17 anos que eram ignorantes no fim de três meses já sabiam ler e escrever, contar, cozinhar, e conhecer noções de primeiros socorros, etc... Todas as vezes que terminava o curso, eram convidadas muitas senhoras e senhores a assistir esta maravilhosa festa. O movimento dos C. I. *Nova et Vetera* estava espalhado em toda a terra de Cabinda e muitas terras estrangeiras. Muito agradecemos todas as senhoras e senhores que contribuíram para o desenvolvimento dos C. I. *Nova et Vetera*.²⁸⁰

5.4.2. *Cursos de espírito de abertura e de atualização*

Como orientador-coordenador da Secção de Educação Física e Estética e Delegado dos C. I. *Nova et Vetera* para a cidade de Cabinda (*Tchiowa*) que aqui, gostaria, de facto, expôr a minha opinião sobre o referido curso com todos os pormenores daquilo que eu vi, observei e apalpei.

Mas, além do tempo e de um repouso necessário para se poder debruçar, um pouco filosoficamente, sobre o tema em questão, necessitava de uma busca e rebusca de certos documentos elucidativos para um trabalho limpo, claro e objectivo. Pois, caso contrário seria uma resposta vaga sem fundamento.

Ora, o seu trabalho exige uma certa precisão científica e filosófica. E para isso o mano sabe muito bem que necessitamos de um tempo propício e disponível para tal o que, neste momento, é impossível.

No entanto, num abrir e fechar de olhos, quem viu e viveu a rica experiência dos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera* não poderá deixar de dizer e afirmar o seguinte: a facilidade e a simplicidade de um método de alfabetização devidamente adequado e aplicado a um meio social de nível fechado e de uma cultura quase primitiva, abriram e lançaram a mesma sociedade no campo de abertura e adaptação a um mundo novo em muita coisa diferente do seu próprio mundo, incutindo-lhe o gosto da arte e do saber.²⁸¹

5.4.3. *Cursos de revolução sócio-cultural*

Os Cursos de Iniciação *Nova et Vetera* são um todo, um mundo em que o homem é chamado à dignidade humana e é posto à altura de descobrir valores, isto é, daquilo que é importante e belo.

Os Cursos, através da sua complexa orgânica, convergem num ponto: o homem. A promoção social, a valorização dos bons elementos tradicionais, a orientação para uma vida bem digna, o encontro do homem com o homem e do homem com a natureza, constituem o seu objectivo.

Em suma, os Cursos *Nova et Vetera* são uma revolução sócio-cultural que parte do homem, actua com o homem e culmina com o homem ou, ainda, num ambiente de formação humana que encerra um conjunto de actividades incrementadas através da busca, do estudo e da criação em prol do crescimento homem.²⁸²

²⁸⁰ Carlos Maria Peso (1927-2013), antigo seminarista, antigo Irmão da Sagrada Família, catequista, Monitor Escolar, Enfermeiro, Tesoureiro e Professor de Puericultura Teórica nos C. I. *Nova et Vetera*.

²⁸¹ Marcelino Luemba Tubi (1943-2020), antigo aluno da Missão do Lucula Zenze, antigo seminarista, antigo Alferes Miliciano das Forças Armadas Portuguesas (1970-1972), Orientador-Coordenador de Educação Física e Estética e Delegado dos C. I. *Nova et Vetera*.

²⁸² António Maria Ngimbi Nzati (1956-2001), antigo aluno da Missão, antigo seminarista, 2.º Anotador dos C. I. *Nova et Vetera*.

5.4.4. *Cursos de promoção social*

O homem, como ser humano mais transcendente, goza de direito ao progresso e finalmente a evolução. A propósito, ele é sempre curioso em cultivar, cada vez mais o seu campo cultural em todos os seus meios e mais e promovendo igualmente o seu semelhante ainda no obscurantismo. Porém, é neste quadro de promoção social e global que se basearam os C. I. *Nova et Vetera*.

Eles foram para mim uma promoção integral no meio do povo. No seu crescimento vivo e humano chegou-se a tocar todos os campos do desenvolvimento humano de todo um homem (povo). Neles via-se o valor humano na sua íntegra.

Na actuação das mesmas actividades a Sede e Zona em geral destes Cursos ganharam um relevo turístico através da expansão positiva que se alastrou em diversos pontos do mundo.

O seu objectivo não foi somente de evoluir o homem na sua totalidade, mas também como seu veemente desejo de apresentar ao povo as realidades da vida humana no seu contexto. Muitos não tiveram a oportunidade de participar nesses Cursos, portanto, não souberam se informar do papel que, profundamente, desempenharam. Mas realmente aqueles que participaram e assistiram às suas actividades e cerimónias afirmaram e continuam a afirmar até hoje, de que no seu conteúdo existiam as verdadeiras realidades do valor humano.

De entre os vários signos postos em prática da realização saliento aquele do ano 3 (1972-1973): *Responsabilidade e Competência*. Com este lema ou signo cada membro participante, sentiu a facilidade de participar mais activamente no seu melhor funcionamento.

Poder-se-ia ter feito mais, mas o tempo assim o quis. Vasto era o nosso campo. Pouquíssimo o nosso tempo. Grandiosos foram os esforços do seu iniciador, embora o seu estado de saúde não favorecesse mais livremente às ocupações do seu empreendimento. A este, aqui fica a minha expressão de agradecimento. A sua generosidade e coragem proporcionaram o seu zelo apostólico entre o povo e a juventude em particular.

Presenciei e acompanhei de perto e sempre de perto o que muitas vezes se fez, se dizia e por fim se propunha do homem no campo social, no campo económico e finalmente do homem no campo religioso. O homem é uma realidade. Interroga-se. Interroga os outros e à natureza.

É triste começar um trabalho e não terminá-lo, principalmente, quando se trata da evolução social de um povo, os caminhos andados ou descobertos ou feitos, monumentos de psicologia, sociologia, técnica, religião, etc....

Contudo se não foi na totalidade, ao menos em parte viveu-se na carne e no espírito a vida que vimos e a sua continuidade que esperamos.

Não deixo também despercebido que no decorrer das actividades dos C. I. *Nova et Vetera* em que as celebrações litúrgicas de cada ano tomavam um ponto de saliência muito especial. Todos procuravam vivê-las por uma participação activa, plena e fácil na linha do Vaticano II (SC, 14, § 1.º), proferidas em *Ibinda* para ver o próprio valor da Palavra de Deus na própria língua vernácula.²⁸³

5.4.5. *Cursos de ajuda mútua*

Nova et Veterana é uma obra para ajudar o outro que se encontra na necessidade e em dificuldade. É uma obra para todos sabermos ajudarmo-nos mutuamente, crescermos mutuamente e trabalharmos para as melhores condições de vida.²⁸⁴

²⁸³ Francisco de Assis Peso Mbambi (1944-2020), antigo aluno da Missão, antigo seminarista, com o curso concluído de Teologia, estagiário na Missão do Lucula Zenze (1971-1972), professor nos C. I. *Nova et Vetera*.

²⁸⁴ O Mestre Henrique Bitebe (1928-2004), antigo aluno da Missão, mestre pedreiro, trabalhador da Missão, membro da Comissão de Hospitalidade, *Factotum*. Conhecia todos os cantos das casas da Missão como mestre pedreiro, reparador de fechaduras, janelas, quartos de banho, etc....

5.4.6. *Cursos de formação de uma família digna*

Sebastião Muanda Lubongo, catequista da aldeia de Chinsua, casado pela igreja, pai, exemplar de família, fizemos-lhe a seguinte entrevista acerca dos C. I. *Nova et Vetera*:

Catequista Lubongo, que dizes tu do padre Gabriel?

– Padre Gabriel é um homem inteligente que sabe ensinar os outros. Não é invejoso. Ele deseja que o outro homem como seja homem como ele. Por esta razão fundou os Cursos de Iniciação *Nova et Vetera*.

Catequista Lubongo, o que são para ti os C. I. *Nova et Vetera*?

Nova et Vetera é o como um profeta da terra que tira os outros da escuridão para contemplarem a luz que devem seguir na caminhada sobre a terra.

Nova et Vetera é um curso para lavar os olhos da família para saber compreender como viver no seio do lar.

Sofreu muito quando ficou sozinho na Missão do Lucula Zenze. Preocupou-se para que a riqueza deixada pelos antepassados não fosse menosprezada. A primeira riqueza é gente cristã da Missão do Lucula Zenze.

Catequista Lubongo, quando regressarmos do exílio teremos homens que farão a continuação dos C. I. *Nova et Vetera*?

– Será difícil fazer o que é teu e fazer o que é do outro, guardar o que é teu e guardar o que é do outro, lutar pelo que é teu e lutar pelo que é do outro.

– Catequista Lubongo, o padre Gabriel foi ele sozinho que fez os C. I. *Nova et Vetera*?

– Muitos. Porém, há um que é guia de todos. Todas as colunas suportam uma sombra. Mas há a coluna principal no meio.²⁸⁵

5.4.7. *Cursos de valorização duma sociedade tradicional*

Nova et Vetera é uma actividade racional do homem em geral que promove e valoriza a sociedade humana, baseada na aplicação de métodos evolutivos novos e antigos.²⁸⁶

5.4.8. *Cursos para rezar e cantar na sua língua e cultura*

O padre Gabriel marcou a missão em plena era colonial com os seus riquíssimos C. I. *Nova et Vetera*, durante três anos (1970-1973). O cantar e o rezar em língua Ibinda na Missão do Lucula Zenze foram profundamente africanos e cristãos. Os cursos deram o melhor toque de arranque para rezar e cantar na sua própria língua e cultura. Em plena era colonial com a exaltação da portugalidade e do luso tropicalismo de Gilberto Freire os cursos criaram um belo clima de apreciação dos valores africanos no contexto sócio cultural do povo cabindense.²⁸⁷

5.4.9. *Cursos do santuário do Lucula Zenze*

Os C. I. *Nova et Vetera*, à medida que se realizavam, transformavam, lentamente, Lucula Zenze num centro turístico e, simultaneamente, num pequeno santuário. Aos domingos numerosos cristãos vinham da cidade de Cabinda,

²⁸⁵ Sebastião Muanda Lubongo, filho de Lourenço Maria Lubongo e de Teresa Umba, nasceu a 15/6/1937, na aldeia de Mabiala. Casou com Filomena Fila Nyumba, no dia 29/9/1959. No dia do casamento foi nomeado catequista. Pai de dez filhos. Um dos filhos, Jerónimo Panzo Lubongo, nascido a 14/11/1970, foi ordenado a 3/11/2000 e é padre spiritano.

²⁸⁶ Catarina das Vitórias Cãmbizi Matombe (1944-2003), professora de Serviço Doméstico, Higiene e Educação Sanitária, esposa do antigo seminarista e professor António Assunção Muanda Bambi.

²⁸⁷ Dinis Chimbuca (n. 1944), antigo aluno da Missão, antigo Monitor Escolar, membro tradutor da Palavra de Deus, leitor dos textos em *Ibinda*, nas Eucaristias.

distanciada de 75 km, dos centros litorais de Chinga, Malembo, Lândana e até Dinje para participar na Eucaristia no Lucula Zenze. Muitos vinham com gravadores para gravar os cânticos.²⁸⁸

5.4.10. Cursos de valorização da música africana

Não foram unicamente os C. I. *Nova et Vetera* que tiveram eco aquém e além-fronteiras. O padre Gabriel não se limitou a investigar somente os usos e os costumes para uma verdadeira inculturação da Palavra de Deus. Ninguém pode negar que o padre Gabriel foi um grande compositor de músicas religiosas em língua *Ibinda*.²⁸⁹

5.4.11. Cursos de revolução cultural, religiosa e social

Os C. I. *Nova et Vetera* foram cursos que nos ensinaram a saber reconhecer as coisas novas boas e as coisas antigas boas na vida de uma pessoa e de um povo a fim de tornar a vida de homem mais agradável.

Muitos, que não sabiam ler e escrever, aprenderam em pouco tempo a ler e a escrever graças ao Método de Alfabetização *Inongo Nongo* do padre Gabriel. Principalmente, as mulheres aprenderam a cozinhar, a arrumar a casa, a cuidar dos filhos e a levar uma vida tendo em conta os valores dos antepassados e os valores dos homens do presente. Não era somente o antigo e não era somente o novo. Enquanto os portugueses também nos ensinaram muitas coisas boas, antigas e novas, nos C. I. *Nova et Vetera* aprendemos tudo a partir da nossa língua materna *Ibinda*. Rezar em *Ibinda*, cantar em *Ibinda*, participar na santa Eucaristia em *Ibinda*. Tudo segundo os usos e costumes da nossa terra e segundo os valores do mundo novo. O padre Gabriel inaugurou uma nova era no Lucula Zenze com os C. I. *Nova et Vetera*.²⁹⁰

5.4.12. Cursos da luz dos conhecimentos

Os C. I. *Nova et Vetera* trouxeram-nos a luz do conhecimento na Missão do Lucula Zenze. Os Cursos ensinaram-nos muita coisa. Perdemos o medo. Ensinou-nos como viver com os outros. A partir dos cursos aprendemos a rezar, a cantar, a participar na missa tudo na nossa língua *Ibinda* sem necessidade de tradutor duma língua para a outra língua. É importante reactivar esses Cursos de *Nova et Vetera*. Se houver alguém que possa reactivar os Cursos para não perdemos tão preciosos ensinamentos.²⁹¹

5.4.13. Cursos do crescimento cultural do homem

As aldeias de São Miguel (Chikhongolo), São José, São João, Fátima, Santo Eugénio, Wângulo e Chiobo foram as aldeias mais abrangidas pelos C. I. *Nova et Vetera*. Os C. I. *Nova et Vetera* ensinaram a preparar as raparigas não escolarizadas para serem futuras mães, futuras esposas, futuras boas donas de casa. Por esta razão ensinavam-lhes a culinária, corte costura, abordagem, como acolher um hóspede em casa...

²⁸⁸ Xavier Fiti Butoto (n. 1941), antigo Monitor Escolar, na Missão do Lucula Zenze, 1.º Anotador e professor de Educação Física dos Cursos *Nova et Vetera*.

²⁸⁹ Pascoal Bacambana Maimbi (1953-2001), antigo seminarista e 3.º Anotador dos C. I. *Nova et Vetera*.

²⁹⁰ Teófilo Mavinga Conde (n. 1948), natural de Santo Eugénio do Lucula Zenze, antigo aluno da Missão, catequista.

²⁹¹ Mateus Mbumba Bazonga (n. 1949), filho de Manuel Bazonga e de Maria Justina Mato, nasceu em 1949, na povoação de Santo Eugénio do Lucula Zenze, Monitor Escolar. Casou com uma rapariga formada nos Cursos *Nova et Vetera*.

Para tirá-las da oralidade através do Método de Alfabetização *Inongo Nongo* ensinavam-lhes a ler, a escrever, a contar e a apreciar a cultura da escrita a fim de entrar no mundo da cultura.

O padre dedicava-se muito às palestras para transmitir as suas ideias. Nelas explicava a evolução do mundo, acompanhar o mundo na sua evolução política, social, económica, cultural e, principalmente, religiosa. Ficou-me gravado no coração, o princípio de *Nova et Vetera*, segundo o padre Gabriel, «... *O homem deve crescer*».

As aldeias, que foram mais abrangidas pelos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera* foram as de São José, São Miguel (Chikongolo), Fátima, Santo Eugénio, Wângulo, Chiobo.

No plano intelectual os C. I. *Nova et Vetera* entusiasmaram muitos jovens e até idosos, que não sabiam ler nem escrever, a aprenderem a ler e a escrever e entrar no mundo da cultura escrita e não ficar somente na cultura da oralidade. As meninas tinham muitas palestras para saberem acompanhar a evolução dos tempos. Acompanhar o mundo com a sua evolução económica, cultural, principalmente, religiosa.

Quando o grupo coral do Padre Gabriel cantou pela primeira vez na Capela de São Pedro, aldeia do Povo Grande, Missão de Cabinda, actual paróquia da Imaculada Conceição, quem é que não chorou de alegria. Foi a primeira vez. A partir dali quem não esteve de acordo com os batuques deixou de atacar o padre Gabriel. Cidade de Cabinda, 11 de Julho de 2020.²⁹²

5.4.14. *Cursos de promoção humana*

Na Missão do Lucula Zenze passaram muitos sacerdotes europeus e alguns africanos. Não podemos desprezar o trabalho feito pelos missionários. Cada missionário trabalhou para a evangelização das nossas populações. Sem desprezar nenhum sacerdote, que seja europeu, que seja africano, nós reconhecemos o trabalho feito pelo padre Gabriel Nionje Seda através dos Cursos *Nova et Vetera*.

Os Cursos *Nova et Vetera* eram uma espécie de escola para as meninas, não escolarizadas, aprenderem a viver em casa, como vestir, como tratar da casa, da roupa, da cozinha e aprender a ler e a escrever para saber acompanhar os novos tempos com as coisas boas novas e coisas velhas também boas.

Os Cursos *Nova et Vetera* eram também uma espécie de escola para os adultos, que não frequentaram a escola, aprenderem a ler e a escrever aplicando o Método de Alfabetização *Inongo Nongo* através dos provérbios.

O padre Gabriel não ensinou somente a ler e a escrever nos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera*. Foi o primeiro padre negro africano que se empenhou a ensinar os cânticos em *Ibinda*. A participação nas missas foi uma grande alegria porque os cânticos, as leituras da Bíblia como a homilia tudo era na nossa língua em *Ibinda*.

Podemos dividir o ensino nos C. I. *Nova et Vetera* em três pontos principais: o primeiro era ensinar as meninas como cuidar da casa,; o segundo, ensinar através do Método de Alfabetização *Inongo Nongo* a ler e a escrever; e o terceiro, ensinar o povo a rezar, a ouvir a Palavra de Deus e a cantar na sua própria língua *Ibinda*. Numa palavra, os C. I. *Nova et Vetera* foram cursos de promoção humana, promoção social, promoção cultural para sabermos reconhecer as coisas boas novas e também as coisas boas antigas.²⁹³

5.4.15. *Cursos da formação feminina integral*

Sabemos todos nós, que na era colonial as obras de formação feminina deram-se nas missões femininas. Sentindo a falta da presença das irmãs religiosas na Missão

²⁹² Estêvão Ngimbi (1939-2021), antigo aluno da Missão, antigo seminarista, Professor Diplomado do Cuima, desde o início da sua carreira no funcionalismo, trabalhou sempre com os Padres, no ensino.

²⁹³ Rafael Mbizi Kadula (n. 1944), natural da aldeia de Cunda, antigo aluno da Missão, Monitor Escolar, casou com uma rapariga formada nos C. I. *Nova et Vetera*.

do Lucula Zenze, o padre Gabriel Nionje Seda, recém-regressado de Portugal, onde esteve durante algum tempo em tratamento, decidiu o seu apostolado na educação da rapariga não escolarizada. É nesta perspectiva de ideias, que devemos compreender a fundação dos Cursos *Nova et Vetera*.

Os Cursos *Nova et Vetera* foi um trabalho desenvolvido, pensado e executado pelo padre Gabriel Nionje Seda com o objectivo principal da formação da jovem rapariga não escolarizada.

Nesses Cursos por lá passaram várias raparigas que aprenderam muito na culinária, agricultura e pecuária. Os vários aspectos da vida social foram todos objecto de aprendizagem como cozinhar, cuidar da casa, arrumar a casa, arrumar o quarto, acolher os hóspedes, servir à mesa...

O padre Gabriel teve todo o mérito por ser o primeiro sacerdote na Missão do Lucula Zenze a dedicar uma tal actividade formativa direccionada somente para a rapariga.²⁹⁴

5.4.16. Cursos de apreciação dos valores tradicionais

Nova et Vetera ensinou-me a ser uma mulher digna do nome de mulher. Ensinou-me a ser uma criatura que sabe apreciar os valores e os costumes da nossa tradição.²⁹⁵

5.4.17. Cursos de formação de famílias cristãs

Foram três os sacerdotes que marcaram a Missão do Lucula Zenze: *primeiro*, o padre Eugénio Bisch (1869-1910), que pela sua generosidade o povo passou a chamar carinhosamente Tata Bichi (pai Bischi); *segundo*, o padre Henrique Groos (1874-1967), que também pela sua grande bondade o povo passou a chamar Tata Lika (pai Henrique); e *terceiro*, o padre Gabriel, filho da terra, conhecedor do povo e da cultura do povo, que marcou a missão com os seus Cursos *Nova et Vetera* e os seus cânticos religiosos compostos em *Ibinda*. Constatamos que compôs quatro missas solenes, uma em latim e três em *Ibinda* e numerosos cânticos religiosos em *Ibinda*. Era um sacerdote de espírito criativo. Antes dele e depois dele nunca houve um sacerdote que tivesse feito aquela riquíssima experiência dos C. I. *Nova et Vetera*. Nesses cursos aqueles que ensinavam aprendiam e aqueles que aprendiam ganhavam o gosto de sempre aprender devido ao método dos pequenos provérbios, um método, que incentivava professores e alunos a estudar e a apreciar permanentemente os valores da cultura do seu povo e os valores das culturas doutros povos. Os C. I. *Nova et Vetera* foram uma experiência de educação de base e de autodesenvolvimento comunitário como ele próprio definiu.

Os cursistas aprendiam a iniciação à leitura, cozinha, higiene e tudo o que diz respeito ao tratamento da casa. No fim de cada curso havia a entrega de um certificado de aproveitamento. Muitas delas chegaram a ter os seus lares formados.²⁹⁶

5.4.18. Cursos do espírito de empreendedorismo

O padre Gabriel Nionje Seda, regressado de Portugal depois de quatro anos de hospitalização, fundou os Cursos *Nova et Vetera*, em 1970. Os cursos tinham como finalidade a formação da rapariga não escolarizada, do adulto não escolarizado e de todo o homem desejoso de aprender e de aumentar os seus conhecimentos na

²⁹⁴ Zeferino Lubongo Bunvo (n. 1945), antigo aluno da Missão do Lucula Zenze, Monitor Escolar, atual Regedor da Regedoria de Chinsua.

²⁹⁵ Carolina Futi, antiga participante, Ano 2 (1971-1972).

²⁹⁶ João Batista Mavinga (1935-2015), antigo aluno da Missão, antigo seminarista, Professor Diplomado do Cuima, sempre colaborou com os padres na Missão.

cultura, na história e nos demais ramos do saber a fim de tirar-lhes da lama da ignorância.

Os Cursos *Nova et Vetera* deram noções para uma rapariga adulta saber ler e escrever, noções para saber como cuidar da casa, ser uma boa dona de casa, acolher as visitas, servir à mesa... Os Cursos deram os conhecimentos que toda a mulher deve saber do berço ao túmulo passando pelas diversas etapas: gravidez, parto, infância indicando de antemão os problemas que a mãe deverá enfrentar nos diversos períodos de crescimento humano.

Os Cursos *Nova et Vetera* poderíamos considerá-los ao que nos nossos dias apelamos de «empreendedorismo». Com os Cursos *Nova et Vetera* os jovens e os adultos que os frequentaram ganharam o gosto de aprender, o gosto da criatividade, o gosto de aumentar os seus conhecimentos e também de apreciar os valores doutras culturas.

Infelizmente, a rica e original experiência de educação e formação criada e incentivada pelo padre Gabriel foi bruscamente interrompida pela guerra cujas consequências foram a destruição da missão, a fuga para a República do Zaire, actual República Democrática do Congo. Nesta República, os refugiados de Cabinda foram recolhidos pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (AC-NUR). Depois do regresso do exílio foi difícilimo reactivar os cursos devido à guerra, que persistia nas aldeias provocando a fuga não mais para o estrangeiro, mas sim para a capital da província.

Com a morte do padre Gabriel e dos numerosos dos seus colaboradores os Cursos *Nova et Vetera* não morreram. Com a comemoração dos 50 anos esperamos recolher os valiosos ensinamentos para o conhecimento das novas gerações.²⁹⁷

5.4.19. Cursos de cópias e fotocópias contra a África

Como acompanhante desde a primeira hora da criação dos Cursos *Nova et Vetera* aprendi a construir uma comunidade, onde a matriz principal se caracteriza na consciencialização dos membros, do valor que cada um possui como filho de Deus, que ele acredita como uno e trino. Cada membro deve incentivar para cada um desenvolver as capacidades de aprendizagem, de saber ler, escrever e contar. Cada um deve ter o espírito de criatividade e empenho para atingir os objectivos preconizados. Cada um deve confiar e conquistar o outro para uma vida comunitária (quem sabe ensina o outro e quem não sabe aprende do outro salientado o ensinamento de Cristo (*Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo*). Cada um deve entender que a morte não é um fim, mas sim uma transformação. Todos estes ensinamentos foram potos em foco nos C. I. *Nova et Vetera*.

Na minha opinião os C. I. *Nova et Vetera* devem ser actualizados recorrendo à tecnologia vigente. Os C. I. *Nova et Vetera* ensinam a todos o verdadeiro caminho da vida. Tem-se dito que a roda já foi inventada há muito tempo. O que falta para cada um de nós é saber como usá-la para o nosso progresso.

Acerca do trabalho, *labor omnia vincit* (o trabalho vence todas as dificuldades). Os Cursos *Nova et Vetera* não morreram com a morte do fundador e da maioria dos colaboradores do fundador. As recordações ficaram, principalmente, para aquelas pessoas, que participaram nesses cursos. É nosso dever lembrar os C. I. *Nova et Vetera* às novas gerações. Reaprender e ensaiar os cânticos compostos pelo fundador. Deste modo, os Cursos *Nova et Vetera* nunca ficarão ultrapassados, visto que são ensinamentos com base na nossa cultura e na Palavra de Deus que está na Bíblia.

O panorama histórico dos C. I. *Nova et Vetera*, em 1970, em plena era colonial havia a grande sede de aprender. Os jovens aderiram massivamente a alfabetização. O panorama histórico dos nossos dias, talvez devido às consequências da guerra, é deveras deficitário, desmotivado e provocado pelo sistema de transição automática.

²⁹⁷ Francisco Nionje Mpanga (1948), filho de José Mpanga e de Maria Tsanya, nascido 28/2/1948 na povoação do Chindende, antigo aluno da Missão e antigo seminarista capuchinho, era Professor Primário, em Lândana, na época dos C. I. *Nova et Vetera*. Participou sempre nas festas do encerramento dos cursos.

Os C. I. *Nova et Vetera* é um legado que toca à essência humana. A nossa África não pode viver de cópias e de fotocópias daquilo que os outros fazem. O que está a faltar é, exactamente, aquilo que está nos C. I. *Nova et Vetera*. É o espírito de observação, de análise profunda de tudo aquilo que observamos na cultura e na natureza.

Nos tempos dos nossos antepassados, quando recebiam as pessoas, não é qualquer povo. É a pessoa presente, esse que está na base sócio-cultural. Na expressão bantu. Essa expressão deve ser muito bem explicada da seguinte maneira *ban-tu*, quer dizer, deves ter cabeça, isto é, deves pensar, deves ter cabeça de alguém, que pensa, que deve pensar naquilo que está a fazer e como fazer e para que fazer. No fim deve ser para o seu desenvolvimento progressivo com finalidade superior que é a vida eterna.

O que é que notamos na nossa gente?!... Na década de 70 do século passado houve possibilidade de progresso em detrimento da guerra em 1961 a fim de corrigir os erros cometidos pelos portugueses mais comerciantes, que não estavam muito interessados com o desenvolvimento local dos povos colonizados.

Depois da eclosão da guerra começou-se a atender aos princípios basilares da vida das populações que reclamavam escolas, água potável, energia eléctrica, estradas e meios de circulação, não esquecendo o grave problema da saúde e da habitação...

A partir destas reivindicações notou-se que os portugueses começaram a construir a rede de escolas, postos de saúde, água canalizada, chafariz, estradas asfaltadas que, partindo de Cabassango, chegou à povoação de Pove que devia continuar com os troços de desvio de Pove até à povoação de Dinje, fazendo ligação com a via principal da cidade de Cabinda até Mikonje (Alto Sundi). Atravessando a estrada até Massabi (Extremo Oeste) e a outra continuaria até ao rio Lucula, onde estava o grande centro comercial Zenze. Esse progresso se tivesse continuado teria possibilitado grande desenvolvimento para a população. Infelizmente, depois da queda do Estado Novo em Portugal, a 25 de Abril de 1974, tudo caiu por terra. A guerra, como todos sabemos, veio destruir tudo e recuar à estaca zero.

Neste contexto, a minha interpretação sobre os Cursos *Nova et Vetera*, neste ambiente jubilar, é a de reactivarmos esses cursos, a fim de torná-los actantes na reflexão teológica, para recolher a lição moral não somente para os nossos dias, mas também para perpetuar a memória do fundador e transmitirmos esse precioso legado. Nos C. I. *Nova et Vetera*, nós encontramos todos os ensinamentos para sermos verdadeiros cristãos e, como verdadeiros cristãos, sermos os verdadeiros promotores da nossa cultura e do nosso progresso cultural, social, religioso...

Como acompanhante, desde a primeira hora, da criação dos C. I. *Nova et Vetera* aprendi a construir uma comunidade, onde a matriz principal se caracteriza na consciencialização dos membros do valor que cada possui como filho de Deus, uno e trino; incentivar cada um a desenvolver as capacidades de aprendizagem, de saber ler, escrever e contar; incentivar o espírito de criatividade e empenho para atingir os objectivos preconizados; confiar e conquistar o outro para uma vida comunitária, (quem sabe ensina o outro e quem não sabe aprende do outro que sabe; tudo salientando o grande mandamento que Jesus Cristo nos deixou (amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo).

Temos de entender que a morte não é um fim, mas sim uma transformação. E isto foi posto em foco no ensino dos C. I. *Nova et Vetera*.

Agendar um encontro ecuménico com o objectivo de apresentar um programa de continuidade dos cursos e de fazer vincar a memória do fundador e de outros participantes falecidos.

É só cumprir-se o que é decretado no país sobre o evento.

Falando das lições, convém recorrer-se ao *Manual de Alfabetização* (Inald) do P. Gabriel Nionje Seda.

Na minha óptica devem-se actualizar, talvez, os métodos de implementar os cursos, recorrendo à tecnologia vigente.²⁹⁸

²⁹⁸ José Nascimento Kimpolo Nyala (n.1946), médico, antigo aluno da Missão e antigo seminarista.

5.5. Balanço dos Cursos *Nova et Vetera* (1970-1974)

Para conclusão, aqui temos o balanço dos C. I. *Nova et Vetera*, feito pelo próprio padre Gabriel, onde narra tudo aquilo que foi feito durante os três anos:

No decurso do primeiro triénio os Cursos de Iniciação *Nova et Vetera* desenvolveram uma série de actividades educativas, nomeadamente, nos campos de formação humana, investigação e estudo do património cultural do meio a quem pensam auxiliar no seu natural esforço de crescimento até à estatura nem sempre visionada de homem adulto, segundo a vontade de Cristo.

No campo da formação humana, organizaram seis cursos de educação, que foram frequentados por 47 participantes, dos quais 40 fizeram o seu estágio com bom aproveitamento; fizeram um mercado rural inaugurado na altura das celebrações do ano 2 (1971-1972) e destinado a facilitar e a incentivar a troca de bens entre a população; e construíram um Mini-Restaurante Refeitório, uma espécie de restaurante-Bar para apoiar as lições sobre a alimentação racional. Abriram uma avenida – a Avenida dos Participantes – que ladearam de várias espécies de árvores de fruto, para inculcar o amor à natureza e à árvore.

– Organizaram também o Primeiro Curso de Formação Técnica para Orientadores dos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera*, sob o alto patrocínio do Instituto de Educação e Serviço Social Pio XII de Luanda.

Nos campos da investigação e estudos:

Organizaram um grupo coral piloto – a Orquestra e Coro *Bana Bavuvu Kietu* (Filhos da nossa esperança), que tendo já tocado e cantado em Cabinda o ano passado, este ano tocou e cantou em Lândana, na Missa Solene, concelebrada, e de Acção de Graças pelo Primeiro Centenário da Missão de Lândana. O grupo serve-se exclusivamente de instrumentos musicais africanos.

– Criaram um método próprio de iniciação a uma alfabetização *Inongo Nongo* (Pequenos Provérbios), apoiado na filosofia africana dos símbolos, com resultados já assimiláveis. Conseguiu-se já iniciar dezenas de pessoas na arte e ao mesmo tempo, técnica da leitura e escrita no espaço de 12 períodos de 3 horas cada uma. O método foi elaborado, a partir da língua veicular de Cabinda, *Ibinda*.

– Registaram e estudaram uma série de plantas medicinais da região. A icterícia, por exemplo, é a doença que se cura hoje com a maior das facilidades nos Cursos. Conseguimos já curar duas icterícias em três dias.

No campo da investigação, além do estudo da língua e, através da língua, de todo o património cultural (filosofia, direito, moral, etc.) tentaram traduzir, indo ao encontro dos anseios do povo, a mensagem da Boa-Nova, sempre antiga e sempre nova, numa linguagem e gestos autenticamente seus.

– Coroaram, finalmente, cada ano, com as Celebrações do Encerramento, presididas, no primeiro ano, pelo reverendo padre Angelino Gaspar Nanga, actual responsável da Missão do Lucula Zenze; no segundo ano, pelo actual Bispo de Malanje, então D. Eduardo André Muaca; e, no terceiro ano, pelo reverendo padre José da Rocha Ferreira, Vigário Episcopal de Cabinda.²⁹⁹

5.6. Diversas Experiências Educativas de Alfabetização

5.6.1. *Tampas esculpidas com provérbios em Cabinda*

O padre Gabriel classificou a simbologia em três etapas: a Simbologia 1 (alfabetização), a Simbologia 2 (algarismos) e a Simbologia 3 (Cultura). Na conferência,

²⁹⁹ Gabriel Nionje Seda, «3 Anos de Vida», in *Além-Mar*, Revista Missionária Mensal, n.º 191, 1973, 13.

intitulada a «*Alfabetização e Africanidade*», que ele proferiu por ocasião do lançamento do *Manual e Guia de Alfabetização segundo o Método Inongo-Nongo*, no Centro de Conferências de Simulambuco, a 1 de outubro de 1996, na cidade de Cabinda, afirmou:

A Alfabetização segundo o Método *Inongo Nongo* parte de três dados:

1. A *escrita ideogramatical* (Père Alphonse Bittremieux, CICM, Scheutista belga) ou *Ideográfica* (Padre Joaquim Martins, CSSP, Espiritano Português) radicado pelo Povo de Cabinda e pelos Povos vizinhos e disseminada em instrumentos de uso comum ou de adorno, como textos de panela, esteiras, sextos, bilhas de água, tatuagens, cabaças, chocalhos e paredes de casa de juncos.

2. A cosmovisão simbólica do mundo e da natureza, dado adquirido da filosofia africana dos valores.

3. E a hipótese de trabalho da convenção fenícia avançada pelo GPA / C. I *Nova et Vetera* – Gabinete de Pesquisa e Aplicação dos Cursos de Iniciação, rumo à criatividade libertadora, que é a cultura ordenada para o desenvolvimento harmonioso e progressivo do homem e do seu meio.

É assim que a visão gera a penetração e, por sua vez, a penetração gera a cultura. No nosso caso, começamos por o que é (d), passamos para o que sugere (d) e terminamos pelo como se constrói.

Prima o Método *Inongo Nongo* pela eficácia comprovada nos resultados e pela economia do tempo e do espaço: 36 horas espaçadas em 12 semanas (tempo de duração de um curso de fim-de-semana) foram suficientes para fazer entrar um analfabeto no mundo dos não analfabetos.³⁰⁰

Acerca da «*escrita ideogramatical*», Francisco Sumbo Sebastião, nascido em 1952 na aldeia de São Paulo Zenga, Missão do Lucula Zenze, antigo seminarista, defendeu uma tese intitulada «*Màbàyà-ma-Nzùungu*» ou *As tampas esculpidas com provérbios de Cabinda. Aposta de uma linguagem escultural*, na Faculdade de Letras e Ciências Humanas do Departamento de Antropologia da Universidade Omar Bongo de Libreville, República do Gabão.

Nosso estudo se concentra no *mabaya-ma-nzuungu* (plural), *libaya-li-nzungu* (singular), ou seja, as tampas esculpidas com provérbios. Literalmente, na língua *Ibinda* de Cabinda, *libaya* significa «bois» e *nzuungu* significa «panela», o que seria, portanto, traduzido como «a(s) madeira(s) da panela». Commumente, estas tampas eram feitas apenas por homens a partir da madeira das árvores *nsasanga* (*Ricinodendrum africanum* Muell-Arg) e *munyumbu* (*Crossopterix febrifuga*) dadas as qualidades esculpidas e a abundância destas espécies nas savanas de Cabinda. (...)

No entanto, as tampas esculpidas com provérbios apresentam uma ambivalência de significado e função. Por um lado, é uma escrita com dupla simbolização /estatueta/ e parêmia/, e por outro lado, tem uma dupla função, primeiro a de tapar os potes e depois a das tampas esculpidas como ferramenta comunicacional, uma linguagem que dá possibilidades de auto-realização. E a mensagem codificada neste símbolo constitui um código didático das leis sócio-morais e até religiosas do povo de Cabinda (...)

Os missionários belgas Alphonse Bittremieux, os portugueses Joaquim Martins e José Martins Vaz, e os irmãos holandeses João e Francisco Vissers, que trabalharam na área geográfica das Missões Católicas de Lucula Zenze, Cabinda (*Tchiowa*), Belize e Lândana em da província de Cabinda, encontraram no terreno um facto cultural, talvez único em toda a África Negra, registado em tampas de

³⁰⁰ O texto completo da conferência está no volume de Anexos (Anexo 6.2. – Papel da Alfabetização (1-10-1996)).

panelas (*Mabaya-ma-nzungu*), a que chamavam «escrita ideogramática» (Bittremieux 1945) ou «escrita ideográfica» (1968). No entanto, a referida escrita ainda não foi objecto de um estudo e análise substanciais com vista a uma possível identificação e sistematização.³⁰¹

F. S. Sebastião revelou na sua tese, que, não é somente o Método de Alfabetização *Inongo Nongo* do padre Gabriel que nos permite fazer uma leitura na Simbologia 1 (Alfabetização), Simbologia 2 (Algarismos) e Simbologia 3 (Cultura). Existe também na cultura dos Povos de Cabinda a *escritura ideogramatical* ou simplesmente *ideografia* que consiste na leitura dos provérbios nas tampas de panela (ou tampas de marmite) com excelentes lições morais, religiosas, cheias de humanismo.

5.6.2. Alfabetização em línguas nacionais no Benim e Burkina Faso

Consoante constatamos, os Cursos *Nova et Vetera* constituíram uma experiência original. Porém, prosseguindo com a investigação encontramos casos ou semelhantes ou aproximativos noutros povos.

Abdel Rahamane Baba-Mousa, nascido em 1966, no Benim, Secretário-Geral das Conferências dos Ministros de Educação dos Estados da Francofonia (CONFEMEN), Professor Universitário do Conselho Africano e Malgaxe para o Ensino Superior (CA-MES), Especialista da Avaliação dos Sistemas de Educação e da Formação e de Aprendizagem ao Longo da Vida, escreveu sobre a *Alfabetização e educação em línguas nacionais, nas políticas globais de educação em Benin: valores, princípios de acção e estratégias de acto*. Neste interessante estudo, lemos:

A língua deve ser considerada como um elemento essencial na construção da identidade cultural dos indivíduos e das comunidades. Segundo J. Poth (1988: 11): «É de facto a língua materna que garante a descolagem intelectual da criança desde o início da escolaridade. Ela lhe traz esse elemento fundamental de equilíbrio sem o qual ele se atrofia, é ela que lhe dá a possibilidade de verbalizar seus pensamentos e de se integrar harmoniosamente no mundo que o cerca.» Assim, coloca-se, em primeiro lugar, a questão do lugar das línguas africanas nos sistemas educativos africanos onde o ensino do francês, herança colonial, continua a ser predominante apesar das muitas tentativas de assegurar a integração das línguas nacionais. Depois, há o problema da alfabetização e da educação de muitos adultos sem instrução na maioria dos países africanos francófonos. Com efeito, de acordo com estatísticas da Unesco, em 2008, a taxa de analfabetismo adulto era de 59,5% no Benin, 71,3% no Burkina Faso, 51,3% na Costa do Marfim e 32,8% na República Democrática do Congo (Aitchison & Alidou, 2009: 3). Em 2010, na África Subsaariana, mais de um em cada três adultos ainda era analfabeto e, em onze países dessa região, 50% ou mais dos jovens adultos estavam na escola há menos de quatro anos (UNESCO, 2010: 5). Se programas de alfabetização e educação de adultos em línguas africanas forem oferecidos nesses países, eles estão lutando para reduzir substancialmente a taxa de analfabetismo adulto e levantar debates sobre sua relevância em países onde a língua

³⁰¹ Francisco Sumbo Sebastião, *MABÀYÀ-ma-NZÚÙNGÙ ou Les Couvertles Sculptés à Proverbes du Cabinda. Enjeux d'un langage Sculptural*, texte dactylografié (Libreville: 2001), 8-9. (Tradução própria.)

francesa ainda é muitas vezes percebida como a língua do avanço social (Ydo, 1995). Este é particularmente o caso dos programas de «alfabetização em massa» para a emancipação das populações rurais no Benin (Baba-Moussa, 1983), alfabetização «Alpha Commando» e «Bantare» no Burkina Faso.³⁰²

5.6.3. Ilhas de Paz do Padre Dominique Pire, em França

Ao longo da nossa investigação, depois da leitura da experiência de educação em línguas nacionais, no Benin e no Burkina-Faso, descobrimos uma outra experiência educativa na França:

Georges Charles Clement Ghislain Pire, mais conhecido como Dominique Pire (Dinant, 10 de Fevereiro de 1910, Lovaina, 30 de Janeiro de 1969), foi um religioso dominicano belga.

Sentindo bem jovem a vocação religiosa, entrou no Seminário em 1932 e fez os seus votos religiosos em 1932, tomando o nome de Dominique Pire. Continuou estudando teologia e ciências sociais na Universidade Dominicana Angelicum de Roma. Doutorou-se em 1934 e foi para o Convento de La Sarthe, na cidade belga de Huy onde se dedicou a ajudar as famílias mais necessitadas.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Pire serviu como capelão da resistência belga e participou activamente, ajudando a passar clandestinamente pilotos aliados para fora do país, uma tarefa que lhe foi reconhecida depois da Guerra pelo Governo do seu país.

Em 1949, começou a trabalhar com os refugiados e deslocados de guerra, escrevendo uma obra – *Du Rhin au Danube avec 60,000 D. P.* –, alertando para o tema. Fundou a *Europe du Coeur au Service du Monde*, uma organização de ajuda aos refugiados. Graças às ajudas recebidas conseguiu construir uma série de campos para auxiliar os refugiados provenientes da Áustria e da Alemanha. Apesar de ser um religioso, não efectuava qualquer tipo de discriminação relativamente às crenças dos refugiados.

Em 1958, a Fundação Nobel atribuiu-lhe o **Prémio Nobel da Paz** pela sua liderança da *L'Europe du Coeur au Service du Monde*, uma organização de ajuda aos refugiados. Em 11 de Dezembro de 1958, apresentou sua *Nobel Lecture* com o título *Brotherly Love: Foundation of Peace*.

Depois de ser galardoado com o Prémio Nobel, criou a Universidade da Paz que se destinava a promover o entendimento e concórdia universal. Posteriormente fundou a organização *Îles de paix* (Ilhas da Paz), uma ONG dedicada ao desenvolvimento das populações rurais dos países em via de desenvolvimento, iniciando as actividades no Bangladesh, em 1962, e na Índia, em 1968.³⁰³

A experiência das Ilhas de Paz é mais outra bela e rica experiência educativa e formativa, que merece não só a nossa atenção, mas também a nossa consideração, por ser um estudo dedicado à promoção e ao desenvolvimento das populações rurais mais carenciadas.

5.6.4. Alfabetização dos Adultos de Paulo Freire no Brasil

Depois de termos apreciado as diferentes experiências educacionais no Benim, em Burkina Faso, em França, fomos investigar no continente latino-americano, precisamente,

³⁰² Abdel Rahamane Baba-Moussa, Sciences de l'éducation, Maître de Conférences, Université d'Abomey Calavi. babderamane@yahoo.fr. Haut de page Droits d'Auteur Cahiers de la recherche sur l'éducation et les savoirs est mis à disposition selon les termes de la licence Creative Commons Attribution – Pas d'Utilisation Commerciale – Pas de Modification 4.0 International. 16-5-2022. (Tradução própria.)

³⁰³ Texto recolhido da *Wikipédia* (em 17-6-2022, 11h00. Tradução própria).

no Brasil, onde nos deparamos também com um gigante no campo da alfabetização dos mais desfavorecidos e abandonados na onda da civilização:

Paulo Reglus Neves Freire (Recife, 19 de Setembro de 1921 – São Paulo, 2 de Maio de 1997) foi um educador e filósofo brasileiro. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica. É também o Patrono da Educação Brasileira.

Sua prática didática fundamentava-se na crença de que o educando assimilaria o objeto de estudo fazendo uso de uma prática dialética com a realidade, em contraposição à, por ele denominada, educação bancária, tecnicista e alienante: o educando criaria sua própria educação, fazendo ele próprio o caminho, e não seguindo um já previamente construído; libertando-se de chavões alienantes, o educando seguiria e criaria o rumo do seu aprendizado através do desenvolvimento da sua própria autonomia. Destacou-se por seu trabalho na área da educação popular, voltada tanto para a escolarização como para a formação da consciência política.

Autor de *Pedagogia do Oprimido*, livro que propõe um método de alfabetização dialético, se diferenciou do «vanguardismo» dos intelectuais de esquerda tradicionais e sempre defendeu o diálogo com as pessoas simples, não só como método, mas como um modo de ser realmente democrático. Trata-se do terceiro livro mais citado em trabalhos acadêmicos de ciências sociais em todo o mundo.

Foi o brasileiro mais homenageado da história, com pelo menos 35 títulos de Doutor *Honoris Causa* de universidades da Europa e América; e recebeu diversos galardões como o prêmio da UNESCO de Educação para a Paz em 1986. Em 13 de Abril de 2012 foi sancionada a Lei n.º 12.612, que declara o educador Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira. Segundo uma pesquisa envolvendo três Estados brasileiros – São Paulo, Minas Gerais e Paraná –, Paulo Freire é o nome de escola mais comum.³⁰⁴

As diferentes experiências educacionais (as tampas esculpidas com provérbios, em Cabinda, a alfabetização em línguas nacionais, no Benim e Burkina Faso, a experiência das Ilhas de Paz, em França, e a alfabetização dos adultos no Brasil), enriqueceram os nossos conhecimentos, sobre a história da alfabetização dos adultos. Certamente existem outras experiências educacionais da alfabetização de adultos de que não chegámos a ter conhecimento. Depois destas reflexões, estamos convencidos de que não esgotámos o nosso tema. Ficamos satisfeitos com o resultado da nossa investigação.

Conclusão

Os ensinamentos sobre os Cursos *Nova et Vetera* ficaram muito bem esclarecidos, a partir das explicações do fundador, dos comentários dos missionários, das autoridades eclesiásticas, dos visitantes, dos estagiários e daqueles que acompanharam de perto a experiência, que são os autóctones. Não há nenhuma necessidade de darmos mais explicações. A partir do fundador, passando pelos arcebispos, bispos, sacerdotes e leigos de todas as camadas sociais, todos eles, deram cada um o seu parecer. A questão foi entendida.

³⁰⁴ Texto recolhido da *Wikipédia* (em 17-6-2022, 11h00. Tradução própria).

Chegamos à conclusão de que os Cursos *Nova et Vetera*, longe de terem sido um fracasso, pelo contrário, foram um sucesso. Os comentários o confirmam.

Depois de termos analisado o Método *Inongo Nongo* do padre Gabriel fizemos a reflexão sobre a escritura das tampas esculpida com provérbios, feita por F. Sumbo Sebastião. Como estamos na era da globalização, não ficámos fechados apenas na Missão do Lucula Zenze, em Cabinda. Prosseguimos com a nossa investigação e encontramos, no Benim e no Burkina Faso, dois países do nosso continente africano, a experiência de alfabetização dos adultos. E não foi somente em África. Em França, deparámo-nos com a experiência das Ilhas de Paz, do Padre Dominique, e finalizamos com a alfabetização dos adultos do Paulo Freire, no Brasil. As diversas experiências levam-nos a reconhecer a particularidade dos Cursos *Nova et Vetera*. Não podemos deixar de reconhecer a originalidade desses Cursos. É, de facto, uma experiência didáctica digna de todo o nosso reconhecimento. Os Cursos *Nova et Vetera* não alfabetizaram somente, mas contribuíram imenso para a evangelização.

CAPÍTULO 6

BODAS DE PRATA DOS CURSOS *NOVA ET VETERA*

Introdução

O sexto capítulo da Segunda Parte é a comemoração das bodas de prata dos Cursos *Nova et Vetera*. Fundados em plena era colonial (1970), a comemoração das bodas de prata foi na era pós-colonial (1995). No mundo sempre houve mudanças. A transição da época colonial para a época pós-colonial foi radical. Os grandes ícones da mudança foram, sem nenhuma sombra de dúvida, a independência e a guerra civil. A independência trouxe a nova ideologia, o marxismo-leninismo, enquanto a guerra civil ofereceu generosamente a fuga, o exílio, a fome e a miséria. É deveras importante compreender o contexto político, económico, cultural, social e religioso da era colonial e o reverso da medalha, o contexto político, económico, cultural, social e religioso da era pós-colonial, a fim de compreendermos em que condições foram comemoradas as referidas bodas de prata.

6.1. Da colonização à descolonização em Angola (1975)

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi assinada no dia 10 de dezembro de 1948. Naquela altura, no mapa político de África só havia três países independentes: Egito, Libéria e Etiópia. A Etiópia foi o único país africano que não foi colónia. A África, na sua quase totalidade, estava sob a dominação colonial. O mapa político mudou radicalmente, da noite para o dia, 15 anos depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Dezassete países africanos adquiriram a autonomia política, como podemos constatar na seguinte cronologia:

6.1.1. Benim (antigo Daomé).....	01-08-1960
6.1.2. Burquina Faso (antigo Alto-Volta)	05-08-1960
6.1.3. Camarões.....	01-01-1960
6.1.4. Chade.....	11-08-1960
6.1.5. Congo-Brazzaville (antigo Congo-Francês)	15-08-1960
6.1.6. Congo-Kinshasa (antigo Congo-Belga)	30-06-1960
6.1.7. Costa de Marfim.....	07-08-1960
6.1.8. Gabão	17-08-1960
6.1.9. Gâmbia	18-02-1960

6.1.10. Madagáscar	26-06-1960
6.1.11. Mali	22-09-1960
6.1.12. Mauritânia	28-11-1960
6.1.13. Níger.....	03-08-1960
6.1.14. Nigéria.....	01-01-1960
6.1.15. Senegal	20-08-1960
6.1.16. Somália.....	27-06-1960
6.1.17. Togo	27-04-1960

O ano de 1960 foi considerado pela ONU como o *Ano da África*. Charles-Robert Ageron, historiador, e Marc Michel, historiador especialista da história da África, da história colonial e da história da descolonização, por ocasião da comemoração de 30.º aniversário das independências africanas, escreveram, respetivamente:

Neste simpósio intitulado «A França e estas independências dos países da África negra e Madagáscar», celebramos, à nossa maneira de historiador, sem ênfase, com imparcialidade e espírito crítico, o trigésimo aniversário do «*Ano da “África”*», *annus mirabilis*, que viu dezassete países africanos, incluindo catorze Estados da antiga União Francesa se tornarem independentes.³⁰⁵

O Congo Brazzaville, país que faz fronteira com Cabinda, ascendeu à autonomia política a 15 de Agosto de 1960, e o Congo Kinshasa, país que tem maior fronteira com Cabinda, a 30 de Junho de 1960. No Congo Brazzaville, o abade Fulbert Youlou foi o primeiro presidente³⁰⁶ e, no Congo Kinshasa, José Kasavubu foi o primeiro presidente.³⁰⁷

6.2. Da guerra colonial (1961-1974) à guerra pós-colonial (1975-2002), em Angola

Depois destes países adquirirem a independência, a chama da autonomia política transmitiu-se, rapidamente, em Angola, ainda sob a bandeira das cinco quinas. Os ativistas políticos angolanos tinham como campo de recuo as duas repúblicas vizinhas (República do Congo-Brazzaville e República Democrática do Congo-Kinshasa), ambos de expressão linguística francesa. Os políticos congolese apoiaram os políticos angolanos para também adquirirem a independência.

³⁰⁵ Charles-Robert Ageron et Marc Michel, *L'Afrique Noire Française, L'heure des Indépendances* (Paris: CNRS Éditions, 2010), 769. (Tradução própria.)

³⁰⁶ O abade Flubert Youlou (1960-1963) nasceu a 9 de julho de 1917 em Mandibo, perto de Brazzaville. Sacerdote católico, participou de forma ativa na política do seu país, motivo pelo qual a Santa Sé o suspendeu do ministério sacerdotal. Foi o primeiro Presidente do Congo-Brazzaville independente. Faleceu a 5/5/1972, em Madrid. In Hervé Bourges e Claude Wauthier, *Les 50 Afriques, Afrique Central, Afriques des Grands Lacs, Afrique Australe, Océan Indien* (Paris: Éditions du Seuil, 1979), 117-118; cf. *Le Congo et son potentiel économique* (Paris: Éditeur Groupe Jeune Afrique, 2009), 13. (Tradução própria.)

³⁰⁷ Joseph Kasavubu nasceu na aldeia de Kuma, Dizi, Mayombe, distrito do Congo Belga, em 1927. Foi o primeiro Presidente do Congo Léopoldville, de 1960 a 1965. Faleceu em 24/3/1969. In *Dictionnaire de la Négritude* (Paris: L'Harmattan, 1989), 139; Bernard Droz, *Histoire de la décolonisation au XXe siècle* (Paris: Éditions du Seuil, 2006), 344. (Tradução própria.)

Foi assim que os movimentos de libertação – MPLA, FNLA e UNITA – lutaram, durante 13 anos, pela independência de Angola (1961-1974). Os três partidos políticos, depois da queda do Estado Novo, em Portugal, a 25 de abril de 1974, entraram em Angola, cada um com a sua bandeira, o seu exército, o seu hino e a sua organização juvenil masculina e feminina.

No campo masculino, a JMPLA é a Juventude de Movimento Popular de Libertação de Angola; a JFNLA é a Juventude da Frente Nacional de Libertação de Angola; e a JURA é a Juventude Unida Revolucionária de Angola da UNITA.

No campo feminino, a OMA é a Organização da Mulher Angolana do MPLA; a AMA é a Associação da Mulher Angolana da FNLA; e a LIMA é a Liga da Mulher Angolana da UNITA.

No campo militar, as FAPLA eram as Forças Amadas Populares de Libertação de Angola do MPLA; a ELNA era o Exército de Libertação Nacional da FNLA; e as FALA eram as Forças Armadas de Libertação de Angola da UNITA.

No campo ideológico, cada partido tinha o seu hino nacional e a sua bandeira. Estamos no tempo da *guerra fria*, simbolizada pelo Muro de Berlim, erguido em 1961.

No palco do mundo internacional estavam, de um lado, os Estados Unidos da América (EUA), filocapitalista, e, doutro lado, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), filocomunista e Cuba. O MPLA estava apoiado pela URSS e Cuba, enquanto a FNLA era apoiada pelos EUA, e a UNITA, pelos EUA e pela China.

O fanatismo político, fonte de todos os crimes, estavam acentuadíssimos em todos os dirigentes e simpatizantes de cada partido. Os do MPLA consideravam-se progressistas e insultavam os da FNLA e UNITA como lacaios do imperialismo. Cada partido julgava-se como o único detentor da verdade, excluindo os outros. A ideologia de cada partido marcava a linha fronteira. Não havia meio termo. De um lado da barricada estavam os do MPLA, comunistas, e, doutro lado, os da FNLA e UNITA, os capitalistas. Os comunistas consideravam-se os revolucionários e os capitalistas eram menosprezados como os reacionários (rebeldes).

O terreno político estava fertilíssimo para a guerra civil, ideologicamente, militarmente e culturalmente, visto que os partidos na sua esmagadora maioria tinham apoio mais étnico do que político. O MPLA era mais apoiado no corredor de Luanda-Malanje, da etnia Umbundu, do que noutras paragens angolanas. A FNLA estava mais apoiada pela maioria étnica do grupo Bakongo, do Antigo Reino do Congo, no Norte de Angola, do que no Sul de Angola. A UNITA era mais apoiada pela etnia Ovimbundu, do Centro-Sul

de Angola, do que no Norte de Angola. De salientar que, em todos os partidos, havia quadros formados nas universidades europeias.

A guerra eclodiu antes da independência, sem esquecer o problema da FLEC, que reivindicava a independência de Cabinda, separada de Angola, a partir do Tratado de Simulambuco, assinado entre Portugal e os Chefes Representantes do Povo de Cabinda, a 1 de fevereiro de 1885.

Foi neste panorama que a independência de Angola foi proclamada, no clima de guerra civil, a 11 de novembro de 1975, com duas repúblicas combatentes: a *República Popular de Angola*, proclamada pelo Dr. Agostinho Neto do MPLA, em Luanda, e apoiada pelos comunistas da URSS e Cuba, e a *República Democrática de Angola*, proclamada pelo Holden Roberto e Dr. Jonas Savimbi, a coligação FNLA-UNITA, proclamada no Huambo (antiga Nova Lisboa da era colonial), apoiada pelos Estados Unidos da América e China.

Hervé Bourges, nascido em 1933, em Rennes, e Claude Wauthier, nascido em 1923, em Metz, ambos franceses e jornalistas, no livro *Les 50 Afriques, Afrique Centrale, Afrique des Grands Lacs, Afrique Australe, Océan Indien*, escreveram:

O movimento de libertação que finalmente triunfou, o MPLA, teve o apoio da União Soviética e dos militares cubanos. Sua vitória não foi apenas um revés para os Estados Unidos, que favoreciam um movimento rival, a FNLA, mas, sobretudo, foi um duro golpe para a África do Sul, que não teve medo de enviar uma força expedicionária para lutar ao lado de um terceiro movimento, UNITA, tão hostil à URSS como a FNLA. A FNLA e a UNITA, que acabaram por firmar uma aliança, são movimentos com uma estrutura bastante tribal: assim, a acusação muitas vezes dirigida aos Estados Unidos de apoiar forças conservadoras em todo o mundo encontrou, em Angola, alguma justificação. Mas o sucesso da diplomacia soviética não deixou de dividir a África. O Portugal revolucionário, por sua vez, tentou manter um equilíbrio igual entre os três movimentos de libertação, que o regime de Salazar lutou durante anos sem conseguir eliminá-los.³⁰⁸

Tim Marshall, considerado uma autoridade em Relações Internacionais, e que, como jornalista, cobriu os conflitos na Croácia, Bósnia, Macedónia, Kosovo, Afeganistão, Iraque, Líbano, acerca da guerra de Angola, comentou da seguinte maneira:

Angola é mais um país familiarizado com conflitos. A sua guerra pela independência terminou em 1975, quando os portugueses desistiram do combate, mas metamorfoseou-se instantaneamente numa guerra civil entre tribos, disfarçada de guerra civil por motivos ideológicos. A Rússia e Cuba apoiavam os «socialistas», os EUA e a África do Sul do *apartheid* apoiavam os «rebeldes». A maioria dos socialistas do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) pertenciam à tribo *mbundu*, enquanto os combatentes rebeldes da oposição vinham, sobretudo, de duas outras tribos principais, os *bacongos* e os *ovimbundus*. Os seus disfarces políticos eram a FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) e a UNITA (União

³⁰⁸ Hervé Bourges et al., *Les 50 Afriques-Afrique Centrale, Afrique des Grands Lacs, Afrique Australe, Océan Indien* (Paris: Éditions Seuil, 1979), 399. (Tradução própria.)

Nacional para a Independência Total de Angola). Muitas das guerras civis da década de 60 e 70 seguiram este modelo: se a Rússia apoiasse um dos lados, esse lado lembrar-se-ia subitamente de que tinha princípios socialistas, enquanto os seus opositores se tornariam anticomunistas.³⁰⁹

Angola enterrou o machado da guerra civil a 4 de abril de 2002, depois da morte do Dr. Jonas Savimbi, nascido a 3 de agosto de 1934, fundador e líder da UNITA, que morreu em combate, nas chanas de Leste, a 22 de fevereiro de 2002.

A guerra colonial durou 13 anos (1961-1974) e a guerra pós-colonial durou 27 anos (1975-2002). Foi a guerra mais sangrenta e que não deixou nenhuma aldeia virgem. A deslocação dos habitantes das zonas do centro rural para o centro urbano e o êxodo das populações de Angola para os países vizinhos, demonstraram a crueldade e ferocidade desta guerra, destruindo aldeias e cidades.

Do sistema político do Estado Novo (1926-1974), impulsionado por Portugal, nas suas antigas províncias ultramarinas, dentre as quais, Angola, passamos para o sistema político marxista-leninista, implementado pelo MPLA.

Na era colonial, não havia televisão. Depois da era colonial, dias antes da proclamação da independência, a Televisão Pública de Angola passou a emitir. As telenovelas, os filmes, alguns bons e outros péssimos, como os filmes pornográficos, os filmes de violência, autênticas escolas da criminalidade, concorreram imenso para moldar a juventude. A ideologia do marxismo-leninismo destruiu muitos valores da cultura africana não somente ao inculcar, a ferro e fogo, o vocabulário do marxismo-leninismo, como camarada-pai, camarada-mãe, camarada-padre, camarada-tio..., mas também ao pregar que Deus não existe, a religião é o ópio do povo, a nacionalização a ferro e fogo das infraestruturas religiosas (os seminários de Angola, as casas das Irmãs de S. José de Cluny, em diversas províncias de Angola).

Na era colonial, cantávamos o hino nacional – «*Heróis do mar...*»; na era pós-colonial, o povo angolano passou a cantar o hino nacional – «*Oh, pátria avante, nunca mais te esqueceremos, Angola, avante, revolução, pelo poder popular*», de cariz socialista.

Da moeda – *escudo português* – passámos para a moeda do *kwanza angolano*. Sem descermos a pormenores, apresentamos, no quadro seguinte, as mudanças que tiveram lugar, de uma época para a outra, podendo averiguar as diferenças que são como da noite para o dia.

³⁰⁹ Tim Marshall, *Prisioneiros da Geografia, Dez Mapas que lhe Revelam Tudo o que Precisa de Saber Sobre Política Internacional*, Livros para Pensar (Porto Salvo, Portugal: Editora Desassossego, 2017), 120.

ANGOLA NA ÉPOCA COLONIAL	ANGOLA NA ÉPOCA PÓS-COLONIAL
Do Minho ao Timor.	De Cabinda ao Cunene.
Província Ultramarina.	País Independente.
Sistema político (capitalista).	Sistema político (marxista-leninista).
Cristianismo.	Comunismo.
Estado Novo (1926-1974).	MPLA (1975-2020)
Cultura Portuguesa.	Cultura africana: numerosas etnias.
Moeda: <i>Escudo Português</i>	Moeda: <i>Kwanza Angolano</i> .
Hino Nacional « <i>A Portuguesa</i> ».	Hino Nacional « <i>Angola, Avante</i> ».
Igrejas – 2: católica e protestante.	Igrejas – 46: igrejas legalizadas.
Jornal: <i>A Província de Angola</i> .	Jornal: <i>Jornal de Angola</i> .
Rádio de Angola.	Rádio Nacional de Angola.
Não havia Televisão.	TPA (Televisão Pública de Angola).

6.3. Missão do Lucula Zenze, antes e depois da guerra colonial e pós-colonial

A transição da guerra colonial (1961-1974) para a guerra pós-colonial (1975-2002) foi uma das páginas mais dolorosas na história da Província de Cabinda, em geral, e na história da Missão do Lucula Zenze, em particular, única missão de Cabinda, fundada a pouquíssimos quilómetros da fronteira.

Os padres Gabriel Nionje-Seda (1930-2009), João de Brito Monteiro Mayamba (1934-2010), José Faustino Nzau Pitra (1932-2005), José Maria Augusto Faustino Builo (1928-2005) e Paulino Fernandes Madeca (1928-2008), mais tarde, D. Paulino, sacerdotes em exercício no então Arciprestado de Cabinda, desde 1958 a 1975, dependente da Arquidiocese de Luanda, publicaram no dia 10 de janeiro de 1975 o documento intitulado – *Não podemos deixar de falar (Act 4,20) – Reflexão sobre o momento político de Cabinda*³¹⁰ –, tendo como ponto de partida o Tratado de Simulambuco, de 1 de fevereiro de 1885, fundamento histórico do Povo de Cabinda, apoiavam a reivindicação da independência de Cabinda.

Nesse documento, os padres originários de Cabinda abordaram o problema de Cabinda, denunciaram as atrocidades e os abusos de poder que os militares do MPLA, mal chegaram a Cabinda, vindos da vizinha República do Congo-Brazzaville, começaram a cometer:

O problema de Cabinda consiste essencialmente na sua independência separada de Angola, aspiração que o povo de Cabinda considera justa e de direito, mas que os Angolanos e o Governo de Portugal se recusam a aceitar.

³¹⁰ Texto datilografado. Transcrevemos o documento consoante foi redigido.

As causas deste problema são exactamente algumas daquelas que o Papa Pio XII, claramente, denunciava nas suas Mensagens de Natal de 1942 e 1943, quando falava das causas do mal-estar internacional. Será bom repeti-las. Elas são: a violação dos direitos da família e do trabalho; a subversão da ordem jurídica e do justo concerto do Estado segundo o espírito do cristianismo; os atentados à liberdade, à integridade territorial e à segurança das outras nações, grandes ou pequenas; a opressão sistemática das minorias; os cálculos egoístas daqueles que pretendem monopolizarem as fontes da economia e as matérias de uso comum em detrimento dos outros povos.³¹¹

Depois de denunciarem as atrocidades falaram da iminência da guerra im-
posta:

A guerra em Cabinda é, infelizmente, uma realidade e uma imposição. É uma realidade que perturba cada vez mais as populações.

As aldeias vão-se despovoando diàriamente e não estarão longe o dia de ficarem desertas. A insegurança afugenta uns, outros retiram-se para ir engrossar as fileiras do Exército Territorial no estrangeiro.

A autoridade colonial fecha os olhos a todos os abusos, incluindo prisões arbitrárias, espancamentos, roubos, estupros, atentados de morte praticados pelos movimentos de Libertação de Angola contra o povo indefeso de Cabinda. Por isso, falar da paz em Cabinda sem falar sinceramente da guerra que ameaça os seus habitantes, seria esconder o principal problema, seria aumentar a violência e faltar à verdade. A mentira, que é contrária à verdade, é uma forma de opressão e, de algum modo, um homicídio (Jo 8,44).

Com a violência, a opressão e a imposição injusta a que estamos assistindo a guerra em Cabinda continuará mais atroz, quando nos outros territórios sujeitos a Portugal se desenha já relativa paz que se incrementa. Porque naqueles territórios a justiça nasceu, cresce, fortifica-se e começa a dar os seus frutos.

Em Cabinda, a guerra não é apenas a continuação da iniciada há quinze anos, aproximadamente, mas, principalmente, o começo de uma outra entre dois povos subjugados que desejam libertar-se: Cabinda de Portugal e de Angola, e esta de Portugal. Cabinda reivindica justamente os seus direitos que nunca perdeu, Angola deseja continuar a trilhar o caminho errado do colonialismo neste enclave, sob o pretexto injusto de que «Cabinda é uma herança do colonialismo» (Jorge Valentim e Fernando Wilson, da Unita). «*Errare humanum est.*» Até que chegue a hora em que os direitos de todos os povos, entre os quais o direito à autodeterminação e à independência, sejam devidamente reconhecidos e dignificados, não poderá haver paz verdadeira e duradoura» (Paulo VI, Discurso Ao Sacro Colégio, 22-12-1973).³¹²

Os sacerdotes signatários do documento dirigiram-se à Santa Sé, nestes termos:

Em consequência de tudo isto e depois de termos reflectido à luz do Evangelho, dos ensinamentos conciliares, da doutrina do Magistério e da nossa consciência sacerdotal.

1.º – Pedimos à Hierarquia de Angola que se debruce também sobre o problema de Cabinda e considere:

- a) Que Cabinda é um povo com cultura e índole próprias e com o direito de escolher um caminho e uma história próprios, em conformidade com o direito dos povos à independência e ao seu passado histórico.
- b) Que a atitude tanto de Portugal como de Angola para com Cabinda é injusta, fundamentada em muitos interesses.
- c) Sendo a guerra além de outras causas, fruto de processo histórico e de sistemas que exploram ou não admitem o direito dos povos à autodetermina-

³¹¹ Texto datilografado. Transcrevemos o documento consoante foi redigido.

³¹² Texto datilografado. Transcrevemos o documento consoante foi redigido.

ção, reconheça que as reivindicações do Povo de Cabinda, conforme aos homens e ao Evangelho, são legítimas e leve os responsáveis a resolver o conflito por meios pacíficos e justos, oferecendo-se, se necessário, como intermediária.

- d) Que a Igreja se desligue, quanto antes, de qualquer cumplicidade, mesmo aparente, tomando no seu âmbito medidas justas como:
- 1) A criação da diocese de Cabinda cujo bispo seja autóctone.
 - 2) Reforma do Seminário de Cabinda quanto antes, quer na estrutura interna, quer na externa.
 - 3) Para já o começo do segundo ciclo no seminário Cabinda.
 - 4) Restauração dos extintos noviciados, respectivamente, para Irmãos Religiosos e Irmãs Religiosas.
 - 5) A erecção de uma missão ou Paróquia nova na área do Maiombe, por ser a mais habitada e a menos assistida em virtude da sua grande extensão.
 - 6) A criação de um centro catequético.³¹³

Como sacerdotes autóctones tomaram a firme decisão de acompanhar o povo, em tempo da paz e em tempo de guerra, e atravessando, o povo, as fronteiras, prometeram acompanhá-lo e jamais e abandonar:

2.º – Decidimos, unânime e livremente:

- a) Nunca abandonar o povo na justa luta e na legítima reivindicação dos seus direitos.
- b) Acompanhar o povo na retirada, se na sua totalidade as populações abandonarem o Território.
- c) Falar com frequência aos cristãos, na pregação, dos seus deveres em relação à participação na vida político dos Países, à luz dos ensinamentos dos últimos Papas e do Vaticano II (*Gaudium et spes*).³¹⁴

O documento foi enviado à Secretaria do Estado Vaticano, por intermédio da Nunciatura Apostólica de Lisboa, aos missionários, às missionárias, à Igreja Local, aos emigrantes e emigrados cabindenses, nas Repúblicas Popular do Congo, do Zaire, do Gabão e às novas às Conferências Episcopais do Congo-Brazzaville, Zaire e Gabão.

As autoridades angolanas do Governo de Transição, formado pelos três movimentos de libertação (MPLA, FNLA, UNITA), sucessores do Governo Colonial, que tomaram posse no histórico dia 10 de janeiro de 1975, receberam o documento. Depois da leitura, as novas autoridades proibiram, imediatamente, a publicação do documento, no jornal *O Apostolado* da Arquidiocese de Luanda. As autoridades não só proibiram. Ameaçaram suspender o jornal, caso o documento fosse publicado. Perante esta ameaça, o documento nunca foi publicado, nem em Angola e nem em Portugal. Porém, um jornal francês fez referência ao documento intitulado carta africana.³¹⁵

³¹³ Texto datilografado. Transcrevemos o documento consoante foi redigido.

³¹⁴ Texto datilografado. Transcrevemos o documento consoante foi redigido.

³¹⁵ Cf. *Lettre Africaine*, Hebdomadaire, 25^{ème} année, n.º 11, 75, 17 Mars (Paris: 1975), publiée par Agence Parisienne de Presse, 29 Rue des Jeûners, 75.002.

À medida que se aproximava a data da independência de Angola, a situação deteriorava-se em todos os aspetos: sociais, culturais, económicos, religiosos, educacionais, políticos... O espectro da guerra aproximava-se, lenta e seguramente. A FLEC, que reivindicava a independência de Cabinda, iniciou a guerra a 8 de novembro de 1975, três dias antes da independência. A partir desta data, a guerra alastrou a todo o território de Cabinda.

A Missão do Lucula Zenze, situada na fronteira e considerada pelas tropas portuguesas como santuário da resistência, devido à realização dos Cursos *Nova et Vetera*, que veiculavam uma evangelização radicada nos valores sociais, culturais e políticos, muito afastados da política do Estado Novo, estava na mira dos soldados do MPLA, que receberam as confidências dos comunistas infiltrados nas Forças Armadas Portuguesas. Estes soldados portugueses comunistas, infiltrados, no Lucula Zenze, chegaram a afirmar que os cristãos desta Missão estavam muito politizados desde os Cursos *Nova et Vetera*. Quando a guerra atingiu a Missão do Lucula Zenze, situada a 2 km da fronteira, esta foi saqueada, vandalizada e destruída. Todos os habitantes do Lucula Zenze fugiram para a República do Zaire, atual República Democrática do Congo. Assim como a fuga de Cabinda para o país vizinho foi *dolorosa*, a permanência lá também foi *dolorosa*, assim como o regresso. A guerra prosseguia com alta ou baixa intensidade, segundo as zonas de ataque e de recuo. Depois do êxodo de Cabinda, chegou o êxodo do centro rural para o centro urbano. Este êxodo foi uma autêntica hemorragia, não somente devido à guerra, mas, principalmente, devido à fome e à carência dos géneros alimentícios.

O ensino na época colonial era exigente. Quem sabia, no exame escrito e oral, transitava para outra classe. Quem não sabia, chumbava. Na época pós-colonial, o ensino ficou totalmente desacreditado. Sabe, passa; não sabe, passa na mesma. A transição automática passou a ser lei no ensino. A escola perdeu toda a consideração como sistema de educação. Foi transformada, consciente ou inconscientemente, num turismo escolar. O aluno não se preocupa em estudar. Essa situação não é somente na Missão do Lucula Zenze, mas em todas as escolas do país.

Na era colonial, a Missão tinha um gerador, que foi sabotado pelos laráprios, e, na era pós-colonial, readquiriu novamente um gerador. As aldeias continuam como na era colonial, até aos nossos dias, com a luz do candeeiro, sem luz elétrica. O governo Provincial tem postos de luz nas aldeias. Acendem as luzes antes das eleições. Ficam apagadas depois das eleições.

A partir deste quadro, nós podemos ter a mínima ideia das mudanças que foram feitas, nestes 50 anos, a partir do fenómeno da guerra, passando pelas suas graves

consequências com a agravante do sistema político comunista, que não somente doutrinou que Deus não existe, mas criou dificuldades à Igreja a ponto de nacionalizar as suas instituições. O seminário de Cabinda foi nacionalizado a ferro e fogo... A ideologia comunista foi a fonte da destruição dos valores. Apagou o sagrado em Cabinda. Os DVD da pornografia foram postos a circular de mão em mão no seio da juventude.

No campo económico, as lojas portuguesas da era colonial desapareceram. As praças, autênticos espelhos da pobreza humana, sem nenhum controlo fiscal e administrativo, funcionam, semanalmente, em algumas aldeias, e, diariamente, noutras.

Na era colonial, um doente mental (um maluco), desde que aparecesse em público era imediatamente recolhido e tratado no hospital na secção apropriada.

Na era pós-colonial, é lamentável ver por toda a parte malucos, alguns seminus outros completamente nus, a deambular pelas ruas da cidade sob o olhar indiferente de todos e até dos próprios olhos dos profissionais da saúde. Tornou-se um espetáculo normal os malucos a divagarem pelas ruas, na era pós-colonial, o que era anormal e, praticamente, inexistente, na era colonial.

Na era colonial, vários agricultores, que comercializaram produtos do campo como o café, o azeite de palma, o cacau, o dendém e outros, chegaram a comprar carros e camiões. Na era pós-colonial, os comerciantes não chegam a comprar nenhum carro, tal é a pobreza instalada pelo sistema comunista, marxista-leninista.

A poligamia entre os adultos, depois da proclamação da independência, aumentou. As telenovelas trouxeram a lei do amor-livre sem nenhum compromisso. As filhas-mães, que não passavam de 1%, na era colonial, passaram quase para 90 %, na era pós-colonial. Não há nenhuma família em Cabinda que não tenha uma filha-mãe. A fuga à paternidade e mesmo à maternidade é uma realidade que não podemos negar.

Na era colonial um aluno ou um professor, que engravidasse uma aluna, teria de responder em tribunal e passar alguns anos na cadeia. Hoje, tornou-se normal um aluno engravidar uma aluna e tudo continua como se nada tivesse acontecido. Não há lei que possa travar tanta libertinagem no seio da juventude.

Os amigos do alheio são tão numerosos como os cogumelos no tempo do cacimbo. Quando são postos na cadeia, no dia seguinte, se não é no mesmo dia, o ladrão está fora da prisão, a saborear a sua cerveja fresquinha, em plena rua, com toda a serenidade e tranquilidade, como se não tivesse feito nada de desagradável. Perante tal realidade, o povo passou a fazer justiça por suas próprias mãos. O ladrão, que é apanhado com a boca na botija, é linchado no meio da multidão, com o olhar indiferente da própria polícia, que contempla, sossegadamente, o *belo* espetáculo, sem nada dizer.

O consumo exagerado das bebidas alcoólicas tornou-se um cancro, principalmente para a juventude, que perdeu o comboio da educação e está mergulhada no desemprego. A moeda nacional tem o cancro da desvalorização permanente.

Com o fenómeno da guerra, dificilmente encontramos uma aldeia uniétnica. Quase em todas elas encontramos pessoas de várias etnias. Da sociedade uniétnica passamos para a sociedade pluriétnica, da sociedade capitalista para a comunista.

No quadro seguinte, podemos constatar a diferença radical da comunidade cristã de Lucula Zenze, entre a era colonial (capitalista) e a era pós-colonial (comunista).

Missão do Lucula Zenze (era colonial)	Missão do Lucula Zenze (era pós-colonial)
Estrada (cidade a Lucula Zenze) terra batida	Estrada (cidade a Lucula Zenze) terra batida
Transportes Públicos – <i>Autocarros Garcia</i> , desde 1965	Transportes Públicos – Carros e Táxis particulares
Lojas portuguesas	Praças (semanalmente, aos sábados)
Missão (luz eléctrica, gerador)	Missão (luz eléctrica, gerador)
Aldeias (candeeiros a petróleo)	Aldeias (candeeiros a petróleo)
Filmes mudos – seminaristas (1936-1947)	Filmes (inexistentes)
DVDS não havia	DVDS particulares (pornográficos e de guerra)
Cinema (não havia)	Cinema (não há)
Bancos (inexistentes)	Bancos (inexistentes)
Ensino (exigente na era colonial)	Ensino (desacreditado na era pós-colonial)
Biblioteca (no escritório do P. Gabriel)	Biblioteca (inexistente)
Aldeias uni-étnicas	Aldeias pluri-étnicas
Primeiro Êxodo (1961-1965) – Guerra colonial	Segundo Êxodo (1976-1989) – Guerra pós-colonial
Êxodo do rural para o centro urbano (inexistente)	Êxodo do rural para o centro urbano (hemorragia).
Custo de vida: normal	Custo de vida: elevadíssimo, sem poder de compra
Agricultores: chegaram a comprar carros	Agricultores: não podem comprar um carro
Sistema político – capitalista	Sistema político – comunista
Doentes mentais eram tratados nos hospitais	Doentes mentais abandonados nas ruas
Missão do Lucula Zenze, em franco progresso	Missão do Lucula Zenze, completamente destruída
Lucula Zenze – Cursos <i>Nova et Vetera</i>	Lucula Zenze – sem os Cursos <i>Nova et Vetera</i>

6.4. Comemoração do 23.º aniversário dos Cursos *Nova et Vetera* (1-10-1993)

A situação na era pós-colonial, conforme acabamos de narrar, estava cheia de romances no campo político, económico, cultural, social, religioso, etc... que não conseguiremos narrar. A situação não era das melhores. Malgrado o clima pouco favorável, o padre Gabriel, os colaboradores e os cristãos da Missão do Lucula Zenze comemoraram

o 23.º aniversário dos Cursos *Nova et Vetera*, nos seguintes termos, com toda a simplicidade. Nos seus apontamentos encontramos esta nota que transcrevemos na íntegra:

Os Cursos de Iniciação *Nova et Vetera* são um processo de educação, formação para o desenvolvimento comunitário de base apostado no homem e só no homem na multiforme relação consigo mesmo, com os outros, com a natureza e, finalmente, com Deus.

Iniciei a experiência na Missão do Lucula Zenze com um punhado de homens e mulheres, que também acreditavam na possibilidade e capacidade de se fazer algo de importante e bonito na linha da humanização da terra, da vida e do próprio homem.

O Método *Inongo-nongo* (pequenos provérbios) assumido pelos cursos foi o suporte insubstituível para o êxito da excitante e exaltante experiência com o dado de alfabetização nuclear insolvente conseguida. Para quantos participaram na experiência começou a excitar nas suas vidas um antes e um depois da experiência que se estende à própria comunidade inteira e ao próprio meio ambiente.

No ano passado celebramos no silêncio e na meditação os 23 anos dos cursos de Iniciação *Nova et Vetera* iniciada no espaço humano e geográfico da Missão do Lucula Zenze no dia 1 de Outubro de 1970, agora estamos nos preparativos do encerramento.

O nosso método de alfabetização é envolvente como é envolvente a pedagogia do Método Africano *Inongo-nongo*, que bebemos junto do povo nas suas manifestações sendo envolvente, cultura e desenvolvimento.

Os Cursos de Iniciação *Nova et Vetera* foram cursos duma experiência de autodesenvolvimento comunitário de base voltado para o homem ponto de partida e ponto de chegada num desenvolvimento que se quer autêntico. Durante os quatro anos não só cresceu, mas floresceu e deu frutos que 30 anos depois não obstante o destino trágico.

Não obstante o curto espaço de tempo de funcionamento deixou marcos indeléveis nos homens e mulheres, que nela se envolveram, devendo afirmar-se com justiça, que abriu novos horizontes aos horizontes antigos para não pouca gente, ávida de ser mais. As convulsões históricas e sociais, que surgiram, então, estigmatizadas pela violência, puseram termo a uma experiência que muito prometia pelos passos seguros que estava a dar. Mas porque, os cursos vinham envolvidos de ideias e as ideias, quando autênticas não morrem com anos volvidos, os Cursos *Nova et Vetera* não são uma nostalgia, mas uma vivência que tem acompanhado as gerações, que os viveram outros tempos apesar da força moral espiritual e física.» (1 de Outubro de 1993.)³¹⁶

6.5. Comemoração das Bodas de Prata dos Cursos *Nova et Vetera* (10-8-1995)

Na comemoração das Bodas de Prata a situação não melhorou. O sistema político, que estava em vigor era o comunismo, embora o Muro de Berlim, erguido em 1961, que o simbolizava, tivesse caído a 9 de novembro de 1989. Malgrado todo o ambiente pouco agradável à religião, as bodas de prata foram comemoradas consoante podemos ler na seguinte crónica:

Os C. I. *Nova et Vetera* nasceram no espaço físico e sócio-cultural do Lucula Zenze, sobre o impulso de um dos seus filhos na pessoa do padre Gabriel Nionje Seda (Mpelo Cimpepele), no dia 1 de Outubro de 1970, já com 25 anos, uma expe-

³¹⁶ In Apontamentos Manuscritos...

riência apaixonante de cultura para o desenvolvimento das comunidades voltadas para o que é para acordar o homem para dizer ao homem o que é importante e bonito.

Vocacionado, na formação e educação, cultura de formação técnica e humana, ainda pode ser... a cultura como um aprender fazer e a educação com um aprender a ser ciclo de conferências como o ciclo de conferências *Semen est Verbum*. Organiza Brigada de Educação Permanente (BEP). Deu o primeiro toque... em Cabinda e mesmo para o que depois se passou a chamar inculturação. Credibilizou a cultura de fonte africana que promoveu e evangelizou para os novos tempos do «*homo festivo*». Cabinda e Sede Provincial da Delegação, 10 de Agosto de 1995³¹⁷.

6.6. Encerramento do Jubileu dos Cursos *Nova et Vetera* (1-10-1995)

Finalmente, o encerramento das Bodas de Prata:

Os Cursos de Iniciação *Nova et Vetera* celebraram o encerramento das actividades jubilares da sua fundação na Missão Católica do Lucula Zenze, com o lançamento do *Manual e Guia de Alfabetização segundo o Método Inongo-Nongo*, no dia 1 de Outubro, no Centro de Conferências de Simulambuco.

Para o evento que se quis e foi solene, veio de Luanda uma forte Delegação do Ministério da Cultura, conduzida pela Ministra da Cultura, Ana Maria de Oliveira.

No acto de lançamento que marcou o momento culminante das celebrações estiveram presentes o Sr. Arcebispo do Lubango, D. Manuel Franklin da Costa; o Sr. Bispo de Cabinda, D. Paulino Fernandes Madeca; o Sr. Governador de Cabinda, Eng. Amaro Tati; o Director Provincial do Ministério da Cultura, Sr. Francisco Anjo, que, como o leitor do *Método* e a Ministra da Cultura lideravam a mesa da presidência. Animaram o acto, elementos do Coro-Piloto *Bana Bavuvu Kietu* (Filhos da Nossa Esperança) do Zenze, o grupo coral da Fraternidade da Sé Catedral. Celebração do Encerramento do jubileu da fundação em 1970, 1 de Outubro 1995.³¹⁸

6.7. Cronologia dos Cursos *Nova et Vetera* (1970-1995)

A cronologia dos Cursos *Nova et Vetera* é uma outra página que nos ajuda a compreender a dinâmica dos cursos, desde a fundação até aos nossos dias.

1970 – 1 outubro – Fundação dos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera*. O padre Gabriel Nionje Seda, recém-chegado de prolongada estadia na Europa por razões de saúde, inicia a experiência original dos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera*.

1971 – No mês de junho de 1971, foram feitas as Celebrações do Encerramento dos C. I. *Nova et Vetera* do ano 1 (1970-1971). O presidente das celebrações foi o padre Angelino Gaspar Nanga, na altura, Superior da Missão do Lucula Zenze.

³¹⁷ In Apontamentos Manuscritos...

³¹⁸ In Apontamentos Manuscritos...

1972 – No mês de junho de 1972 foram feitas as Celebrações do Encerramento dos C. I. *Nova et Vetera* do Ano 2 (1971-1972). O presidente das celebrações foi Sua Excelência Reverendíssima, D. Eduardo André Muaca, na altura, Bispo de Malanje.

1972 – A experiência dos C. I. de *Nova et Vetera* ganha nome além-fronteiras, a nível do continente africano e da Europa, testado o Método de Alfabetização *Inongo Nongo*.

1972 – 12 dezembro – Avenida dos Participantes dos C. I. *Nova et Vetera*:

... O orientador-coordenador, Mestre Paulo Mbatshi, da *Secção de Agricultura e Pecuária dos C. I. Nova et Vetera*, deu início aos trabalhos de alinhamento da futura *Avenida dos Participantes*, que ficará atrás do *Mercado dos C. I. Nova et Vetera*, paralela à estrada, digo, ao caminho do Lucula, e na qual todos os orientadores-coordenadores vão plantar árvores de fruta. Também cada curso plantará na referida Avenida uma árvore de fruta comemorativa.

Em nome do Secretariado Nionje Seda plantou uma árvore de fruta-pão e uma tangerineira em seu próprio nome. O orientador-coordenador Carlos Maria Peso plantou uma abacateira e o Orientador-coordenador, Mestre Paulo Mbatshi, uma laranjeira.

1972 – 17 dezembro – Recolha dos Géneros Alimentícios para os C. I. *Nova et Vetera*. À tardinha a *Orquestra e Coro «Bapeuple Munkembo» (O Povo na Alegria)*, com alguns responsáveis dos *Cursos de Iniciação Nova et Vetera* saiu para Santo Eugénio para a recolha de feijão que vem fazendo há quatro domingos atrás, recolha que hoje chega ao seu termo, depois de percorridas, de casa em casa, as quatro aldeias dos arredores da Missão: S. Miguel, S. José, S. João e Santo Eugénio. O feijão recolhido, cerca de cem quilos, destina-se metade para o Internato da Missão, a outra metade para a *Secção da Culinária dos C. I. Nova et Vetera*. É uma iniciativa dos C. I. *Nova et Vetera*, começada há um ano, e que vem sendo bem acolhida pelo povo, que, nesta altura, fez já a sua colheita de feijão.

1972 – 30 dezembro – O Reverendo Cónego Próspero Puati seguindo o exemplo doutros participantes plantou na referida avenida a sua tangerineira como símbolo. Terminaram as atividades extraordinárias e educativas dos C. I. *Nova et Vetera* que, desde a última terça-feira, 26, vêm sendo orientadas e coordenadas pela Orientadora-Coordenadora extraordinária Madalena Makhaka Nzau, estudante, de Santo Eugénio. As atividades incidiam nas *Secções de Serviço Doméstico, Economia Doméstica, Higiene e Educação Sanitária*.

1972-1973 – Celebrações do encerramento dos C. I. *Nova et Vetera* (1972-1973):

Sábado 16 Junho

Dia do início das celebrações. A parte da manhã foi ocupada com os últimos preparativos. O professor Manuel Maria do Nascimento Chiotá, do Cákata, encarregado da Secção de Estética da Comissão das Celebrações, dirigiu, pessoalmente, esta manhã os trabalhos da ornamentação do local do almoço, convívio e do Mercado dos C. I. *Nova et Vetera*.

Vindos de Lândana chegaram esta manhã para as celebrações os Reverendos José Rocha Ferreira, antigo reitor do Seminário de Luanda e Ex-Superior dos Espiritanos, João de Brito Monteiro Mayamba, missionário de Lândana e o Irmão João Evangelista, também da mesma missão. Ao meio dia, chegaram, finalmente, vindos de Cabinda Irmã Maria Irene Deusdado Ferreira e Maria Alcina, trá-las o Reverendo Gaspar Nanga. A sua chegada constitui já um acontecimento. Momento de emoção! Esperávamos que a Ana Maria de Oliveira também viesse para estarmos outra vez todos presentes como nas celebrações do ano 2. Por razões várias, porém, não pode vir.

Com a presença de todos os participantes e monitores, coordenadores dos C. I. *Nova et Vetera* e de muito povo iniciaram-se as Celebrações do Encerramento das actividades educativas dos Cursos *Nova et Vetera* para o ano 3 (1972/1973) às 15h00 de hoje. Repicaram os sinos e soou o velho Khokho da missão no meio de profundo e religioso silêncio.

Sob o signo de culto da «*Responsabilidade e Competência*», as celebrações querem chamar a atenção de todos para estes dois valores de convergência do ano 3.

O programa das celebrações foi elaborado da seguinte maneira:

Sábado 16 Junho:

15h00 – Início das celebrações.

Visita às obras da futura sede dos C. I. *Nova et Vetera*.

16h00 – Inauguração da Avenida dos Participantes e do Mini Refeitório dos Cursos *Nova et Vetera*, no Mercado.

18h30 – Celebração da Palavra de Deus.

Tema da celebração: A Bíblia e o Culto da Responsabilidade e Competência.

Domingo 17 Junho:

9h45 – Início do culto dominical com procissão de entrada e Laudes.

10h00 – Concelebração Solene da Eucaristia.

Ao ofertório: entrega dos Diplomas aos participantes do 5.º e do 6.º dos C. I. *Nova et Vetera*.

Execução da missa solene das celebrações «*Lukanunu Muvuvu*» (Despedida na esperança), de G. Nionje Seda pela Orquestra e Coro «*Bana Bavuvu Kietu*» (Filhos da nossa esperança), coral piloto da Missão do Lucula – Direcção do Autor.

11h30 – Actividades recreativas.

13h30 – Almoço-Convívio (para os que se tiverem inscrito).

20h30 – Serão africano (Kimoko).

Termo das Celebrações:

Iniciadas, na hora prevista no programa, as celebrações constituíram um êxito desde o início. A seguir à visita às obras da futura sede dos C. I. *Nova et Vetera*, procedeu-se às 16h00 à inauguração da *Avenida dos Participantes* e do Mini-Refeitório. A bênção foi dada pelo Reverendo P. José Rocha Ferreira. A fita simbólica da avenida foi cortada pela Irmã Maria Irene Deusdado Ferreira e a do Mini-Refeitório pela Educadora Social Maria Alcina Martins Leitão, Orientadora-Coordenadora do Primeiro Curso para formação de orientadores dos C. I. *Nova et Vetera*. Após a abertura do Mini-Refeitório os C. I. *Nova et Vetera* ofereceram pequeno lanche aos presentes.

Às 18h30, iniciou-se a Celebração da Palavra de Deus a que presidiu o Reverendo Nionje Seda contrariamente ao previsto, o povo não participou como devia ser feita nesta celebração introdutória da celebração da Eucaristia de amanhã. Na base deste pequeno fracasso, o tempo que vai ficando cada vez mais fresco. Todavia, os alunos internos da missão, os participantes do 5.º e do 6.º curso e os missionários presentes tiveram a oportunidade de escutar mais uma vez um ambiente de festa a palavra eficaz de Deus. A responsabilidade, que pesa sobre cada homem, é a de crescer até à estatura de Cristo.

Domingo 17 – Junho:

Solenidade das celebrações dos C. I. *Nova et Vetera*. Amanheceu festivo o dia. Dia das celebrações do encerramento dos C. I. *Nova et Vetera*. Vindos de Cabinda e Lândana chegaram nas primeiras horas da manhã vários missionários e missionárias para participarem na celebração solene da Eucaristia. O povo, que também já fez deste dia o seu dia, acorreu das três zonas da nossa missão e das distantes terras de Cabinda, Lândana e Dinje de forma que à hora da missa a missão já era um mar de gente. Uma presença a traduzir o sim do povo aos ideais dos C. I. *Nova et Vetera*, que, no fundo, são os ideais do Cristianismo de Cristo.

Como estava previsto, a celebração da Eucaristia foi iniciada às 10h30 com a procissão de entrada em que tomaram parte todos os participantes, antigos e novos dos C. I. *Nova et Vetera*, estando o canto durante o percurso a cargo da Orquestra e Coro «*Soleis Festa*», da comunidade Cristã do Cunda. À entrada da igreja a procissão foi saudada com o hino «*Nova et Vetera*», música da Autoria de Francisco de Assis Peso Mbambi, executada pela *Orquestra e Coro Bana Bavuvu Kietu* (Filhos da Nossa Esperança), coral piloto da Missão do Lucula, sob a direcção de G. Nionje Seda e cantada com fé e entusiasmo por toda uma comunidade orante que já enchia o templo.

Depois de todos terem tomado lugares na Igreja, o Reverendo Gaspar Nanga, que estava a presidir à celebração, deu início às Laudes. Terminadas estas, principiou a missa com a solenidade de sempre. Finda a missa durante o qual foram entregues os diplomas a onze moças e dois moços, que participaram com proveito no 5.º e 6.º curso e o diploma de honra e louvor ao mestre Henrique Bitebe da Secção das Artes Aplicadas, exemplo, no meio de nós do culto de valores de convergência do ano 3, os valores de responsabilidade e competência, seguiu-se às 11h30 da tarde o marcado almoço-convívio em que tomaram parte cerca de cento e noventa convivas, vindos de toda a parte e de todos os meios. Para amenizar o longo tempo de almoço a Orquestra e Coro *Bana Bavuvu Kietu* (Filhos da Nossa Esperança) tocou e cantou alguns números do seu vasto repertório musical Ibinda. Nionje Seda, que leu o relatório das atividades do ano, recitou o seu poema «*Rebentou o Sol*», que foi muito ovacionado. O 2.º Anotador e subsecretário para a Cultura António Maria Ngimbi Nzati declamou outro poema do mesmo G. Nionje Seda, «*os Cansados*».

Gaspar Nanga, como encarregado da missão, durante as palavras de agradecimento aos presentes, foi felicíssimo na evocação sumária de todos os missionários, que já passaram por esta missão, desde o padre Paulo Paulus e Eugénio Bisch até aos nossos dias. Só por volta das cinco da tarde a malta se começou a dispersar.

Com o serão africano (*o Nosso Serão – Kimoko Kietu*) que principiou por volta das vinte horas e que se prolongou até às vinte e uma hora e meia, terminaram as *Celebrações do Encerramento dos C. I. Nova et Vetera*.

Alguma coisa começou a significar a experiência local de educação de base, que são os *Cursos Nova et Vetera*, iniciados em Outubro de 1970 por padre Nionje Seda, sendo encarregado da missão Gaspar Nanga, ambos do Clero Diocesano.

Ainda ficaram esta noite connosco a Irmã Maria Irene Deusdado Ferreira, de Luanda, e a Educadora Social Maria Alcina Leitão, também de Luanda, a qual tendo trabalhado connosco no ano antepassado não quis faltar às celebrações do ano ora findo, e bem assim os reverendos José Rocha Ferreira, João Mayamba e o irmão João Evangelista. Todos da Missão de Lândana...

- 1973 – 27 janeiro – Novo grupo de raparigas para frequentar os C. I. *Nova et Vetera*. Começaram as aulas. Ainda sol e calor. Antes prevenir. Nada de extraordinário na Missão.
- 1973 – 2 maio – Os carpinteiros concluíram o trabalho de colocação da sombra do refeitório dos meninos. No *recinto do Mercado Nova et Vetera* iniciaram-se as obras do depósito de géneros dos C. I. *Nova et Vetera*. O tempo parece começar a ser o do cacimbo: denso nevoeiro nas primeiras horas da manhã. No entanto, os mosquitos ainda continuam a infestar toda a zona.
- 1973 – 7 maio – Na Missão, tudo como de costume, as mesmas obras: *o refeitório e as novas instalações dos C. I. de Iniciação Nova et Vetera*.
- 1973 – 11 maio – Os pedreiros aprontaram os alicerces da futura sede dos C. I. *Nova et Vetera*. Dia de sol ardente. Ameaçou chuva que, entretanto, não chegou a cair.
- 1973 – 19 maio – Sábado – Casamento de uma das Alunas dos Cursos *Nova et Vetera*
Casamento de Amélia Matombe com Calixto Passi, ambos do Santo Eugénio. A noiva, *participante dos Cursos Nova et Vetera, participou no segundo curso*. Os *Cursos de Iniciação Nova et Vetera* quiseram celebrar e celebraram com a solenidade de sempre este dia de uma das suas participantes. O casamento realizou-se dentro da Missa das 10 horas da manhã, cantada pela Orquestra e Coro *Bana Bavuvu Kietu* (Filhos da Nossa Esperança), antiga *Orquestra e Coro Bapeuple Munkembo (O povo em júbilo)*. Presidiu à concelebração solene da Eucaristia, o Reverendo Gaspar Nanga, que oficiou o ato. A direção da orquestra esteve a cargo de Nionje Seda. Terminado o ato religioso, os *Cursos Nova et Vetera* ofereceram aos nubentes e familiares um lauto copo de água no mercado *Nova et Vetera*, findo o qual seguiu para Santo Eugénio o cortejo do casamento. Na sua beleza um dia diferente dos outros dias.
- 1973 – 19 junho – Gabriel Nionje Seda passou o dia na pequena povoação de Chibula Ngunga (Chiobo) em serviço de ministério. Regressou à noitinha na carreira. O mestre Henrique Bitebe com o seu pessoal continuou com os trabalhos do futuro *Mini-refeitório dos C. I. Nova et Vetera*, no mercado a ser inaugurado nas primeiras celebrações do encerramento dos mesmos cursos.

1973 – 17 julho – Chegou esta tarde vindo de Cabinda no carro do nosso amigo Manuel Dembi, de Cabinda, o reverendo Gaspar Nanga regressado há dias de Luanda.

Chegou também o convite oficial da Comissão das Festas do Centenário da Missão de Lândana para a Orquestra e Coro *Bana Bavuvu Kietu* (Filhos da Nossa Esperança) – Coral Piloto da nossa Missão, para cantar na concelebração solene da Eucaristia do dia do Centenário em Lândana.

Uma vez aceites as condições, que a *Orquestra e Coro Bana Bavuvu Kietu* (Filhos da Nossa Esperança) pôs, a saber, cinco mil escudos à disposição, além de transporte, refeições e dormida, não há agora outra hipótese se não preparar a ida.

1973 – 21 julho – Vindos das suas aldeias, estão hospedados, aqui, na Missão à conta do Grupo Coral «*Bana Bavuvu Kietu*» (Filhos da Nossa Esperança) todos os elementos da orquestra e coro para o ensaio da Missa e dos cantos. Fazem parte do grupo alguns catequistas, ex-alunos da Missão e também algumas raparigas. Os elementos dos arredores da Missão só vêm para os ensaios que são dois por dia: um de manhã e outro à tardinha.

Um grupo de costureiras e alfaiates trabalhou hoje todo dia no telheiro do «*Mercado Nova et Vetera*» na confeção das roupas da Orquestra e do *Coro Bana Bavuvu Kietu* (Filhos da Nossa Esperança).

1973 – 21 julho – Hoje, graças à presença de todos os elementos da Orquestra e Coro *Bana Bavuvu Kietu* (Filhos da Nossa Esperança), que se está a preparar para cantar na próxima quarta-feira, 25, na concelebração solene da Eucaristia, em Lândana, a nossa celebração da Eucaristia das 9h30 pode ser e foi solene. Na ausência do Reverendo Gaspar Nanga que foi celebrar ao Chinguili, Nionje Seda presidiu à primeira e a segunda Eucaristia.

1973 – 23 julho – Último dia de ensaio do grupo coral que vai cantar em Lândana, uma vez que parte amanhã por volta das 9 horas. O ensaio da tardinha foi para ultimar as coisas, um ensaio mais de pormenores que doutra coisa.

Nos ensaios destes três dias tendentes a preparar o grupo têm sido valiosos colaboradores do responsável pelo grupo o Reverendo Gabriel Nionje Seda, o antigo seminarista Marcelino Luemba Tubi, o seu irmão Barnabé Lelo Tubi, ainda hoje seminarista e o estudante finalista da Escola do Magistério de

Cabinda Pascoal Bacambana, todos eles entusiastas elementos da Orquestra e Coro *Bana Bavuvu Kietu* (Filhos da Nossa Esperança).

1973 – 24 julho – Chegaram por volta das 9 horas da manhã duas berliets destinadas ao transporte do grupo. Saíram quase dez horas quando os carros arrancaram para Lândana. Tinha principiado a festa. Além dos 50 elementos do coral foram mais de 30 pessoas interessadas em assistir a ordenação sacerdotal do diácono Fernando Henrique Ferreira Pinto, prevista também para amanhã. Nionje Seda seguiu com o grupo. Gaspar Nanga, que ainda fica na Missão, partiu também à tarde para o mesmo destino.

1973 – 25 julho – No Centenário da Missão de Lândana – Lucula Zenze cantou!

Festa de S. Tiago e primeiro Centenário da Missão de Lândana. O dia foi saudado com a salva da praxe: 21 tiros: sacerdotes, irmãos e irmãs, cristãos vindos de Cabinda, de Ponta-Negra, (Congo Brazzaville), Luanda, Malange, Lisboa, e de todos os recantos do Concelho do Cacongo (Lândana), não esquecendo o Maiombe e Lucula Zenze formaram logo de manhã no recinto da missão a maior multidão de sempre, impugnada da mística do dia. Lândana na sua pequenez chegou a parecer pouca para receber tanta gente. Às 10 horas, sob a presidência do Senhor Arcebispo de Luanda, D. Manuel Nunes Gabriel, principiou a procissão da entrada que culminou com a concelebração solene da Eucaristia em que tomaram parte 26 presbíteros e no decorrer da qual foi ordenado o novel presbítero Fernando Henrique Ferreira Pinto. Presentes ao soleníssimo acto, todas as autoridades do Distrito de Cabinda e o povo em número que é difícil de calcular. O belo local escolhido para a concelebração da Eucaristia, o frontispício dos Paços do Concelho de Cacongo ainda em construção, deu mais realce ao acto.

O canto esteve a cargo da *Orquestra e Coro Bana Bavuvu Kietu (Filhos da Nossa Esperança)* – o *Coral Piloto da nossa Missão* –, que parece ter tocado e cantado como nunca, segundo a opinião de muitos, inclusive a dos que acompanharam a cerimónia pela Rádio. A propósito: a transmissão da cerimónia litúrgica esteve a cargo de três emissoras, a Emissora Oficial, a Rádio Ecclesia, de Luanda e a Rádio Clube de Cabinda. Desta forma os que não tiveram a oportunidade de estar presente ao acto puderam seguir o desenrolar da soleníssima cerimónia pela voz da rádio.

Através da Orquestra e Coro *Bana Bavuvu Kietu* (Filhos da Nossa Esperança), a Missão do Lucula, filha predilecta da Missão de Lândana, como escreveu o padre Alberto Rihel, Superior em exercício desta na carta convite que dirigiu ao grupo coral, rezou em Lândana, como uma filha ao pé da mãe nesse dia de acção de graças da Missão-Mãe.

Na véspera, o povo de Lândana fez um rico cortejo de oferendas a favor da missão. Toda a noite, dançou-se e cantou-se no recinto da missão, em exhibições do folclore da nossa terra».

Depois do almoço o grupo partiu de regresso para o Lucula nos mesmos carros que o transportou ontem. Viagens sem incidentes tanto na ida como na vinda. Nionje Seda voltou a acompanhar o grupo. Gaspar Nanga ficou ainda em Lândana.

1973 – De 5 a 10 de dezembro – Eng. Flávio Alves Ereio Delgado, Agente Agrícola, orientou os trabalhos de instalação do Campo Experimental de Agricultura e Pecuária dos *Cursos Nova et Vetera*, Centro de Lucula Zenze, Cabinda) de 5 a 10 de dezembro de 1973. E é, atualmente, Técnico e Orientador-

Coordenador Extraordinário da Secção da Agricultura e Pecuária dos Cursos *Nova et Vetera* – Centro de Lucula Zenze, Cabinda.

1974 – 21 janeiro – Dia sem novidades. Sol, calor e à tardinha, chuva e vento, o dia 21, festa de Santa Inês. Recomeçaram as obras da futura sede dos Cursos *Nova et Vetera*.

1974 – 24 janeiro – Como factos dignos de nota neste dia temos a visita da PIDE /DGS à tarde.

1974 – 11 fevereiro – Houve hoje de manhã na nossa igreja missa cantada de *Requiem* pela alma da falecida tia do Reverendo Gabriel, Eugenia Kuesse Seda, cantou-se em primeira audição a nova missa composta pelo Reverendo P. Gabriel, intitulada «*Missa mi batuama*»: missa dos que nos procederam na vida, na fé e na eternidade. O salmo responsorial, «*Va Katika liyenga*» (*De profundis*), também hoje, cantado em primeira audição é da composição do catequista-enfermeiro Carlos Maria Peso de Santo Eugénio. A «*missa mi batuama*» pretende preencher a lacuna duma missa apropriada para a celebração da Eucaristia pelos defuntos, em substituição da antiga missa de *requiem em latim*, que o povo nunca entendeu. A composição muito simples na sua estruturação, fê-la o autor em tom menor da música africana, quase na mesma linha doutra sua composição a «*Missa Lukanunu Muvuvu*» (*Missa Despedida na Esperança*), que ficou a ser a missa solene de sempre, a missa das celebrações.

1974 – 25 abril – Queda do Estado Novo em Lisboa (Portugal) – Tudo como de costume. Mas o assunto do dia é o golpe do Estado, em Lisboa. Há 44 anos, é que se não verificou isto, 1926. António de Spínola, Chefe da Nação. Que expectativa! Que perspectivas no futuro do novo chefe da nação portuguesa! À tarde, houve visitas, os Polícias!

1974 – 29 abril – Comentários sobre a Queda do Estado Novo em Portugal. Dia de cansaço. O mesmo ambiente de curiosidade sobre os acontecimentos de Lisboa. Hoje saíram 3 decretos-lei, entre eles: a criação do Feriado Nacional, no dia 1 de maio, dia do trabalhador, a extinção da PIDE/DGS, salvo erro criada em abril de 1957! «*Sine commentu*»! À tarde, A. Nanga foi buscar um doente no Macanga Grande. Tudo já cheira a cacimbo.

1974 – 4 agosto – Dia do Senhor. Dia de alegria. Dia da visita dos *Legionários de Cabinda* a esta Missão. Primeiro, dia do nevoeiro, portanto, frio. A primeira missa, na mesma hora. A pedido dos legionários de Cabinda, só se devia começar a segunda missa, depois da chegada deles. E assim, esperou-se até às 10h30, hora em que a começámos. Muita gente, e é primeiro Domingo do Mês, portanto, dia de «*makaba solene*» (*ofertório solene*), facto que fez com que a Missa acabasse às 12h30. Por volta da 1 hora, chegou o machimbombo de Cabinda. Eram os Legionários, quase uma centena deles. Depois dos cumprimentos, preparar as mesas. Traziam tudo: comida, bebida e talher. Os legionários de Lucula, irmanados no mesmo ideal, ofereceram dois leitões, pratos de saca folha e três grades de cerveja. O almoço de confraternização decorreu, realmente, num ambiente fraterno. Comeu-se e bebeu-se. A pedido, dos visitantes, A Nanga teve de cantar uma terceira missa, às 16h30. A Orquestra local exibiu-se mais uma vez.

1974 – 05 outubro – O Coro e Orquestra *Bana Bavuvu Kietu* (Filhos da Nossa Esperança), na Missão Católica de Cabinda, Imaculada Conceição, a convite do padre Alberto da Silva Camboa, missionário espiritano, português, superior da Missão.

1995 – 1 outubro – Os Cursos de Iniciação *Nova et Vetera* celebraram o encerramento das atividades jubilares com o lançamento do *Manual e Guia de alfabetização segundo o Método Inongo-Nongo*, no dia 1 de outubro, no Centro de Conferências de Simulambuco.³¹⁹

Conclusão

Apesar da transição do sistema capitalista para o comunista, o padre Gabriel e os colaboradores comemoraram as bodas de prata dos Cursos *Nova et Vetera*, em 1995, no clima bélico. No 1.º dia do mês de outubro do ano 2020 deveríamos ter comemorado os 50 anos das Bodas de Ouro. Porém, a pandemia da Covid-19 não nos permitiu realizar tal evento. Tendo em consideração a importância dos Cursos *Nova et Vetera*, na história da Missão do Lucula Zenze, em particular, e da Diocese de Cabinda, em geral, tomámos a decisão de comemorar as bodas de ouro, durante um ano (2020-2021).

³¹⁹ In Apontamentos Manuscritos...

CAPÍTULO 7

VIDA DO FUNDADOR DOS CURSOS *NOVA ET VETERA*

Introdução

O nosso caminho da investigação sobre os Cursos *Nova et Vetera*, desde a fundação até à comemoração das bodas de prata, foi longo. Ficamos a conhecer melhor o que foram os Cursos *Nova et Vetera*. Porém, falta-nos um dado importante. Este dado é a biografia do fundador dos cursos, a fim de enriquecermos os nossos conhecimentos. Por esta razão, dedicamos todo o sétimo capítulo ao estudo do itinerário biográfico daquele que fundou os Cursos *Nova et Vetera*, pois, não se pode compreender uma obra sem conhecer o autor da obra.

7.1. Da Missão do Lucula Zenze até à ordenação sacerdotal, em Luanda (1943-1962)

7.1.1. Nascimento na aldeia de Chindende (17-3-1930)

Gabriel Nionje Seda, filho de Francisco Nionje e de Isabel Mpemba, nasceu a 17 de março de 1930, na povoação de Chindende. Teve cinco irmãos, dentre os quais um irmão e quatro irmãs. O irmão e as quatro irmãs casaram pela igreja.

7.1.2. Seminários do Lucula Zenze, Cabinda, Malanje e Luanda

Gabriel Nionje Seda iniciou os seus estudos com 10 anos de idade, tendo ingressado no Internato da Missão de Cabinda, atual Paróquia Imaculada Conceição, onde fez a iniciação em 1943. Passou pelo Seminário do Lucula Zenze, durante um triénio (1944-1947). Concluiu os estudos primários, no Seminário de Cabinda (1947-1948). Transferido para o Seminário de Malanje, fez com toda a normalidade o 1.º Ano (janeiro-julho 1949), o 2.º Ano (janeiro-julho 1950) do Ciclo Preparatório e o 3.º Ano do Ciclo Liceal. Aqui, devemos assinalar de imediato que, quando começou a estudar, em 1943, o ano começava no mês de janeiro e terminava no mês de julho do mesmo ano. *Quando o seminarista Gabriel frequentava o 4.º Ano dos Liceus foi obrigado a interromper os estudos por ordem dos médicos, durante um ano escolar (janeiro-julho 1952).* Foi assim que houve dois anos escolares, em 1954. Fez o 4.º ano (janeiro-julho 1953), o 5.º ano (janeiro-julho 1954) e o 6.º ano (outubro 1954- julho 1955), no Seminário de Malanje.

Depois de ter concluído as Humanidades, no Seminário de Malanje, foi transferido para o Seminário de Luanda, onde fez o Ciclo de Filosofia (1955-1957). *Na frequência do 3.º Ano de Filosofia, o seminarista Gabriel teve que interromper pela segunda vez os estudos por ordem dos médicos, devido ao delicado problema da saúde durante um ano escolar (1957-1958).* No ano seguinte, regressou ao seminário, e completou o Curso de Filosofia (1958-1959). Portanto, o seminarista Gabriel teve dois anos de estágio na sua aldeia natal (janeiro-julho 1952) e outubro-julho (1957-1958). Durante os dois anos de estágio, que passou na sua aldeia natal, o enfermeiro Carlos Maria Peso (1927-2013), diariamente, saía de bicicleta da aldeia de Santo Eugénio à aldeia do Chindende, uma distância de 7 km, para lhe aplicar injeções dos medicamentos oferecidos por Dr. Strangwei, que se encontrava no Hospital de Chivinguiro (quase 2.000 km), no Sul de Angola.

Nesses dois anos letivos (*janeiro-julho, 1953; e outubro-julho 1957-1958*), em que o seminarista Gabriel foi, expressamente, proibido pelo seu médico de tocar num livro, aproveitou para beber os conhecimentos da cultura tradicional do seu povo, nas sessões culturais e em todas as cerimónias tradicionais. Esta escola tradicional, que poderíamos designar impropriamente por «*universidade popular*», o seminarista Gabriel apreciou-a, estudou-a e continuou a apreciá-la e estudá-la, ao longo da sua vida, antes e depois da sua ordenação sacerdotal.

7.1.3. Mestres na Formação Sacerdotal do Padre Gabriel

Os homens que muito o ajudaram na sua formação sacerdotal e nas suas preocupações foram os seus inolvidáveis mestres: nas *Humanidades*, Eduardo André Muaca (1924-2002) e Vicente José Rafael (1922-2017), sendo este último que muito o entusiasmou para o sacerdócio; na *Filosofia e na Teologia*, Manuel Franklin da Costa (1921-2003), bispo diocesano, que, na política, é duma finura extraordinária, Joaquim da Rocha Pinto de Andrade (1926-2008), sacerdote diocesano, Pedro Luís Scarpa (1925-2018), missionário capuchinho italiano, homem que sempre admirou, no capítulo da mística, e Adalberto de Postioma (1927-2011), missionário capuchinho italiano, africanista com quem solidificou a sua experiência e conhecimento, através das longas reflexões sobre a cultura e filosofia africanas. Os contactos com este africanista, que foi expulso pelo governo colonial português, em 1961, por ter defendido a causa da independência de Angola, decorreram, precisamente, quando era professor das Humanidades, no Seminário de Luanda (diocesano) e no Seminário de Luanda (capuchinho).

7.1.4. *Literatura Universal preferida pelo Padre Gabriel*

Aos marcos vivos, que bastante o influenciaram na sua formação, não podemos deixar de acrescentar as obras dos imortais, que foram e são objeto da sua delícia: *no Humanismo*, Antoine de Saint-Exupéry, de que muito se tem falado, Albert Camus, *D. Camilo e Pepone*, Léopold Sedar Senghor, Mahatma Gandhi, Martin Luther King; *na Literatura*, Jorge Amado, Richart Wright; *na Poesia*, Nicollas Guillen, Martinez Llhorca; *na política*, o homem de Estado Ho-Chi-Min; *na Filosofia*, Frederich Nietzsche, Miguel de Unamuno, Hercoviski; *na Teologia*, Tertuliano, Santo Agostinho, S. Tomás de Aquino, Teilhard de Chardin, Yves Maria Congar; *na Música*, o célebre Beethoven, Mozart, Tchaikovisk, Duque de Heillington, Luís Armstong... O padre Gabriel lia livros e biografias de escritores, políticos, filósofos, teólogos, músicos...

7.2. Da ordenação sacerdotal à docência, nos Seminários de Luanda (1962-1966)

7.2.1. *Ordenação sacerdotal na Catedral de Luanda (1-7-1962)*

Depois de ter concluído os estudos filosóficos e teológicos, foi ordenado presbítero aos 32 anos de idade, já com grande experiência na escola do sofrimento e da angústia humana, a 1 de julho de 1962. Foi ordenado no ano em que começou o Vaticano II. O Concílio, convocado pelo Papa João XXIII (1959-1963), foi encerrado pelo Papa Paulo VI (1963-1978). A abertura, em 11 de outubro de 1962 e o encerramento em 1965. Era o vigésimo primeiro concílio ecuménico. Os anos do concílio e pós-conciliares foram anos de uma tormenta: seminários e conventos esvaziados, sacerdotes pedindo a redução ao estado laical, clima vozeando velhas e novas heresias, clima de contestação e desobediência, desconcertando fiéis, criando costumes contra a fé, renegando a sua piedade, desfazendo a moral, abusando da liberdade litúrgica, formando grupos de pressão com a bênção e o apoio da comunicação social. Não se pode deixar de dizer que os anos conciliares foram anos de uma grande tormenta de agitação no interior da própria Igreja, com a defeção de alguns sacerdotes...

7.2.2. *Professor nos dois Seminários de Luanda (1962-1966)*

Depois da sua ordenação sacerdotal foi imediatamente nomeado professor no Seminário de Luanda (diocesano) e no Seminário de Luanda (capuchinho) em acumulação com a função de Capelão do Bairro dos Correios Telégrafos e Telefones. Recebida a provisão, o neopresbítero Gabriel entregou-se de corpo e alma às atividades académicas: preparação das aulas, nos dois seminários, correções de provas dos alunos, correções dos

exames, reuniões dos professores, reuniões dos missionários, missas no Bairro dos Correios dos Telégrafos e Telefones, encontros de oração na Legião de Maria, conferências de S. Vicente de Paulo. ... Decorridos quatro anos (1962-1966) caiu gravemente doente. Foi evacuado para a cidade do Porto a expensas do casal português, Lucas Martins e esposa, casal amigo, que conheceu desde os anos da sua formação como seminarista teólogo, nas reuniões dos membros da Legião de Maria, em Luanda.

7.3. Da Cidade de Luanda à Cidade do Porto, em Portugal (1966-1970)

Na cidade do Porto, de hospital em hospital, viveu uma nova e rica experiência no campo sanitário, religioso, cultural, político, social... Em Angola, durante a era colonial não havia televisão. Na cidade do Porto, acompanhou, através da televisão, os debates do Concílio Vaticano II. Nunca perdia os programas sobre a cultura, a política, a economia, transmitidos através da televisão... Participou em numerosas conferências. Viveu com o povo português, conquistando amizades em todas as camadas sociais. Eram numerosos os estudantes universitários que o consultavam, seja para pedir sugestões sobre a tese, seja para dar a sua opinião sobre este ou aquele tema de investigação... Nas suas horas de convalescença, sem compromissos pastorais de missas e reuniões com os agentes pastorais, lia livros. Conhecia as melhores livrarias e os livreiros da cidade do Porto. Alguns deles telefonavam-lhe para o informar sobre a chegada de um ou outro livro. Alguns dos livros proibidos pela censura da PIDE/DGS, os livreiros vendiam-lhos, clandestinamente, segundo nos confidenciou.

7.4. Da cidade do Porto à Missão do Lucula Zenze em Cabinda (1970-1976)

7.4.1. Coadjutor na Missão do Lucula Zenze (7-6-1970)

Passados quatro anos (1966-1970), na cidade do Porto, regressou para a sua aldeia natal, Chindende, em Cabinda, diminuído fisicamente, nas mãos, a ponto de precisar de ajuda de outrem para vestir e despir a roupa interior e exterior, até o casaco ou a batina, para abotoar ou desabotoar os botões, para apertar ou desapertar o cinto das calças, para calçar ou descalçar os sapatos e, até à mesa, alguém para lhe servir a comida no prato e ele próprio ajeitava-se, depois, a pegar na colher e no garfo. Sozinho não conseguia vestir-se, calçar-se, apertar o cinto, servir-se da comida para o prato... As mãos, apesar de deficientes, conseguiam escrever e tinha uma boa e linda caligrafia. Graças a Deus, tinha as pernas para andar e andava muito. Por esta razão, o povo de Lucula Zenze, como bom

observador do comportamento do ser humano, cognominou-o *Tchipepele Tchibapeuple*, que quer dizer *Borboleta do Povo*. A borboleta é um inseto que anda muito. Na Missão, quer seja no período matutino, depois da celebração eucarística, as Laudes, o pequeno almoço, quer seja no período vespertino, depois da sesta pelas 15 horas, saía e andava muito, para visitar as pessoas que ele conhecia, que sabiam a cultura tradicional, os usos e os costumes do povo, principalmente, durante as férias dos alunos. Gostava imenso de dialogar com as pessoas. No quarto, fazia a leitura, e, nos diálogos, investigava a cultura tradicional. Levava a vida sempre dependente de alguém para o ajudar e vivia à base permanente de medicamentos. Todas as noites tinha de tomar o *valium*, senão não conseguiria dormir. Em todas as viagens, levava sempre consigo a malinha de remédios. Era o seu *vademecum*.

7.4.2. Fundador dos Cursos Nova et Vetera (1-10-1970)

Quando a Missão do Lucula Zenze ficou sob a orientação dos padres diocesanos, na pessoa do padre Angelino Gaspar Nanga, em 1970, o padre Gabriel foi nomeado coadjutor. Como grande leitor, transportou consigo a sua biblioteca de uma média de 300 volumes, comprados na cidade do Porto. Foi o primeiro sacerdote na Missão com uma tamanha biblioteca pessoal. Perante o veemente pedido de uma rapariga de nome Maria do Carmo Buya, que queria apreender a ler e a escrever, excluída do ensino oficial, devido à idade avançada, sem nenhuma escola para adultos, fundou os cursos que designou *Cursos de Iniciação Nova et Vetera*, onde se aprendia a ler, a escrever, a contar e a apreciar os valores...

7.4.3. Eclosão da guerra e recuo para a aldeia de Chinsua (8-11-1975)

Com a queda do Estado Novo, em Portugal, a 25 de Abril de 1974, foi virada uma nova página na história dos povos colonizados e civilizados por Portugal. O 25 de Abril abriu a porta à descolonização. À medida que se aproximava a data da independência de Angola, a situação tornava-se cada vez mais tensa. No Enclave de Cabinda, situado entre os dois Congos (Kinshasa e Brazzaville), separado de Angola por uma banda de terra e pelo rio Congo, a FLEC reivindicava a independência separada de Angola e, deste modo, iniciou a luta armada, a 8 de novembro de 1975.

Os ataques dos soldados cabindenses da FLEC contra os soldados angolanos do MPLA provocaram a turbulência, a agitação e, principalmente, a fuga das populações de um lado para o outro. Os habitantes das aldeias da Zona Central da Missão do Lucula Zenze (S. Miguel, S. José, S. João, Fátima, S. Paulo, Santo Eugénio, Wangulo e Chinden-

de), fugiram para a aldeia de Chinsua, dentro do território da Missão do Lucula Zenze, a 25 km da fronteira.

7.5. Da aldeia do Chinsua à prisão no Batalhão da cidade de Cabinda (1976)

O padre Gabriel, na altura, único sacerdote na Missão, acompanhou as suas ovelhas, da sede missionária até à aldeia de Chinsua. A Missão ficou deserta, sem pastores e sem ovelhas. Foi nessa aldeia de Chinsua, onde o padre Gabriel foi preso a 20 de fevereiro de 1976. Quando foi preso, foi chorado por todo o povo, como se chora o filho único. Todos os cristãos sabiam, que todo aquele que era preso pelos soldados angolanos do MPLA, o único destino que o esperava era a morte. O povo ficou completamente desorientado e desmoralizado. Foi preso num sábado, por volta das 10 horas. Era um dia de um sol ardente, que queimava a pele. Os soldados angolanos do MPLA proferiam todas as injúrias e insultos contra o padre Gabriel, acusado de reacionário e colaborador da FLEC. Foi passeado de aldeia em aldeia, como um troféu, e à vista de todo o povo, apupado, cuspidor, denegrado e chicoteado. Para o aterrorizarem apresentavam-lhe os prisioneiros amarrados como se fossem macacos ou cabritos; à meia-noite, eram deitados vivos ao rio Chiloango, onde morriam sufocados e afogados. Foi uma dolorosa e longa via-sacra que ele viveu na prisão. Durante a prisão, foi muito maltratado, a ponto de pô-lo a dormir numa cela cheia de urina com interrogatórios à meia-noite. Foi libertado no dia 29 do mesmo mês e ano, graças à intervenção de D. Eduardo André Muaca, na altura Arcebispo de Luanda, junto do Dr. António Agostinho Neto, presidente de Angola. Se não fosse essa intervenção ao alto nível, estava para ser fuzilado, dada a fúria dos soldados angolanos do MPLA, coadjuvados pelos soldados cubanos, contra os independentistas de Cabinda. Era o período áureo do marxismo-leninismo em Cabinda. Foram nove dias de prisão, nove dias de um calvário com humilhações em público e na prisão.

7.6. Da prisão no Batalhão da cidade à fuga para a República do Zaire (19-3-1976)

Depois de ter sido libertado da prisão, o padre Gabriel passou a residir no Seminário de Cabinda. Os seminaristas estavam de férias junto das famílias. Um colega sacerdote visitava-o frequentemente. Os soldados angolanos rodeavam o seminário, constantemente, à procura do antigo prisioneiro, catalogado como traidor da pátria, reacionário e padre da FLEC. Apercebendo-se, após a sua libertação, de que os soldados do MPLA andavam no seu encalço, o padre Gabriel teve de fugir de Cabinda para a República do Zaire, a 19

de março de 1976, acompanhado, somente, do seu fâmulos António Ndembe Ngoma, aluno interno da Missão.

Sem sequer ter passado um mês, depois da fuga, pelas 5 horas do dia 10 de abril de 1976, os soldados angolanos do MPLA começaram a bombardear a zona da Missão do Lucula Zenze, a partir da maior montanha desta área, *Mbulu Nsoka*. O povo, acordado com o metralhar das armas, pôs-se em fuga das aldeias, de Cabinda para a República do Zaire.

Esse dia 10 de abril de 1976 não era um dia qualquer; era um domingo. Não era um domingo qualquer; era o Domingo de Ramos. Foi uma procissão de Domingos de Ramos sem ramos de palmeira, nem sacerdote, nem Missa, apenas com os embrulhos nas mãos e as crianças nos colos das mães, percorrendo uma distância de 30 a 50 km, a partir de Chinsua até às povoações de Fundo Nzobe, do outro lado da fronteira na República do Zaire.

O povo atravessou a fronteira, que é o próprio rio Lucula e o seu afluente Zenze, debaixo do troar das armas e com os helicópteros a sobrevoar o território. Foi o famoso recuo do Zenze, onde os soldados cabindenses da FLEC com as armas, umas ligeiras e outras pesadas, conseguiram escoltar uma média de 5000 a 6000 pessoas (homens, mulheres e crianças) em fuga, servindo de escudo e respondendo simultaneamente ao tiroteio contra os soldados angolanos do MPLA. O povo permaneceu, de 1976 a 1981, na República do Zaire. Foi assistido pelo ACNUR, durante três anos (1977-1980). Em 1981, começou, então, o regresso a Cabinda.

7.7. Da República do Zaire ao regresso a Cabinda (1987)

7.7.1. Reabertura da Missão do Lucula Zenze (13-1-1989)

Depois da criação da diocese de Cabinda, a 1 de outubro de 1984, por Sua Santidade, o Papa João Paulo II, os padres receberam ordens da Santa Sé para regressarem à terra natal. Foi assim que o padre Gabriel, depois de 11 anos de exílio (1976-1987), regressou a Cabinda, a 10 de dezembro de 1987. Passou dois anos (1987-1989), na cidade de Cabinda. A 13 de janeiro de 1989, recebeu a provisão para proceder à reabertura da Missão do Lucula Zenze, que estava encerrada desde a fuga da população, em 1976. A Missão ficou 13 anos (1976-1989) sem pastores e sem ovelhas e as infraestruturas completamente destruídas. No meio dos apontamentos que encontrámos nos manuscritos dos Cursos *Nova et Vetera*, o padre Gabriel descreveu a situação, na altura da reabertura da Missão:

Desde 1893, data da fundação da Missão, toda esta área passou por situações sociais muito difíceis como a da epidemia da doença do sono. As duas últimas guerras foram seguidas de êxodos da população: êxodo parcial (1961) e êxodo total (1975).

A situação desta Missão continua crítica dada a destruição total das suas infraestruturas outrora deixadas pelos missionários estrangeiros que cá trabalharam. Uma vez a Missão entregue nas mãos dos filhos da terra, em 1970, estes souberam a todo o custo gerir e proteger o património. Porém, em 1975, como se referi atrás, dada ao êxodo total da população, que não podia suportar a fúria bélica, a força governamental composta de cubanos e soviéticos, invadiu a área, tendo ocupado os nossos edifícios fazendo deles seus quartéis, e danificando todas as infraestruturas locais. Em consequência a nossa querida Missão perdeu a sua máquina de extracção de óleo de palma, a motobomba, a britadeira para coconote, todo o gado, bovino, caprino e suíno, o galinheiro, a biblioteca e o Cartório, queimando todos os registos, destruindo todas as imagens, como se pode observar o nosso Cristo mutilado do Lucula Zenze. Fácil se torna destruir, mas não é tão fácil reconstruir.³²⁰

As aldeias estavam a ser repovoadas lentamente com o regresso dos refugiados. A guerra continuava a flagelar. O povo vivia entre a aldeia e a cidade sempre à procura do melhor sítio para fugir dos beligerantes. Nas aldeias ia às lavras de mandioca, ginguba, feijão, banana, batata doce para obter de comer. Na cidade, recuava, quando havia ataques...

Foi nesse clima das autoridades voltadas contra Deus é que o padre Gabriel, imitando Noé (Gn 6,13-22), o construtor paciente, no meio de todas as dificuldades e incompreensões, se lançou na dura batalha de reconstruir a Missão. Com a ajuda dos cristãos e dos homens de boa vontade recolocou uma porta aqui, uma janela acolá, comprou uma cadeira e uma mesa para a celebração eucarística, uma cadeira e uma cama para o quarto de dormir, uma mesa para o refeitório... A partir das ruínas, lentamente reergueu as infraestruturas para a Missão ser habitável... Quando se confia a Deus, as obras da igreja não caem no fracasso.

7.7.2. Centenário da Missão do Lucula Zenze (1893-1993)

Quatro anos depois da reabertura da Missão (1989-1993), no meio da guerra, entre gregos e troianos, o padre Gabriel reorganizou a atividade pastoral pelas aldeias em reconstrução. Organizou as festividades da comemoração do *primeiro Centenário da Missão do Lucula Zenze (1893-1993)*. No ano seguinte, depois das festividades, retirou-se definitivamente da Missão, porque a sua precária saúde e a idade não lhe permitiam mais andar de aldeia em aldeia, por estradas esburacadas, celebrar a santa Eucaristia, atender as confissões, presidir aos casamentos, batizar as crianças, reunir com os catequistas, fazer planos da pastoral. Dedicou-se à recolha dos documentos dos Cursos *Nova et Vetera* salvos do dilúvio da destruição.

³²⁰ In Apontamentos Manuscritos...

7.7.3. Morte do Padre Gabriel, na cidade de Cabinda (23-7-2009)

No dia 22 de fevereiro de 2009 procedeu-se à bênção da casa das Irmãs Mercedárias, no Lucula Zenze. Seis meses depois, o padre Gabriel faleceu, a 23 de julho de 2009, com 79 anos de idade, dos quais 47 anos de sacerdócio e 11 anos de exílio na República do Zaire³²¹.

No meio dos numerosos documentos manuscritos, que investigámos, nos C. I. *Nova et Vetera*, encontrámos este belo texto, que transcrevemos, a fim de obtermos mais e melhores informações confidenciais da sua personalidade:

Não me sentei em bancos de universidade. Mas o que aprendi no Seminário de Luanda, com eminentes mestres de Ciências Humanas e Teológicas, serviu-me para a caminhada que fiz, no meio de dificuldades e obstáculos, que só os que privaram comigo de perto sabem avaliar.

O desejo de ser sacerdote nasceu-me tinha eu seis anos. Impressionara-me a vida dos padres e seminaristas, irmãos e irmãs, animados de um ideal, que aos meus olhos, afastava do comum dos homens e das mulheres, que conhecia, negros e brancos.

Não me lembro de me ter sentido combatido durante o longo caminho para o sacerdócio a não ser para proximidade que, subitamente, me mostrou no último ano de Filosofia.

Foi preciso chegar aos tempos de exílio, povoados de mentiras, ganâncias, fraude e mentiras para conhecer o inferno que viveu com os homens rasteiros e mesquinhos. A experiência dos C. I. *Nova et Vetera* que despertou as atenções.³²²

Conclusão

Com os dados biográficos do fundador dos Cursos *Nova et Vetera* chegamos ao conhecimento do autor da obra. O seu itinerário biográfico ajudou-nos a compreender mais a sua obra dos Cursos *Nova et Vetera*. Reconhecemos que o padre Gabriel foi um sacerdote dedicado à investigação da cultura do povo de Cabinda, a fim de melhor evangelizá-lo. Do berço ao túmulo levou uma cruz como doente, prisioneiro e refugiado. Amou o seu povo.

Segundo testemunhos de vários colegas de carteira e de conterrâneos, o padre Gabriel era um homem de uma inteligência rara. As suas notas eram sempre de 18, 19 e 20 valores, em qualquer das disciplinas. A média do seu certificado de Estudo foi de 17 valores.

A fim de autenticarmos a sua biografia fizemos as fotocópias de alguns dos seus documentos pessoais: Bilhete de Identidade da era colonial; *Celebret* escrito em latim e

³²¹ Os respetivos dados biográficos do padre Gabriel não fomos lê-los numa revista missionária, ou num jornal diocesano ou ainda num livro. Foi o próprio padre Gabriel, quem no-los forneceu, oralmente, a nosso veemente pedido, quando estivemos no exílio, na República do Zaire (1976-1987).

³²² In Apontamentos Manuscritos...

em português; Provisão da reabertura da Missão (13-1-1989); Certificado de Estudos do Curso de Teologia, frente e verso; Bilhete de Identidade da era pós-colonial; Passaporte da era pós-colonial. Por fim, fomos ao cemitério da Missão tirar uma fotografia ao seu túmulo. Reproduzimos todos estes documentos nas imagens dos C. I. *Nova et Vetera*.

CONCLUSÃO DA SEGUNDA PARTE

1. Segunda Evangelização da Missão do Lucula Zenze (1970-1974)

Com a passagem da Missão, das mãos dos missionários espíritanos europeus para as mãos dos padres diocesanos africanos, entramos na segunda fase de evangelização da Missão do Lucula Zenze (1970-1974). Os padres diocesanos africanos, conhecedores dos usos e costumes do povo, a que pertencem pelos laços da cultura e do sangue, implementaram os Cursos *Nova et Vetera*, em plena época colonial. A política governamental é a da portugalidade do Estado Novo (do Minho a Timor) com o selo da missionação portuguesa.

Apoiando-se na Bíblia, nos documentos dos Sumos Pontífices e, principalmente, na monumental documentação do Vaticano II, os padres diocesanos optaram pelo conjunto dos valores dos povos africanos, a fim de melhor evangelizá-los. Ensinarão o seu povo a ler e a escrever, a autocriticar-se, a saber apreciar os valores da sua cultura para despir o complexo de inferioridade, saber aceitar os valores doutras culturas, peneirando-as para rejeitar o que é negativo e aceitar o que é positivo. Nesta fase, são os missionários africanos de Cabinda a evangelizar o povo africano de Cabinda. Aqui, onde temos a missionação cabindense.

2. Alfabetização e Evangelização nos Cursos Nova et Vetera

Podemos afirmar, sem nenhuma sombra de dúvida, de que os Cursos *Nova et Vetera* foram cursos de alfabetização, evangelização, promoção social, politização (*evangelizar a política e não politizar o Evangelho*), formação humana, formação cristã, processo de educação e de formação, experiência sócio-cultural, iniciação para descoberta dos valores, espírito de atenção, educação para a mudança de hábitos, despertar para a vida, educação a partir do provérbio, educar uma rapariga é educar um povo... O objetivo fundamental dos cursos é atingir o homem.

3. Metodologia nos Cursos Nova et Vetera

Os Cursos *Nova et Vetera* funcionaram em cheio durante três anos (1970-1973). Cada ano decorreu sob um determinado signo. O signo veio a ser uma espécie de ponto de partida e de chegada para todas as buscas e experiências do ano. Naturalmente, o culto da palavra, nas celebrações, decorre sob o signo do respetivo ano.

No Ano 1 (1970-1971), o signo foi o «Valor do Trabalho». O cântico *Kioso salu sadidi kiau epi wala futulu* (*Qualquer trabalho que fizeres é deste trabalho que serás*

compensado), era cantado em todas as missas, no princípio e no fim de cada aula. Cada estrofe era meditada com um pensamento. Praticamente, a partir de cada estrofe, baseada na Bíblia, fazia-se a homilia, a partir do Valor do Trabalho, nas conferências, nas homílias e nas aulas. Os ensinamentos todos convergiam sobre o Valor do Trabalho.

No Ano 2 (1971-1972), o signo foi o «*Espírito de Serviço e Partilha*». Nas aulas, conferências, homílias era o tema fundamental.

No Ano 3 (1973-1974), o signo foi a «*Responsabilidade e a Competência*». Nas aulas, conferências e homílias era o tema fundamental.

Com esta metodologia, aqueles que não participavam nas aulas, tomavam conhecimento, nas Eucaristias, sobre o que se dizia e se ensinava nos cursos. Todo o povo de Deus estava convidado a saber discernir o que há de belo e de útil na nossa cultura e o que há de belo e de útil na cultura moderna, analisada à luz da Palavra de Deus e à luz dos documentos do Vaticano II.

No Ano 4 (1974-1975), «*ano de aterragem para uma reflexão*», o tema em preparação era «*Coragem e Perseverança*». Era a reflexão crítica e autocrítica de tudo aquilo que foi feito durante o primeiro triénio (1970-1973), antes de começar o segundo triénio (1975-1978).

Com toda a descrição, que acabamos de fazer, temos a mínima ideia sobre aquilo que foram os Cursos *Nova et Vetera*. Consoante dizia o padre Gabriel, os Cursos *Nova et Vetera* foram escritos no coração do povo do Lucula Zenze. *Nova et Vetera* é uma escola de humanização entre a Igreja e a sociedade em geral.

TERCEIRA PARTE

**OS CURSOS *NOVA ET VETERA* COMO EXPERIÊNCIA
DA INCULTURAÇÃO DA IGREJA,
NA PERSPETIVA DA RECEÇÃO DO VATICANO II,
A PARTIR DA LITURGIA
NA MISSÃO DO LUCULA ZENZE (1970-2020)**

INTRODUÇÃO À TERCEIRA PARTE

Os Padres Espiritanos (*os operários da messe*) lançaram a semente da Palavra de Deus, de 1893 a 1970, no campo da Missão do Lucula Zenze. Ali pregaram, antes do Vaticano II, seguindo as orientações dos Sumos Pontífices Bento XV, nomeadamente, a *Maximum illud* (30-11-1919); Pio XI, na *Rerum Ecclesiae* (28-2-1926); Pio XII, na *Evangelií praecones* (1-6-1951) e *Fidei donum* (15-1-1957); João XXIII, na *Princeps pastorum* (28-11-1957); e Paulo VI, na *Populorum progressio* (26-3-1967)...

O campo produziu frutos (*os cristãos*). De entre os numerosos cristãos (*dois sacerdotes diocesanos*) de evangelizados passaram para evangelizadores. Os dois sacerdotes diocesanos prosseguiram com a obra da evangelização iniciada pelos Padres Espiritanos. Também seguiram as orientações dos Sumos Pontífices, do pensamento consignado nos documentos do Vaticano II, especialmente, na Constituição Dogmática *Lumen gentium*, na Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Liturgia, na Constituição Pastoral *Gaudium et spes* sobre a Igreja no Mundo contemporâneo, no Decreto *Ad gentes* sobre a Atividade Missionária da Igreja, para mencionarmos somente estes. Pregaram e semearam a Palavra de Deus, no mesmo campo da Missão do Lucula Zenze, porém, noutra época, depois do Vaticano II (1970-1974).

Como podemos constatar o quadro histórico religioso é diferente de uma época para a outra: *antes* do Vaticano II (1893-1970) e *depois* do Vaticano II (1970-1974). Os operários da messe também são diferentes: os operários da primeira época foram os Padres Espiritanos, provenientes da Europa; enquanto os da segunda época foram os Padres Diocesanos, originários da África. Aqui, faz-nos recordar «a parábola dos operários da primeira e da última hora» (Mt 20,1-16).

À propósito deste antes e deste depois do Concílio Vaticano II, Gabriel Richi Alberti da Faculdade de Teologia de Madrid (Universidade Eclesiástica de São Dâmaso), no Colóquio do Instituto de Estudos Teológicos de Bruxelas – «*La Théologie, Identité et Pertinence*» –, a 13 de fevereiro de 2018, proferiu uma alocução que intitulou «Penser l’Église après Vatican II», explicou o significado da expressão «*après Vatican II*»:

Finalmente, a expressão *após o Vaticano II* nos oferece uma referência muito precisa e não apenas do ponto de vista cronológico. O Concílio Vaticano II constitui o ponto de referência doutrinal fundamental para a eclesiologia contemporânea e, ao mesmo tempo, pode ser identificado como o ponto de partida mais consistente para uma nova era missionária na vida da Igreja, que corresponde à descrição do nosso tempo como uma «mudança de época».³²³

³²³ Gabriel Richi Alberti, «Penser l’Église après Vatican II», in *Nouvelle Revue Théologique*, Faculté de Théologie de la Compagnie de Jésus, Bruxelles, Tome 140, 4, Octobre-Décembre, 2018, 540. (Tradução própria.)

Portanto, a expressão «*depois do Vaticano II*» marcou e marca uma época missionária, na vida da Igreja. E, aqui chegados, adentramos o tema fundamental da nossa dissertação, que é a inculturação da Igreja na Missão do Lucula Zenze, tendo como alavanca os Cursos *Nova et Vetera*, implementados *após* o Vaticano II. Da análise missionológica desta Missão (*o campo*), passando pela reflexão pastoral dos Cursos *Nova et Vetera* (*a semente*), entramos no estudo da inculturação na Teologia Prática.

O missionário belga scheutista, François Bontinck (1920-2005), que passou 52 anos na República Democrática do Congo, professor de História, na Faculdade Católica de Kinshasa, a propósito do estudo da história, antes da reflexão teológica, escreveu:

Se, segundo o ecumenista sueco Nathan Soderblom (1866-1931), arcebispo luterano de Uppsala, «a filologia é o buraco da agulha por onde todo o camelo teológico deve passar para entrar no céu da teologia», a mesma exigência metodológica pode ser formulada em relação a outra ciência auxiliar, a história. Os teólogos africanos também terão de percorrer a estreita passagem da história da cristianização do seu continente se quiserem dar uma contribuição válida ao problema da inculturação da mensagem evangélica na África hoje e amanhã. Mas o conhecimento deste passado cristão exige sobretudo o recurso – e o repetido retorno – às fontes que remontam aos próprios primórdios da evangelização.³²⁴

Depois destas reflexões preliminares, entramos no nosso tema da inculturação. Para um estudo mais aprofundado, dividimo-lo em seis capítulos: *o primeiro capítulo*, a inculturação nas teologias africanas; *o segundo capítulo*, o problema da inculturação da fé; *o terceiro capítulo*, o pluralismo dos ritos litúrgicos; *o quarto capítulo*, a liturgia na Missão do Lucula Zenze, *antes* do Vaticano II (1893-1970); *o quinto capítulo*, a liturgia na Missão do Lucula Zenze, *depois* do Vaticano II (1970-1974); e, finalmente, *o sexto capítulo*, a inculturação da liturgia, na perspectiva da recepção do Vaticano II, mediante os Cursos *Nova et Vetera*, na Missão do Lucula Zenze (1970-1974).

Nestes seis capítulos, envidamos os esforços para analisar o tema da inculturação, na Missão do Lucula Zenze.

³²⁴ François Bontinck, «En Mémoire du P. António Brásio, CSSP», em *Revue Africaine de Théologie*, Faculté de Théologie de Kinshasa, volume 13, n.º 25 (1989), 75. (Tradução própria.)

CAPÍTULO 1

A INCULTURAÇÃO NAS TEOLOGIAS AFRICANAS

Introdução

No primeiro capítulo da Terceira Parte, dedicamo-nos ao estudo do tema da inculturação nas teologias africanas. Começamos a nossa reflexão no Novo Testamento, passamos pelas grandes figuras da história missionária do século IX, como os irmãos Cirilo e Metódio, originários da Grécia e missionários entre os povos eslavos, povos, culturalmente diferentes. Depois destas grandes figuras missionárias, procuramos explorar o tema da inculturação a partir da Teologia da Salvação das Almas do século XV até ao século XVII, passando pela Teologia da Adaptação ou *Pierre d'Attente*, Teologia da Implantação, Teologias culturalistas e críticas, Teologia da Indigenização até à Teologia da Inculturação nos nossos dias.

1.1. O Pentecostes no Novo Testamento

Iniciamos o nosso estudo sobre a inculturação com a meditação da Palavra de Deus, na Sagrada Escritura. Jesus tinha prometido aos seus discípulos que não os deixaria sós – «não vos deixarei órfãos» – e que lhes enviaria o Espírito Santo (Jo 14,16-26).

Para falarmos do Pentecostes, no Novo Testamento, primeiro temos a necessidade de nos referirmos ao episódio da Torre de Babel, no Antigo Testamento (Gn 11,1-9).

No início o «mundo falava a mesma língua, com as mesmas palavras» (Gn 11,1). Quando decidiram «construir uma cidade e uma torre que chegue até ao céu» (Gn 11,4), «agora, nenhum projeto será irrealizável, para eles, vamos descer e confundir a língua deles, para que um não entenda a língua do outro (Gn 11,6-7)». O Senhor dispersou-os dali por toda a superfície da Terra (Gn 11,8).

Depois de termos lido e meditado nesta passagem da Bíblia do Antigo Testamento, passemos agora à meditação de Atos 2,1-12, no Novo Testamento. Nesta passagem, que refere o acontecimento do Pentecostes, aconteceu exatamente o contrário do que vimos na Torre de Babel:

«Quando chegou o dia de Pentecostes, todos eles estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho como o sopro de um forte vendaval, e encheu a casa onde eles se encontravam» (Act 2,2). Apareceram então uma espécie de línguas de fogo, que se espalharam e foram poisar sobre cada um deles. «Todos ficaram repletos do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem» (Act 2,4).

Acontece que em Jerusalém moravam judeus devotos de todas as nações do mundo. Quando ouviram o barulho, todos se reuniram e ficaram confusos, porque cada um ouvia os discípulos a falar na sua própria língua. Espantados e surpreendidos diziam: «Estes homens que estão a falar não são todos galileus? Como é que cada um de nós os ouve na nossa língua materna? Entre nós há Partos, Medos e Elamitas; gente da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egipto e da região da Líbia, vizinha de Cirene; alguns de nós viemos de Roma, outros são judeus ou pagãos convertidos; também Cretenses e Árabes. E cada um de nós na sua própria língua os ouve anunciar as maravilhas de Deus.» Todos estavam admirados e perplexos, e cada um perguntava ao outro: «o que quer dizer isto? Outros escarneciam e diziam: Eles estão embriagados com vinho doce» (Act 2,8-13).

No final da leitura destes versículos dos Atos dos Apóstolos podemos afirmar, sem dúvida, que a Igreja nasceu em Jerusalém, durante esse evento. Depois do Pentecostes, seguiram-se outros episódios, com semelhante pensamento, no caso de Cornélio (At 10,1-33), quando Pedro concluiu: *«De facto, agora compreendo que Deus não faz diferença entre as pessoas. Pelo contrário, Ele aceita quem o teme e pratica a justiça, seja qual for a nação a que pertença»* (At 1,34-36). Depois da análise e reflexão destas belas páginas dos Atos dos Apóstolos, o nosso olhar volta-se e centra-se agora sobre a cristandade dos primeiros séculos do Cristianismo.

1.2. Os primeiros séculos do Cristianismo

Depois do episódio de Cornélio (At 10,44-48), segue-se o Pentecostes dos pagãos, pois «Deus também concedeu aos pagãos o arrependimento que conduz à Vida» (At 11,18). É assim que termina o capítulo sobre o Pentecostes aos pagãos, o batismo dos pagãos e a conversão dos pagãos.

Os Apóstolos tiveram de debater a questão de o Cristianismo ser uma religião somente para os judeus ou se se destinava universalmente a todos os povos. Sendo um Cristianismo universal, a vivência da fé estava vinculada a uma só cultura (neste caso, a cultura judaica, a das obras da lei de Moisés, forçosamente, da obrigatoriedade da circuncisão?...). Estas questões estiveram no centro de debate, no Concílio (assembleia) de Jerusalém, no ano 50 (são muitas datas que são propostas pelos críticos), conforme nos narra o cap. 15 dos Atos dos Apóstolos. Neste Concílio de Jerusalém, o problema da obrigatoriedade da circuncisão ficou resolvido, na voz de Pedro, ao afirmar:

Então os Apóstolos e os anciãos reuniram-se para tratar desse assunto. Depois de longa discussão, Pedro levantou-se e disse: «Irmãos, sabeis que, desde os primeiros dias, Deus me escolheu entre vós, para que os pagãos ouvissem da minha boca a palavra da Boa-Nova e acreditassem.

Ora, Deus, que conhece os corações, testemunhou a favor deles, dando-lhes o Espírito Santo como a nós. E não faz nenhuma distinção entre nós e eles, purificando-

lhes o coração mediante a fé. Então, porque tentais agora a Deus, querendo impôr aos discípulos um jugo que nem os nossos pais nem nós mesmos tivemos força para suportar? Ao contrário, é pela graça do Senhor Jesus que acreditamos ser salvos, exactamente como eles» (At 15,6-12).

A leitura de todo o livro dos Atos dos Apóstolos e dos Evangelhos esclarece-nos que a salvação que Jesus nos trouxe é para todos os povos, para todas as nações, para todas as línguas, para todas as civilizações. É nessa linha de ideias, que podemos citar uma, dentre as numerosas afirmações de Cristo:

«Pregai o Evangelho a toda a criatura» (Mc 16,15); «Ide, ensinai todas as gentes» (Mt 28,19). S. Paulo corrobora na ideia de Jesus Cristo, ao afirmar, na Carta aos Gálatas: «Não há judeu nem gentio, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher: todos vós sois um só em Cristo» (Gl 3,26-28).

Na leitura pertinente do livro dos Atos dos Apóstolos, os biblistas africanos, reunidos em Ibadan, em 1984, numa altura em que a teologia e a pastoral africanas estão, profundamente, marcadas pelo tema da inculturação, D. Robert Sarah, Arcebispo de Conacry (Guiné), em nome dos biblistas africanos, disse:

Os estudiosos bíblicos africanos «desejam mergulhar os seus olhos» (1Ped 1,12) nos Actos dos Apóstolos, a fim de melhor compreenderem as realidades e experiências das jovens Igrejas de Deus. Desta forma, estão conscientes da imensa responsabilidade que têm em procurar descobrir, na Palavra, as raízes, o fundamento de cada edifício eclesial.³²⁵

Cinco anos depois (1989), D. Robert Sarah, no encontro dos biblistas africanos em Kinshasa, apresentou um estudo exegético, teológico e pastoral sobre o livro dos Atos dos Apóstolos. É um estudo muito rico, que nos ajudou a compreender a riqueza deste precioso livro do Novo Testamento, na linha da inculturação. O autor dividiu a reflexão em três partes: *primeira parte*, os Atos dos Apóstolos – Evangelho do Santo Espírito; *segunda parte*, *background* judaico da fé do Novo Testamento e Inculturação; e *terceira parte*, a Igreja como assembleia do único Povo de Deus.

Da primeira parte, extraímos as seguintes reflexões:

O livro de Actos, embora a expressão não seja inteiramente feliz, poderia ser chamado o Evangelho do Espírito Santo. O livro começa com a promessa de Cristo de um baptismo no Espírito Santo (Act 1,5), e esta promessa do Espírito condensa num programa profético todos os acontecimentos que trarão a Igreja à existência, e dá-lhe uma dimensão que rebenta as fronteiras geográficas e culturais do mundo judeu. «Mas vós ireis receber um poder, o do Espírito Santo, que descerá sobre vós; vós sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da Terra» (Act 1,8).³²⁶

³²⁵ Paulin Poucoute, *Quand la Parole de Dieu visite l'Afrique. Lecture Plurielle de la Bible* (Paris: Éditions Karthala, 2019), 100. (Tradução própria.)

³²⁶ Monseigneur Robert Sarah, «Les Actes des Apôtres et les Jeunes Églises», in *Révue Africaine de Théologie*, 13, n.º 25, 1989, 7-8. (Tradução própria.)

Não há mais necessidade de comentar esta missão recebida de Cristo, sob a impulsion do Espírito Santo. O objetivo fundamental é de testemunhar e pregar a Palavra de Deus sob a ação do Espírito Santo, a partir de Jerusalém, na Judeia, na Samaria até aos confins da Terra (At 15,8; 5,32; 4,3). Portanto, a geografia ultrapassou o mundo judeu para ir até aos confins do mundo. Nessa geografia, estão os numerosos povos da Terra.

Na segunda parte, D. Robert Sarah, comentou da seguinte maneira:

A outra dimensão que nos parece fundamental no livro de Actos é a convicção de que o Cristianismo é um acontecimento histórico. Afirmar isto é dizer que há algo que aconteceu num determinado momento, num determinado quadro sócio-cultural. Toda a pregação da Igreja primitiva se baseia na certeza de que uma história divina teve lugar, está a ter lugar e continuará a ter lugar (...).

(...) Paulo, cuja influência nas origens do Cristianismo é óbvia, foi aluno de Gamaliel I, ele próprio discípulo de Hillel e «mestre da Lei, estimado por todo o povo» (At 22,3; 5,34). Na sua Carta aos Gálatas, Paulo insiste no seu «progresso no Judaísmo, ultrapassando muitos companheiros da sua idade, pelo seu zelo transbordante pela Tradição dos nossos Pais» (Gl 1,14).

«Os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, começaram a falar em outras línguas, à medida que o Espírito lhes dava a palavra. E, segundo o relato, eles falavam nas línguas dos povos representados em Jerusalém. O padre Jacques Dupont conclui: «A lição é clara: cabe à Igreja assumir todas as línguas dos homens, todas as culturas das quais estas línguas são a expressão e o veículo. Não se trata de levar as pessoas a compreender a sua língua, mas de lhes falar a sua língua. A sua vocação impede-a de se identificar com qualquer cultura em particular»³²⁷.

Quanto ao nosso candente tema da inculturação, D. Robert Sarah, explicou-o claramente nos seguintes termos:

Qualquer inculturação autêntica deve cultivar cuidadosamente, como objetivo prioritário desejado por Cristo, a união dos corações. Esforçar-se-á por separar o povo cristão das suas contingências locais e forçá-lo-á a estar aberto e em comunhão. Neste sentido, o P. Pedro Arrupe tem razão em dizer que «toda a inculturação requer, se me é permitido dizê-lo, uma «transculturação» (ou seja, uma abertura e intercâmbio com outras culturas), que, por sua vez, requer uma «desculturação» parcial (ou seja, um questionamento de certos aspectos da própria cultura). Há também a tentação de que as riquezas da Encarnação não podem ser todas contidas numa única cultura, ou mesmo em todas as culturas da história. Apenas a Igreja Universal é o autêntico depositário de todo o Apocalipse».³²⁸

Na terceira parte, D. Robert Sarah concluiu:

Chegamos assim ao último ponto que gostaria de indicar como essencial: a Igreja como «Comunidade de Deus» e «Comunidade do Espírito». Totalmente possuída e animada pelo Espírito de Pentecostes, a Igreja experimenta-se como uma comunidade escatológica de salvação. Ela não tem outra reivindicação senão ser reconhecida como a Comunidade reunida pelo seu Messias Jesus e convocada por Ele. (...)

«Os pagãos são recebidos no Novo Povo de Deus, já não constituídos com base num *pacto* que foi fundado na Lei Mosaica, mas por um *novo pacto*, baseado

³²⁷ Sarah, «Les Actes des Apôtres...», 10-12. (Tradução própria.)

³²⁸ Sarah, «Les Actes des Apôtres...», 14. (Tradução própria.)

na Presença da Acção do Espírito Santo nos corações. Toda a iniciativa pertence a Deus e ao Espírito Santo (cf. Act 10,44; 11,12; 10,1-18).»³²⁹

Não lemos somente este biblista guineense. Prosseguimos a investigação, nesta linha da inculturação, com o padre Jerónimo Cahinga, missionário espiritano, biblista angolano, que corroborou a ideia da inculturação, nestes termos:

Para a inculturação, é muito pertinente para o missionário de hoje, ter dois exemplos do Novo Testamento, entre outros: o exemplo dos Actos dos Apóstolos e o da evangelização de Paulo. Para o grupo dos Actos dos Apóstolos, enviados a pregar a Boa-Nova do Reino, só a mensagem de Jesus deve ser anunciada aos povos pagãos, sem quaisquer outros encargos a não ser o estritamente necessário (cf. Act 15,28). Para Paulo, todos os valores culturais que permitam dialogar com a fé devem ser assumidos. A grande abertura que tinha com os judeus e os gregos (1Cor 9,20-22) nunca pôs em causa o anúncio de um só e único Evangelho (Gl 1,6-10) em toda a sua pureza. Foi essa abertura que lhe inspirou a feliz imagem da Igreja como corpo orgânico, composto de vários membros, cada um desempenhando a sua tarefa segundo aquilo que é (Rm 12,46) num espírito de mútuo respeito e complementaridade.³³⁰

Paulin Poucouta, biblista congolês, resumiu a preocupação duma leitura inculturada dos Atos dos Apóstolos, apoiando-se principalmente em At 15,1-29 do seguinte modo:

«O problema da inculturação é encontrado de diferentes maneiras no Livro de Actos. Não só vários textos assumem o princípio de uma tradução da mensagem do Evangelho nas culturas dos povos, mas o próprio autor do Livro de Actos aplica este princípio, especialmente nos discursos missionários dirigidos aos gentios. Além disso, no que diz respeito à difusão da Boa-Nova e à conversão a Cristo, podemos ver na própria estrutura do Livro de Actos uma passagem gradual do cristianismo para o judaísmo (...). Além disso, a questão da inculturação também aparece em certas distinções feitas no livro de Actos. Assim, o autor tem o cuidado de não confundir o Evangelho e a fé com a tradição interpretativa da Palavra de Deus (...) Por outro lado, mantém-se uma distinção clara entre a conversão a Deus e a adopção de um conjunto de leis ou ritos, mesmo que sejam abrangidos pela autoridade de Moisés. Estes factos literários do Livro de Actos podem iluminar as Igrejas Jovens na sua tarefa de inculturar a Mensagem de Salvação. Porque, afinal, a abertura da Boa-Nova às culturas dos povos é uma das formas tangíveis e concretas em que Deus mostrou que não discrimina as pessoas.»³³¹

Nesta perspetiva de ideias, não temos somente os casos acima mencionados. Podemos acrescentar e meditar também o caso do batismo do eunuco etíope, em At 8,26-40:

O Anjo do Senhor falou a Filipe e disse-lhe: «Põe-te a caminho e dirige-te para o Sul, pela estrada que desce de Jerusalém para Gaza, a qual se encontra deserta.» Ele pôs-se a caminho e foi para lá. Ora, um etíope, eunuco e alto funcionário da rainha Candace, da Etiópia, e superintendente de todos os seus tesouros, que tinha ido em peregrinação a Jerusalém, regressava, na mesma altura, sentado no seu carro, a ler o profeta Isaías. O Espírito disse a Filipe: «Vai e acompanha este carro.»

³²⁹ Sarah, «Les Actes des Apôtres...», 14-15. (*Tradução própria.*)

³³⁰ P. Jerónimo Cahinga, «África, a missão da esperança e a especialidade da inculturação», in *Missão Espiritana*, Revista das Circunscrições Espiritanas Lusófonas, 2002, 70-71.

³³¹ Paulin Poucouta, *Quand la Parole de Dieu visite l'Afrique. Lecture Plurielle de la Bible*, 100-101. (*Tradução própria.*)

Filipe, acorrendo, ouviu o etíope a ler o profeta Isaías e perguntou-lhe: «Compreendes, verdadeiramente, o que estás a ler?» Respondeu ele: «E como poderei compreender, sem alguém que me oriente?» E convidou Filipe a subir e a sentar-se junto dele. A passagem da Escritura que ele estava a ler era a seguinte:

Como ovelha levada ao matadouro, e como cordeiro sem voz diante daquele que a tosquia, assim Ele não abre a sua boca.

Na humilhação se consumou o seu julgamento, e quem poderá contar a sua geração? Da face da terra foi tirada a sua vida!

Dirigindo-se a Filipe, o eunuco disse-lhe: «Peço-te que me digas. De quem fala o profeta: De si mesmo ou de outra pessoa?» Então, Filipe tomou a palavra e, partindo desta passagem da Escritura, anunciou-lhe a Boa-Nova de Jesus. Pelo caminho fora, encontraram uma nascente de água e o eunuco disse: «Está ali água! Que me impede de ser baptizado?» Filipe respondeu: «Se acreditas com todo o coração, isso é possível.» O eunuco respondeu: «Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus.» E mandou parar o carro. Ambos desceram à água, Filipe e o eunuco, e Filipe baptizou-o. Quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou Filipe e o eunuco não o viu mais, mas seguiu o seu caminho cheio de alegria» (Act 8,26-40).

Paulin Poucoute, biblista congolês, comentando este episódio, afirmou:

«A passagem do encontro do etíope com o evangelista Filipe é bem conhecida. É Lucas quem nos fala disso no livro dos Atos dos Apóstolos.

Este episódio foi estudado muitas vezes em conexão com a África. Alguns fazem disso uma leitura missionária. Com efeito, o livro dos Actos evoca numerosas conversões e a extensão da Boa-Nova de que os Apóstolos devem testemunhar «em Jerusalém, em toda a Judeia, em Samaria e até aos confins da Terra» (Act 1,8). Os confins da Terra representam, por um lado, Roma, onde Paulo e Pedro anunciam a mensagem da salvação, e, por outro lado, a Etiópia, onde o alto oficial de Candace leva o Evangelho de Jesus.³³²

e, prosseguindo, sublinhou a alegria do missionário e do evangelizado e batizado:

Evangelizado, baptizado e confirmado, o etíope «continua seu caminho alegre» (Act 8,39). (...) Lucas muitas vezes estabelece um lugar entre missão e alegria. Não se trata de contentamento pessoal, mas de alegria do dom recebido e da missão a cumprir. Lucas sublinha também a responsabilidade missionária de toda a comunidade cristã. Todos os baptizados são enviados. Filipe e o etíope que foram reunidos pelo Espírito do Senhor estão agora prosseguindo, cada um por si, a mesma missão. Um evangeliza a costa mediterrânea desde Gaza até a Cesaréia marítima (Act 8,40), o outro levará a Boa-Nova da salvação à Etiópia (Act 8,39).³³³

Por fim, o nosso biblista, Paulin Poucoute, deixa uma explicação sobre a Etiópia da época apostólica:

Ora, a Etiópia de que fala Lucas designa o reino da Núbia, que hoje corresponde ao Sul do Egito e ao Norte do Sudão. O episódio da conversão do chanceler de Candace testemunha a penetração do Cristianismo na Núbia.³³⁴

O caso do eunuco etíope leva-nos a concluir que os Apóstolos não se limitaram a transmitir a Palavra de Deus em Jerusalém, na Samaria e na Galileia. Com este episódio

³³² Poucoute, *Quand la Parole de Dieu...*, 58. (Tradução própria.)

³³³ Poucoute, *Quand la Parole de Dieu...*, 59-60. (Tradução própria.)

³³⁴ Poucoute, *Quand la Parole de Dieu...*, 60. (Tradução própria.)

tem início o cumprimento da recomendação de Jesus – a de os Apóstolos irem até aos confins da Terra –, quer dizer, além-fronteiras da época apostólica.

Depois destas reflexões bíblicas, que nos confirmam claramente, que a salvação trazida por Jesus é para todos os povos, todas as línguas, todas as nações, todas as civilizações, dedicamo-nos, agora, ao estudo um tanto aprofundado de um caso muito significativo na história de Igreja: o dos dois irmãos, Cirilo e Metódio, naturais de Tessalónica (Salónica) na Grécia. Foram missionários entre os povos eslavos, culturas muito bem diferentes da cultura grega. Nós, africanos (não excluimos os outros povos), precisamos de refletir profundamente sobre este exemplar caso de evangelização, que tem riquíssimas lições para aprendermos e pormos em prática.

1.3. Cirilo e Metódio (815-885): Apóstolos dos Povos Eslavos

Na época de Cirilo e Metódio, no seio da Igreja, alguns dos seus membros defendiam que a Palavra de Deus não podia ser traduzida noutras línguas. A Palavra de Deus somente deveria ser lida e meditada nas três línguas (hebraico, latim e grego), usadas por Pilatos na inscrição que mandou apor na Cruz – «*Jesus Nazareno, Rei dos Judeus*» (Jo 19,19-20). Ficaram conhecidos por Pilatistas (Pilatos). Os dois irmãos Cirilo e Metódio surgiram, então, em divergência, pois decidiram-se pela tradução da Palavra de Deus do latim para a língua eslava. Malgrado todas as incompreensões e ataques de que foram vítimas, no próprio seio da Igreja, souberam sempre defender-se e sem desânimo. Foram a Roma apresentar o trabalho ao Papa Adriano III (884-885), e este reconheceu a evangelização levada a cabo por eles. Passados onze séculos, o Papa João Paulo II (1920-2005), que teve o terceiro maior pontificado (iniciado a 16 de outubro de 1978 e terminado a 2 de abril de 2005, com a sua morte), proclamou os dois irmãos, Cirilo e Metódio, copadroeiros da Europa. E não se ficou simplesmente pelo reconhecimento da obra dos dois irmãos santos, pois fez acompanhar a proclamação com a Carta Encíclica *Slavorum apostoli*³³⁵.

Considerando a importância desta Encíclica, que vai ao encontro do nosso tema, tomamos a firme decisão de meditá-la, sublinhando as passagens que julgamos importantes para o enriquecimento da nossa reflexão.

³³⁵ João Paulo II, Carta Encíclica *Slavorum apostoli* (2-6-1985), AAS 77(1985), 802-803, 21.

1.3.1. *Introdução*

O Papa João Paulo II apresentou, na Introdução, as razões que motivaram a escrever esta Carta Encíclica:

Com a Carta Apostólica *Egregiae virtutis*, datada de 31 de Dezembro de 1980, proclamei co-padroeiros da Europa os mesmos santos, Cirilo e Metódio (cf. SA, 1).

O documento, publicado há cinco anos, teve em vista reavivar a consciência desses actos solenes da Igreja... chegar, gradualmente, à superação, na Europa e no mundo, que divide as Igrejas, as nações e os povos (...). A terceira foi o início, precisamente, no ano de 1980 do feliz promotor diálogo teológico entre a Igreja católica e as Igrejas ortodoxas na Ilha de Patmos... No presente documento (...) desejo recordar à igreja e ao mundo os merecimentos apostólicos de ambos os santos irmãos (cf. SA, 1-2).

1.3.2. *Traços biográficos (século IX)*

Os dados biográficos dos dois irmãos Santos, Cirilo e Metódio, são assim apresentados pelo Papa João Paulo II:

«Metódio era o mais velho dos irmãos e, com toda a probabilidade, o seu nome de baptismo era Miguel. Nasceu no período que vai de 815 a 820. O mais novo, Constantino, que depois viria a ser conhecido sobretudo pelo nome de religião, Cirilo, veio ao mundo em 827 ou 828. Seu pai era um lindo funcionário da administração imperial.»

«Foram escolhidos os santos Cirilo e Metódio, que aceitaram com prontidão; pouco depois puseram-se a caminho e, provavelmente, já no ano 863, chegaram à Grande Morávia, um Estado que abrangia, então, diversas populações eslavas da Europa Central, na encruzilhada das influências recíprocas entre o Oriente e o Ocidente; empreenderam, sem tardar, no meio desses povos, a missão que haviam aceitado, à qual ambos consagraram todo o resto da vida.

Com efeito, tinham-se preparado bem para a tarefa que lhes havia sido confiada; assim, levavam já consigo os textos da Sagrada Escritura, indispensáveis para a celebração da sagrada liturgia, ordenados e traduzidos por eles em língua paleo-eslava e perfeitamente adequado à fonética daquela língua» (SA, 4-5).

Sobre esse esforço missionário junto dos Eslavos, no século IX, levado a cabo por Cirilo e Metódio, o Papa João Paulo II (1978-2005) não deixou de mencionar o Papa Adriano III (884-885), que aprovou os livros litúrgicos eslavos apresentados à Santa Sé, nessa nova língua:

Chegados a Roma, o Papa Adriano III, que entretanto havia sucedido a Nicolau I, acolheu-os com muita benevolência. O mesmo Papa aprovou os livros litúrgicos eslavos e ordenou que eles fossem depositados solenemente sobre o altar na Igreja de *Santa Maria ad Praesepe*, hoje, Santa Maria Maior, e recomendou que fossem ordenados sacerdotes os discípulos que acompanhavam os dois irmãos (cf. SA, 5).

1.3.3. *Arautos do Evangelho*

O Papa João Paulo II (1978-2005) reconheceu os dois irmãos como *arautos do Evangelho*, pelo trabalho feito na tradução dos textos da Sagrada Escritura:

Bizantinos pela cultura, os irmãos Cirilo e Metódio souberam tornar-se apóstolos dos povos eslavos no sentido pleno da palavra (...). Os dois santos irmãos dedicaram-se à difícil tarefa de traduzir os textos da Sagrada Escritura, que eles conheciam em grego, para a língua daquela estirpe eslava, que se estabelecera até aos confins da sua região e da sua terra natal. Valendo-se para esta obra árdua e singular da língua grega que dominavam e da própria cultura, eles propuseram-se como objetivo chegar a compreender e a penetrar a língua, os costumes e as tradições próprios dos povos eslavos, interpretando fielmente as suas aspirações e os valores humanos que neles havia e neles se exprimiam (cf. SA, 8).

Os dois irmãos, Cirilo e Metódio, criaram, inclusive, um novo alfabeto, que, a partir do nome de Cirilo, passou a ser conhecido por alfabeto cirílico:

Para começar, Constantino e os seus colaboradores tinham-se empenhado em criar um novo alfabeto, para as verdades que deveriam ser anunciadas e explicadas pudessem ser escritas em língua eslava e, desse modo, se tomassem inteiramente compreensíveis e assimiláveis aos seus destinatários (cf. SA, 11).

1.3.4. *Implantação da Igreja de Deus*

Um outro trabalho de harmonização litúrgica foi feito pelos dois irmãos, Cirilo e Metódio, e que consistiu na adaptação à nova língua eslava dos ricos e requintados textos da liturgia bizantina:

Sob este ponto de vista, é singular e admirável verificar que os santos irmãos, actuando em situações tão complexas e precárias, não procuravam impor aos povos aos quais deviam pregar nem sequer a indiscutível superioridade da língua grega e da cultura bizantina, ou os costumes e modos de comportar-se da sociedade mais desenvolvida, em que eles próprios haviam sido educados e que, evidentemente, continuavam a ser para eles familiares e caros. Movidos pelo ideal de unir em Cristo os novos fiéis, eles adaptaram à língua eslava os textos ricos e requintados da liturgia bizantina e confirmaram à mentalidade e aos costumes dos novos povos as elaborações subtis e complexas do direito greco-romano (cf. SA 13).

1.3.5. *Sentido Católico da Igreja*

Os dois irmãos, Cirilo e Metódio, souberam, como um pai de família, do tesouro cultural e linguístico, tirar *coisas novas* e *coisas velhas*:

Sabemos que o Concílio Vaticano II, há vinte anos, teve como principal tarefa despertar a autoconsciência da Igreja e, por meio da sua renovação interior, dar-lhe um novo impulso missionário em ordem ao anúncio da eterna mensagem de salvação, de paz e de recíproca concórdia entre os povos e as nações transpondo todas as fronteiras que ainda dividem o nosso planeta, destinado, por vontade de Deus criador e redentor, a ser morada comum para toda a humanidade (cf. SA, 16).

Todos os homens, todas as nações, todas as culturas e todas as civilizações têm um papel próprio a desempenhar e um lugar próprio no plano misterioso de Deus e na história universal da salvação (cf. SA, 16).

A mensagem evangélica que os santos Cirilo e Metódio traduziram para os povos eslavos, indo haurir sabiamente no tesouro da Igreja «*coisas novas* e *coisas velhas*» (Mt 13,52), foi transmitida mediante a pregação e a catequese, de acordo com as verdades eternas e, ao mesmo tempo, adaptando-a à situação histórica concreta (cf. SA, 20).

1.3.6. *O Evangelho e a Cultura*

Cirilo e Metódio, como pioneiros em territórios habitados pelos povos eslavos, compreenderam um modelo daquilo a que, hoje, se dá o nome de «inculturação»:

Os irmãos de Salónica eram os herdeiros não só da fé, mas também da cultura da Grécia antiga, continuada por Bizâncio. E é sabido qual a importância que reveste essa herança para toda a cultura europeia e, direta ou indiretamente, para a cultura universal. Na obra de evangelização, que eles compreenderam como pioneiros em territórios habitados pelos povos eslavos, encontra-se também um modelo daquilo a que hoje se dá o nome de «*inculturação*»: a encarnação do Evangelho nas culturas autóctones e, ao mesmo tempo, a introdução dessas culturas na vida da Igreja (cf. SA, 21).

Em seguida, a tradução dos livros sagrados, feita por Cirilo e Metódio, valendo-se da colaboração dos discípulos, conferiu eficiência e dignidade culturais à língua litúrgica paleo-eslava, que se tornou-se durante longos séculos não somente a língua eclesiástica, mas também a língua oficial e literária e, por fim, mesmo a língua corrente entre as classes mais cultas na maior parte das nações eslavas em particular, e de todos os eslavos de rito oriental (cf. SA, 21).

1.3.7. *A irradiação do milénio cristão no mundo eslavo*

Os dois irmãos apóstolos compreenderam, desde o princípio, que a cristianização dos povos eslavos não era possível sem recorrer à língua eslava, que era a língua através do qual o povo se exprimia e se comunicava:

A atividade apostólica e missionária dos santos Cirilo e Metódio, que se desenrola na segunda metade do século IX, pode ser considerada como primeira evangelização eficaz dos eslavos (...). A cristianização do povo não era possível sem recorrer à língua eslava autóctone. Somente a partir desta base é que pôde desenvolver-se a terminologia cristã na Boémia; e daí, sucessivamente, aperfeiçoar-se e consolidar-se a terminologia cristã eclesiástica na Polónia (cf. SA, 23).

A missão empreendida por Cirilo e Metódio ganhou consistência e desenvolveu-se também de modo admirável na Bulgária, principalmente, por obra dos seus discípulos, expulsos do primeiro campo de acção (cf. SA, 24).

Sem precipitação, a presença dos dois missionários marcou a reviravolta histórica no seio daquele povo da Igreja Eslava. Podemos acrescentar o seguinte:

«Os santos Cirilo e Metódio bem cedo foram reconhecidos pela família dos povos eslavos como pais do seu cristianismo, bem como da sua cultura» (cf. SA, 25).

«Mas é no terreno específico da atividade missionária que o exemplo de Cirilo e Metódio se reveste de maior validade. Esta atividade constitui, de facto, uma tarefa essencial da Igreja; e, nos dias de hoje, ela apresenta-se como urgente, sob a forma da chamada «inculturação». Os dois irmãos não só desempenharam a sua missão com todo o respeito pela cultura que já existia entre os povos eslavos, mas promoveram-na e incrementaram-na, de modo eminente e incessante, ao cultivarem a religião» (cf. SA, 26).

1.3.8. Conclusão

Carta Encíclica do Papa João Paulo II termina, convidando não somente a Igreja dos Povos Eslavos, mas a Igreja Universal, a celebrar o evento:

Convém, pois, que toda a Igreja celebre com solenidade e alegria os onze séculos que decorreram desde a conclusão da obra apostólica do primeiro arcebispo ordenado em Roma para os povos eslavos, Metódio, e do seu irmão Cirilo, evocando a entrada desses povos no cenário da história da salvação e no rol das nações europeias que, ao longo dos séculos precedentes, tinham recebido a mensagem evangélica (cf. SA, 28)³³⁶

Esta experiência mostra que a tradução é um lugar importante de inculturação. Podemos mesmo afirmar que é o primeiro momento da inculturação. A tradução tem a sua importância na liturgia, catequese e mesmo na vida sócio-política. Este exemplo da inculturação, feito pelos dois irmãos de nacionalidade grega, que foram missionários entre os povos eslavos, a ponto de merecerem uma carta encíclica, é deveras importante para dar coragem aos africanos a «reinventarem o cristianismo», parafraseando Jean-Marc Ela, e construírem um discurso teológico na linha de Óscar Bimwenyi, a fim de nos mantermos no espírito da união na Igreja católica, na diversidade e pluralidade cultural, pois um eslavo é um eslavo, um europeu é um europeu e um africano é um africano.

Nos três casos, o mundo cultural eslavo, o mundo cultural europeu, o mundo cultural africano, o valor de uma inculturação não está na cópia e fotocópia da transmissão de valores doutros povos, em nome do Evangelho, mas no de conhecermos os valores culturais de cada povo, a fim de sabermos que entidade cultural estamos a evangelizar e assim a introduzir no cristianismo.

Feito este estudo, ainda que muito sucinto, achamos oportuno refletirmos um pouco sobre o vocabulário teológico, que foi muito enriquecido com o evento do Vaticano II, o grande marco no século XX, que revolucionou toda a Igreja de Roma até à Finisterra.

1.4. A inculturação é a reinvenção do cristianismo africano

Podemos confrontar estas ideias do Papa João Paulo II, na Carta Encíclica *Slavorum apostoli*, com as afirmações de um ou outro teólogo do século XX. Começemos com o grande teólogo camaronês, Jean-Marc Ela.

Num dos seus numerosos escritos sobre o candente problema da inculturação, J.-M. Ela sublinhou:

³³⁶ Todos os subtítulos, a partir da Introdução até à Conclusão, foram tirados da Carta Encíclica *Slavorum apostoli*. Transcrevemos as passagens que achamos mais significativas para a nossa maneira de ver, na leitura deste documento do Magistério.

Reinventar o Cristianismo, para o viver com a nossa alma africana. É sempre em relação a uma realidade cultural que a Igreja se pode realizar e atualizar. Na África Negra, se a Igreja católica se contenta em reproduzir os usos romanos, ela não realiza a sua vocação. Pois, ela tem por missão essencial, graças ao dom do Espírito, inverter Babel assumindo, na sua unidade, todas as línguas.

Nesta mesma linha de ideias, Jean-Marc Ela acrescenta, no concernente à metodologia africana para vincar uma verdadeira inculturação:

Numa civilização oral, é pela conversão e pela partilha que se aprende, e nunca através da receção passiva de um «discurso». Na prática oral é necessário estar também com atenção à escuta daqueles a quem se leva a mensagem, pois, é conduzindo-os a exprimirem-se que se chega a fazê-los falar das realidades locais sobre as quais a Palavra de Deus se deveria concentrar.³³⁷

Quão profundas são as críticas metodológicas e as perspetivas teológicas do nosso teólogo, crente e humilde observador dos sinais dos tempos! Acabou de tocar na vértebra dorsal da nossa fragilidade e das insuficiências identificadas nos primeiros métodos de ação. Sem o mínimo conhecimento das línguas e dos géneros literários da Sagrada Escritura não se chega à segura compreensão da mensagem divina. De igual modo, sem o estudo ou breve aprendizagem das línguas de um povo, os resultados alcançados são superficiais. Posto que a língua é alma de um povo, é o ADN para o encontro entre as culturas e entre comunidades.

1.5. A inculturação na unidade da diversidade e pluralidade de expressões culturais

O padre José Antunes da Silva, nascido em 1957, em Maxial do Campo (Castelo Branco), membro da Congregação dos Missionários do Verbo Divino, de 1986 a 1989, missionário no Ghana (África), e, de 1992 a 2003, foi o coordenador da pastoral universitária em Guimarães, Superior-Geral dos Missionários do Verbo Divino, e debateu a questão da Teologia da Inculturação, nestes termos:

O Concílio Vaticano II, abriu caminhos para que, na Igreja, possa haver uma legítima diversidade na celebração da liturgia, na reflexão teológica e na organização institucional. A multiplicidade de expressões não põe em causa a unidade da Igreja, pois, a unidade não é mais entendida em categorias políticas ou geográficas. A unidade da Igreja é uma comunhão na diversidade e na pluralidade de expressões culturais (LG 13,23). A Igreja realiza-se na diversidade de liturgias, tradições, costumes, teologias, instituições, que nascem de acordo com os contextos sociais e culturais em que vivem as comunidades cristãs.³³⁸

³³⁷ Bénédet Bujo, «Jean-Marc Ela – Campeão de uma teologia debaixo da árvore», in *Teologia Africana no Século XXI – Algumas Figuras*, Bénédet Bujo e Juvenal Ilunga Muya (coord.), vol. II (Prior Velho: Paulinas, 2008), 196-197.

³³⁸ José Antunes da Silva, *Inculturação, Desafio à Igreja de Hoje* (Lisboa: Paulus, 1994), 42.

1.6. O vocabulário teológico

Depois da realização do Vaticano II são numerosos os termos utilizados para expressar a necessidade da compreensão da realidade das culturas, onde a Igreja exerce a sua missão evangelizadora, que foram introduzidos no vocabulário teológico: *aggiornamento*, aculturação, enculturação, adaptação, indigenização, inculturação... O conhecimento profundo deste vocabulário ajuda-nos a compreender melhor a corrente teológica de cada época.

1.6.1. *Aggiornamento*

Aggiornamento é uma palavra italiana que nos convida à atualização permanente. Estar atualizado sobre a problemática do dia a dia e não ficar agarrado ao passado, para resolver os problemas da atualidade moderna. O *Dicionário de Pastoral*, acerca do vocábulo *aggiornamento*, esclarece-nos da seguinte maneira:

O termo italiano *aggiornamento* foi usado por João XXIII para definir o «carácter fundamentalmente pastoral» do Vaticano II. Não significa uma simples adaptação, mas a penetração profunda do Evangelho na história e na realidade social na igreja. Paulo VI, na sessão pública celebrada para promulgar a Constituição sobre a Revelação e o Decreto sobre o Apostolado dos Leigos (18.11.1965), disse que *aggiornamento* equivale à sábia penetração do espírito do Concílio e à «adaptação fiel das suas normas». Contudo, *aggiornamento* significou, no começo do Concílio e durante o desenrolar do mesmo, abrir as janelas da Igreja ao mundo para se reconciliar com ele e para o servir, ou traduzir a mensagem cristã para a cultura do nosso tempo.³³⁹

1.6.2. *Enculturação*

Quanto a este vocábulo, tivemos o possível contributo dado pelo padre José Antunes da Silva. Ele esclareceu-nos acerca deste modo:

O termo *enculturação* é usado nas ciências sociais para descrever o processo de aprendizagem pelo qual todo o indivíduo se torna membro da sua cultura. A enculturação ocorre no enquadramento social específico em que a criança cresce. A família, os amigos, a escola e os meios de comunicação social são factores importantes no desenrolar deste processo, que na sua maior parte é informal e inconsciente.³⁴⁰

1.6.3. *Aculturação*

Novamente, o padre José Antunes da Silva define assim o seu pensamento sobre o assunto, e, esclarecidamente, define os conflitos culturais:

³³⁹ Cassiano Floristan *et al.*, «Aggiornamento», em *Dicionário de Pastoral* (Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1990), 26.

³⁴⁰ José Antunes da Silva, *Inculturação, Desafio à Igreja de Hoje*, 25.

A aculturação refere-se ao contacto entre duas culturas, dois sistemas, dois símbolos, valores e visões do mundo (...). A História está repleta de casos de aculturação abusiva, quando uma cultura se impõe pela força, marginalizando e, por vezes, destruindo, culturas que não têm acesso a tais recursos ou não possuem os meios adequados de defesa para fazer frente ao poderio agressor.³⁴¹

1.6.4. Cultura

Consultando o *Dicionário de Pastoral*, destacamos algumas outras linhas de compreensão, no seguinte esclarecimento sobre cultura:

A cultura, no sentido etnológico, consta principalmente de quatro elementos: língua, costumes, técnicas e valores. Entendendo cultura, na primeira acepção, todos os seres humanos têm direito a ela, e é uma exigência ética conseguir que perca a condição aristocrática que teve até agora (*GS*, 60). Entendendo-a no segundo sentido, impõe-se a necessidade do diálogo fé-cultura. A fé exprime-se sempre em determinadas categorias culturais e poderia surgir um grave problema se essas categorias não condissessem com as dos destinatários do evangelho. Isto acontece quer quando pretendemos missionar numa cultura alheia, quer quando se opera uma mudança cultural. Em ambos os casos, é preciso proceder a inculturar a fé e a evangelizar a cultura (*GS*, 58). Esta tarefa só muito parcialmente se levou a cabo com a cultura que chamamos moderna.³⁴²

1.6.5. Adaptação

No *Pequeno Dicionário de Teologia*, a definição e propósitos da *adaptação* merecem as seguintes palavras:

Esforço para ter em conta o universo espiritual do ouvinte na proclamação da mensagem cristã e, portanto, também na formulação doutrinal do conteúdo do Apocalipse, e isto de uma forma positiva e duradoura, e não apenas por uma espécie de oportunismo momentâneo que abre portas para ir contra civilizações não cristãs.³⁴³

1.6.6. Indigenização

No *Dicionário de Missiologia e Animação Missionária*, de expressão espanhola, encontramos sobre o tema o seguinte:

É uma questão de evangelização, respeitando a cultura na sua verdadeira realidade, sem diminuir o seu valor, mas também sem impedir o seu enriquecimento. A religião dentro da cultura participa nestes dois aspectos: é necessário valorizar as várias formas culturais, mas não absolutizá-las. A fé tem algo a dizer em todas as culturas. O processo de inter-relação é lento, difícil e nem sempre sem tensões, mas não só é exequível, como é a nossa missão. A fé requer o veículo da cultura, mas está acima das culturas.³⁴⁴

³⁴¹ Silva, *Inculturação...*, 25-26.

³⁴² L. Gonzalez-Carvajal, «Cultura», in Cassiano Floristán, J. J. Tamayo, J. de la Torre, A. Hortelano, *Dicionário de Pastoral* (Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1990), 158-159.

³⁴³ In «Adaptation», *Petit Dictionnaire de Théologie Catholique*, Karl Rahner (ed.), Vormgrimler, Herbert. Trad. Paul Démann e Maurice Vidal (Paris: Seuil, 1970), 14-15.

³⁴⁴ Daniel Camarero Santamaría, «Indigenización», in *Diccionario de Misionología y Animación Misionera* (Burgos – Monte Carmelo: Ed. Eloy Bueno e Roberto Calvo, 2003), 499. (*Tradução própria.*)

1.6.7. *Inculturação*

A «inculturação», no *Dicionário de Missiologia e Animação Missionária*, merece esta explanação por parte dos autores Eloy Bueno e Roberto Calvo:

O primeiro que usou este termo foi o Pe. Masson, sj., que, em 1962, publicou um artigo sobre «catolicismo inculturado». Os bispos da Ásia também o usaram em sua Primeira Assembléia, realizada em Manila, em 1974, bem como na 32.^a Assembléia Geral da Companhia de Jesus, realizada em 1975, que intitulou o 5.º decreto «Sobre a promoção do trabalho de inculturação da fé e da vida cristã». Mas foi o padre Pedro Arrupe, Superior-Geral dos Jesuítas, que lhe deu o cartão de cidadão num discurso que fez no Sínodo dos Bispos, em 1977. Naquela ocasião, ele assim o definiu:

«É a encarnação da vida e da mensagem cristã em um dado contexto cultural, de tal forma que esta experiência não só encontra expressão através dos elementos da cultura em questão, esta seria uma adaptação superficial, mas também se torna um princípio que anima, dirige e unifica a cultura, transformando-a e refazendo-a como se nascesse uma nova criação.»³⁴⁵

Paulo Cunha Matos, oferece-nos a origem da explicação sobre a carta na qual o padre Arrupe explicou detalhadamente o termo *inculturação*, na reflexão teológica:

Em 1974 a Congregação Geral da XXXII da Companhia de Jesus recomendou ao Padre Geral a promoção da «aculturação» em toda a Companhia de Jesus. Contudo, estamos em crer que a promoção, na vida e na reflexão da Igreja, do tema da inculturação, vem já dos tempos de Arrupe no Japão, da realidade que aí descobriu e aprendeu.

Em 14 de Maio de 1978, Arrupe envia a toda a Companhia uma Carta e documento de Trabalho sobre a Inculturação, onde define que «o princípio fundamental sempre válido é que a inculturação é a encarnação da vida e mensagem cristãs numa área cultural concreta, de tal maneira que essa experiência não só chegue a exprimir-se com os elementos próprios da cultura em questão (o que não seria mais do que uma adaptação superficial), mas que se converta no princípio inspirador, normativo e unificador que transforme e recrie esta cultura, originando assim “uma nova criação”».

Nesta clássica definição de Arrupe aparecem de forma nítida três elementos essenciais da inculturação: I) a dimensão da encarnação da vida e da mensagem; II) a dimensão transformante e pascal; e III) a dimensão pentecostal (re-criativa). Assim, a inculturação passou a ser usada como um termo teológico para designar a relação dinâmica entre o Evangelho e a cultura, ou seja, a troca recíproca, do Evangelho relativamente à cultura e da cultura para o Evangelho.

Diz Arrupe, na citada carta, que «não se pense, pois, que o documento que apresento se aplique apenas aos países que até agora se chamavam de missão. Aplique-se a todos e talvez mais aos que julgam não ter essa necessidade».³⁴⁶

Pedro Miguel Lamet, espanhol, nascido em 1941, sacerdote jesuíta, antigo diretor do semanário *Vida Nueva*, colaborador de diversos meios de comunicação como *El País*, *Tiempo*, *Cambio 16*, *Radio Nacional* e *Televisión Española*, escreveu uma biografia sobre

³⁴⁵ Juan Manuel Perez Chralín, «La Inculturación», in *Diccionario de Misionología y Animación Misionera* (Burgos – Monte Carmelo: Eloy Bueno e Riberto Calvo [ed.], 2003), 491. (*Tradução própria*.)

³⁴⁶ Paulo Cunha Matos, Assessor do Gabinete da Ministra da Cultura, «Pedro Arrupe: revisto e inculturado», in *Brotéria*, Cultura e Cristianismo, vol. 192, Tome 2, fevereiro 2021, 145-146.

este sacerdote jesuíta, seu conterrâneo espanhol e seu homónimo, intitulada *Pedro Arrupe, Testemunha do Século XX, Profeta para o Século XXI*. É uma biografia que se lê com muito gosto e permanente curiosidade, no intuito de melhor conhecermos esta personalidade do século XX. Transcrevemos uma passagem que muito nos sensibilizou:

A Igreja, na sua universalidade, contacta com as mais diversas culturas e isto permite-lhe abandonar formas e expressões que no passado julgou definitivas e necessárias. A mesma mensagem deve fazer-se plenamente latina, plenamente oriental, plenamente chinesa ou japonesa, etc., sem que uma cultura tenha de se impôr a outra, nem sequer para apresentar o Evangelho.³⁴⁷

José Nunes, Professor na Universidade Católica Portuguesa, esclareceu-nos muito bem sobre o termo «inculturação»:

Inculturação é uma palavra relativamente recente e talvez difícil; mas a verdade é que já se impôs no vocabulário teológico e refere-se a uma realidade bem comum e sempre vivida na história da Igreja: a relação da fé com a(s) cultura(s), num diálogo de enriquecimento recíproco – razão pela qual a Igreja, na sua missão ad gentes, há-de receber das culturas tudo o que concorra para a edificação da vida cristã, mas tratará também de propôr o Evangelho como factor purificador de toda e qualquer cultura. Estamos, assim, diante de uma «troca nos dois sentidos, do Evangelho relativamente à cultura e da cultura para o Evangelho.

E, José Nunes, no esforço de uma definição sobre a *inculturação* esclareceu da seguinte maneira:

Oficialmente, o termo «inculturação» aparece pela primeira vez no Sínodo dos Bispos de 1977, depois de intervenções marcantes do Cardeal Sin (de Manila) e do padre Arrupe, afirmando que ela é o «*enraizamento do Evangelho nas culturas humanas*». O P. Arrupe advertia, já nessa altura, para possíveis incompreensões do termo e, por isso, clarificou-o: inculturação não é simples adaptação catequética, nem condescendência ou estratégia para mostrar um cristianismo mais atraente, nem folclore, nem etnocentrismo do Ocidente. Posteriormente, também o Papa João Paulo II usou o termo (*Catechese Tradendae*, 53).³⁴⁸

E, ainda a propósito do termo, José Antunes da Silva descreveu-o do seguinte modo:

A palavra inculturação é hoje largamente utilizada em círculos teológicos e missionológicos. Livros, artigos, conferências, semanas de estudo têm sido dedicados à clarificação deste conceito e à divulgação dos seus objectivos. As autoridades competentes promulgaram orientações destinadas a promover a inculturação em diversas áreas, especialmente na liturgia e na formação dos jovens missionários.³⁴⁹

Léonard Santedi Kinkupu, Professor de Teologia no Seminário João XXIII, no seu estudo sobre *Dogma e inculturação em África*, escreveu:

³⁴⁷ Pedro Miguel Lamet, *Pedro Arrupe, Testemunha do Século XX, Profeta para o Século XXI* (Coimbra: Edições Tenacitas, 2010), 281.

³⁴⁸ José Nunes, *Teologia da Missão. Notas e Perspetivas* (Lisboa: Obras Missionárias Pontificias, 2008), 75-76.

³⁴⁹ José Antunes da Silva, *Inculturação Desafio à Igreja de Hoje*, 9.

A palavra *inculturação* tornou-se uma palavra mágica no vocabulário cristão, uma dessas palavras que encontramos em toda a parte: na eclesiologia, na missiologia, na teologia fundamental, etc. Este termo designa uma daquelas realidades eclesiais fundamentais, sempre presentes na vida do povo de Deus, mas das quais uma época se torna subitamente consciente, ajudando a dar-lhe então um relevo excepcional e uma ampla audiência, nem sempre isenta de danos para a dinamismo original deste conceito. Portanto, é importante usá-lo com cautela e definindo os contornos adequados que queremos atribuir a ele³⁵⁰

Com o esclarecimento do vocabulário teológico, estamos mais bem preparados para a compreensão das correntes teológicas, que não foram escritas de noite para o dia, mas que foram analisadas no caminho da investigação para a solução de diversos problemas humanos, sociais, espirituais, teológicos e históricos de um povo dentro da sua própria cultura, de época em época. Analisemos, brevemente, algumas correntes teológicas, a partir da Teologia das Almas do século XV, passando pela Teologia da Adaptação ou *Pierre d'Attente*, Teologia da Implantação da Igreja, Teologia da Indigenização até à Teologia da Inculturação no século XX.

1.7. As Teologias Africanas

1.7.1. A Teologia da Salvação das Almas

José Nunes, dominicano e antigo missionário em Angola, no seu livro *Teologia da Missão, Notas e Perspetivas*, escreveu:

Desde o séc. XV até ao séc. XIX, tal teologia assentava numa compreensão estreita do «fora da Igreja não há salvação». Interessava civilizar os bárbaros e baptizar os condenados à perdição. Evangelização, pouca! Respeito para com os homens, pouco; objectivamente, a missão esteve ligada ao tráfico de escravos e comércio vantajoso dos europeus; respeito para com as culturas africanas, pouco; tudo era considerado atraso, superstição, paganismo.³⁵¹

Tony Neves, espiritano português e também antigo missionário em Angola, comentou acerca da Teologia da Adaptação:

O Cristianismo entrou em África muito colado ao colonialismo, o que trouxe consequências negativas para a credibilidade da Igreja. Também foram evoluindo as concepções que a teologia católica apresentava da salvação e da missão. Depois de quatro séculos marcados pela conquista e desrespeito das culturas africanas, com a «teologia da salvação das almas», a Igreja Católica apercebeu-se de que a evangelização não ganhou raízes.³⁵²

³⁵⁰ Léonard Santedi Kinkupu, «Dogme et Inculturation en Afrique», in *Revue Africaine de Théologie*, vol. 18, n.º 35, 1994, Facultés Catholiques de Kinshasa, 66. (Tradução própria.)

³⁵¹ José Nunes, *Teologia da Missão, Notas e Perspetivas*, 43.

³⁵² Tony Neves, *Angola, Justiça e Paz nas Intervenções da Igreja Católica, 1989-2002* (Alfragide: 2012), 172.

Na sua dissertação, acerca da Teologia da Adaptação, Tony Neves mencionou três investigadores: Muanamosi Matumona (angolano), Sidbe Semporé (Burkina Faso), John Bauer (suíço) e Lázaro Messias (moçambicano), Achile Mbembe (camaronês).

Tony Neves, ao citar a obra de Muanamosi Matumona, destacou:

Diz Muanamosi Matumona: «A evangelização das terras e dos povos africanos foi pouco convincente para muita gente, que sempre a considerou como uma tentativa de imposição do «deus dos brancos» e simultâneo desprezo pelas culturas e religiões africanas» (Matumona, 2008, p. 42).³⁵³

E, ao mencionar Sidbe Semporé, frisou:

«Sidbe Semporé descreveu as consequências desta teologia da missão concluindo que os africanos eram considerados uns pobres infiéis que era urgente baptizar e civilizar, porque fora da Igreja não havia salvação possível.» (Semporé, 1982, p. 56)³⁵⁴.

E, nesta sequência, foi também citado John Bauer:

«O colonialismo denegou aos africanos a sua própria civilização e depreciou as suas tradições culturais (...). A fé cristã só podia vegetar com um cristianismo ocidental importado e de segunda mão» (Bauer 2002, p. 459).³⁵⁵

E, esclarecido o seguinte, acerca do pensamento de Lázaro Messias:

«Para se ser sensato e fazer justiça às religiões africanas, deve indagar-se como o homem africano se autocompreende e como é que ele vê o mundo que o rodeia» (Messias, 2008, p. 112).³⁵⁶

Quanto ao intelectual francófono, camaronês, Achile Membe, por fim, Tony Neves sublinhou:

«Enquanto as Igrejas aparecerem como centros de distribuição de produtos simbólicos fabricados no estrangeiro, elas sofrerão, da parte dos autores africanos, uma utilização instrumental, mas nunca suscitarão uma verdadeira adesão à sua proposta» (Mbembe, 1988, p. 197).³⁵⁷

Depois de Achile Mbembe, é deveras interessante lermos o pensamento de outro grande teólogo do século XX, Meinrad Pierre Hebga, nascido em 1928, em Edéa (Camarões), sacerdote jesuíta, a propósito da Teologia da Salvação das Almas, quando afirma:

«A missão herdada do séc. XIX apresenta-se, essencialmente, como uma obra de implantação da Igreja em solo africano. Os africanos são percebidos como «almas» a converter, a conquistar. Apesar de certos conselhos ajuizados, de respeito pela «alma africana» e dos esforços louváveis de numerosos missionários por conhecerem a língua e os costumes locais, a evangelização encontrava-se marcada por esta teologia da implantação da Igreja e da salvação das almas. Para salvar os africanos,

³⁵³ Neves, *Angola, Justiça e Paz...*, 172-173.

³⁵⁴ Neves, *Angola, Justiça e Paz...*, 173.

³⁵⁵ Neves, *Angola, Justiça e Paz...*

³⁵⁶ Neves, *Angola, Justiça e Paz...*

³⁵⁷ Neves, *Angola, Justiça e Paz...*

era necessário transpor, para África, a Igreja da Europa ou da América, com as suas estruturas, modos de pensar, ritos...»³⁵⁸.

Todos estes comentários dos vários teólogos ajudam-nos a compreender o significado da Teologia da Salvação das Almas, desde a sua implementação, no século XV até aos nossos dias, no século XXI.

1.7.2. *A Teologia da Implantação da Igreja*

A propósito da Teologia da Implantação da Igreja, socorremo-nos da seguinte reflexão teológica:

Em finais do séc. XIX e princípios do séc. XX aparece uma nova estratégia e um novo pensamento missionário, escreveu o Frei José Nunes. Trata-se de plantar, em África uma(s) Igreja(s) como no Ocidente: boa e organizada hierarquia (clero nativo), bons métodos (Catecismo de Pio X), boas obras (missões cheias de oficinas, escolas, hospitais), esclareceu Frei José Nunes. Há, evidentemente, uma ainda grande dependência do estrangeiro, do Ocidente, mas é inegável um trabalho mais em profundidade por parte de inúmeras congregações missionárias, masculinas e femininas, o qual significou muitas vezes um progresso humano, espiritual técnico-cultural nos países de missão.³⁵⁹

1.7.3. *A Teologia da Adaptação ou Pierre d'Attente*

Quanto à Teologia da Adaptação ou *Pierre d'Attente*, José Nunes comenta:

Nascidas do movimento Negritude, estas teologias revelam um maior escutar da África. Há traduções da Palavra de Deus para as línguas e dialectos africanos, produção de catecismos locais, algum africanizar da liturgia. Mas é algo ainda superficial, feito sobretudo por ocidentais e a partir de quadros de pensamento ocidentais. Uma acção periférica bem retractada no título do livro de V. Mulago – *Visage africain du christianisme* (1962).³⁶⁰

Tony Neves, no que diz respeito à Teologia da Adaptação ou *Pierre d'Attente* recolheu as opiniões de vários teólogos como Mewuda, Vincent Mulago, Tshibangu Tshishiku... É muito interessante analisar cada autor, como no-lo sugere o seguinte texto de Tony Neves, a propósito de Joseph Batóra Ballong-wen-Mewuda:

Até agora, procuravam-se aberturas para que as culturas africanas se convertessem ao cristianismo. Agora, estudava-se a possibilidades do cristianismo se africanizar (cf. Mewuda, 1990, pp.460-467). Esta «Teologia da adaptação» provocou uma enorme revolução na Igreja Católica, com a sua africanização.³⁶¹

Mencionando Vincent Mulago, Tony Neves salientou:

Vincent Mulago jogou um papel importante de moderação, uma vez que reconheceu os esforços dos missionários estrangeiros, mas, ao mesmo tempo, ajudou

³⁵⁸ Paulin Poucoute, «Meirand Pierre Hegba, Teólogo e Curador», in *Teologia Africana no Século XXI – Algumas Figuras*, vol. II (Prior Velho: Paulinas, 2008), 85.

³⁵⁹ José Nunes, *Teologia da Missão, Notas e Perspetivas*, 43.

³⁶⁰ Nunes, *Teologia da Missão...*

³⁶¹ Neves, *Angola, Justiça e Paz...*, 173.

a perceber que «a europeização» da África estava condenada ao insucesso. Se a Igreja não se esforçasse por conhecer a fundo o pensamento do homem negro, os cristãos africanos nunca passariam além de crentes desenraizados (cf. Mulago, 1956, p. 22).³⁶²

e, citando novamente Sibbe Semporé, comentou:

Sidbe Semporé, teólogo do Burkina Faso, na sua obra *Théophile l'Africain*, reconhece à primeira evangelização o mérito de ter assentado em África as bases da Igreja, mas, segundo a sua apreciação, esta primeira evangelização foi um trabalho superficial que não tocou no fundo do africano (cf. S. Semporé, 1994, pp. 24-25).³⁶³

Quanto ao ponto de vista do jovem teólogo congolês, Tshibangu Tshishiku, Tony Neves destacou ainda:

Tshibangu Tshishiku vai um pouco mais longe e defende a existência de uma teologia de cor africana, posição assumida na famosa Semana de Teologia, promovida pelos teólogos da Faculdade de Theologia de Kinshasa, na Universidade Lovanium, em 1960. A «luta académica» foi entre o decano desta faculdade, Alfred Vanneste (que defendia a «teologia universal» e o jovem teólogo Tshibangu Tshishiku (que defendia a existência de uma «teologia africana») (cf. Tshishiku, 2002, p. 173; Vanneste, 2002, pp. 185-190).³⁶⁴

O Papa Paulo VI foi o primeiro Papa a viajar para África. Visitou Kampala, onde canonizou os Mártires do Uganda. Nesta histórica viagem, ficaram gravadas as palavras do seu discurso dirigido aos bispos, padres, catequistas africanos, quando afirmou:

Vós, os africanos, deveis, doravante, ser os vossos próprios missionários. A Igreja de Cristo está implantada nesta terra abençoada. Serdes, vós próprios, os vossos missionários significa que deveis prosseguir a edificação da Igreja neste continente (...). Uma adaptação da vida cristã nos domínios da pastoral, ritual, didático, e também espiritual não é apenas possível, mas autorizada pela Igreja. É isso que exprime, por exemplo, a reforma litúrgica. Nesse sentido, vós podeis e deveis ter um cristianismo africano (Paulo VI, 1969, p. 577).³⁶⁵

Os diversos pontos de vista de alguns teólogos dão-nos uma visão mais clara sobre a Teologia da Adaptação ou de *Pierre d'Attente*.

Nós ficamos mais enriquecidos com os pontos de vista, tanto dos teólogos europeus como dos teólogos africanos, acerca das correntes teológicas africanas. Terminando o percurso anterior, subsequentemente, analisemos agora o rico pluralismo teológico em África.

³⁶² Neves, *Angola, Justiça e Paz...*, 176.

³⁶³ Neves, *Angola, Justiça e Paz...*

³⁶⁴ Neves, *Angola, Justiça e Paz...*

³⁶⁵ Neves, *Angola, Justiça e Paz...*, 177.

1.8. O Pluralismo Teológico em África

1.8.1. *As Teologias culturalistas e teologias críticas*

Para compreendermos o pluralismo teológico na África, José Nunes sintetizou-nos da seguinte maneira as teologias culturalistas e críticas:

Hoje é possível constatar um *são* pluralismo teológico em África e onde os sujeitos dessa produção teológica são, na maior parte dos casos, teólogos africanos. Há uma tendência mais culturalista, aquilo a que chamamos teologia da inculturação, com nomes importantes como O. Bimwenyi, A. Ngindu Mushete, E. Mveng, ou E. J. Pénoukou. É uma tentativa de diálogo profundo entre Evangelho e culturas africanas, onde tudo é assumido, mas onde tudo é passível de conversão. Tentativa de grande respeito pela África, onde devem aparecer novas formas de vivência cristã dentro da unidade da fé. Os maiores frutos, até agora, são talvez as Pequenas Comunidades Cristãs – PCC (Organização de igreja), o rito zairense (liturgia), as cristologias africanas (teologia).³⁶⁶

1.8.2. *A Teologia de Libertação e Teologia de Inculturação*

O padre Alphonse Ngindu Mushete, congolês, nascido em 1937, em Tshilundu, Kasai Oriental (República Democrática do Congo), Professor na Universidade Nacional do Zaire (UNAZA), membro da Associação Ecuménica dos Teólogos Africanos (AOTA), ao procurar estabelecer uma distinção entre a Teologia da Libertação e a Teologia da Inculturação, esclareceu:

Quanto ao problema da inculturação, «a questão, portanto, já não reside numa opção entre libertação ou inculturação. O imperativo de contextualização ou encarnação da mensagem evangélica conduz a uma criatividade cultural que tenta responder aos desafios multi-setoriais, integrando-os numa visão pela inculturação, ou pela preocupação de que a África dê um contributo especial à Humanidade.

Para concluir, A. Ngindu Mushete sintetizou da seguinte maneira:

A inculturação deve visar a vida das comunidades e interessar-se pela promoção das mesmas no seu quotidiano combate existencial.³⁶⁷

O processo de inculturação passa pelas quatro dimensões: cristológica, eclesiológica, antropológica e dialógica. Nesta dinâmica, a mensagem evangélica, por si, é a mesma. Mas a nível de linguagem, do estilo, de personagens, teve variedades. Esta mensagem entrou em diálogo, sofreu influências culturais desde Jerusalém, Antioquia, Roma, até chegar a nós. Para evitarmos equívocos na interpretação da nossa afirmação, realçamos que a inculturação não significa traição e desvio do Evangelho, antes pelo contrário, trata-se de adequá-lo aos ouvintes de um determinado contexto cultural.

³⁶⁶ Nunes, *Teologia da Missão...*, 44.

³⁶⁷ Emmanuel Ntakarutimana, «Alphonse Ngindu Mushete – o problema do conhecimento religioso», in *Teologia Africana no Século XXI – Algumas Figuras*, vol. 1, Bénédet Bujo, Juvénal Ilunga Muya (coord.), vol. I (Prior Velho: Paulinas, 2008), 61.

1.8.3. O Discurso Teológico Africano

Nascido em 1939, em Bena-Monyo, perto de Luebo (República Democrática do Congo), Óscar Bimwenyi é considerado por W. Kasper como um dos grandes teólogos africanos, enquanto E. Messi-Metogo considera-o apolítico e etnofilosófico.³⁶⁸

No seu discurso teológico africano, Óscar Bimwenyi exprime-o, nestes termos:

Bimwenyi propõe um discurso teológico sobre Deus a partir da experiência religiosa dos povos que habitam as províncias do Kasai, na República Democrática do Congo. É importante, para este efeito, notar que o fio condutor deste discurso sobre Deus é a profunda convicção de que o africano negro é um homem profundamente religioso. A sua vida pode ser considerada como marcada por um desejo permanente de Deus, para o qual ele está sempre voltado. E, enquanto «voltado para», ele «é um ser totalmente relativo, como uma metade (do símbolo no sentido etimológico) em busca do seu outro, como o mote de um provérbio negro-africano em busca do seu complemento, como um estar a caminho, uma frase inacabada».³⁶⁹

Na nossa maneira de ver, o discurso teológico de O. Bimwenyi é de facto etnofilosófico. Entre nós, os cabindenses, cada nome tem um significado. Também cada nome das nossas aldeias tem um significado. No significado de cada nome de pessoa, nome de aldeia, podemos de facto, fazer um discurso voltado para Deus, visto que o africano coloca e define a sua vida crendo num Deus fortíssimo, que, na cultura do Antigo Reino do Kongo, se chama *Nzambi Mpungu*, o Todo-Poderoso.

Portanto, estamos numa reflexão etnofilosófica. Aqui, teríamos muito que dizer: por exemplo o nome *Ngimbi*. *Ngimbi* é um arbusto muito forte, na floresta de Cabinda. Portanto, à criança que se dá o nome de *Ngimbi* é para dizer que deve ser forte. Porém, saiba que a força desta criança, amanhã como homem, nunca será igual à força de Deus, Todo-Poderoso. Aqui está o significado de um nome.

O outro nome, por exemplo, é *Lelo*. O significado de *Lelo* é uma interdição contra as forças do mal que são representadas pelos feiticeiros. O significado é o de proibir às forças do mal que façam algo nocivo à criança de nome *Lelo*.

O provérbio é «*Lelo ziinga*». (Tradução: *Lelo* *deves viver*; ou *ainda desta vez, tu deves viver*, porque o teu irmão, que nasceu antes, regressou, quer dizer, faleceu. Esta criança de nome *Lelo* deve viver. As forças do bem devem protegê-la. E assim por diante.

Não há nenhum nome e nenhuma aldeia que não tenha um significado etnofilosófico. E é nesta perspetiva de ideias que devemos ler e compreender o teólogo O. Bimwenyi.

³⁶⁸ Claude Ozankom, «O fim de um período de discussão sobre a possibilidade de uma Teologia Africana», in *Teologia Africana no Século XXI – Algumas figuras*, vol. I (Prior Velho: Paulinas Editora, 2008), 85.

³⁶⁹ Claude Ozankom, *Óscar Bimwenyi, O fim de um período de discussão sobre a possibilidade de uma Teologia Africana*, 92.

Monsenhor Tshibangu Tshishiku, que escreveu o prefácio da publicação da sua tese, *Discurso Negro africano. Problemas de fundamentos*, afirmou:

Encontramos dois objetivos principais aqui.

Um objetivo de desalienação, em primeiro lugar. O professor Bimwenyi denuncia a alienação cultural africana, principalmente devido à instrução da Europa na África e à dominação da cultura ocidental imposta sem cerimônia aos africanos. Em conclusão, ele afirma a validade dos princípios culturais africanos e declara no plano religioso que a cultura ocidental não pode ser o «único veículo válido do cristianismo».

O outro objetivo fundamental é o da consciência científica do fato de que os valores da africanidade podem validamente, e adequadamente do seu ponto de vista específico, apoiar a elaboração, depois a formação de uma teologia cristã autêntica.³⁷⁰

1.8.4. A Teologia da Reconstrução

Nascido em 1953 e falecido em 2021, de etnia Luba, na República Democrática do Congo, Ka Mana defendeu duas teses de doutoramento: uma em Filosofia, sobre a experiência transcendental na poesia francesa contemporânea, na Universidade Livre de Bruxelas, e uma outra, em Teologia, sobre a ética da cultura em África, na Universidade Marc Bloc de Estrasburgo.

Ka Mana não foi o iniciador da Teologia da Reconstrução, mas sim um defensor da Teologia da Reconstrução. Desenvolveu no mundo francófono uma ideia que vem de Nairobi, da Conferência das Igrejas de Toda a África (Conférences des Églises de Toute l'Afrique – CETA).

O nosso autor é um dos teólogos africanos que julga ser anormal deixar às gerações futuras uma África economicamente naufragada e acidentada, politicamente desconjuntada, socialmente desorientada, espiritualmente desesperada. É também considerado como um dos defensores oficiais da teologia da reconstrução da África, teologia que tem por base a necessidade de energias espirituais, que os cristãos africanos podem desenvolver no Cristianismo africano, como instrumento de reconstrução de uma nova sociedade africana. [...]

O teólogo congolês considera que a Igreja do passado, nos seus sermões e métodos de evangelização, colocou muito o acento no Céu e no Além, encorajando dessa forma a resignação política e a pobreza escatológica.

Nesta linha de ideias, Ka Mana reagiu e afirmou com todo o vigor:

O Antigo Testamento é o símbolo da libertação de um povo escravo que entendeu necessidade de uma revolução e que agiu. E o Novo Testamento é um livro Novo, para encontrar orientações e conselhos úteis, a fim de agir corretamente para um futuro melhor.³⁷¹

³⁷⁰ O. Bimwenyi-Kweshi, *Discours Théologique Negro-africain. Problèmes des fondements*. Présence Africaine (Paris: 1980), 10.

³⁷¹ Kalemba Mwambazambi, «Ka Mana – um defensor da Teologia da Reconstrução», in *Teologia Africana no Século XXI – Algumas Figuras*, Bénêzet Bujo e Juvénal Ilunga Muya (coord.), vol. III (Prior Velho: Paulinas Editora, 2008), 149, 150, 153.

1.8.5. *A Teologia de Libertação no contexto africano*

Laurenti Magesa, nascido em 1946, na Tanzânia, cuja tese de doutoramento teve como tema *O Socialismo Ujamaa na Tanzânia: uma avaliação Teológica*, é considerado como um, entre os eminentes teólogos da libertação africanos, indigitado como aquele que proporciona um testemunho profético da Igreja. Ele distingue a inculturação da libertação da seguinte maneira:

As teologias da libertação africanas constituem um esforço de despojamento para recuperar o direito «à autodeterminação e à autodefinição» num contexto atual de influências mundiais e de pressões hostis.

Nesta linha de ideias, Laurenti Magesa acrescentou:

A libertação autêntica e a emancipação da África consistem numa libertação cultural, religiosa, estrutural e psico-espiritual. A finalidade é buscar a verdade, tanto no contexto africano como para o Cristianismo africano, de modo a fazer brotar uma teologia autêntica.

A teologia africana procura esclarecer as Igrejas africanas, para as levar a colocarem em evidência, por si próprios, as anomalias presentes na ordem mundial, propondo simultaneamente vias e modos para as resolver.

Laurenti Magesa desceu para explicar, pormenorizadamente:

A teologia da libertação africana é uma resposta à situação de dependência da Igreja. A principal causa da pobreza económica de África reside nas estruturas económicas e políticas internacionais atuais.³⁷²

1.8.6. *A inculturação é santificar através da cultura*

Lidas estas reflexões dos teólogos, meditemos a voz do Magistério da Igreja, acerca deste delicado tema da inculturação. Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal, intitulada *Ecclesia in Africa*, publicada a 14 de setembro de 1995, o Papa João Paulo II deixou uma rica reflexão sobre a inculturação. Mencionamos pelo menos algumas passagens que ressaltamos como mais importantes:

Os Padres Sinodais sublinharam, mais de uma vez, a importância particular que reveste para a evangelização a inculturação, ou seja, aquele processo pelo qual «o ensinamento catequético “se encarna” nas diferentes culturas». A inculturação compreende uma dupla dimensão: por um lado, «a íntima transformação dos valores culturais autênticos pela sua integração no cristianismo» e, por outro, «o enraizamento do cristianismo nas várias culturas». O Sínodo considera a inculturação uma prioridade e uma urgência na vida das Igrejas particulares, para a real radicação do Evangelho na África (EA, 59).

Mais adiante, no precioso documento, o Papa chamou a atenção, nestes termos:

Perante as rápidas transformações culturais, sociais, económicas e políticas, as nossas Igrejas locais deverão trabalhar num processo de inculturação sempre renovado, respeitando os dois critérios seguintes: a compatibilidade com a mensagem

³⁷² Richard Rwiza, «Laurenti Magesa – um teólogo da libertação em contexto africano», in *Teologia Africana no Século XXI – Algumas Figuras*, Bénézet Bujo et Juvénal Muya (coord.), vol. II (Prior o Velho: Paulinas Editora, 2008), 237, 243-244.

cristã e a comunhão com Igreja Universal. (...) Em todo o caso ter-se-á o cuidado de evitar o sincretismo (EA, 62).

Procurando sempre enriquecer a nossa investigação sobre a inculturação, que é definida para santificar através da cultura, constatamos mais adiante, sempre na voz do Magistério da Igreja: «Também a inculturação, pela qual a fé penetra na vida das pessoas e das suas comunidades de origem, constitui um caminho para a santidade» (EA, 87).

1.8.7. *A inculturação no plano teológico e no plano pastoral*

A inculturação desenvolve-se não somente no plano teológico, mas também no plano pastoral. O P. Pedro Fernandes, espiritano português, antigo Superior Provincial de Portugal, num seu longo artigo, intitulado «Modelos de Missão num Século de Transformações: o Caminho Espiritano», faz a distinção da Inculturação entre o plano teológico e o plano pastoral, da seguinte maneira:

O tema da inculturação desenvolveu-se fortemente, não apenas no plano teológico, mas sobretudo no campo pastoral. Por inculturação não se entendem as formas superficiais de comunicação do Evangelho, mas o próprio processo de integração do Evangelho no seio das culturas, transformando-as, a partir de dentro, e produzindo, assim, as metamorfoses pessoais e sociais que tornam possível a formação de uma autêntica comunidade cristã, gerada num povo e a partir de uma cultura. Não se trata apenas, na inculturação, de produzir uma expressão da fé com elementos próprios da cultura, mas de «um princípio inspirador, normativo e unificante que transforma e recria esta cultura, dando origem a uma nova criação.

O Padre Pedro Fernandes, mais à frente, explicou de uma maneira mais clara, nestas palavras, a sua dissertação sobre a inculturação:

A inculturação refere-se, portanto, muito mais ao Evangelho e à Igreja como tal que aos agentes da missão, só por si. Não é propriamente o missionário estrangeiro que se incultura, mas o Evangelho que, penetrando as culturas, geram uma nova realidade que, não sendo sincrética nem híbrida, é a expressão de uma Igreja autenticamente católica e autenticamente local³⁷³

1.8.8. *A inculturação é cristianizar os costumes africanos*

Monsenhor Barthélemy Adoukonou, nascido a 24 de agosto de 1940, em Abomey-Benin (antigo Daomé), nos seus numerosos escritos esclareceu a temática da Inculturação, comentada por Sidbe Semporé, nas seguintes afirmações:

«Para inculturar em profundidade é preciso conhecer em profundidade as nossas culturas africanas e a mensagem evangélica.»

«Adoukonou é um dos pioneiros da inculturação, tal como foi promovida, defendida e ilustrada pelos protagonistas da Teologia africana, nas décadas de 1960 a 1980.»

³⁷³ P. Pedro Fernandes, «Modelos de Missão num Século de Transformações: o caminho Espiritano», in *Missão Espiritana* (Lisboa: Revista das Circunscrições Espiritanas Lusófonas 2002), 46.

«O fim pretendido aqui é o de «cristianizar os costumes e as tradições africanas, fazendo o inventário do que elas contêm em valores e fundamentos consonantes com o teor do Evangelho.»

«O debate académico decorre em volta de duas abordagens: cristianizar as culturas africanas ou africanizar – indigenizar – o Cristianismo. A abordagem teológica de Adoukonou é escorada, se não orientada, pela sua preocupação pastoral de um Cristianismo africano que não seja nem de empréstimo nem sincretista.»

«Procurar nas culturas e nas religiões africanas os elementos “cristianizáveis”, a fim de promover uma liturgia, uma catequese, uma pastoral sacramental apta a uma assunção dos «valores» culturais africanos, no intuito de os elevar, de os purificar e de tornar o Cristianismo menos estrangeiro para os africanos.»

«O anseio maior de Adoukonou é, como ele mesmo afirma, o respeito das culturas e a sua assunção na Igreja, rematou Sidbe Semporé.»³⁷⁴

1.8.9. A Teologia de Implantação e Teologia de Inculturação

Meinrad P. Hebga, sacerdote jesuíta, filósofo e teólogo, pastor e mestre espiritual, é uma das figuras de renome internacional na teologia. Nos seus escritos, comentados pelo biblista congolês Paulin Poucouta, separa as águas da herança da Teologia da Implantação com a emergência da Teologia de Inculturação, nestes termos:

A missão herdada do século XIX apresenta-se, essencialmente, como uma obra de implantação da Igreja do solo africano. Os africanos são percebidos como «almas» a converter, a conquistar. Apesar de certos conselhos ajuizados, de respeito pela «alma africana» e dos esforços louváveis de numerosos missionários por conhecerem a língua e os costumes locais, a evangelização encontrava-se marcada por esta teologia da implantação da Igreja e da salvação das almas. Para salvar os africanos, era necessário transpor, para África, a Igreja da Europa ou da América, com as suas estruturas, modos de pensar, ritos...

M. P. Hebga é um pensador fortemente marcado pela temática da inculturação. No seu entender é conveniente tomar em consideração o húmus cultural africano, o pensamento e a filosofia. (...)

M. P. Hegba é um observador muito atento e apaixonado do mundo sócio-político africano. (...)

Em suma, parafraseando o saudoso poeta-presidente Léopold Sédar Senghor, poder-se-ia dizer que M. P. Hebga se bateu por que a Igreja de África e a teologia africana respondam presente ao encontro universal do dar e do receber.³⁷⁵

1.8.10. A Teologia de Indigenização e Teologia da Inculturação

Kwesi A. Dickson, nascido em 1929, em Winneba (Gana), primeiro presidente da Associação das Instituições Teológicas da África Ocidental e Presidente da Associação Teológica do Gana, distinguiu, entre a Teologia de Indigenização e a Teologia da Inculturação, nestes termos:

A teologia africana é uma resposta às inadequações da indigenização, adaptada ao desenvolvimento de uma nova personalidade africana que adquire a sua

³⁷⁴ Sidbe Semporé, «Barthélemy Adoukonou, Um pioneiro da inculturação na África Ocidental», in *Teologia Africana no Século XXI, Algumas Figuras*, Bénédet Bujo e Juvénal Ilunga Muya (coord.), vol. I, Paulinas (Prior Velho: Paulinas Editora, 2008), 140-142.

³⁷⁵ Paulin Poucouta, «Meinrad Pierre Hebga, Teólogo e Curador», in *Teologia Africana no Século XXI – Algumas Figuras*, Bénédet Bujo e Juvénal Ilunga Muya (coord.), vol. II, Paulinas (Prior Velho: Paulinas Editora, 2008), 85, 86 e 91.

responsabilidade com base no mérito. Como consequência, o caráter estrangeiro do Cristianismo africano, recusado por quem crê numa autêntica e apreciável expressão de fé africana, deve ceder o lugar, se quiserem apropriar do Cristianismo. Mas, para que o Cristianismo não possa perder a sua historicidade e a sua tradição, o âmago do Evangelho deve permanecer intacto, mesmo se for expresso nos idiomas e modelos culturais africanos. [...]

Dickson aderiu à escola de pensamento da inculturação na teologia africana, que procura integrar a fé cristã na vida e no pensamento da cultura. Mas, para ele, fazer uma teologia africana não é colocar, antes de tudo o resto, o acento nas realidades religioso-culturais. O domínio sociopolítico tem também a sua pertinência. Ele foi conduzido por uma amor profundamente enraizado pela Palavra de Deus e propõe a Bíblia como primeiro testemunho da auto-revelação de Deus em Jesus Cristo, enquanto fonte fundamental da teologia africana.³⁷⁶

1.8.11. *A inculturação é a prioridade das prioridades*

Efoé-Julien Pénoukou, nascido em 1943, em Agbanto (Benim), sacerdote, filho mais velho de um pai catequista, enfermeiro e animador social, a partir do seu contexto familiar e social, cedo despertou para os graves problemas da Igreja de África, foi considerado teólogo da inculturação crítica. Por esta razão, colocou muito bem o dedo na ferida, dizendo, numa linguagem nua e crua, o que é e o que não é, no seu modo de ver, a inculturação. Na sua exigência apontou o que ele pensa acerca da inculturação e descreveu os traços da inculturação da seguinte maneira:

Os povos africanos estão, todavia, sedentos, de independência, de justiça e de liberdade. Para dar resposta a estas aspirações, já não se trata de os cristãos se agruparem para formar um partido de salvação pública, pois já passou o tempo do complexo de superioridade dos cristãos, em que estes julgavam ser os únicos a deter a verdade. A vocação do cristão na arena política consiste em ser o coveiro do ódio e da corrupção, o guardião da nação e o profeta da esperança.

E. J. Pénoukou acrescentou:

A Teologia da Inculturação é a prioridade das prioridades. Para se ter dela uma ideia correta, é preciso apontar o que ela não é: nem um regresso às tradições, nem um ressentimento à racista, mas antes uma exigência da fé em Cristo, uma conversão das culturas africanas a Cristo, e uma via de fé, concreta e atual. A Inculturação não se limita a um problema de linguagem e de expressão: «Como se se tratasse de uma simples continuação, de uma roupagem linguística, de uma compreensão já dada e definitiva. O objecto de fé é definitivo, mas não a sua compreensão. E compreender “de outro modo” não significa forçosamente compreender “outra coisa”; pode querer dizer compreender melhor.»³⁷⁷

Manifestamos mais uma vez a nossa aspiração e alegria, ao conhecermos as diversas opiniões sobre a inculturação, passando teólogo por teólogo. Ficámos enriquecidos

³⁷⁶ Joseph M. Y. Edusa-Eyison, «Kwesi A. Dickson, um biblista em busca de diálogo», in *Teologia Africana no Século XXI – Algumas Figuras*, Bénédet Bujo e Juvénal Ilunga Muya (coord.), vol. 2 (Prior Velho: Paulinas Editora, 2008), 110-111.

³⁷⁷ Wilfrid Kolorunko Okambawa, «Éfoé-Julien Pénoukou, um teólogo da Inculturação Crítica», in *Teologia Africana no Século XXI, Algumas Figuras*, Bénédet Bujo e Juvénal Ilunga Muya (coord.), vol 3 (Prior Velho: Paulinas, 2008), 113 e 115.

com as suas belas e justificadas opiniões sobre a Teologia de Inculturação. Todos eles nos ajudam a refletir sobre o tema, salientando este ou aquele ponto de vista. Cada teólogo salientou o seu ponto de vista, a partir da sua formação religiosa, sacerdotal, metodista e africana. Confessamos que não conseguiremos explanar os pontos de vista de todos os teólogos, europeus e africanos. Entretanto, os comentários, que aqui mencionamos, são preciosos para a nossa reflexão. Reconhecemos que, depois do encerramento do Concílio Ecuménico Vaticano II, em 1965, até ao Jubileu d'Ouro do encerramento, realizado em 2015, foi a época mais fértil de produção teológica na África negra subsariana.

Os teólogos de renome mundial como Óscar Bimwenyi (Teologia Sistemática), Engelbert Mveng (História e Teologia), Efoé-Julien Pénoukou (Teologia), Bénézet Bujo (Moral), Barthélemy Adoukonou (Teologia Sistemática), Sidbe Semporé (Teologia), Jean-Marc Ela (Teologia), Tharcisse Tshibangu Tshishiku (Metodologia Teológica), Laurent Mpongo (Liturgia), Laurent Monsengwo (Exegese), Ntedika Konde (Patrística), Adalbert Nyeme Tese (Moral), Juvénal Ilunga Muya (Teologia Fundamental), Poucouta Paulin (Teologia Bíblica), para mencionarmos alguns nomes, sem a exclusão de outros ilustres investigadores não mencionados, são os nomes que honraram e continuam a honrar a África, em várias universidades da África e da Europa, como professores e com publicações de grande qualidade.

Os três volumes de *Teologia Africana no Século XXI – Algumas Figuras*, com coordenação de Bénézet Bujo e Juvénal Ilunga Muya, oferecem-nos valiosos trabalhos de investigação de vários teólogos e filósofos africanos. As numerosas revistas teológicas como *Revue Africaine de Théologie (RAT)*, publicada pela Faculdade Católica de Kinshasa, *Révue de l'Institut Catholique de l'Afrique de l'Ouest (RICAIO)*, *Nouvelle Revue Théologique*, para mencionarmos somente três, sem exclusão de tantas outras, têm publicado excelentes trabalhos de investigação teológica e filosófica com temas sobre a Teologia Africana. São essencialmente riquíssimas fontes de reflexão teológica.

Não nos é possível encerrar este capítulo sem fazermos referência a um caso de inculturação que, como os casos anteriores, fez correr rios de tinta. Referimo-nos ao caso da Amazônia.

Depois de todas estas reflexões, não ficamos por aqui. Prosseguimos com a nossa investigação. No nosso século XXI, dentre os numerosos casos de inculturação, que temos em todos os continentes, principalmente, cheios de alegria na elaboração do nosso tema, podemos mencionar a inculturação na Amazônia, cuja preocupação pela sua evangelização incentivou o Papa Francisco a escrever a Exortação Apostólica Pós-Sinodal

Querida Amazônia, de 2 de fevereiro de 2020. No número 70, o Papa revela, dentre os caminhos de inculturação:

Para conseguir uma renovada inculturação do Evangelho na Amazônia, a Igreja precisa de escutar a sua sabedoria ancestral, voltar a dar voz aos idosos, reconhecer os valores presentes no estilo de vida das comunidades nativas, recuperar a tempo as preciosas narrações dos povos. Na Amazônia, já recebemos riquezas que provêm das culturas pré-colombianas, tais «como a abertura à acção de Deus, o sentido da gratidão pelos frutos da terra, o carácter sagrado da vida humana e a valorização da família, o sentido de solidariedade e a corresponsabilidade no trabalho comum, a importância do cultural, a crença em uma vida para além da terrena e tantos outros valores.

Para vincar os caminhos de inculturação, o Papa aponta, no número 75, para o respeito escrupuloso dos direitos humanos, que, naquela área, praticamente, são inexistentes na vida quotidiana:

Esta inculturação, atendendo à situação de pobreza e abandono de tantos habitantes na Amazônia, deverá necessariamente ter um timbre marcadamente social e caracterizar-se por uma defesa firme dos direitos humanos, fazendo resplandecer o rosto de Cristo que «quis, com ternura especial, identificar-se com os mais frágeis e pobres».

No número 81, o Papa apresenta-nos as ideias duma inculturação da liturgia nos seguintes termos:

A inculturação da espiritualidade cristã nas culturas dos povos nativos encontra, nos sacramentos, um caminho particularmente valioso, porque neles se unem o divino e o cósmico, a graça e a criação. Na Amazônia, os Sacramentos não deveriam ser vistos como separação da criação, pois, «constituem um modo privilegiado em que a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural. São uma plenificação da criação, na qual a natureza é elevada para ser lugar e instrumento da graça, para «abraçar o mundo num plano diferente».

Finalmente, no número 85, o Papa explica-nos os pontos essenciais de inculturação tendo em consideração as características sociais, culturais e geográficas dos povos da Amazônia:

A inculturação deve desenvolver-se e espelhar-se também numa forma encarnada de realizar a organização eclesial e o ministério. Se se incultura a espiritualidade, se se incultura a santidade, se se incultura o próprio Evangelho, será possível evitar de pensar numa inculturação do modo como se estruturam e vivem os ministérios? A pastoral da Igreja tem uma presença precária na Amazônia, devido em parte à imensa extensão territorial, com muitos lugares de difícil acesso, grande diversidade cultural, graves problemas sociais e a própria opção de alguns povos se isolarem. Isto não pode deixar-nos indiferentes, exigindo uma resposta específica e corajosa da Igreja.³⁷⁸

O padre Vasco Pinto de Magalhães, sacerdote jesuíta, comentando esta Exortação Apostólica Pós-Sinodal afirmou:

³⁷⁸ Papa Francisco, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazônia* (2-2-2020), n.º 70.

... Do meu ponto de vista, esse texto é um autêntico tratado sobre o segredo de Evangelização, que, para o Papa Francisco, reside numa verdadeira Inculturação.

Inculturação (e o consequente diálogo intercultural) é a palavra-chave, transversal. (...). Poderá dizer-se que Evangelizar é Encarnar-se; Encarnar é Inculturar-se; e a Inculturação é fruto do diálogo entre culturas. (...).

A Igreja é enviada a encarnar em todas as situações, povos e culturas. E a lógica cristológica, à maneira de Jesus, é a inculturação. Antes de mais nada, fique claro que este modo é um processo que corrige a possível tentação de uma Evangelização colonizadora. Se, por um lado, não esquece que há um Anúncio a fazer, por outro lado, «nada despreza do bem que já nas culturas (amazónicas, nesse caso), mas recebe-o e leva-o à plenitude, à luz de Evangelho».³⁷⁹

O padre Bernard Lesoing, padre da Comunidade de S. Martin à Évron, em França, no seu estudo que ele próprio intitulou *Les ministères dans “Querida Amazônia”*, fez o seguinte comentário:

O apelo à inculturação lançado na *Querida Amazônia* diz respeito a todos os aspetos da vida eclesial: espiritualidade, santidade, Evangelho, mas também «ministérios eclesiais»: «A inculturação da ministerialidade» é abordada nos parágrafos 85 a 90. O ponto de partida para a abordagem a questão dos ministros, portanto, não é a sinodalidade, mas o processo de inculturação. Ou para ser mais preciso: o ponto de partida para abordar a questão dos ministérios é a inculturação, esta aparecendo como o modo próprio de viver e dar substância à sinodalidade. A partir da inculturação, a diversificação dos ministérios não é mais uma simples adaptação superficial de um modelo central às realidades locais. Na verdade, é a periferia que se situa no centro. O caminho está aberto para uma profunda diversificação ministerial.³⁸⁰

Conclusão

A nossa preocupação, neste capítulo, foi a de fazer uma leitura sobre o tema da inculturação, nas diferentes correntes das Teologias Africanas. Não ficámos somente em África. Nessa reflexão meditamos dois casos de inculturação, que ambos mereceram, uma a Exortação do Papa – a *Slavorum Apostoli* – acerca dos povos eslavos no século IX e a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazônia*, no nosso século XXI. A reflexão sobre a inculturação destes dois povos, em épocas diferentes, enriqueceu o nosso estudo sobre a África, em geral, e sobre a Missão do Lucula Zenze (Cabinda), em particular. Os diversos pontos de vista de vários teólogos, europeus e africanos, ajudaram-nos a compreender a evolução do conceito de evangelização, a partir da Teologia das Almas, no século XV, até à nossa época da Teologia de Inculturação. Feita esta reflexão passemos agora ao estudo da problemática da inculturação da fé.

³⁷⁹ Vasco Pinto Magalhães, «A Surpresa da Exortação do Papa Francisco sobre a Igreja na Amazônia: um Tratado sobre Inculturação», in *Brotéria, Cultura e Cristianismo*, vol. 1991, 1 julho de 2020, 72-73 e 75.

³⁸⁰ Bernard Lesoing, «Les Ministères dans Querida Amazônia», in *Nouvelle Revue Théologique*, Tome 142, n.º 4, Octobre-Décembre 2020, 595. (Tradução própria.)

CAPÍTULO 2

O PROBLEMA DA INCULTURAÇÃO DA FÉ

Introdução

No segundo capítulo da Terceira Parte, refletimos sobre o problema da inculturação da fé, da cultura e do evangelho, dos fundamentos da inculturação (o teológico e o eclesiológico) e, por fim, a inculturação e a liturgia. Iniciamos o capítulo com a análise dos termos e expressões, debatemos a temática, procurando os fundamentos cristológicos e eclesiológicos da inculturação, e terminamos, como referimos, com a relação entre a inculturação e a liturgia.

2.1. Inculturação da fé

J. Martinez Cortés explicou-nos a inculturação da fé nestes termos:

A expressão inculturação da fé refere-se a uma relação de carácter estrutural entre a fé e a cultura. A fé é sempre fé de homens concretos, no espaço e no tempo da história, quer dizer, na cultura. Isto vale para toda a experiência religiosa. Vale especialmente para a experiência bíblica e cristã, toda ela enquadrada na história.³⁸¹

Como é belíssima a nossa investigação sobre a terminologia da expressão «inculturação da fé». A partir deste conhecimento temos meio caminho andado. Depois desta expressão avançamos agora com a outra expressão não menos importante que é a «Cultura e o Evangelho». Os dois teólogos, Eloy Bueno e Roberto Calvo são os nossos digníssimos professores na matéria. Vamos ler a sua explicação.

2.2. Cultura e o Evangelho

A evangelização deve ter em conta os destinatários desta actividade, e tê-los em conta é considerar claramente o desafio da diversidade cultural, sabendo que embora o próprio Jesus tenha encarnado numa cultura específica, não o fez para a absolutizar, mas para mostrar que o Evangelho pode encarnar em todas as culturas e povos. A cultura como forma de compreender, valorizar e explicar a vida de um povo ajuda-nos a compreender a diversidade cultural e o facto de que o Evangelho não pode ser comunicado isoladamente.³⁸²

³⁸¹ J. Martinez Cortés, «*A inculturação da fé*», in *Dicionário de Pastoral*, Perpétuo Socorro (Porto: 1990), 276.

³⁸² Juan Manuel Pérez Charlin, «*Inculturación*», 490. (*Tradução própria.*)

A definição de «Missiologia» e de «Animação Missionária», no dicionário, é um belíssimo contributo para a nossa reflexão deste ponto: Cultura e Evangelho. Depois destes esclarecimentos, voltemos às palavras de Cristo, no momento do envio dos Apóstolos:

Mas Jesus, aproximando-se, lhes disse: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, pois, e fazei meus discípulos todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que vos ordenei! Eis que eu estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo (Mt 28,18-20).

Esta passagem do Evangelho de Mateus torna legítima a missão da Igreja, desde os tempos apostólicos, no processo de transmissão da mensagem da salvação de Jesus Cristo: «Ide, pois, e fazei meus discípulos todos os povos (...), ensinando-os a observar tudo o que vos ordenei» (Mt 28,19.20). Ora, para além da exigência de fidelidade relativamente à mensagem original de Jesus, o processo de evangelização levanta uma problemática teológica complexa que se prende com a questão dos meios humanos empregues. Tanto o enviado como os destinatários da mensagem, ambos são portadores de cultura; e essa, sempre diversa e complexa, em virtude também da diversidade dos povos e das culturas.

A cultura é tudo aquilo através do qual uma comunidade humana, no espaço e no tempo, expressa e imprime o seu ser integral, a sua fé, as suas convicções, responde às suas necessidades, os seus medos, as suas angústias, sua esperança de maneira contextual, adaptada, provisória, transitória e realiza assim a sua epifania histórica.³⁸³

A propósito da relação entre cultura e fé, o Papa João Paulo II, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Africa*, escreveu:

Devido à profunda convicção de que a síntese entre cultura e fé não é só uma exigência da cultura, mas também da fé», porque uma fé que não se torna cultura é uma fé não plenamente acolhida, nem inteiramente pensada, nem fielmente vivida (EA).

O Papa João Paulo II não se ficou somente por esta afirmação. Mais adiante, esclareceu e insistiu, no mesmo número 78 de *Ecclesia in Africa*, sobre o desafio de inculturação nos seguintes termos:

O desafio da inculturação em África consiste em fazer com que os discípulos de Cristo possam assimilar cada vez melhor a mensagem evangélica, continuando, no entanto, fiéis a todos os valores autênticos. Inculturar a fé em todos os sectores da vida cristã e humana apresenta-se como uma tarefa, para cujo cumprimento é necessária a assistência do Espírito do Senhor que guia a Igreja para a verdade total (cf. Jo 16,13) (EA, 78).

Sabemos que, entre a cultura e o Evangelho, existe uma relação dialética. O Evangelho insere-se nos povos e nas culturas como uma força libertadora (Rm 1,16). Ora, falar

³⁸³ Jean Sinsin Bayo, «Foi et inculturation en Afrique», in *Ricao* n.ºs 14-15, Thème: «Foi, culture et évangélisation en Afrique à l'aube du 3ème millénaire» (Abidjan: 1996), 180.

de cultura é, essencialmente, evocar a questão da língua. Em que língua se deve transmitir o Evangelho? Aqui está uma das questões fundamentais que o movimento da inculturação da fé cristã coloca. Como seria possível admitir que a evangelização dos povos (africanos) pudesse ser feita numa língua completamente distante da sua sócio-cultura? Importa lembrar que, dentre os objetos sociais, a língua é, sem dúvida, o elemento mais importante, a mais alta expressão do espírito criativo de um grupo humano. Sem a língua, não se pode falar de comunicação, de cultura ou de génio humano.

O Cardeal Paul Poupard, Presidente do Conselho Pontifício da Cultura, por ocasião do Colóquio Pós-Sinodal, realizado em Abidjan (1996), dizia:

Neste continente, que se sente honrado com uma cultura transmitida de geração em geração através da palavra, a transmissão da Boa-Nova de Jesus Cristo apela para um zelo renovado, de modo que a Palavra de Deus alcance os corações dos homens e as suas culturas, e que todo Africano possa dirigir-se não só na sua língua, mas também expressar e viver a sua fé nos seus esquemas culturais, todas as vezes que isso for possível.³⁸⁴

A problemática da inculturação, ao nível africano, tem as suas raízes, precisamente, nesta preocupação de acolher o Evangelho sem se obrigar a negar-se a si próprio como um ser cultural e a expatriar-se para uma cultura estrangeira: para a cultura ocidental. Por outras palavras, escreve o teólogo marfinense Jean Sinsin Bayo:

A inculturação é um movimento nascido num contexto em que a África procurava livrar-se do cerco colonial para afirmar a sua identidade, a sua dignidade humana, cultural e gerir o seu destino na liberdade dos povos soberanos.³⁸⁵

Devemos sublinhar que os teólogos africanos não têm a primazia dessa reivindicação. Eles inspiraram-se nos trabalhos dos defensores da filosofia negro-africana e nos promotores da Negritude, preocupados com a reabilitação da cultura africana na sua integridade, para que possa participar, em pé de igualdade com as outras (culturas), no diálogo das civilizações.³⁸⁶

O movimento intelectual da Negritude que começou nas margens da Sena com Leopold Sedar Senghor (1906-2001) e Aimé Césaire (1913-2008) e empreendeu, face à negação pela civilização ocidental da cultura negra, um trabalho de reconhecimento dos valores culturais daqueles que nunca inventaram, nem «a pólvora, nem a bússola». Na sequência deste combate, para os teólogos africanos, tratou-se «de detetar os rastros e (de) reconhecer a presença do Senhor que nos precede e nos acompanha no caminho de Emaús, nos nossos esforços de articular a nossa fé com a totalidade daquilo que constitui o contexto, o texto e a trama da nossa vida quotidiana em terra africana».³⁸⁷

³⁸⁴ «Message de Son Eminence le Cardinal Paul Poupard», in *Ricao*, n.ºs 14-15, Thème: «Foi, culture et évangélisation en Afrique à l'aube du 3^e millénaire» (Abidjan: 1996), 16.

³⁸⁵ Jean Sinsin Bayo, «Foi et inculturation en Afrique», in *Ricao*, n.ºs 14-15, 182.

³⁸⁶ Cf. Zacharie Beré, «La crise africaine est-elle une crise d'identité?», in *Ricao*, n.º 1 (Abidjan, 2003), 27.

³⁸⁷ Beré, «La crise africaine...» (*Tradução própria*.)

Também, no *Dicionário da Negritude*, os autores, escreveram e esclareceram, o vocábulo «Negritude» da seguinte maneira:

O termo Negritude pode ser definido, afinal, como a consciência que o negro assume de seu status no mundo e a revolta com que essa consciência permeia sua expressão e suas aspirações políticas.

A negritude é a imagem que o negro constrói de si mesmo, em resposta à imagem que se construiu dele, sem ele, portanto, contra ele, na mente dos povos de pele clara, imagem de si, constantemente reconquistada, diariamente reabilitada contra as manchas e preconceitos de escravidão, dominação colonial e neocolonial.³⁸⁸

Foi a partir desta designação que Jean Sinsin Bayo escreveu:

O desafio inerente à vinda do Filho de Deus no mundo é (...) assumir, regenerar, transformar e realizar todo o homem, todo o povo na verdade, na profundidade e na totalidade do seu ser, da sua cultura e da sua história, segundo o coração de Deus.³⁸⁹

A noção de inculturação, que, inicialmente, era uma reivindicação das igrejas particulares, acabou por entrar nos textos oficiais da Igreja católica, respondendo assim à necessidade de se levar em consideração a especificidade das culturas locais (costumes, valores, tradições), no anúncio do Evangelho, sem qualquer obrigação de se submeter ao modelo eclesial das comunidades europeias.

O Sínodo de 1985, que celebrava o vigésimo aniversário do encerramento do Concílio Vaticano II, evoca a problemática da inculturação em termos de uma «íntima transformação dos autênticos valores culturais, através da sua integração no Cristianismo e o enraizamento do Cristianismo nas diversas culturas humanas»³⁹⁰.

A Constituição Conciliar *Sacrosantum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia reconhece a legitimidade das diversidades no Rito Romano:

Não é desejo da Igreja impôr, nem mesmo na Liturgia, a não ser quando está em causa a fé e o bem de toda a comunidade, uma forma única e rígida, mas respeitar e procurar desenvolver as qualidades e dotes de espírito das várias raças e povos. A Igreja considera com benevolência tudo o que nos seus costumes não está indissolivelmente ligado a superstições e erros, e, quando é possível, mantém-no inalterável, por vezes chega a aceitá-lo na Liturgia, se se harmoniza com o verdadeiro e autêntico espírito litúrgico (SC, 37).

³⁸⁸ Mongo Beti *et al.*, *Dictionnaire de la Négritude* (Paris: Éditions L'Harmattan, 1989), 6. (*Tradução própria.*)

³⁸⁹ Jean Sinsin Bayo, «Foi et inculturation en Afrique», in *Ricao*, n.ºs 14-15, Thème: «Foi, culture et évangélisation en Afrique à l'aube du 3ème millénaire» (Abidjan: 1996), 178. (*Tradução própria.*)

³⁹⁰ Sínodo Extraordinário para o vigésimo aniversário do encerramento do Concílio Vaticano, *Relatório Final dos Padres*, 7 de dezembro de 1985, D.C. 83 (1983), 41.

Na Carta Apostólica *Vicesimus quintus annus*, o Papa João Paulo II sublinhou a necessidade de se empreender esforço para enraizar a liturgia nas diversas culturas como uma tarefa importante para o renovamento litúrgico.

Mas a grande revolução é sobretudo terminológica: a passagem do termo de adaptação para o de inculturação. A Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* utiliza o termo de «adaptação» da liturgia, indicando algumas formas:

1. Deve a competente autoridade eclesiástica territorial, a que se refere o art. 22.º, §2, considerar com muita prudência e atenção o que, neste aspecto, das tradições e génio de cada povo, poderá oportunamente ser aceite na Liturgia. Proponham-se à Sé Apostólica as adaptações julgadas úteis ou necessárias, para serem introduzidas com o seu consentimento.

2. Para se fazer a adaptação com a devida cautela, a Sé Apostólica poderá dar, se for necessário, à mesma autoridade eclesiástica territorial a faculdade de permitir e dirigir as experiências prévias que forem precisas, em alguns grupos que sejam aptos para isso e por um tempo determinado (40).

3. Como as leis litúrgicas criam em geral dificuldades especiais quanto à adaptação, sobretudo nas missões, haja, para a sua elaboração, pessoas competentes na matéria de que se trata.

O termo de inculturação surge, nos textos do Magistério da Igreja, como forma de designar, de maneira mais clara, a «encarnação do Evangelho nas culturas autóctones e ao mesmo tempo a introdução dessas culturas na vida da Igreja (21).

A vantagem desse termo reside no facto de implicar um duplo movimento, isto é, «a Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas e, ao mesmo tempo, ela introduz os povos com as suas culturas na sua própria comunidade». De um lado, a penetração do Evangelho num determinado meio sociocultural «fecunda como do interior as qualidades espirituais e os dons próprios de cada povo [...] fortifica-os, aperfeiçoa-os e restaura-os em Cristo. Do outro lado, a Igreja assimila estes valores, na medida em que são compatíveis com o Evangelho, para melhor aprofundar a mensagem de Cristo e para expressá-lo mais perfeitamente na celebração litúrgica como na vida multiforme da comunidade dos fiéis». Este duplo movimento, presente na inculturação, expressa uma das componentes do mistério da encarnação.

2.3. Os Fundamentos Teológicos da Inculturação

2.3.1. O Fundamento Cristológico

A inculturação não se reduz a uma opção teológica ou pastoral facultativa. Ela constitui o coração e o objetivo da atividade missionária pelo facto de se tratar do encontro entre Deus e o homem. Mais ainda, ela responde e corresponde com o horizonte e as expectativas últimas do homem e da sua cultura.

No entanto, «o recurso do discurso teológico à realidade da encarnação do Verbo de Deus para pensar a inculturação não deve ocultar o carácter analógico desta abordagem, tendo em conta a unicidade do movimento kenótico operado pelo Filho do Pai eterno»³⁹¹.

De todas as maneiras, a realidade da encarnação do Verbo de Deus é o primeiro fundamento da inculturação. Trata-se do fundamento cristológico. Deus, fazendo-se homem em terra palestina, empreende uma descida *kenótica* na Humanidade. Na particularidade da experiência humana judaica, Deus, em seu Filho, alcança e assume toda a Humanidade; tem em conta todos os homens e o homem todo, na particularidade do seu ser, da sua história, da sua cultura; encarna-se em todas as realidades que constituem o ser-no-mundo do homem, de todo o povo na sua particularidade.

Por ser integral e concreta, a encarnação do Filho de Deus foi cultural. «O próprio Cristo, pela sua encarnação, juntou-se às determinadas condições sociais e culturais dos homens com os quais viveu» (AG, 10). As culturas, na medida em que são animadas e renovadas pela graça e pela fé, são complementares, no Corpo de Cristo.

A inculturação é o prolongamento da encarnação do Filho de Deus na história e nas culturas.

Por isso, importa evangelizar, não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até às suas raízes, a civilização e as culturas do homem, no sentido pleno e amplo [...] a partir sempre da pessoa e fazendo continuamente apelo para as relações das pessoas entre si e com Deus. (EN, 20.)

A lógica do Filho de Deus encarnado e do seu mistério pascal deve orientar todo o processo da inculturação. Em outros termos, esse processo deve significar a presença de Cristo, na verdade do homem e de toda a sua experiência; presença essa, através da qual Jesus realiza a descida aos infernos, no homem e no seio da sua cultura, e opera as transformações necessárias. É somente assim que Ele poderá conduzir o homem e a sua cultura à ressurreição, à confirmação pentecostal na abertura ao *eschaton*.

2.3.2 O Fundamento Eclesiológico

A Igreja encarna e prolonga a presença visível e histórica de Jesus no mundo, prefigurando e inaugurando a Humanidade nova e o Reino vindouro. Segundo o Concílio Vaticano II, ela constitui para o mundo o *sacramentum salutis*, o sinal, o lugar e o instrumento da salvação de Deus destinada e oferecida a todos os homens.

³⁹¹ Joseph Ndi-Okalla (dir.), *Inculturation et conversion. Africains et européens face au synode des Eglises d'Afrique* (Paris: Éditions Karthala, 1994), 39.

Para além da diversidade dos povos que a compõe, a Igreja é una, na sua manifestação histórica, como povo escatológico de Deus. A unicidade da Igreja funda a sua catolicidade. É católica porque convidada a integrar todos os povos, todas as culturas, no respeito absoluto das suas particularidades evangelizadas. Nela e por ela, Deus alcança cada povo, oferece-lhe a sua salvação, caminha com ele para o Reino, levando em consideração tudo o que constitui o seu ser, o seu universo de vida e a sua experiência.

A inculturação é propriamente uma exigência da catolicidade da Igreja. Em outros termos, a universalidade da Igreja implica e funda a inculturação.

2.3.3. Inculturação e Liturgia

A questão da inculturação da mensagem do Evangelho teve maior impacto no domínio da Liturgia, pondo em jogo as relações da Igreja com as culturas. A Instrução romana *Varietates legitimae* (1994) levanta precisamente esta problemática não só em relação aos países ditos de missão, mas também nos países de antiga cristandade, confrontados, no seu seio, com a diversidade cultural impulsada pelo processo da globalização e da tecnologização. Na verdade, a inculturação teve sempre um maior eco nas culturas das igrejas particulares, ou seja, nas ditas terras de missão.

Importa sublinhar que a inculturação deve submeter-se a certas precauções para não favorecer desvios doutrinários, o que significa dizer que, tanto na liturgia como no anúncio da fé e nos comportamentos éticos, trata-se primeiramente da inculturação do Evangelho. Isto é, a maneira como o projeto de Deus e a revelação se expressam numa cultura particular, qualquer que seja, e enriquece a própria vida da Igreja na sua inteligência da fé.

O Documento dito de Nairobi, elaborado pela Federação Mundial das Igrejas Luteranas (1996), destacou quatro eixos interdependentes, dentro dos quais se deve desenrolar a dinâmica da inculturação:

1. A dimensão transcultural, apontando para aquilo que se situa além das culturas;
2. A dimensão contextual, que leva em consideração as especificidades locais;
3. A dimensão contracultural, que se opõe a certos elementos culturais;
4. A dimensão intercultural, que tem em conta o necessário cruzamento entre as culturas.

Importa também, além dessas dimensões destacadas, que a implementação da inculturação seja conduzida no espírito do Bom Pastor (Jo 10) – caridade pastoral, atenção às necessidades e aspirações do povo – e não contentar-se apenas por uma substituição de símbolos religiosos e culturais a um nível superficial. A inculturação representa um

desafio enorme, mas relevante, na medida em que permite que as celebrações estejam enraizadas no contexto social e cultural dos povos.

O professor congolês François Kabasele-Lumbala, assim como o Cardeal Joseph Albert Malula, refletiram sobre as possibilidades de utilização das matérias locais, nas celebrações litúrgicas africanas. Pois, se o Evangelho tem por missão transformar, a partir do interior, as pessoas ou as culturas, um dos lugares essenciais onde se manifesta a resposta de uma pessoa, de um povo ou de uma cultura ao anúncio do Evangelho é a liturgia. Esta constitui a «mais alta manifestação da Igreja», ou seja, o lugar privilegiado onde se podem observar, de maneira concreta, os resultados da inculturação no seio da Igreja.

A liturgia permite constatar como se manifesta a fé acolhida, expressa e vivida. Importa sublinhar que a maneira de exprimir a fé não é um absoluto universal. Todos os povos não têm a mesma maneira de dizer ou de fazer as coisas. Ali está a razão de ser da inculturação da liturgia. A liturgia, particularmente através dos sacramentos, é portadora da presença de Deus, traduz as ações de Cristo para a salvação dos homens. A esse propósito, o *Sacrosantum Concilium* afirma:

Com razão se considera a liturgia como o exercício da função sacerdotal de Jesus Cristo. Nela, os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação dos homens; nela, o Corpo místico de Jesus Cristo – cabeça e membros – presta a Deus o culto público integral (SC, 7).

Isto significa dizer que a liturgia comporta uma parte imutável, por ser uma instituição divina; traz nela um mistério que ultrapassa o homem, o mistério de um Deus que quis revelar-se ao homem e espera ser acolhido por ele.

Conclusão

O problema da inculturação da fé é uma das questões mais candentes. Nós, como africanos, temos a dolorosa missão de analisar cuidadosamente os nossos usos e costumes, a fim de sabermos reconhecer que determinado costume, de um ponto de visto, é positivo, e aqueloutro, de outro ponto de vista, é negativo. É, a partir desta análise, que nós podemos evangelizar as nossas culturas. Não é uma tarefa fácil, pois exige discernimento e conhecimento profundo, tanto das culturas como do conceito teológico. Todas estas análises ficam incompletas senão refletirmos sobre o pluralismo litúrgico. Na nossa maneira de ver é o estudo complementar, a fim de enriquecer a nossa inculturação.

CAPÍTULO 3

O PLURALISMO DOS RITOS LITÚRGICOS

Introdução

No terceiro capítulo da Terceira Parte, começamos com a reflexão sobre o rito na liturgia, a partir da *Sacrosanctum Concilium*. A seguir investigamos as diferentes celebrações eucarísticas, de época em época, durante vinte séculos. Finalmente, dedicamo-nos ao estudo do pluralismo litúrgico, a começar pelo rito universal, passando pelos ritos ocidentais da Igreja latina, nomeadamente o ambrosiano, o bracarense, o galicano, o moçárabe, o zairense, o dominicano. Prosseguimos com a reflexão com os ritos litúrgicos orientais da Igreja Católica (copta: alexandrino, etíope, siríaco, siro-ocidental (Jacobita), bizantino (constantinopolitano), siro-malabar). Concluímos o nosso estudo com os aspetos litúrgicos, salientando os eclesiais, positivos e negativos.

3.1. Voz do Magistério da Igreja

Iniciamos a nossa reflexão sobre o pluralismo litúrgico com a voz do Magistério da Igreja. As suas orientações são como uma bússola para os navios ou uma torre de controlo para os aviões. Meditemos a seguinte passagem da *Sacrosanctum Concilium*:

A Liturgia, pela qual, especialmente no sacrifício eucarístico, «se opera o fruto da nossa Redenção», contribui em sumo grau para que os fiéis exprimam na vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja, que é simultaneamente humana e divina, visível e dotada de elementos invisíveis, empenhada na ação e dada à contemplação, presente no mundo e, todavia, peregrina, mas de forma que o que nela é humano se deve ordenar e subordinar ao divino, o visível ao invisível, a ação à contemplação, e o presente à cidade futura que buscamos. (SC, 2.)

Na citação, sublinhamos «*o que nela é humano se deve ordenar e subordinar ao divino, o visível ao invisível, a ação à contemplação e o presente à cidade futura que buscamos*». Nesta transcrição fixamos a nossa prioridade e a nossa atenção. Não é assim tão fácil refletir sobre o tema do pluralismo litúrgico, onde o povo exprime, publicamente, a sua fé, a ação de graças a Deus, o seu louvor ao Deus Onnipotente, a sua dor, a sua tristeza, a sua angústia... Depois destas palavras introdutórias, preferimos lançar um olhar na história da celebração eucarística.

3.2. Celebração da Eucaristia, na História da Igreja

Monsenhor Pierre Jounel fez tão belíssimas descrições, breves e sintéticas, sobre a celebração da Eucaristia, durante os vinte séculos, de época em época, que, da nossa parte, não resistimos em transcrevê-las, resumidamente, visto que nos oferecem uma rica visão histórico-litúrgica, desde Jesus Cristo até ao Vaticano II:

3.2.1. *Da Ceia do Senhor à Eucaristia da Igreja*

A propósito da Ceia de Jesus, Monsenhor Pierre Jounel descreveu-a, sinteticamente, nestes termos:

A Eucaristia da Igreja mergulha as suas raízes na Ceia de Jesus. Ao reunirem-se para celebrar a Refeição do Senhor, os cristãos comem do pão partido e bebem do cálice de vinho, depois de o sacerdote ter pronunciado, na oração de bênção, as palavras de Jesus: «*Tomai e comei, isto é o meu corpo. Bebei todos deste cálice: este é o meu sangue*» (Mt 26,27). «*Fazei isto em memória de Mim*» (Lc 22,19).³⁹²

3.2.2. *A esperança de Israel*

Monsenhor Pierre Jounel narrou, numa linguagem clara e simples, como o povo de Israel passou a viver o rito da refeição festiva judaica:

A Ceia do Senhor, na noite da sua Paixão, desenrolou-se segundo os ritos da refeição festiva judaica. Quer se trate da refeição anual da Páscoa, quer das refeições de grupos, habituais em Israel, todas têm por modelo, com algumas variantes de circunstância, a ceia que inaugura o sábado e cujos ritos permaneceram imutáveis na Diáspora através dos séculos. A mesa é coberta com uma toalha. Por vezes utiliza-se uma baixela especial, em particular quanto à taça. A dona de casa prepara a lâmpada. Foi também assim que Jesus reuniu os seus numa grande sala mobilada.³⁹³

3.2.3. *A Eucaristia das Igrejas judaico-cristãs*

Monsenhor Pierre Jounel descreveu assim a maneira de celebrar a Eucaristia nas Igrejas judaico-cristãs:

Cristãos filhos de Israel, na Palestina ou na Diáspora, não quebraram a ligação com o judaísmo nos primeiros tempos. Continuaram a frequentar as sinagogas, com o risco de se fazerem expulsar delas (Jo 16,2), e a reunir-se no templo (Act 2,46), sob o pórtico de Salomão (Act 5,12), onde louvavam a Deus (Lc 24,53). Inicialmente devem ter continuado a tomar em família a refeição de abertura do sábado, acrescentando-lhe, na tarde inaugural do primeiro dia da semana, a fracção do pão em memória do Senhor, antes de retomarem, na madrugada deste dia, o seu trabalho quotidiano. Pouco a pouco constituíram as suas próprias sinagogas e foram-se distanciando das observâncias judaicas, das quais Jesus proclamara inúmeras vezes a inutilidade.³⁹⁴

³⁹² Pierre Jounel, *A Missa Ontem e Hoje* (Águeda: 2016), 15.

³⁹³ Jounel, *A Missa...*, 17.

³⁹⁴ Jounel, *A Missa...*, 20.

3.2.4. A Eucaristia das Igrejas do mundo greco-romano

Monsenhor Pierre Jounel relatou a celebração da Eucaristia, no mundo greco-romano, sem praticamente nenhum uso ou costume do mundo judaico:

As Igrejas fundadas por Paulo ou por outros missionários do Evangelho, nas cidades do mundo greco-romano, eram constituídas maioritariamente por homens e mulheres vindos do paganismo. Se por um lado eles viviam numa fé intensa em Jesus Cristo e numa exemplar caridade fraterna, como no-lo atestam diversas cartas de Paulo, por outro lado eram estranhos a todos os usos e costumes judaicos sobre os quais se tinha organizado o culto das comunidades da Palestina.³⁹⁵

3.2.5. A Eucaristia no tempo dos mártires

Tertuliano, um dentre os brilhantes Padres da Igreja, afirmou que «*o sangue dos mártires é a semente dos cristãos*», uma frase conhecida e repetida, universalmente, por todos os cristãos. Monsenhor Pierre Jounel narrou a celebração da Eucaristia, nesta época dos mártires, da seguinte maneira:

O século II com a personalidade do bispo mártir Inácio de Antioquia († 110), que incita os cristãos a «reunirem-se com frequência» à volta do seu bispo, «como em torno dum só altar, no único Jesus Cristo, para dar louvores e fazer acções de graças a Deus». Nesses mesmos anos (112), Plínio *o Moço*, um pagão, informa que os cristãos têm «o hábito de se reunir em dia fixo, antes do nascer do sol, e de cantar entre eles, alternadamente, um hino a Cristo como a Deus», voltando em seguida a reunir-se para uma refeição comum.³⁹⁶

3.2.6. O manto branco das Igrejas, a seguir à paz

Monsenhor Pierre Jounel relatou a celebração da Eucaristia no tempo da paz, depois de 313, época da construção de igrejas:

A paz oferecida à Igreja por Constantino, em 313, mereceu o começo de um movimento de conversão, ao longo de todo Império. Para acolher a multidão dos novos baptizados, mas também para honrar os mártires, cuja fé vencera o mundo, foi preciso construir numerosas igrejas. De Roma a Constantinopla, da Terra Santa à África, à Espanha e à Gália, foi o florescer extraordinário dum «manto branco de igrejas», mais impressionante ainda do que aquele que provocará a admiração de Raúl Glaber no princípio do século XI.³⁹⁷

3.2.7. A Eucaristia, no tempo dos Padres: a Missa

Monsenhor Pierre Jounel descreveu a celebração da Eucaristia, na áurea época dos Padres da Igreja:

A época que viu construir basílicas é também aquela em que grandes bispos governaram e ensinaram os seus povos com uma autoridade jamais igualada. Chama-

³⁹⁵ Jounel, *A Missa...*, 23.

³⁹⁶ Jounel, *A Missa...*, 25.

³⁹⁷ Jounel, *A Missa...*, 29.

-lhes com justiça: os Padres da Igreja. A lembrança deles é inseparável da história da liturgia. Alguns deixaram o seu nome ligado às Orações eucarísticas, ainda em uso no Oriente: Basílio de Cesareia, Gregório de Nazianzo, João Crisóstomo. Outros produziram, sobre a Eucaristia, um ensinamento do qual se alimenta, desde há quinze séculos, a fé dos cristãos.³⁹⁸

3.2.8. *A Eucaristia, no tempo das invasões dos bárbaros*

Monsenhor Pierre Jounel redigiu, numa linguagem muito simples, a celebração da Eucaristia, na época das invasões bárbaras e migração dos povos:

Com o século V, acentuou-se o avanço das invasões dos bárbaros, das «migrações dos povos», como de preferência se diz hoje. Em 410, os Vândalos entram em Roma. Foi um milagre que a cidade apostólica não tenha sido riscada do mapa durante os dois séculos que vão até Gregório Magno. Nessa altura contará vinte mil habitantes, ela que tinha atingido mais de um milhão, no tempo de Pedro e de Paulo.³⁹⁹

3.2.9. *A Eucaristia, na época carolíngia*

Monsenhor Pierre Jounel escreveu, em pouquíssimas palavras, muito esclarecedoras, como era celebrada a Eucaristia, na célebre época da Dinastia Carolíngia:

O século IX constitui uma data importante na celebração da Eucaristia no Ocidente. Um certo número de correntes, perceptíveis, desde a Alta Idade Média, fazem aparecer formas novas.⁴⁰⁰

3.2.10. *A Eucaristia, na Idade Média*

Monsenhor Pierre Jounel relatou como era celebrada a Eucaristia, na Idade Média:

A Idade Média do românico e do gótico, que enriqueceu o património artístico cristão com tantas obras-primas, viu nascer e desenvolver-se o culto da Eucaristia fora da missa, mas manteve o povo dos baptizados, afastado da refeição do Senhor.⁴⁰¹

3.2.11. *A Eucaristia, no tempo da Reforma Católica*

Monsenhor Pierre Jounel narrou como era celebrada a Eucaristia, no tempo marcado pela Reforma, provocada pela revolta de Martinho Lutero, a cujos discípulos a história passou a denominar *protestantes*:

A Reforma protestante contestou de maneira radical a Missa, tal e qual era celebrada no fim da Idade Média, e pôs em causa, com argumentos apaixonados, quer os seus fundamentos dogmáticos, quer os seus ritos tradicionais. A Reforma concretizou a sua hostilidade na negação do carácter sacrificial da Missa e na dupla reivindicação do uso da língua viva e da comunhão do cálice.⁴⁰²

³⁹⁸ Jounel, *A Missa...*, 31.

³⁹⁹ Jounel, *A Missa...*, 33.

⁴⁰⁰ Jounel, *A Missa...*, 36.

⁴⁰¹ Jounel, *A Missa...*, 38.

⁴⁰² Jounel, *A Missa...*, 40.

3.2.12. *A Eucaristia, durante a renovação litúrgica*

Monsenhor Pierre Jounel não somente descreveu, mas ressaltou, a renovação na liturgia, a partir do Pio XII, em 1956, quase uma década antes da realização do Concílio Vaticano II:

Em 1956, o Papa Pio XII saudava a renovação litúrgica como «uma passagem do Espírito na Igreja do nosso tempo para aproximar os homens das fontes da graça». Esta renovação começara meio séculos antes, sob o impulso do Papa São Pio X, que estava convencido de que «a participação activa dos fiéis na celebração eucarística é a fonte primeira e indispensável do verdadeiro espírito cristão». Começou por convidar os fiéis a participarem na liturgia associando-se ao canto, reservando desde muito tempo ao grupo coral.⁴⁰³

3.2.13. *A Eucaristia, depois do Vaticano II*

Finalmente, Monsenhor Pierre Jounel completa a sua narrativa sobre a celebração da Eucaristia, de época em época até ao Vaticano II, cujo ponto mais relevante da revolução litúrgica foi o da sua celebração nas línguas de todos os cristãos, universalmente:

Com o Concílio Vaticano II abria-se uma página nova na história da liturgia no Ocidente. Pela primeira vez, um concílio ecuménico consagrava um documento solene à liturgia (1963). Esta inovação não tinha por finalidade abrir a porta a formas inéditas da celebração da Missa e dos sacramentos ou da oração pública da Igreja. Ela pretendia, ao contrário, reconduzir os ritos às suas fontes vivas, desembaraçando o essencial das sobrecargas introduzidas no decurso dos séculos ou fazendo reaparecer formas que se tinham esfumado.⁴⁰⁴

Ficámos satisfeitiíssimos com a leitura destes comentários, sobre as diferentes formas de celebração da Eucaristia, ao longo dos tempos. Monsenhor Pierre Jounel, ao citar a Constituição sobre a Liturgia (n. 23), marcou claramente a diferença:

Ontem, a Eucaristia de Inácio de Antioquia e de Agostinho, de Teresa de Ávila e de João Maria Vianney, um passado rico de fé e de amor. Hoje, a Missa sobre o mundo, da Igreja que canta em todas as línguas as maravilhas de Deus, um tempo presente cheio de esperança.⁴⁰⁵

A restauração da concelebração foi a chave de ouro, que Monsenhor Pierre Jounel nos ofereceu, na leitura que faz das diferentes maneiras de celebrar a Santa Eucaristia:

O Concílio restaurou a concelebração, «que manifesta bem a unidade do sacerdócio» (SC, 57), quando ela tinha praticamente desaparecido no Ocidente há mais de mil anos. A rapidez da sua difusão mostrou que a concelebração respondeu a uma necessidade. Ela é de facto uma epifania do sacerdócio católico, na reunião do *presbiterium* à volta do bispo ou na oblação fraterna dos presbíteros, por vezes em número de centenas, oferecendo o único Sacrifício.⁴⁰⁶

⁴⁰³ Jounel, *A Missa...*, 42.

⁴⁰⁴ Jounel, *A Missa...*, 44.

⁴⁰⁵ Jounel, *A Missa...*, 10.

⁴⁰⁶ Pierre Jounel, *A Missa Ontem e Hoje*, 44.

Depois de todas estas reflexões passemos agora ao estudo dos ritos. Porém, antes de escrevermos algo sobre os ritos é nossa preocupação conhecer antecipadamente o significado profundo do rito.

João da Silva Peixoto na sua reflexão sobre o rito ajuda-nos a esse conhecimento:

A palavra «rito» (do sânscrito: «aquilo que está conforme à ordem») designa um agir simbólico, que integra gestos, palavras e objectos, e se repete com regularidade, tendo uma eficácia de carácter meta-empírico. Hoje, os estudiosos revalorizam de forma positiva o comportamento ritual humano, nomeadamente ao nível da vida e religiosa. Também na celebração do mistério de Cristo não se pode ignorar a importância da mediação ritual, com o seu carácter simbólico e lúdico. Daí a importância da antropologia litúrgica.

Por rito(s) também se entende(m) a(s) expressão(ões) da realidade concreta de cada Igreja local, na meditação dos livros divinos, na celebração dos sagrados mistérios, na própria forma de viver e exprimir o Evangelho de Cristo, na tradição viva que procede dos Apóstolos. Nesta acepção, que é a que aqui nos interessa, o rito depende quer da cultura ou civilização concreta, quer da história e das vicissitudes particulares de cada Igreja.⁴⁰⁷

Conhecido o significado do rito, distinguimos os ritos litúrgicos ocidentais da Igreja Latina, por um lado, e os ritos litúrgicos orientais da Igreja Católica, por outro. O rito ambrosiano, bracarense, galicano, romano, moçárabe, zairense e dominicano são os ritos litúrgicos ocidentais da Igreja Católica Latina, enquanto os ritos copta (alexandrino), etíope, siríaco, siro-ocidental (jacobita), bizantino (constantinopolitano) e siro-malabar são da ritos litúrgicos orientais da Igreja Católica.

3.3. Ritos Litúrgicos Ocidentais da Igreja Católica Latina

3.3.1. Rito Ambrosiano

O Rito Ambrosiano foi atribuído a Santo Ambrósio, e é também chamado de «rito milanês», por ser utilizado nas Dioceses de Milão e Lodi, na Itália. Trata-se de uma Igreja tão histórica, naquele país! Foi e é um rito que marcou todo o percurso espiritual do cristianismo daquela região. Aqui, procuramos somente assinalar a historicidade do rito, apesar de, para seu aprofundamento, se pudesse mergulhar mais nas razões teológicas que lhe subjazem.

3.3.2. Rito Bracarense

O Rito Bracarense é um rito semelhante ao romano, mas executados na Arquidiocese de Braga, em Portugal, por concessão de diversas Bulas Papais e por decisão do

⁴⁰⁷ João da Silva Peixoto, «Rito», in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Carlos Moreira Azevedo (dir.) (Rio de Mouro: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Círculo de Leitores, 2001), 131. Ver também Matias Augé, *Liturgia – História, celebração, teologia, espiritualidade* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2005).

Sínodo de 1918. O Rito Bracarense, na expressão do cristianismo português, é uma referência obrigatória, segundo a nossa opinião. É um rito que pertence ao escalão de nobreza da fé, no Norte de Portugal. Este rito qualifica e confere uma identidade litúrgica específica àquela porção do povo de Deus da Arquidiocese de Braga. Para melhor o conhecermos impõe-se que consultemos, acuradamente, a sua história, através dos ricos arquivos eclesiásticos da Arquidiocese Primaz de Braga.

3.3.3. Rito Galicano

O Rito Galicano teve a sua origem na Gália (França), desde o século IV até pelo menos ao século IX, e que subsistiu durante alguns séculos, sobremaneira, em algumas partes da França, mas com influência em todo o Ocidente latino. Os liturgistas identificam-lhe influências do rito espanhol antigo (moçárabe), dos ritos celta e escocês, e do milanês e gaulês. A partir de Carlos Magno, no entanto, ele vai sofrendo alguma erosão provocada pelo *Sacramentário Gelasiano* que, por seu turno, lhe favorece a fusão com a liturgia romana. Embora a sua implantação seja antiga, tal como se encontra referido nos anais da história da Igreja Católica, particularmente no século XIV, naquele período conturbado da Igreja, de concorrência relativa à sede papal, em que chegou a haver dois Papas, um Avinhão e outro em Roma, terá havido ainda o esboço de alguma reabilitação.

3.3.4. Rito Romano

O Rito Romano é o rito utilizado na Igreja de Roma. É o rito mais conhecido e utilizado na Igreja Católica, em todo o mundo, e que segue uma espécie de «manual», o *Missal Romano*. Esta modalidade determina de forma nuclear a nossa liturgia universal. Tornou-se como padrão de unidade de toda a Igreja Católica, como nos parece. Ao falarmos do Rito Romano, implica indiretamente destacarmos a importância substancial do rito universal, a nível da Igreja una, santa, católica e apostólica. Por isso, este rito modera toda a realidade eclesial a nível litúrgico, no mundo católico.

3.3.5. Rito Moçárabe

O Rito Moçárabe é também chamado Rito Hispano-Moçárabe. Foi criado e praticado pelos primeiros cristãos hispânicos ou ibéricos, que se encontravam ainda sob o domínio da Roma imperial. É ainda utilizado na Catedral de Toledo, na Espanha. Deparamos com outra sensibilidade celebrativa marcante da mesma Igreja de Cristo. O que está em jogo diz respeito ao esforço de criatividade, relativa ao modelo de culto a prestar ao Senhor. Em resumo, em cada cultura, há uma liturgia intrínseca presente.

3.3.6. Rito Zairense

O Rito Zairense da missa é uma iniciativa dos Bispos da República Democrática do Congo, na então República do Zaire. A República Democrática do Congo conta com 50 bispos. A concepção do rito é o esforço de todos, encabeçado pelo Cardeal Joseph Albert Malula. O rito funda-se sobre a figura de Cristo-Chefe, representado pelo sacerdote, presidente da Eucaristia.

O Rito Zairense da missa é uma variante do Rito Romano da missa. Foi aprovado por Roma, em 1988, com um ritual próprio. O Rito Zairense da missa corresponde à cultura local. As pessoas são implicadas na liturgia, pois se sentem consideradas e reconhecidas. O rito toma em conta a vida e a cultura africana. É a questão da actualidade e da vitalidade da tradição africana que deve provocar a mudança a três níveis: morfológico, das instituições e das significações maiores.⁴⁰⁸

Para obtermos mais conhecimentos sobre o rito zairense achamos oportuno transcrevermos dois testemunhos escritos de dois sacerdotes zairenses: de Clément Mulewu Munuma Yôt, missionário Oblato de Maria Imaculada (OMI), e de Luarent Mpongo, sacerdote diocesano:

Em Agosto de 1970, Laurent Mpongo apresentou, o «Projecto da Missa-congolesa» e este projecto, experimentado em inúmeras dioceses, tomou em seguida o nome de «Rito zairense da celebração eucarística» ou, simplesmente, «Rito zairense».

Neste plano, Laurent Mpongo é um dos pioneiros do rito eucarístico zairense. Ele sente o orgulho em constatar que a Missa, tal como é celebrada na comunidade congoleza, «responde ao sentimento religioso do ser humano, ao nível da afetividade, da estética e da solidariedade com os outros».⁴⁰⁹

O contexto da República Democrática do Congo editou a regra para a elaboração desta espécie de rito distinto da uniformidade metodológica do Rito Romano em si. Naturalmente, confirma a especificidade pastoral da Igreja local, actualiza o mistério salvífico naquele espaço geográfico, sua real «geoliturgia» (modo de celebrar no espaço geográfico concreto). O «*Rite zairois*», como gostariam os autóctones que fosse denominado, cuja aprovação passou a ser «Missal Romano para as dioceses do Zaire» (n. 11), marcou o pluralismo litúrgico naquele país. Foi aprovado pelo Papa João Paulo II, em 1988, conforme consta nas *Acta Apostolicae Sedis*.⁴¹⁰

Paulin Poucouta, biblista congolês, resumiu-nos os pontos essenciais do Rito Zairense da missa da seguinte maneira:

No «Rito Zairiano ou Rito Zairense» da Missa, a liturgia da Palavra compreende sete momentos: as leituras da Bíblia, a entronização do Evangelho, a homília, a profissão de fé, o ato penitencial, o rito da paz e a oração universal.⁴¹¹

⁴⁰⁸ Mulewu Munuma Yôt Clément, *Do «Rite Zairois» da missa a missal romano para as dioceses do Zaire* (Uije, Angola: Assembleia Diocesana de Liturgia, 24 de fevereiro de 2012), 30.

⁴⁰⁹ Nkelenge Hilaire Mitendo, «Laurent Mpongo, Um defensor do casamento e da liturgia africanos», in *Teologia Africana no Século XXI – Algumas Figuras*, Bénézet Bujo e Juvénal Ilunga Muya (coord.), vol. 2 (Prior Velho: Paulinas, 2012), 143.

⁴¹⁰ Mulewu Munuma Yôt Clément, *Do «Rite Zairois» da missa a missal romano para as dioceses do Zaire* (Uije, Angola: Assembleia Diocesana de Liturgia, 24 de fevereiro de 2012), 30.

⁴¹¹ Paulin Poucouta, *Quand la Parole de Dieu visite l'Afrique*, Lecture plurielle de la Bible (Paris: Éditions Karthala, 2011), 186-187. (Tradução própria.)

3.3.7. Rito Dominicano

Domingos de Gusmão foi o fundador da Ordem dos Pregadores, comumente chamados *Dominicanos*, ordem monástica onde se encontram as raízes do Rito Dominicano. Domingos nasceu em 1170, em Caleruega (Espanha), e faleceu, em 1221, em Bolonha (Itália). O Rito Dominicano foi um rito que muito contribuiu na requalificação da pastoral bíblica, com destaque para a pregação, formação teológica, em confronto com a heresia albigena da época. O rito dominicano sublinha o estilo de oração, a espiritualidade e a regra, típicas desta Ordem conventual dos Padres Pregadores.⁴¹²

3.4. Ritos Litúrgicos Orientais da Igreja Católica

Os ritos litúrgicos variam em cada contexto geográfico e cultural. Entretanto, algo comum, conforme vimos afirmando, diz respeito ao seu objeto do estudo e escopo. Em tudo se faz referência ao culto divino. «O sagrado Concílio Ecuménico confirma, louva e, quando necessário, deseja muito que seja restaurada a antiga disciplina sacramentária, vigente nas Igrejas Orientais, bem como a práxis da sua celebração e administração»⁴¹³.

3.4.1. Rito Copta⁴¹⁴: Alexandrino

O Rito Copta é um rito de língua grega, nascido no Egito, e, mais particularmente, em Alexandria, sendo traduzido para a língua copta, após o Concílio de Calcedónia (século V), e tornando-se a Liturgia própria dos Coptas. O rito dos fiéis, que permaneceu ortodoxo, depois do Grande Cisma de 1054, sofreu influência bizantina. É seguido, hoje, pelos fiéis copta-católicos e copta-ortodoxos. A língua usada pela Liturgia alexandrina era, inicialmente, o grego, sendo substituída, mais tarde, pela língua copta, derivada da última fase da língua faraónica do século II. Com a invasão muçulmana de 641, a sociedade sofreu uma progressiva «arabização». No século XIII, não se escreveu mais nada em língua copta e, no século XVII, o copta desapareceu da vida ordinária do país. Também na Liturgia, o desfecho é idêntico: hoje, os textos litúrgicos apresentam um texto bilingue – copta e árabe –, com uma prevalência do árabe.

⁴¹² Nos Arquivos Históricos da Ordem dos Pregadores (Dominicanos) podemos encontrar mais pormenores deste rito.

⁴¹³ Paulo VI, Decreto *Orientalium Ecclesiarum*, sobre as igrejas orientais católicas (21 de novembro de 1964), 12.

⁴¹⁴ Cf. <http://www.leigos.pt/index.php?noticias=2697/-as-igrejas-copta-ortodoxa-e-copta-catolica-no-egito>, Comissão Episcopal Do Laicado e Família «Rito Copta», in CEP, *As Igrejas Copta Ortodoxa e Igreja Copta Católica no Egito* (28.4.2017) (acesso, em 9 de abril de 2020).

3.4.2. Rito Etíope

Emergindo das tradições causídicas, hebraicas e judaico-cristãs, a liturgia etíope manteve as suas próprias características até aos dias de hoje. Desde o século IV (a conversão do rei Ezna), o cristianismo tornou-se a religião estatal. Embora evangelizadas pelas Igrejas síria e de Alexandria, estas Igrejas permitiram o aparecimento de características etíopes. Assim, desde a época dos Padres, as liturgias copta e etíope têm demonstrado a abertura das culturas africanas à mensagem do Evangelho, a interação entre o Evangelho e a cultura africana, e a sua disponibilidade para se enriquecerem, transformarem-se e desenvolverem-se mutuamente.⁴¹⁵

3.4.3. Rito Siríaco

A segunda grande tradição oriental é conhecida como antioquena ou siro-ocidental, compartilhada também pelas Igrejas Católica e Ortodoxa. Dentro da Igreja Católica, são três os agrupamentos concernentes a este rito: a Igreja siro-católica, a Igreja maronita e a Igreja siro-malabar⁴¹⁶. Naturalmente, caminhamos para a beleza do pluralismo litúrgico.

3.4.4. Rito Siro-Occidental (jacobita)

No século VI, um bispo monofisita, Jacob Baradai, enviado secretamente pela imperatriz Teodora, organizou e estruturou a Igreja síria ortodoxa, que, desde então, é conhecida também como Igreja jacobita ou siro-ocidental. Este rito teve diversas conotações por motivos doutrinários anteriores aos primeiros séculos do Cristianismo. Em contrapartida, desembocaram nos conflitos doutrinários e «heresias cristológicas» dos séculos III e IV.

3.4.5. Rito Bizantino (Constantinopolitano)

Ao escrevermos sobre o Rito Bizantino (constantinopolitano) estamos, por outras palavras, perante uma análise histórica da prática ritual do Patriarcado de Constantinopla. Este Patriarcado faz-nos lembrar a importância que teve o referido espaço durante o crescimento sistemático da Igreja, durante o domínio do Império Romano. Hoje, faz parte da Turquia, e o seu nome atual é Istambul. Favoreceu o desenvolvimento da doutrina cristã sistematizada.

Os fiéis pertencentes a estas igrejas orientais católicas (não confundir com as igrejas orientais não católicas, chamadas ortodoxas, separadas de Roma, que, muitas vezes, adotam os mesmos ritos litúrgicos) são tão católicos quanto os pertencentes à Igreja Latina,

⁴¹⁵ Elochukwu Eugen Uzukwu, «Pour Une Liturgie Inculturée», in *Quelle Église Pour L'Afrique du Troisième Millénaire? Contribution au Synode Spécial des Évêques pour l'Afrique*. Actes de la Dix-huitième Semaine Théologique de Kinshasa, du 21 au 27, 1991, 238. (Tradução própria.)

⁴¹⁶ Cf. I., Álvarez, «Igrejas orientais: a Igreja de tradição antioquena», in <https://www.pt.zenit.org/articulos/igreja-orientais-a-igreja-de-tradicao-antioquena/>, Roma (12 outubro 2010) (acesso em 17.-4-2020).

mas, de acordo com o Direito Canônico, só podem mudar de rito, sob autorização expressa da Santa Sé. Embora conservem tradições litúrgicas e devocionais próprias, há séculos, e apresentem abordagens teológicas, ritos litúrgicos e regras canônicas específicas, os chamados católicos bizantinos ou grego-católicos constituem cerca de 50% dos católicos orientais e professam sob o Rito Bizantino. Têm em comum, com a Igreja Latina, o primado da unidade da fé e a submissão ao poder do Santo Padre, reconhecido em sua suprema autoridade e infalibilidade magisterial.⁴¹⁷

Naturalmente, cada povo possui uma determinada cultura, isto é, com a presença dos seus hábitos, chamados usos e costumes. Concernente à dimensão cristã, constatamos a variante de relacionamento entre o sujeito vivente num contexto e a sua relação com o sagrado, revelado por Jesus Cristo, Deus conosco. Desta forma, há constante diálogo, enquanto movimento de acolhimento da revelação, esperando a resposta livre do ser humano ao dom revelado. Com efeito, os fiéis do rito oriental católico não estão aquém da sucessão apostólica do cristianismo nascente, da Igreja Católica evoluída até aos nossos dias. Por isso, têm como dever livre aderir ao Sumo Pontífice. Esta adesão é simbolizada a partir da liturgia, inicialmente, como meio concreto de unidade dos cristãos entre si, unidade com a hierarquia da Igreja.

3.4.6. Rito Siro-Malabar

Ao escrevermos (ou analisarmos) sobre o Rito Siro-Malabar estamos no contexto do movimento litúrgico, que pretende adequar-se do modo conveniente aos usos e costumes de cada povo. Os usos e costumes são tocados pela carne de Cristo Jesus, mediante a liturgia. Pelo modo de celebrar e pelos paramentos, pela língua e símbolos das tradições, permanece uma tarefa: a de se dever purificar aquilo que é negativo e transformar para positivo.

A fim de obtermos mais conhecimentos sobre este rito, ao longo da nossa investigação, encontrámos a seguinte narração:

A Igreja Católica de Rito Siro-Malabar é a segunda grande Igreja Católica Oriental, com mais de 3 milhões de membros, tendo adquirido parte do rito Caldeu. Esta Igreja, em comunhão com Santa Sé, foi também conhecida até ao século XVII como Igreja dos Cristãos de São Tomé. Segundo a tradição, o Apóstolo de Jesus terá chegado à Índia no ano 52 para pregar o Evangelho, batizar, construir templos e edificar comunidades.⁴¹⁸

A propósito do rito siro-malabar reconhecemos que cresce de forma dinâmica um grande movimento litúrgico oriental da Igreja Católica, na região asiática oriental, na

⁴¹⁷ Cf. <https://www.sendarium.com> 2015/09-os ritos-litúrgicos da Igreja Católica (acesso em 16.4.2020).

⁴¹⁸ In <https://www.snp.cultura.org.vol.igreja.syro-malabar> (SNP) (acesso em 20.4.20).

Índia. A liturgia indiana, curiosamente, traz consigo muita riqueza das suas multiformes e nobres tradições, por compreender, revalorizar, partilhar. Relembramos que a Índia é o segundo país mais numeroso do continente asiático e do mundo. Finalmente, há razões que justificam um variadíssimo pluralismo litúrgico.

Depois desta rica viagem histórico-litúrgica, na qual nos preocupámos em compreender cada rito, no seu contexto histórico, religioso e cultural, Paulin Poucouta, biblista congolês, chama a nossa atenção para a questão dos ritos, nestes termos:

Para isso, não basta descrever os ritos, conhecer o ambiente sócio-histórico em que nasceram. É necessário compreender seu significado teológico e espiritual para os próprios judeus, para Jesus, para a Igreja primitiva e para hoje.

No entanto, Jesus dá outro significado à liturgia judaica. Apresenta-se como o verdadeiro templo de Deus. Ele é o Sumo Sacerdote que dá acesso a Deus. Ele é o mestre, que melhor do que os rabinos da sinagoga, para interpretar as Escrituras.

Da mesma forma, os feriados judaicos assumem outro significado. A Páscoa é a celebração da morte e ressurreição de Jesus, o único que transfigura verdadeiramente o homem, permitindo-lhe tornar-se filho de Deus, mediante a circuncisão do coração. Jesus, Filho de Deus, realiza o que a liturgia judaica celebrava.

Essa releitura cristocêntrica permite que os cristãos africanos extraíam da fonte comum do Judaísmo elementos para o surgimento de uma liturgia cristã africana. Não se trata de copiar a liturgia judaica, mas de relê-la à luz da fé cristã.⁴¹⁹

3.5. Aspetos litúrgicos

Como em todas as obras humanas, onde não faltam aspetos positivos e negativos, vamos procurar discerni-los a fim de fazermos uma conclusão, que não é somente para salientar os positivos e encobrir os negativos, mas sim para obtermos um quadro mais completo e mais aproximado da realidade litúrgica ao longo da história.

3.5.1. *Aspetos positivos eclesiais*

Nós, os cristãos, celebramos o único e definitivo mistério da Trindade, manifestado decisivamente desde a encarnação do Verbo, na história humana até à Ascensão. Para além da sua especificidade histórica, o dado revelado seguiu um movimento desde Jerusalém, passando para Antioquia, atravessando o Mediterrâneo rumo a Roma do Imperador Constantino (ano 321 d.C.). Não deixou de sofrer alterações, isto é, movimento. Quando chegou para os lados de Atlântico até ao Pacífico, de novo houve interação com as ricas culturas, símbolo do real do Pentecostes cultural. Naturalmente, é o famoso pluralismo litúrgico, liturgia em movimento multiforme. «*Ecclesia semper reformanda*», na dimensão de comunicabilidade, vitalidade e dinamismo eclesial.

⁴¹⁹ Paulin Poucouta, *Quand la Parole de Dieu visite l'Afrique, Lecture Plurielle de la Bible* (Paris: Éditions Karthala, 2011), 174.

Enriquecimento do culto, outrossim, contribuiu à formação de ritos diversos tanto no Oriente como no Ocidente. Mas este desenvolvimento foi efetuado sempre de maneira orgânica, sem ruptura com a tradição e sem uma intervenção dirigista das autoridades eclesiásticas.⁴²⁰

Nos aspetos positivos reconhecemos com humildade a beleza da pluralidade litúrgica na diversidade de culturas, veneramos a sagrada tradição da mãe Igreja, incentivamos o estudo e atualização (*aggiornamento*) dos agentes e fiéis da Igreja. Evitemos dicotomias ao dom da unidade eclesial. Houve maior progresso entre a liturgia e a cultura. Fez-se valioso incremento pastoral a nível de experiência do pluralismo litúrgico. Surgiram novas modalidades de celebrar as ações litúrgicas; cada comunidade cristã ganhou o seu vigor gradual (SC 44. 45), organizou e solidificou a Música Sacra (SC 112), a arte sacra (SC 21).

3.5.2. *Aspetos negativos eclesiais*

Quanto ao progresso do rito universal, houve enormes passos, relativamente ao mistério celebrado. No entanto, não deixa de carregar consigo certos ressaibos menos convenientes a propósito da fé cristã. Nomeadamente, ao impor uma língua latina, um estilo pouco aberto, inicialmente, às culturas do mundo inteiro.

Há aqui um empobrecimento e também um enriquecimento. Entram na liturgia os elementos de fausto e de grandiosidade. Desde modo, a luz potente e pascal da liturgia primitiva começa a se ofuscar e se carrega as celebrações de extrema solenidades e aparatos demasiadamente solenes e reais [reais de realeza ... da liturgia na presença de reis].⁴²¹

Devemos, obrigatoriamente, fazer um discernimento sobre alguns exageros em vários ritos, por razões dos usos e costumes dos povos e culturas. Tudo isso requer regulação, a fim de não ofuscar o mistério da paixão, morte e ressurreição do Senhor. Enalteçamos o papel preponderante da Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, órgão da Sé Apostólica sobre a matéria litúrgica.

Mas, as exageradas pompas e solenidade das basílicas e catedrais levou também a um empobrecimento, um isolamento do fiel, uma massificação e uma participação na liturgia como a um espetáculo, sem entendimento algum do mistério litúrgico. Por isso agora a preocupação dos padres conciliares de uma verdadeira restauração da liturgia que permita o fiel se aproximar mais do mistério cristão, entender e participar ativamente da liturgia.⁴²²

⁴²⁰ In <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2019-08/massificacao-da-liturgia.html> (acesso em 15-4-2020).

⁴²¹ In <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2019-08/massificacao-da-liturgia.html> (acesso em 15-4-2020).

⁴²² In <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2019-08/massificacao-da-liturgia.html> (acesso em 15-4-2020).

Para resumir, podemos afirmar que a beleza da liturgia consiste na participação de todo o Povo de Deus dos mistérios salvíficos. Por fim, foi abolido o modo de celebração exclusiva da assembleia. A liturgia continua e será sempre ato público de toda a Igreja, de geração em geração. «As ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, que é «sacramento de unidade», isto é, Povo santo reunido e ordenado sob a direção dos Bispos» (SC, 26).

Conclusão

O rito universal e o pluralismo litúrgico concorrem para o bem do santo Povo de Deus e glória permanente da Trindade Santíssima. A Igreja continua a difundir o suave perfume do seu Divino Mestre, através da sã convivência litúrgica dentro da diversidade de ritos. Desde o Vaticano II até aos nossos dias, a comunidade cristã floresce na modalidade de percepção litúrgica. Apesar desses passos, há que fazer mais trabalho de preparação sólida dos ministros ordenados e dos leigos competentes a favor da matéria litúrgica (SC, 10).

Cultivarmos o espírito de inculturação evidente da liturgia em cada contexto do povo. O importante princípio, confirmado pelo Concílio Ecuménico Vaticano II, segundo o qual a oração litúrgica, adaptada à compreensão do povo, possa ser assimilada, exigiu uma importante tarefa, confiada aos Bispos, de introduzir a língua vulgar na liturgia e de preparar e aprovar as versões dos livros litúrgicos.⁴²³

Devemos fazer maior investimento relativamente às traduções dos textos litúrgicos e orações de índole vernácula. Qualquer que fosse o desempenho pastoral atual, requer especialidade e especialistas para a renovação prática, recordando a crítica feita por Santo Padre, Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, como diz:

A pastoral em chave missionária exige o abandono deste cómodo critério pastoral: «fez-se sempre assim». Convido todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objectivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades. (EG, 33.)

Que não haja pastoral do conformismo pessimista, pois não favorece o real desenvolvimento eclesial. Segundo a renovação do Vaticano II, os fiéis não são meros espetadores, mas membros efetivos da assembleia (SC 14) celebrante, concomitantemente, com o ministro ordenado, enquanto presidente da celebração formam um só Povo orante. Das costas voltadas para o povo, passa-se para o estilo dialogal, rosto voltado para o povo; do

⁴²³ Cf. Francisco, Carta Apostólica em forma de *motu proprio*, *Magnum Principium* (modificação do can. 838, CIC), 2017, 967; cf. *Querida Amazônia* (6-27 de outubro de 2019) (Roma: Cidade do Vaticano, 2020), 81-84.

uso da língua latina, durante as celebrações, passa-se para as línguas vernáculas (SC, 54.63). Do canto gregoriano e polifónico passam a ser usados cantos de índole autóctone. Da inculturação passa-se para interculturalidade litúrgica. Existe uma «dialética» constante do movimento.

Terminada a reflexão sobre a história de cada rito, vamos descer no terreno, que é a nossa Missão do Lucula Zenze, a fim de procurarmos ler aquilo que os missionários ensinaram e puseram em prática nesta missão, antes do Vaticano II.

CAPÍTULO 4

LITURGIA NA MISSÃO DO LUCULA ZENZE, ANTES DO VATICANO II (1893-1970)

Introdução

Na primeira evangelização da Missão do Lucula Zenze (1893-1970), os missionários espíritanos europeus, que fundaram a Missão, ensinaram o povo a ler e a escrever. Desde a fundação da Missão, em 1893, até à assinatura da Concordata e do Acordo Missionário em 1940, os missionários aprenderam a língua vernácula do povo de Cabinda. A partir do conhecimento da língua traduziram o catecismo em língua vernácula para o seu ensino aos autóctones. Porém, no campo da liturgia, a missa e a maioria dos cânticos era sempre em latim.

Dedicamo-nos, agora, à reflexão sobre a liturgia, nesta Missão do Lucula Zenze, antes do Vaticano II (1893-1970).

4.1. Celebração da Eucaristia, em latim

Começamos esta nossa reflexão com a celebração da Eucaristia. Antes do Vaticano II, a missa era celebrada em latim (*Introibo ad altare Dei. Ad Deum qualificat juventutem meam* – Irei ao altar de Deus! A Deus que alegra a minha juventude!; *Dominus vobiscum! Et cum Spiritu tuum!* – O Senhor esteja convosco! E com teu espírito).

Na missa celebrada em latim o sacerdote estava de costas voltadas para o povo. Não havia concelebração. Cada sacerdote celebrava sozinho, no altar-mor ou num dos altares laterais. No canto, tanto nas missas rezadas como nas missas cantadas, era o gregoriano que predominava.

As missas cantadas, nos domingos, nas festas, principalmente, no Natal, na Páscoa, no Pentecostes, no Cristo Rei e demais festas litúrgicas como também a do Padroeiro, eram participadas por numerosos cristãos vindos das várias aldeias.

Normalmente, todas as missas eram precedidas de confissões. Quando havia dois sacerdotes e dado que não havia concelebração, se um deles não estivesse em viagem pastoral, atendia de confissão, enquanto o outro celebrava.

Devemos acrescentar que o povo não entendia a língua latina. Porém, respondia às orações e rezava com muita fé. Até hoje, ainda nos surpreendemos ao constatar como

tantos homens e mulheres das aldeias, sabem cantar, fervorosamente, o *Kyrie*, o *Gloria*, o *Sanctus*, o *Agnus Dei*, o *Lauda Jerusalem*, em latim!...

O povo cantava em latim com toda a devoção, e temos bem presente a entoação do *Confiteor* (a confissão) em latim. O nosso catequista Lourenço Mambuco (1930-1985) da aldeia do Wângulo cantava o *In manus tuas, Domine commendo spiritum meum*, com tanto zelo e com toda a devoção, como se entendesse perfeitamente o significado do canto. Como ele não entendia, compreendia a explicação dada pelo missionário, na catequese, e por ele traduzida. Praticamente, todos os nossos mais velhos, evangelizados pelos primeiros missionários, deixaram os feitiços e abraçaram o cristianismo.

4.2. Instrumento musical admitido: «harmónio»

O harmónio era o único instrumento musical, que era tocado durante a santa Eucaristia. Na Missão do Lucula Zenze, o primeiro a tocar o harmónio foi o senhor Félix Tati. Aprendeu com os missionários. Nos domingos e nas festas litúrgicas, era sempre ele que tocava o harmónio e com muita mestria. Dominava o canto gregoriano como todos aqueles que foram catequizados pela primeira geração dos missionários. Não conseguimos obter os seus dados biográficos, porém, segundo informações fidedignas, provavelmente, teria nascido no início do século XX. Os filhos já faleceram e os netos não conseguiram dizer-nos algo do avô a não ser aquilo que todos reconheciam nele como organista.

4.3. Canto religioso (latim e português)

Nos nossos dias, temos numerosos grupos corais. Naquele tempo era o próprio missionário que dava a aula de canto. Havia missas rezadas e missas cantadas. As missas cantadas eram preparadas e ensaiadas antecipadamente. Eram aulas, às vezes, de uma hora ou mesmo uma hora e meia, de manhã e de tarde. Os missionários sempre assumiram também o grande sacrifício de dar as aulas de canto. Quando se aproximavam as festas, as suas preocupações redobravam com a escolha dos cânticos e com os ensaios.

4.3.1. Missas (*missas rezadas e missas cantadas*)

Na leitura do manuscrito *Diário do Seminário* de Lucula Zenze (1938-1946) encontramos a referência a missas rezadas e a missas cantadas. Foi pela leitura deste diário que recolhemos a menção das missas que os missionários ensinaram com muita paciência:

- *Missa cum iubilo*
- *Kyrie fons bonitatis*
- *Missa cunctipatens sempiterne Deus*

- Missa do 1.º tom, de Henri Dumont
- Missa do 6.º tom, de Henri Dumont
- *Missa de Angelis*
- Missa canto-chão
- Missa em honra de Nossa Senhora de Fátima
- Missa em honra de Nossa Senhora das Dores
- Missa em honra de Sagrada Coração de Jesus
- Missa na Festa de S. José
- Missa de Matteoli, a duas vozes
- Missa de *Requiem*.

(Deixamos nota de que os missionários não ensinaram só estas missas, pois eles também se dedicaram ao ensino de outras de que já não nos recordamos, pormenorizada-mente, e que, por isso, não deixamos aqui registadas.)

4.3.2. *Cânticos a vozes*

- *Gloria in Excelsis Deo* (a duas vozes)
- *Pie Pellicane* (a duas vozes)
- *Tantum Ergo* (a três vozes)
- Ladainhas cantadas (a vozes)
- Ladainhas de Nossa Senhora
- *Regina Coeli* (a quatro vozes)

4.3.3. *Cânticos em latim*

- *Kyrie*
- *Gloria in Excelsis Deo*
- *Credo*
- *Sanctus*
- *Agnus Dei*
- *Adoro Te Devote*
- *Pange Lingua*
- *Lauda Jerusalem*
- *Tantum Ergo*
- *Te Deum*
- *Aeterne Rex Altissime*
- *Veni Creator Spiritus*
- *Ave Maris Stella*
- *Ave Sanctorum*

- *Cor Jesu*
- *Cor Mariae*
- *Libera me*
- *De Profundis*
- *Miserere*
- *Sacris Solemniis*
- *Panis Angelicus*
- *Pie Pellicane*
- *O Esca Viatorum*
- *Regina Coeli*
- *Benedictus*
- *Magnificat*
- *Ecce Panis Angelorum*
- *Adeste Fidelis*

4.4. Alguns cânticos em língua *Ibinda*, antes do Vaticano II

Conforme salientamos acima, os primeiros missionários que chegaram a Cabinda, antes da Concordata e do Acordo Missionário (1893-1940), aprenderam a língua. Segundo os testemunhos dos mais velhos, foi-nos confirmado que o Irmão Gregório Eusébio Gomes (1874-1930) falava correntemente a língua *Ibinda*, naquela altura designada *Fiote*. O velho José Ngoka da aldeia de São José, na altura quase numa bela idade – entre os 95 e os 100 anos –, na comemoração do centenário da Missão, afirmou-nos que o Irmão Gregório Eusébio corrigia o natural do Lucula Zenze que falasse mal o *Fiote* (que, atualmente, designamos por *Ibinda*). Foi ele o tradutor principal do *Catecismo* de São Pio X. Segundo alguns testemunhos dos mais velhos, o P. Eugénio Bisch (1869-1910) compôs algumas canções em língua vernácula *Ibinda*, porém, estes cânticos, por falta de textos escritos, perderam-se. Ficaram meio perdidos na tradição oral. No entanto, nem todos ficaram perdidos, pois recolhemos alguns que testemunham o esforço desta época, antes do Vaticano II.

S. Zozé

S. Zozé nkebi bana baku
Tukeba ivitu
Bakana kutu bikako
Ubunda Jezu Mbote

S. José

S. José guarda os teus filhos
 Guarda-nos também a nós
 Não nos deixeis
 Ofender o bom Jesus.

Ntima Yezu

Ntima Yezu uzola batu
Bonga miyo mietu mo
Ah makanda metu moso
Sambulepi nkangu etu

Masumu metu bantu

Masumu metu bantu
Manvonda vadivanda
Ah Yezu nzoletu
Munsengo kilunangu
Tuntobudila ntima
Oh Yezu nzoletu

Mubuilu abu

Mu builu abu
Kun'si kumefumina
Wa m'baku muinda owo
uulula, uivonda meso?!

Eti Zezu Mebutuka

Eti Zezu Messia
Mekuiza va nsi
Tue monianu Zezu Kristu
Mebuka ke Santa Maria

Ndikukivana kudi nge

Ndikukivana kudi Nge
Ah Yezu nzolongo
Ai ntim 'ami ai moyoama
Luzingu luamalo

Nge ntim 'aku upanika
Nge ntim 'aku upanika
Tukwama zola tuzolana
Tukwama zolana

O Coração de Jesus

Coração de Jesus
Tirai os nossos corações
Também as nossas famílias
Interceda pela nossa família.

Os nossos pecados

Os nossos pecados
Crucificaram na cruz
Oh, Jesus, nosso amor
Com aponta da lança
Ferimos o coração
Oh Jesus, nosso amor.

Nesta noite

Nesta noite
Onde vem
Termos esta luz
Que arde perante os nossos olhos?!

Jesus nasceu

Jesus nasceu
Veio a terra
Vamos ver Jesus
Que nasceu da Virgem Maria.

Ofereço-me a vós, Senhor

Ofereço-me a vós, Senhor
Jesus, meu amor
Ah, meu coração e meu amor
Toda a minha vida.

Dai-me, Senhor, o vosso coração
Dai-me, Senhor, o vosso coração
Para amarmo-nos mutuamente
Para amarmo-nos sempre.

Misa mimene tuendila mundemba – *Missá terminou, vamos em paz*

Misa mimene tuendila mundembama – Missa terminou vamos em paz

Misa mimene isalu tshibapostolo – Missa terminou trabalho dos apóstolos.

4.5. Festas religiosas e devoções, antes do Vaticano II (1893-1970)

Quanto às devoções, os missionários espiritanos europeus inculcaram não uma, mas várias devoções: aos Santos, às Santas e às Almas do Purgatório.

Das devoções mais destacadas havia: a devoção mariana, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, o Sagrado Lausperene, as Primeiras Sextas-feiras de cada mês, os Primeiros Sábados de cada mês (Santa Maria, no Sábado), os Primeiros Domingos de cada mês, o Mês de maio (Mês de Maria), o Mês de outubro (Mês do Rosário), a Legião de Maria, o Dia 13 de cada mês, em honra de Nossa Senhora de Fátima, as visitas ao Santíssimo Sacramento (rezando orações prescritas para alcançar a Indulgência plenária) e Bênção do Santíssimo (todos os domingos, à tarde, antecipada da reza do terço). Para inculcar a devoção aos Santos distribuíam muitos objetos sagrados como terços, meda-lhas, escapulários de Nossa Senhora do Carmo e santinhos (pagelas)...

Recordamo-nos perfeitamente, como aluno interno da Missão, à tardinha pelas 17 horas, era a reza do terço. Os cânticos como *Ave Maria, Gratia Plena, Dominus tecum, Ave Maria, Salve Regina, Mater Misericordiae* e tantos outros cânticos, eram cantados com todo o fervor mariano. Os alunos internos da Missão e os cristãos das aldeias ao redor da Missão, todos reunidos na gruta, pertinho do cemitério, recitávamos o terço.

Francisco de Assis Mpezu Mbambi, antigo seminarista, redigiu este testemunho sobre as festas religiosas e as devoções nos tempos litúrgicos (Advento, Natal, Quaresma, Páscoa) e Festa do Padroeiro, antes do Vaticano II (1893-1970). Para nós é um testemunho digno de credibilidade, razão pela qual o transcrevemos e o incluímos na nossa reflexão.

ALDEIAS CRISTÃS AO REDOR DA MISSÃO

As aldeias foram fundadas pelos missionários nos arredores das missões masculina e feminina, cujos habitantes, maioritariamente constituídos por lares cristãos, casados pela igreja católica, provenientes dos internatos. Cada aldeia tem o seu santo patrono, representado por imagem, erguida sobre um pedestal, no centro da mesma: S. Miguel, S. José, S. João, Fátima, S. Paulo, Santo Eugénio...

À noite a comunidade concentrava-se junto do pedestal para a oração que finalizava com o canto em latim, «*In manus tuas, Domine, commendo Spiritum meum*», que todos os presentes, em uníssono cantavam.

FESTA DO PADROEIRO DA ALDEIA

O dia do Santo Patrono da aldeia era comemorado com actividades religiosas em que participavam as restantes aldeias, começando com missa solene cantada na igreja da missão. À noite em união com todos os habitantes da aldeia em festa, todos se concentravam em volta do pedestal do santo, rezando e cantando. O local estava engalanado com ramos de palmeiras, panos coloridos, pintados com figuras sugestivas. Estes procedimentos, considerados tradicionais, eram transmitidos de geração em geração e cumpridos como se de preceitos se tratassem.

DEVOÇÃO ÀS ALMAS DO PURGATÓRIO

A devoção às almas de Purgatório, profundamente, radicada no povo, foi sempre exteriorizada com factos. No fim da missa dominical o povo dirigia-se ao cemitério e junto ao portão rezava em memória dos defuntos. A recitação do Salmo 129 (130), «*De Profundis clamavi ad te Domine*» (Das profundezas do abismo chamei por ti, Senhor), popularmente conhecida na época era obrigatória, demonstrando, assim, a crença da imortalidade da alma.

UNÇÃO AOS DOENTES

Igualmente, sempre que houvesse alguém, gravemente doente, chamava-se o sacerdote para lhe administrar o sacramento da Extrema-Unção (Unção dos Enfermos), conforme recomenda o Apóstolo S. Tiago: «*Está alguém de entre vós doente? Chame os presbíteros da Igreja para que estes orem sobre ele, ungindo-o com o óleo em nome do Senhor*» (Tg 5,14). Administrava-se a Unção dos Enfermos seguido do sagrado viático. Aqueles que, Deus se dignasse chamar para junto de si geralmente, confortados com os sacramentos, tinham acompanhamento religioso do sacerdote, a partir da igreja até à última morada. É neste ambiente tão religioso e quão cristão em que nasceram e cresceram aqueles naturais das aldeias ao redor da missão e mesmo das aldeias, cujos efeitos ainda perduram, não obstante o tempo decorrido. Vimos missionários que percorriam quilómetros de carro e outras vezes á pé para ir administrar a Unção dos Doentes.

CATEQUESE

A frequência da catequese era obrigatória para todas as crianças das aldeias limítrofes, durante uma hora e meia (das 07h00 às 08h30) bem como a aprendizagem de cantos religiosos, com as predominâncias do canto gregoriano (canto-chão) em latim. Antes de terminar a catequese o sacerdote lia em língua vernácula e interpretava um texto de Bíblia. Foi assim que tivemos conhecimento desse livro sagrado a Bíblia. Os nossos mais velhos, bons apreciadores do canto gregoriano, canto da igreja por excelência no passado, transmitiam-nos o gosto de cantar pelo que toda a juventude dessa época sabia cantar o «gregoriano» de cor e salteado, sem hesitar.

Aos alunos ensinavam a preparar as vestes sacerdotais para a celebração da missa matinal do dia seguinte que o tempo constava: amicto, alva, cordão (cíngulo), estola, manípulo e casula, bem como os objectos do culto divino cálix, patena, cibório, píxide, custódia. O manípulo desapareceu depois da reforma litúrgica do Vaticano II...

INTERNATO NA MISSÃO

O Internato da missão albergava dezenas de rapazes provenientes de diversas localidades do Enclave e do Congo, com a finalidade de aprender uma profissão na Escola de Artes e Ofícios, propriedade de Missão.

Alguns desses internos, fisicamente, bem constituídos, já adultos, autênticos matulões poderiam pagar o Imposto Indígena Obrigatório ao Estado caso estivessem fora. No internato havia um regulamento e uma disciplina a que os internos, obrigatoriamente, estavam submetidos.

A missa diária na igreja, às 6 horas da manhã, a oração de noite e terço, a frequência das aulas com a duração de 4 horas por dia, o trabalho matinal no cultivo do campo ou aprendizagem de ofício, eram actos e factos decorrentes. Como aluno interno várias vezes fui acólito para ajudar a missa e desempenhei a função de Turi-ferário, isto é, transportador do círio (tocha).

MISSA DO GALO

Uma vez aberta a igreja, irrompia-se, ordeiramente, pela Igreja dentro, enquanto do coro se ouvia o solista numa voz cava e forte, como que a «despertar» os presentes para o evento que se ia comemorar: *Meia-noite, Cristãos, é Hora Bendita... Deus Vem Vestir-se de Escrava condição...* O povo em uníssono, prosseguia. «*Prostra-te, ó povo, espera o Livramento. Natal! Natal! Natal! Nasceu o Redentor*»... A Igreja estava repleta e iluminada, à luz de vela.

O relógio da residência missionária soava, exactamente, 24 horas (meia noite). O cortejo presbítero, precedido de acólitos, dirigia-se para o Altar-Mor, a fim de dar início à Missa Solene de Pontifical, celebrada pelo Prefeito Apostólico e assistida pelo Diácono e Sub-Diácono, revestidos de ricos paramentos (casula e dalmática), incrustados de pedrinhas doiradas e prateados e reluzentes, de estilo romano, em uso nesse tempo. O canto litúrgico em latim (gregoriano) alternado entre o grupo coral e o povo.

Finda a missa, já de madrugada, procedia-se à tradicional cerimónia do *Beijo Menino Deus*, no meio de entusiasmo e cantos. O enorme presépio era armado junto da porta lateral-esquerda cujas imagens e figuras típicas, representando o Menino Deus, deitado na manjedoura, Virgem Mãe Santíssima Maria, São José, os pastores e as ovelhas, conduziam com a grandeza do mesmo. Nesse dia os sacerdotes celebram três missas: Missa do Galo, Missa da Aurora e Missa do Dia. Esta tem a mesma solenidade e pompa como a do Galo.

De todos os edifícios, sobressai a Igreja, de estilo gótico, com a sua altaneira torre desafiando o tempo e irrompendo o espaço acima, os quatro relógios encravados na mesma, presentemente inoperantes, marcavam os segundos, minutos e horas, chamando a atenção do povo para as actividades diárias, os dois sinos com repiques sonoros, ritmados e cadenciados, convocam os fiéis para qualquer acto religioso ou ainda dobram afinados nos funerais, é motivo de orgulho para todos os filhos de Lucula Zenze e não só. Foi benzida e inaugurada no dia 26 de Fevereiro de 1932, pelo então Prefeito Apostólico, Padre Faustino Moreira.

Igualmente, mereceu menção especial o Altar-mor, de grande dimensão a condizer com a Igreja, os Altares Laterais, os Assentos dos Presbíteros, os Confessionários, o Baptistério, o Púlpito em madeira trabalhada e esculpida, revelam artes e habilidade dos seus executores. O púlpito foi retirado por ter caído em desuso. Seria bom que se criasse um Museu, onde figurassem os paramentos (que ricos paramentos!), os objectos de culto divino, incluindo o Presépio com todo o recheio, o Púlpito que serviram no passado, para que fossem admirados e ao mesmo tempo nos fizessem remontar ao passado histórico e religioso da Centenária Missão.

SEMANA SANTA

A Semana Santa, cerimónia litúrgica, que se realizava na Igreja na Quarta-Feira Santa, Quinta-Feira Santa e Sexta-Feira Santa, à tarde, que consistia na recitação dos salmos, na leitura dos extractos dos Santos Padres da Antiguidade, no Canto das Lamentações do Profeta Jeremias em que tomavam parte clérigos, e leigos

seleccionados. Apesar de serem em latim, a cerimónia era muito concorrida e apreciada pelo povo que enchia por completo o Templo.

A partir do Domingo da Paixão, hoje V Domingo da Quaresma, na igreja a cruz e as imagens dos santos ficavam cobertas com o *pano preto*, sendo a cruz descoberta durante a cerimónia litúrgica da paixão da sexta-feira santa.

Na *Quinta-Feira Santa* e na *Sexta-Feira Santa*, o *bater das matracas* substituíam o repique sonoro dos sinos, em sinal de tristeza e luto pela Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, os quais voltavam a ser ouvidos na Missa do *Aleluia do Sábado Santo*, ao som do canto da «*Glória in Excelsis Deo*» e, simultaneamente, se descobriam as imagens dos santos.

Na Semana Santa, o sacerdote acompanhado dos acólitos, munidos de crucifixo, hissopo e de caldeirinha com água benta, fazia a Visita Pascal a todas as famílias casadas, catolicamente, do Povo Cristão e circunvizinhos.

O sacerdote rezava em cada casa orações apropriadas, segundo o ritual católico, aspergia, dava a beijar o Crucifixo a todos os presentes, terminando com a bênção da casa. Os garotos de então corriam atrás do padre, como enxames de abelhas a fugir do fumo à procura da colmeia, gritando....⁴²⁴

Conclusão

A celebração da Eucaristia, os cânticos executados, mais em latim do que em português, e muito menos em *Ibinda*, as devoções na história das missões, foram os temas principais, que desenvolvemos nesse capítulo, a fim de compreendermos como era celebrada a liturgia, seguindo o Rito Romano, na Missão do Lucula Zenze, antes do Concílio Vaticano II.

⁴²⁴ Francisco de Assis Mpezu Mbambi nasceu em 1944, na aldeia de Macanga Grande. O pai era o catequista João Maria Mbambi, também antigo aluno da Missão. Frequentou o Seminário de Cabinda (Instrução Primária); de Malanje (Ciclo Preparatório e Humanidades); e de Luanda (Ciclo de Filosofia e de Teologia). Casou pela igreja. Faleceu em 2020.

CAPÍTULO 5

LITURGIA NA MISSÃO DO LUCULA ZENZE, DEPOIS DO VATICANO II (1970-1974)

Introdução

A reflexão sobre a liturgia na Missão do Lucula Zenze, depois do Vaticano II (1970-1974), é centrada na tradução do Ordinário da Missa, tradução dos textos dominicais da Missa e da Eucaristia celebrada em *Ibinda* e composições de cânticos religiosos no mesmo vernáculo. O reconhecimento dessa liturgia pelos missionários europeus e autoridades é onde vamos descobrir a diferença da celebração da Eucaristia, antes e depois do Vaticano II.

5.1. Tradução do texto Ordinário da Missa (*Nsambu Misa*) em *Ibinda*

Depois do encerramento do Vaticano II (1962-1965), temos o reverso da medalha. Começou a época das traduções dos textos bíblicos dominicais, do latim para as línguas africanas. O texto do Ordinário da Missa «*Nsambu Misa*» foi traduzido pelo grupo dos seminaristas cabindenses (filósofos e teólogos) sob a orientação do Francisco de Assis Mpezu Mbambi (1944-2020), no Seminário de Luanda. O então Cónego Manuel Franklin da Costa (1921-2003) e o padre Gabriel Nionje Seda (1930-2009) foram os censores. A tradução foi aprovada pela autoridade eclesial.

5.2. Liturgia na linha do Vaticano II

A primeira missa na língua vernácula, utilizando o novo texto Ordinário da Missa, traduzido do português para o *Ibinda*, foi rezada, na Missão do Lucula Zenze, no ambiente do espírito dos Cursos *Nova et Vetera*. Foi aqui, onde se tocaram, pela primeira vez, instrumentos musicais como o *batuque*, o *tam-tam*, o *sonogo*, o *ngonje*, o *bitsakadi*...

Os sacerdotes diocesanos africanos, que sucederam aos missionários espirituais na Missão do Lucula Zenze, continuaram com o capítulo da evangelização. Como conhecedores da língua, o primeiro dado da metodologia pastoral, foi a tradução da Palavra de Deus para a língua *Ibinda*. Seguiram as orientações da Santa Sé, através dos documentos do Concílio Vaticano II. O canto religioso em *Ibinda* ocupou um espaço de destaque. Para melhor reconhecer esta metodologia pastoral preferimos recolher os testemunhos dos

missionários, que foram feitos sobre a celebração da Eucaristia, depois do Vaticano II. Os primeiros testemunhos são dos missionários espiritanos franceses e portugueses e, a seguir, o de D. Manuel Nunes Gabriel, português (1912-1996), na altura Arcebispo de Luanda, e, por fim, o de D. Giovanni di Andreia (1928), italiano e primeiro Delgado Apostólico em Angola.

5.2.1. Testemunho do missionário espiritano, francês (1971)

Um missionário espiritano, francês, o padre José Bernardo Troesch (1909-1973), que tinha trabalhado na Missão do Lucula Zenze (1936-1947), visitou a Missão em 1971. Participou na Eucaristia, na época dos Cursos *Nova et Vetera*. Escutou os cânticos litúrgicos executados em língua *Ibinda*, pelo Grupo Coral *Bana Bavuvu Kietu* (Filhos da nossa esperança) sob a regência do padre Gabriel. Viu as mães com os cestos na cabeça e os bebés nas costas, dançando respeitosamente, na procissão da apresentação das ofertas. Reparou na cerimónia das mães, ajoelhadas à frente do altar, a bater as palmas, cadencialmente, três vezes. No fim da Eucaristia, exclamou com júbilo:

– *Só fizemos bem em entregar a Missão à orientação dos padres da terra. Nunca imaginei uma liturgia desta maneira. O povo cristão do Lucula Zenze está a louvar a Deus, a partir da sua língua e dos seus usos e costumes. Louvado seja Deus!*

Reconheceu esta inculturação feita, depois da Missão ter ficado sob a orientação dos padres diocesanos, depois do Vaticano II (1970-1974), que consistia na música, canto e dança inseridos no Rito Romano da missa.

5.2.2. Testemunho dos missionários espiritanos, franceses e portugueses (1973)

Os padres espiritanos, franceses e portugueses, foram os primeiros a reconhecer que, na Missão do Lucula Zenze, os padres Angelino e Gabriel estavam a ensinar o povo a rezar e a cantar na sua própria língua materna *Ibinda*.

O padre Alberto Rihel (1902-1991)⁴²⁵, missionário espiritano francês, na altura Superior da Missão de Lândana, foi o primeiro a convidar o padre Gabriel, fundador dos Cursos *Nova et Vetera* e músico, para o grupo coral da Missão por ele fundado vir cantar na festa do centenário da Missão, em 25 de julho de 1973.

⁴²⁵ O P. Alberto Rihel (1902-1991) nasceu em Ittlenheim, Alsácia (França), no dia 20-10-1902. No dia 8-9-1926, professou em Orly. Foi ordenado presbítero, em 28-10-1929, em Chevilly. Chegou a Angola, em 1929, e encaminhado para a Prefeitura Apostólica do Baixo Congo Português. Cf. *Province et Mission*, n.º 170, outubro (1991), 8, e *Ação Missionária*, Ano 32, 392-393, agosto-setembro (1972), 3.

Os padres espiritanos, em Lândana, e os paroquianos de Lândana apreciaram imenso os cânticos religiosos africanos executados pelo grupo coral, que o padre Gabriel fundou com a designação de *Bana Bavuvu Kietu* (Filhos da nossa esperança).

O padre Alberto Philippi (1900-1975), espiritano francês, antigo missionário na Missão do Lucula Zenze, na altura aposentado e residente na Missão de Lândana, que seguiu a celebração da Eucaristia, em comemoração dos 100 anos, a partir da varanda da residência, sentado numa cadeira de rodas devido à idade avançada agravada pela artrose, no fim da missa, afirmou:

– *Ah, vocês do Lucula Zenze, cantaram muito bem!*

Nessa mesma linha, os paroquianos da Missão de Lândana reconheceram que, de facto, o grupo coral da Missão do Lucula Zenze cantou muito bem. E encorajou os padres africanos, Paulino Fernandes Madeca (1928-2008), mais tarde D. Paulino e João de Brito Monteiro Mayamba (1937-2010), a fazerem o mesmo que o padre Gabriel estava a fazer na Missão do Lucula Zenze.

O padre Alberto da Silva Camboa (1928-2019)⁴²⁶, missionário espiritano português, na altura, Superior da Missão de Cabinda (Paróquia Imaculada Conceição), foi o segundo a convidar o padre Gabriel para o grupo coral da Missão do Lucula Zenze cantar na festa de 8 de dezembro de 1973, festa da padroeira da Missão, por ocasião do restauro da igreja.

O P. Pedro Candjimbo (1938-2013)⁴²⁷, missionário espiritano africano, coadjutor na Missão de Cabinda (Paróquia Imaculada Conceição), foi o terceiro missionário que convidou o padre Gabriel para o grupo coral da Missão do Lucula Zenze cantar, na festa da inauguração da Capela de S. Pedro, hoje, Paróquia de S. Pedro do Povo Grande.

Depois desses padres espiritanos foram os Padres Capuchinhos, em Luanda, que enviaram um mensageiro para gravar os cânticos da Missão do Lucula Zenze. O mensageiro foi o então seminarista do Curso de Filosofia no Seminário de Luanda, Barnabé Lelo Tubi. Os cânticos foram gravados e enviados para Luanda pelo mesmo mensageiro.

⁴²⁶ O P. Alberto da Silva Rodrigues Camboa nasceu em Cortegaça, diocese do Porto (Portugal). Formou-se nos seminários da Congregação do Espírito Santo e foi ordenado sacerdote em 29-6-1955. Chegou a Angola em 1964. Em 1967, foi nomeado reitor do Seminário de Cabinda. Quatro anos depois, foi transferido para a Missão de Cabinda (Paróquia Imaculada Conceição). Cf. Arquivo dos Missionários Espiritanos e Relatório Quinquenal da Diocese de Cabinda (1986-1990), 3-4.

⁴²⁷ O P. Pedro Candjimbo, filho de Américo José Cacólico e de Maria Marica, nasceu em 5-11-1938, em Caconda, Diocese de Sá da Bandeira, atual Lubango. Formou-se nos seminários espiritanos. Professou em 8-9-1961, no Seminário da Torre d'Aguilha. Foi ordenado sacerdote em 9-10-1966, no Santuário de Fátima, por ocasião do Centenário da Chegada dos Espiritanos a Angola (1986-1966). Chegou a Cabinda em 1970. Pediu redução ao estado laical, em 1974, que lhe foi concedido. Casou pela Igreja, com Maria Assunção Candjimbo. Faleceu a 19-12-2013. Cf. Ficha Pessoal, n.º 464, Caixa 672, Arquivo Provincial da Congregação do Espírito Santo.

5.2.3. *Testemunho do Arcebispo de Luanda, português (1973)*

D. Manuel Nunes Gabriel, na altura Arcebispo de Luanda, foi o que mais insistiu sobre os cânticos em latim e em português, e estava, claramente, contra o batuque na igreja, quando viu o Grupo Coral *Bana Bavuvu Kietu* (Filhos da Nossa Esperança) e ouviu a cantar tão belamente, a vozes, acompanhada com os instrumentos africanos de entre os quais o batuque, no fim da missa, da comemoração do centenário da Missão de Lândana (1873-1973), sobre a direção do padre Gabriel, disse:

– Padre Gabriel, perdoa-nos! Nós, os portugueses, abafámos a vossa cultura. Eu nunca imaginei que se poderia rezar e cantar ao som de batuque!⁴²⁸

5.2.4. *Testemunho dos legionários da cidade de Cabinda (1974)*

No diário manuscrito da Missão do Lucula Zenze (1972-1974) encontramos uma crónica, muito breve, mas muito significativa, que nos dá uma ideia sobre a liturgia na época dos Cursos *Nova et Vetera* (1970-1974), que marcaram a transição da liturgia, entre o antes e o depois do Vaticano II.

1974 – 4 de Agosto – Os visitantes admiraram a liturgia, os cantos, tudo num franco progresso, o que, diga-se de passagem, falta na cidade de Cabinda (75km). Já quase 18 horas depois das despedidas saudosas, aquele grupo de homens e mulheres, rapazes e raparigas, partiu acenando lenços brancos, que comoveram, quase até às lágrimas, tanto os que partiram como os que ficaram. Dia histórico, na legião de Maria em Cabinda. Presentes o reitor e os irmãos e duas madres.⁴²⁹

Esta crónica ajuda-nos a compreender, que, na Missão do Lucula Zenze, os Cursos *Nova et Vetera* estavam a envidar todos os esforços para o povo rezar e cantar segundo as orientações do Vaticano II, na sua própria língua.

5.2.5. *Testemunho do 1.º Delegado Apostólico de Angola, italiano (1975)*

Por ocasião da ordenação episcopal de D. Manuel Franklin da Costa (1921-2003), a 14 de setembro de 1975, festa da Exaltação da Santa Cruz, o grupo coral da Missão do Lucula Zenze foi convidado a cantar na missa celebrada na Igreja Rainha do Mundo, na altura, a única paróquia da cidade, hoje Catedral, frequentada na sua esmagadora maioria

⁴²⁸ D. Manuel Nunes Gabriel nasceu em 20-12-1912, em Fundada, concelho de Vila de Rei, diocese de Portalegre e Castelo Branco (Portugal). Chegou a Luanda com o curso completo de Teologia, tendo sido ordenado a 7-7-1935. Trabalhou na Cúria da Arquidiocese e foi nomeado, sucessivamente, reitor do Seminário de Luanda (1935-1957), Bispo de Malanje (1957-1962), Arcebispo de Luanda (1966-1975) e Administrador Apostólico da Diocese de São Tomé (1966-1980). D. Manuel Gabriel faleceu no dia 20 de outubro de 1996. Manuel Nunes Gabriel, *D. Moisés Alves de Pinho e os Bispos de Congo e Angola* (Portalegre: Livraria Editora Pax, 1980), 145; cf. C. I. *Nova et Vetera* – Departamento de Informação e Arquivo – Visitantes (Opiniões e Sugestões). Apontamentos Manuscritos dos Anotadores dos Cursos *Nova et Vetera*.

⁴²⁹ Cf. Apontamentos Manuscritos dos Anotadores dos Cursos *Nova et Vetera*.

pelos portugueses e funcionários conhecidos por assimilados. Portanto, foi o grupo coral do centro rural do Lucula Zenze, que foi cantar à igreja do centro urbano.

Monsenhor D. Giovanni di Andrea⁴³⁰, era, então, o primeiro Delegado Apostólico em Angola, em 1975. Foi ele que presidiu a missa de ordenação episcopal. No fim da missa, louvou, publicamente, o padre Gabriel pela belíssima execução de cânticos religiosos em língua autóctone. No fim da missa, D. Giovanni Andrea exclamou: «Assim é que se canta! Assim é que se reza!»

A celebração seguiu o rito romano, com adaptações autorizadas pelo Ordinário do lugar. Os instrumentos musicais africanos (*ngonje*, batuque *tam-tam*, *sonogo*, *bitsakadi*) foram introduzidos nas celebrações eucarísticas, a título *ad sperimentum*, sempre pelo Ordinário do lugar.

Os cânticos em *Ibinda*, entoados com o bater cadenciado das palmas, a proclamação da Palavra, antes das leituras (cânticos em *Ibinda*), a procissão do ofertório com os produtos da terra (batata, feijão, ginguba, milho, dendém...), a homilia segundo a oratória africana com o cântico africano em *Ibinda* e o provérbio em *Ibinda*, o prefácio traduzido e cantado em *Ibinda*, tudo isso, marcou a metodologia dos padres diocesanos africanos. Foi a primavera da igreja africana, na Missão do Lucula Zenze e noutras missões de Cabinda...

Para além disto, apraz-nos afirmar que a proclamação da Palavra de Deus ressoou segundo os ditames da Constituição Dogmática *Dei Verbum*, que nos diz como interpretar com fidelidade e sem deturpação a Palavra de Deus, visto que a interpretação da Bíblia não é de iniciativa arbitrária (DV, 8).

No campo da promoção humana, a *Gaudium et spes* foi a fonte de referência obrigatória da inspiração deste projeto dos Cursos *Nova et Vetera*.

No campo da expansão missionária, destaca-se o Decreto Conciliar *Ad gentes* que nos propõe a saída missionária, de dentro para fora (*ad intra et ad extra*). Isto significa que houve uma saída do centro paroquial da Missão do Lucula Zenze para as periferias, tal como nos recorda hoje o Santo Padre, o Papa Francisco, na sua Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*. Toda a Igreja é uma saída missionária. O tema da inculturação não é novo na história da Igreja. Porém, é uma novidade na interpretação.

⁴³⁰ Monsenhor Giovanni di Andrea nasceu em Rivarolo Canavese, no dia 22 de abril de 1928. Foi ordenado sacerdote em 29-6-1951, na diocese de Ivrea. Frequentou a Pontifícia Universidade Eclesiástica e entrou ao Serviço Diplomático da Santa Sé, tendo sido nomeado Delegado Apostólico em Angola, em 11-5-1975, função que exerceu até 1983. Cf. Conferência Episcopal de Angola e São Tomé, *Boletim Eclesiástico de Angola e São Tomé*, Ano XXXII a XXXV, janeiro de 1972 a dezembro de 1975 (Luanda: MCMLXXVIII), 34.

«A grande e sublime missão que Nosso Senhor Jesus Cristo, quando estava para regressar ao Pai, confiou aos seus discípulos ao dizer-lhes “*Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura*” (Mc 16,15), não podia terminar com a morte dos Apóstolos, mas devia continuar através dos seus sucessores até ao fim dos tempos, isto é, enquanto existirem, na Terra, pessoas para salvar pelo ensino da verdade...» (Bento XV, *Maximum illud*, 1919, 1).

Passados os cem anos da *Maximum illud* (2019), o atual Papa Francisco, pela sua sensibilidade missionária, pensou em celebrar com toda a comunidade eclesial, este grande acontecimento convocando um ano jubilar, através da Carta Apostólica por ocasião do centenário da promulgação da Carta Apostólica *Maximum illud* (30-11-2019).

5.3. Missionação, antes e depois do Vaticano II

Fazendo uma retrospectiva e não uma repetição, podemos afirmar que, antes do Vaticano II (1893-1970), predominava o canto em latim, a missa celebrada em latim e os paramentos da cor branca, verde, vermelho e preto eram do estilo completamente europeu. O celebrante da Eucaristia estava de costas voltadas para o povo. Na cabeça do sacerdote celebrante era muito bem visível a coroa (tonsura), que era obrigatória. O único instrumento admitido no acompanhamento dos cânticos era o harmónio. Na homilia, o celebrante pregava em português e o catequista ou o seminarista traduzia para o povo. Cada cristão estava sentado no seu banco e passava-se o balaio ou o cesto, para recolher a esmola de cada um. Na Semana Santa, as imagens eram cobertas de pano de cor preta. A partir da Quinta-Feira Santa, Sexta-Feira Santa, Sábado Santo e até à missa da Vigília Pascal, tocavam-se as matracas, que substituíam as campainhas. O sino voltava a vibrar depois do *Aleluia* da Noite da Vigília Pascal, cantado pelo diácono ou pelo presbítero. As cerimónias eram muito complexas e bem pesadas. Era belíssimo ouvir o sacerdote a cantar o prefácio em latim. Havia o prefácio ordinário e o prefácio solene (*solemnior*, o mais solene). Não havia o abraço da paz. Normalmente, havia a procissão de velas, nas grandes solenidades, nas procissões do Corpo de Deus e noutras ocasiões solenes. Foi a missionação portuguesa, sob o Padroado espiritual Português, pois, o governo português, na era colonial, contribuiu para a evangelização e o progresso das aldeias desta benemérita Missão do Lucula Zenze.

Depois do Vaticano II (1970-1974), a diferença é bem evidente. A missa passou a ser celebrada em *Ibinda*. O canto em *Ibinda* predominou, em detrimento do latim que ficou esquecido ou remetido para segundo plano. Os instrumentos musicais (*batuque*,

sonego, ngonje, reco-reco, bitsakadi) foram introduzidos na liturgia. Os paramentos, paulatinamente, começaram a ser confeccionados em estilo africano. As leituras da missa passaram a ser escutadas em *Ibinda*. A homilia era pregada diretamente em *Ibinda*, sem necessitar de tradutor. A animação ganhou as pessoas ao citar um provérbio, um canto adequado ao tema da homilia, segundo a oratória africana. A procissão do ofertório, onde cada cristão deposita a sua esmola no cesto passou a fazer parte da celebração. Quanto às procissões eram quatro: uma de entrada, uma de ofertório, uma de comunhão e a última de saída. O celebrante começou a cantar o prefácio em *Ibinda*. Depois do *Cordeiro de Deus*, o Vaticano II introduziu o abraço da paz. À saída, a bênção era em *Ibinda*.

Devemos concluir que a Missão do Lucula Zenze, fundada em pleno centro rural, como única instituição missionária, foi o grande sinal de esperança para o desenvolvimento. Tudo o que temos na Missão do Lucula Zenze é uma bênção de Deus, através da Igreja católica.

Depois do Vaticano II, teve início a oração juntamente com os protestantes, não somente no mês de janeiro (18 a 24, Oração pela Unidade dos Cristãos), mas também por ocasião das visitas pastorais dos padres às aldeias. Os pastores protestantes, acompanhados dos seus fiéis, participavam nas Eucaristias da Igreja católica.

O legado da Primeira Evangelização (1893-1970) é a *Bíblia* e o *Catecismo de São Pio X*. Depois do primeiro exílio (1961-1965), mencionava-se a *Bíblia* e recurso ao *Catecismo de São Pio X* (*Quem nos criou foi Deus... Quem é Deus? Deus é um ser perfeitoíssimo, criador do Céu e da Terra*). Este o grande legado que os missionários nos deixaram.

O legado da Segunda Evangelização (1970-2020) são os Cursos *Nova et Vetera*, fundados pelo padre Gabriel Nionje Seda (1930-2009). Depois do segundo exílio (1976-1989), mencionamos sempre os Cursos *Nova et Vetera*, pois deram vida à igreja local. Foram uma luz no fundo do túnel, levando à compreensão da mensagem proveniente do Vaticano II, na língua e cultura do povo.

É, exatamente, a partir destes dois legados, onde nos situamos como nosso ponto de partida e de chegada das reflexões no campo moral, espiritual, social, cultural, económico, político e religioso. Aqueles que frequentaram os Cursos *Nova et Vetera* dizem sempre que são o que são, graças aquilo que aprenderam nos Cursos *Nova et Vetera*. Os Cursos tornaram-se uma grande referência na vida quotidiana dos cristãos do Lucula Zenze. É aqui que as novas gerações deverão procurar o exemplo. Cristo disse: «*Amai-vos uns aos outros*» (Jo 17,17). Para o cristão, a *Bíblia*, a Palavra de Deus, tornou-se o ponto de referência na sua vida cristã. Assim como o cristão cita a *Bíblia*, também nós, os cristãos do Lucula Zenze, mencionamos a *Bíblia* e os Cursos *Nova et Vetera*.

Depois destas reflexões, reparemos nestas duas colunas para melhor constatar a diferença na celebração eucarística, antes e depois do Vaticano II.

Antes do Vaticano II (1893-1970)	Depois do Vaticano II (1970-1974)
O sacerdote no corte do cabelo fazia a coroa (tonsura).	O sacerdote no corte do cabelo não faz mais a coroa (tonsura).
O sacerdote era obrigado a usar a batina.	O sacerdote não é mais obrigado a usar batina.
Paramentos (antigos, de estilo europeu).	Paramentos (novos, de estilo africano).
Missa de defuntos: paramento de cor preta.	Missa de defuntos: paramento de cor roxa.
Celebrante: sozinho, sem concelebrante.	Celebrante: concelebração com outro(s) sacerdote(s).
Celebrante: de costas viradas para o povo.	Celebrante: de frente a frente com o povo.
Instrumentos musicais: harmónio (europeu).	Instrumentos musicais: africanos.
Texto Ordinário da Missa: em Latim.	Texto Ordinário da Missa: em <i>Ibinda</i> .
Cantos: em Latim, Português, <i>Ibinda</i> .	Cantos: <i>Ibinda</i> / Português.
Leitura dos textos litúrgicos: Português.	Leitura dos textos litúrgicos: Português e <i>Ibinda</i> .
Homilia: português e tradução do catequista.	Homilia: em <i>Ibinda</i> , no estilo da oratória africana.
Ofertório: recolha, de banco em banco.	Ofertório: procissão, dançando e depositar no cesto.
Prefácio: cantado em Latim.	Prefácio: cantado em <i>Ibinda</i> .
Pai-nosso: cantado em Latim.	Pai-nosso: cantado em <i>Ibinda</i> .
Antes da Comunhão: sem o abraço da paz.	Antes da Comunhão: com o abraço da paz.
Comunhão: de joelhos e na boca.	Comunhão: de pé e na mão.
Eucaristia: sentido do sagrado (profundo).	Eucaristia: sentido do sagrado (diminuiu muito).
<i>Sacramento de Penitência</i>	
Antes da Missa – algumas confissões.	Antes da Missa – raras confissões.
No Tempo do Advento: muitas confissões.	No Tempo do Advento: poucas confissões.
No Tempo da Quaresma: muitas confissões.	No Tempo da Quaresma: poucas confissões.
<i>Semana Santa</i>	
O silêncio na Quaresma: muito rigoroso.	O silêncio na Quaresma: pouco rigoroso.
Tocavam-se as matracas.	As matracas deixaram de ser tocadas.
Estátuas cobertas de pano de cor preta.	Estátuas cobertas de pano de cor roxa.
<i>Cerimónias da Semana Santa</i>	
Cerimónias: muito complicadas.	Cerimónias: simplificadas.

As cerimónias da Semana Santa, antes do Vaticano II, eram mesmo muito complexas. Depois, foram feitas muitas simplificações: «A simplificação litúrgica, e a proximidade dos fiéis à comunicação da Boa-Nova, foi um dos maiores bens do Concílio Vaticano II»⁴³¹, escreveu o padre João Maia.

⁴³¹ João Maia, s.j., «Para o Diálogo: o Pós-Vaticano II», in *Brotéria*, Cultura e Informação, vol. 137, n.º 4, outubro 1993, 334-335.

Conclusão

Relatamos, na medida do possível, o trabalho feito sobre a tradução dos textos dominicais, o ensaio de cânticos e missas, em língua *Ibinda*.

A seguir, recolhemos os testemunhos dos missionários espiritanos europeus e das autoridades eclesásticas, sobre este árduo trabalho feito pelos padres diocesanos.

Finalizamos, destacando a diferença na celebração eucarística, antes e depois do Vaticano II.

CAPÍTULO 6

A INCULTURAÇÃO DA LITURGIA COMO RECEÇÃO DO VATICANO II, MEDIANTE OS CURSOS *NOVA ET VETERA*, NA MISSÃO DO LUCULA ZENZE (1970-2020)

Introdução

A inculturação da liturgia na Missão do Lucula Zenze, na perspetiva da receção do Vaticano II, a partir dos Cursos *Nova et Vetera*, é a nossa tese de dissertação, o nosso precioso cavalo de batalha.

A nossa interrogação consiste em sabermos, se houve receção do Vaticano II, na Missão do Lucula Zenze, para inculturação da liturgia ou se não houve. Se houve, qual foi esta receção do Vaticano II, na Missão do Lucula Zenze?

Face a esta interrogação, segue-se outra, que é a de sabermos se, de facto, houve ou não inculturação, a partir da liturgia, na Missão do Lucula Zenze, pelo canal dos Cursos *Nova et Vetera*. Se houve, qual foi esta inculturação?

A fim de respondermos a estas pertinentes perguntas, sobre a inculturação na liturgia, na perspetiva da receção do Vaticano II, começamos pelo estudo do problema. Vamos fazer o balanço dos Cursos *Nova et Vetera*, durante as cinco décadas, desde 1970, ano da fundação dos cursos, até 2020, ano da celebração do jubileu, seu cinquentenário.

6.1. Balanço dos Cursos *Nova et Vetera*, na comemoração do jubileu

Qual foi o balanço dos Cursos *Nova et Vetera*, desde a sua fundação, em 1970, até à comemoração do Jubileu em 2020?

* * *

É difícil fazer um balanço sobre os Cursos *Nova et Vetera*, passados 50 anos (1970-2020), depois duma turbulência provocada pela guerra, seguida do exílio e regresso do exílio, visto que o povo estava sempre mergulhado no clima bélico. Perante esta enorme dificuldade, não devemos permitir que os Cursos *Nova et Vetera* sejam, pura e simplesmente, arquivados nas gavetas para serem recordados simplesmente na celebração da efeméride da fundação. Pela sua importância, na história da evangelização da Missão do

Lucula Zenze, devemos estudá-los, principalmente, para a reflexão da inculturação, implementada por esses cursos. Nesta linha de ideias, procuramos fazer um balanço de ponto de vista histórico-teológico ainda que provisório.

6.1.1. Fase da fundação e realização dos Cursos Nova et Vetera (1970-1975)

A primeira fase dos Cursos *Nova et Vetera*, que assinalamos, foi da fundação e realização dos Cursos, de 1970 a 1974. O povo cristão passou a rezar, a cantar e a escutar a Palavra de Deus na sua própria língua, vernáculo *Ibinda*. Foi um grande passo na história da evangelização na Missão do Lucula Zenze, no século XX. Nesses cursos, os padres diocesanos empenharam-se na africanização do Cristianismo. Apoiaram as suas reflexões, no estudo da Palavra de Deus, nos documentos dos Sumos Pontífices, nas cartas encíclicas, nas exortações pós-sinodais, nos documentos do Vaticano II e não podemos menosprezar os valores da cultura africana de Cabinda.

Na linha destas ideias, o Cardeal Joseph-Albert Malula (1917-1989), um dos preladados africanos que participou no Concílio Vaticano II, campeão da inculturação, foi feliz na sua afirmação, quando, numa conferência intitulada «Igreja na hora da africanidade», afirmou:

São os próprios africanos que têm a principal responsabilidade pela africanização do cristianismo e pela emergência de comunidades vivas (...). Ontem foram os missionários estrangeiros que conceberam e pensaram planos pastorais e dirigiram a sua execução. Hoje, os africanos negros conceberão e pensarão planos pastorais e zelarão pela sua implementação. E acrescentou: «Teremos de bombardear as actuais paróquias para que se dividam em pequenas comunidades de dimensão humana.»⁴³²

6.1.2. Fase da interrupção dos Cursos Nova et Vetera devido à guerra (1975-1981)

A segunda fase dos Cursos *Nova et Vetera* foi da interrupção dos mesmos por causa da guerra. A alegria pela queda do Estado Novo, em 25 de Abril de 1974, na expectativa de aquisição da autonomia política foi sol de pouca dura. A 8 de novembro de 1975, três dias antes da independência de Angola, eclodiu a guerra em Cabinda.

O padre José Faustino Nzau Pitra (1932-2005), então pároco da Missão do Lucula Zenze, devido às ameaças de morte de que foi vítima por parte dos soldados do MPLA, antes da eclosão da guerra, foi aconselhado pelos colegas a retirar-se não somente da Missão do Lucula Zenze, mas do território de Cabinda. Foi o *primeiro padre* a saltar a fronteira de Cabinda para a República do Zaire, no mês de fevereiro de 1975.

⁴³² Léon de Saint Moulin, «Contribution à l'histoire des CEVB en RDC. L'Implantation des CEVB dans la Paroisse St. Joseph de Kinshasa», in *Revue Africaine de Théologie*, vol. 32, n.ºs 63-64 (Kinshasa: Université Catholique de Congo, 2010), 245-246.

O padre Sérgio Gabriel Macaia (1925-1992), que desde a sua ordenação sacerdotal em 1955, sempre trabalhou na diocese de Malanje, onde fundou a Paróquia do Sagrado Coração de Jesus da Carreira do Tiro, encontrava-se na sua aldeia natal, Chiobo, situada a 5 km da fronteira, vindo de Malanje, de visita à família e descansar um pouco. Devido aos tiroteios dos soldados do MPLA, de aldeia em aldeia, viu-se obrigado a atravessar a fronteira. Foi o *segundo padre* que se retirou para a República do Zaire, no mês de abril de 1975.

O padre José Maria Augusto Faustino Builo (1927-2005) era reitor do Seminário de Cabinda. Recordamos que ele foi o único sacerdote que tinha fugido em 1961 para República Democrática do Congo, depois do 4 de fevereiro. Regressou a Cabinda passado alguns meses. Com as ameaças que pairavam sobre os membros do clero nativo teve de seguir, novamente, o caminho do exílio, logo depois da ordenação episcopal de D. Manuel Franklin da Costa, eleito Bispo de Saurimo (antiga Henrique de Carvalho), a 14 de setembro de 1975, na Paróquia Rainha do Mundo, em Cabinda. Foi o *terceiro padre* que se exilou para a República do Zaire.

O padre Gabriel Nionje Seda (1930-2009), então Vigário Paroquial da Missão do Lucula Zenze, depois de uma horrível prisão de nove dias, teve de fugir, passando por uma odisséia difícil, a ponto de viajar pelo rio Lucula, de noite, numa canoa, sem lanterna, na mais completa escuridão, com o risco de ser denunciado e recapturado pelos soldados do MPLA. Foi o *quarto padre* a seguir o caminho do exílio, a 19 de março de 1976.

Os quatro padres, juntamente, com o seminarista minorista Barnabé Lelo Tubi, que os precedera, a 15 de agosto de 1975, na altura, a frequentar o Curso de Teologia, no Seminário João XXIII, em Kinshasa, em gozo de férias junto dos padres refugiados, fundaram o Centro Pastoral dos Padres de Cabinda, a 21 de julho de 1976. Nesse Centro Pastoral, erigiram um Lar e uma Escola. O Lar desempenhava a função de Seminário e a Escola, de colégio.

A presença dos padres de Cabinda, refugiados com os refugiados, na República do Zaire, foi muito benéfica. Prestaram valiosa assistência espiritual e humanitária. Sensibilizaram a opinião nacional e internacional, acerca do abandono e da miséria dos refugiados. Os organismos internacionais humanitários vieram em socorro dos refugiados. O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) tomou em devida conta o caso dos refugiados cabindenses. Como primeira medida de urgência, perante o sofrimento do povo sofredor, distribuiu géneros alimentícios (arroz, feijão, leite, azeite...). Para uma ajuda eficaz e eficiente, fundou três grandes Campos: Nlundu Matende

(1977), Kimbianga (1977), Mfuiki (1978) e Tseke Zole (1981), distanciados de mais de 40 quilómetros da fronteira, devido aos combates entre a FLEC e o MPLA.

Foi nesses Campos de Refugiados, onde socorreu os refugiados não somente na distribuição dos géneros alimentícios, mas principalmente, no pagamento da assistência médica e medicamentosa, nos hospitais do país, como Kangu, Kuimba, Kizu... Ali construiu escolas primárias e centros de socorro. Pagou aos Monitores Escolares, que davam aulas na Instrução Primária. Concedeu bolsas de estudo aos alunos cabindenses, para que, depois da Instrução Primária, pudessem prosseguir os estudos, nos Colégios e Institutos do país de acolhimento.

Os refugiados cabindenses, na República do Zaire, eram cerca de 30.000, espalhados pelos Campos de Refugiados de Nlundu Matende, Kimbianga, Mfuiki e Tseke Zole, sem contar os que se instalaram nas cidades de Tshela, Lukula Mbavu, Boma, Matadi e Kinshasa. Aqui estão os dados estatísticos, não somente dos cristãos da Missão do Lucula Zenze, mas de todos os cabindenses, que estiveram no exílio.

QUADRO INFORMATIVO

Campos de Refugiados	Fundação	População refugiada
Nlundu-Matende	3-10-1977	9.586
Kimbianga	13-3-1977	8.720
Mfuiki	30-9-1978	8.781
Tseke-Zole	10-5-1981	817
Total		27.904

Enquanto os membros do ACNUR assistiam humanitariamente os refugiados, os padres dedicavam-se à assistência espiritual. Nomearam um catequista-chefe, a nível de todo o Campo de Refugiados, coadjuvado por um outro catequista, designado Monitor da Palavra. Reatualizaram os catequistas com cursos bíblicos. Ergueram uma Capela Central e uma capela em cada bairro. Fundaram grupos corais e teatrais. Como os padres residiam na vila de Tshela, visitavam com muita frequência os Campos de Refugiados. Celebravam a Eucaristia. Administravam o sacramento do Batismo. Oficiavam os casamentos. Presidiam aos funerais. Numa palavra, erguiam a Comunidade Cristã em cada Campo de Refugiados. Cada Campo de Refugiados teve os seus livros de registo de Batismos, Primeiras Comunhões, Confirmações, Matrimónios, Óbitos... O ministério pastoral foi assegurado, visto que cada Campo de Refugiados ficou sob a orientação de um capelão: o padre Gabriel Nionje Seda era o Capelão do Campo de Nlundu Matende e o padre José Faustino Nzau Pitra era o Capelão do Campo de Kimbianga. O padre Barnabé Lelo Tubi, depois

da sua ordenação, em 1980, foi nomeado Capelão do Campo de Mfuiki/Tseke Zole, que, desde a fundação, em 1978, era assistido pelos dois padres: Gabriel Seda e Faustino Pitra...

D. Joaquim Mbadu Kikhela (1932-2018), bispo da Diocese de Boma, visitou, pastoralmente, os três Campos. Administrou o Sacramento da Confirmação a centenas de jovens rapazes e raparigas. No Campo de Nlundu Matende, ordenou sacerdote o seminarista Barnabé Lelo Tubi, na Festa de Nossa Senhora de Assunção, em 15 de agosto de 1980, e, no Campo de Kimbianga, ordenou dois diáconos: Alexandre Chocolate Pambo e José Luemba Chiânica, em 1986.

O representante do Alto Comissariado da Organização das Nações Unidas, senhor Jean Marie Warnon, de nacionalidade belga, afirmou, no discurso da ordenação do padre Barnabé:

– *Nós, os do Alto Comissariado e os padres de Cabinda, salvámos o povo de Cabinda refugiado de um autêntico genocídio.*

D. Joaquim Mbadu Kikhela, bispo de Boma, diocese onde estavam albergados os refugiados, disse:

– *Senhores padres, não acreditai nos políticos! Ficai com o povo. Educai a juventude.*

O ACNUR, passados três anos (1977-1980) de assistência aos refugiados de Cabinda, que correram o perigo de ficar dizimados pela fome e doença, retirou-se dos Campos de Refugiados. O ano de 1981, assinalado com a retirada do ACNUR dos Campos de Refugiados de Cabinda na República do Zaire, foi o ano do início de regresso dos refugiados cabindenses à sua terra natal. O regresso não foi em massa. Cada família regressava, voluntaria e individualmente.

6.1.3. Fase da influência litúrgica na Diocese de Boma, atual RDC (1975-1981)

A terceira fase dos Cursos *Nova et Vetera* foi da influência litúrgica na Diocese de Boma (República do Zaire – RDC). Lembremos que os cidadãos do Congo Democrático (fiéis da Diocese de Boma) adquiriram a independência política, a 30 de junho de 1960. Foram os primeiros a compor cânticos em língua vernácula. Alguns sacerdotes da diocese de Boma compuseram cânticos em *kiyombe* (*língua materna do grupo linguístico Kikongo, na Diocese de Boma*), que os cabindenses compreendem perfeitamente. Escreveram vários artigos e livros sobre o Vaticano II. Foram os primeiros a refletir no campo da inculturação.

Antes da nossa fuga, já cantávamos alguns cânticos, que os padres da diocese de Boma tinham composto. Um dos compositores foi o D. Joaquim Mbadu Kikhela (1932-2018), na altura Bispo de Boma, formado em Liturgia, pela Pontifícia Universidade Ate-neo Santo Anselmo de Roma. Compôs cânticos em *Kiyombe*, que nós, os cabindenses refugiados, também cantamos em Cabinda e nos Campos de Refugiados. A experiência dos irmãos congoleses teve a sua influência na nossa liturgia, tendo em consideração a língua, os usos e costumes dos povos do Antigo Reino do Congo de que somos herdeiros e com laços de sangue. São numerosos os cabindenses casados com congolesas e vice-versa. Nós, os de Cabinda, somos do Antigo Congo Português, e os nossos irmãos congoleses da diocese de Boma, do Antigo Congo Belga.

6.1.4. Fase da transição da sociedade uniétnica à pluriétnica (1975-1981)

A quarta fase dos Cursos *Nova et Vetera* é a da transição da sociedade uniétnica para sociedade pluriétnica. A eclosão da guerra provocou a fuga da maioria dos habitantes das aldeias de Cabinda para a República do Zaire. A coabitação das sete etnias de Cabinda (*bawoyo*, *bakwakongo*, *bassundi*, *balinji*, *bakoci*, *bavili* e *bayombe*), nos três Campos de Refugiados (Nlundu-Matende, Kimbianga, Mfuiki e Tseke Zole) favoreceu os casamentos entre membros das várias etnias. As proibições, ou interditos ancestrais, que existiam em cada etnia, em que o da etnia *A* não podia casar com a da etnia *B*, praticamente, ficaram ultrapassadas senão mesmo se extinguíram. Os jovens sentiram-se livres de escolher com quem casar, quer fosse da sua etnia ou de outra. Os casamentos permitiram a transição da sociedade uniétnica para a sociedade pluriétnica. O Centro Pastoral dos Padres, na vila de Tshela, era o Monte Sinai, enquanto os Campos de Refugiados de Nlundu Matende, Kimbianga, Mfuiki e Tseka Zole eram as tendas onde o povo ficou alojado. Não faltaram insultos entre os da etnia *A* contra os da etnia *B*. Porém, ao abandonarmos os Campos de Refugiados, de regresso à terra natal, aprendemos, quer queiramos quer não, a convivermos juntamente. Foi um grande passo para a unificação, entre os povos de Cabinda. Passámos a conhecermo-nos melhor e a convivermos juntamente.

6.1.5. Fase do regresso do exílio dos Refugiados Cabindenses (1981-1989)

A quinta fase foi a do regresso à terra natal dos Refugiados Cabindenses. Depois do ACNUR se ter retirado dos Campos de Refugiados e de ter deixado de assistir à população com alimentação, assistência escolar e assistência médica e medicamentosa, o povo refugiado de Cabinda, na República do Zaire, começou a passar novamente fome e priva-

ções. Deste modo, o caminho de regresso para a terra natal, Cabinda, praticamente, foi forçado a abrir-se, mesmo involuntariamente.

O povo, uma vez regressado do exílio, estava sempre de malas às costas, fugindo de uma zona para a outra, à procura do lugar mais seguro, devido à guerra, que continuava com alta ou baixa intensidade, dependendo das zonas. Os refugiados de Cabinda amadureceram no meio do sofrimento. O desterro, em si, foi uma rica escola. As lições dos Cursos *Nova et Vetera* ajudaram os regressados a enfrentar os problemas, tanto no exílio como depois do exílio.

6.1.6. Fase da publicação do Guia e Manual de Alfabetização (1996-2000)

A sexta fase dos Cursos *Nova et Vetera* foi o da recuperação dos cursos. A comemoração das Bodas de Prata dos Cursos *Nova et Vetera*, em 1995, foi assinalada com a publicação do *Guia e do Manual de Alfabetização em língua Ibinda, segundo o Método Inongo Nongo*, no ano seguinte (1996). O Ministério da Cultura patrocinou a publicação. Era Ministra da Cultura a Dr.^a Ana Maria de Oliveira, uma antiga assistente dos Cursos *Nova et Vetera*, que fez o estágio na Missão do Lucula Zenze. Foi nesta fase que começou a soar novamente aos ouvidos dos cristãos do Lucula Zenze e aos ouvidos dos cristãos doutras paróquias de Cabinda, o termo *Nova et Vetera*. Aqueles que ouviram, aperceberam-se do evento. Porém, os que leram no jornal ficaram a saber muito mais. «*Verba volant scripta manent*», afirmam os homens do Lácio. O fundador, os colaboradores e muitos admiradores da obra, todos se alegraram e exultaram de alegria com a publicação. A fama dos Cursos *Nova et Vetera* ecoou para além das fronteiras da Missão do Lucula Zenze.

6.1.7. Fase da formação dos alfabetizadores dos Cursos (1996-2000)

A sétima fase dos Cursos *Nova et Vetera* foi o da realização do primeiro seminário de formação de formadores de alfabetização, no ano jubilar 2000, sob o patrocínio do Governo Provincial de Cabinda. O seminário decorreu na Escola Secundária Barão Puna, o estabelecimento de ensino mais antigo na cidade. Na nossa maneira de ver, o seminário reacendeu a chama dos Cursos *Nova et Vetera*. Esta fase foi a mais rica, porque mais de três dezenas de jovens foram iniciados na alfabetização, segundo o Método *Inongo Nongo*. Os formandos aprenderam muito, a partir das numerosas conferências. Poderíamos afirmar que foi também a fase de expansão dos Cursos *Nova et Vetera*, na cidade de Cabinda, no seio da juventude nascida depois do sol das independências.

6.1.8. Fase da morte dos membros dos Cursos Nova et Vetera (2000-2018)

A oitava fase dos Cursos *Nova et Vetera* foi o do passamento físico dos seus membros. Depois do primeiro seminário de formação dos formadores de alfabetização, caímos bruscamente no silêncio. Nada mais foi feito. Os membros do Governo Provincial, com a sucessiva substituição dos governadores, não deram o *placet* para o Método *Inongo Nongo* ser posto oficialmente em prática, nas escolas primárias da Província de Cabinda. Depois do primeiro seminário, praticamente, temos a morte dos mais próximos colaboradores dos Cursos *Nova et Vetera*. Foi nesta fase que ocorreu também a morte do fundador dos Cursos *Nova et Vetera*.

6.1.9. Fase do estudo aprofundado dos Cursos Nova et Vetera (2018-2020)

A nona fase dos Cursos *Nova et Vetera* foi o do estudo aprofundado dos cursos. Com a morte do fundador e de alguns colaboradores próximos, os escritos dos Cursos *Nova et Vetera* ficaram arrumados pelas gavetas e na memória daqueles que os conheceram. Como os Apóstolos escreveram os Evangelhos trinta anos depois da morte de Jesus Cristo, nós, depois de uma profunda reflexão, na celebração do 125.º aniversário da fundação da Missão do Lucula Zenze (1893-2018), tomámos a firme decisão de nos dedicarmos ao estudo dos Cursos *Nova et Vetera*, a fim de os apresentar na Universidade como tema de reflexão. Depois da leitura deste balanço dos Cursos *Nova et Vetera*, chegámos ao momento de analisarmos a candente questão da receção do Vaticano II, na Missão do Lucula Zenze.

6.6.10. Fase da resistência ao comunismo (1975-2020)

Desde o dia 11 de novembro de 1975, data em que o MPLA proclamou a independência de Angola e optou pelo marxismo-leninismo, até 11 de novembro de 2020, podemos classificar todo este período como a fase de resistência ao comunismo oficializado pelo MPLA, o Partido-Estado no poder. Analisemos os factos um por um.

1.º – O povo do Lucula Zenze, refugiado na República do Zaire, continuou a crer em Deus, Pai, Todo-Poderoso, a rezar e a frequentar os sacramentos, numa palavra, a viver como cristão. Foi a época da Igreja de Cabinda, em Diáspora.

2.º – Com o regresso do exílio do povo do Lucula Zenze, malgrado a guerra e a oficialização do marxismo-leninismo, os jovens continuaram a frequentar os seminários dos países vizinhos e de Angola, e as raparigas começaram a ingressar nos noviciados.

3.º – Em plena época do marxismo-leninismo (1985), salientamos a atividade da Associação Religiosa Diocesana das Irmãs de Maria Imaculada, fundada por D. Paulino Fernandes Madeca (1927-2008).

4.º – O padre Carlos Mbambi (n. 1963), originário da Missão do Lucula Zenze, nessa época do marxismo-leninismo fundou a Associação Diocesana das Irmãs Prediletas de Jesus, em 1991, ano da sua ordenação. A obra foi reconhecida, oficialmente, pelo Ordinário de lugar, em 1996.

5.º – Desde a criação da diocese até aos nossos dias, tem havido numerosas ordenações sacerdotais e profissões religiosas, enquanto os membros do governo destacavam a oficialização do marxismo-leninismo.

6.º – Por ocasião da visita à cidade de Cabinda de Sua Santidade, o Papa João Paulo II, no dia 8 de junho de 1992, houve cristãos do Lucula Zenze, que percorreram muitos quilómetros a pé, de carro e de bicicleta, para irem ao encontro do Papa. Manifestaram a sua fé, publicamente, perante os soldados do MPLA que gritavam aos quatro ventos que «*Deus não existe*».

7.º – No ano seguinte, 1993, o povo do Lucula Zenze, por sua própria iniciativa, decretou o dia 18 de junho de 1993, dia da comemoração do centenário, feriado local. Nenhum homem foi à roça de palmar e café. Nenhuma mulher foi à lavra de mandioca ou de ginguba. Nenhum professor ou aluno foi à escola. Ficou registado na história o feriado decretado pelo próprio povo cristão. É importante recordar que, para um povo que vive da agricultura, o dia da comemoração foi todo passado na aldeia.

8.º – De 1993 a 2020, o povo do Lucula Zenze manifestou sempre a sua fé em Jesus, participando nas Eucaristias, batizando os filhos e não faltaram aqueles que contraíram os sacramentos do Matrimónio.

Em resumo, podemos afirmar que, desde 1975 a 2020, independentemente dos Cursos *Nova et Vetera*, o povo do Lucula Zenze não deu ouvidos aos simpatizantes do comunismo, nem antes e nem depois da queda do Muro de Berlim, a 10 de dezembro de 1989. Os simpatizantes do marxismo-leninismo não conseguiram desenterrar a semente da Palavra de Deus, semeada pelos missionários, desde o dia 18 de junho de 1893. Tiveram um ou outro acólito, mas que não contou no peso da balança, perante a esmagadora maioria que acreditava e continua a acreditar em Deus. Concluída esta análise com a resistência silenciosa ao marxismo-leninismo, passemos à reflexão sobre a receção do Vaticano II na Missão do Lucula Zenze.

6.2. Receção do Vaticano II, na Missão do Lucula Zenze (1970-2020)

6.2.1. O significado de Concílio

Nas dioceses dos países europeus houve conferências-debates, seminários, mesas-redondas, colóquios, grupos de estudos sobre o Vaticano II, orientados por cardeais, arcebispos, bispos, padres, teólogos, professores universitários, e em que participaram também cristãos de todas as camadas sociais. Nos livros, nas revistas e nos jornais foram divulgados os documentos do Vaticano II. Os meios de comunicação social transmitiram o acontecimento. A Imprensa afirmava que o Vaticano II fora, na história da Igreja, o Concílio mais divulgado. Na Missão do Lucula Zenze, o que é que foi feito a partir dos Cursos *Nova et Vetera*, para a receção do Vaticano II?

* * *

Na Missão do Lucula Zenze, o padre Gabriel, depois do seu regresso de Portugal, onde esteve durante quatro anos (1966-1970), no período vespertino, a partir das 16h00, reunia com os catequistas, no patamar da residência missionária. Todos os alunos da Missão e os seminaristas participavam. Explicava o significado de um Concílio, quem devia convocar um Concílio, quem eram os que deviam participar no Concílio.

Dizia que, se houve o Vaticano II, quer dizer, que houve o Vaticano I. O Vaticano I foi em 1870, enquanto o Vaticano II começou em 1962, com o Papa João XXIII (1881-1963) e terminou com o Papa Paulo VI (1897-1978). Foi o Papa João XXIII que convocou o Concílio. O seu sucessor, Paulo VI, concluiu-o. Tudo aquilo que foi discutido no Concílio foi ratificado em vários documentos denominados: Constituições, Decretos e Declarações... Mencionamos apenas alguns: a *Lumen gentium*, a *Gaudium et spes*, a *Dei Verbum*, a *Sacrosanctum Concilium* e o *Ad gentes* e o *Presbyterorum ordinis*...

Foi neste Concílio que se tomaram muitas decisões, entre as quais a da celebração da Eucaristia nas línguas vernáculas, pois, antes, usava-se apenas a língua latina... Enfim, o padre Gabriel explicava que todos os povos podiam rezar e cantar na sua própria língua: os portugueses em português, os franceses em francês, os italianos em italiano..., nós, os de Cabinda, na nossa língua, e todos os outros povos do Planeta, cada um na sua própria língua. Na celebração eucarística, sempre rezamos pelo Papa, e o sacerdote pronuncia o seu nome e o nome de bispo residencial. Dava explicação das inovações que foram feitas no Vaticano II. Nessas reuniões, ele deixava que os participantes fizessem perguntas e ele esclarecia. Portanto, pelo menos a palavra *concílio* ficou no ouvido de muitos catequistas,

seminaristas e demais alunos da Missão, através dessas reuniões em família e conferências proferidas oportunamente.

Nenhum cristão ouviu falar do nome de algum teólogo. Porém, através dos esclarecimentos que o padre Gabriel fazia, os cristãos lentamente começaram a compreender que a missa não era mais celebrada em latim, que havia a necessidade dos cristãos lerem a Bíblia, acompanharem os acontecimentos a nível mundial, através da rádio, do jornal, da revista e do livro, e passarmos a rezar, uma vez ou outra, com os nossos irmãos protestantes. Enfim, numa palavra, insistia num *aggiornamento*. Esse programa era uma grande novidade, no centro rural do Lucula Zenze.

Nos diálogos, ele insistia muito na leitura dos documentos do Concílio, a fim de assimilarmos melhor a sua mensagem. A partir das conferências que o padre Gabriel realizava, os catequistas, os seminaristas e mesmo o povo em geral, começaram a aperceber-se das mudanças, na medida que dava muitas explicações acerca do Concílio. Desta maneira, numerosos cristãos da Missão do Lucula Zenze ficaram a saber o significado do Concílio e o motivo por que os padres passaram a celebrar a Eucaristia não mais em latim, mas sim na nossa língua materna, e também não havia mais a obrigatoriedade do padre fazer a coroa (a tonsura) e usar a batina...

Aos catequistas, alunos da Missão e seminaristas (alguns nas Humanidades e outros no Ciclo de Filosofia) mostrava os vários livros da sua biblioteca pessoal. No fim, mandava tirar um livro para ler alguma passagem de um ou outro documento. Por exemplo, sobre o que é o Concílio, lembramos a passagem que explica:

Na história da Igreja, Concílio é a reunião de bispos e outros dignitários eclesíásticos, feita com regularidade, para tratar e legislar em matérias de interesse para as Igrejas de determinada região.⁴³³

Depois da leitura desta passagem, explicava os diversos concílios: Concílio Particular, Concílio Provincial, Concílio Plenário e, finalmente, Concílio Ecuménico... Os seus livros, com a eclosão da guerra, infelizmente, foram rasgados e queimados!

6.2.2. Documentos do Concílio

Nos Cursos *Nova et Vetera* alguém teria lido os Documentos do Vaticano II para explicar aos cristãos a Missão do Lucula Zenze?

⁴³³ Manuel Franco Falcão, *Enciclopédia Popular* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2006), 95.

O padre Gabriel foi um dos grandes leitores do Vaticano II. Ele inspirou-se nos documentos do Vaticano II, para fazer a leitura dos problemas da pastoral na nossa Missão. Lia o Decreto *Apostolicam actuositatem*, sobre o Apostolado dos Leigos, o Decreto *Ad gentes*, sobre a Atividade Missionária da Igreja, a Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, sobre a Igreja no Mundo de Hoje, a Constituição Dogmática *Lumen gentium*, sobre a Igreja, a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Sagrada Liturgia, a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a Divina Revelação, a Declaração *Dignitatis humanae*, sobre a Liberdade Religiosa... Numa palavra, o padre Gabriel leu todos os documentos do Concílio. Tinha uma paixão pela leitura.

Várias vezes afirmava que recorreu imenso à leitura destes documentos para ensinar aos participantes dos Cursos *Nova et Vetera*, e também aprendeu a ler os sinais e acompanhar a aurora dos novos tempos.

Dizia-nos ainda que, depois de estudar a nossa cultura, lia os documentos conciliares e terminava na leitura da Palavra de Deus. Foi na citação dos documentos papais, documentos conciliares e na Bíblia, que ele soube defender-se dos ataques dos agentes da PIDE, que, muitas vezes, o interrogavam sobre o significado dos Cursos *Nova et Vetera*.

Quase em cada reunião procurava sempre terminar com uma citação de um documento do Vaticano II. A propósito dos problemas, do sofrimento do povo, das guerras, do ódio... mandou um seminarista ler para todos os membros da reunião a seguinte passagem da Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e angústias dos homens do nosso tempo, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo, e nada existe de verdadeiramente humano que não encontre eco em seu coração.⁴³⁴

6.2.3. Formação bíblica recomendada pelo Vaticano II

Nos Cursos *Nova et Vetera* foram feitos cursos bíblicos para melhor compreensão da Palavra de Deus, segundo as orientações e recomendações do Vaticano II?

Não podemos afirmar que, nos Cursos *Nova et Vetera*, havia Cursos Bíblicos. Todavia, os catequistas de todas as missões tinham cursos bíblicos, semestralmente, no Seminário de Cabinda e os catequistas desta Missão do Lucula Zenze também participavam.

⁴³⁴ *Concilium Oecumenico Constitutio Pastoralis d'Ecclesia in Mundo Huius Temporis, Gaudium et Spes* (7 Decembrii [1965]: AAS 58 [1966], 1.025-1.126, 1).

A nível do Arciprestado, quando os padres faziam as traduções da Palavra de Deus da língua portuguesa para a língua *Ibinda*, os membros dos Cursos *Nova et Vetera* participavam na Comissão da Tradução da Palavra de Deus. Com a exigência da tradução dos textos litúrgicos e as inovações do Vaticano II, os cursos bíblicos passaram a ser administrados trimestralmente.

Como *fabricando fit faber*, à medida que faziam as traduções, os cristãos começavam a ter o gosto pela leitura da Palavra de Deus. Aos domingos à tardinha, um grupo de Monitores Escolares, animados pelo padre Gabriel, lia a Bíblia. O grupo começou a aumentar paulatinamente. Alguns deles foram antigos alunos do Irmão Luís Mbuanji (1891-1959), na catequese. Este irmão da Congregação de S. Pedro Claver lia o livro para os meninos da catequese, que, na altura, fez escola. Era o livro intitulado *Bíblia das Escolas*. Um dos alunos, que participava nessa catequese, era o menino Eduardo André Muaca, mais tarde, D. Muaca. E muitos rapazes da Missão participavam nas aulas de catequese do Irmão L. Mbuanji. Como o Irmão L. Mbuanji tinha o talento de narrador, cativava os rapazes com as histórias da Bíblia, como a história do José no Egito, Moisés, Sansão, Golias. Os meninos gostavam muito de ouvir a história do José no Egito. O Irmão L. Mbuanji mostrava o mapa para explicar que o Egito está na África. A África é o nosso continente. Na Missão do Lucula Zenze, nas décadas de 1930, 1940 e 1950, sem rádio, sem jornal, sem nenhum livro para os meninos, somente a *Cartilha Maternal de João de Deus*, na leitura da 1.^a classe, a catequese, que dava o Irmão L. Mbuanji, era agradável para a juventude, residente nas aldeias ao redor da Missão. Essa catequese, que os meninos tinham na leitura do livro *Bíblia das Escolas*, praticamente com a fundação dos Cursos *Nova et Vetera*, os antigos alunos, já adultos, ganharam mais gosto para ler a Bíblia...

Na tarefa das traduções da Palavra de Deus, na Oração pela Unidade dos Cristãos, de 18 a 24 de janeiro de cada ano, nos encontros esporádicos de oração com os irmãos protestantes, numa ou noutra aldeia, por ocasião da visita pastoral do missionário, tanto os padres como os cristãos começaram a sentir cada vez mais a necessidade da formação bíblica. Uma formação bíblica para todos os cristãos e, principalmente, uma formação bíblica e ecuménica...

Não ficamos somente na Missão do Lucula Zenze. Na explanação do tema da inculturação fizemos investigações do nosso tema noutros horizontes. A propósito da leitura da Bíblia, na nossa investigação, encontramos um belo texto muito significativo que não podemos deixar de mencionar devido à sua importância.

Os biblistas africanos realizaram um congresso em Jerusalém, de 20 a 30 de abril de 1972. O congresso foi organizado por Engilbert Mveng, sob o tema «A África Negra e a Bíblia». Do comunicado final desse congresso extraímos a seguinte passagem:

Vimos aqui para aprender a Sagrada Escritura, a mensagem da Bíblia que é a nossa mensagem, porque somos o povo da Bíblia, porque a África é a Terra da Bíblia e o segundo rio do Paraíso chama-se Geon e rodeia a terra do Kush, ou seja, a África Negra. Desde o Génesis, África e os africanos negros estão presentes na Bíblia; a mensagem da Bíblia é a nossa mensagem e o Povo da Bíblia é o nosso Povo. Também nós somos os herdeiros da Bíblia e responsáveis pela sua mensagem ontem, hoje e amanhã. Estamos aqui para aprender a decifrar esta mensagem que é a nossa mensagem como é a sua (...). Aprendamos juntos a ler a Bíblia, a ouvir a palavra de Deus através da Bíblia, e que o Deus que nos falou ontem ainda nos fale hoje. E que nós, quando regressarmos ao nosso próprio país, como o eunuco de Kadaké de quem fala o capítulo 8 dos Actos dos Apóstolos, tenhamos uma nova mensagem a levar aos nossos povos.⁴³⁵

Sempre na leitura da Bíblia, foi com grande satisfação que lemos a informação sobre o Centro Bíblico Católico de Accra, em Ghana. Foi fundado em 1981 pelo Simpósio das Conferências Episcopais de África e Madagáscar (SCEAM), com a finalidade da formação bíblica dos cristãos:

Para se alcançar o objectivo desejado pelo Sínodo, de conferir maior carácter bíblico a toda a pastoral da Igreja, é necessário que exista uma adequada formação dos cristãos e, em particular, dos catequistas. A este propósito, é preciso prestar atenção ao *apostolado bíblico*, método muito válido para se atingir tal finalidade, como demonstra a experiência eclesial. Além disso, os Padres sinodais recomendaram que se estabeleçam, possivelmente através da valorização de estruturas académicas já existentes, centros de formação para leigos e missionários, nos quais se aprenda a compreender, viver e anunciar a Palavra de Deus e, onde houver necessidade, constituam-se Institutos especializados em estudos bíblicos a fim de dotarem os exegetas de uma sólida compreensão teológica e uma adequada sensibilidade para os ambientes da sua missão. (VD, 75.)

Os dois textos são o sinal de que em África tem havido um grande esforço para a leitura da Bíblia como uma das dimensões da inculturação. Na Missão do Lucula Zenze, o padre Gabriel a partir da implementação dos Cursos *Nova et Vetera*, seguiu as orientações do Vaticano II.

6.2.4. Tradução da Palavra de Deus para a língua Ibinda

Depois de termos constatado aquilo que foi feito na Missão do Lucula Zenze, com a finalidade de conhecer a Bíblia (os Cursos Bíblicos no Seminário de Cabinda), o Congresso dos biblistas em Jerusalém (de 20 a 30 de abril de 1972) e, finalmente, a fundação do Centro Bíblico Católico de Accra (Ghana), pelo Simpósio das Conferências Episcopais

⁴³⁵ Paulin Poucouta, *Quand la Parole de Dieu visite l'Afrique. Lecture plurielle de la Bible*, 77-78. (Tradução própria.)

de África e Madagáscar (SCEAM), abordemos agora o problema da tradução da Palavra de Deus. Nos Cursos *Nova et Vetera* foram feitas traduções dos textos litúrgicos para os cristãos ouvirem a Palavra de Deus na sua própria língua, consoante recomendava o Vaticano II?

* * *

Para respondermos a esta pergunta começamos com uma citação da Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a Revelação Divina:

É preciso que os fiéis tenham acesso patente à Sagrada Escritura. Por esta razão, a Igreja logo desde os seus começos fez sua aquela tradução grega antiquíssima do Antigo Testamento chamada dos Setenta; e sempre tem em grande apreço as outras traduções, quer orientais quer latinas, sobretudo a chamada Vulgata. Mas, visto que a Palavra de Deus deve estar sempre acessível a todos, a Igreja procura com solicitude maternal que se façam traduções aptas e fiéis nas várias línguas, sobretudo a partir dos textos originais dos livros sagrados (DV, 22).

A partir da leitura desta referência da *Dei Verbum*, os padres diocesanos africanos empenharam-se na dolorosa tarefa da tradução da Palavra de Deus da língua portuguesa para a língua *Ibinda*. Envidaram esforços para que as traduções não fossem à letra, nesse momento de grande euforia para as populações em ouvir a Palavra de Deus na sua própria língua.

Os italianos têm um belo provérbio, acerca do grande perigo de deturpar as traduções: «*Traduttore, traditore*» (*Tradutor é traidor; o tradutor deturpa muitas vezes o pensamento do autor*). A partir deste provérbio, o biblista congolês, Paulin Poucouta, sacerdote da diocese de Ponta Negra (República do Congo-Brazzaville), advertiu, a propósito da dupla traição, que podemos cometer ao traduzirmos a Bíblia:

A tradução da Bíblia para as línguas locais é uma necessidade imperativa. Mas *traduttore traditore* (o tradutor é um traidor), como dizem os italianos. É mesmo uma dupla traição: do texto bíblico e da língua para a qual é traduzido. É necessário ter em conta não só o significado de cada palavra, mas também o seu significado teológico. O tradutor deve ser um linguista, um filólogo, mas também um exegeta. Para não trair o texto bíblico, é necessário, por um lado, ter um bom conhecimento do pensamento semítico e grego para compreender o significado de certas expressões e, por outro, ter um conhecimento suficiente da língua para a qual se está a traduzir, ao ponto de ser capaz de inventar.⁴³⁶

Tendo em consideração as numerosas dificuldades para a tradução de certos termos, houve traduções que foram corrigidas e recorrigidas várias vezes. Não foi fácil. Algumas palavras que não temos na nossa língua, tais como: *principados*, *potestades*, *querubins*, *cenáculo*, *tabernáculo*, *sinédrio*, e muitas outras, criaram enormes dificuldades e emba-

⁴³⁶ Poucouta, *Quand la Parole de Dieu...*, 156.

raços na sua tradução, para o próprio sentido do texto. Para aqueles que não tiveram uma mínima formação teológica não foi fácil compreender o significado de certos termos. Na Comissão da Tradução da Palavra de Deus, os padres diocesanos exigiam a presença e a participação dos mais velhos que conheciam muito bem a língua *Ibinda*.

O padre Gabriel confidenciou-nos que ele próprio se meteu a estudar a língua *Ibinda*, com os mais velhos, a fim de fazer melhor as traduções. Tanto para os sacerdotes como para os membros da comissão, que não estudaram teologia, não era tarefa fácil. O perigo de traduzir à letra devia ser evitado. Tudo isso para dizer que o capítulo da tradução foi dos mais difíceis e delicados, depois do Vaticano II, na Missão do Lucula Zenze. São numerosas as traduções, que, passados 50 anos, estão a ser revistas e recorrigidas. Aqui, em Portugal, quem tiver um missal dominical ou semanal nas mãos pode verificar qual é a edição. E isso, no caso de já não ser a primeira edição, comprova que, posteriormente, foram feitas numerosas correções.

O biblista africano congolês, Paulin Poucouta, citando Emmanuel Dahunsi, enumera algumas dificuldades que os tradutores da Bíblia nas línguas africanas encontram:

É claro, todos os tradutores enfrentam as mesmas dificuldades:

- O problema da ortografia. Em muitas línguas africanas, a ortografia e a gramática ainda são fluidas. O tradutor deve, portanto, lidar com a estrutura da língua;
- O problema dos equivalentes de medidas. Na Bíblia há muitas referências a pesos, áreas, medidas, capacidade. Não é fácil traduzi-los para as línguas africanas;
- O problema das expressões técnicas que não são fáceis de traduzir para as línguas africanas: principados, potências, domínios, tronos;
- O problema das expressões teológicas como *graça, reconciliação, justificação*, não são fáceis de traduzir;
- O problema das transcrições. Algumas palavras difíceis de traduzir devem ser transcritas: apóstolos, sinagoga, templo, centurião, messias, hosana.⁴³⁷

Todo o trabalho da tradução é uma tarefa difícil, porém, uma tarefa enriquecedora. Quando o texto bíblico é traduzido noutra língua há riqueza recíproca: aquela que vem da Bíblia e aquela que vem da língua na qual é traduzida. Por isso, a Palavra de Deus, traduzida nas línguas africanas enriquece essas mesmas línguas africanas, devido à criatividade cultural.

Bento XVI, na *Verbum Domini*, afirma:

Os Padres sinodais sublinharam a importância de favorecer um adequado conhecimento da Bíblia entre os agentes culturais, mesmo nos ambientes secularizados e entre os não crentes; na Sagrada Escritura, estão contidos valores antropológicos e filosóficos que influíram positivamente sobre toda a humanidade. Deve-se recuperar plenamente o sentido da Bíblia como grande código para as culturas (VD, 110).

⁴³⁷ Paulin Poucouta, *Quand la Parole de Dieu visite l'Afrique. Lecture plurielle de la Bible*, 156-157. (Tradução própria.)

Nestas descrições procuramos fazer ver o que foi feito e como foi feito. Na leitura dos documentos do Vaticano II e dos Sumos Pontífices, como a *Verbum Dimini*, do Papa Bento XVI, ficamos mais elucidados das numerosas dificuldades na tarefa das traduções. O trabalho das traduções levará o seu tempo para o amadurecimento de obras traduzidas nas línguas africanas, e, principalmente, na nossa língua *Ibinda*, cuja gramática está por redigir e ainda sem a existência de literatura considerável.

6.3. Compositores de cânticos religiosos, na Missão do Lucula Zenze (1970-2020)

Os padres espiritanos da primeira evangelização da Missão do Lucula Zenze (1893-1970) habituaram os cristãos a cantar mais em latim do que na língua vernácula *Ibinda*. Depois do Vaticano II, como foi feita a renovação do canto na liturgia? Fizeram composições de cantos em língua vernácula? Se fizeram, quais foram as pessoas que frequentaram a Academia de Música e compuseram ou teriam composto cânticos religiosos na língua vernácula *Ibinda*?

* * *

O nosso primeiro argumento é sempre a voz do Magistério. A Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Liturgia, quanto à importância da Música Sacra na Liturgia, faz as seguintes recomendações:

A tradição musical da Igreja é um tesouro de inestimável valor, que excede todas as outras expressões de arte, sobretudo porque o canto sagrado, intimamente unido com o texto, constitui parte necessária ou integrante da Liturgia solene (SC, 112).

Considerando a importância da tradição musical na Igreja, devemos reconhecer que a saída dos portugueses, depois da proclamação da independência, e os ventos soprados pelo Concílio Vaticano II, não só trouxeram uma nova aurora, como acordaram os carismas adormecidos. Um dos factos que marcou a época pós-Vaticano II foi a composição de cânticos religiosos em língua *Ibinda*. Decorridos 55 anos (1965-2020), depois do encerramento do Vaticano II, e 50 anos (1970-2020), depois da fundação dos Cursos *Nova et Vetera*, temos muitos cânticos religiosos ainda por compilar. Os Cursos *Nova et Vetera* foram uma primavera na Igreja africana de Cabinda, porque os numerosos cantos em *Ibinda*, que cantamos, na sua esmagadora maioria, foram compostos depois do Vaticano II. Foi a época mais rica e fértil da composição de cantos em língua vernácula.

Na história dos povos, não são somente as pessoas que frequentam ou que frequentaram as Academias de Música que sabem compor cânticos. Muitas pessoas têm o

talento da composição, tanto de música religiosa como de música profana. As primeiras pessoas que compuseram cânticos religiosos, na Missão do Lucula Zenze, foram: o padre Gabriel Nionje Seda (1930-2009), o catequista Carlos Maria Peso (1927-2013), o antigo seminarista Bento Ndubo Sambo (1947-1988), o padre José Luemba Chiânica (1955-2019), o catequista Faustino Kwalo (n. 1955) e o catequista Simão Chiendo Puati (n. 1958), para apenas mencionarmos os mais conhecidos.

6.3.1. P. Gabriel Nionje Seda (1930-2009)

Que nós saibamos, o padre Gabriel não frequentou nenhuma Academia de Música. Depois da sua ordenação sacerdotal, sabemos que D. Moysés Alves de Pinho (1888-1980), primeiro Arcebispo metropolitano de Luanda (1940-1966), que o ordenou sacerdote, nomeou-o membro da Comissão da Música Sacra. Tinha aprendido a compor cânticos religiosos, desde os anos que frequentou o seminário de Malanje. Como fundador dos Cursos *Nova et Vetera*, foi o primeiro, na Missão do Lucula Zenze, a compor muitas canções religiosas e até missas, a vozes.

Compôs quatro missas a vozes: *Missa Lukanunu Muvuvu* (Missa Despedida na Esperança); *Missa Nzambi Usema Umana* (Missa Deus abençoou para sempre); *Missa Nyenzeau bata mana* (Missa felizes aqueles que acreditaram); *Missa Mibatuama* em *Ibinda* (Missa de *Requiem* em latim), dois prefácios, vários cantos religiosos, dentre os quais podemos mencionar: *Ah Nyenze Muene, buna bakambizi, tuende* (Que alegria quando me disseram), *Tchauchi ilumbu tchichinzama* (Este é o dia do Senhor, alegremo-nos) cantos de Meditação *Kioso salu sadidi* (Qualquer trabalho que fizeres). Hino de *Nova et Vetera* e muitos outros dispersos, que ainda não foram catalogados e organizados em livro.

6.3.2. Carlos Maria Peso (1927-2013)

O catequista Carlos Maria Peso, antigo aluno da Missão, antigo Irmão, monitor escolar, enfermeiro, é um dos músicos originários desta Missão do Lucula Zenze. Compôs muitas canções religiosas, que são cantadas nas igrejas das nossas paróquias. O mais célebre dos seus cânticos religiosos é o *De Profundis* (*Vakatika liyenga*, em *Ibinda*). Não há nenhum velório ou funeral onde não seja cantado este *De Profundis*. Todos os cabindenses o cantam com zelo e devoção. A primeira vez que D. Eduardo A. Muaca ouviu o *De Profundis*, composto por Carlos Maria Peso, exclamou muito emocionado: «o povo cristão do Lucula Zenze entrou na história da salvação!»

6.3.3. Bento Ndubo Sambo (1947-1988)

O antigo seminarista Bento Ndubo Sambo, nascido a 23 de setembro de 1947, na povoação de Macanga Grande, e falecido a 28 de janeiro de 1988, foi antigo aluno da Missão e antigo seminarista. Frequentou os seminários de Cabinda e Malanje. Do seminário de Malanje saiu com o 4.º ano dos liceus. Esteve nos dois exílios: o de 1961 e o de 1976. Foi neste exílio de 1976, que compôs muitos cânticos e até missas. Depois do padre Gabriel, foi ele que compôs umas duas ou três missas a vozes. «*Vinde, Vinde! Regozemos no Senhor! Aclamemos o Rochedo da nossa salvação! Apresentemos cânticos de louvor!*» Tem preciosas melodias, mas, infelizmente, no presente, não temos meios para a publicação da sua vasta obra musical.

6.3.4. P. José Luemba Chiânica (1955-2019)

O padre José Luemba Chiânica, nascido na povoação do Wângulo a 16 de junho de 1955, e falecido a 21 de abril de 2019, foi outro compositor. Com a eclosão da guerra, em 1975, fugiu para a República do Zaire (atual República Democrática do Congo), e, ali, prosseguiu os estudos. Completou as Humanidades, no Centro Pastoral dos Padres de Cabinda, na vila de Tshela. Fez a Filosofia, no Seminário Abbé Ngidi de Boma, e a Teologia, no Seminário João XXIII, em Kinshasa, tendo sido ordenado presbítero a 28 de dezembro de 1986, por D. Fortunato Baldelli, na altura, Delegado Apostólico em Angola. Compôs muitos cânticos. O seguinte é o cântico mais destacado que ele compôs: *Ah Fumu Njeie, ti samba buinji tubaka Nzila li Ilu*. (Tradução: *Senhor, nós te rezamos para obtermos o caminho do Céu.*) Todos os seus cânticos ainda estão por compilar.

6.3.5. Faustino Kwalo (n. 1955)

O catequista Faustino Kwalo, filho de Jorge Polo Ndombe e de Ana Kwalo Umba, nasceu na povoação de Chinsua, em 28 de janeiro de 1955. Participou nas fugas de 1961 e de 1976. Foi no Campo de Refugiados de Nlundu Matende (República do Zaire), onde casou com Cecília Bewa Linga, filha de Simão Linga e de Margarida Simba Manthando, nascida na povoação de Sinto-Butuyanga, em 24 de dezembro de 1960.

Faustino Kwalo, antigo aluno da Missão e monitor escolar, foi e continua a ser um dos cristãos da aldeia de Chinsua com o carisma de compor cânticos religiosos. Desde a década de 1970, que começou a compor canções religiosas em língua *Ibinda*, que convidam o cristão a rezar e a louvar a Deus. Os seus numerosos cânticos também ainda não foram compilados. É, atualmente, catequista da aldeia de Chinsua.

6.3.6. *Simão Chiendo Puati (n. 1958)*

O catequista Simão Chiendo Puati, filho de Sebastião Bonifácio Puati e de Rosalina Lelo Chiendo, nasceu na povoação de S. Paulo Zenga, a 10 de fevereiro de 1958. Depois da sua escolarização, casou com Carlota Mbenza Nguvulo Malonda, filha de Benjamim Binda Malonda e de Luzia Lando Ngubo, nascida na povoação de Chindende, a 5 de maio de 1965.

Simão Chiendo Puati gravou as suas músicas religiosas em CD, e é outro cristão que tem o talento de compor canções religiosas em língua *Ibinda*.

Não são apenas estes. Muitos outros têm composto belos cânticos. Por falta de disponibilidade financeira para a compilação de todos esses cânticos, muitos dos nossos compositores ainda estão no anonimato. Estes, dos quais deixamos os dados biográficos, são, dentre todos, os mais conhecidos.

* * *

Depois destas reflexões vamos entrar no tema fundamental da nossa dissertação, que é a inculturação da Igreja, a partir dos Cursos *Nova et Vetera*.

6.4. Rumo à Inculturação da Igreja, na Missão do Lucula Zenze (1970-2020)

Nos Cursos *Nova et Vetera*, qual foi o rito litúrgico que o padre Gabriel adaptou na Missão do Lucula Zenze, a fim de inculturar a liturgia? Por outras palavras, qual foi o rito africano que o padre Gabriel introduziu na Missão do Lucula Zenze?

* * *

6.4.1. *Integração dos valores culturais africanos no culto cristão*

Antes de respondermos a esta pergunta, gostaríamos de anteceder a nossa resposta acerca do significado do rito em África:

O rito marca a vida na África tradicional, escreve o padre E. E. Uzukwu, cssp. As passagens do nascimento à morte, da infância à adolescência e à idade adulta, são ritualizadas. Acontecimentos da vida, sucesso ou derrota, saúde ou doença, chegada ou partida, exigem ritos. Toda a vida se desenrola diante dos olhos dos deuses, ritualizada/santificada.⁴³⁸

⁴³⁸ E. E. Uzukwu, cssp, «Pour Une Liturgie Inculturée», in *Quelle Église Pour l'Afrique du Troisième Millénaire?*, *Contribution au Synode Spéciale des Évêques pour l'Afrique*, Actes de la Dix-huitième Semaine Théologique de Kinshasa du 21 au 27 Avril 1991. Ouvrage publié avec le concours de la Fondation *Evangelii Nuntiandi in Africa* (Kinshasa: Facultés Catholiques de Kinshasa, 1991), 241.

Portanto, sabemos que, em África, a passagem do nascimento à adolescência, da adolescência ao estado de adulto, e assim por diante, é através de ritos. Para nós, cabindenses, o rito de passagem do rapaz da adolescência para a idade adulta chama-se «*Kota Tsona*», enquanto o da rapariga se chama «*Cikumbi*».

Feita esta reflexão acerca do rito, vamos ao assunto fundamental do rito litúrgico. Os padres diocesanos africanos, conhecedores dos ritos africanos, não criaram nenhum rito litúrgico nos Cursos *Nova et Vetera*. Aqui, podemos recorrer ao princípio latino «*Nihil sine episcopus*» (Nada sem a autorização do bispo). Os padres diocesanos, com a leitura dos documentos conciliares, a composição de numerosos cânticos em língua *Ibinda*, não foram sacerdotes autocéfalos. Todas as inovações eram, primeiro, apresentadas ao Ordinário do lugar. Depois deste ter analisado, autorizava sempre «*ad sperimentum*». Vejamos alguns casos concretos.

1.º Os meninos e as meninas de tenra idade iniciados a dar esmola.

A procissão do ofertório tem início com os meninos e as meninas de tenra idade a dar esmolas. A grande lição é para aprenderem, desde pequeninos, a oferecerem a Deus o pouco que têm, à base do provérbio cabinda: «*Tsalu ivene inona*» (tradução: *Sal que te ofereceu a formiga*). *Explicação*: A formiga é pequenina. Veja a quantidade de sal que ela pode oferecer! Se ela, a formiga, é pequenina, apenas pode oferecer um bocadinho insignificante. Para dizer que a nossa oferta, nas mãos de Deus, é como um bocadinho de sal nas mãos de uma formiga. É uma comparação fortíssima que pretende também explicar que a nossa oferta, por mais pequenina que seja, é importante, porque mostra que se tem um coração generoso.

2.º No fim da procissão do ofertório, as mães ajoelham e batem as palmas, cadenciadamente, três vezes. O gesto de bater as palmas é sinal de agradecimento.

O padre Gabriel, por exemplo, introduziu o costume da apresentação das ofertas em géneros alimentícios. As mães, uma, duas, três ou mais, vêm em procissão. Quando chegam à frente do altar, ajoelham-se. Numa cadência muito bem feita, dirigida, batem por três vezes as palmas, em sinal de agradecimento. Em *Ibinda*: «*Bula Makuku*» (tradução: *Bater palmas, três vezes, em sinal de agradecimento*). É um gesto tirado da cultura dos povos de Cabinda. Uma rapariga ou uma mãe, ao oferecer um copo de água, um prato de ginguba torrada ou fervida, ou qualquer outro género alimentício a um hóspede ou a alguém mais velho, ajoelha-se e bate as palmas, três vezes, em sinal de agradecimento pela aceitação da sua oferta. Mesmo com o vento do comunismo este gesto não desapareceu, tanto nas aldeias como na cidade.

3.º Apresentação do recém-nascido para receber a bênção.

Na Bíblia, temos o caso muito bem explicado: «*Levaram o Menino a Jerusalém, a fim de O apresentarem ao Senhor, conforme está escrito na Lei do Senhor...*» (Lc 2,22-40). Em Cabinda, há o seguinte costume, desde os nossos antepassados: depois do parto, a mãe fica em casa, durante o mínimo de um mês, sem sair. Praticamente, fica fechada. O termo que é utilizado em Cabinda é *Kwalama*, que significa ficar em casa para descansar das dores do parto, durante o mínimo de trinta dias. Normalmente, o dia de saída é programado sempre para que seja num domingo. Nesse domingo programado para sair de casa, vai à igreja. Durante a celebração da Eucaristia, apresenta ao sacerdote o menino recém-nascido para ser abençoado. É, exatamente, ao ofertório. O pai e a mãe sobem ao altar. Entregam o recém-nascido nos braços do sacerdote. Este agradece o dom da fecundidade. Faz a oração nestes termos, em *Ibinda* e em português:

Oração em Ibinda:

Ah Muenne befu tukuvutila iveve iveve cimatondo mumbutu ukutuva. Tukulebilila, tukulinda. Sema mwana beneau. Sema Tat'andi. Sema Mam'andi. Sema bibutu biandi bionso kunzo Tata i kunzo Mama. Kayonzukila va kama li nsambu muzina li Tata, li Muana ai li Muela Santu. Amen!

Tradução:

«Senhor, nós te agradecemos pelo precioso dom da fecundidade. Nós, vos pedimos humildemente, para abençoar esta criança.abençoi o seu pai.abençoi a sua mãe.abençoi os seus parentes da parte paterna e da parte materna. Que ela venha a crescer no espírito da oração em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo! Ámen!»

Algumas paróquias escolheram o primeiro domingo do mês para apresentação e bênção dos recém-nascidos do mês anterior. Qualquer que seja o mês, o gesto do ofertório é como acabamos de escrever. Este foi um dos usos e costumes introduzidos no rito romano para a bênção das crianças, tal como foi a apresentação do Menino Jesus no Templo.

4.º Bênção no fim da missa.

O padre Gabriel introduziu a bênção conforme o rito tradicional na cultura de Cabinda, tal como a Igreja introduziu o gesto do sacerdote lavar as mãos antes do ofertório. Na Igreja católica, o padre afirma: «*Eu vos abençoo em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.*» Depois destas palavras, diz em *Ibinda*: «*Upu Yoba! Upu Yoba!*» Estas palavras significam: *Deus vos abençoe! Deus vos abençoe!* É uma fórmula que, na cultura tradicional dos povos de Cabinda, o mais velho, o ancião, o pai, a mãe, usa para abençoar o seu filho, o seu sobrinho, o seu neto, a sua filha, a sua sobrinha, a sua neta... Esta fórmula foi introduzida também com o *placet* do Ordinário de lugar *ad sperimentum*...

Nada foi introduzido sem autorização do Ordinário do lugar. Portanto, esclarecemos que não houve nenhum rito litúrgico introduzido. O padre Gabriel, exigente que era,

inculcava sempre para rezar bem, cantar bem, sem extravagância e, principalmente, sem folclore. Ele investigava, primeiro, junto dos mais velhos, o significado deste ou daquele costume, desta ou daquela dança. Somente, depois da investigação, é que propunha ao Ordinário do lugar a sua introdução na liturgia, durante a santa Eucaristia.

Para concluirmos esta reflexão, não resistimos em citar Laurent Mpongo, nascido em 1931, em Inongo (Província de Bandundo, República Democrática do Congo), membro da Congregação do Coração Imaculado de Maria (Scheutistas), um dos nomes, senão um dos teólogos liturgistas, que escreveu sobre a Liturgia nestes termos:

A liturgia assume um lugar privilegiado para evangelização do continente africano, uma vez que ela é, afirma o autor, «como» que um lugar de comunicação e de recepção da fé no Deus que age, por meio do seu Espírito, no meio do seu povo. Na sua opinião, uma evangelização em profundidade não é possível senão na medida em que a liturgia toque de maneira visível a vida das pessoas, uma vez que ela é um ato, um culto comunitário prestado a Deus trinitário pelos batizados. É esta a razão pela qual ela convida a Igreja a «integrar na liturgia os ritos costumeiros, que apontam tanto quanto para o aspeto social como individual do casamento».⁴³⁹

É, precisamente, nesta linha de ideias que o padre Ndruudjo Ndahura, antigo Secretário-Geral Adjunto da Conferência Episcopal do Zaire, no XLV Congresso Eucarístico, celebrado em Sevilha (Espanha), de 7 a 13 de junho de 1993, salientou:

Não teremos uma vida africana verdadeiramente cristianizada enquanto não integrarmos seus valores culturais num culto cristão apropriado, onde nossos fiéis africanos possam expressar e sentir sua alma religiosa vibrar. Só um culto vivo e adequado pode trazer o necessário aprofundamento da fé que só a educação é capaz de proporcionar. Assim, um estudo aprofundado e crítico das tradições religiosas e um contato vivo com o povo, revelará as necessidades culturais fundamentais e fornecerá os elementos necessários para a elaboração de uma liturgia africana viva respondendo às aspirações das populações.⁴⁴⁰

Sua Santidade, o Papa Francisco, numa entrevista, acerca da questão da renovação litúrgica, afirmou claramente:

O Vaticano II foi uma releitura do Evangelho à luz da cultura contemporânea. Ele produziu um movimento de renovação que vem simplesmente do próprio Evangelho. Os frutos são consideráveis. Basta recordar a liturgia. A obra de reforma litúrgica foi um serviço ao povo como releitura do Evangelho a partir de uma situação histórica concreta. Há certamente linhas hermenêuticas de continuidade ou descon- tinuidade, mas uma coisa é clara: a maneira de ler o Evangelho atualizando-o, que era próprio do Concílio, é absolutamente irreversível.⁴⁴¹

⁴³⁹ Nkelenge Hilaire Mitendo, «Laurent Mpongo – Um defensor do casamento e da liturgia africanos», in *Teologia Africana no Século XXI – Algumas Figuras*, Bénézet Bujo e Juvénal Ilunga Muya (coord.), vol. 2 (Prior Velho: Paulinas Editora, 2008), 139.

⁴⁴⁰ Abbé Ndruudjo Nahura, «Adaptation et Inculturation Requisites pour Une Eucharistie Evangélisatrice. L'Expérience du Zaire», in *Revue Africaine de Théologie*, Faculté de Théologie de Kinshasa, vol. 19, n.º 38, Outubro 1995, 168-169. (Tradução própria.)

⁴⁴¹ Pape François, *L'Église que j'espère. Entretiens avec le p. Spadaro, s.j.* (Paris: Flammarion – Études [2013], 78), citado por Luc Forestier in *Nouvelle Revue Théologique*, tome 137, n.º 4, Octobre-Décembre (2013), 599.

6.4.2. *Música, canto, dança africanos, introduzidos no rito romano*

Não tendo sido introduzido nenhum rito africano, como o rito zairense, na vizinha República Democrática do Congo, que faz fronteira com Cabinda, qual foi a inculturação feita na liturgia, a partir dos Cursos *Nova et Vetera*?

* * *

A resposta a esta pergunta encontramos-na nos escritos do padre Paulin Poucouta, biblista congolês da República do Congo Brazzaville:

A experiência bíblica é um dos principais fundamentos da liturgia africana: salmos, hinos, ritos e mistérios bíblicos enriquecem-na constantemente. Tal como em África, através de palavras, música, canto, dança e ritual, os homens e mulheres da Bíblia louvam a Deus. A fé é expressa em gestos externos nos quais todo o corpo está envolvido. Isto deve reflectir a soberania de Deus sobre a criação do homem e a sua adesão.

Tomemos o exemplo da Páscoa, a maior das festas judaicas e cristãs. Os textos bíblicos que falam dele pertencem a várias tradições e géneros literários (litúrgico, legislativo, histórico...). Mostram que no início existiam duas festas diferentes: a do cordeiro e a dos pães ázimos.⁴⁴²

A descrição do nosso biblista Poucouta Paulin não necessita de mais nenhum comentário. Porém, vamos contar um facto, que dá força à descrição do nosso biblista congolês e que confirma que alguma inculturação foi feita a partir dos Cursos *Nova et Vetera*.

6.4.3. *Entronização da Palavra de Deus*

Como o padre Gabriel não introduziu nenhum rito africano, somente música, canto e dança africanos foram introduzidos no rito romano, portanto, adaptações, terá sido introduzida alguma inovação na liturgia, antes da leitura dos textos litúrgicos na celebração da Eucaristia?

* * *

Na linha da pastoral da inculturação, a Palavra de Deus foi sempre posta em primeiro plano. Antes da leitura da Palavra de Deus (1.^a leitura, Salmo responsorial, 2.^a leitura, Aleluia, Evangelho), a Bíblia é levada, solenemente, em procissão a partir da porta central, da entrada da igreja.

O diácono (se houver) ou o leitor, com a Bíblia nas duas mãos, estas muito bem levantadas, canta por três vezes: a primeira vez, à porta da entrada da igreja; a segunda

⁴⁴² Paulin Poucouta, *Quand la Parole de Dieu visite la l'Afrique. Lecture plurielle de la Bible*, 175. (Tradução própria.)

vez, no centro da igreja; e a terceira vez, à frente do altar, mostrando a Bíblia a toda a assembleia, tal como o sacerdote faz na Sexta-Feira Santa, na Adoração da Cruz:

Leitor: *Liakuali liambu li Nzambi, Bíblia ntho ivuvu!*

Tradução: *Aqui está a Palavra de Deus, Bíblia fonte de Esperança!*

Assembleia: *Amen! Amen! Befu tui cicinina! Cicinina! Amen! Amen! Befu tui cicinina!*

Tradução: *Amen! Amen! Nós acreditamos! Nós acreditamos! Amen! Amen! Nós acreditamos! Nós acreditamos!*

* * *

Depois do cântico, o diácono ou leitor entrega a Bíblia ao sacerdote que preside à Eucaristia. O presidente da Eucaristia apresenta a Bíblia aberta ao povo. Depois, coloca-a no ambão. É a partir da entronização que o nosso biblista congolês, Paulin Poucouta, nos relata a liturgia africana da Palavra de Deus:

Hoje, as liturgias africanas também dão um lugar importante à Bíblia. Além disso, para muitas comunidades cristãs, devido à falta de um sacerdote, a única celebração é muitas vezes a da Palavra.⁴⁴³

A propósito ainda da importância da proclamação da Palavra de Deus na liturgia, a Conferência Episcopal do Zaire, em 1989, escreveu:

A Palavra de Deus, proclamada perante a assembleia, é eficaz e libertadora: desafia a comunidade, suscita o apoio do povo de Deus e purifica os corações. Esta purificação é expressa no acto penitencial, cuja estrutura é inspirada pelo debate da questão africana.⁴⁴⁴

As duas citações, a do biblista Poucouta Paulin e a da Conferência Episcopal do Zaire são suficientes para esclarecer aquilo que também foi feito na Missão do Lucula Zenze, pelos Cursos *Nova et Vetera*. A Palavra de Deus foi sempre colocada em primeiro plano. Na Missão do Lucula Zenze, o padre Gabriel recomendava-nos que devíamos começar a viagem sempre com a Bíblia, prosseguir com a Bíblia e terminar com a Bíblia.

6.4.4. Arte ao serviço de Deus

Começamos com uma citação feita pela pintora Emília Nadal, Vice-Presidente da Sociedade Nacional de Belas-Artes, no seu estudo intitulado «Artes e Celebrações – a liturgia em questão»:

O mundo é sobretudo dos artistas. São eles que nos dão – através da forma – uma ideia sublime e relevante que arrebatava o nosso espírito. Eternizam o tempo, divinizam o humano e dão-nos, em suas criações, uma antecipação, minúscula, mas verdadeira, da beatitude (Pe. José Craveiro, sj).⁴⁴⁵

⁴⁴³ Poucouta, *Quand la Parole de Dieu...*, 186. (Tradução própria.)

⁴⁴⁴ Poucouta, *Quand la Parole de Dieu...*, 11. (Tradução própria.)

⁴⁴⁵ Emília Nadal, in *Brotéria*, Cultura e Cristianismo, 3.º vol., 140, 363.

E a autora conclui:

As celebrações litúrgicas cristãs são acções sagradas. Nelas se evocam e actualizam, pelo poder e acção do Espírito de Deus, os «santos mistérios» da salvação, operada por Cristo em favor dos homens e de toda a criação. As acções litúrgicas são celebrações multimédia, animadas por uma estética específica que, segundo Hans Urs Balthasar, é inerente à própria revelação do ministério trinitário que tomou visibilidade na encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo.⁴⁴⁶

A partir destas citações feitas, compreendemos perfeitamente que o tema da arte não pôde ficar de parte, ao escrevermos sobre a liturgia, pois, arte e liturgia rimam. Qual foi então a relação entre a liturgia e a arte, depois do Vaticano II, nos Cursos *Nova et Vetera*, na Missão do Lucula Zenze?

* * *

O padre Poucoute Paulin, biblista, distingue três diferentes artes: 1.º, a arte ou a idolatria; 2.º, a arte ao serviço de Deus; e 3.º, a arte ao serviço da vida.

1.º Arte ou Idolatria

Na arte ou idolatria, a oposição às imagens é muito bem clara no Antigo Testamento, consoante lemos no Decálogo:

Eu sou o Senhor teu Deus, que te fiz sair da terra do Egipto, da casa da escravidão. Não tenhas outros deuses diante de Mim. Não faças para ti ídolos, nenhuma representação daquilo que existe no céu e na terra. Não te prostres diante desses deuses, nem os sirvas, porque Eu, o Senhor teu Deus, sou um Deus ciumento: quando me odeiam, castigo a culpa dos pais nos filhos, netos e bisnetos; mas quando Me amam e guardam os meus mandamentos, trato-os com amor por mil gerações (cf. Ex 20-2-5).

Desde o encerramento do Vaticano II, quem observa os ícones, as imagens de Nossa Senhora com o Menino Jesus, as da Sagrada Família, nas igrejas e capelas de África, as pinturas de imagens nas paredes das casas de religiosos e de religiosas, nota a beleza da arte africana.

2.º Arte ao serviço de Deus

Na arte ao serviço de Deus, primeiro o padre Paulin recorre aos Padres da Igreja (Clemente de Alexandria e Tertuliano) para a verificação da arte que leva ao erotismo:

Por isso, aproxime-se o mais que puder das estátuas para se habituar a ver o erro num relance. O seu exterior mostra sinais muito claros das disposições interiores dos seus demónios. Se alguém passar pelos quadros e estátuas para os examinar, reconhecerá imediatamente os vossos deuses e as suas atitudes desonrosas.⁴⁴⁷

⁴⁴⁶ Emília Nadal, «Artes e Celebrações – a liturgia em questão», in *Brotéria*, Cultura e Informação, 3, vol. 140, março (1990), 263.

⁴⁴⁷ Poucoute, *Quand la Parole de Dieu...*, 192. (Tradução própria.)

Mais adiante, Paulin Poucoute esclarece a verdadeira arte ao serviço de Deus, que nós os cristãos devemos pôr em prática:

Os sacerdotes introduziram a Arca da aliança do Senhor no seu lugar, isto é, no recinto do Templo chamado Santíssimo, sob as asas dos querubins. De facto, os querubins estendiam as asas sob o lugar da Arca, protegendo a Arca e os seus varais. Como os varais eram compridos, quem estava no santuário podia ver as suas extremidades, mas não podia vê-las de fora. Eles ficaram ali até ao dia de hoje. (1Rs 8,6-9).

3.ª Arte ao serviço da vida

Paulin Poucoute, na arte ao serviço da vida, sublinha a arte negro-africana, nestes termos:

A arte negra africana, uma celebração cósmica e celebração da vida, reencontra o mundo bíblico, essencialmente a sua oração: «O momento de união, para a alma africana, só pode ser um momento de união de todo o cosmos com o seu criador. O meu misticismo cristão africano será, por definição, cósmico.»⁴⁴⁸

Todo aquele que, nos nossos dias, visita a secção das estatuetas nas praças das nossas cidades constata muito bem a celebração da vida. Na cidade de Cabinda, em frente da Catedral, a secção das estatuetas é rica e de todas as dimensões e qualidades: o busto de um velho com a barba e a fumar, uma mulher a transportar a lenha ou na cabeça ou no cesto atrás das costas, uma mulher com o bebé nas costas, uma mulher com o bebé no colo, um caçador com a sua arma, uma mulher grávida, etc... Na nossa África independente, temos uma abundante riqueza artística mergulhada na celebração da vida.

Para conclusão do tema sobre a arte ao serviço de Deus, o padre Poucoute Paulin demonstra a ligação que existe entre a Bíblia e a liturgia, rematando a sua importância nestes termos:

Estando a Bíblia e a liturgia ligadas, uma liturgia africana inculturada conduzirá a uma leitura africana da Bíblia, e vice-versa. Pois a conjugação entre Bíblia e liturgia não funciona de tal forma que a liturgia se torna um lugar onde a letra permanece fixa. Esta correlação leva a que a liturgia seja o lugar onde a Palavra é actualizada e permanece sempre «Boa-Nova», ou seja, um memorial de salvação para aqueles que a ouvem e a celebram.⁴⁴⁹

Nos Cursos *Nova et Vetera*, o padre Gabriel fez todos os possíveis para que a arte ao serviço de Deus não fosse uma lacuna, no embelezamento da Missão, na festa do encerramento, no embelezamento das portas com flores, enfim, na boa apresentação tanto dentro como fora da igreja, de tudo aquilo que nos recomenda a arte ao serviço de Deus.

O padre Gabriel mobilizava as pessoas que tinham o gosto pela arte, a fim de embelezar a Missão com ramos de palmeiras e flores. Mandava colar, nas paredes e em lugares de destaque, frases tiradas da Bíblia em letras garrafais. Nunca poderemos negá-lo.

⁴⁴⁸ Poucoute, *Quand la Parole de Dieu...*, 194. (Tradução própria.)

⁴⁴⁹ Poucoute, *Quand la Parole de Dieu...*, 122-123. (Tradução própria.)

O padre Gabriel tinha o gosto pela arte e podemos acrescentar arte ao serviço de Deus. Por esta razão, na Semana do Encerramento dos Cursos *Nova et Vetera*, o professor eventual e de estética Manuel Nascimento Chiota (1934-2006), antigo seminarista, deslocava-se da sua aldeia natal de Cácata, a 30 km de Lucula Zenze, para embelezar a Missão a convite do padre Gabriel.

6.4.5. Homilia apoiada na cultura africana (local) e na cultura bíblica

Passemos, agora, ao problema da homilia. Nos Cursos *Nova et Vetera*, as homilias eram feitas em português ou em língua vernácula ou nas duas línguas, para os cristãos perceberem melhor a Palavra de Deus?

* * *

Também, para respondermos a esta pergunta, começamos com a leitura da Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia, quanto à homilia, quando afirma:

A homilia, que é a exposição dos mistérios da fé e das normas da vida cristã no decurso do ano litúrgico e a partir do texto sagrado, é muito para recomendar, como parte da própria Liturgia. Não se deve omitir, sem motivo grave, nas missas dos domingos e festas de preceito, concorridas pelo povo (SC, 52).

Tendo em consideração a recomendação da *Sacrosanctum Concilium*, para que não se omita a homilia nas missas dos domingos e das festas, os padres procuraram pregar a Palavra de Deus, a partir da realidade cultural do povo. Aquele que souber os provérbios e os usos e costumes do povo da nossa África de Cabinda prega melhor na homilia. É sempre importante partir do texto bíblico. É aqui, onde os nossos catequistas, que somente conhecem o *Catecismo de São Pio X*, nas homilias, pregam melhor do que os padres e mesmo os bispos, ao nosso povo, a partir da tradição oral. O advogado negro africano, no debate em tribunal; o padre negro africano, na explanação de um tema na homilia; o professor negro africano, na explicação de um argumento na sala de aula, na África negra; têm como grande recurso o canto e o provérbio. Com o canto, ele sensibiliza e convence melhor os membros do tribunal, os fiéis numa igreja e os alunos numa sala de aulas. O recurso ao provérbio, citado ou cantado, por si próprio, intercalado no uso da palavra ou por outrem da assembleia como texto de apoio, é fascinante.

O padre Gabriel afirma que a oratória, segundo o estilo negro-africano, o provérbio deve ser *ad hoc* e o canto *ad hoc*. Suponhamos que um sacerdote está a pregar sobre o tema do matrimónio; ele é obrigado a procurar os provérbios referentes ao matrimónio.

Suponhamos que o sacerdote está a pregar sobre o tema da justiça; ele é obrigado a procurar o provérbio sobre a justiça. E assim por diante. O orador, em África, é, essencialmente, aquele que sabe introduzir o canto no seu discurso... Por esta razão, a homilia deve ser bem preparada, concisa e precisa, ter em conta o tema único, e não passar de um tema para outro. O papa Bento XVI, na *Verbum Domini*, aconselha como deve ser a homilia:

A homilia constitui uma actualização da mensagem da Sagrada Escritura, de tal modo que os fiéis sejam levados a descobrir a presença e a eficácia da Palavra de Deus no momento actual da sua vida. Aquela deve levar à compreensão do mistério que se celebra; convidar para a missão, preparando a assembleia para a profissão de fé, a oração universal e a liturgia eucarística. Consequentemente aqueles que, por ministério específico, estão incumbidos da pregação tenham verdadeiramente a peito esta tarefa. Devem-se evitar tanto homilias genéricas e abstractas que ocultam a simplicidade da Palavra de Deus, como inúteis divagações que ameaçam atrair a atenção mais para o pregador do que para o coração da mensagem evangélica. Deve resultar claramente aos fiéis que aquilo que o pregador tem a peito é mostrar Cristo, que deve estar no centro de cada homilia. Por isso, é preciso que os pregadores tenham familiaridade e contacto assíduo com o texto sagrado; preparem-se para a homilia na meditação e na oração, a fim de pregarem com convicção e paixão. A assembleia sinodal exortou a ter presente as seguintes perguntas: «O que dizem as leituras proclamadas? O que dizem a mim pessoalmente? O que devo dizer à comunidade, tendo em conta a sua situação concreta?» O pregador deve deixar-se «interpelar primeiro pela Palavra de Deus que anuncia», porque – como diz Santo Agostinho – «seguramente fica sem fruto aquele que prega exteriormente a Palavra de Deus sem a escutar no seu íntimo». Cuide-se, com atenção particular, a homilia dos domingos e solenidades; e mesmo durante a semana nas Missas *cum populo*, quando possível, não se deixe de oferecer breves reflexões, apropriadas à situação, para ajudar os fiéis a acolherem e tornarem fecunda a Palavra escutada (VD, 59).

A longa citação da *Verbum Domini* sobre a homilia é bem clara nas suas recomendações. É nesta linha que devemos recordar que a inculturação é diferente de continente para continente, de país para país e de povo para povo.

Uma homilia, que devemos pronunciar numa paróquia lisboeta, não podemos pronunciar da mesma maneira numa capela da Missão do Lucula Zenze. A razão é muito simples. Entre os cristãos de Lisboa e os cristãos do Lucula Zenze, não para comparar, porque as comparações claudicam e ferem, e a diferença é grande. Começemos com uma nótula histórica para descermos à cultura e à teologia:

A história portuguesa de Lisboa começa em 1147 com a conquista da cidade aos mouros do váli almóada. Com este feito de armas do recente Rei de Portugal, a quatro anos do meio reconhecimento da independência do seu Estado, por Roma e pelo seu poderoso primo e vizinho Afonso VII, Rei de Leão e de Castela, Lisboa ia desempenhar, pela Idade Média fora, um papel, em breve, preponderante, no novo reino cristão da Península – que o Papa Alexandre III reconheceria, finalmente, em Maio de 1179.⁴⁵⁰

⁴⁵⁰ José-Augusto França, *Lisboa, História Física e Moral* (Lisboa: Livros Horizonte, 2009), 57.

A partir desta referência histórica, na cidade de Lisboa, temos um povo, que tem oito séculos de nacionalidade, oito séculos de cristianismo, escolas, institutos, universidades, museus, livrarias, centros turísticos, centros culturais, centros teatrais, jornais, revistas, televisão, rádio... Na televisão, há vários canais e uma numerosa rede de emissoras radiofónicas... Portanto, o lisboeta é um cristão com uma cultura escrita, divulgada, estudada, criticada, num universo alargado, tanto pelos meios da comunicação social como pelos meios de transportes (aviões, barcos, carros, autocarros, portos, aeroportos, metropolitanos) e luz elétrica permanente, 24 sobre 24 horas... Todas as casas na cidade de Lisboa, na sua esmagadora maioria, têm o telefone fixo, antes da chegada do telemóvel, que agora todo o mundo tem.

Ainda na leitura histórica da cidade de Lisboa, Damião de Góis (Alenquer, de fevereiro de 1502; Alenquer, 30 de janeiro de 1574), historiador e humanista, epistológrafo, viajante, diplomata e alto funcionário régio, figura ímpar e uma das personalidades mais relevantes do Renascimento em Portugal, escreveu:

Lisboa, como rainha dos Mares, clama o domínio para si mesma sobre uma parte tão vasta do oceano que vai da foz do Tejo à África e à Ásia num imenso circuito marítimo.⁴⁵¹

Depois desta brevíssima informação histórico-cultural da cidade de Lisboa, vejamos o que é Lucula Zenze:

Lucula Zenze entrou na história do cristianismo em Cabinda (Angola) com a fundação da Missão, a 18 de junho de 1893, pelos Padres da Congregação do Espírito Santo.⁴⁵²

Na Missão do Lucula Zenze estamos num autêntico centro rural. Podemos acrescentar: estamos num centro rural um tanto ou quanto encravado. As saídas são para duas partes. As saídas do Lucula Zenze para a cidade de Cabinda (75 km) e, as outras, para a vizinha República Democrática do Congo, cujas fronteiras são porosas.

Na cidade de Cabinda, antes, capital do Distrito, hoje, capital da Província, temos a sede do Governo Provincial, a sede Episcopal, o Banco Nacional e os vários bancos, as paróquias, as escolas, as universidades (fundadas há poucos anos), os mercados, a rádio, a televisão, a central da luz elétrica, com vários cortes de luz, durante dias e mesmo semanas, nos bairros com estradas, algumas asfaltadas e outras não.

As saídas do Lucula Zenze para a República Democrática do Congo, normalmente, são para as visitas aos familiares e para os cuidados médicos. Para atravessar o rio Lucula

⁴⁵¹ Malcom Jack, *Breve história de Lisboa, cidade do mar* (Lisboa: Aletheia Editores, 2008), 17.

⁴⁵² Congregação do Espírito Santo, «Missão do Lucula», in *Jornal Acção Missionária*, Ano 54, n.º 627, junho (1993), 4-5.

e o seu afluente Zenze, para a República Democrática do Congo é de canoa. A estrada principal, que liga o centro rural do Lucula Zenze ao centro urbano, é a única via asfaltada. Todas as outras estradas são de terra batida. A iluminação das casas, das aldeias, à noite, é feita com a luz do candeeiro. Somente a Missão é que tem um gerador!

Na Missão do Lucula Zenze, temos a ausência total de livrarias, jornais, revistas, embora esteja em funcionamento a Escola de Instrução Primária e o Ciclo Preparatório. Os alunos da Instrução Primária e do Ciclo Preparatório é que conhecem o livro e desconhecem o jornal. Na cidade de Lisboa e no centro rural do Lucula Zenze, estamos perante dois mundos diferentes e com mentalidades diferentes. Aqui, podemos aplicar o ditado latino: «*Quidquid recipitur, ad modum recipientes recipitur, dixit Saint Thomas d’Aquin*» (Tudo aquilo que se recebe recebe-se à maneira do recipiente). Senão, vejamos e analisemos:

LISBOA —————> Cidade capital	LUCULA ZENZE —————> Centro rural
Lisboa – Capital de Portugal	Lucula Zenze – Centro rural
Lisboa – Porto e aeroporto: barcos e aviões	Lucula Zenze – Sem porto e sem aviões
Lisboa – Muitas bibliotecas-livrarias-jornais	Lucula Zenze – Sem bibliotecas-livrarias-jornais
Lisboa – Transportes públicos: metro e autocarros	Lucula Zenze – Transportes públicos: carros e táxis
Lisboa – Transportes públicos: táxis e carreiras	Lucula Zenze – Transportes públicos: não regulares
Lisboa – Travessia do rio Tejo (barcos)	Lucula Zenze – Travessia do rio Lucula (canoa)
Lisboa – Todas estradas asfaltadas	Lucula Zenze – Estrada principal: única asfaltada
Lisboa – Muitos hospitais	Lucula Zenze – Centro de Saúde (15-6-2011)
Lisboa – 8 séculos de Cristianismo	Lucula Zenze – 127 anos de Cristianismo (1893-2020)
Lisboa – 8 séculos de nacionalismo	Lucula Zenze – 127 de nacionalismo (1893-2020)
Lisboa – Monarquia e República	Lucula Zenze – Colonização e descolonização
Lisboa – Mentalidade escrita	Lucula Zenze – Mentalidade oral
Lisboa – Língua escrita (muitos escritores clássicos)	Lucula Zenze – Língua (teve, agora, início o processo de escrita)

Ao fazermos esta reflexão estamos longe de pretender desprezar os cristãos do Lucula Zenze e enaltecer os cristãos de Lisboa. Estamos longe de dizer que os de Lisboa são de cultura superior e os do Lucula Zenze de cultura inferior. Os cristãos de Lisboa estão dentro da sua cultura, com avançada tecnologia, enquanto os africanos do Lucula Zenze estão também dentro da sua cultura, das suas crenças, dos seus usos e costumes...

Socorremo-nos deste exemplo para dizer que, nos Cursos *Nova et Vetera*, os padres diocesanos esforçaram-se para contextualizar as homilias, tendo em consideração um povo do centro rural, mergulhado na oralidade, a ser evangelizado nas suas condições.

Por este motivo, a argumentação deve situar-se no estilo da oratória africana, que recorre ao provérbio e ao canto *ad hoc*, a fim de melhor transmitir a mensagem. O sacerdote deve conhecer os aspetos positivos e negativos veiculados nos seus provérbios e na sua sabedoria popular, a fim de peneirar o que é bom e o que é positivo e transmitir melhor a doutrina de Jesus Cristo.

É a partir desta sua cultura que nós devemos ter em conta para transmitirmos a mensagem de Jesus Cristo, através dos seus provérbios, suas crenças, seus usos e costumes. É, exatamente, aqui, onde entramos na inculturação, consoante salientou Ramon Cazallas, antigo missionário na América Latina:

No universo da missão, um primeiro passo para inculturar o Evangelho é conhecer a realidade em que estamos: que povo tenho na frente, como vive a sua vida humana, religiosa, social, o que pensa este povo, qual é a filosofia que dirige a sua vida. Não podemos ir como antigamente, com atitude das Cruzadas, para converter à força todos os povos. Não. Temos de anunciar uma mensagem, mas, antes disso, temos de conhecer a cultura e os modos desses povos.

Mais adiante, o padre Ramón Cazallas avança com a sua tese, justificando-a da seguinte maneira:

A inculturação e a inserção são primas. Não podemos inculturar o Evangelho se não vivemos os sentimentos profundos desse povo, sejam eles religiosos ou humanos. Não podemos chegar junto de um povo ou de uma comunidade com dogmas e apenas preocupados com o número de quantos baptizamos ou não baptizamos. Vamos para anunciar o Reino de Deus, claro está, com o projecto de Jesus. Mas toda a concepção que havia, antigamente, de que a missão era apenas para implantar a Igreja num sítio, isso desapareceu «graças a Deus».⁴⁵³

Ainda no campo da homilia, temos um caso concreto que podemos mencionar, o caso do número 40, na Bíblia: 40 dias e 40 noites durou o dilúvio (Gn 7,12); 40 anos tinha Isaac e Esaú quando se casaram (Gn 25,20 e Gn 26,34); Moisés viveu 120 anos (Dt 34-7); 40 anos no Egito; 40 anos como pastor de Madian e 40 anos na travessia do deserto; 40 anos durou o Êxodo (Dt 8,2); 40 anos e 40 dias esteve Moisés no deserto, no Monte Sinai (Dt 9,9-11); Jesus jejuou durante 40 dias e 40 noites (Mt 4,1-11), etc., etc. ... O número 40 não é para tomarmos à letra. É um número simbólico para dizer que foi durante muito tempo.

Na cultura dos povos de Cabinda, temos o número 150. Nos julgamentos tradicionais, nas aldeias, nos casamentos, nos velórios fúnebres, enfim, na vida quotidiana, os cabindenses afirmam amiudadas vezes: «*Vana buala vake khama mambu i makumatanu.*» (Tradução: *Na aldeia há 150 problemas.*) Um missionário europeu chegou a perguntar:

⁴⁵³ António Marujo entrevista P. António Rego e P. Ramón Cazallas, *Quando a Igreja desceu à Terra, Testemunhos de memória e futuro nos 50 anos do Concílio Vaticano II* (Cascais: Principia, 2013), 55-56.

«Como é possível que em cada aldeia haja 150 problemas?!...» Um mais velho, então, terá esclarecido o missionário, dizendo-lhe que não há 150 problemas, pois esta é uma maneira simbólica de dizer que, em cada aldeia, há muitos problemas. Este é um dos casos muito significativo para dizer que o que explico numa homilia, numa igreja em Lisboa, não posso fazê-lo da mesma maneira numa capela do centro rural da minha África de Cabinda. Aqui, os Cursos *Nova et Vetera*, ao levantarem a bandeira dos valores culturais, ensinaram também a considerar os aspetos culturais de cada povo.

Terminamos o tema da homilia com uma citação bíblica para cada pregador da Palavra da Deus não fazer uma interpretação pessoal do texto bíblico em nome de uma falsa inculturação:

Temos bem confirmada a Palavra dos profetas, à qual fazeis bem em prestar atenção, como a uma lâmpada que brilha em lugar escuro, até que desponte o dia e a estrela da manhã nasça em vossos corações.

Antes de tudo, deveis saber que nenhuma profecia da Escritura é de interpretação particular, porque nunca uma profecia foi proferida por vontade dos homens; mas foi em nome de deus que os homens santos falaram, inspirados pelo Espírito Santo (2Pe 1,19-20).

Toda a teologia deve ser feita de joelhos. Nós é que nos devemos deixar inspirar pelo Espírito Santo, para seguirmos a Palavra de Deus e não tergiversar a Palavra de Deus, em nome de uma inculturação que não existe. «Tu me seduziste, Senhor, e eu deixei-me seduzir» (Jr 20,7).

O Papa João Paulo II, sobre «a interpretação da Bíblia na Igreja», faz-nos a seguinte e pertinente recomendação:

A interpretação da Sagrada Escritura é de importância capital para a fé cristã e para a vida da Igreja (...) O modo de interpretar os textos bíblicos para os homens e mulheres de hoje tem consequências directas sobre a relação pessoal e comunitária dos mesmos com Deus, e está também estreitamente ligado à missão da Igreja. Trata-se de um problema vital, que merecia toda a nossa atenção.⁴⁵⁴

6.4.6. Inculturação: exageros e desvios

Tendo em conta a euforia, a alegria de rezar, cantar e ouvir a Palavra de Deus na sua língua materna não terá originado algum exagero ou desvio por parte de alguns sacerdotes na pregação da Palavra de Deus, em nome da inculturação, com algumas missas demasiado longas ou, por parte de alguns cristãos, com comentários também longos? Os cânticos religiosos, compostos por padres ou por leigos, são sempre todos aprovados pela autoridade eclesiástica?

⁴⁵⁴ A interpretação da Bíblia na Igreja, *Discurso de Sua Santidade, o Papa João Paulo II*. Documento da Comissão Pontifícia Bíblica (Lisboa: Secretariado-Geral do Episcopado, Editora Rei dos Livros, 1994), 6.

De facto, perante as lamentações de alguns cristãos e com certa razão, alguns sacerdotes ou abusam em nome duma dita «inculturação» ou exageram com longas homilias. Apontemos alguns casos para confirmar a nossa argumentação:

1.º *Homilia antes do Confiteor*

Lamentamos imenso que alguns sacerdotes abusem da sua oratória, no exagero do uso da palavra. Antes do *Confiteor*, não há nenhuma justificação para se fazer uma homilia como alguns sacerdotes, por vezes, fazem.

2.º *Comentários demasiados longos na apresentação de cada leitura*

Na hora dos comentários, também alguns leigos exageram na apresentação da leitura. Aqui o importante é dizer: «*a primeira leitura é do livro de..., da autoria de..., que trata do tema...*» E basta! Quando os comentadores tratam do tema de cada leitura, por menorizadamente, acabamos por transformar, sem querer, numa homilia, consciente ou inconscientemente. São numerosos os cristãos que se queixam.

3.º *Homilia depois da proclamação do Evangelho*

A homilia é mesmo depois do Evangelho. Não vamos repetir as orientações dos Pontífices em diversos documentos. Por esta razão, deve evitar-se uma homilia demasiado longa, que o sacerdote não preparou, não consegue fazer a conclusão e vai divagando de um para outro tema.

4.º *Homilia depois da Comunhão*

A homilia depois da Comunhão também é outro desvio, pois não encontramos motivo para pregar depois da Comunhão.

5.º *Teatro no Altar, na altura do abraço da paz*

Quanto ao abraço da paz, alguns sacerdotes abandonam o altar e giram pela igreja a cumprimentar vários cristãos. São numerosos os cristãos que dizem que certos padres fazem teatro, no abraço da paz. Há um princípio litúrgico, que muito nos recomendava um dos professores de Liturgia, o padre Pedro Tsasa, membro da Congregação do Coração Imaculado de Maria de Scheut (Scheutistas), no Curso de Teologia: «*Na liturgia, como a trataste retratas.*» Portanto, os cristãos que criticam o teatro que alguns padres fazem não estão longe da verdade.

6.º Homilia antes da bênção final

Antes de despedir os fiéis, alguns sacerdotes fazem outra homilia que é um autêntico abuso da palavra e da boa vontade dos fiéis. Todos estes exageros, de que muitos antigos seminaristas, antigos alunos das missões e diversos cristãos, se têm lamentado, devem ser corrigidos. Portanto, devemos sempre acautelar, perante os excessos, exageros ou mesmo desvios.

Monsenhor Jean-Adalbert Nyeme Tese (1944-2010), quando era sacerdote e professor da Universidade Católica de Kinshasa, antes de ser eleito Bispo de Tshumbe (RDC), publicou um excelente artigo – «A inculturação ao choque de cinco continentes, a propósito do Colóquio Internacional d’Aix-la-Chapelle, de 20 a 24 de fevereiro de 1884», no qual distinguiu a inculturação oficial da inculturação popular:

A inculturação, especialmente, na África Oriental, é marcada por duas abordagens básicas. Uma é do tipo oficial. É mais reflexivo, mais dedutivo e mais analítico com a consequência de que a inculturação não está suficientemente enraizada.

A outra abordagem é do tipo popular. Nasce de uma forma muito mais intuitiva e espontânea. Está mais em contacto com a alma africana nas suas ansiedades, esperanças, tristezas, sucessos e alegrias que emanam da vida quotidiana. Aqui os africanos combinam de uma forma instintiva a fé dos missionários. Desta forma, conseguem uma fusão entre a religiosidade tradicional e o cristianismo missionário.

E ele acrescentou: [...] Em suma, a inculturação do tipo popular aparece sobretudo como uma forma de ser e de agir e não como um projecto cuidadosamente concebido e apresentado. No entanto, apesar deste carácter espontâneo e intuitivo, a inculturação do tipo popular constitui um sistema que agora integra a sua história e memória colectiva. É com esta linguagem que o africano de hoje confronta as questões do seu universo de vida, que ele ou ela tenta encontrar soluções para as várias questões da mundanidade humana.⁴⁵⁵

7.º Exibição de cânticos somente novos

Aquilo que se passa na África Oriental é o que acontece também em Cabinda: a inculturação oficial é a estudada e orientada pelo clero, ao passo que a inculturação popular é a improvisada pelos homens da aldeia, motivados mais pelo entusiasmo folclórico do que pelo sentimento religioso.

O tema de inculturação popular é muito delicado. Para não falarmos, teoricamente, vejamos na prática. Nas nossas paróquias, temos numerosos grupos corais. Nesses grupos corais temos um ou outro leigo com rico talento para a composição de cânticos religiosos. Este leigo pensa que somente os seus cânticos é que devem ser cantados e esquece mesmo os primeiros cantos religiosos, compostos ou pelos missionários ou pelos padres. Infelizmente, têm uma visão muito curta e a formação religiosa é deficiente.

⁴⁵⁵ Nyeme Tese, «L’inculturation au choc des cinq continents à propôs du Colloque international d’Aix-la-Chapelle, du 20 au 25 Février 1994, in *Revue Africaine de Théologie*, vol. 18, n.º 36, Octobre 1994, 265. (Tradução própria.)

8.º Exibição de cânticos não aprovados pela autoridade eclesiástica

O outro problema é o de algum leigo que tem o carisma para a composição de cânticos religiosos, e está convencido de que os seus cânticos não necessitam de nenhuma aprovação da autoridade eclesiástica. Que compor é suficiente para logo passar a ser cantado na igreja. Desconhece mesmo o «*Nihil sine episcopus*». Os exageros, os desvios, a falta de humildade em pedir aprovação do cântico religioso a quem de direito e o hábito de cantar somente cânticos novos, esquecendo os antigos, só serão corrigidos com a formação dos nossos leigos, nas escolas dos catequistas, escolas teológicas, ou ainda escolas bíblicas.

Ao longo da nossa investigação, constatámos que necessitamos tanto da formação dos sacerdotes como dos leigos, a fim de, em conjunto, irmos paulatinamente corrigindo todas as deficiências. Nós não constatámos somente os erros nos leigos, mas também nos sacerdotes. O sacerdote liturgista, conhecendo, profundamente, a nossa cultura, como especialista em liturgia, estaria nas melhores vestes para corrigir este ou aquele gesto, proibiria esta ou aquela dança. Não somente proibiria, mas seria o melhor consultor para introduzir qualquer inovação, a partir da aprovação do Ordinário do lugar. O problema essencial, na Teologia da inculturação, é a formação dos sacerdotes, dos leigos, dos religiosos e das religiosas... Enfim, o problema da inculturação é um campo onde a formação religiosa de todo o povo cristão é de capital importância. Foi especialmente aqui que José Nunes nos ofereceu uma preciosa inspiração:

Aproximamo-nos das questões mais difíceis que nos põe a pastoral concreta da tarefa evangelizadora: como elaborar um projecto de evangelização inculturada, como fazer os discernimentos necessários em todo esse processo, como entender aí a participação dos vários agentes em presença. É que «a inculturação abarca toda a realidade da Igreja: a formação da comunidade local dos cristãos e a formação dos sacerdotes e religiosos: a encarnação do evangelho nas situações vitais concretas nas esferas da vida pessoal e familiar, assim como nas actividades sociais e cívicas; os sistemas sócio-económicos e políticos e as culturas dos distintos países; a teologia, a espiritualidade; o tríplice ministério da Palavra (pregação, evangelização, catequese); o culto (liturgia); o serviço (formação e organização da comunidade cristã com vista à sua maturidade, o testemunho na sociedade, o humilde serviço no amor)».⁴⁵⁶

6.4.7. Inculturação: caminho difícil, mas necessário

Perante o exagero deste ou daquele sacerdote, deste ou daquele leigo, qual foi então a inculturação impulsionada na Missão do Lucula Zenze, a partir dos Cursos de *Nova et Vetera*?

⁴⁵⁶ José Nunes, op., *Teologia da Missão, Notas e Perspetivas* (Lisboa: Obras Missionárias Pontifícias, 2008), 87-88.

Não somos os primeiros, os pioneiros, a refletir sobre este belo e candente tema de inculturação, um tema de atualidade na África e também noutras partes do mundo negro africano, principalmente, depois do Vaticano II. Muitos antes de nós o fizeram, noutros países do nosso continente africano. É um tema preferido e estudado com muito gosto e prazer nas Igrejas africanas. Vamos enriquecer a nossa resposta com uma citação de Jacques Douf:

A inculturação é um «tema em destaque» (R. Luneau), a «prioridade das prioridades», a «questão vital» (Hegba), a «tarefa primordial» (Penoukou), um caminho difícil, mas necessário» (João Paulo II). Todas estas qualificações apenas sublinham o trabalho indispensável a que toda a comunidade que acolhe a mensagem evangélica se deve comprometer. Neste sentido, deve afirmar-se fortemente que a inculturação é um trabalho permanente para a fecundidade do Evangelho em cada cultura: o Evangelho deve dar frutos em cada cultura.⁴⁵⁷

Aqui temos a resposta na afirmação de um teólogo europeu (R. Luneau), dois teólogos africanos (Hegba e Pénoukou) e Sua Santidade Papa João Paulo II, agora São João Paulo II. É um tema de honra para Luneau, prioridade das prioridades e questão vital para Hegba, tarefa primordial para Pénoukou, um caminho difícil, mas necessário, para o Papa João Paulo II.

A inculturação é uma das respostas que a Igreja encontrou para responder ao grande desafio colocado pelas culturas. Aylward Shorter define a inculturação como o diálogo progressivo, uma relação criativa e dinâmica, entre a fé e as culturas, ou seja, a inculturação é um diálogo permanente e criativo entre o cristianismo e as culturas com as quais entra em contacto. É um diálogo permanente, porque, por um lado, as culturas não são realidades estáticas, e por outro, cada nova geração necessita de se confrontar com a proposta evangélica; é criativo, porque dá origem a formas novas de viver o cristianismo, sem menosprezar a cultura dos povos e sem branquear o Evangelho.⁴⁵⁸

José Antunes da Silva confirma aquilo que o padre Gabriel insistia muito, nos Cursos *Nova et Vetera*: estudar a sua cultura, estudar a cultura dos outros, enfrentar os novos problemas trazidos pelo progresso e pela técnica, observar o seu meio ambiente, onde, a fim de se ser um cristão, nem atrasado e nem ultrapassado, se pode aprender muito com a natureza, aprender em todos os lugares da nossa tradição (nascimentos, alambamentos, julgamentos, mortes), aprender doutras culturas para não se ficar fechado na sua e, pior ainda, viver sem saber, e defender um tribalismo cego. Todo o programa do estudo dos Cursos *Nova et Vetera* está no estudo da inculturação.

⁴⁵⁷ Jacques Diouf, «L'Église en Afrique, Pour un Église locale» in *Nouvelle Revue Theologique*, Tome 120, n.º 2, 1998, 255. (Tradução própria.)

⁴⁵⁸ José Antunes da Silva, «Literatura e inculturação do Evangelho, a partir duma obra de Mia Couto», in *Brotéria, Cristianismo e Cultura*, vol. 157, n.º 5, novembro, 2003, 349-350.

Jacques Diouf (1938-2019), político e diplomata senegalês, Secretário do Estado e Embaixador do seu país, Diretor-Geral das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, a propósito da inculturação, afirmou:

Hoje, após a vaga de reivindicações de um cristianismo africano, devemos reconhecer que a inculturação é uma realidade em África.⁴⁵⁹

6.4.8. *Casos de inculturação na História da Igreja como o de Nova et Vetera*

Depois de uma reflexão muito aprofundada dos Cursos *Nova et Vetera*, vamos investigar diretamente na história da Igreja. Gostaríamos de saber se houve algum caso de inculturação na história da Igreja, que se possa comparar com a experiência de inculturação dos Cursos *Nova et Vetera*?

* * *

Na história da Igreja existem muitos casos de inculturação e não conseguiremos narrar todos, pois alguns são conhecidos e outros, desconhecidos. Porém, a experiência dos Cursos *Nova et Vetera* é semelhante à experiência feita pelos irmãos Cirilo e Metódio, originários da Grécia, apóstolos dos povos eslavos. Na nossa maneira de ver é o caso mais conhecido. A reflexão que fizemos sobre a Carta Encíclica *Slavorum Apostoli* do Papa João Paulo II, enriqueceu mais os nossos conhecimentos sobre a inculturação na Missão do Lucula Zenze. No estudo desta Carta Encíclica, encontramos muitas semelhanças que não podemos menosprezar, entre a inculturação de Cirilo e Metódio, no século IX, e a inculturação feita pelo P. Gabriel Nionje Seda, no século XX:

Cirilo e Metódio (Povos Eslavos)	P. Gabriel (Povo do Lucula Zenze)
Cirilo e Metódio viveram no século IX.	P. Gabriel viveu no século XX.
Naturalidade: Tessalónica (gregos).	Naturalidade: Chindende (Cabinda, angolano).
Missionários entre os Povos Eslavos.	Missionário entre o povo de Lucula Zenze.
Criaram o alfabeto cirílico.	Criou o alfabeto do Método <i>Inongo Nongo</i> .
Estudaram a cultura eslava.	Estudou a cultura do povo do Lucula Zenze.
Traduziram os textos sagrados.	Traduziu os textos da liturgia (semanais e dominicais).
O Papa aprovou os livros litúrgicos eslavos.	Os bispos reconheceram os Cursos <i>Nova et Vetera</i> .
Coisas novas e coisas velhas (tema em português).	<i>Nova et Vetera</i> (mesmas palavras em latim).
O Papa reconheceu a inculturação.	Os bispos reconheceram os Cursos <i>Nova et Vetera</i> .

⁴⁵⁹ Diouf, «L'Église en Afrique...», 256. (Tradução própria.)

1.º Os Santos irmãos Cirilo e Metódio evangelizaram os povos eslavos, no século IX; o padre Gabriel Nionje Seda evangelizou o povo da Missão do Lucula Zenze, com os Cursos *Nova et Vetera*, de 1970 a 1974, no século XX.

2.º Sua Santidade o Papa João Paulo II escreveu a Carta Encíclica *Slavorum Apostoli*, em 1985. Temos uma diferença de 15 anos (1970-1985). Os Cursos *Nova et Vetera* foram realizados de 1970 a 1974. A diferença é de onze séculos.

3.º Ao constataremos a inculturação feita pelos irmãos Cirilo e Metódio com a inculturação feita pelo P. Gabriel Nionje Seda, através dos Cursos *Nova et Vetera*, na Missão do Lucula Zenze, exultamos de alegria e entoamos o hino de ação de graças pelas maravilhas de Deus na nossa Igreja, católica, apostólica, romana. É sempre belo reconhecermos os nossos erros, retermos a nossa história, refletirmos sobre a nossa evangelização e, estudarmos a história da evangelização doutros povos.

6.4.9. Inculturação e Libertação

O tema da inculturação é diferente do tema da libertação. Como é que podem caminhar juntamente e como se pode traduzir isto na prática, nos Cursos *Nova et Vetera*, inculturação e libertação?

* * *

O problema é o da investigação. Nos Cursos *Nova et Vetera* havia disciplinas teóricas e práticas. Nunca se deve ficar apenas pela teoria. Devemos descer à prática para lutar contra a pobreza, que só será vencida através do trabalho. O cântico, que o padre Gabriel mais divulgou, foi o canto sobre o trabalho – «*Kioso salu sadidi kiau epi wala futulu*» (tradução: *Qualquer trabalho que fizeres, é a partir deste trabalho que serás recompensado*). Portanto, o trabalho tem uma importância capital na formação do homem. É importante lembrar, e fazer nosso, o provérbio chinês que diz: «Dê um peixe ao faminto e ele se alimentará por um dia; ensine-o a pescar e ele se alimentará pelo resto da vida.» A grande libertação, nos Cursos *Nova et Vetera*, não é uma luta armada contra os que detêm o poder e nem contra os ricos, mas pela libertação da ignorância. O Papa João Paulo II, em Paris, a 2 de junho de 1980, vinca o valor da instrução:

Pensemos nas situações em que existem, ao lado de uma oligarquia plutocrática pouco numerosa, multidões de cidadãos famintos a viverem na miséria. Este atraso pode eliminar-se não pelo caminho de lutas sangrentas pelo poder, mas sobretudo pelo caminho da alfabetização sistemática por meio da difusão e popularização da instrução. (...). Para este efeito é indispensável a instrução.⁴⁶⁰

⁴⁶⁰ João Paulo II, Discurso na sede da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, UNESCO (2.6.1980), *AAS* 72 (1980), 735-752, n.º 17.

A alfabetização sistemática a que o Papa João Paulo II se referiu, na sede da Unesco, foi, exatamente, a alfabetização que o padre Gabriel fez nos Cursos *Nova et Vetera*, de 1970 a 1974, na Missão do Lucula Zenze, onde a finalidade fundamental dos cursos era a de libertar o homem da escravidão da ignorância, a fim de ele próprio, com a instrução, lutar pela sua autopromoção social, cultural, religiosa, económica...

Nós, africanos cabindenses, devemos ler, estudar e, neste tema, ler e estudar *Ka Mana*, na corrente Teológica da Reconstrução, para analisarmos os problemas das nossas sociedades africanas. Devemos saber aproveitar a sabedoria de todas as etnias, ler e estudar a Teologia da Libertação, de que nos fala Laurenti Magesa, sobre a dependência exagerada das potências.

Os países europeus cresceram lentamente, a partir do desmoronamento e queda do Império Romano do Ocidente, em 476, desde a Antiguidade à Idade Moderna. A propósito deste império, D. M. Low sublinhou:

Depois de montado o cenário, segue-se a narrativa, ao longo das principais flutuações e desenvolvimentos do governo imperial até à dissolução final do Império Romano do Ocidente, cerca de 476.⁴⁶¹

Os países africanos, porém, entraram no processo da descolonização, condicionadíssimos e pressionadíssimos pela extrema esquerda (comunista), de um lado, e pela extrema direita (capitalista), doutro lado, a partir da descolonização. Não excluindo, ainda, a mão invisível do antigo colonizador, que também joga o seu duplo papel, no processo ou na destabilização, a fim de, ainda, ir colhendo dividendos e sugando mais riquezas do país descolonizado, mas sem nenhuma experiência de governação, subdividido em várias etnias, que são mini-nações, dentro da grande nação.

Philippe Hugon, professor emérito da Universidade de Paris 10, diretor do Instituto de Relações Internacionais e Estratégicas, ofereceu-nos uma rica análise do papel das pressões das potências sobre os países do Terceiro Mundo:

A África volta a ser estratégica por questões de segurança, pelos seus recursos em matérias-primas e pela sua biodiversidade. As questões petrolíferas e ambientais cresceram. As percepções oscilam entre o medo e o desejo de proteção, cuidado e interferência para evitar desastres, até mesmo projetos de desenvolvimento. Os males da África podem ter efeitos bumerangues em termos de fluxos migratórios, contágio de epidemias, exportação de violência ou estados quebrados que constituem santuários para terroristas.⁴⁶²

O passo dado, nestes 50 anos (1960-2010), serviu e servirá de lição para as gerações vindouras, principalmente, por causa dos focos de guerra que persistem, aqui e acolá.

⁴⁶¹ Edward Gibbon, *Declínio e Queda do Império Romano*, D. M. Low (org.), vol. I (Lisboa: Difusão Cultural, 1994), 10.

⁴⁶² Philippe Hugon, *Géopolitique de l'Afrique* (Paris: Armand Colin, 2007), 114-115. (Tradução própria.)

Devemos aprender a evitar a exagerada dependência da ajuda do exterior. As prendas das potências prendem os países do Terceiro Mundo. Foram feitas numerosas publicações, na comemoração das primeiras cinco décadas da independência. Nessas reflexões sobressaem dois grupos. De um lado, temos os afropessimistas, para os quais tudo está mal, e doutro lado, os afro-otimistas, que observam a África, no ângulo da esperança, do mal para o melhor. É verdade que as aldeias na nossa África de Cabinda morrem, lentamente, e a única cidade capital cresce, anarquicamente, por causa da má governação e má distribuição de riquezas, provocadas por uma hemorragia do êxodo do meio rural para o centro urbano. É um caminho longo. Caímos novamente no ditado romano: «Roma e Pavia não foram construídas num dia.» A formação de numerosos africanos nas universidades europeias é um motivo de esperança para a mudança de mentalidades e, principalmente, para a boa governação. Como a natureza não dá saltos, muitos governantes e mesmo alguns prelados e purpurados ainda estão mais na noção étnica do que na noção nacionalista; estão um tanto ou quanto afastados da república. Em primeiro lugar, está a sua etnia do que a nação na sua totalidade. Todas estas visões deterioradas deverão ser corrigidas de época em época, entre os afropessimistas e os afro-otimistas, a partir da formação permanente e, principalmente, de sabermos aceitar os nossos erros.

O togolês Edem Kodjo, homem político, nacional e internacional de primeiro plano, escritor, fez uma reflexão sobre a África, por ocasião da comemoração dos 50 anos de independência, da qual destacamos a seguinte passagem:

Cinquenta anos de independência e as ansiedades permanecem, persistentes, irredutíveis! A África avançou, mas não parece ter tido sucesso onde os outros tiveram sucesso às vezes retumbante. Devemos dar as costas a este passado sinistro, feito de despotismo obscuro, degradação do ser, negação dos direitos humanos, crimes contra a humanidade, de um desenvolvimento fragilizado pela ausência de lideranças perspicazes e ações decisivas. «*Chora, ó pátria amada*», queremos dizer. O drama mais pavoroso deste continente é que tem tudo para triunfar, tudo para sair da rotina legada pela História, mas que está pisando no lodo da incerteza e da precariedade.⁴⁶³

Makhily Gassama, professor de Literatura, foi Diretor do Centro de Estudos de Civilização em Dakar, Conselheiro Cultural do Presidente Léopold Sedar Senghor, Ministro da Cultura, Embaixador do Senegal, fez o prefácio do livro escrito por cerca de 30 intelectuais africanos, por ocasião da comemoração do cinquentenário das independências dos países africanos. Os autores deste livro procederam a uma análise dessas independências e a uma reflexão sobre a avaliação do exercício do poder pelos próprios africanos. Desse livro transcrevemos o seguinte:

⁴⁶³ Edem Kodjo, *Lettre ouverte à l'Afrique cinquantenaire* (Mayenne, France: Éditions Gallimard, 2010), 75-76. (Tradução própria.)

1960-2010! Meio século de poder, exercido por nós mesmos, muitas vezes no folclore ou no sangue, no terror, raramente na paz e no trabalho! É hora de se convencer de que não é mais possível – porque é perigoso – deixar a reconstrução do continente apenas para a classe política. Um continente, especialmente o nosso, precisa, em nossas políticas de desenvolvimento, da indispensável contribuição de seus intelectuais, o que Karl Popper chama de «líderes intelectuais». O intelectual africano, dividido entre as forças do mal de dentro e as forças do mal de fora, deve assumir sua responsabilidade e nada deve desviá-lo dela, para não trair o seu continente. O poder, diz-se, não é concedido, é conquistado.⁴⁶⁴

6.4.10. Inculturação e Formação dos leigos

Tendo em consideração os erros dos políticos, sem excluir os erros dos eclesiásticos e a pressão das potências, qual foi o papel dos leigos para implementar a inculturação, a partir dos Cursos *Nova et Vetera*?

* * *

A resposta a esta pergunta, praticamente, está inserida nos próprios Cursos *Nova et Vetera*. Recordamos que, nas estatísticas dos Cursos *Nova et Vetera*, estão dois sacerdotes, dois seminaristas em estágio pastoral, três religiosas e todos os outros são leigos, alguns casados e outros na idade de casar, portanto, a maioria.

No Decreto sobre o Apostolado dos Leigos, logo no início, lemos:

Querendo tornar mais intensa a acção apostólica do povo de Deus, o Sagrado Concílio volta-se solícitamente para os leigos cristãos, cujas funções próprias e necessárias na missão da Igreja já mencionou noutros lugares.

Os nossos tempos, porém, não exigem menos zelo dos leigos; antes, pelo contrário, as condições actuais requerem da parte deles um apostolado mais vasto e intenso. (AL, 1.)

Mais adiante, no mesmo Decreto sobre o Apostolado dos Leigos, esclareceu:

Portanto, todos os cristãos têm o sublime encargo de trabalhar para que a mensagem divina da salvação seja conhecida e recebida por todos os homens e em toda a parte. (AL, 3.)

Para respondermos a esta pergunta basta apenas prosseguirmos com a reflexão sobre os Cursos *Nova et Vetera* e tomarmos por tema, por exemplo, o estudo de todo o Decreto *Apostolicam actuositatem*, sobre o Apostolado dos Leigos. A finalidade é de formarmos a nova geração dos políticos africanos que deverão ter como cartilha política o fermento do Evangelho. Todo aquele que lê e medita a Palavra de Deus procurará exercer a sua governação com o respeito pelos direitos humanos.

⁴⁶⁴ Makhily Gassama, *50 ans après, quelle indépendance pour l'Afrique* (Paris: Éditions Philippe Rey, 2010), 15. (Tradução própria.)

6.4.11. *Inculturação e o papel da mulher*

Nesta preocupação da formação dos leigos para uma melhor governação na cena política, qual é o papel da mulher, na inculturação e libertação, a partir dos Cursos *Nova et Vetera*?

* * *

Com os Cursos *Nova et Vetera* não podemos negar que demos o primeiro passo na alfabetização. O padre Gabriel insistia e dizia amiudadas vezes que formar um rapaz é formar um indivíduo. Porém, formar uma rapariga é formar uma sociedade. Nos Cursos *Nova et Vetera*, a Teologia da Inculturação e a Teologia da Libertação são os principais caminhos para a formação nas ciências religiosas. É nestes caminhos, onde poderemos avançar mais, tanto no tema da inculturação como no tema da libertação. Nós, em África, padecemos por falta de formação a todos os níveis. É este o problema crucial da nossa África. O nosso povo padece por falta de formação.

Na primeira evangelização da Missão do Lucula Zenze (1893-1970), praticamente, a escolarização da rapariga ficou de fora. Foi, precisamente, na segunda evangelização (1970-1974), quando o padre Gabriel dinamizou os Cursos *Nova et Vetera*, que marcaram a época com uma intensa escolarização, iniciada depois do 4 de fevereiro de 1961. É, a partir desta leitura, que devemos prosseguir na perspetiva de formação da mulher, a fim compreendermos o seu papel no campo da inculturação. Nessa leitura, nunca devemos menosprezar o papel da mulher na inculturação. Primeiro, devemos reconhecer os enormes sacrifícios que as mulheres carregam nas suas costas. São elas que ficam com os filhos, enquanto os combatentes estão na linha da frente, na eclosão da guerra, aguentam os filhos. Fazem os milagres de apanhar o sol na praça, para vender um bocado de ginguba, feijão, arroz ou qualquer outro género, a fim de alimentar os filhos. Suportam todo o sacrifício, quando os filhos estão doentes e os maridos ausentes (no combate, na luta pela sobrevivência, na empresa onde o salário é de miséria). Não há nenhuma situação, donde a mulher esteja ausente. Ela está presente em todas as situações. Na Bíblia, encontramos a presença da mulher, tanto no AT como no NT. Por uma razão de economia, nós preocupamo-nos com a igualdade do homem e da mulher, conforme São Paulo prega aos Coríntios:

Portanto, diante do Senhor, a mulher é inseparável do homem, e o homem da mulher. Pois, se a mulher foi tirada do homem, o homem nasce da mulher, e tudo vem de Deus (1Cor 11-12).

Mais adiante, São Paulo, na Epístola aos Gálatas, recorda-lhes que a partir do Batismo todos somos iguais, perante Deus:

«Todos vós, que fostes baptizados em Cristo, vos revestistes de Cristo. Já não há diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vós sois de Cristo um só em Jesus Cristo (Gl 3,27-28).»

Yves Congar, um dos grandes teólogos do Concílio Vaticano II e da abertura da Igreja ao ecumenismo, disse também:

A dualidade e a unidade complementar de acções que constatamos e sublinhamos entre Cristo e o Espírito Santo reflectem-se na dualidade e na unidade sinfónica e dinâmica do homem e da mulher, na Sociedade e na Igreja. Este é o verdadeiro paradigma. A relação homem-mulher vista à luz da relação Cristo-Esperito Santo!

De Vasco Pinto de Magalhães, sacerdote jesuíta, e do seu estudo intitulado *A Mulher entre os múltiplos feminismos – o lugar da Mulher na Igreja*⁴⁶⁵, destacamos, a seguir, algumas das passagens:

A verdade é que «uma Igreja sem dimensão feminina, também não é masculina; é machista...»

Nossa Senhora, Maria, pode ser o bom paradigma desse desenvolvimento à luz do Espírito Santo, pelo seu modo de estar, agir e comungar no mistério da encarnação e no sacerdócio pascal de Jesus Cristo.

Precisando melhor o papel da mulher, o padre Vasco esclarece:

No desafio de encontrar o lugar da mulher na Igreja, em cada tempo e em cada situação cultural, o Concílio Vaticano II deu um salto qualitativo, (o possível na época), ficando mais no projecto/desejo do que na efectivação. Mas encontramos textos importantes na «*Gaudium et spes*», como por exemplo no n.º 60 e assim também em GS 12; AA 9; AG 21): As mulheres já actuam em quase todos os campos da vida, e é conveniente que possam assumir com plenitude o seu papel segundo a sua natureza. Todos devem contribuir para que se reconheça e promova a própria e necessária participação da mulher na vida cultural.». É claro que não se pode iludir a questão: e na vida eclesial? Desde os primeiros tempos, grandes figuras femininas, conhecidas ou não, exerceram verdadeiras diaconias: não só aquelas a quem S. Paulo deixou o encargo de conduzir novas comunidades, como aquelas que em todas as épocas mantiveram a Igreja activa e viva pelo seu trabalho generoso na evangelização, na catequese e na sustentabilidade das famílias, na transmissão prática dos valores e do sentido ético e responsável, na educação das crianças e no cuidado com os mais pobres, notabilizando-se no cuidado dos mais desfavorecidos. Elas foram (e são), sobretudo nas épocas de maior agitação social e política no Ocidente, quem manteve e transmitiu, muitas vezes no seu anonimato, mas na proximidade eficaz, mais por actos que por discursos, a Fé e o evangelho. Mas isso basta? Pode-se lhe chamar um sacerdócio? É bom e necessário não esquecer que no Baptismo todos (mulheres e homens) recebem a unção que torna cada um participante (activo), sacramentalmente, no Sacerdócio, na Profecia e no Reinado de Cristo. E isto é para o exercer!

⁴⁶⁵ Vasco Pinto de Magalhães, s.j., «A Mulher entre os múltiplos feminismos – o lugar da Mulher na Igreja», in *Brotéria*, Cristianismo e Cultura, vol. 186, 6, dezembro 2017, 1031-1033.

As citações bíblicas e as reflexões teológicas dão-nos coragem para trabalhar na linha da pastoral da inculturação salientando a promoção da mulher. Na nossa maneira de ver, a principal inculturação está na presença massiva da mulher em todos os setores da vida social. Com a atividade pastoral das irmãs religiosas africanas consagradas, o primeiro passo da inculturação foi dado. O segundo dado é a promoção da mulher na função pública (Educação, Saúde, Ministério do Interior [Polícia], Ministério da Defesa etc. ...) Devemos prosseguir no campo da formação das ciências religiosas, a todos os níveis. Deste modo teremos uma igreja muito inculturada devido ao papel da mulher.

6.4.12. Inculturação, religiões tradicionais africanas e seitas religiosas

A inculturação, as religiões tradicionais africanas e as seitas religiosas são temas de que não podemos fugir, na nossa África, em geral, e, em Cabinda, em particular. Como inculturar as religiões tradicionais africanas e enfrentar o desafio pertinente das seitas religiosas que pululam por todos os bairros, todas as ruas e esquinas das cidades africanas à conquista de neófitos?

* * *

Na era colonial, predominavam duas Igrejas – a Católica e a Protestante. Com o Governo do MPLA, após a independência, foram legalizadas 46 novas igrejas. Fizemos investigação sobre estas igrejas, e encontrámos uma reflexão feita por Francisco Tando⁴⁶⁶, antigo funcionário público, que as elenca, bairro por bairro e confissão por confissão:

IGREJA	Bairro	Confissão
1 – Igreja Católica	Deol. Rodrigues	Cristã R. Romano
2 – Igreja Evangélica de Angola	Lombo-Lombo	Cristã Protestante
3 – Igreja Evangélica Congregacional	1.º de maio	Cristã Protestante
4 – Igreja Metodista Unida	Vitória Certa	Cristã Protestante
5 – Igreja dos 12 Apóstolos	4 de fevereiro	Cristã Messiânica
6 – Igreja Evangélica Pentecostal de Angola	4 de fevereiro	Cristã Pentecostal
7 – Missão Cristã Evangélica de Reconciliação	Gika	Cristã Protestante
8 – Mensagem do Último Tempo	Chiweka	Cristã Mórmon
9 – Igreja Cristã União do Espírito Santo	1.º de maio	Messiânica africana
10 – Igreja de Jesus Cristo sobre a Terra – Kimbanguista	Gika	Messiânica africana
11 – Missão Apostólica dos Crentes	1.º de maio	Cristã Protestante
12 – Igreja Evangélica Presbiteriana	Povo Grande	Cristã Protestante

⁴⁶⁶ Cf. Francisco Tando, *Perfil Municipal de Cabinda, Província de Cabinda 2011* (Cabinda: Edição de Administração Municipal, 2011), 86-87.

13 – Igreja Evangélica Luterana de Angola	1.º de maio	Cristã Protestante
14 – Igreja Evangélica Menonita em Angola	1.º de maio	Cristã Protestante
15 – Congregação Cristã em Angola	Resistência	Cristã Protestante
16 – Igreja Evangélica União Anglicana		Cristã Anglicana
17 – Igreja Bom Deus (IFEPA)	1.º de maio	Messiânica africana
18 – Igreja Evangélica Peniel	1.º de maio	Cristã Protestante
19 – Igreja de N. S. J. Cristo no Mundo (Tocoísta)		Messiânica africana
20 – Igreja Exército de Salvação		
21 – Missão Evangélica Cristã de Reconciliação	1.º de maio	Cristã Protestante
22 – Igreja Evangélica Sinodal de Angola	Mpunji Zau	Cristã Protestante
23 – Assembleia de Deus Pentecostal em Angola	1.º de maio	Cristã Protestante
24 – Igreja de Jesus Cristo de Verdade - BIMA	4 de fevereiro	Messiânica africana
25 – Igreja Universal do Reino de Deus	1.º de maio	Cristã Protestante
26 – Igreja do Deus Vivo	Mpunji Zau	Cristã Messiânica
27 – Igreja Cheia da Palavra de Deus	1.º de maio	Cristã Protestante
28 – Igreja Evangélica Reformada de Angola	4 de fevereiro	Cristã Protestante
29 – Igreja Cristã de Aliança em Angola	4 de fevereiro	Cristã Protestante
30 – Igreja Evangélica dos Irmãos em Angola	1.º de maio	Cristã Protestante
31 – Igreja Evangélica Pentecostal Poder de Deus em Angola	1.º de maio/L. Sul	Cristã Pentecostal
32 – Igreja Evangélica Unida – Comunidade Anglicana	Kabassango	Cristã Anglicana
33 – Igreja Mundial	1.º maio/Zangoyo	Cristã Messiânica
34 – Assembleia Espiritual de Cristo em Angola	Luvassa Sul	Cristã Messiânica
35 – Igreja Adventista do 7.º Dia	Povo Grande	Protestante Adventista
36 – Igreja de Jesus	Chiweka	Messiânica africana
37 – Igreja da Fé Apostólica	Kabassango	Cristã Protestante
38 – Missão Evangélica Pentecostal	1.º de maio	Cristã Protestante
39 – Igreja Nova Apostólica	Gika	Cristã Protestante
40 – Igreja Evangélica Avivamento Bíblico	1.º de maio	Cristã Protestante
41 – Missão Apostólica dos Crentes em Angola	1.º de maio	Cristã Protestante
42 – Igreja Baptista Livre em Angola	Povo Grande	Cristã Protestante
43 – Igreja (O Caminho em Angola)	1.º maio/Luv. Sul	Messiânica africana
44 – Igreja Fé Bahá'í	A Resistência	
45 – Igreja Metodista Independente Episcopal Africana		Cristã Protestante
46 – Igreja Profética Vencedora no Mundo		Messiânica africana

Perante estas numerosas igrejas, que, na sua maioria, vieram das várias partes do mundo, o desafio não é pequeno. Nessas igrejas, há pastores nos quais é difícil compreender a sua honestidade, perante Deus e os homens. Vamos relatar um facto que se deu numa Igreja Universal.

Uma cristã cabindense de nome fictício (Cristina Ngoma) nasceu na Igreja católica. Os pais baptizaram-na na Igreja católica. Ela fez a Primeira Comunhão na Igreja católica. Foi confirmada na Igreja católica. Casou na Igreja católica. Do seu

casamente nasceram dois meninos e duas meninas, que foram baptizados na Igreja católica. Verificamos o seu assento de Baptismo, na missão, que sempre frequentou desde a infância.

O pastor da Igreja Universal a quem a nossa cristã cabindense teria pedido algum conselho espiritual obrigou-a a dar, na Rádio, a seguinte informação publicitária da sua Igreja, em português e em *Ibinda*:

«Eu, fulana... (Cristina Ngoma) nasci na Igreja católica. Cresci na Igreja católica. Casei na Igreja católica. Desde que me casei na Igreja católica nunca tive nenhum filho. Agora eu vim rezar na Igreja Universal. Agora estou a nascer.»

Pela voz, muitas pessoas da sua aldeia foram ter com a referida cristã cabindense (Cristina Ngoma). Confrontada com os cristãos católicos da sua aldeia ficou muda e envergonhada. Contamos este facto para nos interrogarmos sobre o comportamento deste pastor e sobre o modo de se compreender a sua «honestidade» como pastor da Igreja universal?!... Muitos desses pastores carecem de uma formação, primeiro, humana, e, depois, bíblica. Numerosos cristãos que lá vão, iludidos pelas falsas promessas e falsos milagres, passado algum tempo, ou voltam à Igreja antiga ou não frequentam mais nenhuma igreja: nem a católica, onde se sentem envergonhados quanto ao regresso, ou na igreja onde foram e acabaram desiludidos, ficando com amargos de boca. O facto mencionado é suficiente para termos a mínima ideia de que numerosas igrejas carecem de tudo aquilo que é uma igreja que apresenta Jesus Cristo como o Salvador. Apresentam-se eles próprios como salvadores. Infelizmente, para os cristãos católicos com uma formação religiosa deficiente, facilmente, caem na armadilha. Por esta razão, a nossa resposta está na formação permanente dos cristãos para saberem defender a sua fé perante os falsos profetas.

Sobre a Religião Tradicional Africana, o melhor caminho é o estudo das nossas culturas, nossas crenças, nossas tradições, com a finalidade de sabermos separar aquilo que é positivo daquilo que é falso. Nunca vimos um povo aprovar conscientemente o mal – podes roubar, matar, cometer adultério... – No estudo dos provérbios, usos e costumes de qualquer povo encontramos aquilo que é positivo e também aquilo que é negativo. Nenhum povo, mesmo aquele povo em que ninguém sabe ler e escrever, aprovou o mal. Todos os povos louvam o bem e reprovam o mal.

As Religiões Tradicionais Africanas são uma grande fonte de riqueza, onde se encontram inúmeros conselhos, que ajudam o homem a ser mais fraterno com o semelhante e são ricas nos seus ensinamentos, porque neles está a base da moral dos seus povos.

Na declaração final do Colóquio de Accra (Ghana), que reuniu os membros da Associação dos Teólogos do Terceiro Mundo, de 17 a 23 de dezembro de 1977, afirma-se:

O Deus da história fala a todos os povos de acordo com modos particulares. Na África, as religiões tradicionais são uma fonte importante para o estudo da experiência africana de Deus. As crenças e práticas das religiões tradicionais africanas podem enriquecer a teologia e a espiritualidade cristãs.⁴⁶⁷

Para melhor inculturar a igreja local, é necessário um estudo sobre as religiões tradicionais e um estudo sobre a Bíblia, consoante escreve Ntedika Konde, mestre em Teologia Patrística e Doutor em História da Igreja:

A religião tradicional, como todos os outros grandes sectores da vida, deve ser estudada diligentemente por teólogos e outros homens da ciência religiosa. Deve mesmo considerar-se que o campo da religião tradicional africana merece uma atenção especial, porque toca directamente na vida espiritual e pastoral.

A tarefa é imensa e os trabalhadores são poucos. A VIII Semana Teológica, realizada em Kinshasa, em 1973, estava, portanto, certa. Desejava que um grande número de sacerdotes, religiosos e leigos de ambos os sexos, fosse encorajado a estudar as ciências religiosas e teológicas e que a sua competência fosse reconhecida e utilizada na comunidade.⁴⁶⁸

José Nunes ajuda-nos a meditar, nesta linha de ideias, com a seguinte reflexão:

Uma cultura que marginalizasse a religião não responderia integralmente ao homem. Religião e cultura encontram-se intimamente relacionadas e nunca seria mais oportuno citar a P. Tillich, quando afirma que «a religião é a substância que dá o sentido último à cultura»; daí que nenhuma cultura possa sacrificar a dimensão transcendente do homem. Assim, se o homem só se pode realizar como homem no seio de uma cultura, também o homem cristão não pode viver em exílio cultural, só pode viver religiosamente incarnando a sua fé, a sua dimensão de cristão, na cultura.⁴⁶⁹

Com as duas citações respondemos à questão do contributo da Religião Tradicional Africana, no campo da inculturação. O problema fundamental permanece na formação dos cristãos. Quando os nossos cristãos tiverem uma formação religiosa sólida caminharão melhor no tema da inculturação.

Quanto às seitas, o padre Flaviano Amatulli Valente, natural de Conversano (Bari, Itália), ordenado sacerdote a 26 de junho de 1965, missionário no México e fundador do Movimento Eclesial «Apóstolo da Palavra», deixou-nos uma valiosa reflexão no opúsculo *A Igreja Católica e as Seitas, Perguntas e Respostas*.⁴⁷⁰

O padre Flaviano é autor de 70 obras, entre livros, opúsculos, que tratam da religiosidade popular, antropologia, Bíblia e apologética. A preciosa reflexão referida, muito bem redigida em linguagem corrente, com conteúdos que são o fundamento da Igreja

⁴⁶⁷ Associação de Teólogos do Terceiro Mundo, *Libération ou Adaptation? La Théologie Africaine s'interroge. Le Colloque d'Accra* (Paris: Librairie-Éditions l'Harmattan, 1979), 230. (Tradução própria.)

⁴⁶⁸ Ntedika Konde, «La Foi Chrétienne en Dialogue avec la Religion Africaine Traditionnelle», in *Quelle Église Pour l'Afrique du Troisième Millénaire? Contribution au Synode Spécial des Évêques pour l'Afrique*. Actes de la Dix-huitième Semaine Théologie de Kinshasa du 21 au 27 Avril 1991, Ouvrage publié avec le concours de la Fondation «*Evangelii nuntiandi in Africa*», Facultés Catholiques de (Kinshasa: 1991), 162. (Tradução própria.)

⁴⁶⁹ José Nunes, *Teologia da Missão Novas e Perspetivas*, 83.

⁴⁷⁰ P. Flaviano Amatulli Valente, *A Igreja Católica e as Seitas...* (Rio de Janeiro: Niteroi, 1998).

Católica, Bíblia e Tradução, Interpretação da Bíblia contém o essencial das respostas aos questionamentos das seitas. Está escrito no estilo do *Catecismo de São Pio X*, sob o qual assenta tudo o que aprendemos do Catecismo. A partir da verdadeira Igreja de Jesus Cristo, passando sucessivamente pela hierarquia na Igreja, a salvação pessoal, a Bíblia e a tradição, o seu conteúdo, o valor do Antigo Testamento a interpretação da Bíblia, as dúvidas, as objeções, os ataques, concluindo com o problema de um só rebanho, responde a todas as questões. O livro responde numa linguagem muito simples às perguntas armadilhadas que as seitas fazem, maliciosamente, a fim de desorientar aqueles que não têm uma formação religiosa muita aprofundada. Aqui, não resistimos em contar a história de um grupo de Testemunhas de Jeová que abordaram, sem saber que pessoa interpelavam e que era um sacerdote católico, formado na Sagrada Escritura. Quando o padre lhes demonstrou as suas contradições, pediram-lhe, de joelhos, para que ele abandonasse a Igreja católica e entrasse no grupo das Testemunhas de Jeová. Obviamente que o pedido não foi correspondido. A história é apenas para confirmar que se deve apostar na formação religiosa dos nossos cristãos. Os devotos das seitas acabam por ficar envergonhados e frustrados, perante os católicos que conhecem a doutrina de Jesus Cristo, leem, conhecem e meditam a Palavra de Deus. Duas brevíssimas citações deste livro dão-nos uma ideia de como responder às perguntas das seitas:

Este livro tem como finalidade ajudar o católico comum, muitas vezes, desprovido de uma preparação teológica especial, a encontrar um fundamento firme para a sua fé, e dar uma resposta imediata e simples às objecções que lhes apresentarem.

Mais adiante, afirma:

Na realidade, Jesus não disse aos seus discípulos: Ide por todo o mundo e fundai muitas Igrejas, para que cada um possa escolher aquela de que mais goste.⁴⁷¹

Como este livro, podemos mencionar outros: *São as Testemunhas de Jeová uma Seita?*, *Dicionário para Entender as Testemunhas de Jeová*, *O Estudo Bíblico para Entender as Testemunhas de Jeová*, *Como Responder às Testemunhas de Jeová...* E estes livros, escritos numa linguagem simples, constituem um grande apoio no campo moral, doutrinal para respondermos aos sabotadores da Palavra de Deus. Como alguém disse, numa conferência-debate entre os católicos e os protestantes, estes livros são instrumentos que devemos colocar nas mãos dos jovens católicos para enfrentarem os desafios e também as armadilhas que se colocam aos cristãos, muitas vezes, mais para os desorientar do que para os instruir e doutrinar.

⁴⁷¹ Valente, *A Igreja Católica e as Seitas...*, 4 e 5.

Os nossos jovens, os nossos cristãos, quando estiverem formados, tanto na doutrina como na Palavra de Deus, nas nossas paróquias, levarão a que muitos dos fiéis das numerosas seitas acabem por se tornarem fiéis da Igreja católica.

6.5. Contributo dos Cursos *Nova et Vetera* para a inculturação da Igreja (1970-2020)

6.5.1. Promoção humana nos Cursos *Nova et Vetera*

Depois da comemoração das bodas de prata em clima da guerra, seguidas das bodas de ouro em clima da Covid-19, a nível mundial, qual foi a promoção humana impulsivada nos Cursos *Nova et Vetera*?

* * *

A nossa força na argumentação está nos documentos conciliares. Para melhor respondermos à questão da promoção humana preferimos mencionar uma passagem da *Gaudium et spes*, a fim de nos apercebermos, a propósito da promoção humana:

É necessário, portanto, tornar acessíveis ao homem todas as coisas de que necessita para levar uma vida verdadeiramente humana: alimento, vestuário, casa, direito de escolher livremente o estado de vida e de construir família, direito à educação, ao trabalho, à boa fama, ao respeito, à conveniente informação, direito de agir segundo as normas da própria consciência, direito à protecção da sua vida e à justa liberdade mesmo em matéria religiosa.

A ordem social e o seu progresso devem, pois, reverter sempre em bem das pessoas, já que a ordem das coisas e não ao contrário. Foi o próprio Senhor quem insinuou ao dizer que o sábado fora feito para o homem, não o homem para o sábado. (GS, 26.)

No percurso dos 50 anos, constatamos, que os Cursos *Nova et Vetera* não construíram igrejas, asilos, hospitais, escolas e nem universidades. Também não tiveram nem possibilidades económicas e nem tempo de o fazer. Todavia, os Cursos *Nova et Vetera* ficaram conhecidos como promotores humanos (*Populorum progressio*, 12), pois, inculturaram, fortemente, o espírito da promoção humana. A evangelização e o desenvolvimento são complementares. Temos o caso do professor Estêvão Ngimbi (1939-2021), casado, pai de filhos, que só tinha o Diploma do Cuima. Muito encorajado pelo padre Gabriel, saiu da Missão do Lucula Zenze, onde lecionava, há vários anos. Foi à cidade de Cabinda (75 km). Ensinava de dia, na Escola Missionária da Paróquia da Imaculada Conceição, e estudava, à noite, como adulto, na Escola Secundária Barão Puna desta cidade. Chegou a

concluir o 7.º Ano dos Liceus. Como este caso, houve também alguns Monitores Escolares que seguiram o seu exemplo.

Os Cursos *Nova et Vetera* foram cursos de autopromoção social. Notou-se em todos os jovens que, na década de 1960, ingressaram precipitadamente na função pública, o desejo de prosseguir os estudos. São numerosos aqueles que passaram a estudar à noite, no ensino dos adultos. Alguns concluíram o 5.º Ano e outros o 7.º Ano dos Liceus da era colonial. Devemos também destacar que, nessa década, em Cabinda, não havia nenhuma universidade.

Celestino Migliore, Núncio Apostólico em França, nesta linha de ideias, esclareceu-nos da seguinte maneira:

... Para o Papa Francisco, a missão evangelizadora não só deixa espaço para a dimensão social, mas também a implica de forma constitutiva: desde este ponto de vista, pode-se afirmar que a evangelização é promoção humana, no sentido mais amplo desta expressão.⁴⁷²

Na nossa reflexão sobre a história da Missão do Lucula Zenze, constatamos que foi nas aldeias que tiveram numerosas visitas pastorais, que colhemos o maior número de funcionários públicos e um número acentuado de pessoas evoluídas. Portanto, onde houve evangelização, houve também promoção humana.

6.5.2. Contributo dos Cursos *Nova et Vetera* para as novas gerações

Como os Cursos *Nova et Vetera* foram uma grande sensibilização para a promoção humana e social, lutar para melhorar a situação económica, qual foi o contributo dado pelos Cursos *Nova et Vetera* para as novas gerações?

* * *

Os nossos missionários vieram evangelizar a África. Nós devemos procurar compreendê-los dentro do espírito da mentalidade da época em que foram formados. Quando chegaram a África, principalmente os pioneiros, consideravam tudo profano. Foi a partir desta noção que agiram, proibindo isto e aquilo. Não devemos concluir precipitadamente que, antes do Concílio, tudo era errado e que, agora, depois do Concílio, tudo está certo. Claude Prudhomme, professor de Teologia na Universidade Jean Moulin (Lyon III), confirma-nos que, antes de 1970, não havia inculturação:

⁴⁷² Celestino Migliore, «Évangélisation et promotion humaine. La conversion pastorale selon le Pape François, in *Nouvelle Revue Théologie*, Tome 143, n.º 2, Avril-Juin 2021, 254. (Tradução própria.)

É claro que a perspectiva da «inculturação», tal e qual foi elaborada nos anos de 1970, é estranha às missões do século XIX⁴⁷³.

O padre John Baur, nascido em 1920, suíço, sacerdote *Fidei Donum*, professor de História da Igreja, desde 1956, nos Seminários de Peramiho (Tanzânia), Nairobi e Tindinyo (Quênia), no seu livro *La Chiesa Cattolica in Kenya*, escreveu:

Os missionários vieram num momento em que a Europa estava convencida de que o único cristianismo verdadeiro era o expresso e vivido pela cultura europeia. Pior ainda, naquela época, todas as formulações religiosas, leis da Igreja e ritos litúrgicos eram considerados coisas sacrossantas que ninguém tinha o direito de tocar.⁴⁷⁴

Devemos reconhecer que o Vaticano II não foi um Concílio para *A* ou para *B*. Não foi um congresso para um determinado grupo. Foi sim uma renovação da Igreja em todos os aspetos. Podemos afirmar que, antes do Vaticano II, a Bíblia estava nas mãos dos padres; depois do Vaticano II, a Bíblia está nas mãos dos cristãos, e isto, continua a não ser percebido por muitos cristãos mesmo nos nossos dias.

O Vaticano II foi uma revisão da Igreja, em todas as dimensões, privilegiando a liturgia, em primeiro plano, em cada povo e em cada continente, o diálogo entre as religiões e o movimento ecuménico, a participação dos leigos... O Papa João Paulo II teve a esta feliz expressão sobre o Concílio, ao afirmar:

O Concílio Ecuménico Vaticano II pode certamente considerar-se, do ponto de vista da História da Salvação, como a pedra angular deste século, já quase a desembocar no Terceiro Milénio. (EA, 1.)

A afirmação é eloquente e está carregada de sentido histórico e teológico. Nos nossos dias, nenhum estudioso pode fazer uma reflexão, no campo eclesial, sem fazer referência ao Vaticano II. Ficou um marco na história da Igreja.

Nesta perspetiva de ideias, registam-se as declarações do teólogo espanhol Casiano Floristán, abaixo mencionado em entrevista, em que classifica os documentos conciliares da seguinte maneira:

Quatro grandes reformas, simbolizadas pelas quatro constituições: a renovação bíblica, a reforma litúrgica, a consciência eclesial, que nasce com a *Lumen gentium* e a consciência da missão da Igreja no mundo com a *Gaudium et spes*.⁴⁷⁵

O padre Eduardo Ferreira, missionário espiritano português, antigo Superior Provincial de Portugal, comentou de modo seguinte a época a seguir ao Vaticano II:

⁴⁷³ Claude Prudhomme, «Problématiques missionnaires catholiques du XIX siècle», in Congresso Internacional de História, *Missionação Portuguesa*, vol. I (Braga:1993), 152. (Tradução própria.)

⁴⁷⁴ John Baur, *La Chiesa Cattolica in Kenya, Una Storia centenaria* (Bologna: 1990), 214. (Tradução própria.)

⁴⁷⁵ António Marujo entrevista P. António Rego e Ramón Cazallas, *Quando a Igreja desceu à terra, testemunhos de memória e futuro nos 50 anos do Concílio Vaticano II*, 24.

O Vaticano II abriu uma nova era missionária, focando-se no retorno à Palavra de Deus, na lembrança da vocação missionária de toda a Igreja, no respeito pela liberdade religiosa, no diálogo ecuménico e na vontade declarada de manter relações entre a Igreja e as religiões não cristãs.⁴⁷⁶

O Vaticano II, novo Pentecostes, ao autorizar cada povo a rezar na sua língua, cantar na sua língua, exprimir-se segundo os usos e costumes, inaugurou a Nova Evangelização (RM, 45) de que nos falava muito o Papa João Paulo II. Nova, na metodologia e nova na maneira de agir. Foi um grande contributo dos padres diocesanos africanos ao estudarem e criticarem os nossos usos e costumes para identificarem aquilo que pode ser introduzido e aquilo que não pode ser introduzido na liturgia. Portanto, devemos esclarecer que o trabalho iniciado nos Cursos *Nova et Vetera* não é um trabalho concluído. Devemos continuar a estudá-lo para o melhorar. Pois, Júlio Joaquim Mwendowassulo, no estudo da inculturação, afirmou:

A inculturação é a palavra-chave que resume os anseios das nossas Igrejas africanas; é o novo rumo, aquele que nos há-de ajudar a «revestir-nos de Cristo» em profundidade e autenticidade, por nossa vez, sermos anunciadores de Cristo, enriquecendo a Igreja Universal com a africanidade cristã.⁴⁷⁷

Sem nenhum exagero da nossa parte, analisando criteriosamente os Cursos *Nova et Vetera*, encontramos muitos úteis conselhos para a vida, desde o berço até ao túmulo: a descoberta dos valores, o espírito de atenção, o saber aprender para a mudança de hábitos, na linha do bem, da educação, a partir do provérbio, da educação de uma família, do saber apreciar os valores da sua cultura e da cultura doutros povos, do saber não aceitar tudo aquilo que é divulgado, mas, primeiro, peneirar o assunto para depois saber o que é verdadeiro e o que é falso, são, dentre tantas, as numerosas lições que podemos colher nos Cursos *Nova et Vetera*. Todos estes ensinamentos muito bem compreendidos e assumidos na vida tornam um indivíduo válido para a sociedade, para a Igreja e para o País, visto que a grande preocupação do padre Gabriel, nos Cursos *Nova et Vetera*, é, de facto, atingir o homem em todas as dimensões: humana, social, cultural, política, religiosa, económica, etc...

Uma nota dominante, nos Cursos *Nova et Vetera*, é a seguinte: estudamos o português, o francês, o inglês, a matemática, a química, a física, etc..., mas não estudamos a nossa língua, os nossos usos e costumes, a nossa maneira de viver. Limitamo-nos a citar os antepassados: «*Bakulu babika*» (tradução: *Os antepassados disseram!... Os antepas-*

⁴⁷⁶ P. Eduardo Ferreira, «A evolução da Missão Espiritana e o Magistério Missionário da Igreja», in *Missão Espiritana*, Revista das Circunscrições Espiritanas Lusófonas, fevereiro 2021, n.º 30, 60.

⁴⁷⁷ Júlio Joaquim Mwendowassulo, «Presença e evangelização portuguesa em Moçambique, de 1940 aos nossos dias, em Congresso Internacional de História, Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas», Atas, vol. IV: *Missionação: Problemática Geral e Sociedade Contemporânea* (Braga: 1993), 496.

sados legaram-nos). Esta é uma das frases mais escutadas e citadas na linguagem falada dos cabindenses. É a frase comum, nas cerimónias de alambamento, julgamento, funeral... O grande recurso é sempre escudar-se atrás desta afirmação... Um argumento do *status quo*... Aqui, registamos o desprezo pelo que é nosso e apreciamos somente aquilo que é dos outros. Por este motivo o padre Gabriel insistiu muito nos Cursos *Nova et Vetera*, em conhecer a nossa cultura, estudá-la, apreciá-la e divulgá-la sem menosprezar a cultura dos outros povos.

Nos livros da história aprendemos aquilo que é e que foi a Idade Antiga, a Idade Média, a Idade Moderna e a Idade Contemporânea, e tantos factos da história nacional e universal. Aprendemos os clássicos. A *Ilíada* e a *Odisseia*, praticamente, são duas obras do património cultural da Humanidade. Foram escritos há séculos, porém, chegaram até aos nossos dias.

Assim como aprendemos a história nacional e universal, a história de Portugal, através dos manuais escolares e académicos, lemos as obras de grandes escritores (Luís Vaz de Camões, Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Almeida Garrett, João de Deus (que ficou célebre com a sua *Cartilha Maternal*), apenas para mencionarmos alguns nomes da literatura portuguesa...), podemos dar a conhecer às novas gerações as lições dos Cursos *Nova et Vetera*, a partir das publicações. O primeiro passo a dar é exatamente publicar um livro sobre os Cursos *Nova et Vetera*: a fundação, as disciplinas teóricas, as disciplinas práticas, o desenvolvimento e, por fim, a conclusão. Com um livro deste teor, a desenvolver somente o tema dos Cursos *Nova et Vetera*, nas mãos dos jovens, podemos proferir numerosas conferências para o conhecimento não somente dos jovens, mas de todos aqueles que são amigos do saber.

Alvin Toffler (1928-2016), escritor futurista, norte-americano, doutorado em Letras, Leis e Ciência, conhecido pelos seus escritos sobre a revolução digital, a revolução das comunicações e a singularidade tecnológica, afirmou:

Somos a última geração de uma civilização velha e a primeira geração de uma civilização nova.⁴⁷⁸

Parafraseando o grande escritor norte-americano Alvin Toffler, citado por João António Pinheiro Teixeira, poderíamos afirmar que aqueles que frequentaram os Cursos *Nova et Vetera* (1970-1974) e todos nós, formados nas décadas de 1960 a 1970, somos a última geração da era colonial e a primeira geração da era pós-colonial (1974-2020).

⁴⁷⁸ João António Pinheiro Teixeira, *Continuará o Concílio atual? O Vaticano II como acontecimento e, sobretudo, como itinerário. Uma proposta para o ano de fé* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2012).

Como última geração, que conheceu a era colonial nos seus aspetos positivos e negativos, mais razões temos para estudar os Cursos *Nova et Vetera*, a fim de fazê-los conhecer à nova geração, nascida depois do sol da independência.

Devido aos aspetos fundamentais da Nova Evangelização, com a seriedade e profundidade, exigidas pelas rápidas mudanças, epocais, sociais e culturais (EA, 47-49), os Cursos *Nova et Vetera* exigem também um estudo aprofundado a fim de serem apresentados às novas gerações, consoante podemos, na seguinte passagem:

Nova evangelização não significa um «novo Evangelho», porque «Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e pelos séculos» (Heb 13,8). Nova evangelização significa dar resposta adequada aos sinais dos tempos, às necessidades dos homens e dos povos de hoje, aos novos cenários que mostram a cultura por meio da qual exprimimos a nossa identidade e procuramos o sentido da nossa existência. Nova evangelização significa, por isso, promoção de uma cultura mais profundamente radicada no Evangelho. Quer dizer descobrir o «homem novo» (Ef 4,24) que está em nós graças ao Espírito dado por Jesus Cristo e pelo Pai. Que a celebração da próxima Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos seja para a Igreja como um novo Cenáculo, onde os sucessores dos Apóstolos, reunidos em oração juntamente com a Mãe de Cristo, que foi invocada como a «Estrela da Nova Evangelização», preparam as vias da nova evangelização (164).⁴⁷⁹

O trabalho dos missionários espiritanos europeus na história da Missão do Lucula Zenze é o ponto da partida, a fim de debater o tema da inculturação. Os aspetos histórico-ecclesiais servirão de diálogo permanente com as novas gerações.

6.5.3. Mudanças impulsionadas pelos Cursos *Nova et Vetera*

Nesta linha de pensamento sobre os Cursos *Nova et Vetera* é também importante descobrirmos quais foram as mudanças impulsionadas na igreja local do Lucula Zenze.

* * *

Nos últimos cinquenta anos houve muitas mudanças, na Europa, na África e no mundo inteiro. A Europa conheceu o fascismo, o nazismo, o franquismo, o salazarismo e o comunismo, proclamado em 1917, na Rússia, que culminou com a construção do Muro de Berlim, em 1961, dividindo a Alemanha em dois países.

A revolução, na China de Mao Tsé-Tung, as guerras de Indochina e da Argélia, as independências africanas, debaixo do peso enorme do mundo bipolarizado (comunistas de um lado e capitalistas do outro), o desmoronamento, como um castelo de cartas, da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), o neoliberalismo das conquistas sociais, a guerra do Golfo, as guerras e guerrilhas da América Latina, provocaram mudanças

⁴⁷⁹ XIII Assembleia Geral Ordinária, sobre a Nova Evangelização para a transmissão da Fé Cristã, *Instrumentum Laboris*, 2012, n.º 164.

radicais e não podemos esquecer a queda do Muro de Berlim, a 10 de novembro de 1989...

O século XX europeu foi o século das Guerras Mundiais (a Primeira, em 1914-1918, e a Segunda, em 1939-1945), foi o século das revoluções, o século do mundo operário, o século das marchas e reivindicações dos trabalhadores, no célebre 1.º de Maio, sem nos esquecermos das greves marcadas e dirigidas por este ou aquele sindicato, exigindo melhores salários e melhores condições de vida. Foi de facto o século do povo, o século do comunismo, o século da construção da Europa e o século da queda do muro de Berlim, enfim, o século do progresso, principalmente, o século do avanço tecnológico.

O século XX africano foi o século da colonização e descolonização dos países africanos de expressão inglesa, francesa, espanhola e portuguesa. Os problemas africanos, no século XX, dentre os mais destacados, são a exploração das riquezas, a redefinição dos contornos territoriais dos impérios, as independências precipitadas, os regimes dos partidos únicos, os golpes de Estado, as eleições nas aventuras da democracia. Infelizmente, as eleições, que sempre estiveram longe de serem livres e justas, pois os partidos do Estado no poder, nunca as perdem. É ele sempre, o Partido-Estado, a ganhá-las, apesar das denúncias das fraudes dos partidos da oposição. Como é possível, ser sempre o partido que está no poder a ganhar todas as eleições?!...

A Organização das Nações Unidas (ONU) procurou sempre desempenhar o papel de apaziguador das guerras, no mundo inteiro, enquanto na África, a Organização da Unidade Africana (OUA), que mudou a sigla para União Africana (UA), continua sempre a lutar pela solução dos graves problemas dos países africanos.

Depois desta reflexão, acerca das mudanças na Europa e no mundo, fixemos o nosso estudo na Missão do Lucula Zenze. Desde 1970 a 2020, registaram-se muitas mudanças na história da Missão do Lucula Zenze, em particular, e da diocese de Cabinda, em geral. Podemos mencionar os fatores da mudança como a guerra, o exílio nos campos de refugiados (Nlundu Matende, Kimbianga, Mfuiki e Tseke Zole), o regresso do exílio e a continuação da guerra, depois do regresso, a reconstrução das aldeias, o reinício de todas as atividades, a fome, a miséria, a pobreza e todas as consequências que trazem a guerra...

O padre Gabriel ensinou as várias *situações* dos homens, que classificou assim: em primeiro lugar, o homem da *situação 1* – o homem firme (*o profeta*); o homem da *situação 2* – o homem duplo (*o camaleão*); e o homem da *situação 3* – o homem volúvel (*o cata-vento*).

Se as circunstâncias mudaram, a essência da verdade mantém-se. Cada homem, na sua situação, quaisquer que sejam as circunstâncias, lutará por ser aquilo que é. Se é

íntegro continuará a lutar pela sua integridade moral. A situação pode mudar, mas ele, a partir da sua formação e convicção, permanecerá um homem íntegro. Se é traidor continuará traidor e se é catavento continuará a sê-lo. É a partir desta reflexão que temos os mártires, aqueles que aceitaram a morte por acreditar em Jesus Cristo, aqueles que morreram em defesa da verdade e em defesa da sua fé... Em cada época da história, encontramos as diversas personalidades, cada uma, segundo a sua conduta, fé, sabedoria, firmeza, duplicidade e volubilidade.

O marxismo-leninismo foi pregado como ideologia do Estado, a ferro e fogo, em Angola. Houve cristãos que foram julgados, apenas por terem feito o sinal da cruz. Um professor foi mandado comparecer no tribunal por ter feito uma oração antes da aula. Alguns cristãos abandonaram a prática religiosa e reabraçaram a poligamia. Porém, outros cristãos continuaram a acreditar em Deus, Todo-Poderoso, e mantiveram-se firmes no casamento monogâmico. Portanto, as circunstâncias podem mudar. Porém, o cristão, a partir da sua formação e da sua fé em Jesus Cristo, continuará a lutar contra tudo aquilo que destrói o homem para prosseguir na linha do bem que os Cursos *Nova et Vetera* sempre tiveram: atingir o homem. Formá-lo para enfrentar todas as dificuldades, todas as guerras e todos obstáculos para a boa vivência dos homens na sociedade e na Igreja. O padre João António Teixeira confirma a nossa reflexão nestes termos:

É que, se as circunstâncias mudaram, o essencial do conteúdo mantém-se atual. O que importa é (re)ler esse mesmo conteúdo, a partir das circunstâncias da nossa época.⁴⁸⁰

6.5.4. Desatualização dos Cursos *Nova et Vetera*

Os Cursos *Nova et Vetera*, passados cinquenta anos, não estarão, completamente ultrapassados ou mesmo desatualizados, por causa dos avanços técnicos e tecnológicos como os programas televisivos e o acesso aos institutos superiores e às universidades?

* * *

Um estudo muito bem feito sobre os Cursos *Nova et Vetera* não pode levar-nos a afirmar que estes cursos estejam ultrapassados ou desatualizados. É absurdo afirmá-lo. A doutrina de Jesus Cristo é para todas as culturas, todos os povos e todos os continentes. Nesta linha de ideias, os ensinamentos dos Cursos *Nova et Vetera*, caldeados na doutrina de Jesus Cristo e apoiados nos ensinamentos dos Sumos Pontífices, não estão ultrapassa-

⁴⁸⁰ João António Pinheiro Teixeira, *Continuará o Concílio atual? O Vaticano II como acontecimento e, sobretudo, como itinerário. Uma proposta para o Ano de Fé* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2012), 17.

dos e nem desatualizados. Os estudos sobre os Cursos *Nova et Vetera* devem ser estudados, aprofundados e divulgados. É esta a nossa missão, a nossa tarefa, a nossa contribuição nessa reflexão a nível académico.

6.5.5. Cursos Nova et Vetera – Cursos da voz daqueles que não têm voz

Finalmente, qual foi o papel fundamental desempenhado pelos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera*?

* * *

A Missão do Lucula Zenze é um centro rural como vários centros rurais da Província de Cabinda. Cabinda é uma Província de Angola. Angola é um país de África. A África é um continente de escandalosos recursos minerais, riquezas fabulosas, onde o povo vive na miséria. A corrupção é rainha nos governos africanos. As potências, antigas e novas, coloniais e pós-coloniais, desempenham o mesmo papel da exploração das riquezas, assim como faziam no passado, fazem-no no presente, consoante comentou Benoit Awazi Mbambi Kungua, professor de Filosofia Moderna na Saint Paul University em Ottawa (Canadá), professor de Teologia da Escola-Catedral de Paris, Doutor em Filosofia (Paris IV, Sorbonne), com numerosas publicações no campo da Filosofia e da Teologia, escreveu de maneira seguinte sobre os problemas africanos:

Enquanto as lógicas competitivas e as desigualdades multifacetadas estão se acelerando entre os hemisférios Norte e Sul, e a recessão económica que varre o mundo, a partir dos Estados Unidos, mostra as contradições do sistema capitalista global, temos que notar o agravamento e generalização da «crise multidimensional» que está levando as sociedades africanas à beira da implosão política.

A cascata de guerras, golpes sangrentos, genocídios, travessuras eleitorais e práticas cleptocráticas que caracterizam as sociedades negras africanas pós-coloniais podem ser comparadas com as guerras, práticas idólatras, sacrifícios de crianças a Molek, no vale do Cedron, a exploração dos pobres... contada nos livros dos Reis. Esses períodos, que se estenderam por quatro séculos, apresentam semelhanças sociológicas e políticas. A leitura pessimista do futuro imediato da África pós-colonial é a mais fácil e difundida e esse afro-pessimismo encontra fortes retransmissões nos *media* ocidentais.⁴⁸¹

Neste mundo onde os grandes predadores das riquezas da África são as grandes potências, as grandes multinacionais, as fábricas de armamento, as fábricas dos telemóveis, as empresas colocadas nos paraísos fiscais, autênticas baleias que comem todos os peixes e peixitos, a Igreja deve transformar-se na voz daqueles que não têm voz, consoante escreveu o teólogo camaronês Jean-Marc Ela:

⁴⁸¹ Benoit Awazi Mbambi Kungua, «P. Pierre Buis (1929-2005): missionnaire et exégète. Essai de relecture théologique et spirituelle», in *Nouvelle Revue Théologique*, Tome, 132, 1, Janvier-Mars (2010), 97. (*Tradução própria*.)

A Igreja deve voltar a ser a voz daqueles que não têm voz; deve falar em nome da pessoa humana, em nome dos homens que são desprezados, torturados, explorados ou marginalizados, descartados, amontoados em aglomerados urbanos, enquanto os recursos nacionais são usados para desenvolver pequenos arquipélagos económicos, em capitais onde uma cultura de massa, verdadeiro ópio das massas, num alarido verbal, preserva o povo da revolta contra a riqueza insolente dos dirigentes e atores da dominação neocolonial. (...) A Igreja deve assumir a condição de «condenados da terra». Se, «o Corpo do Senhor é feito das dores do Homem esmagado pela injustiça», a Igreja deve tornar-se o acre da justiça de Deus no mundo. (...) Nesta encruzilhada da história do nosso continente, o silêncio da Igreja seria uma grave omissão, uma verdadeira traição à África e ao Evangelho.⁴⁸²

Nesta mesma linha de ideias acrescentamos a voz do Monsenhor Emmanuel Kataliko. Nasceu em 1932, em Lukole, na diocese de Butembo-Beni (República Democrática do Congo). Foi ordenado sacerdote, a 20 de dezembro de 1958, e, ordenado bispo, em 1966. Faleceu em Roma, quando participava no Simpósio das Conferências Episcopais da África e de Madagáscar, a 3 de outubro de 2000. Segundo Jean-Marie Vianney Kitumaini, Monsenhor E. Kataliko deixou um precioso testamento da ação política de toda a Igreja como «fermento na massa» (Mt 13,33), na sociedade congoleza a partir do engajamento político:

Nós temos que falar, porque o povo está sofrendo. Temos que falar com os chefes de Estado, temos que falar com os líderes. Devemos enviar a África uma mensagem de reconciliação e paz.⁴⁸³

Enquanto outros partilham a África na ótica afro-otimista, outros comentam-na na ótica afropessimista. Nós comentamos a África na linha da *Ecclesia in Africa*, nos seguintes termos:

Segundo muitos Padres Sinodais, a África actual pode ser comparada àquele homem que descia de Jerusalém para Jericó; ele caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancada, o abandonaram, deixando-o meio morto (cf. Lc 10,30-37). A África é um continente onde inumeráveis seres humanos – homens e mulheres, crianças e jovens – jazem, de algum modo, prostrados à margem da estrada, doentes, feridos, indefesos, marginalizados e abandonados. Têm extrema necessidade de bons Samaritanos que venham em sua ajuda. (EA, 41).

Aqui temos o tema fundamental dos Cursos *Nova et Vetera*: levantar aquela rapariga, abandonada pela escolarização por ter idade avançada, aquele homem ou aquela mulher, abandonados na sua pobreza total por não terem nenhum socorrista, nenhum advogado, nenhum samaritano que os possa socorrer na sua miséria. Os Cursos *Nova et Vetera* procuraram ser aquele samaritano que levantou o passageiro que descia de Jerusalém a Jericó.

⁴⁸² Jean-Marc Ela, *Le Cri de l'homme africain, Questions aux chrétiens et aux église d'Afrique* (Paris: Librairie-Éditions l'Hamartan, 1980), 99-100. (Tradução própria.)

⁴⁸³ Citado por Jean-Marie Vianney Kitumaini, «L'engagement socio-politique de Mgr Kataliko à Bukavu (RDC)», in *Nouvelle Revue Théologique*, Tome 125, n.º 1, Janvier-Février (2003), 65. (Tradução própria.)

Os Cursos *Nova et Vetera* empreenderam uma caminhada para levantar o homem abandonado e fechado na sua cultura, o cristão, que só acredita que aquilo que vem de fora é que é melhor, o aldeão, perdido e isolado na sua aldeia, que deixou adormecer o seu talento, senão o enterrou inconscientemente e nunca mais teve nenhum interesse em levantar a voz e cantar como um homem de pé.

Os Cursos *Nova et Vetera*, para nós, foram cursos para levantar todos os caídos, moralmente, a fim de pô-los de pé, ajudá-los a acompanhar os tempos, a crescer na fé, na cultura e no progresso.

6.5.6. Futuro e perspectivas dos Cursos Nova et Vetera

Nesta reflexão, qual é, afinal, o futuro para os Cursos *Nova et Vetera*?

* * *

Graças ao regresso do estudo das fontes e à comemoração dos cinquenta anos depois, nós refizemos o itinerário como um caminho de peregrinação em direção às fontes. Sentimo-nos mais fortes, mais reconhecidos e mesmo mais dignificados. Tanto para um noviço como para um veterano, a peregrinação às fontes dos Cursos *Nova et Vetera* acordou-nos do sono do esquecimento. Como o profeta Isaías, «*Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumeja; em verdade, promulgará o direito*» (Isaías 42,3), nós acreditamos que a chama dos Cursos *Nova et Vetera* não será apagada definitivamente.

Para nós, os originários da Missão do Lucula Zenze, e para todos os de outras missões, que apreciaram o valor dos Cursos *Nova et Vetera*, satisfaz-nos, alegra-nos, faz-nos reviver as ricas lições, que nos foram transmitidas pelo padre Gabriel.

Reencontramos, nesses cursos, o tesouro das *coisas novas* e das *coisas antigas*. O poder de reconhecer esse tesouro, o poder de redescobrir esta preciosa fonte de sabedoria inexaurível, o poder de beber dessa fonte, é um verdadeiro presente, no jubileu de ouro dos Cursos *Nova et Vetera* (1970-2020).

Os Cursos *Nova et Vetera* são uma experiência cuja obra faz reviver o espírito, que nos leva, no quotidiano dos nossos problemas sociais, nos interpela nos dramas sanitários, nos ensina que a arena política se deve centrar no homem para viver melhor em conjunto, em comunidade, na união com todos os povos de todas as culturas e de todas as nações.

Um tal pensamento dos Cursos *Nova et Vetera* necessita de uma estruturação e de esquemas de pensamento para nos protegerem das armadilhas. que se podem evitar do tribalismo, regionalismo, bairrismo e racismo. O padre Gabriel, educador nato, consagrou

o melhor da sua vida nos Cursos *Nova et Vetera*, transformando-se no nosso guia, no nosso retrovisor, no nosso pensador, no nosso humanista e, porque não, no nosso *Mahatma Gandhi* do campo político, no nosso *Job* do campo do sofrimento, no nosso *Abraão* do campo da fé e no nosso *Sócrates* do campo da filosofia dos valores humanos?!...

Devemos vigiar sempre para não ferir a dignidade humana, mas, pelo contrário, devemos promover a solidariedade, lutar por uma política que assume e dê a garantia da respiração do povo. Por vocação, o padre Gabriel foi, desde o berço até ao túmulo, um apaixonado pelo homem, pela cultura do seu povo e por Deus.

O antes! O antes dos Cursos *Nova et Vetera* é toda a odisseia feita pelos missionários espiritanos na formação, moral, intelectual, cultural, catequética, educativa, social, cultural, económica, de 1893 a 1970.

O durante! O durante foi a fundação dos Cursos *Nova et Vetera* que funcionaram durante três anos (1970-1974). No ano seguinte (1974), o padre Gabriel estava a preparar o segundo triénio (1975-1978). A guerra interrompeu toda a atividade. Seguiu-se o exílio e, depois do exílio, até à comemoração das bodas de ouro (1970-2020).

A Palavra de Deus era anunciada e proclamada em língua vernácula *Ibinda*. Os documentos do Vaticano II eram estudados, comentados e mencionados nas aulas e nas homilias. Os usos e costumes do povo de Cabinda eram criticados, antes de serem aceites. O homem do Lucula Zenze perdeu o complexo de superioridade, perante os homens das outras tribos, e de inferioridade, perante qualquer homem, quer seja da sua ou de outra etnia. O cristão do Lucula Zenze passou a rezar e a cantar na sua própria língua materna. Uma revolução sociocultural e sociorreligiosa foi feita. Os Cursos *Nova et Vetera* marcaram uma época, um povo e uma geração, a geração da década de 1970 do século XX, deste belo jardim do Lucula Zenze.

Os ensinamentos dos Cursos *Nova et Vetera* eram proclamados em todas as missas, na igreja matriz e nas capelas das aldeias. O povo da Missão do Lucula Zenze, na sua esmagadora maioria, escutava os ensinamentos dos Cursos *Nova et Vetera*. A proclamação dos seus ensinamentos e a exibição, nas missas, dos cantos em língua *Ibinda*, deram ânimo ao povo. Não eram poucos aqueles que, não sendo das aldeias da jurisdição da Missão do Lucula Zenze, iam, aos domingos, participar na Eucaristia. As missas na Missão do Lucula Zenze passaram a ser chamadas *Missas de Nova et Vetera*. Nós, como seminarista em estágio no Seminário de Cabinda, vimos cristãos a sair da cidade de Lândana (105 km), da cidade de Cabinda (75 km) e das diferentes localidades, como Chinga, Malembo, a deslocarem-se, aos domingos, para a Missão do Lucula Zenze e sem esquecermos aqueles que vinham de avião de Luanda (848 km)...

O depois! Passados cinquenta anos (1970-2020), a nossa grande preocupação é, precisamente, a da recuperação dos cursos para dar continuidade, para dar uma inovação, cruzando com outros saberes e aplicando outros métodos. Queremos recuperar estes cursos para dar maior vigência e maior amplitude. A Eucaristia é uma das dimensões fundamentais para uma verdadeira inculturação, em atitude de agradecimento, reconhecimento e projeção.

O Espírito de gratidão! Ao recuperarmos os Cursos *Nova et Vetera*, o nosso primeiro sentimento é de gratidão. Não podemos esconder a nossa alegria, ao refletirmos sobre os Cursos *Nova et Vetera*. Teríamos problemas de consciência moral senão o tivéssemos feito. No fim, regozijamo-nos por tê-lo tirado da poeira do esquecimento. Aqui ficam expressos os nossos agradecimentos ao padre Gabriel pela fundação dos Cursos *Nova et Vetera*.

O Espírito de reconhecimento! Ao agradecermos pela fundação dos cursos reconhecemos a importância dos cursos que, de facto, merecem toda a nossa apreciação religiosa, social, cultural, intelectual. O fundador já não existe, fisicamente. Porém, existe, espiritualmente, através da sua obra. Quando falamos da obra não excluimos o autor da obra. Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance a fim de publicar esta obra para o conhecimento das gerações vindouras. Este é o nosso voto no ato de reconhecimento.

O Espírito de projeção! Ao recuperarmos os Cursos *Nova et Vetera*, o nosso grande propósito é, exatamente, de darmos continuidade e maior amplitude dessa obra. Como recordamos sempre, dos Cursos *Nova et Vetera*, saudosisticamente, de hoje em diante, a partir de um estudo aprofundado, servirá como fonte de inspiração. O estudo permanente deste legado dos Cursos *Nova et Vetera*, escrito, estudado, aprofundado, será o melhor canal para não deturparmos o pensamento do autor.

Os Cursos *Nova et Vetera*, que formaram homens e mulheres, à luz da *Gaudium et spes*, *Populorum progressio*, *Ad gentes* e de muitos outros documentos, tanto dos Sumos Pontífices assim como do Vaticano II, que falam e apelam para a dignidade humana, não podem e nem devem ficar na poeira do esquecimento, por gerações, num tempo em que entramos na aldeia global com os potentíssimos meios de comunicação como a Rádio, a Televisão, a Internet...

Não nos restam dúvidas de que os Cursos *Nova et Vetera* serviram de impulso para a evangelização e inculturação da Liturgia, na nossa Igreja local da Missão do Lucula Zenze, hoje paróquia, na diocese de Cabinda. Os Cursos *Nova et Vetera* deram vida a uma Igreja local, acenderam a luz no fundo do túnel para uma Igreja africana em plena era colonial, levando o cristão à compreensão da mensagem trazida pelo Vaticano II e,

principalmente, fizeram a transição entre a missionação dos padres espiritanos europeus e a dos padres diocesanos africanos. Por esta razão, concluímos a nossa reflexão, dizendo que, assim como a «*Missão de Lândana foi o ponto de irradiação para a fundação das missões em Angola, a Missão do Lucula Zenze foi o ponto de irradiação da inculturação da Igreja através dos C. I. Nova et Vetera na diocese de Cabinda*».

A Missão continua a ser evangelizada pelos padres diocesanos. A esperança é enorme com a presença do ramo feminino das Irmãs Mercedárias da Caridade que, desde 2009, passaram a testemunhar o carisma feminino, nesta bendita terra do Lucula Zenze. A época, depois da guerra, é cheia de esperança, pelo aumento de obreiros da messe do Senhor com as ordenações sacerdotais e as profissões religiosas anualmente.

Os Cursos *Nova et Vetera*, amanhã, quando forem publicados em livro, meditados de geração em geração, duvidamos imenso do seu desaparecimento no seio do Povo de Cabinda, no seio dos amantes da sabedoria, no seio daqueles que reconhecem a verdade e a sabedoria de um povo. Os Cursos *Nova et Vetera* são um grande legado histórico da segunda evangelização (1970-2020).

O futuro dos Cursos *Nova et Vetera* está no sangue novo das novas gerações. A preocupação da Igreja pela formação dos leigos não é dos nossos dias e nem do Vaticano II. Vem dos tempos apostólicos, a partir do mandato do Senhor: *Ide por todo mundo. Pregai o Evangelho a todos os povos, a todas as criaturas, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Eu estarei convosco até ao fim dos tempos* (Mc 16,15). Portanto, a formação dos leigos é um capítulo importantíssimo para a inculturação da Igreja local de Cabinda. A inculturação, permitam-nos que o repitamos, é um capítulo permanente da evangelização.

Não somente a formação dos leigos, mas também a dos sacerdotes. O sacerdote formado em Filosofia, ao escrever sobre a *filosofia africana*, o sacerdote formado em Direito Canónico, ao dissertar sobre o *direito africano*, o sacerdote formado em Teologia Moral, ao refletir sobre a *moral africana*, o sacerdote formado em História, ao investigar sobre a *história africana*, o sacerdote formado em Ciências Religiosas ao investigar sobre a *religião tradicional africana*, etc., enfim, os sacerdotes de Cabinda, ao refletirem sobre as diversas disciplinas no âmbito africano, todos nós concorremos para a inculturação da Igreja local, consequentemente, para a Teologia da Inculturação.

O padre Adrien Ntabona, Secretário do Episcopado de Burundi e Professor na Universidade de Burundi, em Bujumbura, ajuda-nos a concluir o pensamento, desta forma:

A inculturação é realmente uma questão de séculos e deve ser sempre retomada para responder a novos apelos. O exemplo da Europa é típico nesse sentido. Os séculos que ele levou para alcançar a síntese medieval e o tempo que levou para

se adaptar à fundação em novos tempos são bastante expressivos sobre esse assunto.⁴⁸⁴

Os Cursos *Nova et Vetera* formaram, evangelizaram, deram fruto reconhecido pelos participantes. Um dos frutos, dos mais significativos, que colhemos nesta reflexão foi o da histórica receção do Vaticano II. O percurso que fizemos demonstra claramente que os Cursos *Nova et Vetera* estiveram na base da receção do Vaticano II, sem qualquer sombra de dúvida. Transmitiram as orientações do Vaticano II, na celebração da Eucaristia, na introdução de inovações na Eucaristia, enfim, na assimilação das lições do Vaticano II.

As bodas de prata foram comemoradas, no clima de guerra civil, em Cabinda (1975-1995). O fundador, com um punhado de colaboradores, tudo fez para não apagar a torcida que fumeja.

As bodas de ouro foram comemoradas, no clima da Covid-19 (1995-2020), cujas circunstâncias não foram favoráveis para a comemoração de um evento a nível local. Dentre alguns sobreviventes dos participantes dos Cursos *Nova et Vetera*, muitos prece-deram-nos na eternidade. Outros ainda continuam no mundo dos vivos. São numerosos aqueles que lamentam por não se ter feito nada, depois da morte do fundador. Porém, o desejo manifestado por vários, a fim de fazermos algo foi muito significativo. Malgrado todas as dificuldades e todos os obstáculos, o Jubileu dos Cursos *Nova et Vetera* interpelou-nos e continua a interpelar-nos para uma continuidade na linha da inculturação. O veemente desejo de publicar uma edição para servir de inspiração às novas gerações é a principal batalha que temos em mente, logo depois de concluirmos este trabalho.

Os Cursos *Nova et Vetera* podem corresponder aos ideais da Sua Santidade, o Papa Francisco, quando afirma que nós, os cristãos, devemos «ir às periferias existenciais da nossa diocese, onde há sofrimento, solidão e degredo humano» (EG, 64).

Os Cursos *Nova et Vetera* podem ainda ser equiparados ao convite do Papa Francisco, quando aponta para uma Igreja em saída missionária (EN, 20).

Os Cursos *Nova et Vetera*, sem nenhuma sombra de dúvida, são uma espécie de um precioso legado dos nossos antepassados na fé, que nós, os sobreviventes desta história que está a desaparecer no silêncio daqueles que descem ao túmulo, devemos transmitir aos novos, como São Paulo afirmou aos Coríntios: «Transmito o que recebi» (1Cor 15).

⁴⁸⁴ Adrien Ntabona, «Les impératifs de l'inculturation integrative: le cas du Burundi», in *Quelle Église pour l'Afrique du Troisième Millénaire? Contribution au Synode Spécial des Évêques pour l'Afrique*. Actes de la Dix-huitième Semaine Théologique de Kinshasa du 21 au 27 Avril 1991. Ouvrage publié avec le concours de la Fondation *Evangelii Nuntiandi* in Africa (Kinsahasa: Facultés Catholiques de Kinshasa, 1991), 185. (Tradução própria.)

Os Cursos *Nova et Vetera* foram e continuarão a ser, na história da Igreja de Cabinda, um modelo de evangelização, a partir da cultura local. Os aspetos histórico-ecclesiais servirão de diálogo permanente com as novas gerações. Os seus métodos de evangelização e de construção de uma sociedade podem ser considerados como uma autêntica escola, entre a Igreja e a sociedade atual, profundamente enraizada na tecnologia (rádio, televisão, internet, dvd, vídeos...).

A grande perspetiva é a fidelidade às fontes, a metodologia enraizada na cultura e a conexão entre o passado e o presente, rumo ao futuro, a fim de não perder e nem deturpar o verdadeiro significado desses cursos que entraram, desde a primeira hora, na história da Igreja da Missão do Lucula Zenze, hoje integrada na diocese de Cabinda, a caminho permanente de uma verdadeira inculturação mergulhada nas virtudes evangélicas e nas orientações dos Sumos Pontífices.

A grande perspetiva é a de promover o autodesenvolvimento, a confiança em nós próprios e nas nossas aptidões para promover uma alfabetização das pessoas que perderam o comboio de educação, principalmente, para as pessoas que carecem de formação.

6.6. Fundamentos teológicos duma Igreja local inculturada

É um facto religioso, histórico e cultural, quer queiramos quer não, que não podemos negar e nem apagar dos anais da história da Igreja de Cabinda. A partir das orientações do Vaticano II, o povo do Lucula Zenze, em particular, e o da diocese de Cabinda, em geral, passou ouvir a Palavra de Deus em *Ibinda*, a rezar em *Ibinda*, a cantar em *Ibinda*, a ouvir a homilia em *Ibinda*. É nosso veemente desejo concluir o nosso tema com os fundamentos teológicos de uma igreja local inculturada. Monsenhor Monsengwo Pasinya, mais tarde, Cardeal, sintetizou-os em sete pontos principais.

A inculturação é uma consequência da encarnação do Verbo. Em todas as épocas, a Palavra de Deus deve passar pelo condicionamento de um ambiente humano, ao mesmo tempo em que denuncia seu pecado.

A inculturação é uma exigência da catolicidade e da unidade da Igreja. Isso só será através da integração da multiplicidade de particularidades.

A inculturação é uma exigência da transcendência da mensagem. Porque nenhuma cultura pode esgotar a riqueza da mensagem que pode tomar forma em cada uma.

A inculturação é uma exigência da Revelação. A revelação é sempre histórica, exigindo uma atualização em cada época.

A inculturação é uma exigência epistemológica da mensagem. No sentido de que a mensagem é tecida a partir da contribuição de diferentes culturas. A história bíblica é um belo exemplo de interculturalidade.

A inculturação é uma exigência do carácter escatológico da mensagem. A Igreja nunca terminou de descobrir o mistério impenetrável de Cristo (Ep. 3,8).

A contribuição de todas as culturas é necessária para a explicação, inteligência e compreensão plena da mensagem.

A inculturação é uma exigência da missão como um todo. Foi vivida de forma incoativa pelas melhores testemunhas do Evangelho nos novos mundos «descobertos» desde o século XVI.

A contribuição decisiva dessa problemática é levar a sério a cultura, no sentido global que essa palavra adquiriu hoje na antropologia, expressando o modo de vida de um determinado grupo social. «É ao nível da sua cultura que um povo morre, envelhece durante séculos ou renasce. E é finalmente ao nível da sua cultura, isto é, ao nível da interpretação do mundo por um povo, que surge o problema do desenvolvimento e da salvação.» Não há amputação antes da evangelização. A Palavra de Deus chega ao africano onde ele está. A verdadeira pedra de espera é o povo-em-sua-cultura, em todas as suas estruturas simbólicas.

A inculturação sublinha também o papel central da Igreja local: o primeiro sujeito da inculturação não é a Igreja em geral, mas a comunidade cristã concreta, num determinado lugar, numa determinada cultura.⁴⁸⁵

A partir da meditação da Palavra de Deus, tendo em consideração as orientações do Vaticano II, dos Sumos Pontífices, nas encíclicas, cartas e exortações apostólicas e, a terminar, com as reflexões teológicas, envidamos todos os esforços para reconhecermos os fundamentos teológicos da uma igreja local inculturada:

6.6.1. Uma Igreja local inculturada sob o impulso do Espírito Santo

A Igreja local inculturada sem o Espírito Santo não existe e não pôde persistir. O verdadeiro e o grande impulsionador, numa igreja local inculturada, é o Espírito Santo, consoante podemos não somente ler, mas confirmar, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Africae munus*, do Santo Padre Bento XVI, ao Episcopado, ao Clero, às Pessoas Consagradas e aos Fiéis Leigos, sobre a Igreja na África, ao Serviço da Reconciliação da Justiça e da Paz: «Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do Mundo!» (Mt 5,13-14).

Entretanto convém não esquecer que o autêntico protagonista da inculturação é o Espírito Santo. É Ele que «preside de modo fecundo ao diálogo entre a Palavra de Deus, que se revelou em Cristo, e as solicitações mais profundas que brotam da multiplicidade das pessoas e das culturas. Continua assim, na história, o evento do Pentecostes que se enriquece através da diversidade das linguagens e das culturas na unidade duma única e mesma fé». O Espírito Santo faz com que o Evangelho seja capaz de impregnar todas as culturas, sem se deixar subjugar por nenhuma. Os bispos terão a peito vigiar sobre esta exigência de inculturação no respeito das normas estabelecidas pela Igreja. Discernir os elementos culturais e as tradições que são contrários ao Evangelho tornará possível separar o trigo bom do joio (cf. Mt 13,26). Assim o cristianismo, embora permanecendo plenamente o que é, na fidelidade absoluta ao anúncio evangélico e à tradição eclesial, revestirá a fisionomia de inumeráveis culturas e dos povos onde for acolhido e lançar raízes. Então a Igreja tornar-se-á um ícone do futuro que o Espírito de Deus nos prepara, ícone para o qual a África dará a sua própria contribuição. Nesta actividade de inculturação, convém não esquecer a tarefa – também esta essencial – da evangelização do mundo da cultura contemporânea africana. (AM, 37.)

⁴⁸⁵ Bruno Chenu, *Théologies Chrétiennes des Tiers Mondes* (Paris: Éditions du Centurion, 1987), 144-145. (Tradução própria.)

As palavras do Papa Bento XVI não necessitam de mais comentários da nossa parte. São suficientes para a compreensão de que uma igreja local inculturada deve viver e implorar a descida do Espírito Santo. Os padres diocesanos na Missão do Lucula Zenze trabalharam e imploraram sempre, nas suas orações, a presença do Espírito. Aqui está o cântico que o povo cantou e canta inúmeras vezes:

Spiritu Santu kuluka buinji utusadisa.

Utuvana mangolo maku tusikimina munzambi!

Tradução: *Espírito Santo, descei sobre nós para nos ajudar (santificar).*

Dai-nos a tua força para ficarmos firmes no Senhor nosso Deus!

6.6.2. Uma Igreja local inculturada em comunhão com Pedro

Para explicarmos bem uma igreja local inculturada com Pedro basta, simplesmente, recorrermos à Palavra de Deus, na Sagrada Escritura:

Jesus chegou à região de Cesareia de Filipe e perguntou aos seus discípulos: «Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?» Alguns dizem que é João Baptista; outros dizem que é Elias; outros ainda, que é Jeremias ou algum dos profetas.» Então Jesus perguntou-lhes: «E vós, quem dizeis que Eu sou? Simão Pedro respondeu: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo.» Jesus disse: «És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi um ser humano que te revelou isso, mas o meu Pai que está no Céu. Por isso, Eu te digo: tu és Pedro, e sobre esta pedra construirei a minha Igreja, e o poder da morte nunca poderá vencê-la.» (Mt 16,13-19.)

A própria pergunta nos coloca, de início, num ponto de vista humano, focalizando a sua natureza humana. De facto, Jesus era tido pelo povo como um homem de Deus, comparado mesmo aos maiores profetas. A resposta de Pedro, porém, abre-nos os horizontes, para irmos além e reconhecermos a Sua natureza divina: «Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo.» Podemos precisar mais: Tu és o Cristo, o Ungido, o Eleito de Deus, o Filho do Altíssimo, o nosso Salvador. E, em Cristo, todos nós fomos batizados e ungidos e somos eleitos de Deus. Unimo-nos a Jesus e, pela fé, manifestada em nossas obras, somos salvos. Senhor Jesus, eu professo e creio que vós sois o Cristo, o Filho do Deus vivo. Vós sois meu Senhor e meu Salvador.»

A confissão de fé de Pedro é como uma rocha, Jesus afirma que, sobre esta rocha, construirá a Sua Igreja. O Apóstolo Pedro, pela sua profissão, ocupa um lugar especial na Igreja fundada por Jesus. Ele representa todos os demais Apóstolos e, portanto, fala em nome de todos. Exerce, assim, a função essencial à Igreja, a de ser sinal visível de unidade. Mais tarde, esclarecendo ainda mais esta função, o próprio Senhor irá ordenar-lhe que confirme os irmãos na fé. A Igreja atravessa os séculos e perpetua-se na história, assim como a função de Pedro através de seus sucessores. Hoje, sinal de unidade visível e confirmando os irmãos na fé e na prática da fé, temos o Papa Francisco, um sacerdote com

formação jesuíta e com uma grande espiritualidade franciscana, a ponto de optar pelo nome Francisco, o primeiro na história da Igreja com este nome. É desta igreja local inculturada com Pedro de que nós temos de rezar e implementar e não uma Igreja de simples luta pelo poder. A Igreja não é nossa. A Igreja é de Jesus Cristo. Nós não passamos de servos inúteis (cf. Lc 17,10). Os padres diocesanos trabalharam em união com o prelado que, na altura, estava em Luanda (848 km). Confirmaram o ditado latino «*Nihil sine episcopus*». Os padres diocesanos, na Missão do Lucula Zenze, estiveram sempre em união com o seu bispo, residente em Luanda, e nunca foram padres autocéfalos.

6.6.3. Uma Igreja local inculturada reconciliada e reconciliadora

A fim de compreendermos uma Igreja reconciliada e reconciliadora, nós recorremos à nossa cultura tradicional dos Povos de Cabinda. Na cultura tradicional dos Povos de Cabinda há uma cerimónia de reconciliação chamada «*Tufiabasiana*», que quer dizer «*Reconciliemo-nos*». Qual é o significado desta cerimónia e como é feita? Começamos com um caso concreto. Antigamente, quando uma pessoa estava doente, todos os membros da família, da parte paterna e materna, reuniam-se na casa do doente ou na casa do chefe da família com o doente. Todos faziam uma confissão pública. Um, por exemplo, dizia que não estava em boas relações com este seu irmão, que agora estava acamado, por este ou aquele motivo. Um outro, por exemplo dizia, que, desde tal data ou mês passado, não falava com o seu irmão doente, por estas e aquelas razões. E enumerava-as. Um terceiro, por exemplo, dizia que, por causa de um desentendimento no casamento da filha ou do sobrinho, ficara desgostoso, por causa dessa ou aquela atitude do seu irmão, agora prostrado na cama. E assim por diante... Todos os membros da família faziam a confissão pública, com toda a sinceridade e honestidade, tendo em vista a cura do membro de família adoentado. No fim da confissão pública, pediam aos antepassados que intercedessem, perante Deus, a fim de que o doente da família recobrasse o precioso dom da saúde. São numerosos os casos de pessoas e famílias desavindas, que os padres diocesanos, a partir dos conselhos bíblicos e da Palavra de Deus, reconciliaram na paz de Cristo.

D. Joaquim Mbadu Kikhela (1932-2018), Bispo de Boma *Mapa n. 6*, p. 13, Anexos), apresentou no Pontifício Ateneo Anselmianum de Roma a sua tese sobre a *Reconciliação Tradicional Yombe*. O mesmo tem acontecido connosco entre os Cabindenses. A reconciliação tradicional é uma grande terapia social, comunitária e familiar, para criar boas relações entre os familiares. Na Teologia da Inculturação, este é um dos preciosos temas que devemos estudar para melhor a pôr em prática a Teologia da Inculturação.

É nesta linha que nós concebemos e falamos duma Igreja local reconciliada e reconciliadora que exige uma renovação, uma revitalização, uma revisão das estruturas, das mentes e, principalmente, das mentalidades. São Tomás de Aquino ajuda-nos a completar o pensamento, nestas seguintes palavras:

Ut nova sint omnia: corda, voces et opera: vetustatem novitas, umbram fugat veritas, noctem lux eliminat. (Que tudo seja novo [e renovado]: os corações, as vozes, as vozes (palavras) e obras para que a novidade afugente a antiguidade, a verdade, a sombra e a luz dissipe a noite).⁴⁸⁶

As palavras de São Tomás de Aquino, que nós encontramos no livro de padre Gerardo Namolo, não precisam de mais comentários para explicar o que é uma igreja local reconciliada e reconciliadora. Os padres diocesanos na Missão do Lucula Zenze trabalharam pela reconciliação de famílias ou pessoas desavindas.

6.6.4. Uma Igreja local inculturada, acolhedora e misericordiosa

A Missão do Lucula Zenze, praticamente desde a fundação, foi e é casa do bom samaritano.

1.º A Missão acolheu os missionários, os padres, os irmãos e vários leigos de nacionalidade belga que nela procuraram refúgio, por causa dos distúrbios causados aquando da proclamação da independência na vizinha República Democrática do Congo, em junho de 1960.

2.º Os soldados portugueses abrigaram-se na Missão, depois da eclosão da guerra, a 12 de abril de 1961, na povoação da Makhama Nzila, a 2 km do Posto Administrativo de Tando Zinze.

3.º Os numerosos visitantes de ambas as fronteiras, de passagem para a cidade de Cabinda, tiveram sempre abrigo na Missão.

4.º A Missão, na pessoa do padre Henrique Gross, na altura seu Superior, acolheu o menino Eduardo André Muaca, que ficou órfão de pai e mãe, na tenra idade de apenas seis anos. Como o menino Muaca são numerosos os meninos órfãos desconhecidos e conhecidos que foram acolhidos na Missão.

A partir destes factos históricos, uma Igreja local inculturada é uma igreja que está sempre com as portas abertas para receber todo aquele irmão, venha ele donde vier, como o bom samaritano acolheu o moribundo (Lc 10,25-38).

⁴⁸⁶ Gerardo Namolo (Hatwikulipi), *Breve Historial sobre o Rosto Evangélico da Igreja Local*, Arquidiocese do Lubango, Angola, 1955-2012 (Prior Velho: Paulinas Editora, 2012), 34.

É nessa linha e nesse espírito do bom samaritano que insistimos numa Igreja local inculturada e acolhedora. Nos nossos dias, são numerosos os congolese da República Democrática do Congo que, a caminho da cidade de Cabinda (75 km), encontram abrigo do bom samaritano, nesta benemérita Missão.

O padre Gabriel confidenciou-nos que, em plena era colonial, mesmo com o aperto da vigilância da PIDE, transformaram Cabinda no corredor de transição de angolanos de Luanda para ingressarem nas fileiras do MPLA, no Congo-Brazzaville. Alguns eram albergados, primeiro, no Seminário de Cabinda, e, de seguida, na Missão do Lucula Zenze, a fim de atravessarem a fronteira.

Cristo foi enviado pelo Pai a anunciar aos pobres a Boa-Nova (...) a curar os contritos de coração (Lc 4,16) (...) e a procurar e salvar o que estava perdido (Lc 19,10). De igual modo, a Igreja envolve com o seu amor todos os que estão aflitos pela debilidade humana, pois ela reconhece nos pobres e nos sofredores a imagem Daquele que a fundou e que foi, Ele mesmo, pobre e sofredor, procura aliviar as suas necessidades e intenta, neles, servir a Cristo (LG, 8).

6.6.5. Uma Igreja local inculturada e evangelizadora

Nas estatísticas da Missão do Lucula Zenze, afirmamos que é a missão mais pequena em superfície (750 km²), porém, é a missão com maior número de sacerdotes, na atual diocese de Cabinda. A maioria dos sacerdotes são diocesanos e cinco são religiosos (três espiritanos, um dominicano e um capuchinho).

Devemos também destacar que a Missão do Lucula Zenze, com a hemorragia do meio rural para o centro urbano, contribui com leigos desta Missão para o belíssimo testemunho cristão, nas paróquias do centro urbano da cidade de Cabinda (*Tchiowa*). Alguns desempenham as funções de presidência do Conselho Paroquial, outros de simples membros do Conselho Paroquial, outros ainda são catequistas e numerosos dirigem os grupos corais. Na sua esmagadora maioria foram membros do grupo coral fundado pelo padre Gabriel – «*Bana Bavuvu Kietu*» (*Filhos da nossa esperança*) – e outros, consoante se têm apresentado, receberam formação nos Cursos *Nova et Vetera*. É esse espírito que continua na igreja local, inculturada e evangelizadora da Missão do Lucula Zenze.

6.6.6. Uma Igreja local inculturada na língua vernácula

Para uma igreja local inculturada, na língua vernácula, não necessitamos somente de linguistas mas também de numerosos escritos sobre a língua, porque com os escritos podemos fazer maior divulgação da língua e torná-la mais conhecida. Quanto mais obras houver, melhor. O professor Abeng Nazaire do Instituto Católico da Yaundé dos Camarões, acerca do problema da língua, ajuda-nos nesta reflexão da seguinte maneira:

A diversidade de línguas é simultaneamente um sinal e um produto da diversidade de culturas. Isidoro de Sevilha já dizia que «há tantos povos ou nações como há diversas línguas».

O meio mais apropriado para um povo preservar, desenvolver e afirmar a sua identidade, a sua fé e a sua cultura é a língua, como o demonstram vários exemplos na história da Igreja primitiva. O próprio Jesus Cristo nasceu e viveu como judeu, no meio dos judeus, um povo que não só tinha perdido a sua independência política, como tinha reduzido a sua língua nacional, o hebraico, a uma linguagem meramente litúrgica e teológica. Foi através da fé judaica baseada na observância da lei, a Torá divina, e através da casta sacerdotal que a identidade cultural foi preservada. Jesus em vida proclamou a sua fidelidade à tradição do seu povo: «Não vim para abolir a Lei ou os Profetas; não vim para abolir, mas para cumprir.»⁴⁸⁷

Para nós, cabindenses, à medida que formos escrevendo e traduzindo a Bíblia e os livros litúrgicos, caminhamos na perspetiva de uma verdadeira Igreja local inculturada na língua vernácula. A marcha iniciou. Os sucessores deverão prosseguir com a continuação do capítulo.

6.6.7. Uma Igreja local inculturada, participada e participativa

Numa Igreja local, inculturada, participada e participativa, exige de todos e acima de tudo de assumir a evangelização consoante o Papa João Paulo II nos recorda e insiste na *Ecclesia in África*:

Igreja que se evangeliza por uma conversão e uma renovação constante, a fim de evangelizar o mundo com credibilidade (EA, 47).

A participação ativa e consciente no seio da Igreja é primordial, primeiro, como um dever e, segundo, como um direito. O cristão deve fazer tudo para que possa ser uma participação efetiva e afetiva e não um cristão como simples número da estatística, mas um cristão que vive em comunhão com a Igreja e na comunhão da Igreja.

Os padres diocesanos nunca faltaram a nenhum evento, a nível local e a nível diocesano ou interdiocesano. Em comunhão com o Bispo e a Conferência Episcopal de Angola e São Tomé, procuraram viver em união com a Igreja de Miconje ao Yema, de Masabi ao Lucula Zenze, até Roma.

6.6.8. Uma Igreja local inculturada despida do fanatismo

Uma Igreja local inculturada deve despir-se de todo o fanatismo, de toda a confusão e de toda a alienação. Tanto no campo religioso como no político, as consequências, na repercussão das mensagens são graves. Os fanatismos religiosos levam a comportamentos

⁴⁸⁷ Nazaire B. Abeng, «La Pastorale de la Famille. L'Inculturation – L'Ecclésiologie. Après le Synode des Évêques pour l'Afrique», em *Revue Africaine de Théologie*, vol. 18, n.º 35, Avril 1994, 55-56. (Tradução própria.)

destruidores das pessoas na sociedade. É nesta linha de ideias que os Padres Sinodais afirmam sem qualquer sombra de dúvida:

O profundo interesse por uma inculturação verdadeira e equilibrada do Evangelho se torna necessário para evitar a confusão e a alienação na nossa sociedade, a braços com uma rápida evolução (EA, 48).

O fanatismo cega o homem para não ver a verdade, para não reconhecer os seus próprios erros, a sua própria arrogância e, principalmente, o seu orgulho e a sua vaidade. O homem fanático nunca constrói a sociedade ao contrário é um autêntico destruidor daquilo que os outros construíram com tanta paciência e perseverança.

O padre Gabriel inúmeras vezes repreendeu em público, nas homilias, o espírito do fanatismo, fonte de graves problemas, tanto de ordem religiosa como política. Era aqui, então, que ele repetia: «*Evangelizar a política sim. Politizar o Evangelho, não.*»

Acerca da política na Igreja, Bernard Fansaka, da diocese de Kenge (República Democrática do Congo), precisou a problemática da seguinte maneira:

A Igreja se engaja na política, mas à sua maneira, no sentido de que, por um lado, por meio de seu magistério e de sua doutrina social, contribui para identificar os elementos integrantes do projeto de uma sociedade de nações e para definir os regras que desempenham na política, especialmente no que diz respeito ao aspecto ético e moral, e, por outro lado, graças à variedade de ministérios e serviços, tarefas, papéis e responsabilidades de seus fiéis nos diversos sectores da vida das nações, contribui organicamente e por meio de instituições para a promoção do bem comum. Esta contribuição, a comunidade cristã traz em solidariedade eclesial, isto é, no pleno respeito da missão específica de cada categoria dos membros do povo de Deus.⁴⁸⁸

6.6.9. Uma Igreja local inculturada, expurgada do folclore

Para melhor abordarmos o precioso tema da inculturação, expurgada do folclore, é deveras necessário distinguir muito bem o que é a inculturação, o que é a cultura e o que é o folclore. Neste belo caminho de investigação, A. A. Roest Crolius, sacerdote jesuíta, professor de Missiologia, na Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma, na sua reflexão sobre a «Inculturação» escreveu:

No processo de inculturação, dois aspectos devem ser distinguidos: o tornar--se presente da Igreja na cultura de seu povo e a renovação, por meio de uma transformação interior, dos autênticos valores culturais do povo em contato com a verdade e vida cristã. Trata-se aqui de um único processo, que tem duas vertentes de «intencionalidade» opostas: uma é responsável por enraizar-se na Igreja; por outro, a renovação da cultura. O primeiro aspeto diz respeito mais directamente à realidade histórica da Igreja, o segundo à realidade cultural de seu povo. A primeira tem, em certo sentido, a função de «meio» para a segunda, mas é igualmente verdade que, sem uma cultura que comece a manifestar mais claramente a glória da liberdade dos filhos de Deus, será

⁴⁸⁹ Bernard Fansaka, «Mgr. L. Monsengwo Pasinya et la théorie d'une inculturation dynamique enracinée dans la révélation», in *Nouvelle Revue Théologique*, 123, n.º 1, Janvier-Février (2001), 54. (Tradução própria.)

difícil para a Igreja para encontrar um terreno, para criar raízes. Pode-se dizer que esses dois dinamismos no mesmo e idêntico processo são contemporâneos.⁴⁸⁹

A citação do estudo feito pelo padre jesuíta, Roest Crollius, sobre a inculturação é clara e não necessita de mais explicações. Depois desta reflexão sobre a clarificação do que é a inculturação, procuremos compreender um tanto quanto, aprofundadamente, o que é a cultura de um povo e como discernir o valor cultural de um determinado povo.

A cultura é compreendida como os comportamentos, tradições e conhecimentos de um determinado grupo social, incluindo a língua, as comidas típicas, as religiões, música local, artes, vestimenta, entre inúmeros outros aspectos.

Para as ciências sociais (entre elas, a Sociologia e Antropologia), cultura é uma rede de compartilhamento de símbolos, significados e valores de um grupo ou sociedade. São formados artificialmente pelo homem, ou seja, de uma maneira não natural.

A origem da palavra cultura vem do termo em latim *colere*, que significa cuidar, cultivar e crescer. Por isso, o termo também está associado a outras palavras, como a agricultura, que trata do cultivo e crescimento das plantações.

Os elementos que compõem uma cultura são compartilhados pelos membros da sociedade, criando-se, assim, uma identidade cultural.⁴⁹⁰

Depois deste esclarecimento, vamos prosseguir com a nossa investigação, no sentido mais rigoroso, a fim de sabermos o que é o folclore?

«Folclore é o conjunto das produções culturais não materiais (crenças, ritos, lendas, festas, etc.) das sociedades sem escrita ou das sociedades rústicas. O vocabulário foi criado para designar as tradições populares.» «Folclore é o conjunto das tradições de um povo, de uma região. Folclore é ainda a manifestação de pitoresco superficial.»⁴⁹¹

Mais à frente, encontramos a seguinte definição ainda sobre a folclore:

Folclore é o conjunto de tradições e manifestações populares constituído por lendas, mitos, provérbios, danças e costumes que são passados de geração em geração.

A palavra tem origem no inglês, em que «*folklore*» significa sabedoria popular. A palavra é formada pela junção de *folk* (povo) e *lore* (sabedoria ou conhecimento).

O folclore é o conjunto de expressões e manifestações culturais que simboliza a cultura popular e apresenta grande importância na identidade de um povo, de uma nação. A tradição folclórica é transmitida através das gerações.⁴⁹²

O renomado teólogo, Jean-Marc Ela, a propósito do tema do folclore escreve:

Sem dúvida, devemos evitar o risco de nos jogarmos no folclore, de assimilar o cristianismo e o exotismo africano, especialmente porque o Ocidente, sem fôlego, espera muito das jovens Igrejas pela renovação do simbolismo cristão.⁴⁹³

⁴⁸⁹ A. A. Roest Crollius, sj, «Inculturazione», in *Dizionario di Missiologia* (Bologna: Edizioni Dehoniane, 1993), 282. (Tradução própria.)

⁴⁹⁰ <https://qualquerresposta.com/quando-e-onde-surgiu-a-cultura/> (Informação colhida no dia 6 de maio de 2022.)

⁴⁹¹ *Enciclopédia Larousse* (Porto: Círculo de Leitores, Temas e Debates, 2007), 3071.

⁴⁹² <https://qualquerresposta.com/quando-e-onde-surgiu-a-cultura/> (Informação colhida no dia 6 de maio de 2022.)

⁴⁹³ Jean-Marc Ela, *Le Cri de l'homme africain, Questions aux chrétiens et aux église d'Afrique* (Paris: Librairie-Éditions l'Hamartan, 1980), 143. (Tradução própria.)

Com todas estas definições sobre o que é o folclore, podemos dissertar para distinguir o que é o valor cultural de um povo, reconhecido, não somente, por uma pessoa, mas sim pelo consenso de todo o povo e o que é uma manifestação folclórica. É aqui que todo o investigador tem uma batata quente em mãos, a fim de identificar a diferença.

É nesta linha de ideias que destacamos que a Igreja não é uma passarela de modas e danças para os homens e para as mulheres, para os jovens, para as raparigas exibirem as suas roupas, as suas vestes, os seus casacos de moda. Todos os cristãos devem entrar na Igreja ou na Capela, por mais rústica, que seja, decentemente vestidos. A Igreja ou a Capela é a casa de oração (Lc 19,45-48 e Mt 21,23). Uma Igreja local inculturada é aquela que estuda os usos e costumes, para distinguir o que é sagrado do que é profano, para diferenciar o que é valor cultural do que é uma manifestação folclórica, a fim de evitar todo o folclore na Igreja, como se estivéssemos no desfile de carnaval.

Partindo deste exemplo do vestuário, podemos também avançar, na nossa investigação, sobre qualquer valor cultural dos Povos de Cabinda, que desejamos integrar na liturgia. Foi este o cavalo de batalha, nos Cursos *Nova et Vetera*. Não ao folclore, não ao exibicionismo. O padre Gabriel preocupou-se imenso com este tema de evitar o folclore. Lia os documentos do Vaticano II, principalmente, no nosso caso, a Constituição sobre a Sagrada Liturgia. Reunia com os anciãos e as anciãs, que conhecem as nossas tradições culturais. Depois de ouvir a opinião deles, é que submetia à aprovação da autoridade eclesiástica, explicando o significado de tal costume, na cultura dos povos de Cabinda. Com estas investigações, nós procurámos precaver que a nossa liturgia fosse expurgada de folclore no campo teológico, litúrgico, pastoral e ético.

O problema, que subsiste, é o facto de termos sete etnias: *bawoyo*, *bakwakongo*, *bavili*, *bakoci*, *balinji*, *bassundi* e *bayombe*. E nós, os sacerdotes, oriundos de diferentes etnias, devemos ter a santa humildade, por que a nossa etnia não seja a única, a fim de sabermos observar e reconhecer os valores culturais das outras. Com estas reflexões sobre os verdadeiros valores da nossa cultura, aprovados pelos homens e mulheres, que melhor conhecem as nossas tradições, evitaremos o folclore na nossa liturgia, e, desta maneira, teremos uma inculturação expurgada de folclore, aplicando os princípios da inculturação judeo-cristã.

6.6.10. Uma Igreja local inculturada comprometida na promoção humana

Os missionários construíram missões em plenas savanas ou florestas, transformando-as em lugar de habitação. Edificaram colégios, institutos e escolas de artes e ofícios, onde formaram numerosos quadros, que prestaram valiosos serviços na função

pública, na era colonial e na era pós-colonial. É esta missão, que devemos continuar nas paróquias, que estão a ser fundadas, a fim de serem lugares de promoção social para a formação dos cristãos, no campo religioso, cultural, social, económico...

O cristão é um homem que sempre deve lutar pelo progresso, pois Cristo não chamou preguiçosos para trabalhar na sua messe. Chamou homens que se encontravam em plena atividade de lavoura. Chamou homens que foram pescadores, que ele transformou em pescadores de homens, como pregadores da Palavra de Deus, mensageiros de Deus e que enviou como cordeiros no meio de lobos. «Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos; portanto, sede prudentes como as serpentes e simplices como as pombas» (Mt 10,16-17).

O padre Gabriel, em várias homilias, sempre teve como tema que Cristo não veio para ficarmos e continuarmos a viver na miséria. Devemos lutar para melhorar as nossas condições de vida, as nossas habitações, através do trabalho e entoando sempre o cântico que transformou como hino do trabalho «*Kioso salu sadidi kiau epi wala fitulu*» (tradução: *Qualquer trabalho que fizeres é por este trabalho que serás recompensado*).

6.6.11. Uma Igreja local inculturada contra a duplicidade

Na Igreja local inculturada, contra a duplicidade, atacamos todos aqueles que não são sinceros consigo próprios e com Deus, que são duplos. Na epístola de S. João lemos:

Para sabermos se conhecemos a Deus, basta ver se cumprimos os seus mandamentos. Quem diz que conhece a Deus, mas não cumpre os seus mandamentos, é um mentiroso, e a Verdade não está nele. Por outro lado, o amor de Deus realiza-se de facto com quem observa a Palavra de Deus. É assim que reconhecemos que estamos com Ele: quem diz que está com Deus deve comportar-se como Jesus. Se comportou (1Jo 2,3-7).

Nesta primeira Epístola de São João, não temos nenhuma parábola que peça uma explicação. A linguagem é clara como a água. Aqui não encontramos um lugar de esconderijo, pois, ou aceitamos viver segundo a mensagem de Cristo ou não aceitamos. Nós, os cabindenses, e também os outros cristãos, ou aceitamos ou não. Aqui, temos a oração disjuntiva, que aprendemos na gramática: ou és católico ou não és católico. Aqui não há meio termo, onde fixar-se. No Salmo 12, lemos e rezamos:

Salva-nos, Senhor, que se acabaram os justos; a lealdade desapareceu de entre os humanos; é falsidade o que eles tratam uns com os outros; falam com os lábios e duplicidade no coração.

Todo o Salmo 12 é contra os ímpios. E não é somente o Salmo 12. O Salmo 119,13 rima na mesma linha: «Aborreço a duplicidade, mas amo a tua lei.»

O termo duplicidade designa a falsidade, o fingimento. Seja com falsidade, seja com fingimento, não conseguiremos vencer os vícios, as hipocrisias, as mentiras. Todos os vícios só serão vencidos com a virtude, e a virtude só se alcança com a lealdade, oração e prática das boas obras.

Tomemos o caso da semente. Em Deuterónimo, lemos:

Não semearás a tua vinha de diferentes espécies de sementes, para que se não profane o fruto da semente que semeares e a novidade da vinha (Dt 29,10).

O exemplo da semente é fortíssimo. Como poderíamos semear, na mesma cova, soja, milho, feijão, abóbora, gengibre, ginguba... Nenhuma dessas sementes germinaria. É aqui que São Mateus nos afirma:

Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou há-de odiar um e amar o outro ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom (Mt 6,24).

Na nossa cultura africana há provérbios justamente para atacar a mentalidade da duplicidade. Há um passarinho na floresta de Cabinda que, ao voar, quando abre as asas, as penas são *vermelhinhas* e, quando poisa no ramo duma árvore, todo ele apresenta as penas de cima completamente de cor negra, muito bem *escurinhas*. Este é um dos melhores exemplos que temos para atacar a mentalidade do homem duplo. E há muitos provérbios. O problema é estudá-los e conhecê-los muito bem para sabermos atacar como o caçador que aponta a uma fera. Os provérbios, principalmente para nós, os da tradição oral, atacam, diretamente, tanto para desmascarar o homem duplo, como para desmascarar o mentiroso, o ladrão, etc... É desta maneira que devemos trabalhar para uma Igreja local, inculturada, contra a duplicidade.

Podemos recorrer também à sabedoria portuguesa expressa nos provérbios. Por exemplo este: «*Quem cabritos vende e cabras não tem, de algum lado lhe vem.*» Aqui, o ladrão, o duplo, não tem como esquivar-se. «*Quem do alheio veste, na praça o despe.*» Porém, não é para todos, os provérbios. Portanto, a inculturação é um estudo permanente de um povo para o outro povo. Foi a batalha permanente, nos Cursos *Nova et Vetera*, para denunciar a duplicidade, a falsidade e tudo aquilo que não é próprio de um autêntico cristão.

Aqui, não para repetir, mas simplesmente para recordar, as três situações do homem de *Nova et Vetera*: o homem da *situação 1* (o homem firme, o profeta); o homem da *situação 2* (o homem duplo), designado camaleão (*lunguenya*), na cultura dos povos de Cabinda; o homem da *situação 3* (o homem catavento), o homem sem nenhuma posição e sem definição...

6.6.12. *Uma Igreja local inculturada contra o tribalismo*

Aqui está o tema difícil, diríamos mesmo um tema doloroso e espinhoso. O problema fundamental é o conceito de etnia. Na nossa África, cada etnia considera-se superior a outra. Cada etnia poderia ser considerada uma mini-nação.

O problema torna-se doloroso, quando é um prelado que afirma, alto e bom som, que, como prelado nunca ordenará sacerdote aquele jovem que não é da sua etnia, porque a etnia de determinado jovem é, desde os primórdios dos antepassados, uma etnia considerada de todos os vícios, todas as maldades...

O problema do tribalismo torna-se doloroso, quando é um sacerdote, quando é um prelado, que afirma perentoriamente, que determinado cântico religioso não é da sua etnia, portanto, esse cântico não pode ser cantado aqui na sua missão, aqui na sua diocese. O problema é doloroso, quando são os padres, os bispos, que julgam que as suas tribos são as tribos superiores e que as outras são inferiores.

O problema do tribalismo é doloroso, quando são os padres, os bispos, que consideram as suas tribos de homens intelectuais e que os outros são de tribos atrasadas... O problema do tribalismo é crucial, quando é o prelado que afirma, publicamente, numa missa de ordenação sacerdotal, que os da *Missão x* já têm muitos padres e que devem deixar de se ordenar padres para as outras tribos que não têm nenhum padre...

A partir destas afirmações, destes conceitos tradicionais e tradicionalistas, no sentido mais negativo do que positivo, que vêm dos nossos antepassados, os padres e os bispos fechados, culturalmente, nas suas tribos de origem, acabam por erguer «*uma igreja tribal*» e não «*uma igreja de Jesus Cristo*». Aquele prelado, que não aceita determinado candidato ao sacerdócio, por não ser da sua etnia, substitui o Espírito Santo pelo espírito de malícia, de ódio, de inveja. E sabemos que uma igreja tribal não tem futuro. Em África, com fronteiras artificialíssimas; etnias, totalmente, divididas a partir da Igreja; com a mentalidade tribalista; nunca se construirá uma Igreja, pelo contrário, destruir-se-á a Igreja de Jesus Cristo.

Na Paróquia de Santa Catarina do Bairro 1.º de Maio, na cidade de Cabinda, diocese de Cabinda, onde nós trabalhamos como servos inúteis, há um considerável número de cristãos da etnia *ovimbundu*, do Sul de Angola. Os cabindenses, na esmagadora maioria, são da tribo do grupo étnico *kikongo*, do Antigo Reino do Congo. Portanto, estão, frente a frente, duas etnias, cujas línguas não são próximas uma da outra. Os cabindenses não entendem o *Kimbundu*, e os sulanos não entendem a nossa língua materna *Ibinda*. Nesta paróquia, nos domingos e dias de festa, por exemplo, rezamos ou cantamos o Pai-nosso, em Português, a seguir, em *Ibinda*, e, por fim, em *Umbundu*. Os nossos cristãos,

que não tiveram a sorte de estudar, podem rezar o Pai-nosso na sua própria língua. Se ele é cabindense reza em *Ibinda*; se é sulano reza em *Umbundu*:

- 1.º «Pai-nosso», rezado ou cantado, em *Português – língua neo-latina dos portugueses – Portugal*;
- 2.º «Pai-nosso», rezado ou cantado, em *Ibinda – língua materna do grupo Kikongo – Cabinda*;
- 3.º «Pai-nosso», rezado ou cantado, em *Umbundu – língua materna do grupo Ovimbundu – Sul de Angola*.

O mesmo fazemos com o cântico do Ofertório «*Sobre o Altar...*». Cantamos primeiro em Português, a seguir em *Ibinda* e, por fim, em *Ovimbundu*, para não serem simples expetadores, como numa sala de cinema, onde os artistas apresentam os seus espetáculos, mas em que cada um pode e deve rezar. Não conhecendo o cântico do Ofertório cantado ou rezado em Português, em *Ibinda* e em *Ovimbundu*, ele tem a possibilidade de o rezar ou cantar na sua própria língua. Não conhecendo nenhuma dessas línguas, tem a possibilidade de o rezar em português: «Sobre o altar, vou colocar a minha oblação. Quanto nela houver se há de converter em Jesus na Consagração.»

- 1.º «Sobre o Altar...», cantado em *Português – língua neolatina dos portugueses – Portugal*;
- 2.º «Sobre o Altar...», cantado em *Ibinda – língua materna do grupo linguístico Kikongo – Cabinda*;
- 3.º «Sobre o Altar...», cantado em *Umbundu – língua materna do grupo linguístico Ovimbundu – Sul da Angola*.

Nas ordenações sacerdotais, nas profissões religiosas e nas ordenações episcopais, na diocese de Cabinda, cantamos vários cânticos em *Ibinda*, *Kiyombe* (língua materna dos naturais de Boma), *Kikongo* (língua materna dos naturais de Uíje), *Uimbundu* (língua materna dos naturais do Huambo), *Lingala* (língua materna dos habitantes de Kinshasa)... Aqui está a grande manifestação duma Igreja local, que luta contra o tribalismo e, consequentemente, contra o racismo, pondo todos os cristãos a rezar ou a cantar um dos cânticos na sua própria língua materna.

Para concluirmos melhor o doloroso capítulo do tribalismo, recorremos aos Padres Sinodais, na Exortação Apostólica *Ecclesia in África*, do Santo Padre João Paulo II aos bispos, aos presbíteros e diáconos, aos religiosos e religiosas e a todos os fiéis leigos sobre a Igreja em África e a sua visão evangelizadora rumo ao ano 2000, quando afirmam:

Justamente foi assinalado que a coexistência de grupos étnicos, línguas e mesmo religiões diversas, dentro das fronteiras herdadas das potências coloniais, encontra frequentemente obstáculos, devido a graves hostilidades recíprocas: «As oposições tribais põem por vezes em perigo se não a paz, pelo menos a consequência do bem comum da sociedade no seu conjunto, e criam também dificuldades para a vida das Igrejas e o acolhimento dos Pastores de outras etnias». Eis porque a Igreja em África se sente interpelada pelo preciso dever de reduzir tais fracturas (EA, 49).

No tocante ao tribalismo, Jacques Diouf também corrobora na luta contra este mal, entre os africanos, nestes termos:

Se a eclesiologia da Igreja local fosse aliada a alguma forma de tribalismo étnico, grupo clânico, racista, nacionalismo autonomista, estaríamos certos em rejeitá-la... Pelo contrário, deve ser contada entre as doutrinas que levam a Humanidade à ruína...⁴⁹⁴

Os numerosos conselhos dos Cursos *Nova et Vetera* vão no encalço de lutar sempre contra o tribalismo, contra o bairrismo, contra o racismo. Foi, a partir desta luta, que procurou sempre inculcar nas pessoas o seu princípio: «*Onsoko muntu mwue muntu*» (tradução: *Toda a pessoa deve ser respeitada*). Explicação: *Qualquer que seja a etnia, a cor de uma pessoa, é de uma pessoa que se trata. Portanto, merece ser respeitada e dignificada*.

Estamos a sair do etnicismo para o pluriétnicismo. A inculturação é a tábua da salvação, não somente para uma etnia, mas para todas as etnias... *Kikongo, Kimbundu, Umbundu, Ngangela, Cokwe, Kwanyama*...

É aqui que travamos a batalha contra o tribalismo. Numa Igreja local inculturada deve-se lutar, aberta e permanentemente, contra o espírito tribalista ou racista. Deus é de todas as línguas faladas sobre a face da Terra. Todas as línguas e todas as tribos são iguais perante Deus. Por esta razão, não deve haver tribalismo na Igreja local, fundamentada na cultura.

6.6.13. Uma Igreja local inculturada, autenticada na sua própria cultura

Para explicar melhor o problema de uma Igreja local inculturada, autenticada na sua própria cultura servimo-nos de um rico estudo intitulado «O cristianismo congolês e seus desvios de identidade», publicada na *Revista Africana de Teologia*, da autoria do professor André Kabasele Mukenge, da Universidade Católica do Congo. Desse estudo, retiramos três pontos da armadilha original, na evangelização da África subsariana:

A armadilha original na evangelização da África subsaariana. Os resultados desta evangelização foram descritos nas fórmulas que ficaram famosas:

– «*Batizados, mas não evangelizados*»: números e estatísticas mostram que a evangelização foi anunciada a muitas pessoas. No Congo, cem anos depois dessa

⁴⁹⁴ Jacques Diouf, *L'Église en Afrique – Pour Une Église Locale*, 250. (Tradução própria.)

evangelização, os resultados estatísticos são surpreendentes, assim como algumas conquistas: mais de 90% da população se autodenomina cristã.

– «*De manhã na Igreja, à noite no feiticeiro*»: esta outra fórmula mostra a incapacidade da nova religião cristã de assegurar completamente o mortal diante das provações diárias e dos inúmeros medos que o atormentam.⁴⁹⁵

Quanto «*aos batizados, mas não evangelizados*», não devemos confiar somente no número, isto é, nas estatísticas. Devemos trabalhar no enraizamento do Evangelho na vida dos cristãos, evangelizá-los em profundidade. A evangelização deve conduzir a uma nova identidade do homem novo de que nos fala S. Paulo (cf. Ef 4,22-24; cf. Col 3,10).

Quanto àqueles que «*de manhã estão na igreja e à tarde no curandeiro*» são os cristãos que não confiam na Palavra de Deus e, angustiados na existência, pelos numerosos problemas que os afligem, por medo dos curandeiros, ameaças dos feiticeiros, insegurança na vida, falta de uma medicina preventiva, sucumbem nesta duplicidade.

É, nestes casos concretos, que a Teologia da inculturação deve procurar os fundamentos do discurso teológico, nos valores da civilização da África tradicional, contida nos costumes, nos contos, nos provérbios... Devemos pôr os recursos culturais para o cristão exprimir a sua fé. A partir da Teologia da inculturação recorrer à Teologia da libertação trabalhar para a produção, a fim de chegarmos a um cristianismo não seráfico, mas um cristianismo capaz de transformar a sociedade pela promoção humana. A inculturação e a libertação devem integrar o Evangelho, em todos os domínios da vida do negro africano (educação, formação, saúde, emprego social). Nenhum domínio deve ficar excluído. O cristão, aqui, deve recusar comprometer-se com as estruturas do mal. Deve somente lutar pelo bem e promoção do bem. O cristão deve conhecer bem a sabedoria de Deus e a sabedoria dos homens para optar pela primeira. É a partir da primeira sabedoria que, ajudado na ciência da medicina, na ciência da educação e na formação em todos os domínios que ele abandonará a casa do feiticeiro, do curandeiro que também sofre de Deus, para confiar totalmente em Deus, sem duvidar. Aqui, é a luta contra o cristianismo envernizado, um cristianismo de entornar simplesmente água na cabeça e sem nenhuma conversão no fundo do coração.

É aqui que travamos a batalha contra o feiticismo, outro cancro nas sociedades africanas. Todavia, aqui, a batalha consiste em partir da Palavra de Deus e, quanto à ciência consiste em incentivar o estudo da medicina, a fim de explicar as causas das doenças, que, na sua esmagadora maioria, os tios, os velhos são e serão sempre acusados de feiticeiros.

⁴⁹⁵ André Kabasele Mukenge, «Le christianisme congolais et ses derives identitaires», in *Revue Africaine de Théologie*, vol. 32, n.º 63-64 (Congo: Université Catholique du Congo, 2010), 291-292. (Tradução própria.)

A batalha contra o feiticismo não a venceremos em quatro, cinco, seis décadas, mas sim, com o tempo de uma geração para a outra, insistindo, permanentemente, na medicina.

Conclusão

O sexto capítulo da Terceira Parte é o capítulo fundamental da nossa dissertação. Procuramos fazer o balanço dos Cursos *Nova et Vetera*, na comemoração do jubileu. Envidámos os esforços para refletir sobre o candente tema da receção do Concílio Vaticano II (1962-1965). Recolhemos os nomes dos compositores de cânticos religiosos em *Ibinda*, nesta época do nascimento do cristianismo africano cabindense. Mergulhámos na reflexão sobre a inculturação. Assinalámos o contributo dos Cursos *Nova et Vetera* para a inculturação da Igreja. Finalmente, examinámos as prerrogativas de uma Igreja local inculturada. Toda a nossa reflexão teve como palco a Missão do Lucula Zenze, procurando evidenciar aquilo que foi feito, graças aos cursos para a inculturação da Igreja, nesta jurisdição eclesiástica da Missão do Lucula Zenze, no ano da comemoração do jubileu dos Cursos de Iniciação *Nova et Vetera*.

CONCLUSÃO DA TERCEIRA PARTE

Chegamos ao fim da Terceira Parte da investigação sobre a inculturação. Refletimos sobre as teologias africanas, partindo da exegese bíblica do livro dos Atos dos Apóstolos. Passamos pelas diversas correntes teológicas – Teologia da Salvação das Almas, Teologia da Implantação da Igreja, Teologia da Adaptação ou *Pierre d'Attente*, Teologias Culturalistas, Teologias Críticas, Teologia de Libertação, Teologia de Inculturação, Teologia da Reconstrução, Teologia de Libertação, no contexto africano...

Meditamos longamente sobre o pluralismo Teológico em África. Procuramos compreender, um tanto ou quanto profundamente, o problema da inculturação da fé. Percorremos, histórica e teologicamente, o pluralismo dos ritos litúrgicos, tanto os ritos litúrgicos ocidentais da Igreja Católica Latina como os ritos litúrgicos da Igreja Católica Oriental. Descemos ao terreno do nosso campo de reflexão, na Missão do Lucula Zenze, onde analisamos a liturgia, antes e depois do Vaticano II. Por fim, apresentamos a nossa modesta e humilde reflexão sobre a inculturação da liturgia e receção do Vaticano II, na Missão do Lucula Zenze, um autêntico centro rural cujo povo é de tradição oral. Aqui, não podemos negar que os Cursos *Nova et Vetera* foram uma grande alavanca na delicadíssima missão da inculturação da liturgia. A caminhada foi longa. Porém, foi uma caminhada de que não podemos esquecer as dificuldades e os obstáculos. No meio de todos os problemas, notamos a presença e a bênção de Deus.

O povo da Missão do Lucula Zenze nasceu no território de Cabinda, antigo Congo Português. Como Jesus, Maria e São José, o povo do Lucula Zenze percorreu o caminho do Egito. «*Do Egito chamei o meu filho*» (Os 11,1 e Mt 2,13-20). O *Egito* do povo do Lucula Zenze foi a República do Zaire (atual República Democrática do Congo), onde passou, no meio da fome e da sede, mas não ficou desamparado. Deus socorreu-o, através dos organismos internacionais de ajuda, dentre os quais se destacou o ACNUR. Ficou registado na história que os padres de Cabinda acompanharam o povo no exílio.

O povo regressou à *Terra Prometida*, deixando campos conhecidas e desconhecidas por onde estacionou. Na *Terra Prometida*, a guerra prosseguiu com o seu cortejo de sofrimentos e mortes. Porém, o povo não desapareceu. Continuou a lutar pela sobrevivência da vida até aos nossos dias. A história não desapareceu. Infelizmente, ainda não foi escrita. Foi uma fase de história.

As palavras conclusivas são simplesmente para confirmar que, graças aos Cursos *Nova et Vetera*, foram implementadas, seguindo as orientações do Vaticano II. O caminho percorrido, durante o meio século (1970-2020) ficou marcado pela guerra, exílio e

regresso do exílio. Malgrado o clima bélico, constatamos que os Cursos *Nova et Vetera* marcaram a evangelização no campo da valorização da cultura. A imposição da ideologia do comunismo não vingou. O povo cristão soube responder com fé, coragem e perseverança, consoante lemos em S. Paulo, na Epístola aos Romanos: «sede alegres na esperança, pacientes na tribulação e perseverantes na oração (Rm 12,13).

Os padres cabindenses, refugiados com os refugiados, estiveram sempre ao lado do povo, acompanhando-o nos momentos mais difíceis, protegendo-o de todas as formas de violência, encorajando-o na perda da esperança, alimentando-o com a Palavra divina, etc. Sem recorrer expressamente aos conceitos da Teologia da Libertação da América Latina, a Igreja de Cabinda, em contexto sociopolítico turvo, tomou sempre a palavra em nome do Evangelho da Salvação, para denunciar as injustiças e todas as práticas que alienam o povo. A Igreja é o verdadeiro fôlego do povo de Cabinda.

CONCLUSÃO GERAL

Depois de uma brevíssima referência sobre a primeira evangelização em Cabinda (1766-1873), passando pelos antecedentes históricos da fundação das *missões masculinas* de Lândana (1873), Seminário de Lândana (1879), Missão de Luali (1890), Missão de Cabinda – Imaculada Conceição (1891) e *missões femininas* de São José de Cluny de Lândana (1883), Luali (1892) e de Cabinda-cidade (1893), envidámos os nossos esforços para escrever, pormenorizadamente, sobre a Missão do Lucula Zenze, durante os seus primeiros 77 anos (1893-1970).

Na *primeira evangelização* (1893-1970), feita pelos missionários espiritanos, ***missioneira portuguesa***, é, precisamente, um estudo da história da Missão do Lucula Zenze, antes do Vaticano II (1893-1970). Desenterrámos da poeira do esquecimento todos os nomes dos operários da messe do Senhor, que trabalharam nesta Missão.

Descrevemos as três zonas pastorais (A, B e C). Enumeramos o padroeiro de cada aldeia, tanto das aldeias católicas assim como das aldeias mistas (católicos e protestantes). Escrevemos as nótulas biográficas de todos os missionários (sacerdotes e irmãos) que deram o melhor da sua juventude para a evangelização das terras de Lucula Zenze.

A partir do padre Lecomte, que evangelizou as terras do Sul de Angola, escrevemos a metodologia missionária espiritana. Apreciamos muito bem a metodologia missionária espiritana, que, praticamente, foi seguida, na fundação de todas as missões. Mencionamos as visitas pastorais dos missionários às aldeias e as visitas pastorais do Prefeito Apostólico e dos Arcebispos de Luanda à Missão do Lucula Zenze.

Constatámos a dedicação dos missionários, na formação do clero, no seminário que funcionou nesta Missão. A partir do precioso diário manuscrito do Seminário, nesta estação missionária, apreciamos a formação dos candidatos ao sacerdócio com os diferentes regulamentos, os retiros, os exames, os passeios, as reuniões, os alunos matriculados, ano por ano... No campo da formação dos sacerdotes, destacámos os seminaristas de Lândana (1879-1936) e de Lucula Zenze (1936-1947), que chegaram ao sacerdócio e alguns deles promovidos ao episcopado. Recolhemos os frutos dessa evangelização, a partir dos padres até aos simples cristãos, desde os três padres, dos quais brotou o primeiro bispo negro dos tempos modernos (D. André Muaca), aos Monitores Escolares, aos antigos seminaristas, promovidos na função pública, como professores do Cuima, professores

eventuais e professores primários, sem esquecer os alfaiates, os pedreiros, os carpinteiros, os motoristas, os mecânicos...

Não nos esquecemos das estatísticas no campo espiritual (os Batismos, as Primeiras Comunhões, os Matrimónios, os Óbitos...). Distinguímos muito bem os bens imóveis (igreja, escola, residência, casas dos alunos, armazéns, garagens, posto sanitário, fazenda e toda a produção, currais, galinheiros...). Destacamos os bens móveis como os paramentos, as imagens, os sinos, os lecionários, as batinas, os armários, o talher, os veículos...

Concluimos a primeira parte com os factos históricos de maior destaque: Lucula Zenze foi o berço da Redação do *Catecismo* (1893-1910), o berço do Seminário (1936-1947), o berço dos Cursos *Nova et Vetera* (1970-1974), a Missão Centenária (1893-1993), o Centenário da Morte do Fundador (1910-2010) e, atualmente, a Missão com maior número de sacerdotes na diocese (1893-2020). Fizemos o maior esforço da leitura da história da evangelização desta Missão, desde as origens até aos nossos dias. A história narrada aqui não é outra senão a história das missões. Portanto, é a Missionologia.

Na *segunda evangelização* (1970-1974), feita pelos padres diocesanos sob o dinamismo dos Cursos *Nova et Vetera* é a *missione cabindense*, depois do Vaticano II (1970-1974), o Pentecostes mundial do século XX. Fizemos todos os possíveis para fazer a leitura da atividade pastoral dos padres diocesanos. Vimos como o padre Gabriel fundou os Cursos *Nova et Vetera* (1-10-1970). O funcionamento dos cursos com as disciplinas teóricas e as disciplinas práticas deram-nos uma ideia muito clara e nítida das aulas ministradas.

Os diversos comentários das várias personalidades confirmaram que não foram somente cursos de alfabetização, mas sim de evangelização, promoção social, valorização de tudo aquilo que existe na nossa cultura e na cultura dos outros povos, a partir do momento que verificamos que são valores positivos e não negativos.

Assinalámos a presença dos membros do Instituto de Educação e Serviço Social Pio XII (as 3 religiosas e 2 estagiárias) que se deslocaram de Luanda para Lucula Zenze, a fim de acompanharem a experiência dos Cursos. Escrevemos sobre o estágio prático das participantes e as comissões do encerramento, salientando a missa solene do encerramento. Fizemos a avaliação dos cursos, na visão do fundador, da PIDE/DGS (1970-1974), dos missionários e visitantes (1970-1974) e na dos cristãos do Lucula Zenze (1970-1974). Terminámos com o balanço.

Descobrimos as experiências educativas semelhantes dos Cursos *Nova et Vetera* como as tampas esculpidas com provérbios, em Cabinda, a alfabetização em línguas

nacionais no Benim e Burkina Faso, as Ilhas de Paz do Padre Dominique Pire, em França, e a alfabetização dos adultos de Paulo Freire, no Brasil. A fim de conhecermos o ambiente em que foram comemoradas as bodas de prata, fizemos uma reflexão da colonização à descolonização em Angola, da guerra colonial (1961-1974) à guerra pós-colonial (1975-2002), da Missão do Lucula Zenze, concluindo com o encerramento do jubileu e a cronologia (1970-1995). A biografia do fundador dos Cursos ajudou-nos a compreender melhor a dinâmica dos mesmos.

Na *terceira parte*, refletimos o tema da inculturação através dos Cursos. Abordamos o tema da inculturação nas teologias africanas. Dissertamos sobre o problema da inculturação da fé. Debruçamo-nos sobre o pluralismo religioso, destacando os ritos litúrgicos ocidentais da Igreja Católica Latina e o ritos litúrgicos orientais da mesma Igreja. Analisamos a liturgia, na Missão do Lucula Zenze, antes e depois do Vaticano II. Finalmente, abordamos a inculturação como receção do Vaticano II, na Missão do Lucula Zenze (1970-2020). Descrevemos o balanço dos Cursos *Nova et Vetera*, na comemoração do jubileu. Destacamos o problema da Tradução da Palavra de Deus para a língua vernácula *Ibinda*. Recolhemos os nomes dos compositores de cânticos religiosos, na Missão do Lucula Zenze. Refletimos a inculturação da Igreja, na Missão do Lucula Zenze. Investigamos o contributo dos Cursos na inculturação (1970-2020). Concluímos o nosso tema com os fundamentos teológicos de uma Igreja local, inculturada sob o impulso do Espírito Santo, reconciliada e reconciliadora, acolhedora e misericordiosa, participada e participativa, despida do fanatismo, expurgada do folclore, comprometida na promoção humana. Na reflexão sobre a inculturação da liturgia, é a porta da reinterpretação do novo Pentecostes trazido pelo Vaticano II, acolhido na Missão do Lucula Zenze, graças à experiência dos Cursos *Nova et Vetera* (1970-1974), contra a duplicidade e o tribalismo e autenticada na sua própria cultura.

No *plano da tese conjunta da história e da teologia*, seguimos rigorosamente uma progressão cronológica: na *primeira parte*, a história da fundação da Missão do Lucula Zenze (1893-1970); na *segunda parte*, a história da fundação dos Cursos *Nova et Vetera* (1970-1974); e, na *terceira parte*, a reflexão sobre a inculturação, durante as cinco décadas (1970-2020).

Estamos conscientes de que não conseguimos esgotar tema tão rico, vasto e saboroso da inculturação. Onde há trabalho humano não faltam erros humanos, lacunas e deficiências. Da nossa parte, fizemos aquilo que está dentro das nossas possibilidades «*ad impossibilia nemo tenetur*».

Visitámos e frequentámos as bibliotecas de Luanda, Lisboa e Paris, como podemos constatar nas referências bibliográficas, tanto dos boletins como dos livros consultados e das gravuras que obtivemos dos arquivos. Percorremos todas as aldeias da Missão do Lucula Zenze, de norte a sul, de leste ao oeste. Recolhemos testemunhos, principalmente dos antigos alunos das missões e antigos seminaristas. Desde o princípio que nos preocupámos em apresentar um trabalho digno de credibilidade, quanto à reflexão histórica e teológica. Aqui está a síntese que fizemos, a fim de fechar a reflexão com uma desejável chave de ouro.

No meio da abundante documentação da Igreja, do Vaticano II e dos Sumos Pontífices, encontrámos um preciosíssimo documento para concluir a nossa reflexão. Fazemos nossas as palavras do Papa João Paulo II, no seu discurso, que pronunciou na UNESCO, a 2 de junho de 1980:

Nós todos, aqui presentes, encontramos-nos no terreno da cultura, realidade fundamental que nos une e está na base do estabelecimento e das finalidades da UNESCO (...). As culturas humanas reflectem, não há qualquer dúvida, os diversos sistemas de relações de produção; contudo, não é tal ou tal sistema que está na origem da cultura, mas é com certeza o homem, o homem que vive no sistema, que o aceita ou procura mudá-lo. Não se pode conceber uma cultura sem subjectividade humana e sem causalidade humana; mas no campo cultural, o homem é sempre o facto primeiro: o homem é o factor primordial e fundamental da cultura.⁴⁹⁶

O Papa João Paulo II, depois de ter dissertado sobre a cultura, faz a conexão entre a cultura e a nação, com estas palavras:

A Nação é, com efeito, a grande comunidade dos homens que estão unidos por laços diversos, mas sobretudo precisamente pela cultura. A nação existe, «pela» cultura e «para» a cultura, e ela é, portanto, a grande educadora dos homens para que eles possam «estar mais» na comunidade.⁴⁹⁷

E prossegue, o Santo Padre, o seu belíssimo discurso, com estas palavras, que faço minhas:

Sou filho de uma Nação que viveu as maiores experiências da história, pelos seus vizinhos condenada à morte repetidamente, mas que sobreviveu e continuou a sobreviver, repetidamente, mas que sobreviveu e continuou a ser ela própria. Conservou a sua identidade e conservou, apesar dos retalhamentos e das ocupações do estrangeiro, a sua soberania nacional, não se apoiando nos recursos da força física mas unicamente na sua cultura. Esta cultura revelou-se, na ocasião, de uma potência maior que todas as outras forças. O que digo aqui a respeito do direito da Nação ao fundamento da sua cultura e do seu futuro não é, portanto, o eco de nenhum “nacionalismo”, mas trata-se sempre de um elemento estável da experiência humana e das perspectivas humanistas do desenvolvimento do homem. Existe uma soberania fundamental da sociedade que se manifesta na cultura da Nação.⁴⁹⁸

⁴⁹⁶ João Paulo II, Discurso na sede da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, UNESCO (2.6.1980), *AAS* 72 (1980), 735-752, n.º 8.

⁴⁹⁷ João Paulo II, Discurso na sede da Organização das Nações Unidas..., n.º 14.

⁴⁹⁸ João Paulo II, Discurso na sede da Organização das Nações Unidas..., n.º 14.

Continuando na leitura do saboroso discurso do Papa João Paulo II, sublinhamos:

Trata-se da soberania pela qual, ao mesmo tempo, o homem é supremamente soberano. E quando me exprimo assim, penso igualmente, com comoção interior profunda, nas culturas de tantos povos antigos que, não cederam quando se encontraram em confrontação com as civilizações dos invasores: e elas mantêm-se ainda para o homem como fonte do seu «ser» de homem na verdade interior da sua humanidade. Penso também com admiração nas culturas das novas sociedades, das que despertam para a vida na comunidade da própria Nação – exactamente como a minha Nação há dez séculos, e lutam para manter a sua própria identidade e os seus próprios valores contra as influências e as pressões de modelos propostos do exterior.⁴⁹⁹

Termino, agradecendo a Sua Santidade, o Papa João Paulo II, hoje São João Paulo II. E, como cabindense que sou, concluo com o provérbio da minha cultura ancestral:

«*Mbazu kalianga buinu bungana ko*» (tradução, à letra: *O incêndio nunca devorou a estética do objeto queimado*). *Explicação*: O incêndio nunca conseguiu fazer desaparecer totalmente o vestígio do objeto queimado. *Lição moral*: Depois do incêndio, podemos sempre verificar que, de facto, foi uma casa ou um carro ou ainda um autocarro, o que ficou reduzida a cinzas, para mencionarmos apenas três exemplos.

Se foi uma casa, descobrem-se as paredes, as portas, as janelas e tudo aquilo que compõe a casa. A partir destes objetos, confirma-se que de facto era uma casa.

Se foi um carro, que ficou devorado pelas chamas, reconhece-se pela carcaça, o tampão, o guiador, a alavanca das mudanças, as quatro portas do carro, as jantes das rodas e o porta-bagagem. A partir deste reconhecimento, confirma-se que, de facto, era um carro.

Se foi um autocarro, evidentemente, que, pela observação da largura e cumprimento do veículo, do guiador do motorista, da alavanca das mudanças, dos ferros das diversas cadeiras dos passageiros, acabamos por confirmar, que, de facto, era um autocarro.

Falando destes objetos, podemos falar de milhões de objetos, que, depois do incêndio, numa observação atenta, mesmo a olho nu, confirmam qual foi o referido objeto devorado pelas chamas.

Em conclusão, depois de terem destruído totalmente a Missão do Lucula Zenze, apesar do fogo que devorou as portas, as janelas de todos aqueles edifícios, reconheceu-se, a partir dos objetos queimados, o beniteiro, o calvário esquartejado, o crucifixo, o hissope, o pedaço de uma imagem quebrada, que ali era um lugar santo...

A reconstrução reergueu novamente a Missão do Lucula Zenze, no mesmo local e nas mesmas instalações... Portanto, como moral da história, o povo não desaparece com as guerras, as perseguições, as destruições... No fim das guerras, temos mesas-redondas,

⁴⁹⁹ João Paulo II, Discurso na sede da Organização das Nações Unidas..., n.º 14.

conferências de reconciliação, de um e doutro lado da barricada, cada um com a sua culpa no cartório, fica registado no tribunal da História. Os sucessores, depois de lida e relida a história, corrigem os erros do passado. A história de um povo é escrita e reescrita de época em época, tendo sempre em consideração a sua cultura e a sua história.

BIBLIOGRAFIA

A) Documentos do Magistério

- SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Constitutio de Sacra Liturgia *Sacrosanctum Concilium* (1962-1965): *AAS* 56 (1964), 97-134.
- , Constitutio Dogmatica *Lumen gentium* (21 Novembrii 1964), in *AAS* 57 (1965), 5-75.
- , Decretum Oecumenicum *Unitatis redintegratio* (21 Novembrii 1964): *AAS* 57 (1967), 90-107.
- , Decretum de Apostolatu Laicorum *Apostolicam actuositatem* (18 Novembrii 1965): *AAS* 57 (1966), 837-864.
- , Decretum de Activitate Missionali Ecclesiae *Ad gentes* (5 Decembrii 1965): *AAS* 58 (1966), 947-990.
- , Decretum de Presbyterorum Ministério et Vita *Presbyterorum ordinis* (7 Decembrii 1965): *AAS* 58 (1966), 991-1024.
- , Constitutio Pastoralis de Ecclesia in Mundo Huius Temporis *Gaudium et spes* (7 Decembrii 1965): *AAS* 58 (1966), 1025-1120.

B) Encíclicas e Exortações Apostólicas (por ordem cronológica)

- LEÃO XIII, Carta Encíclica *Rerum novarum* (15-5-1891): *AAS* 33, 641-670.
- BENTO XV, Epistola Apostolica *Maximum illud* (30-11-1919): *AAS* 11 (1919), 440-455.
- PIO XI, Enciclica del Papa *Ubi Arcano Dei Consilio* (23-12-1922): *AAS* 14, 673-700.
- , Carta Encíclica *Quas primas* (28-12-1925): *AAS* 17, (1925), 593-610.
- , Carta Encíclica *Rerum Ecclesiae* (28-2-1926): *AAS* 18 (1926), 65-83.
- PIO XII, Carta Encíclica *Summi Pontificatus* (22-10-1939): *AAS* 31 (1939), 413-453.
- , Carta Encíclica *Evangelii praecones* (2-1-1951): *AAS* 43, (1951), 497-528.
- JOÃO XXIII, Carta Encíclica *Princeps pastorum* (28-11-1959): *AAS* 51 (1959), 833-864.
- , Carta Encíclica *Mater et magistra* (15-5-1961): *AAS* 53 (1961), 401-464.
- , Carta Encíclica *Pacem in terris* (11-4-1963): *AAS* 55, (1963), 257-304.
- PAULO VI, Carta Encíclica *Ecclesiam suam* (6-8-1964): *AAS* 56 (1964), 609-659.
- , Litterae Apostolicae Motu Proprio Datae, *Mysterii Paschalis* (24.1.1969): *AAS* 61 (1969), 222-226.
- , Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Evangelii nuntiandi* (08-12-1975): *AAS* 68 (1976), 5-76.
- , Constitutio Apostolica *Missale Romanum* ex Decreto Concilii Oecumenici Vaticani II innstitutum promulgatur (3.4.1969): *AAS* 61 (1969), 217-222.
- , Litterae Apostolicae Motu Proprio Datae *Mysterii Paschalis* (24.2.1969): *AAS* 61 (1969), 222-226.
- JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Cathechesi tradendae* (16-10-1979), *AAS* 71 (1979), 1.277-1.340.
- , Discurso na sede das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO (2.6.1980), *AAS* 72 (1980), 735-752.
- , Epistula Enciclica *Slavorum apostoli* (2.6.1985): *AAS* 77 (1985), 779-813.
- , *Salvifici doloris* (11-2-1984): *AAS* 71 (1984), 201-250.
- , Constituição Apostólica Cabinda *Catholicae prosperitas Cabindana nomine* (2-7-1984): *AAS* 76 (1984), 947-948.
- , Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Reconciliatio et paenitentia* (2-12-1984): *AAS* 77 (1985), 185-275.
- , Carta Encíclica *Dominum et vivificatem* (18-5-1986): *AAS* 78 (1986), 809-900.

- , Exortação Apostólica Pós Sinodal *Christifidelis laici* (30-12-1988): *AAS* 81 (1989), 393-521.
- , *Litterae Apostolicae Vicesimus quintus annus Constitutio Sacra Liturgia Sacrosanctum Concilium* (4.12.1989): *AAS* 81 (1989), 897-918.
- , Carta Encíclica *Redemptoris missio* (7-12-1990): *AAS* 83 (1991), 249-364.
- , Carta Encíclica *Ut unum sint* (25-5-1995): *AAS* 87 (1995), 921-982.
- , Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Africa* (14-12-1995): *AAS* 88 (1996), 5-82.
- BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus caritas est* (25-12-2005): *AAS* 101/8 (2006), 217-252.
- , Carta Encíclica *Caritatis in veritatis* (29-6-2009): *AAS* 101 (2009), 641-709.
- , Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Africae munus* (19-11-2011): *AAS* 103 (2011).
- , *Motu Proprio Summorum pontificum* (7 Iulii 2007): *AAS* 99 (2007), 777-781.
- FRANCISCO, Exortação Pós-Sinodal *Evangelii gaudium* (24-11-2013): *AAS* 105 (2013), 1019-1137.
- , Carta Encíclica *Laudato si'* (19-3-2015): *AAS* 107 (2015), 847-945.
- , *Litterae Apostolicae Motu Proprio Magnum principium* (3.9.2017): *AAS* 109 (2017), 967-970.
- , Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazônia* (2-2-2020), Cidade do Vaticano, Roma: 2020, 81-84.

C) Fontes bíblicas

- ARMELLINI, Fernando, *O Banquete da Palavra – Comentários às Leituras Dominicais* (Ano A), Lisboa, Paulinas (2001).
- , *O Banquete da Palavra – Comentários às Leituras Dominicais* (Ano B), Lisboa, Paulinas (2001).
- , *O Banquete da Palavra – Comentários às Leituras Dominicais* (Ano C), Lisboa, Paulinas (2001).
- , *O Banquete da Palavra – Festas* (Ano C), Lisboa, Paulinas (2000).
- , *Comentários à Bíblia Litúrgica*, Gráfica do Coimbra, Coimbra, (2007).
- HARRINGTON, Wilfrid, *Nouvelle Introduction à la Bible*, Paris, Éditions du Seuil (1970).
- POUCOUTA, Paulin, *Quand la Parole de Dieu Visite l'Afrique – Lecture Plurielle de la Bible*, Paris, Éditions Karthala (2011).
- , *Ben Sira, un sage pour notre temps? Une lecture de Siracide 7*, Paris, L'Harmattan (2017).
- , «Engilbert Mveng: une lecture africaine de la Bible», in *Nouvelle Revue Théologique*, tome 120, n.º 4 (1998), 32-45.
- QUESSON, Noel, *Parole de Dieu pour chaque jour, jalons pour les lectures de semaine. Tome I – Les Évangiles de l'Avent à la Pentecôte*, Les Mains Ouvertes, Droguet & Ardant, Angers, (1980).
- , *Parole de Dieu pour chaque jour, jalons pour les lectures de semaine. Tome II – Évangiles de la Pentecôte à l'Avent*, Les Mains Ouvertes, Angers, Droguet & Ardant (1980).
- , *Parole de Dieu pour chaque jour, jalons pour les lectures de semaine. Tome III – Premières Lectures Avent – Noël – Carême et Pâques*, Les Mains Ouvertes, Angers, Droguet & Ardant (1980).
- , *Parole de Dieu pour chaque jour, jalons pour les lectures de semaine. Tome IV – Temps Ordinaires (Années Paires)*, Les Mains Ouvertes, Angers, Droguet & Ardant (1980).
- , *Parole de Dieu pour chaque jour, jalons pour les lectures de semaine, Tome V – Temps Ordinaires (Années Impaires)*, Les Mains Ouvertes, Angers, Droguet & Ardant (1980).

- SACRA CONGRAGATIO RITUUM, *Instructio ad executionem constitutionis de Sacra Liturgia recte ordinandam* (26.9.1964): AAS 56 (1964), 877-900.
- SECRETARIADO-GERAL DO EPISCOPADO, *A Interpretação da Bíblia. Discurso de Sua Santidade o Papa João Paulo II e Documento da Comissão Pontifícia Bíblica*, Lisboa, Editora Rei dos Livros (1994).
- SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA da Comissão Episcopal da Liturgia e Espiritualidade de Portugal, *Introdução Geral do Missal Romano* (IGMR), Fátima-Portugal (2002).

D) Fontes sobre os Cursos *Nova et Vetera*

- ALVARÃES, Artur, «Cabinda Missionária – Aspetos da Visita Pastoral à Missão do Lucula Zenze *Nova et Vetera*», in *Jornal O Apostolado* (dia 14 de julho de 1970), Ano XXVI, n.º 2.750, 1-3. (Contém o primeiro artigo sobre os Cursos *Nova et Vetera*.)
- «Evangélizar os pobres», in *Além-Mar*, Revista dos Padres Combonianos, n.º 191 (1973), 10-13. (Contém o segundo artigo sobre os Cursos *Nova et Vetera*.)
- «3 Anos de Vida», in *Além-Mar*, Revista dos Padres Combonianos, n.º 191 (1973), 13-14.
- MARTINS, Joaquim, *Cabindas – Histórias – Crenças – Usos e Costumes*, Cabinda, Edição da Câmara Municipal de Cabinda (1972).
- SEDA, Gabriel Nionje, *Guia de Alfabetização em Ibinda, segundo o Método de Inongo Nongo*, Instituto Nacional do Livro e do Disco, Luanda (1996).
- , *Manual de Alfabetização em Ibinda, segundo o Método de Inongo Nongo*, Instituto Nacional do Livro e do Disco, Luanda (1996).

E) Fontes sobre Cabinda

- TUBI, Barnabé Lelo, «A segunda evangelização do Congo-Angola – 125 anos de Cristianismo, 1866-1991. Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas. IV – Missionação: Problemática Geral e Sociedade Contemporânea», in *Congresso Internacional de História*, Braga (1993), 137-140.
- , *Bênção e Dedicção da Igreja de São Carlos Lwanga de Mbuku Nzau*, opúsculo (2014).
- , *Bispos de Angola – De D. Henrique Ndoadiki Nkinu Nevema do Século XVI a D. Belmiro Cuica Chissengueti no Século XXI*, opúsculo, Lesmus, Luanda (2017).
- , «Cabinda Capital Tchiovwa», *Carta Aberta aos Deputados da Assembleia Nacional*, Prior Velho, Paulinas Editora (março, 2018).
- , *Diocese de Cabinda, 1984-2018*, opúsculo, Luanda, Lesmus (2017).
- , *Missão do Lucula Zenze, 120 Anos de História, 1893-2013*, Separata (2015).
- , *Missões Centenárias da Diocese de Cabinda, 1873-1993*, Biblioteca da Diocese de Cabinda (1996).
- , *P. Eugénio Bisch, 1869-1910, Apóstolo do Lucula Zenze*, Prior Velho, Paulinas Editora (2010).

F) Fontes sobre Angola

- ALTUNA, Raúl Ruz de Asúa, *Cultura Banto e Cristianismo*, Edição do Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, Luanda (1958).
- ALVES, Carlos Alberto, *O Exílio forçado de sacerdotes angolanos em Portugal (1960-1974)*, Mayanga Biblioteca da História, Luanda, Edição Mayamba Editora (2015).
- ANDRINGA, Diana e ALMEIDA E SOUSA, Vitória de (orgs.) *Joaquim Pinto de Andrade – Uma quase autobiografia*, Edições Afrontamento, Porto (junho de 2017).

- BRASIO, António, «Angola», in *Spiritana Monumenta Historica*, vol. V, Série Africana, (1904-1967), Louvain, Duquesne University Press, Pittsburgh PA, Ed. E. Nauwelaerts (1971).
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ, *Anuário Católico de Angola e S. Tomé*, Luanda (1988).
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ (CEAST), *Firmes na Esperança*, Ed. Secretariado Arquidiocesano de Catequese, Luanda (1986).
- FELGAS, Hélio A. Esteves (Major), *História do Congo Português*, Carmona (1958).
- FIGUEIREDO, Leonor, «Ficheiros Secretos da Descolonização de Angola», 4.^a ed., Aletheia Editores, Braga, (2009).
- GABRIEL, Manuel Nunes, *Angola Cinco Séculos de Cristianismo*, Braga (1978).
- GONZAGA, Norberto, *Angola Pequena Monografia*, Agência-Geral do Ultramar, Lisboa (1968).
- HENDERSON LAWRENCE, W., *A Igreja em Angola. Um rio com várias correntes*, Lisboa, Além-Mar (1990).
- MARTINS, Amadeu Gonçalves, *Espiritanos Egitanenses na Segunda Evangelização de Angola*, Guarda, Casa Veritas Editora, Lda. (2010).
- MUACA, Eduardo André, *Breve História da Evangelização de Angola*, Santarém (2001).
- MULEWU, C., *O «Rite zairois» da missa do Congo Democrático*, Assembleia Diocesana de Caxito (Angola), Conferência Episcopal (24 de fevereiro de 2012).
- WHEELER, Douglas e PELLISSIER, René, *História de Angola*, Lisboa, Tinta da China (MMIX).

G) Fontes teológicas

- ADOUKONOU, B, «Le Sillon Noir/La théologie africaine comme oeuvre de l'intellectuel communautaire», in *Communio* XI, (5/1986) (ed. língua francesa), 86-101.
- AUGÉ, Matias, *Liturgia – História, celebração, teologia, espiritualidade* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2005).
- BAYO, Jean Sinsin, «Foi et Inculturation en Afrique», in *Ricaio*, n.º 14-15. Thème: «Foi, culture et évangélisation en Afrique à l'aube du 3^{ème} millénaire», Abidjan, 1996, 180.
- BERE, Zacharie, «La crise africaine est-elle une crise d'identité?» in *Révue de l'Institut Catholique de l'Afrique de L'Oest*, n.º 1, Abidjan, 2003, 27.
- BISHWENDE, A. Ramazani, «Le Synode africain, dix ans après», in *Nouvelle Revue Théologique*, tome 127, n.º 4 (2005), 541-556.
- BOGAERT, Jean-Christophe *et all.*, «Recherche historique, narration et documents d'archives» (176-190), in CHEVALIER, François *et all.* (dir.), *Les méthodes de recherche du DBA*, Caen, SEM Éditions (2018).
- BOKA, L. «Laisser aller mon peuple», in *Telema*, 49 (1987), 276-288.
- BONTINCK, François, «En Memoire du P. António, CSSP», in *Revue Africaine de Théologie*, Faculté de Théologie de Kinshasa, vol. 13, n.º 25, Avril 1989, 75-79.
- CAHINGA, Jerónimo, «África, a missão da esperança e a especialidade da inculturação», in *Missão Espiritana*, Revista das Circunscrições Espiritanas Lusófonas, 2 (2002), 61-71.
- CARMO, Manuel, «A Revista *Portugal em África*, no contexto da missão contemporânea», in *Missão Espiritana*, Revista das Circunscrições Espiritanas Lusófonas, 9 (2006), 45-60.
- COSTA, Dália, «A recolha de dados: técnicas utilizadas», in Hugo Consciência Silvestre e Joaquim Filipe Araújo (dir.), *Metodologia para a investigação social* (Lisboa: Escolar Editora, 2012).
- DIOUF, Jacques «L'Église en Afrique, Pour un Église locale» in *Nouvelle Revue Theologique*, Tome 120, n.º 2, 1998.

- ELA, J.-M., «Ambiguïtés de la Mission», in *Lumière et Vie*, 137 (1978), 17-32.
- , «Le Motif de la libération dans la théologie africaine», *Les Nouvelles Rationalités Africaines*, vol. 2, 5 (1986), 37-51.
- FAUVELLE, François Xavier, *L'Afrique du Cheikh Anta Diop*, Préface d'Elikia Mbokolo (Paris: Édition Karthala, 1996).
- FANSKA, Bernard, «Mgr. L. Monsengwo Pasinya et la théorie d'une inculturation enracinée dans la révélation», in *Nouvelle Revue Théologique*, tome 123, n.º 1, Janvier-Février (2001), 46-61.
- FERREIRA, António Matos., «Correntes Cristãs na Definição do Espaço Colonial Português», in *História da Expansão Portuguesa*, vol. 4, Temas e Debates, CHAUDHURI, Francisco Bethencourt Kirti (dir.), *Do Brasil para a África (1807-1930)*, 425-443.
- , «Cristianismo e Espaço Ultramarino – Igrejas e Correntes Religiosas em face do Império e da Descolonização», in *História da Expansão Portuguesa*, vol. 5, Temas e Debates, CHAUDHURI, Francisco Bethencourt Kirti (dir.), *Do Brasil para a África (1807-1930)*, 384-405.
- FERREIRA, Joaquim da Silva, «Inculturação da fé», in *Missão Espiritana*, Revista das Circunscrições Espiritanas Lusófonas, 7 (2005), 37-40.
- FORESTIER, Luc, «Le Pape François et la synodalité. *Evangelii Gaudium* étape dans la réception de Vatican II», in *Nouvelle Revue Théologique*, tome 137, n.º 4, Octobre-Décembre (2015), 597-614.
- , et WAYMEL, (D.), C.S.J., «Les Laïcs dans l'Église aujourd'hui: Benoît ou François?» in *Nouvelle Revue Théologique*, tome 140, n.º 4 (2018), 554-571.
- FURLAN, Vinicius e TOLEDO, César de Alencar Arnaut, «A Ação educativa do P. Gabriel Malagrida na América Portuguesa do século XVIII», in *Brotéria*, vol. 188 (2019), 76-92.
- GALOT, J., «Debat actuel sur le ministère sacerdotal», in *Telema*, 31 (1985), 5-17.
- HEGBA, M., «Eloge de l'Ethnophilosophie», in *Revue Présence Africaine*, 123 (1982), 20-41.
- , «Personnalité de l'Eglise particulière au sein de l'Eglise Universelle: conditions sociologiques et ecclésiologiques», in *Telema*, 17 (1979), 15-43.
- , «Sorcellerie et maladie en Afrique Noire», in *Telema*, 32 (1985), 5-48.
- JADIN, Louis, «Les survivances chrétiennes au Congo au XIX^{ème} Siècle», in *Études d'Histoire Africaine*, tome I, Kinshasa, Université Lovanium, Louvain/Paris, Éd. Nauwalaerts (1976), 137-185.
- JOSSART, B. S. J., «Histoire du Christianisme. T. XIII, Deux mille ans d'histoire de l'Église? À propôs d'ouvrages récentes», in *Nouvelle Revue Théologiques*, tome 123, n.º 3 (2001), 432-439.
- JOSÉ, Disila Ghyos, «La colonisation de l'Angola et le rôle joué par l'Église catholique portugaise», in *Congresso Internacional de História, Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas*, Atas, vol. III: Igreja, Sociedade e Missionação, Braga (1993), 581-595.
- KAPUMBA, Akenda, «Inculturation comme orthopraxis chrétienne», in *Revue Africaine de Théologie*, vol. 22, n.º 44 (1992), 181-214.
- KITUMAINI, Jean-Marie Vianney, «L'engagement sociopolitique de Mgr. Kataliko à Bukavu (RDCongo)», in *Nouvelle Revue Théologique*, tome 125, n.º 1, Janvier-Février 2003, 66-67.
- KUNGUA, A. Awazi, «P. Pierre Buis (1929-2005): missionnaire et exégète – Essai de relecture théologique et spirituelle», in *Nouvelle Revue Théologique*, tome, 132, n.º 1 (2010), 86-99.
- LEFEBVRE, P., «Les communautés ecclésiales de base à Kinshasa. Eléments d'analyse critique», in *Bulletin de Théologie Africaine*, vol. VI (1984), 5-16.

- LUNEAU, R., «Chants des Communautés Chrétiennes en Afrique», in *Predicare la Buena Nueva de Jesucristo a los pueblos del Tercer Mundo*, II Congresso Internacional Dominicano, Madrid (1982), 52-54.
- MADUKU, I. Ndongala, «Jean-Marc Ela (1932-2008), ou le bonheur de faire “La théologie sous l’arbre”», in *Nouvelle Revue de Théologie*, tome, 131, n.º 3 (2009), 556-569.
- MAGALHÃES, Vasco Pinto de (s.j.), «A surpresa da Exortação do papa Francisco sobre a Igreja na Amazônia: um tratado sobre inculturação», in *Brotéria*, Cristianismo e Cultura, vol. 191, 1 (2020), 71-77.
- , «A Mulher entre os múltiplos feminismos – o lugar da Mulher na Igreja», in Cristianismo e Cultura, *Brotéria*, vol. 185, dezembro (2017), 1027-1036.
- MAMPILA, A., «La Commission Foi et Constitution s’interroge sur la Théologie africaine», in *Istina*, n.º 4 (1974), 407- 426.
- MBINDA, Sambu, «Une Expérience de vie liturgique au Diocèse de Boma», in *Telema*, 8 (1976), 27-29.
- MIGLIORE, Celestino, «Évangélisation et promotion humaine. La conversion pastorale selon le pape François», in *Nouvelle Revue Théologie*, tome 143, n.º 2, Avril-Juin 2021, 246-255.
- MUSWASWA, B. Makolo, «Amadou Hampaté Ba: l’avocat de l’humanisme sacré et integral», in *Zaire-Afrique*, n.º 275, 313-317.
- MVENG, Engilbert, «Teologia Africana de la liberación», *Concilium*, 219 (1988), 195-216.
- MWENDOWASSULO, Júlio-Joaquim, «Presença e evangelização portuguesa em Moçambique, de 1940 aos nossos dias», in *Congresso Internacional de História, Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas*, Atas, vol. IV, Missionação: Problemática Geral e Sociedade Contemporânea, Braga (1993), 489-498.
- NADAL, Emília, «Artes e celebrações – a liturgia em questão», in *Brotéria*, vol. 181, Cristianismo e Cultura, vol. 140 (março 1995), 263-278.
- NAVONE, John, SJ., «O Impacto Cultural Social de São Francisco», in *Brotéria*, Revista e Informação, vol. 141, n.º 4, (1995), 315-327.
- NAZAIRE, Abeng, «La Pastorale de la Famille – L’Inculturation – L’Écclésiologie – Après le Synode des Évêques pour l’Afrique», in *Revue Africaine de la Théologie*, vol. 18, n.º 35 (1994), 51-64.
- NDAHURA, Abbé Ndrudjo, «Adaptation et inculturation requises pour une eucharistie evangelisatrice. L’Expérience du Zaire», in *Revue Africaine de Theologie*, vol. 19, n.º 38 (1995), 167-193.
- NUNES, José, «A teologia de libertação em África», *Communio*, V, 5/1988 (ed. língua portuguesa).
- , «As sucessivas teologias da missão e a Nova Evangelização em África», in Congresso Internacional de História, *Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas*, Atas, vol. IV: Missionação: Problemática Geral e Sociedade Contemporânea, Braga, (1993), 477- 487.
- PRUDHOMME, Claude, «Problématiques missionnaires catholiques du XIX siècle», in *Congresso Internacional de História, Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas*, Atas, vol. I, Crisandade Portuguesa até ao Século XV, Evangelização Interna, Ilhas Atlânticas e África Ocidental, Braga (1993), 131-166.
- RICOEUR, Paul, «Objectivité et subjectivité en histoire. Histoire et vérité». Este artigo é extraído de uma comunicação nas *Jornadas Pedagógicas de Coordenação entre o ensino da Filosofia e o da História* (Sèvres, Centre International d’Études Pédagogiques), dezembro 1952.
- SARAH, R., «Les Actes des Apôtres et les jeunes églises», in *Revue Africaine de la Théologie*, vol. 13, n.º 25 (1989), 7-16.

- SILVA, José Antunes da, «Literatura e inculturação do Evangelho, a partir duma obra de Mia Couto», in *Brotéria*, Cristianismo e Cultura, vol. 157, n.º 5 (2003), 343-352.
- Sínodo Extraordinário para o *Vigésimo Aniversário do Encerramento do Concílio Vaticano II*. Relatório final dos Padres, 7 de dezembro de 1985, Documentação Católica, n.º 83 (1986).
- TESE, Nyeme, «L'Aspect Moral dans l'Enseignement des Proverbes X,1 – XXII, 16 et XXV,1 – XXIX, 27», in *Revue Africaine de Théologie*, Faculté de Théologie Catholique de Kinshasa, 2, Octobre 1977, 185-208.
- , «L'Inculturation au choc des cinq continents. A propôs du colloque internationales d'Aix-La-Chapelle (du 20 au 25 Février 1994)», in *Revue Africaine de Théologie*, vol. 18, n.º 36 (1994), 261-268.
- TEIXEIRA, Alfredo, «A Revolução de Abril num contexto de mudança religiosa. Distridionalização e individualização», in *Communio*, Ano XXXII, n.º 3, 31 (2015), 329-346.
- TETIKA-KI-PHUATI KULU-KANGALA, «Vatican II et l'Identité du Prêtre en société Kongo du Zaïre» (1989), in *Révue Africaine de Théologie*, vol. 15, n.º 30 (1991), 227.
- TRENTIN, G., «Movimenti ecclesiali tra fede e storia», in *Credere Oggi*, n.º 17 (1983), 5.
- TSHIBANGU, T., «Les Tâches de la Théologie Africaine, in AA. *La Théologie Africaine s'interroge / Colloque d'Accra*», L'Harmattan (Paris: 1978), 92-102.
- TUTU, D., «La Théologie de la Libération en Afrique, in AA., *La Théologie Africaine s'interroge / Colloque d'Accra*», L'Harmattan (Paris: 1978), 194-202.
- WITTE, C. M., «Les Bulles Pontificales et l'Expansion Portugaise», in *Revue d'Histoire Ecclésiastique*, tome XLVIII (1953), 683-718; XLIX (1954), 436-461; LI (1956), 413-453; LIII (1958), 5-46 e 443-471.

H) Bibliografia Geral

- AA.VV., *La liturgie après Vatican II* (Paris: Cerf, 1967).
- AA.VV., *L'Episcopat et l'Eglise Universelle* (Paris: Cerf, 1967).
- AA.VV., *Teologia Africana no Século XXI – Algumas Figuras*, BÉNÉZET, Bujo e MUYA, Juvénal Ilunga (coord.), vol. II (Lisboa: Paulinas Editora, 2012).
- AA.VV., *Théologie et Choc des cultures* (Paris: Cerf, 1984).
- AA.VV., «*Dicionário de História do Estado Novo*», ROSAS, Fernando e BRITO, J. M. Brandão (Lisboa: Círculo dos Leitores, 1996), 2 vols.
- AA.VV., *L'Eglise Catholique au Zaïre. Un Siècle de croissance (1880-1980)* (Kinshasa-Gombe: Secrétariat Général de l'Episcopat, 1981).
- AA.VV., *L'Episcopat et l'Eglise Universelle* (Paris: Cerf, 1962).
- AA.VV., *Des Prêtres Noirs s'interroge* (Paris: Cerf, 1956).
- AA.VV., *Libération ou Adaptation? La Théologie Africaine s'Interroge. Le Colloque d'Accra* (Paris: Librairie-Éditions l'Harmattan, 1979).
- AA.VV., *Teologia Africana no Século XXI – Algumas figuras*, BÉNÉZET, Bujo e MUYA, Juvénal Ilunga (coord.), vol. I (Lisboa: Paulinas Editora, 2008).
- AA.VV., *Teologia Africana no Século XXI – Algumas figuras*, BÉNÉZET, Bujo e MUYA, Juvénal Ilunga (coord.), vol. II (Lisboa: Paulinas Editora, 2012).
- AA.VV., *Teologia Africana no Século XXI – Algumas figuras*, BÉNÉZET, Bujo e MUYA, Juvénal Ilunga (coord.), vol. III (Lisboa: Paulinas Editora, 2014).
- AA.VV., *Dictionnaire de la Négritude* (Paris: L'Harmattan, 1989).
- AA.VV., *Petit Dictionnaire de Théologie Catholique*, Karl Rahner (ed.), Vormgrimler, Herbert, Paul Démann et Maurice Vidal (trad.) (Paris: Éditions du Seuil, 1970).
- AA.VV., *Les 50 Afriques – Afrique Central, Afriques des Grands Lacs, Afrique Australe, Océan Indien* (Paris: Éditions du Seuil, 1979).
- AA.VV., *L'Afrique Noire Française, L'heure des Indépendances* (Paris: CNRS – Éditions, 1992).

- AA.VV., *Histoire Générale de L'Afrique*, Méthodologie et préhistoire africaine – I vol. (Paris: 1995).
- AA.VV., *Histoire Générale de L'Afrique*, L'Afrique Ancienne – II vol. (Paris: 1989).
- AA.VV., *Histoire Générale de L'Afrique*, L'Afrique du VII^{ème} au XI^{ème} siècle – III vol. (Paris: 1990).
- AA.VV., *Histoire Générale de L'Afrique*, L'Afrique du XII^{ème} au XVI^{ème} siècle – IV vol. (Paris: 1985).
- AA.VV., *Histoire Générale de L'Afrique*, L'Afrique du XV^{ème} au XVIII^{ème} siècle – V vol. (Paris: 1990).
- AA.VV., *Histoire Générale de L'Afrique*, Le XIX^{ème} siècle jusque vers les années 1880 – VI vol. (Paris: 1990).
- AA.VV., *Histoire Générale de L'Afrique*, L'Afrique sous domination coloniale, 1880-1935 – VII vol. (Paris: 1987).
- AA.VV., *Histoire Générale de L'Afrique*, L'Afrique depuis 1935 – VIII vol. (Paris: 1987).
- AA.VV., *Nouvelle Histoire de l'Église. I – Des Origines à Saint Grégoire Le Grand*, par Jean Daniélou et Henri Marrou (Paris: Éditions du Seuil, 1963).
- AA.VV., *Nouvelle Histoire de l'Église. II – Le Moyen Age*, par M. D. Knowles (Cambridge) et D. Obolensky (Oxford) (Paris: Éditions du Seuil, 1968).
- AA.VV., *Nouvelle Histoire de l'Église. III – Réforme et Contre Réforme (1500-1715)*, par A. H. Tuche (Munich) et C. H. Bouman (Nimègue) (Paris: Éditions du Seuil, 1968).
- AA.VV., *Nouvelle Histoire de l'Église. IV – Siècle des Lumières, révolutions, restaurations (1715-1848)*, par L. J. Rogier (Nimègue) et G. De Bertier de Sauvigny (Paris) (Paris: Éditions du Seuil, 1968).
- AA.VV., *Nouvelle Histoire de l'Église. V – L'Église dans le Monde Moderne (1848 à nos jours)*, par R. Aubert (Louvain), J. Bruls (Louvain), P. E. Grunicum (London), Canada John Tracy Ellis (San Francisco), J. Hajjar (Damas) et F. B. Pike (Notre Dame/USA) (Paris: Éditions du Seuil, 1975).
- ACHEBE, Chinua, *L'Afrique s'effondre* (Paris: Présence Africaine, 2003).
- ADOUKONOU, B., *Jalons pour une théologie africaine* (Paris: Letthielloux, 1980).
- AFONSO, N., *Investigação Naturalista em Educação. Um Guia Prático e Crítico* (Porto: ASA, 2005).
- AGOSSOU, J. M., *Christianisme africain – Une fraternité au-delà de l'ethnie* (Paris: Karthala, 1987).
- ALTANER, Berthold e STUIBER, Alfred., *Patrologia – Vida e Obra dos Padres da Igreja*, 2.^a ed. (São Paulo: Paulinas, 1988).
- ARAÚJO, Amadeu Gomes de e AZEVEDO, Carlos A. Moreira, *Réu da República – O missionário António Barroso Bispo do Porto* (s/l.: Aleitheia Editores, 2009).
- ASCH, Susan, *L'Église du Prophète Kimbangu. De ses origines à son rôle actuel au Zaïre* (Paris: Karthala, 1983).
- BA, Amadou Hampaté, *Les religions africaines traditionnelles* (Paris: Seuil, 1965).
- BACHELARD, Gaston, *Le Symbolisme dans la Mythologie Grecque de Paul Diel*, 7 ed., (Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1966).
- BAL, Willy, *Description du Royaume du Congo et des Contrées Environnantes (1951)*, (traduite de l'italien et annotée) (Paris/Louvain: Éd. Nauwalaerts, 1965).
- BALANDIER, Georges, *La vie quotidienne au Royaume du Kongo du XVI^{ème} au XVIII^{ème} Siècle* (Paris: Hachette, 1965).
- , *L'étrange destin de Wangarin*, 10/18 (Paris: 1973).
- BATUKEZANGA, Zamenga, *Bandoki (Les Sorciers)* (Kinshasa: Éd. St-Paul Afrique, 1976).
- , *Les haust et les bas* (Kinshasa: Éd. St. Paul Afrique, 1971).
- , *Terre des ancêtres* (Kinshasa: Basenzi, 1974).
- BAUR, John, *2000 Anos de Cristianismo em África, Uma história da Igreja Africana* (Lisboa: Paulinas Editora, 2002).

- , *La Chiesa Cattolica in Kenya* (Bologna, 1991).
- BENDER, J. Gerald, *Angola sob o Domínio Português. Mito e Realidade* (Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1980).
- BENTO XVI, *Luz do Mundo, o Papa, a Igreja e os Sinais dos Tempos (Uma conversa com Peter Seewald)* (título e copyriter originais: *Licht der Welt – Der Papst, die Kirche und die Zeichen der Zeit*) (Cascais: Lucerna, novembro de 2010; Principia Editora Lda.; Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2010).
- BIMWENYI, O., *Discours Théologique Négro-africaine / Problème des fondements* (Paris: Présence Africaine, 1981).
- BLOCH, Marc., *Apologia ou o Ofício do Historiador* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001).
- BONTINCK, François, *La foundation de la Mission des Capucins au Royaume du Congo (1648)* (traduite de l'Italien et annotée) (Paris, Louvain: Édition Nauwelaerts, 1964).
- , *L'Évangélisation du Zaïre, Radio-causeries historiques* (Kinshasa: Saint-Paul, 1980).
- BUJO, Bénézet - MUYA, Juvénal Ilunga (coord.), *Teologia Africana no Século XXI – Algumas figuras*, vols. I-II-III (Prior Velho: Paulinas Editora, 2008-2012-2014).
- , *Dieu devient homme en Afrique Noire, Méditations sur l'incarnation* (Kinshasa: Paulines, 1996).
- , *Le Notre Père et son impact sur la vie quotidienne, Méditation d'un théologien africain* (Kinshasa: Paulines, 2001).
- BUTOMBE, J. I. Nkulu, *La question du Zaïre et ses répercussions sur les juridictions ecclésiastiques (1865-1888)* (coll. *Recherches africaines de théologie. Travaux de la Faculté de Théologie Catholique de Kinshasa*, 8), 1982.
- CÉSAIRE, Aimé, *Discours sur le colonialisme* (Paris: Présence Africaine, 1955).
- , *Cahier d'un retour au pays natal* (Paris: Éd. Présence, 1971).
- CHENU, B., *Théologies Chrétiennes des Tiers Mondes* (Paris: Le Centurion, 1987).
- CONGAR, Y., *Jalones para una teologia del laicado* (Barcelona: Estella, 1961).
- , *Cette Église que j'aime* (Paris: Cerf, 1968).
- CORREIA, Francisco Augusto da Cruz, *O Método Missionário dos Jesuítas em Moçambique, 1881-1919* (Braga: 1991).
- CORREIA, Joaquim Alves, *Civilizando Angola e Congo, os Missionários do Espírito Santo no Padroado Português* (Braga: 1922).
- COSTA, Cândido Ferreira da, *Cem Anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola (1866-1966)* (Nova Lisboa: 1970).
- COULON, Paul, Paule et collaborateurs, *Liebermann 1802-1852 – Une pensée et une mystique missionnaires* (Paris: Seuil, 1988).
- CUNHA, Manuel Alves da, *A Concordata e o Acordo Missionário* (Luanda, 1940).
- CUNHA, Silva, *O Ultramar, a Nação e o 25 de Abril* (Coimbra: Atlântida Editora, 1977).
- CUVELIER, J., *L'Ancien Royaume du Congo* (Brussels, 1946).
- DENZIN, N. K. - LINCOLN, V. S., *O planeamento da pesquisa qualitativa* (Porto Alegre: Artemed, 2006).
- DORES, Hugo Gonçalves, *A Missão da República-Política, Religião, e o Império Colonial Português (1910-1926)* (Lisboa: Edições 70, 2005).
- DROZ, Bernard, *Histoire de la Décolonisation au XXe Siècle* (Paris: Éditions du Seuil, 2006).
- DUMONT, René, *L'Afrique est mal partie* (Paris: Seuil, 1962).
- EBOUSSI, Boulaga F., *Pour un Concile Africain*, (Paris: Présence Africaine, 1990).
- ELA, J.-M., *Le Cri de l'homme africain* (L'Harmattan, 1980).
- , *Ma foi de chrétien* (Paris: Karthala, 1985).

- ELUNGU, P. E. A., *Tradition Africaine et Rationalité Moderne* (Paris: Éditions L'Harmattan, 1987).
- ERNOULT, Jean., *Les Spiritains au Congo de 1865 à nos jours* (Karthala: 1995).
- ESTERMANN, C., *Etnografia de Angola* (Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical, 1983).
- FAGE, John Donnelly, *História da África* (Lisboa: Edições 70, 2010).
- FANON, Franz, *Les Damnés de la terre* (Paris: Maspéro, 1975).
- FERREIRA, F. A. Gonçalves, *15 anos da história de Portugal, (1970-1984). Os factos, os erros, os protagonistas, a análise e interpretação* (1985).
- FERREIRA, Luciano da Costa, *Igreja católica em Moçambique: que caminho?* (Maputo: Edições Paulistas, 1993).
- FLORISTAN, Cassiano *et al.*, «Aggiornamento», in *Dicionário de Pastoral* (Porto: Perpétuo Socorro, 1990).
- FRANÇA, José-Augusto, *História Física e Moral* (Lisboa: Livros Horizonte, 2009).
- GASSAMA, Makhily, *L'Afrique Répond à Sarkozy, contre le discours de Dakar* (Paris: Éditions Philippe Rey, 2008).
- , *50 ans Après, Quelle Indépendance pour l'Afrique?* (Paris: Editions Philippe Rey, 2010).
- GIBBON, Edward, *Declínio e Queda do Império Romano*, D. M. Low (org.), vol. I (Lisboa: Difusão Cultural, 1994).
- GOMES, José Ribeiro, *O Concílio Vaticano II e a arte: uma abordagem à teologia do espaço litúrgico, Repositório* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2010).
- GUTIERREZ, Gustave, *La Théologie de la Libération* (Bruxelles: Édition Lumen Vitae, 1974).
- HEBGA, M., *Emancipation d'Eglises sous tutelle: Essai sur l'ère post-missionnaire* (Paris: Présence Africaine, 1976).
- HUBER, M., *Guia para Elaboração de Monografias e Projetos de Dissertação e Doutoramento* (São Paulo: Pioneira/Mackenzie, 1998).
- HUGON, Philippe, *Géopolitique de l'Afrique* (Paris: Armand Colin, 2007).
- JACK, Malcom, *Breve História de Lisboa, Cidade do Mar* (Lisboa: Aletheia Editores, 2008).
- JENSEN, K. B. e JANKOWSKI, N. M. (eds.), *Metodologias Cualitativas de Investigación en Comunicación de Masas* (Barcelona: Bosch, 1993).
- JANSENS, Muntu *L'homme africain et la culture néo-africaine* (coll. Les Univers) (Paris: Édition Seuil, 1958).
- JOUNEL, Pierre, *A Missa Ontem e Hoje* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2016).
- JUNTA DE INVESTIGAÇÕES DO ULTRAMAR – Centro de Estudos Políticos e Sociais, *Anuário Católico Português* (Lisboa: 1962).
- KABASELE-LUMBALA, François, *Alliances avec le Christ en Afrique. Inculturation des rites religieuses au Zaïre* (Athènes: 1987).
- , *Symbolique bantu et symbolique chrétienne, Rencontre dans la liturgie* (Kinshasa: Filles de Saint Paul, 1990).
- , *Le Christianisme et l'Afrique – Une Chance Réciproque* (Paris: Éditions Karthala, 1993).
- KABONGO, E., *Le rite zairois de la messe: théologie de l'Eucharistie en contexte africano-congolais*, tese de doutoramento (s.d.).
- KAGAMÉ, A., *La Philosophie Bantu-rwandaise de l'être* (Bruxelles: 1956).
- KAMBUTA, José, *Os atuais desafios da Igreja em África – Uma leitura e análise dos 20 anos da Encíclica Ecclesia in Africa* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2018).
- KANE, Cheikh Hamidou, *L'Aventure Ambigue* (Paris: Julliard, 1976).

- KETELE, J. M. de, ROEGIERS, X., *Metodologia da Recolha de Dados. Fundamentos dos Métodos de Observação, de Questionários, de Entrevistas e de Estudos de Documentos* (Lisboa: Instituto Piaget, 1993).
- KI-ZERBO, J., *Histoire de l'Afrique Noire* (Paris: Hatier, 1972).
- KIMONI, Isay, *Destin de la littérature negro-africain* (Sherbrooke/Kinshasa: Namaman/Presses Universitaires du Zaire, 1975).
- KISSINGER, Henry, *Anos de Renovação* (Lisboa: Gradiva, 2003).
- , *Diplomacia* (Lisboa: Gradiva, abril 2002).
- KODJO, Edem, *Lettre ouverte à l'Afrique cinquantenaire* (Mayenne: Continents Noirs, Éditions Gallimard, 2010).
- KOUROUMA, Ahmadou, *Les Soleils des Indépendances* (Paris: Seuil, 1970). Première parution au Canada en 1968.
- KUNGUA, Benoit AWAZI MBAMBI, *Panorama de la Théologie negro-africaine contemporaine* (Paris: L'Harmattan, 2002).
- KWESHI, O. Bimwennyi, *Discours Théologique Négro-Africain, Problème des Fondements* (Éditions Présence Africaine, 1981).
- LAMET, Pedro Miguel, *Pedro Arrupe, Testemunho do Século XX, Profeta para o Século XXI* (Coimbra: Edições Tenacitas, 2010).
- LAVARDIÈRE, Lucien, *L'Africain et le Missionnaire, L'Image du Missionnaire dans la Littérature africaine d'Expression Française: Essai de Sociologie Littéraire* (Montréal: Éditions Bellarmin, 1987).
- LESSARD-HÉBERT, Goyette e Boutin, *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas* (Lisboa: Instituto Piaget, 1994).
- Lettre Africaine*, Hebdomadaire, 25^{ème} année, n.º 11, 75, 17 Mars 1975 (Paris: Agence Parisienne de Presse, 29, Rue des Jeûners – 75.002).
- LUEMBA, José Francisco, *A profecia autorrealizável. A dimensão psicológica da crise do homem negro-africano* (Paris: Les Impliqués Éditeur, 2017).
- , *La reproduction. L'histoire noire de l'Afrique* (Paris: Les Impliquées Éditeur, 2021).
- LUFULUABO, F. M., *Vers une théodicée bantoue* (Louvain: Église Vivante, 1962).
- MALULA, Cardinal Joseph Albert, *L'Église à l'heure de l'africanité*, Archevêché de Kinshasa (1973).
- , *L'Église de Dieu qui est à Kinshasa vous parle* (Kinshasa: Éd. St. Paul Afrique, 1976).
- MANDELA, Nelson, *Longo Caminho para Liberdade. Autobiografia* (Porto: Campos das Letras, 1979).
- MARCONI, M. A., ELAKATO, E. M., *Fundamentos de Metodologia Científica*, 5.^a ed. (São Paulo: Atlas, 2003).
- MARSHALL, Tim, *Prisioneiros da Geografia – Dez Mapas que lhe revelam tudo o que precisa de saber sobre Política Internacional* (Porto Salvo: Desassossego, Saída de Emergência, 2017).
- MATEUS, Dalila Cabrita, *A PIDE/DGS na guerra colonial: 1961-1974*, arquivos do Século XX (Lisboa: Terramar, 2004).
- MATOS, A. Campos, *Roteiro da Lisboa de Eça de Queiroz e seus arredores* (Lisboa: Editora A. M. Pereira, Livraria Editora, Lda., 2011).
- MBOKOLO, E., *L'Afrique au XXème Siècle* (Paris: Édition du Seuil, 1985).
- MESTER, Paul de, *Où va l'Eglise d'Afrique* (Paris: Cerf, 1980).
- MICHEL, Johann, *Paul Ricoeur, Une Philosophie de l'Agir Humain* (Paris: Édition Cerf, 2006).
- MINAYO, M. C. S. (org.), *Teoria, Método e Criatividade* (Petrópolis: Vozes 2000).
- MONGO, Beti., *Le Pauvre Christ de Bomba* (1.^a ed., 1956) (Londres: Heinemann, reed. de Présence Africaine, 2003).

- MOREIRA, Adriano., *Política Ultramarina*, 4.^a ed. (Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar – Centro de Estudos Políticos, 1960).
- MULAGO, V., *Un Visage africain du christianisme* (Paris: Présence Africaine, 1962).
- MVENG, Engelbert, *L'Afrique dans l'Église, Paroles d'un Croyant* (Éditions L'Harmattan, 1985).
- , *L'Art d'Afrique noire* (Paris: Mame, 1979).
- , *L'Art et l'artisanat africains* (Yaoundé: Clé, 1980).
- , *L'Art nègre, art chrétien?* (Rome: 1967).
- , *Spiritualité et liberation en Afrique* (Paris: L'Harmattan, 1987).
- NASCIMENTO, Cardeal Alexandre do, *Caminhos de Esperança* (Lisboa: Rei dos Livros, 1992).
- , *O Meu Diário* (Luanda: 2015).
- NDI-OKALLA, Joseph, *Inculturation et Conversion, Africains et Européens face au Synode des Églises d'Afrique* (Éditions Karthala, 1994).
- NEIVA, Adélio Torres, *Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria, história da Província Portuguesa, 1867-2004* (Lisboa: 2005).
- NEVES, Tony, *Justiça e Paz nas Intervenções da Igreja Católica, 1989-2002* (Alfragide: Texto Editores, 2012).
- NGINDU, Mushete A., *Les Thèmes Majeurs de la Théologie Africaines* (Paris: L'Harmattan, 1989).
- , *Combat pour un christianisme africain. Mélanges en honneur du Prof. V. Mulago* (Kinshasa: Facultés Catholiques de Kinshasa. 1981).
- , *Inculturation et liberation en Afrique aujourd'hui. Mélanges en honneur du Prof. Abbé Mulago Gwa Cikala* (Kinshasa: Facultés Catholiques de Kinshasa, 1981).
- , *La Mission de l'Église Aujourd'hui, Kinshasa, Association Oeconomique des théologiens africains, Réunion de Yaoundé* (Kinshasa: Facultés Catholiques de Kinshasa, 1984).
- NKONDOG, Jean Isidore, *Le christianisme: une affaire africaine? L'Intervention de la Théologie et du Christianisme en contexte néocolonial* (Paris: L'Harmattan, 2019).
- NTEDIKA KONDE, Joseph., *Le Synode Africain (1994). Un Appel à la Conversion et à l'espérance* (Kinshasa: Facultés Catholiques de Kinshasa, 1995).
- NUNES, José, *Pequenas Comunidades Cristãs, O Ondjango e a Inculturação em África* (Porto: Angola, Biblioteca Humanística e Teologia, 3, 1991).
- , *Teologia da Missão. Notas e Perspetivas* (Lisboa: Edição Obras Missionárias Pontifícias, 2008).
- OBENGA, Théophile, *Pour le Congo Brazzaville, Réflexions et Propositions* (Bonchamps-Lès-Laval: L'Harmattan, 2001).
- OLIVEIRA, Miguel de., *História Eclesiástica de Portugal*, (Lisboa: Edição revista e atualizada, Europa-América, 1994).
- OLIVIER, R. Fage I. D. A., *Une brève histoire de l'Afrique* (Penguin: 1962).
- PANNIER, Guy, *L'Église de Pointe Noire (Congo Brazzaville). Évolution des Communautés Chrétiennes de 1974 à 1975* (Paris: Éditions Karthala, 1999).
- PASINYA, Monsengwo, *L'esprit communautaire africain* (Kinshasa: Éditions Saint Paul Afrique, 1982).
- PEEMAN, Achiel, *L'Inculturation, L'Église et les Cultures* (Paris: L'Horizon du Croyant, Desclée/Novalis, 1989).
- PELLISIER, R., *História das Campanhas de Angola* (Lisboa: Edição Estampa, 1986).
- PÉNOUKOU, E. J., *Église d'Afrique. Propositions Pour l'Avenir* (Paris: Karthala, 1984).
- PIMENTEL, Irene Flunser, *Cardeal Cerejeira – O Príncipe da Igreja* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010).
- PINHEIRO, Jorge, *João António Pinheiro – Os Desafios de Uma Vida* (Lisboa: Digital, XXI, Soluções Gráficas Lda., 2010).

- PINHO, Moysés Alves de, *Memórias-Recordações duma vida que o Senhor quis longa*, Lisboa (1979).
- PINTO, Porfírio, *António Vieira, Precursor do Vaticano II, as matérias da «Clavis» merecedoras de um Concílio Geral* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2019).
- PONTIFICIA UNIVERSITÀ URBANIANA, *Dizionario di Missiologia* (Bologna: Edizioni Dehoniane, 1993).
- RAMOS, Rui (coord.) - SOUSA, Bernardo Vasconcelos e - MONTEIRO, Nuno Gonçalo, *História de Portugal* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009).
- ROBERTS, J. M., *História do Século XX*, vol. II (Lisboa: Editorial Presença, 2007).
- RUDIO, V. V., *Introdução a Projetos de Pesquisa* (Petrópolis: Vozes, 1978).
- SANTOS, Henrique Manuel Rodrigues dos, *A Receção do Concílio Vaticano II na Diocese da Guarda* (Apelação: Editora Paulus, 2010).
- SEKOU TOURÉ, A., *Le leader politique considéré comme le représentant d'une culture* (Présence Africaine, 1959).
- , *L'Afrique et la Révolution* (Présence Africaine: 1968).
- SERRANO, Ruy, *Tomar* (edição do autor: Impotol, Lda., 2012).
- SILVA, Armando Malheiro da; SARAIVA, Arnaldo; TAVARES, Pedro Vilas Boas, *Roteiros Republicanos* (Lisboa: Quidnovi, Edição e Conteúdos, 2010).
- SILVA, José Antunes da, *Inculturação – Desafio à Igreja de Hoje* (Lisboa: Edições São Paulo, 1994).
- SOUSA, José Augusto Alves de (sj) e CORREIA, Francisco Augusto da Cruz, *500 Anos de Evangelização em Moçambique* (Apostolado da Oração: 1998).
- TCHIDIMBO, Raymond Marie, *L'homme Noir dans l'Église (l'homme noir face au christianisme)* (Paris: Présence Africaine, 1963).
- TEIXEIRA, Alfredo e MENDONÇA, José Tolentino (coord.), *Desporto, Ética e Transcendência* (Porto: PNED – Plano Nacional de Ética no Desporto, Edições Afrontamento, 2016).
- TEIXEIRA, Francisco Nunes, *A Igreja de Moçambique na Hora da Independência (1955-1975)* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1995).
- TEMPELS, Placide., *La Philosophie Bantoue*, fac-simile de l'édition de Paris (1949) (Paris: Présence Africaine, reed., 2013).
- TÉVOÉDJRÉ, Albert, *La Pauvreté, richesse des peuples* (Paris: Éd. Ouvrières, 1977).
- Théologie Africaine: Bilan et Perspectives*, XVIII^{ème} Semaine Théologique de Kinshasa (Kinshasa: Facultés Catholiques de Kinshasa, 1989).
- THOMAS, Louis-Vincent e LUNEAU, René, *Les Religions d'Afrique Noire* (Paris: Ed. Fayard- Denoël, 1969).
- , *La terre africaine et ses religions* (Paris: L'Harmattan, 1975).
- TILLICH, P., *Théologie de la Culture* (Paris: Ed. Planète, 1968).
- TRINDADE, M. de A., *O Padre Joaquim Brás Alves, Uma Vida, Uma Obra* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1991).
- TSHIBANGU, T., *La Théologie Africaine* (Kinshasa: Ed. Saint Paul Afrique, 1987).
- TSHIMANGA, Wa Tshibangu (Dr.), *Histoire du Zaïre* (Bukavu: Éd. Du Cérúki, 1976).
- TUCKMAN, B., *Manual de Investigação em Educação* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000).
- VEYNE, Paul, *Como se escreve a história* (Brasília: Edição Universidade de Brasília, 2008).
- VIEIRA, Gérard, *L'Église Catholique en Guinée à l'épreuve de Sekou Touré (1958-1984)* (Paris: Éditions Karthala, 2005).
- VIEIRA PINTO, M., *A Igreja e o Tempo* (Lisboa: Ulmeiro, 1979).
- VODOPIVEC, Janez, *I Santi Fratelli Cirilo e Metodio Compatrioti d'Europa* (Roma: Pontificia Università Urbaniana, 1985).
- WAUTHIER, Claude, *L'Afrique des Africains* (Paris: Seuil, 1964).

Sitografia / Fontes eletrónicas

<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news2019-08/massifacao-da-liturgia.html>
(acesso: 14 de janeiro de 2022).

<https://www.pt.zenit.org/articles/igrejas-orientais-a-igreja-de-tradição-antioquena/Roma>
(acesso: 14 de janeiro de 2022).